UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO

HABILIDADES SOCIAIS E RELAÇÕES INTERPESSOAIS: TEORIA, PESQUISA E PRÁTICA

Ribeirão Preto, 11 a 13 de outubro de 2017

Outubro 2017

O VI SIHS é uma realização bienal do
GT-ANPEPP Relações Interpessoais e Competência Social
coordenado por Almir Del Prette e Zilda A. P. Del Prette

Comissão Organizadora

Profa. Dra. Luciana Carla dos Santos Elias
Profa. Dra. Fabiana Maris Versuti
Profa. Dra. Andrea Rosin-Pinola
Profa. Dra. Sônia Regina Loureiro
Prof. Dr. Manoel Antônio dos Santos
Profa. Dra. Marta Regina G. Correa-Zanini
Profa. Dra. Josiane Rosa Campos

Comissão Científica

Prof. Dr. Almir Del Prette
Profa. Dra. Zilda A. P. Del Prette
Profa. Dra. Edna Maria a Marturano
Profa. Dra. Sônia Maria Loureiro
Profa. Dra. Alessandra Turini Bolsoni Silva

Colaboradores

Adrielly Domiciano dos Reis
Aline de Camargo Ferreira Moraes
Ana Clara Rodrigues Almeida
Anaísa Leal Barbosa Abrahão
Laura Mendes Charão
Luciana Ferreira Maganha
Luísa Coscia Gasparoti
Marina Piran
Nágila Rachel Targino Cavalcante
Raísa Abrantes Penna

Seminário Internacional de Habilidades Sociais (6. : 2017 : Ribeirão Preto)
Anais do VI Seminário Internacional de Habilidades Sociais / Elias, Luciana Carla dos Santos ... [et al.] (organizadores). – Ribeirão Preto: FFCLRP-USP, 2017.
381 p.
ISBN: 978-85-85367-22-0

Encontro realizado nos dias 11 a 13 de outubro de 2017, Ribeirão Preto-SP, sob o tema: Habilidades sociais e relações interpessoais: teoria, pesquisa e prática.

1. Habilidades sociais – Congressos. I. Título. II. Elias, Luciana Carla dos Santos. III. Versuti, Fabiana M. IV. Rosin-Pinola, Andrea. V. Loureiro, Sônia Regina. VI. Santos, Manoel Antônio dos. VII. Correa-Zanini, Marta Regina G. VIII. Campos, Josiane Rosa.

CDU 159.928.22

Sumário

CONFERÊNCIAS 1

COMPETÊNCIA SOCIAL: DIMENSÕES INSTRUMENTAL E ÉTICA NO TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS 1

HABILIDADES SOCIAIS E APRENDIZADO ESCOLAR EM UMA PERSPECTIVA DE DESENVOLVIMENTO 2

PESQUISAS SOBRE HABILIDADES SOCIAIS: POTENCIALIDADES DOS MÉTODOS QUANTITATIVOS 3

A ADOÇÃO DE METODOLOGIAS ATIVAS DE ENSINO PARA O DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS EM ESTUDANTES DE PSICOLOGIA 4

COMUNICACIÓN INTERPERSONAL EN EL AULA: ROL DE LA FLEXIBILIDAD COGNITIVA 5

EXPERIÊNCIA DE UM PROGRAMA DE INTERVENÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS E DE ENFRENTAMENTO DA ABSTINÊNCIA PARA USUÁRIOS DE CRACK 6

HABILIDADES SOCIAIS E PSICOTERAPIA ANALÍTICA FUNCIONAL 7

QUALIDADE DAS RELAÇÕES FAMILIARES, HABILIDADES SOCIAIS PARENTAIS E POLÍTICAS PÚBLICAS DE PREVENÇÃO AO ABUSO DE DROGAS 8

SIMPÓSIOS 10

SIMP 1 - AMOR, HABILIDADES SOCIAIS E SATISFAÇÃO CONJUGAL 10

SIMP 2 - AS RELAÇÕES ENTRE HABILIDADES SOCIAIS E O USO DE DROGAS EM DIFERENTES ETAPAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO 14

SIMP 3- EXPLORANDO A LITERATURA NACIONAL DE JOGOS EDUCATIVOS PARA HABILIDADES SOCIAIS 18

SIMP 4- FATORES DE RISCO E DE PROTEÇÃO NA ADOLESCÊNCIA 22

SIMP 5- HABILIDADES SOCIAIS EM JOVENS ADULTOS: CARACTERÍSTICAS SÓCIO DEMOGRÁFICAS, ADAPTAÇÃO E PREPARAÇÃO PROFISSIONAL NA UNIVERSIDADE 26

SIMP 6- HABILIDADES SOCIAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL 30

SIMP 7- HABILIDADES SOCIAIS, BURNOUT E SAÚDE MENTAL 34

SIMP 8- HABILIDADES SOCIAIS: AVALIAÇÃO E INTERVENÇÃO EM CONTEXTOS CLÍNICOS 38

SIMP 9- NOVOS INSTRUMENTOS PARA AVALIAÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS 42

SIMP 10- PROMOÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS COM PAIS E PROFESSORES 46

SIMP 11- PROMOÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO 50

MESAS REDONDAS 55

MR 1 - A IMPORTÂNCIA DAS HABILIDADES SOCIAIS NO APRIMORAMENTO DE TERAPEUTAS INICIANTES 55

MR 2 - AS HABILIDADES SOCIAIS E O USO DE MÍDIAS NO ENSINO, NA PESQUISA E NA PRÁTICA CLÍNICA 59

MR 3 - CONTRIBUIÇÕES DO CAMPO DAS HABILIDADES SOCIAIS AO DESENVOLVIMENTO DE AGENTES EDUCACIONAIS 63

MR 4- DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL POR MEIO DA PROMOÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS EM PROFESSORES E CRIANÇAS 67

MR 5- ESTUDOS SOBRE AS HABILIDADES SOCIAIS E A SAÚDE DO SERVIDOR PÚBLICO NA AMAZÔNIA 71

MR 6- FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM HABILIDADES SOCIAIS 75

MR 7- HABILIDADES SOCIAIS E DE VIDA EM DIFERENTES CONTEXTOS PARA INTERVENÇÕES GRUPAIS 79

MR 8- HABILIDADES SOCIAIS E PRÁTICAS INOVADORAS NO CONTEXTO ESCOLAR 85

MR 9- HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS NOS DIVERSOS NÍVEIS DE ENSINO 90

MR 10- A CONTRIBUIÇÃO DAS HABILIDADES SOCIAIS PARA A ADAPTAÇÃO DE ADULTOS A DEMANDAS SOCIAIS FAMILIARES E PROFISSIONAIS 95
MR 11- HABILIDADES SOCIAIS ENQUANTO FERRAMENTAS PARA O MANEJO DE RELACIONAMENTOS DE CUIDADO 99
MR 12- HABILIDADES SOCIAIS NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO 104
MR 13- HABILIDADES SOCIAIS, COMPETÊNCIA SOCIAL E BULLYING 108
MR 14- HABILIDADES SOCIAIS, SUPORTE SOCIAL E ESTRATÉGIAS DE RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS NAS AÇÕES EDUCATIVAS PARA A PROMOÇÃO DA SAÚDE 112
MR 15- NOVAS EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DE INSTRUMENTOS PARA AVALIAÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS E CONSTRUTOS RELACIONADOS 116
MR 16- O CAMPO DAS HABILIDADES SOCIAIS E ANÁLISE DO COMPORTAMENTO: APROXIMAÇÕES TEÓRICAS, CONCEITUAIS E PRÁTICAS POSSÍVEIS 120
MR 17- O PSICÓLOGO COMO AGENTE PROMOTOR DE HABILIDADES SOCIAIS E SUA FORMAÇÃO 124
MR 18- POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO EM HABILIDADES SOCIAIS NOS DIFERENTES NÍVEIS/MODALIDADES DA EDUCAÇÃO 127
MR 19- HABILIDADES SOCIAIS E SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA E VULNERABILIDADE 131

CURSOS 136

AUTOMONITORIA E HABILIDADES SOCIAIS: REVISÃO CONCEITUAL, CONSTRUÇÃO DE ESCALAS E CONVERGÊNCIA DE MEDIDAS 136
AVALIAÇÃO COGNITIVA E COMPORTAMENTAL DO FALAR EM PÚBLICO 137
AVALIAÇÃO E INTERVENÇÃO EM HABILIDADES SOCIAIS E DE ENFRENTAMENTO PARA USUÁRIOS DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS 138
CONSTRUÇÃO, ADAPTAÇÃO E VALIDAÇÃO DE INSTRUMENTOS NO CAMPO DAS HABILIDADES SOCIAIS 139
HABILIDADES DE SOLUÇÃO DE PROBLEMAS INTERPESSOAIS NA ESCOLA: POSSIBILIDADES DE TREINAMENTO DE CRIANÇAS E EDUCADORES 140
HABILIDADES SOCIAIS E INDICADORES DE BURNOUT: INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO 141
HABILIDADES SOCIAIS E OUTROS REQUISITOS PARA A COMPETÊNCIA SOCIAL: ELABORAÇÃO CONCEITUAL E IMPLICAÇÕES PRÁTICAS 142
INTERVENÇÕES PREVENTIVAS EM SAÚDE MENTAL: PLANEJAMENTO E AVALIAÇÃO 143
INVENTÁRIO DE HABILIDADES SOCIAIS PARA ADOLESCENTES - IHSA-DEL-PRETTE: QUESTÕES PSICOMÉTRICAS E RECOMENDAÇÕES PARA PRÁTICA 145
O MÉTODO VIVENCIAL NOS PROGRAMAS DE PROMOÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS 146
PROMOÇÃO DAS HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS EM AGENTES EDUCATIVOS: TEORIA E PRÁTICA 147
PROMOVE-PAIS: PROMOVENDO HABILIDADES SOCIAIS E REDUZINDO PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO 148
RECURSOS E MATERIAIS PARA PROMOÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS EM CRIANÇAS 149

PALESTRAS 150

A PRODUÇÃO BRASILEIRA DE ARTIGOS CIENTÍFICOS SOBRE HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS 150
ANÁLISE DO CONCEITO DE AUTOMONITORIA NO CAMPO DAS HABILIDADES SOCIAIS: ESPECIFICIDADES E DIFERENCIAÇÕES 151
CONSUMIR, DEPRIMIR OU GERIR DESAFIOS? 152
DESENVOLVIMENTO E AVALIANDO JOGOS EDUCATIVOS COM OBJETIVO DE ENSINAR HABILIDADE SOCIAIS 153
DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL NA ESCOLA E FORMAÇÃO DO PROFESSOR: DESAFIOS E PERSPECTIVAS 154

FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS E INCLUSIVAS 155
HABILIDADES PARA VIDA E TERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL: UMA INTERLOCUÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO SAUDÁVEL 156
HABILIDADES SOCIAIS NA PRÁTICA CLÍNICA: O TERAPEUTA EM ANÁLISE 157
HABILIDADES SOCIAIS NO TRABALHO: CAMPO TEÓRICO E APLICAÇÕES PRÁTICAS 158
HABILIDADES SOCIAIS, INTELIGÊNCIA E FUNÇÕES EXECUTIVAS 159
O ENVOLVIMENTO DE UM ADULTO DA FAMÍLIA COMO PREDITOR DAS HABILIDADES SOCIAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL 160
TREINAMENTO EM HABILIDADES SOCIAIS NO PROCESSO PSICOTERÁPICO DE ADULTOS 162
COMUNICAÇOES ORAIS 164
PAINÉIS 237
COMUNICAÇÃO COORDENADA 368
SESSÃO DE VÍDEO 375
WORKSHOP 377

CONFERÊNCIAS

COMPETÊNCIA SOCIAL: DIMENSÕES INSTRUMENTAL E ÉTICA NO TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS

Almir Del Prette (UFSCar), Zilda A. P. Del Prette (UFSCar)

As habilidades sociais, requeridas para interações bem-sucedidas, vêm sendo consideradas como fator protetivo do desenvolvimento, saúde e bem-estar e, no lado oposto, os problemas interpessoais são reconhecidos como fatores de risco. As evidências sobre essas relações parecem estar na base de interesse na temática das relações interpessoais. Coincidindo com esse interesse, observa-se, nas duas últimas décadas, um movimento crescente do campo teórico, prático e de pesquisa sobre habilidades sociais em nosso país. Teórico, porque qualquer disciplina científica requer teorias que expliquem o funcionamento humano no âmbito dos temas que privilegia. Prático e de pesquisa, porque a aplicação dos conhecimentos disponíveis está respaldada pelos avanços da investigação científica. Dois conceitos são basilares para a compreensão e aplicação efetiva dos conhecimentos desse campo: Habilidades Sociais e Competência Social, cuja relação não é objeto de consenso na área. Os autores têm investido nesse foco, considerando, com base em pesquisas, que as habilidades sociais constituem condição necessária, mas não suficiente, para a competência social. O termo Competência Social é então, entendido como conceito avaliativo e básico em relação aos demais. E que a competência social é um conceito essencial para a qualidade das relações interpessoais quando se consideram os critérios e requisitos contidos em sua formulação teórica. Nessa conferência, essas questões são abordadas, com ênfase nos requisitos competência social, entendida como estrategicamente central no campo das habilidades sociais e fundada em critérios de avaliação que combinam as dimensões instrumental e ética do desempenho nas relações interpessoais. Nesse sentido, propõe-se um modelo de competência social que inclui quatro componentes: (1) variabilidade em habilidades sociais; (2) automonitoria e análise de contingências; (3) conhecimento e autoconhecimento; (4) ética e valores de convivência. As funções e as relações desses quatro componentes entre si são analisadas com exemplos visando sua aplicação. Serão discutidas as implicações conceituais e práticas da adoção desse modelo em programas de treinamento de habilidades sociais, com ênfase na avaliação e na promoção desses requisitos enquanto condição para a promoção de relações produtivas e satisfatórias. Sob esse modelo, serão apresentadas as noções de tarefa interpessoal, papéis sociais e práticas culturais, enquanto contextos pertinentes à compreensão das habilidades sociais, da competência social e também

dos déficits e recursos do cliente para lidar com demandas interpessoais. Essa discussão busca, principalmente, evidenciar a possível contribuição do conceito de competência social no delineamento de novas práticas culturais em diferentes setores da convivência humana. A proposta prática é exemplificada com breve exposição de programas preventivos, terapêuticos e profissionais, bem como das possibilidades de intervenções, em formato grupal e individual, por meio do Método Vivencial que PROPICIA a promoção integrada dos requisitos da competência social.

HABILIDADES SOCIAIS E APRENDIZADO ESCOLAR EM UMA PERSPECTIVA DE DESENVOLVIMENTO

Edna Maria Marturano (USP)

A entrada da criança no ensino formal é um marco em seu desenvolvimento e na vida de seus cuidadores. Perspectivas do desenvolvimento humano apoiadas no conceito de Tarefa de Desenvolvimento reconhecem a saliência das relações interpessoais como desafios à parte que a criança faceia durante a meninice. Em sociedades urbanizadas, as principais tarefas de desenvolvimento da meninice compreendem o desempenho escolar, a capacidade de se dar bem com os companheiros e a adesão às regras da sociedade para comportamento moral e conduta pró-social. Dificuldades adaptativas que algumas crianças apresentam nos anos do ensino fundamental estão estreitamente relacionadas a essas três tarefas e se traduzem como dificuldades no aprendizado escolar, déficits em habilidades sociais e problemas de comportamento, como agressividade, oposição e violação de regras. Esta conferência trata de processos de adaptação da criança ao ambiente da escola, das condições influentes nesses processos e dos possíveis efeitos de tais experiências na trajetória escolar do aluno. As pesquisas descritas têm focalizado mecanismos de risco e proteção associados às tarefas de desenvolvimento da meninice, bem como a construção e avaliação de práticas preventivas de problemas psicossociais, baseadas no fortalecimento de recursos da criança para o cumprimento de tais tarefas. Resultados de competência ou disfunção são examinados por meio de indicadores de desempenho acadêmico, competência social e ajustamento. A base empírica está constituída por pesquisas feitas em uma clínica de psicologia e em escolas públicas. A apresentação se organiza em três seções, focalizando relações interpessoais na família, ajustamento psicossocial na escola e estratégias de prevenção de desfechos desfavoráveis, baseadas na promoção de competência interpessoal. Estudos clínicos apontaram processos de socialização na família como mecanismos de risco ou de proteção para problemas emocionais e de comportamento associados à queixa escolar; realçaram a importância da sociabilidade como fator de proteção frente ao risco, relacionado a dificuldades escolares precoces, de desfechos desenvolvimentais desfavoráveis na adolescência. Pesquisas prospectivas e longitudinais em escolas agregaram a esse quadro informações relacionadas à socialização no grupo de pares. Alunos do 1ª ano do ensino fundamental apontam como a principal fonte de

estressores cotidianos na escola o domínio das relações com os companheiros. A passagem pela educação infantil facilita a adaptação às demandas interpessoais e acadêmicas, entretanto, uma elevada porcentagem de crianças relata altos níveis de sintomas de estresse e, para muitas delas, esses sintomas persistem nos anos subsequentes, denunciando sofrimento psíquico. Na busca por estratégias de prevenção de desfechos desfavoráveis, foram adaptados ou construídos programas de capacitação da criança para a convivência na escola. Na atual fase de avaliação da efetividade desses programas, efeitos positivos têm sido detectados, notadamente a promoção de habilidades sociais e acadêmicas, a par com a redução de problemas comportamentais e suscetibilidade a estressores. De acordo com os resultados obtidos até então, o sucesso das estratégias de capacitação da criança para lidar com os desafios da convivência na escola parece associado a experiências de socialização no grupo de iguais, guiadas pela reflexão sobre como lidar com situações interpessoais problemáticas e pela sensibilização aos valores humanos básicos da convivência.

PESQUISAS SOBRE HABILIDADES SOCIAIS: POTENCIALIDADES DOS MÉTODOS QUANTITATIVOS

Anne Marie Fontaine (Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação - Universidade do Porto-Portugal)

É relativamente consensual que é objectivo de qualquer pesquisa em Psicologia melhor compreender o comportamento humano, as razões da diversidade das suas manifestações e as suas consequências. É para contribuir para este objectivo, no domínio específico do estudo das Habilidades Sociais (HS), que se tentou evidenciar algumas das potencialidades dos métodos quantitativos, mais com o objectivo de despertar o interesse do que com um propósito de apresentação exaustiva. Para poder avaliar e comparar os comportamentos, é necessário possuir instrumentos válidos para identificar e medir as diversas dimensões subjacentes às HS. A primeira parte da intervenção centrou-se nos métodos utilizados para avaliar as qualidades psicométricas dos instrumentos: análises factoriais exploratórias e confirmatórias e análise da invariância das estruturas encontradas; importância da consistência interna das escalas. Os métodos específicos de análise de dados utilizados nestas fases dependem obviamente dos objectivos do investigador. A partir de alguns exemplos, esta intervenção procurou, sobretudo, evidenciar a utilidade dos métodos quantitativos para apreender a complexidade dos processos de influência em obra no desenvolvimento das HS, bem como a sua variabilidade. Rapidamente os pesquisadores constatam que existem diferenças na manifestação das HS, diferenças entre indivíduos e entre grupos, que podem manifestar-se em certas dimensões e não noutras, podem variar com a idade ou modificar-se com o tempo. Certos métodos de análise de dados permitem também confirmar algumas variáveis como “preditores” das HS e descartar esta função noutras, bem como observar se esta “predição” é

directa ou se é mediada por outras variáveis. Finalmente, os métodos quantitativos também podem ser utilizados numa perspectiva sistémica, evidenciando a influência mútua das HS de pessoas que estão relacionadas, por exemplo membros de uma mesma família, e o seu impacto sobre a percepção da qualidade de vida de cada uma.

A ADOÇÃO DE METODOLOGIAS ATIVAS DE ENSINO PARA O DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS EM ESTUDANTES DE PSICOLOGIA

Gardenia da Silva Abbad (UnB)

O sucesso profissional de jovens e adultos depende do desenvolvimento de competências e habilidades socioemocionais, cuja complexidade exige a adoção de práticas educacionais ativas em cenários de prática ou em realidades simuladas. A educação superior, entretanto, tem enfatizado a formação de competências e habilidades cognitivas, teóricas e técnicas. O ensino de Psicologia no Brasil não tem obtido êxito na formação de competências essenciais à inserção profissional bem-sucedida de seus egressos. Resultados do ENADE e de pesquisas nacionais apontam diversas lacunas na formação técnico-científica e no desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais de estudantes de Psicologia e de Psicólogos. Entre as lacunas na aprendizagem destacam-se a falta de habilidades sociais básicas e a dificuldade de trabalhar em equipes, as quais não são facilmente superadas pelos profissionais ao longo da carreira devido à falta de oportunidades de requalificação e de educação continuada. Pesquisas nacionais têm mostrado também que o Psicólogo está atuando em diversos setores da economia, em diversos contextos e em equipes multiprofissionais, porém, tem enfrentado dificuldades para participar decisivamente da solução colaborativa de problemas em equipes multiprofissionais. O ensino de Psicologia no Brasil não tem sido bem-sucedido no desenvolvimento de competências gerais básicas e, conforme resultados de pesquisas nacionais, ainda adota o ensino tradicional que não inclui práticas educacionais ativas, mais compatíveis com a natureza e a complexidade dos problemas e intervenções exigidas do Psicólogo no trabalho. Esta conferência pretende discutir alguns desafios relativos aos processos educativos e resultados de pesquisas que mostram efeitos positivos da adoção de metodologias educacionais ativas no desenvolvimento de habilidades de enfrentamento de conflitos em equipes multiprofissionais, de barreiras à comunicação interprofissional e de solução colaborativa de problemas com o foco no paciente ou cliente. Essas metodologias podem ser consideradas propícias ao desenvolvimento de habilidades socioemocionais, pois colocam o estudante em contato direto com emoções, afetos e sentimentos e possibilitam a integração de aprendizagens do domínio cognitivo com as pertencentes ao domínio afetivo e emocional. Serão discutidas a adoção de simulações realísticas, o ensino em cenários de prática (extensão, estágios, pesquisas) e a aprendizagem baseada em problemas e aprendizagem colaborativa. Há resultados de pesquisas mostrando que simulações

têm facilitado o ensino de diversas habilidades interpessoais e socioemocionais em áreas da saúde (Enfermagem e Medicina). Há evidências de que a simulação realística é menos estressante, pois permite que o estudante cometa erros e aprenda a corrigi-los, sem que isto implique em riscos à segurança de outras pessoas. Há também experiências bem-sucedidas de estratégias educativas baseadas em dramatizações de situações reais com atores treinados para desempenhar com realismo o papel de pacientes, familiares, outros profissionais e cuidadores em situações de interação clínica. Pesquisas também mostram efeitos positivos da aprendizagem baseada em problemas, principalmente como estratégia educacional capaz de contribuir para o desenvolvimento de importantes habilidades técnicas, sociais e competências socioemocionais de estudantes de áreas da saúde. Serão discutidas as implicações desses resultados para o ensino de Psicologia, bem como as contribuições dessas metodologias para o desenvolvimento de competências socioemocionais de futuros psicólogos.

COMUNICACIÓN INTERPERSONAL EN EL AULA: ROL DE LA FLEXIBILIDAD COGNITIVA

Dra. Mirta Susana Ison (INCIHUSA-CONICET y Universidad del Aconcagua)

El propósito de esta conferencia es analizar el rol de la flexibilidad cognitiva, como facilitadora de la comunicación interpersonal en aula. La elevada frecuencia y los costos individuales y sociales de los conflictos entre pares y con sus docentes, conduce a valorar la importancia de diversos factores contextuales, cognitivos y socio-afectivos que posibilitan la funcional regulación de la conducta infantil. La comunicación interpersonal es un factor modificador del comportamiento, debido a que los seres humanos organizamos nuestra conducta en función de los otros y en un contexto determinado. Sabemos que el contexto socio-histórico-cultural impregna la comunicación interpersonal, actividad esencial de los seres humanos. Cuando aprendemos formas apropiadas de interacción con otros y expresamos nuestros pensamientos y emociones, hemos dado primer paso para una comunicación efectiva. Pero para lograr este propósito debemos desplegar una serie de habilidades sociales, cognitivas y emocionales, las cuales se desarrollan dentro de un contexto socio-histórico-cultural. La aptitud de observar cuidadosamente las reacciones de los otros ante nuestros mensajes constituye una de las características de aquellas personas a las cuales definiríamos como “habilidosas para la comunicación interpersonal”. Saber qué puede decirse, cuándo, a quién y en qué momento, requiere de una flexibilidad de pensamiento, habilidad que se aprende a través de los años. La flexibilidad cognitiva, hace referencia a la capacidad de los individuos para elaborar una representación mental de las relaciones entre los elementos que componen un problema, pudiendo variar esa representación en función de las características del contexto. Implica poder cambiar de perspectiva y ver las cosas de varias maneras analizando cuán exitosa resulta la elección de una estrategia o un conjunto de ellas e

introducir correcciones al plan original si fuese necesario, a fin de tomar una decisión que implique beneficios para sí mismo y para los otros. Con el ingreso al sistema escolar los niños comparten, en mayor medida, actividades sociales y académicas con pares y adultos y se ven cotidianamente expuestos a situaciones que demandan una eficaz autorregulación emocional, expresada a través de su conducta. Diversas investigaciones sostienen que los escolares con mayor flexibilidad cognitiva tienden a resolver los problemas interpersonales de manera menos hostil, inhibiendo comportamientos disruptivos, en la medida en que pueden pensar varios “caminos” o alternativas para llegar a la solución menos conflictiva. La figura del maestro cobra un rol relevante cuando enseña a sus alumnos a pensar distintas estrategias de abordar una situación, esto le dará al niño/a mayor autonomía personal e incrementará la posibilidad de facilitar los aprendizajes.

EXPERIÊNCIA DE UM PROGRAMA DE INTERVENÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS E DE ENFRENTAMENTO DA ABSTINÊNCIA PARA USUÁRIOS DE CRACK

Margareth da Silva Oliveira (PUCRS), Leda Rúbia Maurina Coelho (ULBRA)

As habilidades de enfrentamento são descritas como as habilidades de um indivíduo para enfrentar situações de alto risco de consumo de álcool e outras substâncias químicas. As habilidades sociais são o conjunto de comportamentos do repertório do indivíduo para responder adequadamente às demandas interpessoais do contexto. O objetivo dessa apresentação é descrever nossa experiência com usuários de cocaína/crack frente ao programa realizado para desenvolver repertório de habilidades sociais, habilidades de enfrentamento e autoeficácia para abstinência de drogas após o término do programa de treinamento e após três meses. Os dados aqui apresentados fazem parte de um projeto de Doutorado e a proposta do estudo foi um delineamento quase experimental com medidas pré e pós-intervenção. A amostra foi composta por 32 participantes sendo 60% do sexo masculino (n=20) e 37,5% do sexo feminino (n=12) com problemas relacionados ao uso de substâncias psicoativas internados em comunidades terapêuticas com mais de 18 anos e no mínimo 30 dias de abstinência. Os participantes eram em maioria (58,9%) de ensino fundamental (n=19), solteiros (84,4%, n=27) e de classe social C (59,4%, n=19). Os instrumentos utilizados foram: Escala de autoeficácia para abstinência de drogas (DASE) composta por 24 itens; Inventário de Habilidades de Enfrentamento Antecipatório para a abstinência de Álcool e outras Drogas (IDHEA-AD), composta por 30 itens; e o Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette) de 38 itens. Os resultados do Treinamento de Habilidades Sociais e de Enfrentamento – TSHE - demonstraram que houve aumento no escore total e nos quatro fatores da DASE (Emoções negativas; Social/Positivo; Preocupações; Abstinência/Impulso), indicando que a intervenção proporcionou aumento na autoeficácia para abstinência do uso de drogas em seus participantes ($p<0,001$). Os escores do IHS-Del-Prette mantiveram-se inalterados

estatisticamente (p=0,839), apresentando um bom repertório de habilidades sociais ao longo da intervenção. Os escores total do IDHEA-AD (p<0,001) e dos Fatores 1 e 2, apresentaram-se médio inferiores antes do treinamento, repertório abaixo da média no término, e repertório elaborado acima da média após 3 meses. O Fator 3 apresentou bom repertório no pós-treinamento e se manteve no follow-up. Os participantes de TSHE apresentaram aumento significativo nos escores da autoeficácia para manutenção da abstinência e do autocontrole emocional. Enquanto os escores referentes as habilidades sociais se mantiveram estatisticamente inalterados, os escores relacionados as habilidades de enfrentamento assertivas para recusa e expressão de sentimentos oscilaram ao longo do tratamento. Pode-se dizer que a intervenção viabilizou o desenvolvimento das habilidades enfocadas e auxiliou para a identificação das dificuldades dos participantes, além de contribuir de maneira significativa para o conhecimento e relevância de desenvolver programas de THSE para usuários de crack.

HABILIDADES SOCIAIS E PSICOTERAPIA ANALÍTICA FUNCIONAL

Jocelaine Martins da Silveira (Universidade Federal do Paraná)

As terapias orientadas para problemas interpessoais, como a Psicoterapia Analítica Funcional (FAP), avaliam e intervém, primordialmente, no repertório de comportamentos socialmente habilidosos. Esta preferência indica a pertinência da interlocução entre os estudos no campo das Habilidades Sociais e da FAP. Além disso, o interesse comum dos dois campos sinaliza a possibilidade de geração de avanços no âmbito aplicado. O objetivo geral do presente trabalho é discutir as áreas de relações interpessoais comumente problemáticas no repertório comportamental de clientes indicados para a FAP, apresentando a proposta de um aplicativo para seu monitoramento na vida cotidiana. O trabalho também visa apresentar e discutir relações interpessoais que são alvo dos tratamentos em FAP. Os objetivos específicos consistem em: apresentar e discutir as áreas de interação social aferidas pelo instrumento Functional Idiographic Assessment Template (FIAT), apresentar a proposta de um aplicativo em desenvolvimento no Center for Behavioral Research & Treatment Development, da Universidade de Nevada, Reno (EUA), para monitoramento destas áreas na vida cotidiana do cliente e discutir comportamentos comumente priorizados no tratamento, com vistas a promover generalização para a vida diária. O método do presente estudo consiste em listar e discutir o repertório interpessoal problemático dos clientes indicados para a FAP e os comportamentos sociais considerados mediadores da generalização, isto é, relacionados com a generalidade entre pessoas, ambientes e comportamentos, nesta estratégia de tratamento psicoterápico. Como resultado, apresentam-se as cinco áreas de interesse para monitoramento por meio do aplicativo: as interações com parceiros românticos, com familiares, com amigos próximos, com conhecidos ou com pessoas desconhecidas. Assim, pode-se monitorar o desempenho do cliente em cada um dos

tipos de relacionamento em uma ou mais das áreas de interação social avaliadas no FIAT, a saber: afirmação de necessidades, comunicação bidirectional, conflito, autorevelação/abertura interpessoal e expressão/experiência emocional. O aplicativo deve disponibilizar estatísticas semanais, indicando as áreas relatadas, os tipos de relacionamentos e o desempenho neles. A descrição e manejo do próprio comportamento em termos de contingência para o comportamento dos outros é uma área central da intervenção. Assim, para alguns clientes, o alvo está em aprender com quem, em que timing e para quê emitir respostas interpessoais reforçadas naturalmente dentro da sessão, na interação com o terapeuta. Isto é, o alvo pode estar em condições antecedentes na contingência de três termos (antecedentes). Outro comportamento-alvo frequentemente adotado, está ligado à nomeação de emoções e necessidades e a expressão delas nas interações sociais relevantes (respostas). Para alguns clientes ainda, enfatiza-se o modo como retribuem gestos e ações que lhes agradam (consequências). A criação do aplicativo encontra-se em estágio inicial, sendo necessário o desenvolvimento do sistema e o teste do manuseio por potenciais usuários. Espera-se que o monitoramento daquelas áreas na vida cotidiana, por meio do aplicativo, tenha um duplo efeito, avaliar a generalidade dos resultados terapêuticos na vida diária do cliente e oferecer prompts para manutenção das melhoras clínicas. Conclui-se que as tecnologias advindas dos campos de estudo das Habilidades Sociais e da FAP são compatíveis e sua combinação pode ser bem-vinda.

QUALIDADE DAS RELAÇÕES FAMILIARES, HABILIDADES SOCIAIS PARENTAIS E POLÍTICAS PÚBLICAS DE PREVENÇÃO AO ABUSO DE DROGAS

Sheila Giardini Murta (UnB)

Um corpo crescente de evidências tem mostrado que a relação entre pais e filhos constitui fator protetivo para o uso problemático de substâncias quando os pais adotam um estilo parental autoritativo e utilizam práticas parentais caracterizadas por supervisão, comunicação, suporte e envolvimento, enquanto a negligência parental aumenta o risco de adolescentes fazerem uso abusivo de drogas. Em vista disto, programas que almejam proteger a saúde do adolescente focados no fortalecimento de fatores protetivos familiares e parentais têm sido desenvolvidos, implementados e difundidos ao redor do mundo. Em resposta à expansão de políticas públicas de prevenção ao uso indevido de drogas entre adolescentes brasileiros, o Ministério da Saúde adotou em 2013 alguns programas preventivos com evidências de efetividade desenvolvidos internacionalmente, dentre os quais o Strengthening Families Program, cuja versão brasileira foi intitulada Programa Famílias Fortes (PFF). O PFF é composto por 7 sessões regulares e 11 sessões de acompanhamento, com duas horas de duração, das quais a primeira hora é destinada a sessões separadas para pais e crianças/adolescentes, de 10 a 14 anos, e a segunda hora é destinada a sessões conjuntas com toda a família. Esta conferência terá por objetivo discutir o

Programa Famílias Fortes a partir de três eixos. O primeiro, do ponto de vista teórico, consistirá numa análise do PFF segundo o modelo da resiliência. Serão discutidos os processos protetivos familiares associados aos objetivos da intervenção que favorecem a qualidade das relações familiares. O segundo, do ponto de vista conceitual, compreenderá uma análise do conteúdo do PFF à luz das habilidades sociais parentais promovidas nas sessões para pais e famílias, além de habilidades sociais assertivas promovidas nas sessões para adolescentes. O terceiro, do ponto de vista da implementação de uma ferramenta de política pública, abordará desafios na implementação do PFF em serviços de proteção social básica e outros afins em quatro estados da região nordeste do Brasil. A teoria da ação do Programa será considerada, tomando-se sua trajetória de inserção no território e execução. Serão apresentados resultados preliminares provenientes de grupos focais e entrevistas em profundidade com a atores da equipe de implementação e gestão local acerca de barreiras e facilitadores vivenciados nas etapas de adoção política, articulação local, mobilização dos serviços, formação da equipe, recrutamento das famílias, organização de infraestrutura e condução dos encontros. Por fim, como nota conclusiva, serão discutidas implicações para o desenho de estudos com métodos mistos na avaliação de programas de promoção de qualidade das relações familiares e habilidades sociais parentais em contextos complexos.

SIMPÓSIOS

SIMP 1 - AMOR, HABILIDADES SOCIAIS E SATISFAÇÃO CONJUGAL

Coordenadora: Adriana Benevides Soares (Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ)

Resumo Geral: O relacionamento conjugal tem sido apontado como um elemento importante para a qualidade de vida nos ciclos de vida mais avançados, quando a relação conjugal já dura há bastante tempo. A conjugalidade tem se mostrado crucial para o bem-estar psicológico e social dos indivíduos e o casamento e a satisfação se tornaram fortemente associados. O fato de um casamento durar não significa necessariamente que ele seja satisfatório. Com muita frequência homens e mulheres tem como meta a realização no amor, a satisfação da relação e a busca da felicidade. A qualidade dos relacionamentos interpessoais pode ser fonte de prazer e realização, mas pode também ser fonte de frustração e descontentamento. Estudos tem mostrado que as habilidades sociais podem ter influência significativa na satisfação conjugal embora poucos estudos tenham sido realizados no Brasil neste sentido. Este simpósio busca apresentar novos estudos que agreguem suporte a esta lacuna. Serão apresentadas três investigações envolvendo o estudo das habilidades sociais, a conjugalidade e sua satisfação. Na primeira apresentação, Habilidades sociais conjugais e satisfação conjugal os autores tratam de investigar a relação entre as Habilidades Sociais Conjugais e a Satisfação Conjugal em homens e mulheres em relação conjugal, no mínimo, há um ano. Foi verificado que o Autocontrole Reativo e a Conversação Assertiva são comportamentos fundamentais para a satisfação conjugal possibilitando aos cônjuges se expressarem e serem ouvidos. Na segunda, Satisfação conjugal, habilidades sociais e crenças sobre o amor em casais com diferentes etapas de ciclos de vida os autores buscam verificar a existência de relações preditivas entre as variáveis dependentes habilidades sociais, habilidades sociais conjugais, empatia, crenças sobre o amor e a variável independente satisfação conjugal em homens e mulheres nos diferentes ciclos de vida conjugal e comparar a satisfação conjugal em homens e mulheres nestes ciclos de vida. Foram identificadas variáveis que apresentaram maior contribuição para a satisfação conjugal em homens e mulheres nos diferentes ciclos de vida. Na terceira, Validade de construto da escala de habilidades sociais conjugais os autores buscaram fazer uma análise fatorial confirmatória da escala de Habilidades Sociais Conjugais. Os três trabalhos apresentam escopos complementares por tratarem da interface conjugalidade, satisfação conjugal e habilidades sociais e trazem contribuições para área indicando habilidades sociais conjugais significativas para a satisfação conjugal em geral e em ciclos de vida conjugal diferentes assim como trazendo dados sobre a estrutura do inventário de habilidades sociais conjugais que foi utilizado em todos os estudos apresentados.

Apresentação 1 | HABILIDADES SOCIAIS CONJUGAIS E SATISFAÇÃO CONJUGAL

José A. E. Hernandez (Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ), Diego A. S. Nunes (Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ), Fabio M. Neves (Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ), Júlia M. S. Braga (Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ), Leonardo D. Brito (Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ), Susana P. Pereira (Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ)

A satisfação conjugal é um construto relevante, sendo o melhor preditor da estabilidade do amor romântico. O presente estudo verificou a relação entre as Habilidades Sociais Conjugais e a Satisfação Conjugal. Participaram da pesquisa 20 homens e 20 mulheres que estavam em relação conjugal, no mínimo, há um ano, no Rio de Janeiro/RJ. A idade dos participantes variou de 18 a 61 anos (M = 35,2; DP = 10,74), o tempo de relacionamento, de um a 33 anos (M = 11,88; DP = 10,03). Os participantes responderam ao Inventário de Habilidades Sociais Conjugais composto por: Expressividade/Empatia que se refere a expressão de comportamentos de compreensão, de sentimentos e de opiniões positivas ao cônjuge, tais como, elogiar, agradecer, e também a habilidade de conversação em situações do cotidiano. A Autoafirmação Assertiva são as condutas do cônjuge para demonstrar seus posicionamentos, sentimentos e opiniões de modo assertivo e que poderão causar um descontentamento no outro. O Autocontrole Reativo são comportamentos de defesa dos próprios direitos em situações que podem gerar estresse como receber críticas do parceiro (a) ou em estados emocionais numa discussão. Tais comportamentos podem contribuir para o autocontrole do cônjuge e a preservação do relacionamento. O Autocontrole Proativo se refere à capacidade do indivíduo para perceber quando o cônjuge está alterado emocionalmente e aguardar que ele fale e seja compreendido. Por último, a Conversação Assertiva está relacionada a reação assertiva aos comportamentos do outro, a capacidade para agir com o objetivo de assegurar uma relação mais igualitária e equilibrada para o casal. Também foi utilizada a Escala de Satisfação Conjugal (ESC) que é um conjunto de atitudes frente aos aspectos relativos ao cônjuge e às interações no casamento e possui três fatores: (1) satisfação com os aspectos emocionais do cônjuge, que se refere à satisfação que o indivíduo tem com as reações emocionais de seu parceiro (por exemplo, como expressa seus sentimentos e se comporta quando tem raiva e ansiedade); (2) satisfação com a interação conjugal, que se refere à satisfação que o indivíduo tem com a relação que leva com seu companheiro; (3) satisfação com aspectos estruturais, que se refere à satisfação do indivíduo com a forma como o cônjuge organiza, estabelece e cumpre as regras e com o impacto disso na sua vida. Os dados foram analisados por meio de estatísticas descritivas e Coeficiente de Correlação de Pearson. Os resultados revelaram correlações negativas moderadas baixas e significativas entre o Autocontrole Reativo e a ESC global e seus três fatores, que variaram de -0,47 a -0,31. O Autocontrole Proativo também apresentou as mesmas correlações negativas, exceto com o fator Interação Conjugal. Por outro lado, a

Conversação Assertiva foi positivamente associada com a Interação Conjugal (r = 0,32). O Autocontrole Reativo e a Conversação Assertiva são comportamentos fundamentais para a satisfação conjugal, possibilitam aos cônjuges se expressarem e serem ouvidos. O ato de desculpar-se faz parte dessa classe de comportamentos, que é importante para reduzir ressentimentos e resolver conflitos, além de demonstrar a intenção de superar as divergências.

Apresentação 2 | SATISFAÇÃO CONJUGAL, HABILIDADES SOCIAIS E CRENÇAS SOBRE O AMOR EM CASAIS COM DIFERENTES ETAPAS DE CICLOS DE VIDA

Roberta S. N. Barros (Universidade Salgado de Oliveira), Adriana Benevides Soares (Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ), José A. E. Hernandez (Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ)

Nos últimos anos o número de divórcios tem aumentado no Brasil e entender a razão desta realidade é primordial para que casais percebam o que contribui para aumentar a satisfação conjugal. Esta percepção pode auxiliar casais a lidar com as crises e até diminuir o número de dissoluções das relações. Este estudo objetivou verificar a existência de relações preditivas entre as variáveis dependentes habilidades sociais, habilidades sociais conjugais, empatia, crenças sobre o amor (Escala do Amor Apaixonado - EAA, Escala Triangular do Amor – ETA e Escala de Crenças sobre o Amor - ECA) e a variável independente satisfação conjugal (Escala de Avaliação do Relacionamento - EAR e Escala de Satisfação Conjugal - ESC) em homens e mulheres nos diferentes ciclos de vida conjugal e comparar a satisfação conjugal em homens e mulheres nestes ciclos de vida conjugal. Participaram do estudo 223 casais, divididos em quatro diferentes ciclos de vida conjugal, sendo 61 casais sem filhos (Grupo 1), 58 casais com filhos de 0 a 11 anos (Grupo 2), 51 casais com filhos de 12 a 17 anos (Grupo 3) e 53 casais com filhos acima de 18 anos (Grupo 4). Os instrumentos utilizados foram: Inventário de Habilidades Sociais, Inventário de Habilidades Sociais Conjugais, Instrumento de Empatia, Escala de Satisfação Conjugal, Escala de Avaliação do Relacionamento, Escala do Amor Apaixonado, Escala Triangular do Amor e Escala de Crenças sobre o Amor. Os resultados indicaram para a EAR que a variável que mais contribui para os Homens do Grupo 1 foi a Paixão, do Grupo 2 foi o Autocontrole Proativo e o Enfrentamento, para o Grupo 3 foi o Compromisso e para o Grupo 4 foi a Paixão e a Intimidade. Para as Mulheres do Grupo 1 foi o Compromisso e o Ágape, para o Grupo 2 foi a Sensibilidade e o Enfrentamento, para o Grupo 3 foi o Compromisso e para o Grupo 4 a Paixão e o Ludus. Para a ESC os resultados indicaram para os Homens do Grupo 1 que a variável que mais contribuiu foi o Compromisso, para o Grupo 2 o Autocontrole Reativo, a Escala de Amor Apaixonado e a Flexibilidade Interpessoal, para o Grupo 3 foi o Autocontrole Reativo e o Autocontrole da Agressividade, para o Grupo 4 a Intimidade. Para as Mulheres do Grupo 1 a variável que mais contribuiu foi o Compromisso e o Pragma, para o Grupo 2 o Autocontrole Reativo e Altruísmo, para o Grupo 3 a Tomada de Perspectiva e Flexibilidade Interpessoal e para o Grupo 4 o

Compromisso e Autocontrole da Assertividade. Identificou-se para a ESC que as variáveis independentes tiveram relações fortes, porém negativas e significativas com a satisfação conjugal. Quando comparados os escores entre os grupos de ciclo de vida conjugal, não houve entre homens e mulheres. Conclui-se neste estudo que as variáveis independentes contribuem para explicar a satisfação conjugal tanto para homens quanto para mulheres, independente do ciclo de vida conjugal.

Apresentação 3 | VALIDADE DE CONSTRUTO DA ESCALA DE HABILIDADES SOCIAIS CONJUGAIS

José A. E. Hernandez (Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ), Adriana Benevides Soares (Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ), Roberta S. N. Barros (Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ)

O objetivo deste estudo foi verificar a validade de construto do Inventário de Habilidades Sociais Conjugais (IHSC) com 32 itens que mensuram comportamentos socialmente habilidosos no contexto conjugal. Esses itens estão distribuídos em cinco fatores que avaliam distintas classes de habilidades sociais conjugais do indivíduo. O fator Expressividade/Empatia refere-se a expressão de comportamentos de compreensão, de sentimentos e de opiniões positivas ao cônjuge, tais como, elogiar, agradecer, e também a habilidade de conversação em situações do cotidiano. Esta dimensão está, basicamente, ligada à intimidade dos cônjuges. A Autoafirmação Assertiva está relacionada às condutas do cônjuge para demonstrar seus posicionamentos, sentimentos e opiniões de modo assertivo e que poderão causar um descontentamento no outro. É um fator útil para avaliar a habilidade do participante em defender a individualidade e as preferências. O Autocontrole Reativo são comportamentos de defesa dos próprios direitos em situações que podem gerar estresse como receber críticas do parceiro (a) ou em estados emocionais numa discussão. Tais comportamentos podem contribuir para o autocontrole do cônjuge e a preservação do relacionamento. O Autocontrole Proativo refere-se à capacidade do indivíduo para perceber quando o cônjuge está alterado emocionalmente e aguardar que ele fale e seja compreendido. Por último, a Conversação Assertiva está relacionada a reação assertiva aos comportamentos do outro, a capacidade para agir com o objetivo de assegurar uma relação mais igualitária e equilibrada para o casal. Em Análises de Componentes Principais e Fatoriais Exploratórias e testes de fidedignidade (consistência interna e estabilidade temporal) realizados anteriormente, foram reveladas as propriedades psicométricas do IHSC. Participaram do presente estudo 224 casais heterossexuais com idades entre 21 e 79 anos (M = 43,6; DP = 12,21), tempo de relação de um a 55 anos (M = 16,3, DP = 12,73), sendo que 58 casais (25,9%) não tinham filhos. Cada um dos cônjuges respondeu ao IHSC e os escores foram analisados no âmbito da Modelagem de Equações Estruturais para examinar a validade de construto da medida por meio do software AMOS. O exame das distribuições univariada e multivariada revelaram a não normalidade dos escores que não apresentaram violações severas (|Sk|<3 e |Ku|<10), mas foram excluídas três observações outliers conforme a distância de Mahalanobis. A Análise Fatorial

Confirmatória com método de estimação Máxima Verossimilhança revelou pesos fatoriais padronizados (λ<0,50) em oito itens provenientes dos cinco fatores que constituem o modelo, o que não conferiria validade fatorial aos mesmos. Consequentemente, as variâncias explicadas (λ2<0,25) não representariam confiabilidades individuais para esses itens. Os seguintes valores foram encontrados para o ajuste geral dos dados ao modelo da IHSC: χ2/gl = 8,9; CFI = 0,54; GFI = 0,66; RMSEA = 0,133. Estes resultados indicariam problemas de ajustamento local em algumas das variáveis e mau ajustamento global dos dados ao modelo testado, respectivamente.

SIMP 2 - AS RELAÇÕES ENTRE HABILIDADES SOCIAIS E O USO DE DROGAS EM DIFERENTES ETAPAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

Coordenador: Lucas Guimarães Cardoso de Sá (UFMA)

Variáveis muito diversas podem compor um modelo explicativo multifatorial para o consumo abusivo ou dependente de álcool ou outras drogas. Fatores biológicos, sociais e psicológicos, que integrados ajudam a entender parte do porquê muitos indivíduos iniciam e mantém o uso de algum tipo de droga. Entre os fatores psicológicos estão as habilidades sociais, um conjunto de estratégias cognitivas e comportamentais adaptativas, disponíveis no repertório do indivíduo para serem usadas de forma que um desempenho social seja avaliado como socialmente competente. Este simpósio se propõe a discutir as semelhanças, diferenças e relações do repertório de habilidades sociais e uso de drogas em três diferentes etapas do desenvolvimento humano: adolescência, adultez e envelhecimento. No primeiro trabalho, “Habilidades sociais de adolescentes usuários de drogas lícitas e ilícitas em distintos padrões de consumo”, discute-se que adolescentes usuários de drogas, de ambos os gêneros, apresentam um repertório pouco elaborado nas habilidades sociais e também que, quanto menos elaborado o repertório de empatia, assertividade e abordagem afetiva, maior o uso de drogas entre os usuários com padrão de consumo frequente. O segundo, “Habilidades sociais e esquemas iniciais desadaptativos na dependência de substâncias psicoativas em adultos”, discute a presença de um repertório deficitário nas habilidades sociais voltadas ao autocontrole da agressividade em adultos, assim como a preponderância dos esquemas de abandono, autosacrifício, padrões inflexíveis, grandiosidade/arrogo, autocontrole/ autodisciplina insuficientes, e busca de aprovação. Por fim, o terceiro trabalho, “Análises sobre o repertório de habilidades sociais e de enfrentamento em idosos usuários de álcool e outras drogas”, discute-se que idosos possuem repertórios abaixo do percentil mediano em assertividade e planejamento diante de situações de alto risco e em expressão emocional de sentimentos positivos, o que embora não seja caracterizado como déficit, deve merecer atenção em uma proposta de intervenção. Já em relação às habilidades de autocontrole emocional, o repertório foi avaliado como acima do percentil mediano, podendo ser um recurso importante para uma

intervenção que utilize essas habilidades como uma forma de aumentar o repertório de outras. Não houve diferenças significativas entre os participantes, de acordo com os grupos etários, sendo possível que intervenções em grupo sejam realizadas com participantes de diferentes idades, sem que haja prejuízos para algum dos grupos. Conclui-se que a faixa etária é uma variável fundamental na análise do repertório de habilidades sociais de usuários de drogas em função das especificidades dos contextos sociais e culturais pertinentes à trajetória de desenvolvimento dos sujeitos.

Apresentação 1 | HABILIDADES SOCIAIS DE ADOLESCENTES USUÁRIOS DE DROGAS LÍCITAS E ILÍCITAS EM DISTINTOS PADRÕES DE CONSUMO

Daniely Ildegardes Brito Tatmatsu (UFC), Zilda A. P. Del Prette (UFSCar)

A análise do comportamento de consumir drogas pressupõe as relações estabelecidas entre sujeito, droga e contexto. No atual cenário da juventude, dados preocupantes abrangem o surgimento de novos, complexos e variados padrões de uso, envolvendo, por exemplo, a iniciação precoce, o uso de novas drogas sintéticas ou de mais de uma droga simultaneamente. Estudos apontam o déficit de habilidades sociais como um dos fatores envolvidos na vulnerabilidade para o consumo de drogas por adolescentes, além da ausência de vínculo com a escola e do pertencimento a famílias conflituosas. No entanto, as pesquisas nacionais sobre este tema envolvendo o campo teórico-prático das habilidades sociais ainda são incipientes; os estudos têm se centrado na caracterização do repertório de habilidades sociais de um modo geral sem diferenciar o impacto de classes específicas deste repertório sobre o abuso de drogas, além de não utilizarem instrumentos validados especificamente para a população adolescente. Em função disto, o objetivo desta pesquisa foi avaliar o repertório de habilidades sociais de adolescentes usuários de drogas lícitas e ilícitas em distintos padrões de consumo. Para tanto, participaram deste estudo 110 adolescentes usuários de drogas em tratamento nos Centros de Atenção Psicossocial – Infantil e Álcool e Drogas, em ambulatórios especializados e em Comunidades Terapêuticas de 12 cidades de 5 estados brasileiros. Foram utilizados o Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes (IHSA-Del-Prette) e o Questionário sobre Uso de Drogas do Centro Brasileiro de Estudos sobre Drogas. Os resultados verificaram que há predomínio de adolescentes do sexo masculino, com idade média de 15,3 anos. Quase a totalidade dos jovens são poliusuários, ou seja, fazem uso de várias drogas simultaneamente. As drogas de uso pesado (mais de 20 vezes no mês) mais frequentes foram a maconha, o tabaco e a cocaína. A média de idade de iniciação ao uso de drogas lícitas e ilícitas foi de 12,72 anos. Mais de 56% dos jovens evadiram-se da escola. Os adolescentes usuários de drogas, de ambos os gêneros, apresentaram um repertório pouco elaborado nas habilidades sociais de empatia, autocontrole, civilidade e assertividade, tanto no indicador de frequência quanto no de dificuldade em relação à amostra normativa disponível. As análises de correlação mostraram que quanto menos elaborado o repertório de empatia, assertividade e abordagem afetiva, maior o uso de drogas entre os usuários com padrão de consumo frequente. Verificou-se também que quanto maior o custo de resposta para a emissão

das habilidades sociais de civilidade e de desenvoltura social, maior a frequência de uso de drogas entre os usuários com padrão de consumo pesado. A análise de regressão identificou o fator autocontrole como preditor do consumo de drogas ilícitas. A partir destes dados, discute-se a possibilidade de que contextos distintos gerem variadas maneiras de interagir com as drogas. Sugere-se que os programas de intervenção para adolescentes usuários de drogas abordem os déficits habilidades sociais de forma diferenciada a partir dos distintos níveis de consumo de drogas.

Apresentação 2 | HABILIDADES SOCIAIS E ESQUEMAS INICIAIS DESADAPTATIVOS NA DEPENDÊNCIA DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS EM ADULTOS

Marcia Fortes Wagner (Faculdade Meridional), Ana Carolina da Cunha Fortes (Faculdade Meridional), Vinícius Renato Thomé Ferreira (Faculdade Meridional), Cristina Pilla Della Méa (Faculdade Meridional).

A dependência de substâncias psicoativas representa um grave problema de saúde pública, pois causa prejuízos muito significativos na saúde física e emocional dos dependentes dessas substâncias, gerando danos aos vínculos familiares e sociais. As substâncias psicoativas são aquelas que agem no cérebro, modificando o estado de ânimo, o entendimento e o comportamento e, com o passar do tempo e uso prolongado, é possível perceber o aparecimento de comportamentos inadequados, além da diminuição da eficácia de habilidades antes preservadas. Habilidades sociais (HS) envolvem a expressão de sentimentos e de vontades, e resolvem problemas do cotidiano de maneira rápida, diminuindo a probabilidade de problemas futuros. Esquemas Iniciais Desadaptativos (EID's) são, segundo a teoria do esquema, temas e padrões amplos que envolvem memórias, sensações corporais, percepções de si e dos outros. O objetivo deste estudo é avaliar as habilidades sociais e os esquemas iniciais desadaptativos em indivíduos com dependência de substâncias psicoativas. A amostra foi constituída por 15 sujeitos internados em uma instituição psiquiátrica situada no norte do Rio Grande do Sul. Trata-se de uma pesquisa de cunho quantitativo observacional. Os instrumentos utilizados foram o Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette) e o Questionário de Esquemas de Young – forma breve. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Faculdade Meridional (IMED) sob nº CAAE 0001.0.436.000-11 nº 016/2011. A amostra constituiu-se de 80% homens (n=12) e 20% (n=3) mulheres, com média de idade 29,66 anos (DP=5,44). Quanto ao estado civil, 86,7 % (n=13) da amostra afirmaram ser solteiros e 13,3% (n=2) casados. Em relação a com quem residem, 26,7% (n=4) relataram viver com companheiro (a), 53,3% (n=8) com os pais, 13,3% (n= 2) viviam sozinhos e 6,7 (n=1) com amigos. A totalidade da amostra afirma não estudar no momento, e a maioria 80% (n=8) não apresenta uma ocupação profissional. Quanto ao tipo de substância mais utilizada, 80% (n=12) são usuários de cocaína. Os resultados do estudo demonstraram que, em relação ao escore total do IHS- Del Prette, 53,3% (n=8) da amostra apresentaram indicação para treinamento de habilidades sociais. Já em relação aos fatores desse instrumento, 73,3% (n=11) da

amostra apresentaram repertório social deficitário no Fator 5 – autocontrole da agressividade. Em relação aos EID's, os esquemas que mais indicaram problemas foram: Abandono (M= 4,01), Autosacrificio (M= 4,01), Padrões inflexíveis (M= 4,07), Grandiosidade e Arrogo (M= 3,85), Autocontrole e Autodisciplina Insuficientes (M= 4,57), Busca de aprovação (M= 3,77). Os achados apontam para a presença de um repertório deficitário nas habilidades sociais voltadas ao autocontrole da agressividade. Quanto aos EID's, foi observada a preponderância dos esquemas de abandono, autosacrifício, padrões inflexíveis, grandiosidade/arrogo, autocontrole/ autodisciplina insuficientes, e busca de aprovação. Tais resultados podem auxiliar na compreensão e no planejamento de estratégias de intervenção mais efetivas no tratamento deste quadro clínico.

Apresentação 3 | ANÁLISES SOBRE O REPERTÓRIO DE HABILIDADES SOCIAIS E DE ENFRENTAMENTO EM IDOSOS USUÁRIOS DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS

Lucas Guimarães Cardoso de Sá (UFMA), Júlia Milhomens de Sousa (UFMA) e Vanessa Maria da Silva Martins (UFMA)

Estudos sociodemográficos indicam um aumento significativo no número de idosos na população brasileira nos últimos anos, com previsão de manutenção dessa curva de crescimento também para os anos seguintes. Junto com esse crescimento numérico, espera-se também um aumento relacionado a problemas de saúde, entre eles, o uso de substâncias psicoativas. Como este é um fenômeno novo, tende-se a não dar a devida atenção a ele, com poucos estudos investigando o uso de substâncias na população maior de 60 anos. Por isso, o objetivo deste estudo foi preencher parte dessa lacuna ao analisar as habilidades de enfrentamento de idosos usuários de álcool e outras drogas. Para isso, o repertório de um grupo de idosos (G1) foi comparado ao de participantes adultos, entre 30 e 39 anos (G2) e 18 a 20 anos (G3). Participaram 57 pessoas em tratamento por transtorno relacionado ao uso de substâncias, sendo 19 em cada um dos grupos estudados. Foi utilizado um breve questionário de caracterização e o Inventário de Habilidades de Enfrentamento Antecipatório (IDHEA-AD). O grupo 1 possuía apenas uma mulher, tinha média de idade de 62,79 (DP=3,06) anos, 57% tinham apenas ensino fundamental, o tempo médio de abstinência era de 11,50 (DP=17, 61) semanas e apenas um relatou estar em tratamento devido ao uso de crack, enquanto todos os demais relataram uso apenas de álcool. O repertório total de habilidades de enfrentamento deste grupo foi de 58,47 (DP=15,52), o que, comparado a um grupo normativo geral, pode ser classificado como percentil 30. O repertório de assertividade para situações de alto risco (F1) foi em média 26,47(DP=11,99) pontos, com percentil 30; o de expressão emocional (F2) foi 15,00 (DP=5,09), com percentil 35; e o autocontrole emocional (F3) em situações adversas foi de 17,00(DP= 4,90), com percentil 65. A comparação dos repertórios de G2 e G3 com G1, não indicaram diferenças estatisticamente significativas, tanto para o repertório total (F=0,37; p=0,69), quanto para o fator 1 (F=1,10; P=0,34), fator 2 (F=1,83; p=0,17) e fator 3 (F=3,04; P=0,06). Os resultados

mostram que idosos possuem repertórios abaixo do percentil mediano em assertividade e planejamento diante de situações de alto risco e em expressão emocional de sentimentos positivos, o que embora não seja caracterizado como déficit, deve merecer atenção em uma proposta de intervenção. Já em relação às habilidades de autocontrole emocional, o repertório foi avaliado como acima do percentil mediano, podendo ser um recurso importante para uma intervenção que utilize essas habilidades como uma forma de aumentar o repertório de outras. Os resultados mostraram ainda que não houve diferenças significativas entre os participantes, de acordo com os grupos etários. Assim, é possível que intervenções em grupo sejam realizadas com participantes de diferentes idades, sem que haja prejuízos para algum dos grupos.

SIMP 3- EXPLORANDO A LITERATURA NACIONAL DE JOGOS EDUCATIVOS PARA HABILIDADES SOCIAIS

Coordenador: Raissa Roberti Benevides (UFSCAR)

Jogos educativos podem ser definidos como jogos que possuem um fim didático e podem ser usados em contextos de ensino formal ou informal para melhorar, apoiar ou promover os processos de aprendizagem. A utilização de jogos para o ensino traz uma série de vantagens, como a mescla de conteúdos acadêmicos à narrativa do jogo, o uso de cenários que reflitam a experiência no mundo real, sem entrar em contato com as contingências aversivas que encontrariam em situações reais, o feedback para cada ação do jogador, a evolução do jogo no ritmo do aprendiz, a programação de contingências que mantenham seus efeitos por longo tempo, com o estudante mostrando poucos efeitos de saciação da tarefa, entre outros. Além dessas características, jogar um jogo multijogador, isto é, aquele no qual jogam dois ou mais jogadores, é uma situação social e exige dos jogadores a emissão de comportamentos sociais durante as partidas, isso permite que comportamentos sociais dos jogadores sejam modelados a partir das consequências liberadas após sua emissão. Diante disso pode-se considerar que jogos são capazes de criar condições para que os jogadores desenvolvam ou aprimorem habilidades sociais. Apesar de a maioria dos jogos multijogadores contribuírem para o ensino de habilidades sociais, como por exemplo comportamentos de cooperação, de comunicação ou expressão de sentimentos, jogos desenvolvidos especificamente com objetivo de ensinar habilidades sociais podem ser mais eficientes no desenvolvimento desse repertório. O ensino de habilidades sociais no jogo pode ocorrer por meio de modelagem do comportamento, uma vez que durante a partida, os demais jogadores e o próprio jogo podem consequenciar determinados comportamentos do jogador, por meio de instruções das cartas do jogo ou por meio de modelação, a observação das consequências do comportamento de um jogador pode aumentar ou diminuir a probabilidade do comportamento do outro em situações similares. A produção de jogos educativos com esses objetivos vem crescendo no mundo. O presente trabalho tem como objetivo primeiramente discutir a produção

nacional de jogos educativos na área de habilidades sociais e, em seguida, apresentar dois jogos educativos desenvolvidos por pesquisadores brasileiros com objetivo de ensinar classes de Habilidades Sociais. O primeiro é o jogo “Ilha dos Nativos”, jogo digital de computador *multimouse* cooperativo multijogador para crianças praticantes de esportes. Por fim, o jogo “*Space Ability*: fazendo contato com *Aliens*”, jogo analógico de tabuleiro cooperativo multijogador para crianças de nove a doze anos.

Apresentação 1 | UMA REVISÃO DA LITERATURA NACIONAL DOS JOGOS EDUCATIVOS COM OBJETIVOS DE ENSINO DE CLASSES DE HABILIDADES SOCIAIS

Raissa Roberti Benevides (UFSCAR)

Diante da importância do desenvolvimento de habilidades sociais, várias tecnologias vêm sendo criadas a fim de contribuir para o repertório social. Jogos educativos é uma dessas tecnologias que vem ganhando espaço na literatura internacional e nacional. O objetivo do presente estudo é apresentar a produção nacional de jogos educativos com objetivos específicos de ensinar classes de habilidades sociais, para isso foi realizada uma revisão de literatura. Em seguida, pretende-se fazer uma análise crítica diante do panorama da área de jogos educativos para habilidades sociais. Realizou-se um levantamento de publicações nacionais bases de dados eletrônicas. Foram encontrados cinco jogos educativos brasileiros com esses objetivos. Os jogos encontrados foram o “Jogo das emoções” (jogo analógico de cartas para crianças de idade escolar, com objetivo de ensino reconhecer, nomear e expressar as emoções, identificar situações e ações associadas às emoções e expressar compreensão pelo sentimento ou experiência do outro), o "Ilha dos Nativos" (jogo digital de computador *multimouse* cooperativo multijogador para crianças esportistas com objetivo de ensino valores de cooperação, comprometimento e respeito), o "PAR" (jogo digital *multitouch* cooperativo multijogador para crianças com Transtorno do Espectro Autista, Deficiências Intelectuais Leves e Transtornos Invasivos do Desenvolvimento com objetivo de ensino comportamentos de cooperação), "O Espião" (jogo analógico de tabuleiro competitivo multijogador para crianças de oito a 11 anos com objetivo de ensino comportamentos relacionados a prevenção de *bullying*, inclusive empatia, habilidades de resolução de problemas interpessoais e assertividade) e o "*Space Ability*: fazendo contato com *Aliens*" (jogo analógico de tabuleiro cooperativo multijogador para crianças de nove a 12 anos com objetivo de ensino Habilidades Sociais Acadêmicas). A produção nacional de jogos educativos com objetivos específicos de ensinar habilidades sociais tem crescido desde 2009. A respeito dos tipos dos jogos, todos os jogos são multijogador, esse dado corrobora a necessidade de tornar o jogo uma situação social para que comportamentos sociais sejam emitidos e assim modelados, uma vez que a exposição às contingências é decisiva para a aprendizagem e o aperfeiçoamento de habilidades sociais. Além disso, a maioria dos jogos podem funcionar de modo cooperativo, o que vai ao encontro da literatura. Diante da análise dos objetivos de ensino dos jogos, percebe-se que os jogos abarcam a maioria das classes de habilidades sociais. No que concerne à avaliação

dos jogos, apenas quatro apresentaram avaliação quanto ao cumprimento dos objetivos de ensino, sendo que um dos estudos não avaliou de maneira específica as habilidades sociais. Dentre os três estudos que avaliaram especificamente as habilidades sociais apenas dois fizeram uso de avaliação multimodal. Diante da complexidade de avaliar comportamentos sociais, a literatura aponta a necessidade de avaliação multimodal, uma vez que fornece diferentes indicadores (frequência, adequação, dificuldade e importância de comportamentos sociais) que permitem mapear de forma mais completa e precisa o repertório de habilidades sociais dos participantes. A respeito dos resultados, todos os estudos que avaliaram as habilidades sociais demonstraram resultados positivos indicando que o uso de jogos com essa finalidade pode ser uma tecnologia promissora para o desenvolvimento de repertório social.

Apresentação 2 | A APRENDIZAGEM COOPERATIVA POR MEIO DE UM JOGO EDUCATIVO PARA CRIANÇAS PRATICANTES DE ESPORTE

André Luiz Thieme (UFSC), Emílio Takase (UFSC), Daniela Karine Ramos (Unifebe) e Cristina V. dos Santos (Faculdade Avantis)

Jogos podem ser reconhecidos por apresentarem características como objetivos, regras, feedback e narrativa. A interação entre essas características pode proporcionar ao jogador a experiência de fluxo, ou seja, experiência de total imersão na tarefa. Os jogos podem ter diferentes formatos, tipos e fazer uso de diferentes tecnologias, como consoles, computadores ou celulares. Além disso, existem jogos individuais ou coletivos. Neste estudo, avaliou-se um jogo em grupo, no qual as crianças conseguem avançar ao trabalharem juntas, tornando a aprendizagem de comportamentos cooperativos divertida. O jogo avaliado é o Ilha dos Nativos, um jogo eletrônico *multimouse*, desenvolvido pelo Laboratório de Educação Cerebral com a possibilidade de incluir até três jogadores compartilhando a mesma tela, cada um com o seu *mouse*. A proposição do uso o jogo visava melhorar comportamentos na quadra de esporte e na vida, como possibilidade de crescimento pessoal, em um programa esportivo intitulado “Atletas do Futuro”. O objetivo do trabalho é avaliar a influência do jogo “Ilha dos Nativos”, que tem como estratégia a cooperação entre pares, sobre a qualidade da interação dos participantes de um programa esportivo, durante e após o uso do jogo. O método adotado foi pesquisa descritiva, no qual as crianças fizeram uso do jogo eletrônico. Participaram da pesquisa, crianças com idade média de 10,2 anos (±0,9), praticantes de esporte no programa esportivo que atende a várias comunidades localizadas próximas à Universidade Federal de Santa Catarina. As crianças foram entrevistadas com roteiro semi-estruturado abordando informações sobre a familiaridade com tecnologia e jogos eletrônicos, um instrumento de avaliação sociométrica, que acessou índices de mutualidade, congruência e aceitação e essas avaliações foram replicadas no final da pesquisa. Observações foram realizadas com o auxílio de gravações de vídeo durante a interação com o jogo e analisadas através de registro contínuo de todas as ocorrências e por amostra instantânea em intervalo de tempo. O programa realiza avaliações periódicas das atitudes das crianças e essas

avaliações também foram analisadas. Os resultados obtidos por meio de observação revelaram que durante a interação com o jogo as crianças passaram a maior parte tempo imersas, ou seja, olhando fixamente para a tela (em média 868,29 segundos de 900) e as categorias de observação instantânea registradas representam comportamentos Social e Não Social de forma equivalente. Nenhuma dessas categorias apresentou diferença significativa entre meninos e meninas. A avaliação periódica de quem jogou apresentou diferença significativa em seis dos dez quesitos avaliados pelo instrutor enquanto de quem não jogou, não apresentou diferença. Na avaliação sociométrica os índices de mutualidades, congruência e aceitação aumentaram significativamente no final do experimento. Os resultados obtidos nesta pesquisa podem ser generalizados apenas para os participantes do projeto no qual ele foi inserido (Atletas do Futuro), pois sua aplicação se deu nessas condições. Isso implica também na participação do instrutor do programa como peça fundamental, ao trazer para a discussão com as crianças, elementos trabalhados previamente no jogo.

Apresentação 3 | “SPACE ABILITY”: UM JOGO PARA O ENSINO DE HABILIDADES SOCIAIS ACADÊMICAS PARA CRIANÇAS

Raissa Roberti Benevides (UFSCAR), Silvia Regina de Souza (UEL)

Jogos educativos são eficazes no ensino de comportamentos complexos. O uso de jogos para o ensino de habilidades sociais pode ser uma ferramenta útil na medida em que cria situações sociais para que os jogadores emitam comportamentos sociais que possam ser consequênciados e modelados. Nesse sentido, a literatura indica o uso de jogos cooperativos nessa área em virtude da competitividade atrapalhar o ensino de habilidades sociais. Este trabalho objetiva apresentar o jogo cooperativo de tabuleiro “*Space Ability*: fazendo contato com *Aliens*”, desenvolvido de acordo com o design iterativo e que tem por finalidade o ensino de habilidades sociais acadêmicas a crianças de nove a 12 anos, bem como descrever o processo de avaliação do jogo. O jogo é composto por cinco discos: o disco central (universo) e laterais (planetas de ensino e teste). Cada planeta de ensino possui um conjunto de comportamentos-objetivo que pretende ensinar. O peão dos jogadores é posicionado no centro do universo. Os jogadores (mínimo dois) devem decidir qual dos planetas visitar e caminham com o peão por meio da rolagem do dado. Em cada planeta de ensino devem solucionar missões e retornar ao disco universo. Ganham a partida se retornarem para o universo com mais estrelas do que quando iniciaram. Pretende-se por meio do jogo criar situações de aprendizagem de desempenho social por meio da escolha de respostas adequadas para cada uma das situações especificadas durante a realização das missões. Na avaliação, investigaram-se os efeitos do jogo sobre os comportamentos da classe de habilidades sociais acadêmicas de quatro crianças, com idade entre nove e dez anos, com observação de seus comportamentos em sala de aula. Primeiramente, aplicou-se o inventário SSRS (Gresham & Elliot, 2016) em uma sala de aula para seleção de participantes, foram escolhidos quatro participantes que apresentaram repertório deficitário e passaram no teste de verificação de leitura. Em seguida, realizaram-se quatro sessões de observação em sala de aula (Pré-

intervenção), oito sessões de jogo, seguidas de sessões de observação (Intervenção), e a reaplicação do inventário seguidas de quatro sessões de observação (Pós-Intervenção). Verificou-se aumento na porcentagem de comportamentos adequados em sala de aula, sendo a porcentagem estatisticamente significante para o P21 e o P22. Contudo, no período de pós-intervenção, a porcentagem de comportamentos inadequados aumentou. Esses resultados indicam que, embora, o jogo seja efetivo em desenvolver habilidades sociais acadêmicas, é importante que o ambiente da sala de aula esteja preparado para liberar consequências que tornem a emissão desses comportamentos mais prováveis.

SIMP 4- FATORES DE RISCO E DE PROTEÇÃO NA ADOLESCÊNCIA

Coordenador: Josiane Rosa Campos (Instituição: INAC- Instituto de Análise do Comportamento de Ribeirão Preto)

Os adolescentes com desenvolvimento típico, desenvolvimento não típico ou que apresentam problemas de comportamento podem vivenciar múltiplos contextos de interação, seja a escolar, a familiar, com os pares, bem como podem estar expostos a escolhas profissionais e questões de saúde mental. Nesse sentido, as habilidades sociais e demais variáveis podem ser cruciais para que o adolescente apresente maior qualidade nos relacionamentos interpessoais, maior sucesso para o desempenho acadêmico, e apresente desfechos mais positivos para sua saúde mental. Foi considerando as diferentes necessidades dos adolescentes de distintos contextos que o presente simpósio teve por objetivo principal relatar os dados de pesquisas com as temáticas gerais: escolha profissional, paralisia cerebral e problemas de comportamento, as habilidades sociais, demais variáveis e os fatores de proteção e os de risco envolvidos para cada uma delas. A primeira apresentação denominada “Habilidades sociais, autoeficácia para a escolha profissional e expectativas de futuro de adolescentes: considerações sobre sexo, idade e histórico de reprovação”, as autoras tratam de comparar as habilidades sociais, a autoeficácia para a escolha profissional e as expectativas quanto ao futuro, considerando as diferenças por sexo, idade e histórico de reprovação escolar e discutem as influências dos papéis de gênero tradicionais, idade e histórico de reprovação escolar sobre as relações interpessoais dos adolescentes. A segunda apresentação denominada “Adolescente sem fala articulada: análise das relações interpessoais por meio de um programa de promoção das habilidades sociais”, a autora descreve e analisa o processo interacional de alunos sem fala articulada junto a seus interlocutores através de uma avaliação multimodal (Inventário de Habilidades Sociais para Pessoas Não Oralizadas - IHSPNO, entrevista com as professoras e questionário com os familiares); verifica os efeitos do Programa de Promoção das Habilidades Sociais junto aos adolescentes não falantes promovido pela pesquisadora em parceria com as graduandas em Pedagogia; relata a elaboração de um manual de aplicação com os procedimentos, as atividades e os recursos de comunicação alternativa utilizados no programa de promoção das habilidades sociais. A terceira apresentação, denominada “Variáveis

acadêmicas, familiares, interpessoais, saúde e sociodemográficas como preditoras de problemas comportamentais em adolescentes", as autoras identificam as variáveis acadêmicas, familiares, interpessoais, saúde e sociodemográficas que podem ser preditivas para problemas de comportamento de adolescentes e discutem as implicações desses dados para a saúde pública. Considera-se que essas pesquisas possam contribuir para a aquisição de conhecimento de quais habilidades sociais e demais variáveis são mais importantes para cada área do conhecimento.

Apresentação 1 | HABILIDADES SOCIAIS, AUTOEFICÁCIA PARA A ESCOLHA PROFISSIONAL E EXPECTATIVAS DE FUTURO DE ADOLESCENTES: CONSIDERAÇÕES SOBRE SEXO, IDADE E HISTÓRICO DE REPROVAÇÃO

Vanessa Barbosa Romera Leme (UERJ-RJ), Gisele Aparecida de Morais (UNIVERSO-RJ)

Durante o Ensino Médio (EM), os adolescentes vivenciam uma pressão maior sobre a necessidade de tomar decisões acerca de seu futuro profissional, sendo que as tensões experienciadas nesse momento podem gerar dificuldades interpessoais e até mesmo o adoecimento. Em virtude disso, percebe-se que os estudantes do EM vivenciam uma etapa da vida que dispensa um olhar especial, qual seja a iminência de um novo processo de transição tanto interpessoal quanto profissional. Nessa perspectiva, existem variáveis que funcionam como fatores de proteção ao desenvolvimento saudável dos adolescentes e podem ser trabalhadas no contexto escolar. Dentre elas estão as habilidades sociais (HS), a autoeficácia para a escolha profissional (AEP), as expectativas quanto ao futuro (EF). Essas variáveis são recursos pessoais que podem ajudar os adolescentes a superar barreiras que, por vezes, se colocam em seu percurso de desenvolvimento social e acadêmico e os deixam expostos a comportamentos de risco e/ou problemas socioemocionais. Pesquisas indicam que variáveis demográficas, tais como sexo e idade influenciam os comportamentos dos adolescentes na transição para a vida adulta. Diante disso, à luz da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, o objetivo deste estudo foi comparar as habilidades sociais, a autoeficácia para a escolha profissional e as expectativas quanto ao futuro, considerando as diferenças por sexo, idade (grupo 14-16 anos; grupo 17-20 anos) e histórico de reprovação escolar. Participaram do estudo 436 estudantes que frequentavam do 1º ao 3º ano do EM de escolas públicas e particulares do Estado do Rio de Janeiro, com idade entre 14 e 20 anos, sendo 56,9% do sexo feminino. Os participantes responderam ao Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes, à Escala de Autoeficácia para a Escolha Profissional, à Escala de Expectativas Futuras e ao Questionário com informações demográficas. Os resultados indicaram que as meninas apresentaram mais AEP para coleta de informações ocupacionais, busca de informação profissional prática, planejamento de futuro, HS de empatia, civilidade e assertividade e EF em relação ao trabalho e à educação, ao casamento e à igreja que os meninos. Com relação à idade, os adolescentes com idade entre 14 e 16 anos (n=260) apresentaram mais HS de assertividade e mais EF com relação à igreja e menos AEP para coleta de

informações ocupacionais do que mais velhos (n=176). Os adolescentes com histórico de reprovação escolar (n=78) apresentaram menos HS de empatia e assertividade, menos EF com relação à igreja e menos AEP para planejamento futuro que os estudantes sem vivência de reprovação. São discutidas as influências dos papeis de gênero tradicionais, idade e histórico de reprovação escolar sobre as relações interpessoais dos adolescentes. As informações obtidas com o estudo poderão ser utilizadas em programas de intervenção com os estudantes, familiares e professores.

Apresentação 2 | ADOLESCENTES SEM FALA ARTICULADA: ANÁLISE DAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS POR MEIO DE UM PROGRAMA DE PROMOÇÃO DAS HABILIDADES SOCIAIS

Patricia Lorena Quiterio (UERJ-RJ)

O adolescente com paralisia cerebral não falante pode apresentar dificuldade de expressar seus sentimentos e pensamentos de forma eficiente, prejudicando seu desenvolvimento acadêmico e social. Os objetivos desta investigação foram: a) descrever e analisar o processo interacional de alunos sem fala articulada junto a seus interlocutores através de uma avaliação multimodal (Inventário de Habilidades Sociais para Pessoas Não Oralizadas - IHSPNO, entrevista com as professoras e questionário com os familiares); b) verificar os efeitos do Programa de Promoção das Habilidades Sociais junto aos adolescentes não falantes promovido pela pesquisadora em parceria com as graduandas em Pedagogia e; c) elaborar um manual de aplicação com os procedimentos, as atividades e os recursos de comunicação alternativa utilizados no programa de promoção das habilidades sociais. A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética da UERJ (processo nº. 017.3.2008). Participaram 07 alunos com paralisia cerebral e 06 graduandas em Pedagogia. A metodologia foi composta de dois estudos: A Formação Inicial dos Alunos de Graduação em Pedagogia e O Programa de Promoção de Habilidades Sociais para Alunos Não Oralizados (PPHSANO) com a duração de 55 horas. O programa de Promoção das HS foi baseado em técnicas cognitivas, comportamentais e vivências. As atividades foram confeccionadas e desenvolvidas com recursos da Comunicação Alternativa. Primeiramente, foram analisados os dados da avaliação multimodal. Em seguida, foi elaborado o PPHSANO em parceria com as graduandas de Pedagogia, por meio da metodologia colaborativa. Correlacionando os dados do pré-teste e pós-teste, obtiveram-se os seguintes resultados: os questionários revelaram crescimento nas subclasses de Habilidades Sociais: 5,7% em Empatia, 6,4% em Habilidades básicas de comunicação, 11,1% em Civilidade, 13,1% em Autocontrole e Expressividade Emocional, 13,8% em Assertividade e, 20,6% em Fazer Amizades. O conteúdo das entrevistas sobre o desempenho dos adolescentes, após o processo interventivo revelou avanço significativo. O IHSPNO revelou crescimento nas subclasses: 14,3% em Habilidades Sociais Acadêmicas, 19% em Fazer Amizades, 21,4% em Autocontrole e Expressividade Emocional, 28,6% em Empatia e Civilidade, 28,9% em Solução de Problemas Interpessoais e 39,3% em Assertividade. A análise dos instrumentos revelou que apesar do aumento percentual na subclasse Autocontrole e

Expressividade Emocional, esta continua com baixa frequência. As subclasses Civilidade, Empatia, Solução de Problemas Interpessoais e Habilidades Sociais Acadêmicas que apresentaram frequência parcial passaram a obter uma alta frequência. A subclasse Assertividade avançou do nível parcialmente adequado para adequado. E, por fim, as subclasses Básicas de Comunicação e Fazer amizades que se encontravam com baixa frequência obtiveram alta frequência no pós-teste. Durante todo o programa, atentou-se para que os efeitos fossem generalizados para interações com outros parceiros de comunicação e contextos. O PPHSANO mostrou-se eficaz na ampliação das interações sociais e comunicativas entre jovens falantes e não falantes. Pode-se afirmar que, mediante os dados dos instrumentos de avaliação multimodal, dos relatos dos familiares e das mudanças comportamentais dos adolescentes, que houve ampliação das possibilidades de comunicação em diferentes espaços, como lanchonetes, condomínios, terapias... por meio do uso intencional dos recursos de Comunicação Alternativa possibilitando a interação humana.

Apresentação 3 | VARIÁVEIS ACADÊMICAS, FAMILIARES, INTERPESSOAIS, SAÚDE E SOCIODEMOGRÁFICAS COMO PREDITORAS DE PROBLEMAS COMPORTAMENTAIS EM ADOLESCENTES

Josiane Rosa Campos (INAC), Alessandra Turini Bolsoni Silva (UNESP-BAURU), Marta Regina Gonçalves Correia (UNIFAE), Sonia Regina Loureiro (USP)

Os problemas comportamentais são comuns na adolescência e constituem a base para desenvolvimento de outros problemas de mesma natureza na adultez, sendo considerados uma preocupação à saúde pública. Ao menos 20% da população adolescente pode ser acometida por eles. Dentre os mais prevalentes incluem-se os, antissociais, tais como a quebra de regras sociais e agressividade considerados como problemas comportamentais externalizantes, outra categoria são os problemas comportamentais internalizantes, e incluem depressão, ansiedade e que também abarcam timidez, retraimento, queixas somáticas. Vários estudos utilizando delineamento correlacional, comparativo e analítico têm mostrado associações entre problemas de comportamento de adolescentes e variáveis acadêmicas (desempenho acadêmico), familiares (práticas educativas maternas/cuidadoras), interpessoais (habilidades sociais e competência social), saúde (uso de substâncias) e sociodemográficas (sexo, idade e nível socioeconômico). No entanto, ainda não se tem claro, quais dessas variáveis, ao serem avaliadas conjuntamente, podem ser mais críticas para problemas de comportamento em adolescentes. O estudo se insere nessa lacuna, tendo por objetivo identificar as variáveis acadêmicas, familiares, interpessoais, saúde e sociodemográficas que podem ser preditivas para problemas de comportamento de adolescentes. Participaram 300 adolescentes, sendo 70 sem problemas de comportamentos (grupo não clínico) média de 14 anos e 230 com problemas de comportamento (grupo clínico), média de 14,09 anos. A seleção dos grupos com e sem problemas de comportamento foi realizada a partir do Inventário de Autoavaliação do Adolescente-YSR (Achenbach & Rescorla, 2001). Uma análise

do χ^2 quadrado mostrou que a amostra clínica e não clínica não apresentaram diferenças estatisticamente significativas. Em outras palavras, as amostras são equivalentes quanto à: idade, sexo, escolaridade. Os instrumentos utilizados foram: Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes (IHSA-Del Prette), Inventário de Autoavaliação do Adolescente-YSR, Inventário de Estilos Parentais- IEP, Critério Brasil- Critério de Classificação Econômica Brasil, Drug Use Screening Inventory (DUSI). Foi utilizada Regressão Logística Múltipla para análise dos dados, tendo como variável dependente ou predita os problemas de comportamento. As variáveis independentes foram: desempenho acadêmico, práticas educativas maternas/cuidadoras, habilidades sociais, competência social, uso de substâncias, sexo, idade e nível socioeconômico. As variáveis que foram significativas para o modelo e apresentaram poder preditivo para problemas de comportamento foram: baixo Autocontrole foi fator de risco, e maior frequência de Desenvoltura social e baixa frequência de abuso físico e negligência materna/cuidadoras foram fatores de proteção. O modelo avaliado apresentou razoável poder preditivo. Serão discutidas, detalhadamente, todas as variáveis preditoras, o valor preditivo do modelo, os alcances, limitações e implicações dos dados desta pesquisa para a saúde pública.

SIMP 5- HABILIDADES SOCIAIS EM JOVENS ADULTOS: CARACTERÍSTICAS SÓCIO DEMOGRÁFICAS, ADAPTAÇÃO E PREPARAÇÃO PROFISSIONAL NA UNIVERSIDADE

Coordenador: Adriana Benevides Soares (UERJ - RJ)

A entrada no Ensino Superior é motivo de comemoração para muitos jovens adultos, pois conquistaram com esforço seu lugar na universidade, ultrapassando uma barreira social de aceitação e muitas vezes atendendo as demandas dos pais ou da família. Devido às mudanças que o aluno encontra no Ensino Superior, a adaptação pode ser dificultada pois, além das expectativas criadas existem mudanças críticas que dizem respeito a vida no ambiente universitário. É um espaço de formação profissional em que o aluno deve transitar da teoria para prática. Além disso o jovem aluno está frequentemente também ingressando na vida adulta e transitando de uma fase de adolescente para a adulta com todas as responsabilidades que ela exige. Tudo isso pode trazer diversas dificuldades no processo de adaptação à universidade e posterior transição para o mercado de trabalho. Estudos mostram que um bom repertório de habilidades sociais pode contribuir para o desempenho socialmente competente, o que pode estar associado a qualidade das vivências acadêmicas e do rendimento acadêmico. Por outro lado, as experiências da vida na Universidade constituem elementos de aprendizagem não somente acadêmicas, mas também sociais. Diante das peculiaridades dos jovens estudantes o presente simpósio objetiva apresentar e discutir dados empíricos sobre as habilidades sociais em jovens adultos (no primeiro estudo), em adaptação ao espaço universitário (segundo estudo) e na formação profissional (terceiro estudo). O objetivo do primeiro estudo foi comparar as habilidades sociais de jovens adultos, considerando as diferenças por sexo, idade,

nível socioeconômico e situação laboral. Foi verificado que os jovens apresentaram maiores níveis de habilidades sociais de enfrentamento e autoafirmação com risco e autocontrole na agressividade que as mulheres e que os de baixo nível socioeconômico apresentaram menos habilidades sociais de enfrentamento e autoafirmação com risco em comparação com os jovens de alto nível socioeconômico. O segundo teve como objetivo relacionar habilidades sociais, expectativas acadêmicas e adaptação à Universidade, bem como verificar o impacto das habilidades sociais e das Expectativas Acadêmicas na adaptação dos discentes do Ensino Superior. Foi constatado que habilidades sociais e expectativas acadêmicas juntos explicam em parte a adaptação dos estudantes. O terceiro estudo avaliou a habilidade de empatia em acadêmicos do curso de psicologia e mostrou que os estudantes demonstraram possuir habilidades bastante importantes para a sua futura profissão de psicólogos, com alto índice de empatia.

Apresentação 1 | HABILIDADE SOCIAIS NA ADULTEZ EMERGENTE: CONSIDERAÇÕES SOBRE VARIÁVEIS DEMOGRÁFICAS

Vanessa B. R. Leme (UERJ - RJ), Susana Coimbra (UERJ - RJ), Anne Marie Fontaine (UERJ - RJ); Ana Carolina Braz (UERJ - RJ); Amanda Oliveira Falcão (UERJ - RJ); Gisele Aparecida de Morais (UERJ - RJ); Luana de Mendonça Fernandes (UERJ - RJ); Ana Maria Nunes El Achkar (UERJ - RJ)

As últimas décadas foram caracterizadas por mudanças sociais, políticas e econômicas nas sociedades industrializadas que culminaram em novos desafios e modos de vida para os jovens durante a transição para a vida adulta. Dentre essas mudanças, destaca-se o prolongamento do tempo dedicado ao estudo, devido à maior instabilidade profissional e dificuldade de inserção no mercado de trabalho, postergação do casamento e nascimento dos filhos. Tais alterações levaram ao surgimento do conceito da “Adultez Emergente” que visa investigar variáveis psicológicas e sociais dos jovens com idade entre 18 e 29 anos que não se percebem nem como adultos, nem como adolescentes. Durante a transição para a vida adulta, pesquisas têm apontado que as habilidades sociais funcionam como fatores de proteção por favorecer, dentre outros, o relacionamento com pares, parceiros afetivos e membros da família, assim como na prevenção de sintomas de depressão e ansiedade. Habilidades sociais como as de expressão de sentimentos, empatia, civilidade ou assertividade são recursos pessoais privilegiados pela sua potencialidade de proteger os jovens adultos de situações adversas, em diferentes contextos (como familiar, educativo, do trabalho e clínico) e promover a sua saúde mental. Estudos indicam que variáveis demográficas, tais como sexo, nível socioeconômico e local de residência têm um impacto significativo nos modos e nos timings da transição para a vida adulta. Diante disso, à luz da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, o objetivo deste estudo foi comparar as habilidades sociais de jovens adultos, considerando as diferenças por sexo, idade, nível socioeconômico (baixo, médio e alto) e situação laboral. Participaram 434 jovens adultos de ambos os sexos (idade entre 18 e 29 anos), solteiros e sem filhos

provenientes majoritariamente do Estado do Rio de Janeiro. Os instrumentos utilizados foram: Inventário de Habilidades Sociais; Questionário demográfico; Critério de Classificação Econômica Brasil. Foram realizadas estatísticas descritivas e paramétricas (análise de variância one-way e teste t de Pearson). Os resultados indicaram que os jovens (n=174) apresentaram maiores níveis de habilidades sociais de enfrentamento e autoafirmação com risco e autocontrole na agressividade que as mulheres. Em relação ao nível socioeconômico, os jovens de baixo nível socioeconômico (n=109) apresentaram menos habilidades sociais de enfrentamento e autoafirmação com risco em comparação com os jovens de alto nível socioeconômico (n=110). Não foram encontradas diferenças significativas nas habilidades sociais em relação à idade (grupo idade de 18 a 14 anos: n=353; grupo idade de 25 a 29 anos: n=81) e à situação laboral (trabalhando sim: n=237; não: n=197). Ao ser investigado a percepção dos jovens acerca de terem alcançado a vida adulta, os resultados indicaram que 55,5% responderam “Em parte”, 33,2% “Sim” e 11,3% “Não”. São discutidas as influências das condições socioeconômicas e dos papeis de gênero tradicionais sobre o desenvolvimento interpessoal dos jovens. Programas de intervenção para promoção de saúde mental dos jovens são propostos.

Apresentação 2 | EXPECTATIVAS ACADÊMICAS E HABILIDADES SOCIAIS NA ADAPTAÇÃO À UNIVERSIDADE

Adriana Benevides Soares (UERJ - RJ), Zeimara de Almeida Santos (Universidade Salgado de Oliveira), Ageu Cleon de Andrade, Marisangela Siqueira de Souza (Universidade Salgado de Oliveira)

O ingresso no Ensino Superior significa a realização de um sonho para muitos jovens, porém juntamente com essa conquista podem surgir dificuldades: falta de informação sobre a realidade que envolve a universidade e expectativas muitas vezes irreais relacionadas a esse contexto. A adaptação a esta nova realidade pode representar um momento difícil e de muitos desafios para os universitários, pois terão que se adequar a novos métodos de estudo, lidar com críticas, falar em público, superar a separação da família, a frustração em relação a algumas expectativas trazidas e novas relações interpessoais. Sendo assim, o aluno pode ficar suscetível a crises de ansiedade, desmotivado e até optar por abandonar o curso e/ou a instituição escolhida. Nesse sentido, a adaptação acadêmica surge como indicador de sucesso profissional e institucional, pois reflete a percepção subjetiva dos estudantes em relação à qualidade pessoal e interpessoal da experiência acadêmica. Alguns estudos empíricos buscaram relacionar expectativas acadêmicas e as habilidades socais em alunos universitários à adaptação acadêmica separadamente seja comparando iniciantes e concluintes, áreas do conhecimento ou ainda estudantes trabalhadores e não trabalhadores. Apesar da literatura reconhecer a importância desses fatores, a teoria e a investigação neste âmbito revelam dificuldades em integrá-los. Constatada a carência de estudos relacionando os três construtos, o presente estudo teve como objetivo relacionar habilidades sociais, expectativas acadêmicas e adaptação à Universidade, bem como verificar o impacto das HS e das Expectativas Acadêmicas

na adaptação dos discentes do Ensino Superior. Participaram 177 estudantes (126 mulheres e 51 homens), com idades variando de 17 a 44 anos. Dentre os participantes 92 (52,0%) eram de instituições públicas e 85 (48,0%) de privadas; 82 (46,3%) estavam matriculados no primeiro período, 88 (49,7%) no segundo, 4 (2,3%) no terceiro e 3 (1,7%) não informaram; 44 (24,9%) eram da classe A, 84 (47,5%) da B, 49 (27,7%) da C. Os instrumentos utilizados foram o Inventário de Habilidades Sociais (IHS - Del Prette), o Questionário de Envolvimento Acadêmico (QEA) versão A e o Questionário de Vivências Acadêmicas (QVA-r). Foi encaminhada e aprovada a proposta da pesquisa no Comitê de Ética da Universidade. Todos os participantes assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Constatou-se que os construtos HS e Expectativas Acadêmicas juntos explicam 4,8% da adaptação dos estudantes. Estes achados contribuem para o entendimento do processo de ajustamento ao contexto universitário, pois ampliam a percepção das dificuldades vivenciadas pelos alunos na academia. De forma geral, destaca-se a necessidade de pesquisas futuras que associem os construtos habilidades sociais e adaptação à Universidade para a promoção de rotinas de apoio aos estudantes e para propiciar um ambiente salutar, com sala de aconselhamentos, tutoria dos veteranos e programas de intervenção que objetivem o ajustamento e acolhimento do discente à Educação Superior. Também podem ser concebidos programas de Treinamento em Habilidades Sociais para que os alunos lidem melhor com suas relações interpessoais e alcancem melhor desempenho acadêmico.

Apresentação 3 | HABILIDADES SOCIAIS E EMPATIA EM ACADÊMICOS DE PSICOLOGIA

Marcia Fortes Wagner (Faculdade Meridional), Simone Nenê Portela Dalbosco (Faculdade Meridional), Cleuza Elizabete Chaves (Faculdade Meridional)

Habilidades sociais podem ser compreendidas como comportamentos de um indivíduo necessários para um bom desempenho social. Dentre as habilidades sociais, a empatia se destaca pela sua importância no contexto das relações interpessoais, visto que é uma habilidade de comunicação considerada de grande importância para o desenvolvimento saudável. Nesse sentido, é possível conceituar empatia como a competência de compreender sentimentos e ser sensível ao ponto de vista do outro, demonstrando reações que expressam essa compreensão e sentimento. A definição de empatia está sendo utilizada como um marco para incluir um conjunto de processos possíveis de diferenciar desde o ponto de vista de seu desenvolvimento, de seu pensamento e suas implicações, bem como suas consequências comportamentais. O presente estudo objetiva avaliar a habilidade de empatia em acadêmicos do curso de psicologia, a partir da aplicação do Inventário de Empatia (IE), para confirmar a hipótese que indivíduos em formação na área da psicologia apresentam bom nível de empatia. É um estudo quantitativo, observacional. A amostra constituiu-se por 56 estudantes de Psicologia de uma instituição de ensino superior do interior do Rio Grande do Sul, sendo 85,7% (n= 48) mulheres e 14,3 % (n= 8) homens. A idade média dos participantes foi 25,80 anos

(DP=10,12), com variação de 8 a 57 anos. Em relação ao estado civil, 82,1% (n= 46) da amostra eram solteiros, 14,3% (n= 8) casados e 3,6% (n=2) divorciados. Quanto à atividade remunerada, a maior parte da amostra, 60,7% (n =34) possuía um trabalho remunerado, 55,4% (n=31) afirmaram ter renda familiar entre R$ 1.500,00 a 2.000,00 e averiguou-se que 60,7% (n=34) residiam com os pais. Em relação aos resultados encontrados, a idade média dos participantes foi 25,80 anos (DP=10,12), dos quais 85,7% (n= 48) eram mulheres, enquanto 14,3 % (n= 8) eram homens, sendo que, no estado civil, a maioria da amostra, 82,1 % (n= 46) eram solteiros. Na aplicação do IE, todos os fatores apresentaram escores acima da média, sendo a mais alta a tomada de perspectiva com 44,7%, indicando que os alunos não demonstraram dificuldade em compreender as perspectivas e sentimentos de outra pessoa, especialmente em situações geradoras de conflito. Na sequência, a flexibilidade interpessoal com 32,9% comprova que existe muita atenção e cuidado pelo estado emocional do outro. Já a sensibilidade afetiva obteve 36,7% apontando que os referidos acadêmicos conseguem aceitar pontos de vistas diferentes, não aborrecendo-se em situações de conflito de interesses e frustração interpessoal. O altruísmo com 31,8% evidenciou que não apresentam tendência egoísta. Os achados do presente estudo permitem concluir que os sujeitos da presente amostra demonstraram possuir habilidades bastante importantes para a sua futura profissão de psicólogos, tais como alto índice de empatia, entendimento das perspectivas e sentimentos com relação ao outro, mesmo em situações de conflito de interesses, expressando sentimentos de compaixão e preocupação pelo estado emocional dos outros, bem como capacidade para tolerar comportamentos, atitudes e pensamentos de terceiros. Este resultado vem ao encontro da literatura que considera a empatia uma habilidade imprescindível para o bom desempenho profissional de um psicoterapeuta.

SIMP 6- HABILIDADES SOCIAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL

Coordenador: Vanessa Barbosa Romera Leme (UERJ - RJ)

A adaptação ao contexto escolar pode ser concebida como um conceito relacional entre diferentes núcleos (processo, pessoa, tempo, contexto). Dificuldades de relacionamento são frequentes em ambientes educativos coletivos, o que constitui condição preocupante, pois a exposição cotidiana dos estudantes às situações de confronto ou rejeição é condição de risco ao desenvolvimento. Os anos do Ensino Fundamental caracterizam-se como um momento importante para o educando porque pode levar a uma trajetória escolar de sucesso nas próximas etapas acadêmicas ou aumentar a chance de os alunos apresentarem baixo desempenho escolar e problemas socioafetivos, assim como evadirem ou abandonarem a escola. Por um lado, estudos têm sinalizado que problemas de comportamento, percepção de estressores escolares e reprovações podem ser considerados como fatores de risco porque aumentam a chance de os estudantes apresentarem desfechos negativos em aspectos acadêmicos e sociais. Por outro lado, pesquisas têm evidenciado que relações interpessoais positivas entre professor-aluno-família atuam como fatores de proteção na medida em que podem impedir ou atenuar os efeitos prejudiciais dos

fatores de risco e/ou, ainda, promover o desenvolvimento de outras competências. Assim torna-se clara a relevância do conhecimento do contexto escolar e os diferentes atores envolvidos no processo. Contudo, são poucos os estudos que adotam uma perspectiva ecológica, isto é, que analisam de maneira dinâmica os processos e contextos imediatos e remotos que influenciam o indivíduo, assim como os fatores de risco e de proteção em seu entorno. Desse modo, o presente simpósio irá apresentar resultados científicos de pesquisas realizadas por investigadores que adotam tal concepção ecológica para a compreensão das relações interpessoais. A primeira apresentação trata de dois trabalhos que versam sobre habilidades sociais e estresse (percebido ou sintomas) em seus resultados, com vista a compreensão das relações entre ambas as variáveis no contexto do primeiro ano do EF. A segunda apresentação tem por objetivo expor resultados de treinamentos de professores para o desenvolvimento de habilidades de solução de problemas interpessoais (HSPI), junto a seus alunos em sala de aula. A última apresentação descreve um estudo que teve por objetivo comprar as habilidades sociais, o clima escolar e a autoeficácia acadêmica de estudantes que frequentavam os três últimos anos do Ensino Fundamental, considerando as diferenças por sexo e histórico de reprovação escolar. Os dados das pesquisas apresentados no simpósio ressaltam a importância de se articular variáveis dos alunos e dos seus contextos (família, escola e comunidade) que podem funcionar como fatores de proteção ou risco, frente às dificuldades que surgem no percurso escolar da educação básica.

Apresentação 1 | HABILIDADES SOCIAIS E ESTRESSE INFANTIL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Marta Regina Gonçalves Correia Zanini (UNIFAE), Edna Maria Marturano (FMRP-USP/Ribeirão Preto)

Os Anos Iniciais do Ensino Fundamental (EF) são importantes para o bom ajustamento e aproveitamento escolar. O primeiro ano parece ser crítico por exigir da criança o atendimento às demandas acadêmicas e de adaptação ao novo contexto. Neste período, as exigências podem exceder os recursos e competências apresentadas pelas crianças e resultar em estresse, em contrapartida, as habilidades sociais podem ter um efeito positivo sobre o processo de transição escolar. Os prejuízos decorrentes do estresse infantil são muitos, podendo afetar as relações interpessoais, o desempenho acadêmico e gerar adoecimento, levando a depressão, obesidade, entre outros, comprometendo o desenvolvimento infantil. Neste trabalho apresentaremos dois artigos que tratam sobre habilidades sociais e estresse (percebido ou sintomas) em seus resultados, tendo como amostra crianças que frequentam o primeiro ano do EF. Sob a ótica do Modelo Bioecológico de Urie Bronfebrenner, seu objetivo é compreender as relações entre habilidades sociais e estresse infantil. O primeiro estudo investigou condições associadas à adaptação da criança ao EF avaliando indicadores de desempenho acadêmico, habilidades sociais, problemas de comportamento e estresse, considerando anos na educação infantil - EI, qualidade do EF - Ideb, nível socioeconômico - NSE e sexo. Foram participantes

186 alunos (100 meninos) do primeiro ano do EF e seus professores. O estudo contou com análises comparativas e preditivas. Considerando as duas variáveis de interesse deste trabalho, os resultados indicaram que o estresse percebido nas tensões relacionadas ao papel de estudante foi preditor negativo de responsabilidade e cooperação, em um primeiro modelo, que o considerou em conjunto com Ideb, EI, a localização da escola e também, num segundo modelo, que acrescentou o sexo e nível socioeconômico, os quais também foram preditores positivos. O estresse percebido nas relações interpessoais foi preditor negativo do autocontrole, assim como o sexo da criança, este com efeito positivo. O segundo estudo objetivou comparar crianças do 1º ano do EF com sintomas de estresse e sem sintomas de estresse, em indicadores de ajustamento e competência relacionados ao desempenho acadêmico, social e comportamental, separadamente para meninos e meninas. Participaram da pesquisa 157 alunos, sendo 85 meninos e seus professores. Na comparação entre crianças com estresse e sem estresse, aquelas classificadas na segunda condição, apresentaram maiores médias em asserção positiva, autocontrole, autodefesa, responsabilidade e cooperação e cooperação com pares, além de perceberem menos tensões relacionadas ao papel de estudante e nas relações interpessoais. Meninos com estresse estão em desvantagem em todas as variáveis avaliadas. Entre as meninas se verifica tendência semelhante, porém com menos variáveis envolvidas. Os resultados sugerem uma associação específica entre as habilidades sociais e o estresse que pode ser mediada ou moderada por outras variáveis, tais como o sexo e o NSE. Crianças mais competentes apresentam maior facilidade para se ajustarem às demandas adaptativas da transição. Elas percebem as tarefas adaptativas como menos estressantes, o que supostamente as torna menos expostas aos efeitos adversos do estresse, por isto, estudos envolvendo tais variáveis são importantes para a área da Psicologia com interface com o Desenvolvimento, Educação e Relações Interpessoais.

Apresentação 2 | TREINAMENTO DE PROFESSORES EM HABILIDADES SOCIAIS

Luciana Carla dos Santos Elias (FFCLRP - USP/Ribeirão Preto)

Dificuldades adaptativas precoces, expressas em altos níveis de problemas emocionais e/ou comportamentais no contexto escolar, têm sido associadas a trajetórias desfavoráveis e problemas de comportamento na meninice são preditores de resolução pobre das tarefas de desenvolvimento da fase, relativas ao desempenho escolar e ao relacionamento com os pares. Acreditamos que as dificuldades relacionais devam ser pensadas dentro das condições do processo, pessoas envolvidas, tempo e contexto. Trabalhos junto à comunidade escolar com professores, coordenadores, funcionários e pais são possibilidades de intervenções que podem atuar como fatores de proteção ao aluno, auxiliando na redução de problemas comportamentais na escola e um melhor aproveitamento acadêmico. Diante desse contexto torna-se clara a relevância de instrumentos que possam auxiliar o manejo de sala de aula, a fim de reduzir problemas comportamentais e

proporcionar um melhor aproveitamento acadêmico. A literatura tem apontado para a importância das habilidades de solução de problemas interpessoais (HSPI), associando-as positivamente com o desempenho escolar e negativamente com problemas de comportamento. Tendo em vista que essas habilidades são aprendidas e podem ser desenvolvidas, observa-se o caráter preventivo do treino dessas no contexto escolar. O presente trabalho tem por objetivo apresentar resultados de treinamentos de professores para o desenvolvimento de HSPI junto a seus alunos em sala de aula. Participaram professores da rede pública de ensino de duas diferentes cidades do interior paulista. Inicialmente os professores receberam formação teórico-vivencial e posteriormente supervisão para a aplicação de um programa junto a seus alunos em sala de aula. O programa para o desenvolvimento das HSPI foi aplicado de duas a três vezes por semana, durante um semestre. O programa utilizado é constituído de 40 lições temáticas, sendo que cada lição tem uma história inicial a partir da qual são desenvolvidas as atividades lúdicas propostas que visam fazer a criança pensar na situação. Ao final de cada lição existe um exercício de reforço, a ser realizado no dia seguinte retomando-se o conteúdo trabalhado. As atividades de reforço são atividades lúdicas que envolvem algumas vezes a participação de familiares, assim a criança é estimulada a conversar em casa e trazer informações para compartilhar com os colegas. As crianças que participaram do treinamento junto com suas professoras foram avaliadas em três momentos (antes e após a intervenção e meses após o término da intervenção), quanto às suas HSPI, problemas de comportamento e desempenho acadêmico, através de diferentes instrumentos. Essas avaliações foram feitas diretamente com as crianças, através do relato de pais e professores. Ressalta-se que existiram grupos controle. Foram realizadas análises estatísticas pertinentes, fazendo comparações entre grupos e intra grupos nos diferentes momentos de avaliação. Os resultados mostraram-se significativos nas diferentes variáveis estudadas. Também foram realizadas análises qualitativas dos relatos dos professores durante as supervisões, as quais sinalizaram um aproveitamento importante dos mesmos do processo de formação, gerando mudanças em suas interações com os alunos. Conclui-se que trabalho de intervenção dessa natureza mostra-se viável, podendo atuar como fator de proteção ao desenvolvimento dos alunos e professores.

Apresentação 3 | HABILIDADES SOCIAIS, CLIMA ESCOLAR E AUTOEFICÁCIA ACADÊMICA DE ESTUDANTES NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: CONSIDERAÇÕES SOBRE VARIÁVEIS DEMOGRÁFICAS

Vanessa Barbosa Romera Leme (UERJ-RJ), Amanda Oliveira Falcão (UNIVERSO - RJ)

Informações obtidas pelo Censo Escolar indicam que há nos últimos anos do Ensino Fundamental (EF) altas taxas de abandono e evasão escolar. Desse modo, esse momento da trajetória escolar é crítico para a permanência e conclusão da educação básica e mesmo tempo, um momento apropriado para investigação dos recursos dos alunos e dos seus contextos. O baixo desempenho escolar e as reprovações nessa

etapa educacional podem ser elementos que desmotivam a continuidade dos estudos. A partir disso, os alunos nessa situação podem perceber a escola como um contexto negativo, gerador de problemas. Dessa forma, verifica-se uma necessidade de novos estudos que investiguem principalmente os anos finais do EF, considerando os diversos fatores de risco como, condições precárias de trabalho docente, desmotivação do aluno pela escola, reprovação e problemas interpessoais. Estudos que focalizem as potencialidades dos alunos mostram-se como prioridade, pois saber quais variáveis pessoais e sociais funcionariam como fatores de proteção e promotores do desenvolvimento positivo dos alunos, seria uma maneira eficaz de auxilia-los em sua formação acadêmica e pessoal. Nesse sentido, pesquisas evidenciaram que as habilidades sociais (HS), o clima escolar (CE) e a autoeficácia acadêmica (AEA) são associadas ao bom desempenho escolar e socioemocional dos alunos. Por sua vez, estudos apontam que variáveis demográficas, tais como sexo influenciam os comportamentos dos estudantes ao final do EF. Assim, à luz da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, o objetivo deste estudo foi comprar as habilidades sociais, o clima escolar e a autoeficácia acadêmica, considerando as diferenças por sexo e histórico de reprovação escolar. Participaram 491 alunos, com idade entre 11 e 16 anos, sendo 51,1% do sexo masculino que frequentam o 7º, 8º e 9º ano do E.F. de escolas públicas e particulares na cidade de Juiz de Fora (MG). Os participantes responderam ao Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes, ao Children's Self-Efficacy Scale - Brasil, ao Questionário de Clima Escolar e ao Questionário com informações demográficas. Os resultados indicaram que as meninas apresentaram mais AEA para atividades extracurriculares e lazer e autoeficácia social e maiores níveis de HS de empatia e assertividade. Já os meninos apresentaram mais HS de abordagem afetiva e perceberam melhor o CE na dimensão de relacionamento entre estudantes. Com relação ao histórico de reprovação escolar, os estudantes que informaram ter reprovado pelo menos uma vez (n=115, 23,4%) apresentaram menos AEA para o desempenho acadêmico, aprendizagem autorregulada, atividades extracurriculares, autorregulatória, expectativas em relação aos outros e social e menos CE em relação à ordem e à disciplina e ao relacionamento professor-estudante em comparação aos alunos que nunca reprovaram de ano. São discutidas as influências dos papeis de gênero tradicionais e histórico de reprovação escolar sobre as relações interpessoais e o desempenho escolar dos estudantes ao final do EF. Os resultados poderão ser utilizados em programas de intervenção preventivos e focados na promoção de saúde mental de alunos, pais e professores.

SIMP 7- HABILIDADES SOCIAIS, BURNOUT E SAÚDE MENTAL

Coordenador: Sonia Regina Loureiro (FMRP-USP)

O presente simpósio reúne três apresentações relativas a estudos conduzidos com jovens universitários e residentes médicos, de instituições públicas de formação acadêmica e de treinamento em serviço, enfocando as habilidades sociais e suas associações a variáveis diversas de saúde mental e seus possíveis impactos para o exercício profissional dos envolvidos. Os três estudos destacaram os enfoques

teóricos que sustentam as potencialidades das habilidades sociais como recursos a serem desenvolvidos na formação profissional e suas contribuições para a formação pessoal e profissional dos jovens, assim como para promoção da saúde mental. O estudo 1 teve por objetivo discutir resultados de pesquisas de levantamento, uma brasileira e outra estrangeira, apontando para a presença de correlações negativas, significativas, entre estresse psicológico e a frequência de uso de habilidades sociais por universitários. O estudo 2, teve por objetivo discutir resultados de pesquisa sobre habilidades sociais e saúde mental, realizada com graduandos de Fonoaudiologia e Odontologia, verificando que os déficits de habilidades sociais estão associados a estados de sofrimento psicológico, principalmente, nos primeiros anos dos cursos estudados. O estudo 3 teve por objetivo verificar as associações entre o repertório de habilidades sociais de residentes médicos e as diferentes dimensões da síndrome de burnout, constatando associações significativas de todos os fatores de habilidades sociais com pelo menos uma dimensão de burnout. Analisando-se os dados obtidos nos estudos chama atenção como peculiaridades: a) a discussão sobre os desafios metodológicos propostos pelo estudo 1, ao abordar as habilidades sociais enquanto coping interpessoal, focalizando a relevância da adoção de suporte teórico na sustentação dos delineamentos; b) a ênfase dada no estudo 2, ao desenvolvimento das habilidades interpessoais na relação de cuidado dos profissionais de saúde; e c) o destaque dado no estudo 3, ao papel das habilidades sociais como um potencial fator de proteção no curso do desenvolvimento humano, especialmente, no que se refere ao contexto profissional. Os três estudos, com amostras e instrumentos diversos, constataram as potencialidades das habilidades sociais na formação dos profissionais, em especial aqueles que trabalham na área da saúde, e focalizaram as dimensões de saúde mental implicadas nos contextos de formação e de exercício profissional .Considera-se que os dados apresentados pelos estudos podem contribuir para a proposição de novas pesquisas, por abordarem aspectos relativos aos delineamentos e as implicações para aplicabilidade em contextos formativos.

Apresentação 1 | HABILIDADES SOCIAIS E INDICADORES DE SAÚDE MENTAL EM UNIVERSITÁRIOS DA ÁREA DA SAÚDE.

Dagma Venturini Marques Abramides (USP-BAURU)

O ingresso, a permanência e a conclusão de um curso universitário demandam uma série de adaptações e ajustes acadêmicos e socioemocionais por parte dos estudantes. Eles atravessam um período de vulnerabilidade, uma vez que estão expostos a diversos fatores estressores e encontram-se na faixa etária em que surgem, pela primeira vez, muitas das perturbações mentais graves. Sendo assim, a maneira como o estudante universitário reage frente às experiências vividas e como maneja os estressores presentes neste novo contexto, pode representar uma oportunidade favorável ao desenvolvimento de suas potencialidades, mas também pode contribuir para a emergência de padrões não saudáveis, com risco para sua saúde mental. Vários estudos têm indicado que os desafios enfrentados pelos universitários, de diferentes áreas do conhecimento, podem estar relacionados à alta

prevalência de problemas de saúde mental. Em especial, os estudantes da área da saúde parecem serem mais propensos ao desenvolvimento de transtornos de ansiedade, depressão clínica, fobia social em função da grande variedade de fontes estressoras encontradas no processo de sua formação como ambiente de aprendizagem caracterizado por competitividade entre colegas, excesso de cobrança, atendimentos de casos de difícil diagnóstico e prognóstico, relações tensas com pacientes e seus familiares, pessoal administrativo, carga horária excessiva que dificulta o gerenciamento do tempo para estudo e lazer, entre outros. Adicionalmente, pode ser altamente desafiador o fato de que, além das habilidades e competências técnicas, o universitário da área da saúde tenha que desenvolver habilidades interpessoais na relação do cuidado, em conformidade com a perspectiva da humanização preconizada nas diretrizes curriculares destes cursos. O objetivo desta apresentação é discutir resultados de pesquisa sobre habilidades sociais e saúde mental, realizada com graduandos de dois cursos da área da saúde, Fonoaudiologia e Odontologia, de uma instituição de ensino superior do interior paulista, apontando que o grupo não clínico possui melhor repertório de habilidades sociais; enquanto o grupo clínico apresentou mais dificuldades, com consequências negativas e sentimentos negativos a emissão de seus comportamentos. Os déficits de habilidades sociais tendem pois, a estar acompanhados de estados de sofrimento psicológico, principalmente nos primeiros anos dos cursos estudados. Considerando a lacuna na literatura quanto a estudos com universitários destas duas áreas do conhecimento, destaca-se a relevância da obtenção destes dados para a implementação de medidas de monitoramento de indicadores de saúde mental e de proteção que possam minimizar fatores de risco para o desenvolvimento de patologia psiquiátrica maior. Será discutido ainda, o delineamento de novas pesquisas e a responsabilidade institucional no processo de adaptação e desenvolvimento das potencialidades dos universitários.

Apresentação 2 | HABILIDADES SOCIAIS, COPING INTERPESSOAL E ESTRESSE PSICOLÓGICO EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Fabio Biasotto Feitosa (UNIR)

A teoria transacional de estresse e coping de Richard Lazarus contempla as habilidades sociais (HS) enquanto coping. As HS são recursos pessoais de gerenciamento ou enfrentamento do estresse, concebidas como formas socialmente apropriadas e efetivas de se comunicar e se comportar com os outros. Facilitam a resolução de problemas em conjunto com outras pessoas, aumentam a probabilidade de conquistar cooperação e apoio, e conferem ao indivíduo considerável controle sobre as interações sociais. As HS são aprendidas e quando empregadas pelo indivíduo formam a sua competência no gerenciamento ou no enfrentamento de situações estressantes. Quando o recurso para gerenciar o estresse depende de o indivíduo envolver-se ativamente com outras pessoas, pode-se dizer que se trata de um coping interpessoal. Um tipo de coping interpessoal é o coping focado no relacionamento interpessoal, isto é, abrange os esforços do indivíduo para

administrar, regular e manter relacionamentos durante períodos estressantes. O coping focado no relacionamento interpessoal representa manter e proteger relacionamentos quando estressores ocorrem em contextos interpessoais. O coping não envolve apenas as estratégias focadas no problema e as estratégias focadas nas emoções, mas um terceiro tipo de coping existe: o coping interpessoal. O estresse psicológico (EP), por sua vez, compreende cognições e afetos negativos surgidos quando o indivíduo avalia que demandas excedem suas estratégias de enfrentamento. O coping, quando eficaz, reduz o EP e consequentemente promove e protege a saúde. Feita esta breve exposição pela teoria transacional, é possível compreender as HS, de modo geral, enquanto recursos de coping, e, de modo mais específico, enquanto recursos de coping interpessoal. Uma das formas de testar esse modelo teórico é investigando as correlações entre HS e EP, verificando se as HS operariam a função de coping demonstrando eficácia na redução do EP. O objetivo desta apresentação é expor e discutir resultados de pesquisas de levantamento, uma brasileira e outra estrangeira, apontando correlações negativas significativas entre EP e frequência de uso de HS em universitários. Considerando a teoria transacional e os resultados das pesquisas empíricas, será defendido que as HS são capazes de operar a função de coping. Será mostrado que, na pesquisa brasileira, as HS com maior magnitude de correlação foram aquelas demandadas por situações de confronto, onde emoções negativas tendem a surgir e, por isso mesmo, em situações de maior EP na presença de déficit de HS. Em situações opostas a essas em questão, nas quais HS mais comuns ao dia a dia são requeridas, seria natural esperar pouca ou nenhuma correlação entre elas e o EP, e foi exatamente o que pôde ser encontrado nessa pesquisa. Serão discutidos os desafios metodológicos implicados nas pesquisas sobre HS enquanto coping interpessoal, tais como o significado das correlações em baixa magnitude, a ambiguidade de resultados, a especificidade situacional das HS e do coping, e a necessidade de uma perspectiva teórica que favoreça desenhos de estudos bem controlados no sentido de revelar quais HS seriam mais eficazes do que outras e em quais contextos específicos de interação social com benefícios para a saúde de diferentes populações.

Apresentação 3 | HABILIDADES SOCIAIS E BURNOUT EM RESIDENTES MÉDICOS

Sonia Regina Loureiro (FMRP - USP), Karina Pereira Lima (FMRP - USP)

A residência médica é um período com características reconhecidamente estressantes que podem contribuir para o desenvolvimento da síndrome de burnout, o que influencia a saúde mental dos médicos e a qualidade do atendimento à clientela . Configura-se como lacuna da literatura, estudos que abordem condições de proteção ao burnout, colocando em foco as habilidades sociais, as quais ganham destaque pela relevância das interações interpessoais no exercício profissional do médico. Sob esta perspectiva, o presente estudo se insere nessa lacuna, tendo médicos residentes de diferentes especialidades como fonte de interesse. Teve-se por objetivo verificar as associações entre o repertório de habilidades sociais de residentes médicos e as

diferentes dimensões da síndrome de burnout. Foram participantes, uma amostra de conveniência de 305 médicos residentes do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP, de ambos os sexos, sendo 59% de áreas clínicas e 41% de áreas cirúrgicas, 51 % cursavam anos iniciais da residência médica (primeiro e segundo) e 49% os anos finais (terceiro ao quinto). Procedeu-se a avaliação por meio dos instrumentos: Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette) e Inventário da Síndrome de Burnout (ISB). Os dados foram analisados por procedimentos estatísticos descritivos (média, desvio padrão, frequência, porcentagem) e inferenciais (qui-quadrado com estimativa de odds ratio (OR)), adotando-se o nível de significância de $p \leq 0,05$. De modo geral, os participantes apresentaram um repertório de habilidades sociais satisfatório (60%) e uma taxa elevada de burnout 58%. Verificou-se associações significativas de todos os fatores de habilidades sociais com pelo menos uma dimensão de burnout, com valores de odds ratio sugestivos de uma relação de proteção, a saber: a) Exaustão emocional: escore total (OR = 0,37, $p < 0,001$), autoafirmação na expressão de sentimento positivo (OR = 0,53, $p = 0,01$), conversação e desenvoltura social (OR = 0,30, $p < 0,001$) autoexposição a desconhecidos e a situações novas (OR = 0,50, $p = 0,02$); b) Distanciamento emocional: escore total (OR = 0,31, $p < 0,001$), enfrentamento e autoafirmação com risco (OR = 0,51, $p = 0,01$), autoafirmação na expressão de sentimento positivo (OR = 0,49, $p < 0,01$), conversação e desenvoltura social (OR = 0,37, $p < 0,01$), autoexposição a desconhecidos e a situações novas (OR = 0,47, $p = 0,01$), autocontrole da agressividade (OR = 0,51, $p = 0,01$); c) Realização profissional: autoafirmação na expressão de sentimento positivo (OR = 0,29, $p < 0,01$), conversação e desenvoltura social (OR = 0,34, $p < 0,01$). Tais dados referendam o papel das habilidades sociais, enquanto um potencial fator de proteção no curso do desenvolvimento humano, especialmente no que se refere ao contexto profissional. Considerando-se que habilidades sociais podem ser aprendidas, tais dados sugerem a relevância de programas de treinamento de habilidades sociais, em especial as de comunicação, as quais podem auxiliar os profissionais no exercício de suas atividades.

SIMP 8- HABILIDADES SOCIAIS: AVALIAÇÃO E INTERVENÇÃO EM CONTEXTOS CLÍNICOS

Coordenador: Marcia Fortes Wagner (IMED)

Resumo geral: O estudo das Habilidades Sociais (HS) tem se destacado nos últimos anos, visto a grande relevância do tema na prática clínica da Psicologia e sua aplicação nos mais diferentes contextos. As situações que envolvem relações interpessoais e as HS estão presentes em âmbitos distintos da vida dos indivíduos, como a família, a escola, o lazer, entre outros. Para cada um desses contextos são esperados desempenhos específicos, que irão variar de acordo com o repertório de HS de cada indivíduo. As HS englobam diversos comportamentos necessários para uma relação interpessoal bem-sucedida, como comportamentos de iniciar e finalizar

conversas; pedir ajuda; fazer perguntas e pedidos; defender-se; expressar agrado e desagrado; pedir mudança no comportamento do outro; lidar com críticas e elogios, dentre outros. Como o tema das HS possui uma grande relevância e variabilidade de aplicação, visto que apresentam um importante papel na qualidade de vida das pessoas nas mais diferentes áreas e prejuízos nestas habilidades podem ser um fator desencadeador de transtornos psicológicos, alguns autores têm centralizado suas pesquisas na compreensão e no desenvolvimento dessas HS. Devido ao grande impacto que um repertório deficitário nas HS produz na saúde e qualidade de vida, algumas intervenções têm sido desenvolvidas para o desenvolvimento e tratamento dessas habilidades, sendo o principal deles o Treinamento de Habilidades Sociais (THS). Tais programas de desenvolvimento de HS compreendem uma ferramenta valiosa em todos os níveis de atuação em saúde, sendo útil para minimizar fatores de risco (problemas de comportamento, delinquência, abuso de drogas e quadros clínicos distintos, entre os quais os transtornos de ansiedade) de forma que possa incrementar fatores de proteção ao desenvolvimento humano. O presente simpósio objetiva apresentar e discutir dados empíricos relacionados à avaliação e intervenção na área das HS na Fobia Social, na Síndrome Metabólica e voltados aos problemas comportamentais de mães de adolescentes. O objetivo do primeiro estudo foi comparar as habilidades sociais de jovens adultos, considerando as diferenças por sexo, idade, nível socioeconômico e situação laboral. Já o segundo estudo tem por objetivo apresentar os resultados de um programa de desenvolvimento de HS, caracterizado como uma intervenção grupal com sujeitos com Fobia Social com avaliação pré e pós intervenção. O objetivo do terceiro estudo foi identificar quais variáveis (práticas educativas negativas, habilidades sociais educativas, variáveis contextuais, depressão e ansiedade materna, desempenho acadêmico e competência social do filho) podem ser preditoras de problemas comportamentais de adolescentes, a partir do relato de mães/cuidadoras.

Apresentação 1 | HABILIDADES SOCIAIS: AVALIAÇÃO E INTERVENÇÃO NA FOBIA SOCIAL

Marcia Fortes Wagner (IMED), Simone Nenê Portela Dalbosco (IMED), Suzi Darli Zanchett Wahl (IMED)

Estudos evidenciam uma relação direta entre baixo índice de interação social, déficits nas habilidades sociais e conflitos nos relacionamentos interpessoais, pior qualidade de vida e diversos tipos de transtornos psicológicos. Habilidades sociais (HS) podem ser compreendidas como um conjunto de comportamentos de um indivíduo, ou seja, sentimentos, atitudes, desejos, opiniões ou direitos, expressados de forma adequada à situação, com respeito aos demais, que podem resolver problemas imediatos e minimizar futuros problemas. Relacionam-se a um universo mais amplo das relações interpessoais, voltando-se à assertividade, habilidades de comunicação, resolução de problemas, cooperação e outras provenientes dos rituais sociais. Pesquisadores e clínicos referem que os transtornos ansiosos podem estar associados com frequência a um repertório deficitário de HS em situações não-estruturadas. No contexto da Fobia

Social, muitas situações exigem a utilização de algumas HS, entre elas, tomada de decisão e capacidade de resolução de problemas, autonomia e competência nos relacionamentos interpessoais, tendo em vista que o indivíduo convive em um mundo altamente competitivo, no qual os mais assertivos acabam apresentando melhor desempenho. A Fobia Social está entre os mais comuns de todos os transtornos psicológicos, sendo um quadro clínico que se caracteriza pela presença de um medo acentuado e persistente relacionado a situações sociais ou de desempenho, nas quais o indivíduo venha a sentir vergonha, medo de humilhação e evitação. Estudos referem que o Treinamento de Habilidades Sociais (THS) pode ser considerado como uma opção adequada para o tratamento desse quadro clínico. Em um programa de THS, cabe ao terapeuta auxiliar no processo de modelar e ampliar o repertório social do indivíduo, com o objetivo de modificação dos eventos antecedentes e consequentes. Esse estudo tem por objetivo apresentar os resultados de um programa de desenvolvimento de HS, caracterizado como uma intervenção grupal com avaliação pré e pós intervenção, com amostra de 32 sujeitos com sintomas de Fobia Social. Foram utilizados os instrumentos: Ficha de Dados Sociodemográficos e Questionário de Ansiedade Social para Adultos (CASO). O THS foi desenvolvido em 10 sessões, com os temas: lidar com a ansiedade, assertividade, técnicas de relaxamento, relacionamento interpessoal, falar em público e expressão de sentimentos. Da amostra, 71,9% (n=23) são do sexo feminino e 28,1% (n=9) masculino, com média de idade 25,75 anos (DP= 8,05). Os resultados indicam diferenças significativas no Fator 1 (Falar em público), Fator 2 (Interação com o sexo oposto), Fator 4 (Expressão assertiva de incômodo, desagrado ou tédio) e Fator 5 (Estar em evidência e fazer papel de ridículo). Conclui-se que os participantes tiveram melhora significativa e que o THS demonstrou ser uma intervenção adequada na melhora clínica do tratamento da FS.

Apresentação 2 | SABENDO DIZER “NÃO!”: A IMPORTÂNCIA DO TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS NA SÍNDROME METABÓLICA

Margareth da Silva Oliveira (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul)

A síndrome metabólica (SM) é a combinação de obesidade, dislipidemia, resistência à insulina e hipertensão, ocasionando o risco para doenças cardiovasculares. As doenças cardiovasculares são a principal causa de morte no Brasil, o excesso de peso pode predispor a essas doenças devido a anormalidades no metabolismo dos lipídeos, glicose e pressão arterial. A maioria das pessoas que tenta manter uma dieta saudável falha quando encontra-se em ambientes com ampla disponibilidade de alimentos calóricos e atraentes porque acaba colocando o objetivo de ter prazer através da alimentação antes do objetivo de manter um peso saudável; portanto, os programas de tratamento necessitam inserir nos protocolos de atendimento modelos que possam dar conta de como enfrentar essas barreiras. O presente estudo tem por objetivos apresentar um programa de Treino de Assertividade para pacientes com síndrome metabólica e explanar sobre a importância do treinamento de habilidades de enfrentamento nessa população. Quanto ao método, trata-se de um estudo quase-

experimental com o objetivo de estudar o efeito do Treino de Assertividade, para modificação do estilo de vida de indivíduos com SM. Participaram deste estudo indivíduos adultos com idade entre 19 e 59 anos com SM, que foram recrutados pela mídia impressa e que preencheram os critérios para a SM. A amostra consistiu de 66 adultos, 92,4% do sexo feminino (n=61) e 7,6% do sexo masculino (n=5) com IMC entre 25 e 30. Foram utilizados os seguintes instrumentos para avaliação: Questionário de dados sociodemográficos com medida de IMC e Critérioô socioeconômicos; Adult Self Report (ASR); Questionário de Ansiedade Social para Adultos (CASO); Inventário de Expressão de Raiva como Estado e Traço (STAXI); Escala de Auto-eficácia para Dieta e para Exercício; Teste de Fagerstrom FTND e o Mini-Exame do Estado Mental. Foi realizado na Clínica Escola da Escola de Humanidades da Faculdade de Psicologia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) em pacientes com SM, recrutados apor meio da mídia local e desenvolvido por uma equipe treinada para realizar a avaliação e a intervenção. Foram realizados 12 encontros com duração de 2 horas, nos quais foram trabalhados a habilidade de enfrentamento para situações de alto risco de ingerir alimentos inadequados para uma alimentação saudável com essa população. Serão apresentados dados iniciais desse estudo e a importância do treinamento de habilidades de enfrentamento para essa população. Os dados iniciais apontam para a importância da inclusão de técnicas de assertividade e enfrentamento para situações de risco nos programas de mudança de estilo de vida.

Apresentação 3 | PROBLEMAS COMPORTAMENTAIS DE FILHOS ADOLESCENTES, VARIÁVEIS PREDITORAS: PRÁTICAS, HABILIDADES SOCIAIS, SAÚDE MENTAL MATERNA E PESSOAIS

Josiane Rosa Campos (INAC - Ribeirão Preto), Alessandra Turini Bolsoni-Silva (UNESP- BAURU), Marta Regina Gonçalves Correia Zanini (UNIFAE)

A literatura apresenta vários estudos com delineamentos correlacionais e comparativos apontando para associações entre problemas de comportamento do adolescente e as variáveis práticas educativas maternas, habilidades sociais, depressão e ansiedade materna, e variáveis pessoais do adolescente como desempenho acadêmico e competência social. No entanto, a partir da análise da produção de conhecimento da área, foram identificadas três lacunas. Primeiramente, observou-se que a maioria dos estudos com a temática problemas de comportamento foram conduzidos com o relato apenas do adolescente em detrimento de suas mães/cuidadoras. Posteriormente, pode-se notar que a maioria das práticas educativas investigadas são as negativas em detrimento das positivas e pouco se investiga os contextos nos quais as interações ocorrem. Na terceira lacuna observou-se que, principalmente no cenário cientifico brasileiro, poucos estudos avaliaram conjuntamente todas as variáveis de forma a identificar um modelo preditivo. Nesse sentido, o objetivo do presente estudo foi identificar quais variáveis (práticas educativas negativas, habilidades sociais educativas, variáveis contextuais, depressão e ansiedade materna, desempenho acadêmico e competência social do

filho) podem ser preditoras de problemas comportamentais de adolescentes, a partir do relato de mães/cuidadoras. Participaram 100 mães/cuidadoras, sendo 40 mães/cuidadoras de adolescentes sem indicadores de problemas de comportamento de (grupo não clínico), idade média de 40,38 anos e 60 mães/cuidadoras de adolescentes com indicadores de problemas de comportamento (grupo clínico), idade média de 40,86 anos. Os grupos mostraram-se estatisticamente equivalentes quanto ao estado civil, escolaridade, renda familiar e número de filhos. A seleção dos grupos foi realizada pelo Inventário de Comportamentos da Infância e Adolescência para pré-escolares e escolares (Child Behavior Checklist -CBCL). Os instrumentos utilizados foram: Roteiro de Entrevista de Habilidades Sociais Educativas Parentais (RE-HSE-P), Questionário sobre a saúde do/a paciente -9 (PHQ-9), Child Behavior Checklist - CBCL), Escala de Ansiedade de Beck- BAI. Foi utilizada a Regressão Logística Binária para analisar os dados. Os resultados apontaram que ansiedade materna e baixa frequência de habilidades sociais do filho, no relato das mães, foram fatores de risco para problemas de comportamento do adolescente. A presença de maior competência social, desempenho acadêmico e variáveis contextuais foram fatores de proteção. O modelo classificou corretamente 65,0% os participantes sem problemas de comportamento, apresentando, portanto, razoável especificidade, e classificou corretamente 84,7% os participantes classificados com problemas de comportamento, apresentando alta sensibilidade e bom poder preditivo. O percentual global é de 76,8%, apresentando uma discriminação aceitável. De uma maneira geral, o modelo apresentou bom poder discriminativo. Serão discutidas, de forma detalhada, cada uma das variáveis preditoras, bem como as limitações, alcances e implicações dos dados desta pesquisa.

SIMP 9- NOVOS INSTRUMENTOS PARA AVALIAÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS

Coordenador: Eliane Gerk (Universidade Católica de Petrópolis)

Resumo geral: Serão apresentados três novos instrumentos para investigação das habilidades sociais. A ênfase da discussão estará principalmente na elaboração dos itens, etapa importantíssima na construção de um novo instrumento. A Profª Dra Patrícia Lorena Quitério, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, apresentará o Inventário de Avaliação de Habilidades Sociais para pessoas não falantes, instrumento construído especialmente para alunos com paralisia cerebral, não falantes, que utilizam recursos da Comunicação Alternativa. Tal instrumento resultou de uma adaptação do Sistema Multimídia de Habilidades Sociais para Crianças (SMHSC – Del Prette e Del Prette). A Profª Dra Eliane Gerk, da Universidade Católica de Petrópolis, apresentará um instrumento de avaliação da qualidade da interação familiar, construído em parceria com a Psicóloga Ms Prícila Mendonça Barros da Silva para crianças pré-escolares, não alfabetizadas. O instrumento baseou-se na Escala de qualidade da interação familiar – EQIF, elaborada para avaliar algumas práticas educativas parentais e outros aspectos da interação familiar, como a relação pai e

mãe. O instrumento acessa os aspectos da interação familiar por meio do relato dos filhos. Para investigar a qualidade da interação familiar tal como percebida por crianças de quatro anos, foi desenvolvida um instrumento não verbal adaptado para a população em foco: o EQIFPE. E a Prof Dra Celia Caldeira Fonseca Kestenberg, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, exporá como construiu o Instrumento para avaliação do Comportamento Empático Verbal, destinado a enfermeiros, utilizando a técnica do Incidente Crítico. Trata-se de um Instrumento de Avaliação do Comportamento Empático Verbal (IACEV), utilizando o desempenho de papéis. Como a profissão de enfermeiro é uma das que lida mais de perto com o sofrimento humano, considerou-se que a habilidade social mais importante para estes profissionais seria a empatia. Como estes três instrumentos foram elaborados para avaliação de variáveis e populações bastante distintas, a discussão será sobre os cuidados na elaboração dos itens.

Apresentação 1 | INVENTÁRIO DE AVALIAÇÃO DAS HABILIDADES SOCIAIS PARA PESSOAS NÃO FALANTES

Patrícia Lorena Quitério (UERJ)

A população com paralisia cerebral muitas vezes apresenta dificuldades em diferentes áreas, por conta de encontrar obstáculos no acesso a diferentes pessoas, lugares e objetos para explorá-los e interagir com e sobre eles. A elaboração do Inventário baseou-se na estrutura conceitual do campo teórico-prático das Habilidades Sociais e foi motivada, de um lado, pela escassez de instrumentos de avaliação de Habilidades Sociais de pessoas com deficiência em nosso meio e, por outro, pela importância e necessidade de ampliação dos conhecimentos e de intervenção nessa área.[P1] O objetivo desta investigação foi adaptar o Sistema Multimídia de Habilidades Sociais para Crianças (SMHSC-Del-Prette) para alunos com paralisia cerebral, não falantes, usando recursos da Comunicação Alternativa. A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética da UERJ (parecer COEP nº 057). Construiu-se um Inventário de Habilidades Sociais para Pessoas Não Oralizadas (IHSPNO) composto por vinte itens apresentados em formato de pranchas com imagens que descreviam situações vivenciadas na escola por pessoas com deficiência física sem fala articulada, para a qual o sujeito tem três alternativas de reações: não habilidosa ativa, não habilidosa passiva e habilidosa. As cenas do SMHSC foram adaptadas de acordo com o protocolo de observação das filmagens dos alunos no ambiente escolar. A dimensão das pranchas foi baseada na Escala de Maturidade Mental Columbia, um instrumento de avaliação psicológica utilizado com pessoas que apresentam dificuldades motoras, e cada item foi ilustrado em forma de desenho por um web design. O inventário avalia os seguintes conjuntos de habilidades: autocontrole e expressividade emocional; empatia; civilidade; assertividade; fazer amizades; habilidades sociais acadêmicas e solução de problemas interpessoais. Após análise qualitativa dos itens por especialistas, desenvolveu-se um estudo piloto, com quatro alunos de uma escola especial que apresentavam paralisia cerebral sem fala articulada, sendo três do sexo feminino e um do masculino. A primeira versão do

IHSPNO foi composta por 20 cenas em sistema Likert de cinco pontos. Após a avaliação e reelaboração do instrumento, retirou-se os cartões de indicação de frequência que foram substituídos pela leitura direta das situações e solicitação da emissão da resposta por meio do apontar direto para uma das três opções de reações ou a indicação do “sim” e do “não” quando a examinadora fazia a varredura das opções de resposta. A segunda versão foi aplicada em oito alunos que apresentavam paralisia cerebral ou outra deficiência que comprometia sua oralização, sendo quatro de cada sexo. O IHSPNO foi aplicado nos alunos e em seus professores tendo os alunos como sujeitos focais. Para testar a validade do instrumento foi aplicado o Teste de Wilcoxon-Mann-Whitney (aceita-se Ho para p≤ 0,02) comparando-se as respostas dos alunos com as das suas professoras, o que revelou resultados estatisticamente significantes. Este teste expressa o peso atribuído a cada par de observações, sendo considerado adequado para dados como os deste estudo. O IHSPNO revelou-se um instrumento promissor. Estudos posteriores com maior número de participantes são necessários a fim de analisar a validade, a precisão e a estrutura fatorial do inventário.

Apresentação 2 | CONSTRUÇÃO DA ESCALA DE QUALIDADE DA INTERAÇÃO FAMILIAR PARA PRÉ-ESCOLARES (EQIF)

Eliane Gerk (Universidade Católica de Petrópolis), Prícila Mendonça Barros da Silva (Universidade Católica de Petrópolis)

A qualidade da interação familiar tem sido estudada devido a sua importância para o desenvolvimento socioemocional da criança. Quanto mais cedo for identificada qualquer dificuldade nas relações pais-filhos e consequentemente dificuldades na qualidade da interação familiar, mais se poderá fazer por essa criança. Dar voz à criança numa idade tão precoce é importante por permitir identificar junto a ela qualquer desconforto presente nas relações interpessoais que elas estabelecem. Para a investigação da interação familiar, normalmente são utilizados escalas e questionários para avaliar as relações pais e filhos. Em uma pesquisa na literatura nacional, foi encontrada a Escala de qualidade da interação familiar – EQIF, elaborada para avaliar algumas práticas educativas parentais e outros aspectos da interação familiar, como a relação pai e mãe. O instrumento acessa os aspectos da interação familiar por meio do relato dos filhos. Além desse instrumento, outros foram encontrados, como: Questionário da qualidade da interação familiar na visão dos pais; Questionário da qualidade da interação familiar na visão das mães; Questionário da qualidade da interação familiar na visão dos filhos. Não foram encontrados na base de dados pesquisada estudos com crianças pré-escolares. A partir do grande interesse em investigar a qualidade da interação familiar tal como percebida por crianças de quatro anos, foi desenvolvida um instrumento não verbal adaptado para a população em foco: o EQIFPE. A EQIF é composta por 40 questões em sistema Likert de cinco pontos agrupadas em nove escalas. Seis delas abordam aspectos da interação familiar considerados positivos (envolvimento, regras e monitoria, comunicação positiva dos filhos, clima conjugal positivo, modelo parental, sentimento dos filhos). As outras três referem-se a aspectos considerados negativos (punição

corporal, comunicação negativa, clima conjugal negativo). A presente adaptação para crianças não alfabetizadas primeiramente o número de itens foi reduzido de 40 para 20, e cada item foi ilustrado em forma de desenho por um desenhista profissional. Os itens estão agrupados nas mesmas nove escalas da EQIF. A redução do número de itens foi feita sempre que possível em cinquenta por cento, respeitando-se a possibilidade de ilustração de tal maneira que a criança pudesse entender o desenho. Cada item foi ilustrado de duas formas, uma representando um menino, outra representando uma menina, a fim de favorecer a identificação dos participantes nas situações ilustradas. A análise do EQIFPE foi desenvolvida principalmente através de uma abordagem qualitativa. Sendo um instrumento em construção, revelou-se mais adequado a avalia-lo item por item, considerando as reações de cada criança a cada um deles. Durante a aplicação do instrumento foi observado que as crianças entrevistadas não apresentaram dúvidas quanto ao entendimento dos itens. A análise foi iniciada por uma avaliação geral, considerando que a amplitude do instrumento vai de zero a vinte. De uma tabela da distribuição de frequência das respostas SIM fornecidas pelas crianças investigadas, considerando-se evidentemente os itens invertidos. A EQIFPE revelou-se um instrumento promissor. Todavia o presente estudo apresentou como principal limitação o reduzido tamanho da amostra.

Apresentação 3 | Construção do Instrumento de Avaliação do Comportamento Empático Verbal

Celia Caldeira Fonseca Kestenberg (UERJ-RJ)

Considerando que a empatia é a habilidade social que ajuda na construção e manutenção de vínculos e redução de conflitos, ela é seguramente desejável e necessária aos profissionais de enfermagem, porque é uma das profissões que mais lida com o sofrimento humano. Empatia caracteriza-se pela capacidade de ouvir sensivelmente e compreender a perspectiva e sentimentos da outra pessoa, sem julgamentos (componente cognitivo); capacidade de experimentar compaixão e interesse pelo estado emocional da pessoa alvo (componente afetivo); por fim, capacidade de verbalizar para o outro sua compreensão de tal maneira que este se sinta respeitado e compreendido no seu ponto de referência (componente comportamental). Este trabalho objetivou avaliar a capacidade de verbalizar empaticamente. Para isto construiu-se um Instrumento de Avaliação do Comportamento Empático Verbal (IACEV), utilizando o desempenho de papéis. São seis situações para respostas empáticas, sendo três de ajuda sem conflito de interesses e três de ajuda com conflito de interesses. Para a construção dos itens, a composição das situações capazes de despertar comportamento empático, foi utilizada a técnica do incidente crítico. Primeiro solicitava-se ao entrevistado que relatasse uma situação vivenciada no hospital que o tivesse levado a pensar que o profissional de enfermagem não demonstra solidariedade, não é empático, não pensa no outro, não tem compaixão pelo sofrimento do paciente. A seguir solicitava-se à pessoa que contasse uma situação ocorrida no hospital, envolvendo um membro da equipe de enfermagem, que a tenha feito pensar que este profissional é solidário, tem

compaixão pelo sofrimento do paciente. No segundo momento foi realizada a avaliação dos relatos recolhidos nas entrevistas. Após transcrição das falas, foram analisadas e selecionadas as entrevistas que melhor atendiam ao objetivo proposto. Destas, foram extraídas as seis situações, sendo três de ajuda e três de conflito. Por situações de ajuda compreende-se aquelas nas quais o paciente tem uma necessidade da intervenção do profissional, mas não há envolvimento de conflito. As situações de conflito são aquelas nas quais o paciente tem uma necessidade de intervenção do profissional e há presença de conflito. A segunda parte consistiu em construir critérios para avaliação do comportamento empático verbal. Esses critérios basearam-se na literatura consultada sobre a conceituação da habilidade de empatia na perspectiva multidimensional. Foi elaborada uma folha para registro da nota que cada juiz atribui a cada resposta dada. Aplicou-se o teste Teste Kappa para avaliar o grau de concordância dos escores de Avaliação Comportamental Empático Verbal, entre juízes. O nível de significância mínimo adotado foi de 5%. A partir da análise destes dados foi construído o instrumento para avaliar o comportamento empático verbal dos enfermeiros. As respostas estão categorizadas de 1 a 5 numa Escala Likert – desde resposta totalmente inadequada a totalmente empática. Os escores individuais totais podem variar de 6 a 30. Os escores individuais para cada situação podem variar de 1 a 5, sendo o ponto de corte para a avaliação do comportamento empático verbal, o escore 4.

SIMP 10- PROMOÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS COM PAIS E PROFESSORES

Coordenador: Andréa Regina Rosin Pinola (Centro Universitário Estácio de Ribeirão Preto)

As habilidades sociais educativas são consideradas fundamentais nas relações professor-aluno e na relação pais-filhos, pois podem promover as aprendizagens das habilidades sociais de alunos e filhos e melhorar a relação entre eles. Essas habilidades podem fazer parte ou não do repertório dos educadores (pais ou professores) e alguns estudos têm evidenciado que os professores nem sempre apresentam essas habilidades e que há uma demanda explícita para promoção de habilidades sociais junto a estudantes. Ao mesmo tempo, com as mudanças nas formas de educar os filhos ou até mesmo considerando as queixas do pais e das escolas de que os filhos apresentem problemas de comportamento, os pais também têm buscado ajuda e a aprendizagem dessas habilidades tem sido considerada importante estratégia para essas situações. Nesse simpósio, três diferentes propostas para promoção de habilidades sociais educativas de educadores (pais e professores) e habilidades sociais de alunos serão apresentadas. Na primeira proposta será apresentado o Programa de Alfabetização em Valores Humanos, PAVH, descrito no livro Alfabetização em Valores Humanos: Um método para o ensino de habilidades sociais o qual consiste em uma intervenção com foco na melhora dos relacionamentos em sala de aula, que permite um clima de convivência favorável à aprendizagem. A

formação dos professores ocorreu em serviço e envolveu processos de conscientização, aproveitamento de oportunidades, motivação e apresentação de resultados, a possibilidade de discutir o impacto do PAVH. A terceira proposta apresentará uma proposta para o desenvolvimento de Habilidades Sociais Educativas Parentais (HSE-P) em um grupo de pais, cujos filhos frequentam a escola regular e apresentam dificuldades comportamentais e acadêmicas, avaliadas pelas professoras e pelos próprios pais. Por fim, situações escolares relatadas por professores que explicitam demandas por habilidades sociais educativas obtidas por meio dos depoimentos das professoras durante as oito sessões do Programa de Habilidades Sociais Educativas (PHSE) que ocorreu como formação em serviço para professores da rede pública de ensino. Serão discutidas possíveis contribuições das propostas para os pais e professores, no que tange a seu repertório de práticas educativas, assim como o impacto no comportamento de seus filhos e alunos.

Apresentação 1 | ALFABETIZAÇÃO EM VALORES HUMANOS

Dâmaris Simon Camelo Borges (Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto)

O Programa de Alfabetização em Valores Humanos, PAVH, descrito no livro Alfabetização em Valores Humanos: Um método para o ensino de habilidades sociais, consiste em uma intervenção com foco na melhora dos relacionamentos em sala de aula, permitindo, assim, um clima de convivência favorável à aprendizagem. O programa é formado por três módulos: (a) o currículo "Eu Posso Resolver Problemas"; (b) um módulo de iniciação aos valores humanos; (c) um módulo de autocontrole. Avaliado no 1º ano do ensino fundamental, o PAVH mostrou resultados positivos de melhora da convivência. Uma experiência na Educação Infantil, EI, indicou excelente aceitação por parte das crianças. Objetivo. Tendo em vista as queixas de conflitos com os alunos no contexto da EI, o objetivo da intervenção descrita nesta apresentação foi capacitar os educadores de uma escola municipal de educação infantil - EMEI para utilizarem o programa em sua prática, Metodologia. No início do ano escolar, a gestora da EMEI, autora desta apresentação, expôs o PAVH às professoras da unidade e ofereceu a possibilidade de treinamento em reuniões pedagógicas. Não houve interesse por parte das professoras, mas à medida que os problemas com as crianças de relacionamento mais difícil foram se acentuando, surgiram oportunidades de intervenção pontual, passíveis de gerar resultados mais imediatos e, assim, despertar o interesse das professoras para as técnicas de intervenção. Nessa fase, orientações foram fornecidas àquelas professoras que demonstravam interesse. Percebendo que o clima da turma alvo da intervenção tornava-se melhor, outras educadoras passaram a se interessar. Posteriormente, observando-se um aumento nas professoras interessadas, as orientações passaram a ser dadas também em reuniões pedagógicas. Os temas tratados foram delineados à medida que foram surgindo as necessidades. Pequenos textos, descrevendo a técnica e suas justificativas, eram enviados ao corpo docente por e-mail. Ao longo de todo esse processo, posturas docentes que desestruturam as crianças precisaram ser discutidas. A formação em serviço envolveu processos de conscientização,

aproveitamento de oportunidades, motivação e apresentação de resultados. Resultados. Percebeu-se ao longo do processo um conjunto de crenças distorcidas compartilhadas pelas educadoras, tais como o estranhamento frente à noção de uma relação entre desempenho social e desempenho acadêmico e a equivocada noção de que o comportamento do aluno é independente do meio em que ele está inserido. Também se percebeu entre as professoras participantes a necessidade de: (a) conscientização do fato de que o desenvolvimento da personalidade do aluno ocorre nas relações que ele vivencia; (b) apropriação cognitiva e afetiva dos processos psicológicos internos envolvidos nas relações interpessoais; (c) uma auto avaliação de competência social; (d) tomada de consciência dos próprios valores e seu grau de congruência com a conduta nas interações com as crianças. Progressivamente o clima de convivência na creche foi melhorando: as professoras se tornaram mais tranquilas na condução das turmas, passaram a procurar mais amiúde a gestora para se orientar, poucas crianças eram conduzidas para a sala da direção. Conclusão. Evidencia-se a necessidade de práticas imediatas para que a formação dos docentes privilegie, também, a capacitação dos mesmos para a melhoria da convivência.

Apresentação 2 | AUXILIANDO PAIS NO DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS PARENTAIS

Luciana Carla dos Santos Elias (Universidade de São Paulo - RP)

A literatura apresenta de forma clara o papel socializador da família e da escola no desenvolvimento da criança, podendo estas atuarem como fator de proteção ou não. Tem-se tornado cada vez mais frequente o impasse entre escola e família na culpabilização mútua sobre as dificuldades comportamentais e baixo rendimento escolar das crianças. Nesse contexto surgem diferentes propostas de intervenção no sentido de atenuar esses impasses, assim como auxiliar no desenvolvimento social e acadêmico das crianças; dentre as propostas de intervenção aparecem trabalhos para o desenvolvimento de habilidades sociais (HS) quer de crianças, pais e professores. No presente estudo focaremos em uma proposta para o desenvolvimento de Habilidades Sociais Educativas Parentais (HSE-P). As HSE-P são referidas como o conjunto de habilidades apresentadas pelos pais que são aplicadas na educação dos filhos, pode-se classificar estas como parte das práticas parentais positivas, que contribuem para o desenvolvimento dos filhos de um repertório comportamental mais aceito socialmente. Diante desse contexto, o presente estudo (que é parte de um estudo maior) teve como objetivo desenvolver um treinamento de HSE-P em um grupo de pais, cujos filhos frequentam a escola regular e apresentam dificuldades comportamentais e acadêmicas, avaliadas pelas professoras e pelos próprios pais. Trata-se de um estudo piloto. O treinamento será realizado na própria escola (pública de uma cidade do interior paulista) e terá a duração de um semestre. Farão parte todos os pais que aceitarem participar, os quais já fizeram parte de estudo anterior que visou caracterizar o repertório comportamental de crianças e o repertório de HSE-P. Também serão convidados outros pais da comunidade escolar que tiverem interesse. Serão realizados encontros semanais com duração de uma hora, que

abordarão as diferentes classes das HSE-P associando-as a situações cotidianas; para tanto serão realizadas diferentes técnicas vivenciais e outros recursos que avaliarmos como pertinentes. Pais e filhos serão avaliados após o treinamento dos pais utilizando os mesmos instrumentos que na avaliação inicial (Roteiro de Entrevista de Habilidades Sociais Educativas Parentais -RE-HSE-P e o Social Skills Rating System (SSRS) - Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais Versão para professores e pais. O pais que não passaram pela avaliação inicial ligada ao projeto maior, foram avaliados antes e após o treinamento. Espera-se que os resultados apontem para possíveis contribuições do treinamento para os pais, no que tange a seu repertório de práticas educativas, assim como o impacto no comportamento de seus filhos e ainda a calibragem do programa de treinamento elaborado. Ressalta-se que é um estudo que está iniciando sua execução.

Apresentação 3 | SITUAÇÕES ESCOLARES QUE DEMANDAM HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS

Andréa Regina Rosin-Pinola (Centro Universitário Estácio - Ribeirão Preto)

Os estudos no campo teórico-prático das Habilidades Sociais relacionados aos processos de ensino e aprendizagem têm resultado em propostas que valorizam as interações sociais como base para o processo de construção do conhecimento nas relações professor-aluno e também nas relações aluno-aluno mediadas pelo professor. Existem evidências científicas de que as habilidades sociais são condições essenciais para a formação do sujeito saudável emocionalmente e que é possível ensinar as habilidades socioemocionais aos alunos por meio de práticas pedagógicas intencionalmente planejadas. Nesse contexto, professor e aluno são atores do processo de ensino e aprendizagem e um conjunto de habilidades de ambos será requerido para que a interação, base da aprendizagem, seja satisfatória. A mesmo tempo, o cotidiano da escola tem exigido que a formação de professores considere aspectos que vão além dos conteúdos conceituais, dando evidência ao desenvolvimento socioemocional do aluno. O objetivo deste estudo foi compor um rol de situações do cotidiano escolar que demandam diferentes habilidades sociais educativas. Participaram 10 professoras do 1º ao 5º ano do ensino fundamental, de uma escola estadual do interior paulista. As situações foram obtidas por meio dos depoimentos das professoras durante as oito sessões de um Programa de Habilidades Sociais Educativas – PHSE, ao longo de três meses. Os encontros ocorreram em horário de atividades de trabalho coletivo - ATPC. Os depoimentos foram gravados, transcritos e categorizados segundo a ocorrência e as classes de HSE. Os resultados evidenciaram que os relatos dos professores se concentraram em HSE relacionadas a: iniciativas para fomentar interações na sala de aula, seleção e disponibilização de materiais e conteúdos diversificados e manejo dos comportamentos dos alunos, seja expondo comportamentos adequados/desejáveis em sala de aula, no recreio e nos passeios ou fazendo perguntas de sondagem sobre as dificuldades interpessoais dos alunos. Entre as HSE ausentes ou apenas ocasionalmente mencionadas pelos professores estão aquelas relativas ao controle

do comportamento, envolvendo situações criadas pelos alunos ou crítica ao professor, comportamento inadequado, conflito ou problema pessoal e também relacionadas a aprovação e incentivo a comportamentos desejáveis no contexto escolar. Essa ausência pode ser um indicativo de dificuldade, por parte do professor, para lidar com problemas disciplinares e eventos adversos. Existem várias situações do cotidiano que requerem práticas educativas de professores que possam favorecer as aprendizagens de habilidades sociais e emocionais. No entanto, como o professor não foi instrumentalizado para ensinar essas habilidades, ele mobiliza os recursos de que dispõe para lidar com os desafios que se apresentam. Ficou evidente, nos relatos das participantes deste estudo, que algumas estratégias eficazes são conhecidas, mas pouco utilizadas, como fazer perguntas de sondagem até que os alunos cheguem a soluções para seus problemas interpessoais (processo auto reflexivo), dar modelo de comportamentos adequados às diversas situações sociais, ter planejamento de comportamento sociais que serão valorizados nas diversas situações e reforçar diferencialmente comportamentos desejáveis e indesejáveis quando eles acontecerem, dando destaque aos comportamentos desejáveis. Esses dados dão pistas para o planejamento de cursos de formação de professores.

SIMP 11- PROMOÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO

Coordenador: Dagma Venturini Marques Abramides (Universidade de São Paulo, USP- Faculdade de Odontologia de Bauru)

O presente simpósio reúne três apresentações relativas a estudos conduzidos com estudantes universitários de instituições públicas. O estudo 1, intitulado Função de coping das habilidades sociais para a saúde de estudantes universitários, desenvolvido em Rondônia, teve por objetivo expor e discutir resultados de duas pesquisas que apontam que as HS são capazes de operar a função de coping, amenizando traços de personalidade frequentemente associados ao sofrimento psíquico, influenciando a saúde e a percepção de bem-estar e, discutido à luz da teoria transacional o resultado que indica o déficit de habilidades de conversação/desenvoltura social influindo na percepção da vulnerabilidade pessoal (medo de críticas, insegurança, baixa autoestima, dificuldade de tomar decisões, medo de abandono das pessoas mais próximas) e vice-versa, apontando para a utilidade dessa análise cognitivo-comportamental na elaboração de pesquisas sobre como estudar a complexa e intrincada função de coping das HS com benefícios para a saúde de diferentes populações. O estudo 2, intitulado Capacitação profissional: contribuições do campo das habilidades sociais para universitários em transição para o mercado de trabalho, desenvolvido no interior paulista, teve por objetivo descrever a implementação e o impacto do Programa de Desenvolvimento Interpessoal Profissional (PRODIP), cuja filosofia se assenta em pressupostos do campo teórico-prático das habilidades sociais e utiliza o método vivencial em grupo com o objetivo de suprir déficits e maximizar habilidades sociais em universitários do último ano de

graduação de Engenharia, inseridos em um programa de estágio e em transição para o mercado de trabalho, apontando melhora dos déficits em habilidades sociais após o programa, que configurou-se como estratégia para a universidade aprimorar o desenvolvimento interpessoal do aluno, capacitando-o de forma mais abrangente para inserção profissional posterior. O estudo 3, desenvolvido no interior paulista, intitulado Treinamento de Habilidades Sociais (THS) no contexto universitário como preparação para a relação do cuidado, teve por objetivo descrever a implementação e o impacto de um programa de THS para universitários como parte integrante do conteúdo programático de uma disciplina de Psicologia destinada ao desenvolvimento de habilidades interpessoais vistas como críticas para atuação clínica, na relação do cuidado, apontando ganhos percebidos como o autoconhecimento, culminando com mudanças de comportamento na vida pessoal e na relação do cuidado, configurando-se como inovação pedagógica, alinhada ao processo de educação integral do universitário. Os três estudos constataram a contribuição do campo das habilidades sociais na formação profissional, evidenciando a aplicabilidade em contextos formativos.

Apresentação 1 | FUNÇÃO DE COPING DAS HABILIDADES SOCIAIS PARA A SAÚDE DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Fabio Biasotto Feitosa (UNIR)

A teoria transacional de estresse e coping de Richard Lazarus contempla as habilidades sociais (HS) enquanto coping. As HS são recursos pessoais de gerenciamento ou enfrentamento do estresse, concebidas como formas socialmente apropriadas e efetivas de se comunicar e se comportar com os outros. Facilitam a resolução de problemas em conjunto com outras pessoas, aumentam a probabilidade de conquistar cooperação e apoio, e conferem ao indivíduo considerável controle sobre as interações sociais. As HS são aprendidas e quando empregadas pelo indivíduo formam a sua competência no gerenciamento ou no enfrentamento de situações estressantes. Na teoria transacional, o estresse psicológico compreende cognições e afetos negativos surgidos quando o indivíduo avalia que demandas excedem suas estratégias de enfrentamento. O coping, quando eficaz, reduz o sofrimento psíquico do indivíduo e consequentemente promove e protege a saúde, aumentando a sua percepção de satisfação com a vida. Dessa maneira, as HS ao operar a função de coping estão implicadas na saúde das pessoas e uma das formas de testar esse modelo teórico é investigando as correlações entre HS e neuroticismo (N). O sofrimento psicológico, aqui em foco, pode adequadamente ser avaliado pelo conceito de N, uma vez que é um traço da personalidade descrito como uma tendência relativamente estável a responder com emoções negativas ou estresse psicológico às frustrações, perdas ou ameaças. O N pode ser concebido não apenas como um traço específico da personalidade, mas também como parte de um processo adaptativo mais genérico, sendo ativado ou desativado conforme as circunstâncias de vida que representam adversidade ou segurança. O objetivo desta apresentação é expor e discutir resultados de duas pesquisas de levantamento, uma brasileira e outra

estrangeira, apontando correlações negativas significativas entre o N e a probabilidade de uso de HS em universitários. Considerando a teoria transacional e os resultados dessas pesquisas, será defendido que as HS são capazes de operar a função de coping, amenizando traços de personalidade frequentemente associados ao sofrimento psíquico. Será mostrado, por meio dessas pesquisas, que as HS aparecem negativa e significativamente correlacionadas com o N, influenciando a saúde e a percepção de bem-estar. Será particularmente mostrado e discutido à luz da teoria transacional o resultado que indica o déficit de habilidades de conversação/desenvoltura social influindo na percepção da vulnerabilidade pessoal (medo de críticas, insegurança, baixa autoestima, dificuldade de tomar decisões, medo de abandono das pessoas mais próximas) e vice-versa. O referido resultado será discutido a partir dos conceitos de avaliação primária e secundária da teoria transacional, salientando a utilidade dessa análise cognitivo-comportamental na elaboração de pesquisas bem controladas no sentido de ampliar a compreensão metodológica sobre como estudar a complexa e intrincada função de coping das HS com benefícios para a saúde de diferentes populações.

Apresentação 2 | CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL: CONTRIBUIÇÕES DO CAMPO DAS HABILIDADES SOCIAIS PARA UNIVERSITÁRIOS EM TRANSIÇÃO PARA O MERCADO DE TRABALHO

Daniele C. Lopes (UFSCar), Denise Dascanio (UFSCar), Bárbara Carvalho Ferreira (UFSCar), Camila Negreiros Comodo (UFSCar), Zilda A. P. Del Prette (UFSCar), Almir Del Prette (UFSCar)

Historicamente, após a Revolução Industrial, ficou estabelecido uma relação direta entre formação profissional e o sistema educacional, sendo este último representado pelas universidades e cursos técnicos, como também, estreita ligação entre formação profissional e o desenvolvimento de um país. Considerando as condições socioeconômicas e culturais do Brasil, bem como as mudanças do mundo do trabalho advindas com a globalização, terceirização, avanços tecnológicos e crescimento do desemprego tornaram-se fundamentais, para a adequação do profissional à nova realidade de mercado, que o conjunto de habilidades técnicas fosse aliado a competências interpessoais como a capacidade de trabalhar em equipe, falar em público, resolver problemas, tomar decisões, comunicar-se adequadamente de forma empática e assertiva. O perfil requerido desses profissionais inclui um conjunto de habilidades relacionadas ao desempenho interpessoal, objeto do campo teórico-prático das Habilidades Sociais. Este cenário constitui pano de fundo para a implementação de uma proposta de Programa de Desenvolvimento Interpessoal Profissional (PRODIP) para universitários. A filosofia do PRODIP se assenta em pressupostos do campo teórico-prático das habilidades sociais e utiliza o método vivencial em grupo com o objetivo de suprir déficits e maximizar habilidades sociais. A presente proposta tem por objetivo descrever a implementação e o impacto do PRODIP para universitários em último ano de graduação, inseridos em um programa de estágio e em transição para o mercado de trabalho. O PRODIP foi parte das

atividades do Programa de Desenvolvimento de Liderança em Engenharia (PROLIDER) oferecido no último ano de faculdade a estudantes de duas universidades públicas do Estado de São Paulo e foi aplicado, anualmente, entre 2009 e 2012 a quatro grupos distintos. Participaram 16 estudantes com média de idade de 22,81 anos em 2009; 9 estudantes com média de idade de 23,44 anos em 2010; sete universitários no ano de 2011 com idade média de 22,28 anos de idade e, por fim, oito estudantes no ano de 2012 com média de 23 anos de idade. Os participantes foram avaliados pelo Inventário de Habilidades Sociais (IHS) antes, durante, após a intervenção e três meses ao término do PRODIP. As habilidades sociais selecionadas para compor o PRODIP foram selecionadas considerando os déficits apresentados por cada aluno e por cada grupo avaliado pelo IHS. As sessões foram compostas por atividades práticas, tendo o método vivencial como embasamento. A análise de variância simples (ANOVA) não revelou diferenças entre os grupos nos escores do pré-teste, assim, os quatro grupos foram combinados em um único grupo para comparação entre pré e pós-teste e foi utilizado análise de variância (ANOVA) para medidas repetidas com testes post hoc de Bonferroni. Os resultados indicaram melhora, depois do PRODIP, no Escore Total e três indicadores do IHS envolvendo habilidades sociais de afirmação e defesa de direitos, de comunicação e de auto-exposição a estranhos ou novas situações. A proposta relatada sobre o ensino de habilidades sociais para estudantes de Engenharia no formato de treinamento como o PRODIP pode se configurar como estratégia uma para a universidade aprimorar o desenvolvimento interpessoal do aluno, capacitando-o de forma mais abrangente para inserção profissional posterior.

Apresentação 3 | TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO COMO PREPARAÇÃO PARA A RELAÇÃO DO CUIDADO

Dagma Venturini Marques Abramides (FOB-Universidade de São Paulo)

Além do conhecimento básico e técnico, a base da formação profissional deve contemplar a competência social envolvendo um conjunto de habilidades sociais especialmente naquelas profissões cuja atuação depende crucialmente da qualidade das relações interpessoais. A importância desta competência vem sendo melhor explicitada por meio das exigências das Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação. Desta maneira, a Universidade desponta como um alvo destas demandas com implicações diretas na formação de profissionais com novos perfis, o que requer a análise da sua prática visando transformações pedagógicas. Dentre as áreas do conhecimento, as Ciências da Saúde têm adotado, como eixo norteador, a perspectiva humanista e generalista com especial atenção à saúde integral da comunidade assistida englobando as relações interpessoais. Neste sentido, a formação acadêmica deve aliar o desenvolvimento das habilidades técnico-científicas ao repertório de habilidades sociais. Diversos estudos confirmam a efetividade de programas de Treinamento de Habilidades Sociais (THS) aplicados nos sistemas educacionais. Entretanto, na Universidade, a maioria destes programas tem sido oferecida ora na modalidade de pesquisa pontual, ora como um serviço de extensão,

não atingindo todos os estudantes. Portanto, o grande desafio reside na inserção deste tipo de treinamento no ensino de graduação, isto é, na estrutura curricular dos cursos de maneira a viabilizar a promoção de competência social e de habilidades sociais no contexto universitário. O objetivo desta apresentação é: (i) expor os desafios e as implicações da implementação desse modelo para o contexto escolhido, ou seja, da implementação de um programa de THS no conteúdo programático de uma disciplina de Psicologia oferecido no segundo semestre do segundo ano do curso de Fonoaudiologia de uma Instituição de Ensino Superior, no interior paulista, desde 2012, com o objetivo de conciliar a promoção de competências técnicas e comportamentais da sua formação, tendo como ferramentas a seleção das habilidades sociais, vistas como críticas para o sucesso do fonoaudiólogo em sua prática profissional; (ii) analisar as adaptações e ajustes realizados até a atual estrutura do programa e (iii) discutir os principais resultados incluindo as potencialidades e dificuldades do repertório de HS dos universitários, avaliado por meio do Inventário de Habilidades Sociais, do Questionário de Avaliação de Habilidades Sociais, Comportamentos e Contextos para Universitários e da análise de conteúdo de relatos dos estudantes antes, durante, após a intervenção. Como ganhos percebidos ao longo do programa e, para além do conhecimento teórico/técnico, o autoconhecimento foi apontado como tendo papel central neste processo, culminando com mudanças de comportamento na vida pessoal e na relação do cuidado. Considerando os dados apresentados, a aplicabilidade do THS em contextos formativos é bastante promissora ao contribuir como um método útil e efetivo tanto para a preparação do estudante para o contexto clínico quanto para a inovação pedagógica, alinhada ao processo de educação integral do universitário e em alinhamento com o novo perfil profissional preconizado.

MESAS REDONDAS

MR 1 - A IMPORTÂNCIA DAS HABILIDADES SOCIAIS NO APRIMORAMENTO DE TERAPEUTAS INICIANTES

Coordenador: Sandro Valle (ASR Psicólogos Associados)

Treze anos de experiência clínica e supervisão levantaram o questionamento deste trabalho: será que o THS traria beneficiaria esse público? Havia lapsos na formação desses profissionais. Tecnicamente preparados, mas com problemas na relação terapêutica. Problemas em assertividade, empatia entre outras, sempre apareciam, sugerindo dificuldades para que esses profissionais conseguissem utilizar essas habilidades com seus clientes. Estudos realizados no Brasil apontam para a necessidade do investimento em programas de THS junto a estudantes desde o ensino fundamental até o superior. Alguns, mostram a eficácia de THS com graduandos, como preparação para o mercado de trabalho, investindo nas formas de comunicação, dentre outras habilidades para o bom desempenho profissional. Os trabalhos aqui propostos visaram investigar como o investimento em determinadas habilidades sociais podem contribuir para o desempenho clínico de psicólogos recém-formados. O primeiro trabalho é um estudo longitudinal no contexto de observação de quatro supervisionandos, em consultório particular, no Rio de Janeiro, de janeiro a dezembro de 2016. Foi feita uma avaliação de possíveis déficits em habilidades sociais e, a partir disto, foi formulado um protocolo com técnicas para manejo dessas habilidades. Já o segundo trabalho, direciona-se para o público infantil que apresenta particularidades no setting terapêutico, necessitando que os terapeutas desenvolvam manejos clínicos específicos tanto para lidar com as crianças e suas singularidades quanto para com os pais destas, fundamentais para o sucesso da terapia. Dentre tais habilidades, esse trabalho se debruça sobre o uso da empatia dos terapeutas, para melhor compreender como o processo empático é utilizado dentro do setting infantil e assim orientar os jovens terapeutas para o melhor desempenho. Para tal, lançou-se mão da aplicação do Inventário de Empatia (IE), aplicação do Inventário de Habilidades Sociais (IHS) e os relatos de terapeutas iniciantes que realizaram o treinamento de habilidades sociais, em especial a empatia. Além disto também foram feitos treinamentos em psicoeducação, registro de pensamento diário (RPD), técnicas de role-play e vídeofeedback. Finalmente, o terceiro trabalho enfatizará a habilidade de comunicação do terapeuta iniciante. Por vezes utilizar esta habilidade de forma eficaz se torna um desafio, tendo em vista que muitas universidades não preparam seus alunos quanto às formas mais competentes de comunicação. Psicólogos clínicos, por vezes, têm essa dificuldade. Aqueles que querem se desenvolver como psicoterapeutas necessitam saber se comunicar de forma eficaz, aprendendo a usar

a fala, o corpo e até mesmo o silêncio dentro do setting terapêutico. Quanto à metodologia, utilizou-se RPDs e técnicas cognitivas e comportamentais.

Apresentação 1 | A IMPORTÂNCIA DO TREINAMENTO EM HABILIDADES SOCIAIS (THS) PARA O TERAPEUTA INICIANTE

Sandro Valle (ASR Psicólogos Associados), Ariadne dos Santos Gomes Nunes (ASR Psicólogos Associados), Everton Poubel Santana (ASR Psicólogos Associados)

Para muitas profissões, existe a necessidade de se lidar com outros. Porém, para alguns profissionais, esse contato entre as pessoas se dará em maior frequência e o trabalho da psicologia clínica se apresenta como uma dessas áreas. Ter as habilidades sociais desenvolvidas se configura como uma forma de se intervir eficazmente para a saúde do cliente. Habilidades empáticas, de comunicação, de postura durante o atendimento psicológico são exemplos do que o psicólogo necessita desenvolver dentro do setting para criar um ambiente propício para possíveis intervenções. Psicólogos recém-formados, por vezes, ainda não apresentam essas habilidades bem desenvolvidas e como esses já necessitam entrar em contato direto com outras pessoas, acabam por sofrerem e se desmotivarem perante o trabalho, já que não tiveram tempo para o desenvolvimento de habilidades necessárias para o exercício profissional. Depois de cinco atendimentos em supervisão com recém-formados, foram encontradas dificuldades pelo grupo em seus atendimentos particulares que poderiam estar direta ou indiretamente ligadas a déficits de habilidades sociais. Situações rotineiras na lida com os pacientes, tais como: estabelecer limites terapêuticos, negociar o valor das sessões, cobrar faltas não justificadas, encerrar a sessão quando findo o tempo da mesma, manejar possíveis mau usos do contato telefônico por parte dos clientes, o adequado uso de mídias sociais como o whatsapp e facebook, a lida com os cuidadores, entre outras, pareciam ativar crenças de incompetência e fracasso, levando esses alunos ao desânimo com os atendimentos. Objetivo: Dessa forma esse estudo teve como objetivo verificar a eficácia de um Treinamento em Habilidades Sociais como uma possibilidade do manejo das inseguranças clínicas dos novos terapeutas. Método: Esse trabalho é um estudo longitudinal no contexto de observação de um grupo de quatro supervisionandos em consultório particular no Estado do Rio de Janeiro. O mesmo ocorreu no período de janeiro a dezembro de 2016 com frequência semana. Todos os integrantes eram terapeutas recém-formados, clinicando há menos de um ano. Planejou-se então um protocolo contendo as seguintes intervenções: psicoeducação acerca da importância do THS neste contexto, biblioterapia, reestruturação cognitiva, relaxamentos, mindfullness, respiração diafragmática, exposição, reatribuição, role play, modelagem, modelação e o próprio THS em si, com ênfase principalmente na empatia, assertividade, comunicação verbal e comunicação não verbal. Apesar do THS não ter sido exclusivamente a abordagem aqui utilizada, o treinamento se apresentou como uma parte essencial da intervenção. Resultados: Através de relatos verbais dos próprios supervisionandos, da avaliação dos RPDs aplicados nos

mesmos, da avaliação do próprio supervisor e do feedback dos pacientes (verificados através da perceptível evolução e engajamento dos mesmos à terapia); observou-se que o treinamento em habilidades sociais possibilitou mudanças satisfatórias na prática clínica desses profissionais. Conclusão: ao término deste trabalho, conclui-se, a partir dos relatos dos participantes e dos RPDs aplicados, que o treinamento em habilidades sociais, de fato, tem muito a contribuir para a melhoria da qualidade dos atendimentos de terapeutas iniciantes, o que nos faz pensar em ampliar o estudo para amostras mais expressivas futuramente.

Apresentação 2 | CONSTRUINDO EMPATIA EM TERAPEUTAS INICIANTES NO TRABALHO COM CRIANÇAS

Ariadne dos Santos Gomes Nunes (Calopsitudo), Sandro Valle (Calopsitudo), Everton Poubel Santana (Calopsitudo)

O atendimento infantil, devido às suas particularidades, tais como dificuldade de comunicação e expressão de emoções e pensamentos, apresentação de comportamentos disfuncionais para diversos contextos, (principalmente em casos de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade [TDAH] e Transtorno Opositivo Desafiador [TOD]) e trabalho com responsáveis (os quais nem sempre se mostram colaborativos no processo psicoterápico), demandam que o terapeuta desenvolva a sua habilidade empática. Empatia, pode ser entendida como se colocar no lugar do outro de forma cognitiva e emocional, vivenciando em si a perspectiva do outro e conseguindo assim se conectar aquela pessoa. A empatia pode ser expressada em três dimensões: cognitiva (adotar a perspectiva do interlocutor), afetiva (sentimento de compaixão e preocupação genuína) e comportamental (dar visibilidade à empatia) e é fundamental para um bom atendimento terapêutico, principalmente com crianças e adolescentes. Objetivo: Sendo assim, este trabalho visa apresentar estratégias de treinamento de habilidades sociais para o desenvolvimento da empatia, em suas dimensões afetiva, cognitiva e comportamental. Método: O estudo foi realizado com dez terapeutas de forma semanal pelo total de oito semanas. Foram aplicados o Inventário de Empatia (IE) e o Inventário de Habilidades Sociais (IHS) como forma de pré e pós avaliação, além de serem utilizados os relatos dos terapeutas iniciantes que realizaram o treinamento de habilidades sociais e em especial da empatia no contexto de grupo. No treinamento foram utilizadas psicoeducação sobre os tipos de empatia e sua aplicabilidade, Registro de Pensamento Diário (RPD) sobre o uso da empatia, técnicas de role-play dentro do grupo terapêutico para o desenvolvimento atitudes empáticas e vídeofeedback. Resultado: Os terapeutas, após o treinamento, relataram que além de sentir maior empatia, também a demonstraram aos seus pacientes e responsáveis, melhorando muito o relacionamento terapêutico e obtendo melhores resultados nas intervenções com os mesmos. Por outro lado, os pacientes, a partir dos seus próprios relatos, também demonstraram melhor qualidade de vida e disponibilidade para ouvir e chegar a entendimentos, antes não percebidos. Os escores dos terapeutas, tanto no Inventário de Empatia quanto no de IHS, tiveram

aumento significativo), corroborando com a hipótese de que o treinamento de habilidades sociais, focado na empatia, pode ser uma alternativa viável para este tipo de população. Conclusão: Pelos relatos de todos envolvidos, resultados dos testes e experiência do grupo de terapeutas, é possível concluir que o treinamento de habilidades sociais é de extrema importância para os terapeutas iniciantes. Colocar-se na perspectiva do outro, demonstrar preocupação e expressar entendimento das necessidades do outro, evitando o julgamento, melhoram muito os resultados clínicos obtidos e facilita o engajamento dos clientes em questão.

Apresentação 3 | TRABALHANDO A HABILIDADE DE COMUNICAÇÃO DO TERAPEUTA INICIANTE

Everton Poubel Santana (CAAESM), Ariadne dos Santos Gomes Nunes (CAAESM), Sandro Valle (CAAESM)

Existem diferentes tipos de HS e cada qual com a sua importância. A empatia para a formação de vínculos, comunicação não-verbal para a transmissão de mensagens, dentre outras. Muitas vezes, o que poderia ser considerado habilidoso socialmente num contexto, pode ter efeito diametralmente inverso, num outro cenário. Em estudos realizados com universitários se observou que déficits nas HS, seja pelo estudante não ter desenvolvido tal habilidade anteriormente em sua vida, seja por não saber como utilizar a habilidade eficazmente ou ainda não saber os contextos em que utilizar; pode ocasionar problemas para a prática profissional. Como indicam as pesquisas, para aqueles que estão iniciando suas carreiras, se torna um desafio utilizar tais habilidades com precisão. Psicólogos clínicos, por vezes, têm exatamente essa dificuldade. Aqueles que querem se desenvolver como psicoterapeutas necessitam saber se comunicar de forma eficaz, aprendendo a usar a fala, o corpo e até mesmo o silêncio dentro do setting terapêutico para se comunicar com seus clientes e realizar abordagens eficazes. Objetivo: Dessa forma, esse trabalho visa apresentar estratégias de treinamento de habilidades sociais (THS) para o desenvolvimento da habilidade de comunicação de terapeutas iniciantes para a atuação na prática clínica. Método: Foram feitas sessões semanais de cinquenta minutos, tendo tido o total de seis participantes por seis encontros para o treinamento da habilidade de comunicação. Na psicoterapia cognitivo-comportamental utiliza-se registros diários de pensamentos (RDP) como forma de localizar erros nos pensamentos, que impactam de forma negativa no comportamento dos clientes, e que necessitam de intervenção. Utilizando técnicas cognitivas (como questionamento socrático e reestruturação cognitiva quanto à forma correta de se comunicar) e comportamentais (utilização de dramatizações durante as sessões terapêuticas para o desenvolvimento da comunicação verbal e não-verbal e videofeedback sobre a atuação no setting terapêutico), por exemplo, é possível alterar formas de pensar para criar mudanças comportamentais. A partir da análise dos registros pré e pós intervenção é possível saber se ocorreram mudanças no repertório mental dos clientes e assim avaliar se as intervenções foram eficazes para o alcance dos

objetivos. Resultado: Os terapeutas apresentaram registros pós intervenção de THS favoráveis quanto à intervenção, relatando que aprenderam como se comunicar com seus clientes de formas mais eficazes. Pensamentos como “Não sei lidar com o silêncio na terapia” ou “Não sei como cortar a fala dos meus pacientes”, foram alterados, ao ponto dos terapeutas afirmaram que “o silêncio não me incomoda tanto quanto antes” e “agora consigo cortar meus pacientes sem me sentir rude com eles”. Os terapeutas ainda observaram que aprenderam a ter uma maior expressividade corporal perante os seus clientes e obtiveram uma escuta mais diretiva. Conclusão: Baseados nos relatos dos clientes e no pré e pós RDP, fica evidenciado que os resultados alcançados podem ser atribuídos à intervenção realizada. Dessa forma, é interessante investir na utilização de programas de habilidades sociais junto a terapeutas iniciantes para o desenvolvimento de determinados tipos de habilidades que são necessárias para a atuação na clínica.

MR 2 - AS HABILIDADES SOCIAIS E O USO DE MÍDIAS NO ENSINO, NA PESQUISA E NA PRÁTICA CLÍNICA

Coordenador: Janaína Bianca Barletta (Unip)

Resumo geral: A mídia contempla uma diversidade de meios de comunicação, como jornais, rádio, televisão, cinema e internet, e tem como objetivo primário informar as pessoas. A mídia pode ser entendida em duas grandes categorias: analógica e digital. A primeira não permite uma troca entre os interlocutores, tendo como principal característica a comunicação unilateral. A televisão, os jornais e o cinema são alguns exemplos. A segunda é interativa, permitindo uma interação maior e um feedback entre os interlocutores. A internet é o exemplo da mídia digital. Atualmente, este 'universo midiático' é presente no cotidiano dos indivíduos, podendo influenciar comportamentos, percepções e formas de relacionamento, porém, nem sempre o impacto da mídia pode ser considerado positivo no comportamento das pessoas. Portanto, é importante que se entenda e reflita como a mídia pode ser utilizada em favor do desenvolvimento de habilidades sociais (HS), a fim de potencializar relações saudáveis em diversos contextos. Desta forma, utilizar a mídia como uma ferramenta no ensino, na pesquisa e na prática clínica pode aumentar o alcance do profissional e desenvolvimento de um repertório relacional mais saudável. A presente mesa redonda tem por objetivo ressaltar e discutir o uso da mídia como ferramenta importante para o ensino, a pesquisa e a prática clínica. Desta forma, a primeira apresentação irá abordar o uso de filmes (mídia analógica) para o desenvolvimento das habilidades sociais, tais como comunicação, empatia e assertividade, em estudantes de medicina. Tais habilidades são aspectos essenciais para o estabelecimento de uma relação médico-paciente considerada adequada. A segunda apresentação irá descrever o processo de desenvolvimento de uma intervenção personalizada mediada por internet (mídia digital) para prevenção à violência no namoro para jovens. A terceira apresentação versará sobre como o uso de filmes

(mídia analógica) pode subsidiar os processos de psicoeducação na intervenção com casais, servindo mecanismo para a prática do terapeuta.

Apresentação 1 | O USO DE FILMES NO ENSINO DAS HABILIDADES DE COMUNICAÇÃO, EMPATIA E ASSERTIVIDADE COM ESTUDANTES DE MEDICINA

Janaína Bianca Barletta (Unip/DF), Marcelo de Souza Gennari (360 Saúde e Educação)

A formação do profissional de saúde, durante muito tempo, teve como foco principal o desenvolvimento de habilidades técnicas diagnósticas, intervencionistas e de terapêuticas medicamentosas. Nos últimos anos, a dificuldade do estabelecimento relação médico-paciente (RMP) considerada adequada tem ganhado espaço nas discussões de formação do profissional. Sabe-se que a relação interpessoal estabelecida no contexto de saúde entre médico e paciente pode ser preditor de sucesso terapêutico. Esta relação tem impacto no comportamento de pacientes, como: aumento na adesão ao tratamento, na confiabilidade das informações recebidas e na confiança no profissional. Também tem impacto no comportamento do médico, como: maior empatia e tolerância, maior resolutividade de problemas relacionais, melhora na comunicação e entendimento, e mais facilidade em solicitar mudança de comportamento do paciente. O objetivo deste trabalho é descrever o uso de filmes e séries como uma ferramenta importante para o ensino de habilidades sociais (HS) na educação médica. A disciplina 'Psicologia Médica', alocada no primeiro período de um curso médico com currículo tradicional, tem por características ser teórica e abarcar outros conteúdos para além da RMP. No início do semestre foi passado o filme 'The Doctor' como uma forma de facilitar a aprendizagem e reflexão das HS na relação médico-paciente e que serviu de base para toda a disciplina. Após a discussão inicial do filme, foram selecionados temas para as aulas como: competência profissional (incluindo as capacidades analítica, instrumental e inter-relacional), iatrogenia, comunicação (incluindo o prontuário e receituário médico), situações de atendimento consideradas difíceis, lidar com paciente agressivo, lidar com a morte e como expressar as emoções em um contexto de saúde. Para o estudo de cada tema algumas etapas eram seguidas: a) leitura e discussão teórica, b) identificação das habilidades sociais relacionadas ao tema, c) relação do filme com a teoria e com aspectos cotidianos, que poderia ser a partir de vivências dos alunos ou material retirado da mídia, d) cenas de séries ou filmes eleitos pelos alunos que também apresentavam o mesmo conteúdo para a reflexão das situações apresentadas, e) reescrita das cenas com comportamentos alternativos e mais adequados e f) role-playing da nova versão da cena com comportamentos previamente elencados. Entende-se que uma dificuldade encontrada nesta atividade foi a falta de vivência na função de profissional de saúde dos alunos em função de estarem no início do curso. Por outro lado, acredita-se que o uso de filmes, séries e produções retiradas da mídia facilitaram a reflexão da importância dos aspectos

interpessoais no contexto da saúde, bem como o aumento no repertório das HS, que por sua vez, favorecerão o início da prática em cenário real ou simulado.

Apresentação 2 | "SOS NAMORO": DESIGN DE UMA INTERVENÇÃO PERSONALIZADA MEDIADA POR INTERNET PARA PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA NO NAMORO

Sheila Giardini Murta (Universidade de Brasília), João Victor Medeiros (Universidade de Brasília); Sara Meneses (Universidade de Brasília); Marko Akira Miúra (Universidade de Brasília), Cristineide Leandro-França (Universidade de Brasília), Hein de Vries (Universidade de Maastricht - Holanda)

Namoros violentos são fatores de risco para o estresse pós-traumático, comportamentos autolesivos, depressão, abuso de substâncias, violência conjugal e transmissão intergeracional da violência. Os esforços preventivos ao redor do mundo são realizados, em sua grande maioria, em ambientes educacionais em intervenções face-a-face. Contudo, intervenções presenciais na escola deparam-se com problemas relativos ao alcance, recrutamento e retenção de participantes quando estas iniciativas não integram o currículo escolar. Frente a isto, conduziu-se um projeto com a finalidade de desenvolver uma intervenção personalizada mediada por internet para prevenir a violência no namoro e promover a qualidade destes relacionamentos. A modalidade desta intervenção, denominada na literatura em inglês de "computer tailored interventions", é ainda raramente aplicada ao problema da violência pelo parceiro íntimo, sendo usualmente utilizada na promoção de comportamentos de proteção à saúde física, como hábitos alimentares e prática de atividade física. Esta apresentação tem por objetivo descrever o processo de design de uma intervenção personalizada mediada por internet, de natureza inovadora, para prevenção à violência no namoro para jovens, embasada no Modelo Integrado de Mudança e na Teoria do Apego. O design incluiu as etapas de (a) levantamento de necessidades por meio de entrevistas com pessoas que viveram namoros violentos e grupos focais com jovens, (b) o desenvolvimento dos objetivos da intervenção referentes aos conhecimentos, atitudes, autoeficácia, suporte social e planos de ação que se almeja promover, (c) a elaboração do questionário para posterior avaliação e geração de dados para customização de orientações, (d) planejamento das mensagens customizadas e (d) redação das mensagens customizadas, a ser enviadas aos participantes ao modo de feedbacks após avaliação inicial. Nestas duas etapas finais, contou-se com a participação de equipe interdisciplinar, consulta aos usuários potenciais da intervenção por meio de oficinas participativas, bem como a experts na temática de gênero e violência pelo parceiro íntimo. Os resultados serão apresentados em três blocos. O primeiro incluirá os insumos derivados do levantamento de necessidades que subsidiaram o design posterior da intervenção. O segundo bloco descreverá como tais necessidades guiaram a elaboração dos objetivos e o questionário criado para avaliar as dimensões previstas nos objetivos e alimentar aos feedbacks (mensagens) customizados. O terceiro bloco apresentará, com fins

ilustrativos, as mensagens criadas em oficinas participativas com jovens acerca de planos de ação, positivos e de risco, para responder sensivelmente às demandas relacionais no cotidiano, lidar com conflitos na relação de namoro, e proteger-se em caso de violência. Conclui-se que o design da intervenção foi satisfatório, tendo gerado conteúdos embasados em evidências empíricas e construído coletivamente por potenciais usuários, o que favorece sua validade social. Contudo, a efetividade e a usabilidade desta intervenção permanecem ainda desconhecidas, devendo ser avaliadas em estudos posteriores.

Apresentação 3 | HABILIDADES SOCIAIS E CINEMA: ASPECTOS TEÓRICO-PRÁTICOS PARA INTERVENÇÃO CLÍNICA COM CASAIS

Bruno Luiz Avelino Cardoso (UFMA / Instituto de Teoria e Pesquisa em Psicoterapia Cognitivo-Comportamental – ITPC)

A vida conjugal demanda dos parceiros o manejo de respostas capazes de substanciar uma relação harmoniosa e satisfatória. Estudos, realizados com casais, sob enfoque do Treinamento de Habilidades Sociais (THS) têm indicado que o desenvolvimento de habilidades sociais conjugais (HSC) aumenta o nível de satisfação conjugal e auxilia na resolução de problemas na relação. É perceptível em algumas produções cinematográficas a aproximação da ficção com a realidade ao abarcar os desafios e conflitos inerentes à vida conjugal. O uso de filmes pode subsidiar processos de psicoeducação e servir como mecanismo para intervenção na prática do terapeuta, por meio da estimulação da compreensão do casal quanto aos princípios de aprendizagem (modelação – ver outros modelos de uso das HSC e imitá-los, conforme personagens dos filmes; reforçamento – emitir a habilidade e ser consequenciado positivamente na relação; regras – obter instruções diretas sobre como emitir determinado padrão de comportamento) para a superação de déficits (aquisição – não emissão da habilidade mediante as demandas; desempenho – emissão de uma habilidade social conjugal com nível inferior ao esperado; e fluência - proficiência inferior ao aguardado) nas relações conjugais, facilitando uma intervenção clínica fundamentada na ampliação do repertório de habilidades sociais conjugais. Desse modo, os casais aprendem por observação aos modelos e podem identificar, no filme, quais comportamentos faltam nos personagens para que a relação se torne satisfatória. Assim, com o uso de automonitoria os clientes podem verificar como estão agindo e como poderiam agir, para que o relacionamento conjugal se torne mais satisfatório. Não obstante a aprendizagem por modelos, o fato de ir ao cinema ou agendar para assistir um filme em casal favorece um período de proximidade, comunicação e outras habilidades na relação. Esta apresentação tem como objetivo abordar alguns filmes que podem trabalhar conceitos do treinamento de habilidades sociais na prática clínica com casais. Os filmes/temáticas abordados/as serão (1) “Se eu fosse você” – dimensões da empatia e sua aplicação para a melhora na relação; (2) “Foi apenas um sonho” – déficits em HS de comunicação, (3) “A culpa é das estrelas” – expressão de sentimentos positivos/

cultivar o amor; (4) “Como se fosse a primeira vez” – expressão de sentimentos positivos, processo de conquistar a(o) parceira(o) diariamente. A partir da discussão dessa temática, o terapeuta pode ficar atento aos comportamentos dos clientes nas sessões, conceitualizar o caso de acordo com os déficits e recursos em HSC que cada parceiro apresenta, e intervir especificamente no repertório, utilizando do cinema, para abordar o caso de outros modelos conjugais.

MR 3 - CONTRIBUIÇÕES DO CAMPO DAS HABILIDADES SOCIAIS AO DESENVOLVIMENTO DE AGENTES EDUCACIONAIS

Coordenador: Fabiana Maris Versuti (USP-RP)

Resumo geral: Esta Mesa Redonda pretende evidenciar algumas das contribuições do campo das Habilidades Sociais para a pesquisa aplicada com foco no desenvolvimento de agentes educacionais. De modo específico, almeja-se discutir aspectos metodológicos envolvidos na investigação científica de repertórios de habilidades sociais de diferentes agentes educacionais, a saber, professores generalistas, professores especialistas e pais. Com a apresentação intitulada: “CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO DO ROTEIRO DE ENTREVISTA DE HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS PARA PROFESSORES (RE-HSE-PR)” pretendemos refletir sobre o processo de construção e validação do instrumento RE-HSE-Pr e, discutir possibilidades de sua aplicação em contexto clínico e educacional como medida de avaliação diagnóstica e de efeitos de intervenções, com vistas ao desenvolvimento dos professores. Com a apresentação: “CARACTERIZAÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS PARENTAIS E COMPORTAMENTOS OS FILHOS”, nossos objetivos concentram-se em: (a) caracterizar as HSE-P dos pais e os comportamentos dos seus filhos (HS, problemas de comportamento e desempenho acadêmico) e (b) verificar associação entre essas variáveis, a partir dos dados apresentados discutir sobre a necessidade de trabalhos para o desenvolvimento de HSE-P junto à população estudado, no caso, pais. Por fim, com a apresentação: “FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS E HABILIDADES SOCIAIS”, pretendemos refletir sobre dois pontos: 1) Caracterização das habilidades sociais apresentadas por professores de ciências em formação e; 2) Caracterização das ações educacionais comprometidas com o desenvolvimento de habilidades sociais objetivadas em um projeto de Ciências, como parte das ações do PIBID/CAPES os professores em formação planejaram uma sequência didática pautada no ensino por investigação que fomenta o questionamento, o planejamento, a recolha de evidências, as explicações com bases nas evidências e a comunicação, visando estimular além da construção do científico em questão, a saber, conteúdos de Astronomia, foram considerados no planejamento os repertórios sociais dos alunos e do professor, como exemplo, criar condições para conversação e desenvoltura social. Desse modo, pretendemos fomentar a importância da estruturação de propostas formativas de diferentes agentes educacionais articuladas com a pesquisa científica no campo das Habilidades Sociais, tais como as apresentadas nesta Mesa, de modo que possam atuar como fatores de

proteção ao desenvolvimento dos sujeitos envolvidos em distintos âmbitos de nossa sociedade.

Apresentação 1 | CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO DO ROTEIRO DE ENTREVISTA DE HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS PARA PROFESSORES (RE-HSE-PR)

Alessandra Turini Bolsoni-Silva (UNESP-Bauru), Edna Maria Marturano (USP - RP), Sonia Regina Loureiro (USP-RP)

A promoção de habilidades sociais educativas de professores se reveste de importância por promover o desenvolvimento social e a aprendizagem dos alunos em contexto escolar. Objetiva-se apresentar o instrumento RE-HSE-Pr, seu processo de construção e validação. O RE-HSE-Pr foi elaborado na mesma racional de um instrumento já aferido que tem como fonte de informação os pais. A estrutura contém 12 perguntas guias organizadas em três eixos de informações: Comunicação (conversar, perguntar, incluindo sobre sexualidade), Afeto (expressar sentimento positivo, identificar comportamento que aprova, demonstrar carinho) e Estabelecimento de limites (expressar sentimento negativo, expressar opinião, estabelecer limites, cumprir promessas, identificar comportamento que desaprova, identificar erro). Participaram da amostra 283 crianças (166 meninos, 117 meninas, 122 pré-escolares e 161 escolares) e seus professores (141 mulheres e oito homens). Para a validação do instrumento procedeu-se a: a) identificação de itens que discriminavam a presença ou não de problemas de comportamentos e que mantivessem o instrumento equalizado quanto a comportamentos dos professores (habilidades sociais educativas e práticas negativas) e das crianças (habilidades sociais e problemas de comportamento); b) matriz fatorial; c) validade discriminante e curvas roc quanto a problemas de comportamento, avaliados pelo Teacher's Report Form (TRF), meninos e meninas, pré-escolares e escolares; d) validade convergente com o TRF e com o instrumento que avalia pais para uma subamostra (n=91) que respondeu a ambos os instrumentos. O RE-HSE-Pr, após sua redução, configurou-se em dois fatores, um direcionado a interações sociais positivas professor-aluno e outro relacionado a interações negativas. Tais fatores também foram identificados na versão aplicada a pais/cuidadores, indicando associações entre práticas negativas e problemas de comportamento e entre habilidades sociais educativas dos educadores e habilidades sociais infantis. O estudo de correlação também verificou associação entre essas variáveis. Nas análises discriminantes foi identificado que as habilidades sociais infantis, os problemas de comportamento e as práticas negativas diferenciaram crianças com e sem problemas de comportamento e diferenciaram meninos de meninas. Na comparação entre meninos e meninas, constatou-se que meninos apresentaram escores mais baixos de habilidades sociais e escores mais altos de comportamentos problema. A comparação demonstrou que as práticas educativas são diferenciadas para meninos e meninas, sendo que os professores usam mais práticas negativas com os meninos, o que pode explicar, ao menos em parte, a permanência de mais problemas de comportamento em meninos e mais

habilidades sociais em meninas. Os professores pareceram ser habilidosos ao conversarem para estabelecerem limites e também ao expressarem afetos com seus alunos. Na comparação entre pré-escolares e escolares quanto a práticas educativas de educadores e comportamentos infantis, professores relataram ser mais habilidosos com crianças da pré-escola, possivelmente por ser um ambiente mais lúdico quando comparado ao ensino fundamental, que possivelmente implica em maior exigência e limites para a criança em idade escolar. Concluindo, os resultados indicaram valores satisfatórios de validade de construto, discriminante e concorrente. O RE-HSE-Pr pode ser aplicado em contexto clínico e educacional como medida de avaliação diagnóstica e de efeitos de intervenções.

Apresentação 2 | CARACTERIZAÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS PARENTAIS E COMPORTAMENTOS DOS FILHOS

Luciana Carla dos Santos Elias (USP - RP), Lígia Fernandes Schiavon (USP-RP)

A literatura tem apontado a importância das Habilidades Sociais (HS) em diferentes fases do desenvolvimento. Com foco na meninice as HS vem sendo associadas positivamente ao desempenho acadêmico e negativamente com problemas de comportamento, assim esses comportamentos parecem atuar como fatores de proteção nessa fase do desenvolvimento e em fases posteriores. Vários fatores contribuem para o desenvolvimento das HS na meninice. Entre esses, destacamos a atuação dos pais/responsáveis e o repertório de Habilidades Sociais Educativas Parentais (HSE-P) apresentada pelos mesmos. As HSE-P são referidas como o conjunto de habilidades apresentadas pelos pais que são aplicadas na educação dos filhos, pode-se classificar estas como parte das práticas parentais positivas. Diante desse contexto, foi realizado um estudo que teve como objetivos: (a) caracterizar as HSE-P dos pais e os comportamentos dos seus filhos (HS, problemas de comportamento e desempenho acadêmico) e (b) verificar associação entre essas variáveis. Participaram 29 pais (pai ou mãe), seus filhos matriculados no Ensino Fundamental I e os professores destas crianças. Os instrumentos utilizados foram: Teste de Desempenho Escolar (TDE), Roteiro de Entrevista de Habilidades Sociais Educativas Parentais (RE-HSE-P) e o Social Skills Rating System (SSRS) - Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais Versão para professores. O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética da FFCLRP-USP.O estudo foi realizado em uma escola municipal de uma cidade do interior paulista. A coleta com os pais foi realizada em uma sala fornecida pela escola, tendo sido os horários agendados previamente agendados; já as professoras responderam ao instrumento a elas destinado no horário de trabalho pedagógico coletivo, o que fora combinado com a direção da escola e; as crianças foram avaliadas por uma psicóloga fora da sala de aula em dias agendados. No que tange as análises dos dados, inicialmente esses foram transpostos para planilhas do programa estatístico SPSS e realizadas análises estatísticas pertinentes. Os resultados indicaram: pais com repertório de HSE-P deficitários; divergências nas avaliações entre pais e professores no que tange as HS

e problemas de comportamento das crianças; alunos com desempenho acadêmico entre inferior e mediano dentro do considerado para suas séries; correlação positiva entre as HS e desempenho acadêmico das crianças; correlação negativa entre as HS e problemas de comportamento das crianças e; correlação entre HSE-P e os comportamentos dos filhos (HS, desempenho acadêmico e problemas de comportamento). Os dados vão ao encontro da literatura e apontaram para a necessidade de trabalhos para o desenvolvimento de HSE-P junto à população estudada.

Apresentação 3 | FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS E HABILIDADES SOCIAIS

Fabiana Maris Versuti (USP - RP), Adrielly Domiciano dos Reis (USP - RP)

Devido à importância mundial do processo educativo para o desenvolvimento da sociedade e reconhecendo neste cenário a importância de interações sociais em sala de aula para uma efetiva construção social do conhecimento, ressalta-se o papel do professor como mediador dessas interações e defende-se a necessidade de prepará-lo para assumir esse papel. O objetivo geral deste estudo consiste em descrever as habilidades sociais apresentadas por professores de ciências em formação (Etapa 1) e verificar mudanças a partir das práticas de um projeto interdisciplinar das áreas de Ciências e Biologia do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) concedido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)- (Etapa 2). O PIBID é uma iniciativa para o aperfeiçoamento e a valorização da formação de professores para a educação básica. Participaram deste estudo 15 professores. Inicialmente (Etapa 1), foi realizada a caracterização do repertório de habilidades sociais dos professores de ciências em formação, por meio do Inventário de Habilidades Sociais IHS-Del Prette (Del Prette e Del Prette, 2001). O IHS é um instrumento de auto-relato para a avaliação das dimensões situacional e comportamental molar das habilidades sociais em diversos níveis e situações e é composto de cinco fatores: enfrentamento e auto-afirmação com risco (F1), auto-afirmação na expressão de sentimento positivo (F2), conversação e desenvoltura social (F3), auto-exposição a desconhecidos e situações novas (F4) e autocontrole da agressividade (F5). Para cada fator, o probando é classificado segundo tabela de percentil, que o categoriza como tendo bom repertório ou baixo repertório social. Na etapa seguinte (Etapa 2), como parte das ações do PIBID os professores planejaram uma sequência didática pautada no ensino por investigação que fomenta o questionamento, o planejamento, a recolha de evidências, as explicações com bases nas evidências e a comunicação, visando à construção do conhecimento científico em questão, a saber, conteúdos de Astronomia. Contudo, para além da construção do conhecimento científico, foram considerados no planejamento os repertórios sociais dos alunos e do professor, como exemplo, criar condições para conversação e desenvoltura social. Os dados da Etapa 1 obtidos a partir das respostas ao IHS foram quantificadas de acordo com os níveis de frequência com que o indivíduo relatou

apresentar a reação sugerida em cada um dos 38 itens e permitiu uma representação da multidimensionalidade do constructo HS e indicaram para aproximadamente 85 % da amostra um bom repertório social, outras análises ainda estão sendo realizadas. Uma análise preliminar da Etapa 2 aponta que as atividades de desenvolvimento da sequência didática levando em conta o campo das habilidades sociais as atividades de desenvolvimento da sequência didática levando em conta o campo das habilidades sociais constituem um recurso didático relevante que pode ser incorporado a programas de intervenção no âmbito da formação de professores. Observou-se assim a importância da estruturação de programas que articulem as Habilidades Sociais e propostas inovadoras de ensino, tais como o PIBID, de modo que possam atuar como fatores de proteção ao desenvolvimento dos alunos.

MR 4- DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL POR MEIO DA PROMOÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS EM PROFESSORES E CRIANÇAS

Coordenador: Talita Pereira Dias (UFSCar)

A promoção do desenvolvimento socioemocional na escola pode contribuir para desenvolvimento infantil de maior qualidade e melhora do clima escolar, ao promover maior aprendizagem acadêmica e prevenir indisciplina e violência escolar, demandas escolares atuais. Programas nessa direção já são conduzidos em escolas de muitos países pelos próprios professores. No Brasil, ainda são necessários investimentos nessa vertente em diferentes sentidos. Uma linha de pesquisa que requer investimento é a formação continuada de professores para promoção de habilidades sociais, o que requer o formato de programas de capacitação que sejam ao mesmo tempo efetivos, viáveis e atrativos. Outra vertente é a identificação e/ou elaboração de recursos viáveis a serem adotados nesses programas, com boa aceitação pelos professores. Uma dessas estratégias pode ser o uso de histórias infantis, que são materiais de fácil acesso ao professor e presentes no cotidiano escolar. Isso torna mais provável a integridade na aplicação, contribuindo para resultados mais efetivos. Considerando esses aspectos, esta mesa redonda tem como objetivo apresentar trabalhos desenvolvidos no contexto de escolas de Educação Infantil e Ensino Fundamental que buscaram promover desenvolvimento socioemocional de professores, por meio de habilidades sociais educativas, e de crianças, por meio da promoção de habilidades sociais infantis e utilização de recursos, como é o caso das histórias infantis. Para tanto, serão apresentados três trabalhos. O primeiro deles teve como objetivo avaliar os efeitos de um programa de habilidades sociais infantis, implementado por professores capacitados em habilidades sociais educativas, sobre as habilidades sociais de crianças pré-escolares e a qualidade da relação professor-aluno, por meio de medidas de pré e pós-teste. Já o segundo trabalho, teve como objetivos avaliar a percepção de professoras da Educação Infantil quanto à utilização de livros infantis em sala de aula, a viabilidade de sua adoção como estratégia para

promoção de habilidades sociais na infância e avaliar o impacto do uso de uma ficha de orientação para contação de história sobre o repertório de HSE das professoras ao conduzir uma atividade envolvendo contar história.Por fim, o terceiro trabalho, desenvolvido com professores da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, buscou avaliar o impacto de um Programa de Treinamento de Habilidades Sociais Educativas para professores (PHSE-Professores) sobre o próprio repertório de habilidades sociais educativas.

Apresentação 1 | HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS DO PROFESSOR COMO REQUISITO PARA PROMOÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS EM PRÉ-ESCOLARES

Talita Pereira Dias (UNIFEV), Zilda Aparecida Pereira Del Prette (UFSCar)

Os anos pré-escolares constituem uma etapa crítica para a promoção de habilidades sociais e prevenção de problemas de comportamento. Programas nessa direção vêm sendo conduzidos em muitos países. No Brasil, ainda é necessário atender a alguns pré-requisitos, como por exemplo, criar condições que favoreçam o envolvimento de professores para atuarem como aplicadores desses programas. A busca por estratégias de intervenção em habilidades sociais que se mostrem ao mesmo tempo eficazes, viáveis, parcimoniosas e com bom nível de aceitabilidade pelos aplicadores constitui-se um desafio importante. Esforços nessa direção tornam mais prováveis a integridade na aplicação, contribuindo para resultados mais eficazes, efetivos e generalizáveis. Com base nisso, o objetivo geral deste estudo é: (1) Avaliar, por meio de delineamento pré e pós-teste, os efeitos de um programa de habilidades sociais infantis, implementado por professores capacitados em habilidades sociais educativas, sobre as habilidades sociais de crianças pré-escolares e a qualidade da relação professor-aluno, por meio de medidas de pré e pós-teste. Participaram do estudo 15 professores e seus respectivos alunos matriculados em escolas de educação infantil da rede privada e pública, de uma cidade de médio porte do estado de São Paulo. Na etapa de avaliação pré-teste foram adotados os seguintes instrumentos: (1) Inventário de Habilidades Sociais Educativas (IHSE-Del-Prette) para avaliar as habilidades sociais educativas dos professores; (2) Escala de Comportamento Social para Pré-escolares (PKBS-BR) para medir as habilidades sociais infantis das crianças, por meio da avaliação dos pais e dos professores; (3) roteiro de situações problemas para avaliar relato de desempenho social dos professores em demandas sociais educativas. Em seguida, foi implantado o Programa de Habilidades Sociais Educativas e Infantis (PHSEI) para os professores com dez sessões, divididas em três fases: habilidades sociais pessoais (duas sessões), habilidades sociais educativas (quatro sessões) e promoção de habilidades sociais infantis (quatro sessões). Na última fase, além das sessões de capacitação, durante a semana, os professores, assessorados por alunos de iniciação científica, conduziam sessões de intervenção com as crianças em sala de aula, utilizando diferentes recursos para promoção da habilidade social abordada naquela semana. Ao final da

intervenção, foi feita a avaliação pós-teste das habilidades sociais educativas dos professores; avaliação pós-teste das habilidades sociais infantis das crianças e avaliação do programa quanto à eficácia, satisfação e viabilidade do programa implementado. Os dados de pré e pós-teste estão sendo analisados e serão tratados por meio de teste estatísticos descritivos e inferenciais. Na avaliação do programa, de modo geral, os professores avaliaram positivamente o programa e relataram melhoras em suas habilidades sociais educativas, bem como verificaram melhoras nas interações entre as crianças, principalmente nas habilidades sociais de civilidade. Com isso, os produtos esperados, são: produzir um formato de programa flexível às necessidades e condições do professor para promoção de habilidades sociais, eficaz e efetiva quanto à promoção de habilidades sociais educativas e infantis. Assim, espera-se que tal programa possa ser disponibilizado para utilização em escolas de Educação Infantil, atendendo às demandas sociais e legais preocupadas com a qualidade da primeira infância.

Apresentação 2 | LITERATURA INFANTIL COMO ESTRATÉGIA PARA PROMOÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS NA PRÁTICA DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Juliana Pinto dos Santos (UFSCar), Talita Pereira Dias (UFSCar), Zilda Aparecida Pereira Del Prette (UFSCar)

A escola é um dos primeiros grupos sociais em que a criança aprende maneiras de expressão de sentimentos e opiniões. Documentos norteadores da Educação Infantil apontam que essa etapa tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança, incluindo aspectos psicológicos e sociais. O professor é uma figura importante para o desenvolvimento de habilidades sociais na educação infantil. Para isso, é necessário que haja uma interação satisfatória entre professor e aluno, sendo que o professor precisa apresentar um repertório adequado de habilidades sociais educativas. O bom desempenho em habilidades sociais educativas do professor pode requerer assessoria de profissionais especialistas em habilidades sociais, o que pode produzir impacto positivo direto sobre o repertório do professor e na qualidade de sua relação com os alunos. O professor precisa também, dispor de recursos e estratégias eficazes para o desenvolvimento interpessoal das crianças e viáveis para incluir em sua rotina escolar. Uma possibilidade são os livros de literatura infantil, que são de interesse das crianças e acessíveis para o profissional. O presente estudo teve como objetivos: avaliar a percepção das professoras de Educação Infantil quanto à utilização de livros infantis em sala de aula, a viabilidade de sua adoção como estratégia para promoção de habilidades sociais na infância e avaliar o impacto do uso da ficha de orientação para contação de história sobre o repertório de habilidades sociais educativas das professoras ao conduzir uma atividade envolvendo contar história. Participaram duas professoras da Educação Infantil. Foram elaborados três instrumentos: (1) um questionário sobre a utilização de livros infantis, em que as professoras responderam se utilizam livros com as crianças, quais utilizam e quais valores e habilidades

acreditam desenvolver em seus alunos por meio da história; (2) uma ficha de orientação para contação de história, em que são descritas as principais cenas sociais presentes na história, habilidades que podem ser trabalhadas por meio do livro, além de sugestões de atividades a serem realizadas e (3) um questionário de avaliação da ficha de orientação, em que as professoras responderam em que aspectos a ficha contribuiu ou não em seu desempenho. Primeiramente as professoras responderam o questionário sobre a utilização de livros infantis. Foram filmadas duas situações de contação de história em sala de aula com cada professora. Na primeira situação, as professoras não sabiam qual livro seria utilizado. Na segunda etapa, foi utilizado o mesmo livro e as participantes tiveram acesso à ficha de orientação um dia antes da realização da atividade. Após a atividade, as professoras avaliaram a viabilidade do uso da ficha. Foi realizada comparação do repertorio de habilidades sociais educativas das professoras nas duas condições (não uso da ficha e uso da ficha). As professoras conduziram a atividade de maneiras diferentes antes e após o acesso à ficha. Uma professora avaliou a ficha como muito eficaz na maioria dos itens, enquanto a outra professora avaliou como razoável. É possível afirmar que os livros de histórias infantis podem ser um recurso viável de ser adotado com o objetivo de desenvolver habilidades sociais em pré-escolares.

Apresentação 3 | IMPACTO DE UM PROGRAMA DE HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS PARA PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL I

Ivana Gisel Casali (UNASP), Zilda Aparecida Pereira Del Prette (UFSCar)

O repertório de habilidades sociais vem sendo reconhecido como um componente crucial para a qualidade de vida das pessoas, sendo requisito indispensável para o desempenho socialmente competente. No Brasil, a partir da década de 1990, programas de Treinamento em Habilidades Sociais (THS) com delineamento experimental têm sido implementados de forma crescente em diversos contextos e com diferentes amostras. Numerosos programas desse tipo são realizados no ambiente escolar, sendo frequente o trabalho com professores. Enquanto mediador das relações estabelecidas na sala de aula e, assim, do processo ensino-aprendizagem, o professor pode manter, fortalecer ou até enfraquecer comportamentos sociais nos alunos, influenciando tanto o desempenho social quanto o rendimento acadêmico. A literatura aponta que, enquanto o manejo inefetivo dos professores encontra-se associado ao surgimento e/ou manutenção de problemas de comportamento nos alunos, professores socialmente habilidosos possibilitam o arranjo de condições interativas que contribuem para o desempenho acadêmico e o ajustamento psicossocial das crianças. Torna-se indispensável, para o sucesso da tarefa educativa, que os docentes dominem o uso dos processos que acompanham a aprendizagem de comportamentos sociais ou não sociais, sendo eles: observação (aprendizagem vicariante ou por modelação), uso de instruções (estabelecimento de um sistema de regras) e consequenciação (manejo de consequências reforçadoras

ou punitivas após a emissão de comportamentos desejados ou indesejados). Justifica-se, dessa forma, o investimento em programas que treinem professores no que respeita a Habilidades Sociais Educativas, definidas como aquelas intencionalmente voltadas para a promoção do desenvolvimento e da aprendizagem do outro, em situação formal ou informal. O repertório dessas habilidades nesses agentes poderiam, além de contribuir para o desenvolvimento infantil saudável, promover relacionamentos mais eficazes e contribuir para a qualidade de vida nesses adultos. Diante disso, o presente estudo teve como objetivo avaliar o impacto de um Programa de Treinamento de Habilidades Sociais Educativas para professores (PHSE-Professores) sobre o próprio repertório de habilidades sociais educativas. Participaram do estudo treze docentes da rede municipal de uma cidade localizada no interior de São Paulo, de gênero feminino e de diversas áreas. Realizaram-se, semanalmente e durante um semestre, 15 sessões de intervenção grupais, com duração aproximada de 75 minutos. Foram feitas avaliações antes (pré-intervenção), durante (de processo) e depois (pós-intervenção) do programa, usando filmagens e diversos instrumentos e protocolos, como o Inventário de Habilidades Sociais (IHS) e o Inventário de Habilidades Sociais Educativas – versão para professores (IHSE-Professores). Os dados coletados ainda serão analisados descritiva e inferencialmente por meio de programas estatísticos, adotando o nível de significância de 0,05 ($p < 0,05$), e estarão disponíveis para serem apresentados no Seminário.

MR 5- ESTUDOS SOBRE AS HABILIDADES SOCIAIS E A SAÚDE DO SERVIDOR PÚBLICO NA AMAZÔNIA

Coordenador: Fabio Biasotto Feitosa (Universidade Federal de Rondônia - UNIR)

A presente mesa-redonda apresentará três estudos sobre habilidades sociais em contexto de trabalho presumivelmente estressante: no serviço público altamente burocratizado, no serviço militar policial e no serviço militar do exército brasileiro. Na primeira apresentação intitulada “Relações interpessoais no trabalho e a prevalência da depressão em servidores públicos federais”, Leandro Aparecido Fonseca Missiatto irá discorrer sobre os dados de prevalência da depressão na população geral no Brasil comparando-os com os dados por ele obtidos em pesquisa no estado de Rondônia com servidores públicos federais. A seguir, mostrará relações estatisticamente significativas entre os níveis de sintomas depressivos entre esses servidores e condições psicossociais no trabalho, especialmente registrando as demandas interpessoais entre os pares e a chefia. A segunda apresentação, intitulada “Saúde mental no trabalho de policiais militares: uma investigação acerca do repertório de habilidades sociais em policiais militares do Estado de Rondônia”, a palestrante Marcia Francisca da Costa do Nascimento fará uma exposição acerca da fundamentação teórica entre habilidades sociais em geral, assertividade em particular e a saúde mental de policiais militares. Na sequência, irá comparar o repertório de habilidades sociais de policiais militares que participaram de sua pesquisa no estado de Rondônia com amostras normativas dos testes psicológicos utilizados, a fim de

inferir a capacidade dos policiais em administrar demandas interpessoais estressantes, especialmente pelo uso de assertividade. Por fim, fará uma série de considerações mostrando como detalhar as análises estatísticas correlacionando a assertividade com indicadores de saúde mental, tais como a depressão e o estresse psicológico, inserindo a discussão no contexto do trabalho. Na terceira apresentação, Erika Moreira Rangel irá discorrer sobre o seu trabalho "A influência do autoconhecimento nas relações interpessoais: um estudo no Exército Brasileiro na Amazônia", por meio do qual conceitua e investiga o autoconhecimento aplicado ao enfrentamento de demandas de trabalho, especialmente de demandas interpessoais. Mostrará que a natureza estressante do trabalho de militares do exército brasileiro na Amazônia compõe a vulnerabilidade ao sofrimento psíquico, gerando a necessidade de recursos de enfrentamento. Será discutido que o autoconhecimento pode ser uma fonte de recursos de coping que irá influenciar a asserção na defesa de valores pessoais e assim proporcionar bem-estar. Os três estudos em conjunto servirão de base a uma série de discussões sobre a aplicação da teoria transacional de estresse e coping de Richard Lazarus para a compreensão do processo interpessoal de saúde e doença constituído em contextos de trabalho.

Apresentação 1 | RELAÇÕES INTERPESSOAIS NO TRABALHO E A PREVALÊNCIA DA DEPRESSÃO EM SERVIDORES PÚBLICOS FEDERAIS

Leandro Aparecido Fonseca Missiatto (Faculdade de Ciências Biomédicas de Cacoal - FACIMED), Fabio Biasotto Feitosa (Faculdade de Ciências Biomédicas de Cacoal - FACIMED)

A depressão tem se tornado um transtorno mental comum no contexto laboral, implicando prejuízos de diversas ordens para as organizações de trabalho. Sua sintomatologia é caracterizada por sentimentos de tristeza, falta de confiança, opiniões negativas de si, de outros e do futuro, perda de interesse em atividades, e perturbação do sono e apetite. Segundo dados da Organização Mundial de Saúde, estima-se que até o final da presente década a depressão será a segunda causa de incapacidade em saúde no mundo. Deste modo, a expansão da depressão tende, de um modo geral, a afetar a economia, setores produtivos e estratégias de saúde dos países. O objetivo deste estudo foi o de verificar a prevalência de depressão em servidores públicos do Instituto Nacional de Seguridade Social no estado de Rondônia (INSS). Participaram 132 servidores da capital (61,4%) e interior (31,6%) do estado de Rondônia de um montante total de 327 que atualmente prestam serviços no INSS/RO. A amostra foi constituída em sua maioria por mulheres (70,45%), idade média 47,5 anos, com ensino médio completo (61,4%) e a maior parte dos participantes da pesquisa ocupavam cargos de nível médio (82,6%). Utilizou-se como instrumentos de coleta de dados um Questionário de condições de trabalho e o Patient Health Questionnaire- 9 (PHQ-9). O primeiro instrumento foi desenvolvido pelos pesquisadores enquanto que o segundo se trata de um questionário mundialmente utilizado para identificação da depressão. O PHQ-9 é composto por nove questões,

sendo uma vantagem em estudos epidemiológicos em comparação a outros atualmente validados para o Brasil, que se caracterizam por sua extensão. As nove questões verificam os sintomas descritos para depressão maior no Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos mentais (DSM-IV). O instrumento é autoaplicado e utiliza-se de uma escala Likert que avalia a frequência dos sintomas nas últimas duas semanas. Os dados apontam para um elevado índice de manifestação de sintomas depressivos entre estes servidores (94%), destes, 29,54% foram sintomas moderados e 11,36% sintomas que indicam estado de depressão grave. A prevalência foi maior em servidores do interior, com relações de trabalho com a chefia prejudicadas e com percepção de baixa autonomia no trabalho. Este estudo sugere que os altos índices de servidores com sintomas depressivos se associam às condições subjetivas de trabalho (relações com a chefa, autonomia, expectativas sobre o trabalho e atividades desenvolvidas em equipes ou individualmente), demonstrando o impacto que as relações interpessoais negativas têm sobre a saúde mental destes servidores públicos e sugere ser necessária a promoção de políticas de saúde específicas para controle da depressão nestes servidores, incluindo o Treinamento de Habilidades Sociais (THS) para gestores e colaboradores do INSS/RO como medida de promoção de saúde mental no ambiente de trabalho.

Apresentação 2 | SAÚDE MENTAL NO TRABALHO DE POLICIAIS MILITARES: UMA INVESTIGAÇÃO ACERCA DO REPERTÓRIO DE HABILIDADES SOCIAIS EM POLICIAIS MILITARES DO ESTADO DE RONDÔNIA

Marcia Francisca da Costa do Nascimento (Polícia Militar do Estado de Rondônia - PMRO), Fabio Biasotto Feitosa (Polícia Militar do Estado de Rondônia - PMRO)

As reflexões acerca da saúde no trabalho de policiais militares ainda são bastante limitadas na literatura científica. Profissionais da Segurança Pública, destacando aqui policiais militares, estão sujeitos a situações de estresse intenso, o que pode interferir em seu equilíbrio emocional e capacidade de raciocínio. Isto se torna mais preocupante por serem profissionais que portam arma de fogo também no período de folga, obrigando-os à administração eficaz das situações estressoras constantemente. Diferentes ocorrências exigem dos policiais uma firme, porém, não necessariamente agressiva operação, de maneira que modos assertivos de enfrentamento parecem ser mais adequados em variadas situações da rotina desses profissionais. Em ocorrências conflituosas, os policiais se tornam um receptáculo de angústias e outros sentimentos negativos despertados neles por terceiros, exigindo o uso de habilidades sociais para administrar as demandas interpessoais dos mais variados tipos de ocorrências. Os policiais não sairão isentos de uma ocorrência, porque mesmo que não tenham utilizado a força física ou letal geralmente precisam demandar muito equilíbrio emocional em situações desafiadoras e desgastantes, como na mediação de conflitos. As habilidades sociais se referem a um conjunto de comportamentos sociais usado para responder de maneira adequada às demandas das situações interpessoais e estão implicadas na promoção e proteção da saúde. As

habilidades sociais são importantes para a qualidade do encontro social tanto na esfera da vida pessoal, quanto no desempenho de atividade laborais, de maneira que policiais militares muito se beneficiariam de um repertório bem elaborado de habilidades sociais, especialmente, no caso, de habilidades assertivas. Policiais militares assertivos provavelmente têm maiores chances de sucesso em suas ações, uma vez que precisam constantemente tomar decisões rápidas com impactos significativos em todos os envolvidos em uma ocorrência, e a assertividade, neste caso, seria capaz de reduzir a ansiedade e fazer com que suas decisões sejam tomadas com menor interferência de emoções negativas. Deste modo, o presente trabalho tem como objetivo apresentar os níveis de elaboração do repertório de habilidades sociais de um grupo de policiais militares, com especial interesse na assertividade. Participaram de uma pesquisa de levantamento 126 policiais militares lotados em um batalhão da Polícia Militar do Estado de Rondônia que responderam ao Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette) e Escala Fatorial de Extroversão (EFEX). Os policiais militares apresentaram repertório de habilidades sociais altamente elaborado, com média no escore total de 97,34. Em relação à assertividade inferida pelo IHS-Del-Prette (F1), os avaliados apresentaram média de 9,68, o que corresponde a um bom repertório de habilidades sociais, acima da mediana, para ambos os sexos. Já a assertividade avaliada pelo EFEX (E3) teve como média 5,1, alcançando um nível médio de desempenho. Tais resultados demonstram que, embora o nível de habilidades sociais em geral apareceu como altamente elaborado, no que tange à assertividade, os resultados indicam que um subgrupo significativo da amostra de policiais militares apresentou níveis relativamente abaixo da média. Os resultados revelam a necessidade de análises mais detalhadas, que serão apresentadas, incluindo discussões à luz da literatura especializada sobre a influência em indicadores de saúde mental nesse grupo estudado.

Apresentação 3 | A INFLUÊNCIA DO AUTOCONHECIMENTO NAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS: UM ESTUDO NO EXÉRCITO BRASILEIRO NA AMAZÔNIA

Erika Moreira Rangel (Universidade Federal de Rondônia - UNIR), Fabio Biasotto Feitosa (Universidade Federal de Rondônia - UNIR)

O ambiente de trabalho militar conta com exigências físicas, mentais e psicológicas, a complexidade de missões, demandas logísticas, planejamentos estratégicos, burocracias, alcance de metas e exigências de normas e condutas podem agravar a qualidade das relações interpessoais, consequentemente aumentando o estresse e as probabilidades de adoecimento do indivíduo. Ademais, a profissão requer constantes relocações que influenciam não só no campo profissional, mas pessoal e familiar, exigindo do indivíduo readaptação constante. Dados de pesquisas apontam o surgimento de depressão por meio de estresse interpessoal, e que o déficit de habilidades sociais tende a acompanhar estados de sofrimento psicológico, além de ampliar a vulnerabilidade para a depressão. O conceito de “capital de identidade” consiste nos recursos que o indivíduo utiliza para construir sua personalidade e que

a quantidade e utilização desses recursos promove mais autonomia e empoderamento ao indivíduo. O autoconhecimento é a habilidade de observar o próprio comportamento e reconhecer as próprias qualidades, dificuldades e recursos. Dessa forma, quando o indivíduo conhece seu ponto de partida e seus recursos pode criar estratégias mais autênticas ao lidar com outros, evitando, assim sofrimento psicológico, uma vez que se torna mais capaz de usar os seus recursos efetivos ao lidar com as demandas interpessoais. Ao favorecer a qualidade das relações interpessoais, o autoconhecimento se torna um mecanismo de promoção e proteção à saúde mental. O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma pesquisa que buscou verificar se militares do exército brasileiro, servidores na região Amazônica, sediados na cidade de Porto Velho, Rondônia, utilizam o autoconhecimento como facilitador das relações interpessoais no ambiente de trabalho. Participaram da pesquisa 129 militares, de ambos os sexos, faixa etária entre 19 e 50 anos, com origem em diferentes estados brasileiros. Os instrumentos aplicados foram adaptados para o Brasil e aferem a autoafirmação de valores e nível de humildade como meio de autoconhecimento e consequentemente maior bem-estar e qualidade de vida. Os testes mensuram civilidade, autocontrole e expressividade emocional, empatia, assertividade, e soluções para problemas interpessoais, classes e subclasses de habilidades sociais. Os resultados estão sendo apurados e analisados, de maneira que as primeiras análises indicam que pessoas que autoafirmam seus valores e conseguem expressar suas vulnerabilidades demonstram maior autoconhecimento. Relacionamentos familiares e amizades apareceram como o valor mais escolhido pelo grupo e serão discutidas as implicações do tipo de autoconhecimento avaliado e dos valores pessoais mais referidos pelos militares como componentes da competência social, facilitadores do uso de habilidades sociais e características pessoais promotoras e protetoras da saúde.

MR 6- FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM HABILIDADES SOCIAIS

Coordenador: Bárbara Carvalho Ferreira (UFVJM-MG)

Resumo geral: O desenvolvimento interpessoal do educador é um importante elemento para que o processo de ensino e aprendizagem ocorra de forma dialógica e interativa. Nesse sentido, para que os alunos consigam estabelecer relações sociais satisfatórias neste contexto e atender às expectativas acadêmicas, a atuação efetiva dos professores é fundamental, sendo as habilidades sociais facilitadoras deste processo, uma vez que elas permitem o estabelecimento de interações positivas entre professor e aluno. No entanto, nem todos os professores apresentam um repertório de habilidades sociais, ou se têm, podem apresentá-lo com baixa frequência e/ou com pouca proficiência (competência). Diante disso, torna-se necessário que estes professores tenham assessoria e colaboração de profissionais especialistas em habilidades sociais, que podem atuar em formações ou capacitações que tenham como objetivo a aquisição e/ou aprimoramento do repertório de habilidades sociais de professores. Nessa perspectiva, programas de intervenção ou assessoria poderiam

ensinar o professor a lidar com os comportamentos sociais de seus alunos e estabelecer interações sociais mais produtivas, capacitando-o a cumprir de maneira mais efetiva seu papel de promotor da aprendizagem e desenvolvimento socioemocional dos alunos. Uma das etapas que antecedem a implantação de um programa de intervenção é a avaliação do repertório de habilidades sociais. Esta avaliação permite identificar os tipos de déficits, os recursos comportamentais dos participantes e do ambiente, assim como os comportamentos interferentes que competem com a aprendizagem e/ou desempenho das habilidades sociais, incluindo a educativas. Considerando estes aspectos, esta mesa redonda se propõe a (a) caracterizar o repertório de Habilidades Sociais Educativas de professores da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental que tenham em sua turma alunos com necessidades educacionais especiais matriculados; (b) analisar indicadores de qualidade de vida e de habilidades sociais de professores, levando em conta as variáveis sociodemográficas, que poderiam moderar essa relação; (c) apresentar os resultados de um estudo piloto de um programa de habilidades sociais para professores na modalidade semipresencial.

Apresentação 1 | CARACTERIZAÇÃO DAS RELAÇÕES SOCIAIS PROFESSOR-ALUNO: UMA ANÁLISE SOB A PERSPPECTIVA DAS HABILIDADES SOCIAIS

Iriene Ferraz de Souza (UFVJM-MG), Bárbara Carvalho Ferreira (UFVJM-MG)

A inclusão dos alunos com Necessidades Educacionais Especiais (NEE) na rede regular de ensino tem sido motivo de ampla discussão nas últimas décadas. Contudo, a efetividade do processo de inclusão depende, dentre outros fatores, da atitude dos professores e de sua capacidade em ampliar as relações sociais em sala de aula, uma vez que o professor é o mediador das relações estabelecidas neste contexto. Diante disso, é imprescindível que ele possua um repertório de Habilidades Sociais Educativas (HSE), pois as práticas educativas positivas favorecem o desenvolvimento infantil e consequentemente a aprendizagem. Considerando a importância das HSE de professores que trabalham na perspectiva inclusiva, o presente estudo tem como objetivo caracterizar o repertório de Habilidades Sociais Educativas de professores da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental que tenham em sua turma alunos com NEE matriculados. Trata-se de um estudo quantitativo, descritivo e analítico com professores regulares de escolas públicas. Participaram dessa pesquisa 313 professores, sendo 97 da Educação Infantil e 216 dos anos iniciais do Ensino Fundamental de 81 escolas Municipais e Estaduais. Para a coleta de dados utilizou-se o Inventario de Habilidades Sociais Educativas (IHSE-Del-Prette) e o Questionário de Caracterização, contendo 33 perguntas sobre dados sociodemográficos, formação, atividade profissional e práticas educativas dos professores. Considerando que a pesquisa encontra-se em andamento, serão apresentados neste estudo dados referentes ao Questionário de Caracterização, uma vez que os dados do IHSE-Del-Prette estão em fase de tabulação e análises. Os resultados indicaram que, 62% dos professores concordam totalmente que a qualidade das relações interpessoais entre

professor e aluno afeta a aprendizagem do aluno; 30,7% concordam em parte e 6,1% discordam totalmente. Com relação às práticas educativas desenvolvidas com os alunos com NEE, 82,7% responderam que fazem algumas adaptações considerando o tipo de NEE de seu aluno e 13,7% não fazem adaptações. Quando questionados se os professores escolhem a cada dia um novo colega para auxiliar o aluno com NEE, 59,4% responderam sim e 35, 5% não. Sobre a avaliação do relacionamento interpessoal do professor com o aluno, 56,2% responderam que é ótimo; 42,2% responderam que é bom e 1,3% regular. No que se refere às práticas utilizadas para favorecer a interação dos alunos com NEE com demais colegas dentro e fora de sala de aula, 81,2% responderam que separam os alunos em grupos pequenos e insere neles o aluno com NEE e 16,6% responderam não utilizam essa prática. Esse dado está em consonância com a classe “Estabelecer contextos interativos potencialmente educativos” do IHSE, cujo comportamento do educador consiste dentre outros, em agrupar os alunos em duplas ou trios ao conduzir atividade interativa. Os dados do presente estudo reforçam as evidências da literatura sobre a importância da qualidade das relações interpessoais no processo ensino/aprendizagem, bem como da necessidade de se desenvolver práticas educativas de acordo com o repertório comportamental apresentado pelos alunos com NEE. Pode-se concluir também que os professores do presente estudo utilizam práticas educativas favoráveis a inclusão dos alunos com NEE na escola regular.

Apresentação 2 | HABILIDADES SOCIAIS E QUALIDADE DE VIDA DE PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL

Marcela Mangili Esteves (UFSCar/SP), Zilda A. P. Del Prette (UFSCar/SP)

As condições de trabalho dos professores de Educação Fundamental são reconhecidamente precárias, comprometendo sua saúde física e mental e, consequentemente, sua qualidade de vida. Um dos fatores de qualidade de vida é um bom repertório de habilidades sociais, que contribui para relações interpessoais mais produtivas e satisfatórias, inclusive para a interação professor-aluno e, por essa via, para o processo de ensino-aprendizagem. O presente estudo analisou indicadores de qualidade de vida (QV) e de habilidades sociais (HS) de professores, levando em conta as variáveis sociodemográficas, que poderiam moderar essa relação. Participaram 72 professoras de Educação Básica, do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, de escolas públicas de uma cidade do interior paulista, que completaram o Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette, versão 2016), o Questionário de Qualidade de Vida (WHOQOL-abreviado) e dois questionários sociodemográficos (Critério-Brasil e “Conhecendo um pouco mais sobre você”). Foram efetuadas análises descritivas sobre HS e QV bem como análises inferenciais de correlação entre essas variáveis, considerando-se o grupo total e comparações em cada um dos subgrupos contrastantes nas variáveis sociodemográficas, adotando-se nível de significância $p \leq 0,05$. Os resultados mostraram que: (a) no IHS-Del-Prette os participantes pontuaram escores gerais e fatoriais acima do ponto central da escala,

com exceção do F5 que ficou abaixo; (b) no WHOQOL os escores de todos os domínios se localizaram acima do ponto central da escala; (c) foram encontradas correlações positivas entre HS e QV: (c1) Escore Geral de HS e de QV (r = 0,263; p = 0,025) e entre Escore Geral de HS e os domínios QV2-Psicológico (r = 0,354; p = 0,002) e QV3-Relações Sociais (r = 0,368; p = 0,001); (c2) Domínio QV2- Psicológico com HS-Fator 3-Assertividade de Autodefesa (r = 0,328; p = 0,005); (c3) QV3-Relações Sociais e HS-Fator1-Conversação e Desenvoltura Social (r = 0,293; p = 0,013), HS-Fator2–Expressão de Sentimento Positivo (r = 280; p = 0,017) e HS-Fator4-Assertividade e Autoexposição Social (r = 0,334; p = 0,004); (d) foi obtida maior quantidade de correlações (na direção dos resultados gerais na amostra) para as professoras de maior idade (a partir de 42 anos), com maior nível de escolaridade (pós graduação), maior carga de trabalho (mais de uma escola) e com experiência acima de 13 anos. Os resultados permitem concluir que há correlação positiva entre HS e QV, principalmente entre o Escore Geral de HS e os domínios psicológico e de relações sociais de QV. Além disso, verificou-se que idade, formação acadêmica, carga de trabalho e tempo de formação podem constituir variáveis moderadoras dessa relação. São discutidas as implicações práticas decorrentes desses resultados bem como as limitações do estudo e novas questões de investigação.

Apresentação 3 | PROGRAMA DE HABILIDADES SOCIAIS PARA PROFESSORES NA MODALIDADE SEMIPRESENCIAL: AVALIAÇÃO DE UM ESTUDO PILOTO

Amelie Bussolan Cintra (UFSCar), Zilda A. P. Del Prette (UFSCar)

É reconhecida a necessidade de preparar os professores para lidarem com demandas interpessoais de sala de aula. O campo das Habilidades Sociais apresenta evidências de eficácia e efetividade nos programas destinados aos professores em modalidade presencial, porém ainda carece de evidências de processo e resultado em outras modalidades. Este trabalho avaliou relações entre as características de professores cursistas (dados sociodemográficos, atuação profissional, domínio da tecnologia, autoavaliação profissional, concepção sobre o desenvolvimento socioemocional e manejo em sala de aula) e indicadores de processo (assiduidade, qualidade do engajamento, avaliação do cursista sobre o curso) e de resultados (repertório de HS e aquisição de conhecimento em HS) que participaram de um programa de habilidades sociais, com seis unidades, totalizando 36h de atividades presenciais e no ambiente virtual de aprendizagem. Participaram 12 professores do ensino fundamental, da rede pública que responderam o IHS-Del-Prette (versão 2016) e questionários de conhecimento sobre HS bem como de informações pessoais e concepções. O desempenho dos professores ao longo do módulo foi também avaliado pelos tutores. Os dados foram analisados descritiva e inferencialmente (*T de Student*, *Wilcoxon e Correlação de Spearman*). Os resultados evidenciaram mudança significativa no escore total (*t(10)*=2,4; *p*=0,035) e no F4 (*t*(10)=2,5; p=0,034) do IHS-Del-Prette, e em conhecimento sobre habilidades sociais, nas questões abertas

(Z=2,9; *p*=0,001), fechadas (Z=2,25; *p*=0,023) e escore geral (Z=3,1; *p*<0,001). Foram verificadas correlações significativas e fortes associadas a: (a) Características do professor e variáveis de processo: capacidade relatada de manejar conflitos e realização de tarefas no prazo (ρ=-0,75; *p*=0,043); (b) Características do professor e resultado: tempo de formação com conhecimento sobre HS nas questões abertas (ρ=-0,88; *p*<0,001) e no escore geral (ρ=-0,73; *p*=0,007); capacidade relatada para lidar com sentimentos negativos e habilidades assertivas de autoexposição social (F4 do IHS) (ρ=-0,7; *p*=0,011); capacidade relatada de acalmar-se diante de conflitos e escore total de habilidades sociais (IHS) (ρ=+0,7; *p*=0,011); utilização de estratégias positivas em sala de aula e habilidades do F4 (ρ =+0,78; *p*=0,003), utilização de estratégias negativas em sala de aula e habilidades do F4 (ρ =-0,78; *p*=0,003), viabilidade de incluir o desenvolvimento socioemocional na escola e aquisição de conhecimento em HS (ρ =-0,72; *p*=0,008); (c) Variáveis de processo e de resultado: escore geral de habilidades sociais (IHS) e nota em tarefas acadêmicas (ρ=-0,79; *p*=0,002) e interpessoais de casa (ρ =-0,73; *p*=0,007). De forma geral, os dados sugerem que a autoavaliação inicial positiva dos cursistas (em habilidades sociais assertivas, autocontrole emocional, manejo de conflitos) foi associada a um menor investimento em tarefas acadêmicas e interpessoais do curso (e vice-versa); que quanto menor o tempo de formação, mais aprenderam sobre habilidades sociais. Por outro lado, foram verificadas associações positivas entre habilidades sociais e relato de autocontrole emocional, bem como de utilização de mais estratégias positivas e menos negativas em sala de aula. Os dados sugerem a relevância de considerar as características iniciais dos professores como forma de planejar aspectos do processo e condições para melhores resultados de programas de formação continuada. São discutidas limitações e implicações dos resultados deste estudo piloto (CAPES).

MR 7- HABILIDADES SOCIAIS E DE VIDA EM DIFERENTES CONTEXTOS PARA INTERVENÇÕES GRUPAIS

Coordenador: Juliana Maltoni (FFCLRP-USP)

A Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) possui sua eficácia e relevância estabelecida para intervenções na modalidade grupal para diferentes demandas, equiparando-se à modalidade individual. As intervenções abrangem uma extensa lista de técnicas, onde se econtram o treino de Habilidades Sociais e de Vida (HS e HV), utilizado para as mais diversas demandas e contextos. Repertórios mais enriquecidos de HS e HV impactam não apenas na qualidade dos relacionamentos interpessoais, mas podem também auxiliar em outras instâncias da vida do indivíduo, como manejo de emoções e resolução de problemas. A competência psicossocial pode ser aumentada pela ampliação destes repertórios, atuando como fator de proteção, promovendo o desenvolvimento mais saudável e maior qualidade de vida. O presente trabalho pauta-se na experiência das autoras como terapeutas e co-terapeutas em programas de TCC em grupo na graduação e atualmente como supervisoras monitoras destes na pós-graduação: Programa Cognitivo-Comportamental de

Habilidades de Vida para crianças e adolescentes (PRHAVIDA), Programa Cognitivo-Comportamental de Educação Alimentar em Grupo (PRO-META) e o Programa de Orientação de Pais (PROPAIS I). Todos são desenvolvidos pelo Laboratório de Pesquisa e Intervenção Cognitivo-Comportamental da Universidade de São Paulo (LaPICC-USP) e são avaliados quantitativamente anualmente há mais de 7 anos. O objetivo deste trabalho é demonstrar questões teórico-práticas da aplicabilidade de HS e HV envolvidas nestas diferentes demandas para contextos distintos, demonstrando como elas são inseridas ao longo das sessões e quais são os materiais e elementos facilitadores utilizados, em consonância com a TCC. Portanto, tratam-se de relatos de experiência realizados a partir dos relatos de sessões, com foco sobre as falas dos participantes e atividades realizadas. Objetiva-se também fomentar a discussão acerca da importância da inserção das HS e HV na área da Psicologia. O PRHAVIDA será apresentando com foco sobre o manejo de emoções, assertividade, resolução de problemas e flexibilização cognitiva como estratégia de promoção de saúde na população infanto-juvenil; o PRO-META demonstrará o desenvolvimento das habilidades de assertividade e resolução de problemas voltadas para situações sociais que envolvam alimentação; e as habilidades sociais e relacionais entre pais em filhos e os desdobramento sobre habilidades parentais serão o foco da apresentação do PROPAIS. Os resultados das avaliações qualitativas foram feitos a partir da análise do conteúdo das falas dos participantes e exemplos trazidos ao longo das sessões demonstrando o impacto das intervenções, refletindo o desenvolvimento destas habilidades pelos participantes, a satisfação com os ganhos adquiridos nos grupos e a generalização destes conhecimentos para outros contextos.

Apresentação 1 | ASSERTIVIDADE, RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS E FLEXIBILIZAÇÃO COGNITIVA PARA ADOLESCENTES: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UM GRUPO DE PROMOÇÃO DE SAÚDE

Juliana Maltoni (FFCLRP-USP), Isabela Maria Freitas Ferreira (FFCLRP-USP), Carmem Beatriz Neufeld (FFCLRP-USP)

Os relacionamentos interpessoais são compostos por habilidades sociais e de vida de cada indivíduo. Repertórios enriquecidos e mais adequados impactam diretamente na qualidade destas relações e, por consequência, em outras instâncias da vida. A adolescência é marcada por intensas transformações de ordem biológica, psicológica e social. Novas habilidades cognitivas e novos papéis sociais são adquiridos. Os relacionamentos com pares e comportamentos de grupo são uma das esferas de maior importância nesta fase, onde novas habilidades serão testadas. Dessa maneira, a comunicação eficaz - expressar-se assertivamente de maneira verbal ou não – o desenvolvimento do pensamento crítico e criativo, bem como habilidades para resolução de problemas são de grande importância para o desenvolvimento mais saudável nessa fase. O manejo de emoções e desenvolvimento da flexibilização cognitiva também figuram-se como importantes elementos para lidar com as demandas da adolescência. Nesse sentido, o desenvolvimento de intervenções

voltadas para a promoção de saúde e desenvolvimento de habilidades para a vida vem crescendo. Este relato de experiência pauta-se no Programa de Habilidades para a Vida (PRHAVIDA) – grupo de promoção de saúde voltado para adolescentes de 11 a 13 anos, desenvolvido pelo Laboratório de Intervenção Cognitivo-Comportamental da Universidade de São Paulo desde 2009. Atualmente, os grupos acontecem em uma escola municipal e o programa é avaliado em seu início e final, contando com grupo controle, estabelecido em 11 sessões que abarcam as habilidades para a vida descritas pela Organização Mundial da Saúde. O programa possui enfoque na teoria cognitivo-comportamental, com conteúdos voltados para o modelo cognitivo e estratégias de flexibilização cognitiva. O objetivo deste trabalho é demonstrar como as habilidades relativas a assertividade, resolução de problemas e flexibilização cognitiva foram trabalhadas e as mudanças observadas nos adolescentes ao final do grupo. O delineamento deste trabalho foi qualitativo, configurando-se como um telato de experiência a partir da utilização de relatórios semanais das sessões e relatos dos participantes. Os resultados das análises dos conteúdos das sessões demonstraram que os adolescentes possuem repertórios empobrecidos ou dificuldades em expressar habilidades de vida, mas que os conceitos foram facilmente compreendidos e generalizados, uma vez que o grupo pauta-se no contexto e vivências específicas de cada participante. No entanto, o ambiente escolar e familiar são descritos como não reforçadores de comportamentos assertivos e resolução eficaz de problemas. O pensamento crítico e criativo e a flexibilização cognitiva são habilidades mais facilmente inseridas em outros contextos, pois não necessariamente dependem das respostas de terceiros. Durante o grupo os adolescentes auxiliaram uns aos outros, dando feedbacks diretos sobre comportamentos ou manejo de situações inadequadas, demonstrando o que a literatura da área preconiza – a relevância da ajuda entre participantes de grupo e a inclinação para interações do tipo nesta fase do desenvolvimento. As sessões, mesmo que com tempo limitado, adequaram-se ao contexto do grupo, facilitando a compreensão e adesão à intervenção. A avaliação final dos participantes exemplifica a satisfação, generalização do aprendizado e mudanças adquiridas com o grupo.

Apresentação 2 | O IMPACTO DO MANEJO DE EMOÇÕES NO DESENVOLVIMENTO INTERPESSOAL DE CRIANÇAS EM UM GRUPO DE PROMOÇÃO DE SAÚDE

Isabela Maria Freitas Ferreira (FFCLRP-USP), Juliana Maltoni (FFCLRP-USP) e Carmem Beatriz Neufeld (FFCLRP-USP)

As emoções são fenômenos expressivos que envolvem estados de sentimentos, auxiliando os indivíduos na adaptação às oportunidades e desafios enfrentados no cotidiano. Dessa forma, as emoções possuem duas funções básicas: enfrentamento e socialização, isto é, além dos comportamentos serem desencadeados por emoções, obtendo uma função adaptativa e de preservação do ser humano, ela também influencia no feedback social, isto é, no modo como as pessoas passam a ver, tratar

e interagir com os outros. A maioria das psicopatologias apresenta algum nível de alteração no funcionamento emocional, dessa forma, identificar e abordar disfunções na expressão ou supressão das emoções é parte importante de intervenções terapêuticas. Partindo dessa ideia, a literatura ressalta a importância de desenvolver cada vez mais intervenções de promoção de saúde mental, dando ênfase no manejo de emoções, como uma estratégia para aumentar os cuidados com a saúde mental e reduzir comportamentos de risco, contribuindo para um desenvolvimento interpessoal saudável e eficaz. As emoções surgem das mesmas circunstâncias para todas as pessoas de diferentes idades, por isso saber maneja-las desde a infância contribui para evitar situações de sofrimento psicológico que podem perdurar por um longo período. O Programa de Promoção de Habilidades para a Vida (PRHAVIDA) é um exemplo de intervenção de promoção de saúde que trabalha com o manejo de emoções voltado para crianças de 8 a 10 anos. O objetivo desse trabalho é relatar a experiência do manejo de emoções do Programa PRHAVIDA com grupo de crianças, fazendo uma interlocução com o impacto do manejo no desenvolvimento interpessoal desses participantes. Este trabalho teve um delineamento qualitativo, por meio de um relato de experiência do recorte dos relatos de sessões. O programa é composto por 11 sessões que trabalham habilidades para a vida. Dentre estas, três sessões são referentes ao trabalho com emoções, no qual a primeira, o enfoque é na psicoeducação de emoções básicas e secundárias, a segunda sessão trabalha-se a expressividade emocional e a terceira sessão o manejo de emoções desconfortáveis. Como resultado observou-se que inicialmente as crianças tiveram pouco conhecimento sobre as emoções, sendo conhecidas somente algumas primárias: alegria, tristeza e medo. Ao longo dessas sessões foi possível perceber que as crianças tomaram conhecimento das emoções e conseguiram identificar onde sentiam e por que sentiam. Nessa etapa as crianças começaram a perceber que suas emoções podem ser influenciadas pelas emoções e comportamentos dos outros. Após as três sessões observou-se que as crianças começaram a praticar as técnicas de manejo de emoções desagradáveis nas demais sessões do grupo; e por meio de relatos das próprias crianças e a confirmação dos professores, elas conseguiram generalizar essas estratégias para situações fora do grupo. Dessa forma, conclui-se que as sessões de emoções possibilitaram que as crianças conseguissem validar suas emoções e das outras pessoas, até mesmo ser empáticas com elas, facilitando sua comunicação com familiares, colegas e professores, impactando na redução de comportamentos desadaptativos e no aumento do bem-estar, contribuindo para relações interpessoais saudáveis.

Apresentação 3 | DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES RELACIONAIS ENTRE PAIS E FILHOS EM UM PROGRAMA DE ORIENTAÇÃO DE PAIS EM GRUPO

Thaís Barbosa Benedetti (FFCLRP-USP), Carmem Beatriz Neufeld (FFCLRP-USP)

Pais e cuidadores frequentemente encaminham seus filhos à terapia em função dos problemas de comportamento e emoções que estes apresentam, pelas dificuldades de manejo destas demandas, como também dúvidas a respeito da educação em geral de seus filhos. Indagações a respeito da melhor maneira de educar os filhos e as dúvidas sobre como agir em determinadas circunstâncias são comuns no meio parental. Ora, por um lado, muitos pais acreditam estarem certos no modo de educar por terem sido educados da mesma forma, no entanto, por outro lado, muitas vezes não sabem lidar com as dificuldades que os filhos apresentam. O conjunto de atitudes ou práticas adotadas pelos pais ou cuidadores origina um estilo parental específico, que pode ser positivo ou negativo para o desenvolvimento da criança e adolescente. A prática parental adotada sugere ser substancial para a promoção de uma vida em sociedade que lhes proporcione participação social, inserção e o pleno desenvolvimento de suas potencialidades. Considerando as demandas que levam os filhos à terapia e as dificuldades de manejo dos pais, diversas intervenções parentais têm sido desenvolvidas. Os programas de orientação de pais são de grande relevância, pois auxiliam os pais no acompanhamento do caso clínico de seus filhos, de suas estratégias de educação e de suas crenças e sentimentos sobre a demanda apresentada. O Programa de Orientação de Pais (PROPAIS I) consiste em um programa estruturado de orientação de pais em grupo, para pais cujos filhos se encontram em atendimento psicoterapêutico no estágio do Laboratório de Pesquisa e Intervenção Cognitivo-Comportamental da Universidade de São Paulo (LaPICC-USP). O PROPAIS I tem a finalidade de ampliar a percepção dos pais na maneira como seus filhos se comportam e da maneira como eles próprios agem; a percepção dos pensamentos nas relações com seus filhos e suas distorções; estratégias para resolver problemas; promover qualidade na interação e na comunicação entre pais e filhos. O presente estudo possui delineamento qualitativo sendo caracterizado como um relato de experiência dos participantes do PROPAIS I em relação ao desenvolvimento de habilidades relacionais dos pais com seus filhos. Foram utilizados os relatos de sessões dos grupos ocorridos de 2009 a 2016 que totalizaram 56 participantes. Foi observado, a partir da análise dos conteúdos das sessões, o desenvolvimento das habilidades relacionais entre pais e filhos através das falas dos participantes ao longo das sessões do PROPAIS I. Esses resultados demonstraram que o programa proporcionou um aumento das habilidades parentais, apresentando uma melhora na qualidade do relacionamento interpessoal e consequentemente uma mudança no comportamento de ambas as partes. Esses dados estão de acordo com a literatura, a qual aponta que aumentar o repertório de práticas parentais adequadas promove melhorias na interações pai-filho, acarretando possíveis alterações comportamentais nas crianças e adolescentes.

Apresentação 4 | DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS EM UM GRUPO DE EDUCAÇÃO ALIMENTAR

Suzana Peron (FFCLRP-USP), Dayane Barbosa (FFCLRP-USP); Gabriela Affonso (FFCLRP-USP); Carmem Beatriz Neufeld (FFCLRP-USP)

A obesidade é considerada uma doença crônica, cuja principal característica é o excesso de tecido adiposo, sendo uma das doenças mais comuns desse século e um grande problema de saúde, o qual atinge cerca de 300 milhões de pessoas no mundo. Ainda, a obesidade e o sobrepeso são considerados fatores de risco para várias doenças crônicas. Na prática clínica geral, a Terapia Cognitivo-Comportamental utiliza uma ampla variedade de técnicas para abordar dificuldades interpessoais, entre elas, encontram-se a psicoeducação e treino das habilidades sociais, estão são consideradas repertório de comportamentos sociais necessários para a construção de relações interpessoais saudáveis e produtivas. O PRO-META Programa Cognitivo-Comportamental de Educação Alimentar em Grupo é um programa que visa a reestruturação cognitiva das crenças distorcidas ligadas ao excesso de peso e a educação alimentar, voltada para participantes com sobrepeso ou obesidade. Consiste em uma intervenção estruturada em 12 sessões, com frequência semanal, que aborda estratégias de tratamento que incluem automonitoramento, pesagem, psicoeducação sobre peso e alimentação, prescrição de padrão alimentar regular, estratégias de autocontrole, treino de habilidades de resolução de problemas, reestruturação cognitiva, estratégias comportamentais e de prevenção de recaída. Considerando a eficácia da TCC no tratamento em grupos de pacientes obesos, o aumento da prevalência da obesidade e o fato de esse fenômeno ser considerado um problema de saúde pública, objetiva-se apresentar um recorte de uma intervenção neste contexto, por meio de relato de experiência do uso do treino de habilidades sociais específicas: a assertividade e resolução de problemas. Uma queixa frequente nos grupos realizados dentro deste programa é a dificuldade dos participantes em não saber lidar com situações sociais que envolvem a alimentação, não conseguindo dizer não para as ofertas de alimentos, aceitando-as por medo de ofender ou magoar a outra pessoa e sentindo-se culpado após a situação, ou ainda, deixando de frequentar situações sociais. Neste momento, é trabalhado o conceito de assertividade, o qual é definido como habilidade de expressar pensamentos e sentimentos, sem prejudicar os direitos dos outros ou os seus próprios, podendo ainda ser entendido como o equilíbrio entre as posições passiva e agressiva. Deste modo, é realizado um treino de assertividade com os integrantes do grupo a partir de role play dessas situações alimentares trazidas por eles. A resolução de problemas é utilizada durante todo o percurso do grupo, a partir do levantamento e planejamento de estratégias para lidar com diversas situações apresentadas pelos participantes, como por exemplo, no planejamento do cardápio da semana, com a escolha e encaixe de atividade física na agenda, com alternativas para a alimentação não saudável em eventos sociais, entre outros. Portando, a partir da análise dos conteúdos trazidos em sessões, evidencia-se a importância dessas habilidades dentro do contexto de educação alimentar na medida em que elas permitem o manejo de situações consideradas difíceis e desagradáveis para estes participantes, e que são fundamentais para a mudança de hábitos que se mostram desadaptativos.

MR 8- HABILIDADES SOCIAIS E PRÁTICAS INOVADORAS NO CONTEXTO ESCOLAR

Coordenador: Fabiana Maris Versuti (USP-FFCLRP)

Resumo geral: Esta Mesa Redonda pretende evidenciar algumas das contribuições do campo das Habilidades Sociais aplicadas no contexto escolar. Em específico, discutir abordagens de pesquisas adotadas na investigação científica de repertórios de habilidades sociais apresentados no contexto de escolar em instituições escolares que desenvolvem práticas inovadoras como parte do seu projeto político pedagógico, tais como, projeto ipê, cursinho popular, ensino médio técnico integrado, sequências de ensino investigativas e o Programa de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES). Com a apresentação intitulada: "HABILIDADES SOCIAIS DE ALUNOS NO ENSINO MÉDIO: UM OLHAR PARA PRÁTICAS ESCOLARES DISTINTAS" apresentar a relação entre práticas escolares distintas e os resultados obtidos a partir da aplicação do Inventário de Habilidades Sociais para adolescentes – IHSA. Responderam o instrumento 292 estudantes do Ensino Médio de três instituições que desenvolvem práticas escolares distintas entre si. Na sequência, com a apresentação: "CONTRIBUIÇÕES DAS HABILIDADES SOCIAIS PARA O ENSINO DE ASTRONOMIA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL" refletir sobre uma investigação que demarca a contribuição das habilidades sociais (HS) no âmbito do ensino de Ciências nos anos finais do ensino fundamental, a partir da aplicação do IHSA em uma sala de 7º ano com 22 alunos de uma escola pública estadual. Com a apresentação: "MEIO AMBIENTE E URBANIZAÇÃO: INTERVENÇÃO EM HABILIDADES SOCIAIS NO ENSINO MÉDIO EM UM CENTRO DE ATENDIMENTO SOCIOEDUCATIVO AO ADOLESCENTE (FUNDAÇÃO CASA/SP)", discutir o potencial de uma sequência didática investigativa como propulsora das HS dos alunos envolvidos. Neste estudo o IHSA foi aplicado com um total de 66 alunos inseridos em um Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente (Fundação CASA/SP) e desenvolvida uma sequência didática com o tema "Meio Ambiente e Urbanização" articulado com ferramentas tecnológicas. Por fim, com a apresentação: "O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS EM ADOLESCENTES: DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS NATURAIS", discutir a caracterização do repertório de habilidades sociais dos alunos participantes do Programa de Iniciação à Docência (PIBID) e o estudo de propostas de ensino dentro do programa que possam desenvolver tais habilidades. Desse modo, objetivamos destacar a importância da continuidade de estudos que articulem o campo das habilidades sociais com práticas escolares distintas, tendo em vista a produção de conhecimento científico que possa ser adotado na estruturação de propostas formativas de diferentes agentes educacionais, aproximando de fato a Universidade da Comunidade.

Apresentação 1 | HABILIDADES SOCIAIS DE ALUNOS NO ENSINO MÉDIO: UM OLHAR PARA PRÁTICAS ESCOLARES DISTINTAS

Priscila Carvalho de Castilho (Universidade de São Paulo - FFCLRP), Fernanda Papa Buoso (Universidade de São Paulo - FFCLRP) Fabiana Maris Versuti (Universidade de São Paulo - FFCLRP)

O ensino médio tem por objetivo consolidar e aprofundar o aprendizado do ensino fundamental, além de preparar o estudante para trabalhar e exercer a cidadania. Neste cenário, conjuntamente à aprendizagem dos conteúdos curriculares, as interações sociais no contexto escolar são de suma importância. Neste estudo pretende-se discutir a relação entre práticas escolares distintas e os resultados obtidos a partir da aplicação do Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes - IHSA, que se dará no início do ano letivo (Etapa 1) e no final do ano letivo (Etapa 2) de 2017. Na Etapa 1 responderam o instrumento 292 estudantes do Ensino Médio de 3 instituições que desenvolvem práticas escolares distintas entre si. Na primeira escola, foram coletados dados de alunos da rede regular de ensino (A) e de participantes de um projeto de inovação de práticas escolares (B). Na segunda, responderam ao questionário alunos de uma turma de cursinho popular cuja metodologia envolvia aulas de autoconhecimento (C). E na terceira, foram colaboradores estudantes de ensino médio técnico integrado (D). Os resultados coletados na Etapa 1, dizem respeito à frequência de emissão de comportamentos socialmente hábeis e à dificuldade de emissão dos mesmos. Os dados foram agrupados conforme sexo, idade e prática adotada, gerando resultados específicos para cada turma. Foram então compilados, gerando a seguinte média de frequência para cada instituição: A = 87,5; B = 92; C = 79,7 e D = 106,1. Com o cálculo dos percentis, os resultados de ‘B’ e ‘D’ foram interpretados como um bom repertório de HS, enquanto os de ‘A’ correspondem a um repertório médio inferior de HS e os de ‘C’ a um repertório abaixo da média inferior de HS. Quanto à dificuldade, obtiveram-se os seguintes resultados: A = 41; B = 45; C = 43,6 e D = 45,6, sendo todos interpretados, por meio de percentis, como correspondentes a um médio custo de resposta ou de ansiedade na emissão das HS. Quanto aos resultados obtidos nas subescalas (SE), destacam-se os de Empatia (SE1), na qual ‘B’ obteve baixo custo de emissão, ‘D’ obteve um bom repertório e ‘A’ obteve repertório abaixo da média inferior e custo de resposta médio, beirando alto; os de Civilidade (SE3), em que ‘A’ e ‘C’ foram classificados como abaixo da média inferior de emissão e ‘A’ e ‘B’ apresentaram alto custo para emissão das HS correspondentes. Quanto ao Autocontrole (SE2), apenas ‘C’ não obteve a classificação de um bom repertório, ficando abaixo da média inferior e gerando expectativa para os resultados da Etapa 2. Estes resultados, referem-se a uma caracterização inicial das instituições. A aplicação do inventário se repetirá ao término do ano letivo, com o intuito de observar o efeito das práticas na evolução das habilidades sociais dos estudantes. Espera-se que os resultados evidenciem a importância da inovação de práticas de ensino e da continuidade de estudos, que incluirá ainda a relação dos dados de HS obtidos com

as habilidades sociais educativas dos docentes e o perfil socioeconômico dos discentes nas três instituições parceiras.

Apresentação 2 | CONTRIBUIÇÕES DAS HABILIDADES SOCIAIS PARA O ENSINO DE ASTRONOMIA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Lívia Aparecida Alves (Escola Estadual Prof. Dr. Oscar de Moura Lacerda), Carolina Nogueira da Silva Allement (Escola Estadual Prof. Dr. Oscar de Moura Lacerda), Erika Vanessa de Oliveira (Escola Estadual Prof. Dr. Oscar de Moura Lacerda)

Durante muito tempo a educação foi vista pelo seu produto, sem se preocupar com o processo da construção da aprendizagem. Sabe-se que hoje, quando a educação foca no “como” se aprende, o ato de aprender se torna mais significativo. Além disso, é preciso considerar que a comunidade escolar em geral é muito heterogênea, apresentando contrastes sociais, econômicos, raciais e culturais, formando assim, uma clientela bastante diversificada. Esse contraste que deveria ser um ponto positivo na educação, onde segundo LDB (1996) as instituições de ensino devem respeitar a individualidade e o ritmo de aprendizagem de cada aluno, muitas vezes causam conflitos entre os educandos, prejudicando o processo de ensino aprendizagem. Com isso, este trabalho objetivou investigar a contribuição das habilidades sociais (HS) no âmbito escolar por meio do desenvolvimento de proposta de ensino de investigativa sobre Astronomia elaborada a partir da caracterização do repertório de HS dos alunos utilizando-se do Inventário de Habilidade Social para Adolescentes (IHSA). A aplicação do inventário pode ser feita individualmente ou em grupo, desde que se garantam as condições necessárias à compreensão das instruções por todos, à individualidade das respostas e à confidencialidade dos dados aos respondentes é fundamental e permitirá um planejamento de intervenções, classificação diagnóstica e predição de comportamentos e desempenhos. Logo, o estudo foi delineado em 3 etapas. Etapa 1: aplicação do IHSA, em uma sala heterogênea de 7º ano com 22 alunos de uma escola pública estadual do interior do estado de São Paulo. Etapa 2: análise e caracterização dos indicadores de freqüência e dificuldade das HS. Etapa 3: Planejar uma seqüência de ensino investigativa (SEI) sobre Astronomia, que pudesse contemplar as demandas sociais deficitárias. Os resultados do IHSA identificaram um déficit na subescala 6, que consiste das habilidades requeridas em situações de exposição social e conversação, como apresentação de trabalhos em grupo, conversar com pessoas de autoridade, falar sobre sexo com os pais, pedir informações, explicar tarefas a colegas. A partir de tal resultado, foi planejada uma SEI sobre Astronomia, tendo como propósito abranger atividades em grupo e apresentações orais, como pesquisas em grupos sobre os astros que compõem o Sistema Solar, apresentando esses astros em uma confecção de maquete a fim de contemplar a desenvoltura social. Por meio do que foi observado e do resultado do Inventario das Habilidades Sociais, a SEI elaborada será aplicada de forma a promover a desenvoltura social dos alunos e posteriormente, na Etapa 4 realizar a

reaplicação do IHSA para uma nova caracterização dos resultados e consequentemente avaliação dos efeitos das práticas de ensino propostas no repertório de HS dos alunos envolvidos.

Apresentação 3 | MEIO AMBIENTE E URBANIZAÇÃO: INTERVENÇÃO EM HABILIDADES SOCIAIS NO ENSINO MÉDIO EM UM CENTRO DE ATENDIMENTO SOCIOEDUCATIVO AO ADOLESCENTE (FUNDAÇÃO CASA/SP)

Weliton de Souza Lopes (Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente- Fundação Casa/SP), Luciana Ferreira Maganha (Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente- Fundação Casa/SP), Glaucia Helena Basile Cabral (Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente- Fundação Casa/SP)

Em um Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente (Fundação CASA/SP), os alunos frequentemente apresentam comportamentos problemáticos, devido ao seu histórico familiar, cultural, econômico, social e educacional, demonstrando um baixo nível de habilidades sociais (HS). Portanto, mostra-se necessário realizar um estudo que contribua para o favorecimento do desenvolvimento das HS desses sujeitos. Este estudo foi delineado conforme as etapas: Etapa 1: aplicação do Inventário de Habilidade Social para Adolescentes (IHSA-Del-Prette), em seis salas do Ensino Médio multiseriadas totalizando 66 sujeitos inseridos no sistema socioeducativo de duas cidades do interior do Estado de São Paulo. Etapa 2: análise e caracterização dos indicadores de frequência e dificuldade das HS. Etapa 3: planejar uma sequência de ensino investigativa (SEI), que pudesse contemplar as demandas sociais deficitárias. Etapa 4: reaplicação do IHSA. Assim sendo, este trabalho verificou a intervenção de uma sequência didática investigativa como propulsora das HS dos alunos envolvidos com o tema “Meio Ambiente e Urbanização” articulado com ferramentas tecnológicas. No primeiro momento da aplicação do IHSA, em determinadas salas de aula houve uma certa resistência em responder o inventário, tal fato relaciona-se possivelmente a novidade do procedimento. Os resultados da Etapa 1 indicaram que os alunos apresentaram dificuldades em todas as classes de habilidades sociais avaliadas, o que se pode inferir a partir do resultado geral médio inferior. Vale destacar que, para a classe de comportamento autocontrole o resultado foi inferior para todos os alunos. Em seguida, houve o desenvolvimento das atividades da sequência didática que priorizou o trabalho em grupo, tendo em vista que os alunos apresentaram muitas dificuldades no desenvolvimento das habilidades de ouvir o outro, fazer perguntas, habilidades específicas do trabalho em equipe. Durante a aplicação da sequência didática foi observado que em determinadas salas houve uma maior aceitação de se trabalhar em grupo demostrando interesse e participação consciente e argumentativa referente ao assunto abordado de forma coletiva, em que houve a intervenção sistemática do professor em orientá-los na execução das atividades. Em outras salas, não foi observado a interação dos alunos no que diz respeito a participação, mesmo com a intervenção do professor. As atividades

propostas serão readaptadas na sequência didática para promover maiores condições para o desenvolvimento do trabalho em grupo nas salas com menor aceitação em trabalhar em equipe. Com isso, na Etapa 4 objetiva-se verificar se os alunos expressam no IHSA efeitos das atividades propostas contemplando as seguintes habilidades sociais: (Habilidade social de empatia; de autocontrole e expressividade emocional; civilidade; assertividade; fazer amizades e solução de problemas interpessoais) sobre suas habilidades sociais. Por fim, espera-se com o desenvolvimento das ações educativas contribuir de fato para a sociabilidade tornando os alunos participativos e integrados a proposta de ensino.

Apresentação 4 | O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS EM ADOLESCENTES: DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS NATURAIS

Regiane Monteverde (USP- FFCLRP), Aline da Silva Canhadas (USP - FFCLRP), Roselei Sueli Moraes Pereira (USP- FFCLRP), Fabiana Maris Versuti (USP - FFCLRP)

Este estudo tem como objetivo apresentar parte do trabalho de pesquisa realizado dentro de um projeto interdisciplinar das áreas de Ciências e Biologia do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) concedido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior concedido (CAPES). O PIBID é uma iniciativa para a valorização da formação de professores para a educação básica. O programa concede bolsas aos licenciandos e professores supervisores participantes de projetos desenvolvidos por Instituições de Educação Superior (IES) em parceria com escolas de educação básica da rede pública de ensino. Neste estudo, o foco está na caracterização do repertório de habilidades sociais dos alunos participantes do PIBID e no estudo de propostas de ensino dentro do programa (PIBID) que possam desenvolver e/ou ampliar tais habilidades. Assim sendo, foi aplicado o Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes –IHSA- formulário de auto-relato. A população escolhida para esse trabalho são alunos matriculados nos 7° anos no período da manhã e da tarde (duas turmas) de uma escola da rede estadual do interior do Estado de São Paulo parceira do PIBID desde 2014 definida pela equipe gestora, um total de 40 alunos responderam ao inventário, uma turma com 16 alunos e outra com 24 alunos, respectivamente. No grupo pesquisado percebe-se que em média todos os participantes demonstraram ansiedade na utilização das habilidades, os resultados foram inferiores à média esperada do instrumento em todas as classes de comportamentos avaliados o que significa um indicativo de treinamento e trabalho desse repertório junto aos alunos. Os resultados obtidos até o momento evidenciam a importância da continuidade dos estudos, neste sentido os seguintes encaminhamentos foram definidos e serão realizados no segundo semestre de 2017: A) Caracterizar as habilidades sociais educativas dos docentes; B) Caracterizar os saberes docentes buscando articulações com as habilidades sociais a serem desenvolvidas nos alunos; C) Observação em sala de aula almejando compreender

como se dá a interação entre alunos e docentes; D) Desenvolver e aplicar de sequências didáticas de Ciências correlacionando conhecimento específico da disciplina e meios para trabalhar as habilidades sociais no contexto escolar e; E) Trabalhar Ciências naturais considerando o proposto no currículo e as habilidades sociais mensuradas com os adolescentes. Por fim, vale destacar o potencial deste estudo para o desenvolvimento de projetos de intervenção que efetivamente funcionem para que os futuros professores de ciências possam articular em sua prática o ensino de conteúdos científicos e o desenvolvimento das habilidades sociais de seus alunos, promovendo melhorias nas práticas de ensino de Ciências vigentes.

MR 9- HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS NOS DIVERSOS NÍVEIS DE ENSINO

Coordenador: Joene Viera-Santos (UFSCar)

Resumo geral: A tarefa educativa, além de ser desafiadora, exige do professor um conjunto de habilidades e competências complexas e bem elaboradas. Já na década de 1960, estudos conduzidos por Argyle, na Inglaterra, destacavam a importância das habilidades sociais do professor para o processo de ensino. No Brasil, desde o final da década de 1990, tem surgido um conjunto de estudos que buscam avaliar e promover as habilidades sociais no contexto escolar. Parte destas pesquisas, preocupadas com a atuação docente, voltaram-se para o que a literatura tem denominado de habilidades sociais educativas (HSE), as quais se referem àquelas habilidades sociais voltadas para a promoção do desenvolvimento e aprendizagem do outro. Estudos têm demonstrado que a utilização das HSE por parte dos professores pode ser aplicada tanto para o estabelecimento de condições que promovem e/ou fortalecem comportamentos sociais desejáveis de interação como para o processo de ensino e aprendizagem de conteúdos acadêmicos. Deve-se destacar que as HSE a serem adotadas pelos professores irão variar a depender das demandas desenvolvimentais específicas dos educandos. Nesse sentido, as HSE podem variar nos diferentes níveis e modalidades da educação. Com base nisso, esta mesa se propõe a abordar como as HSE têm sido aplicadas nos diversos níveis de ensino, com vistas a identificar semelhanças e especificidades, ao longo dos níveis e modalidades educacionais. A apresentação 1 discutirá a aplicação das HSE no contexto da educação infantil, especificando as demandas próprias desse nível e quais as HSE que são mais requeridas por parte dos professores, no sentido de se atingir os objetivos desenvolvimentais e de aprendizagem das crianças em idade pré-escolar. A apresentação 2 descreverá os impactos de um Programa de Treinamento de Habilidades Sociais Educativas para professores do ensino fundamental sobre o próprio repertório e sobre o repertório de habilidades sociais, problemas de comportamento e desempenho acadêmico das crianças escolares. A apresentação 3 trará dados sobre as HSE envolvidas na atuação no atendimento educacional especializado. Por fim, a apresentação 4 irá expor dois instrumentos para avaliar as HSE de professores universitários.

Apresentação 1 | HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL: ESPECIFICIDADES E SUA RELEVÂNCIA PARA A PRIMEIRA INFÂNCIA

Talita Pereira Dias (UNIFEV), Zilda Aparecida Pereira Del Prette (UFSCar)

Os anos pré-escolares apresentam demandas específicas de desenvolvimento e aprendizagem para que a criança se desenvolva de forma integral e de qualidade nas diferentes dimensões desenvolvimentais, quais sejam: cognitiva, física e psicossocial. Conforme constam nas Diretrizes Curriculares da Educação Infantil (DCNEI), cabe a esse nível de ensino superar tanto a noção de cuidado físico e das necessidades básicas, como também evitar a antecipação de conteúdos acadêmicos do Ensino Fundamental. Pautada em princípios éticos, políticos e estéticos, a proposta pedagógica da Educação Infantil visa garantir que a criança tenha acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de aprendizagens de diversas linguagens, bem como tenha preservado seu direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças. Considerando esse contexto político da Educação Infantil, pode-se observar que as práticas educativas do professor devem viabilizar que esse objetivo seja atendido. O mesmo documento apresenta uma série de ações para tanto. Esta apresentação tem como objetivo analisar o conjunto de ações educativas propostas pelo DCNEI para o professor da Educação Infantil a luz das habilidades sociais educativas. Ainda objetiva-se identificar as habilidades sociais educativas mais requeridas ao contexto da Educação Infantil, verificando semelhanças e especificidades com as demais modalidades da Educação. Entre as classes gerais, pode-se destacar a importância de organizar o espaço interativo e o uso de materiais e brincadeiras lúdicas para. Outro aspecto que é muito característico da educação infantil é a afetividade e, nesse sentido a classe de cultivar a afetividade faz-se muito necessária. No entanto em cada uma dessas classes gerais, há algumas especificidades quanto à educação infantil, como por exemplo, ao arranjar o ambiente a importância de sinalizadores, o uso de exemplos e atividades concretas mais apropriadas ao nível cognitivo. Ao mesmo tempo deve-se destacar que algumas subclasses de habilidades sociais educativas que requerem um maior nível cognitivo são pouco pertinentes ao contexto da educação infantil, como é o caso de itens mais relacionados a pedido de autoavaliação do comportamento. Essas análises em nível teórico parecem convergir para a necessidade de investigar junto a professores de educação infantil o nível de pertinência dos itens do IHSE para adoção na educação infantil, de modo a excluir itens pouco aplicáveis nessa faixa etária dadas as demandas desenvolvimentais próprias, bem com a necessidade de incluir itens que são específicos desse contexto educacional. Estudos futuros poderiam implementar tal investigação e propor uma versão própria e específica do IHSE para Educação Infantil.

Apresentação 2 | HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS DE PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL: EFEITOS DO TREINAMENTO DE PROFESSORES SOBRE O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Ivana Gisele Casali (Centro Universitário Adventista de São Paulo – UNASP Engenheiro Coelho)

Contribuir para o desenvolvimento saudável das crianças tornou-se, portanto, alvo de diversos programas, que podem ser realizados diretamente com as crianças ou, indiretamente, treinando agentes educativos, como pais e professores. Intervenções que objetivem desenvolver um repertório mais elaborado de Habilidades Sociais nesses agentes poderiam, além de promover relacionamentos mais eficazes nesses adultos, atuar na prevenção de problemas sociais, emocionais e acadêmicos das crianças. A literatura tem mostrado que crianças que desenvolvem um amplo repertório de habilidades sociais têm maior probabilidade de conviver com as outras pessoas de forma saudável e estabelecer relações sociais mais adequadas e duradouras, com menor risco de rejeição por seus pares, prevenindo possíveis dificuldades de aprendizagem e comportamentos problemáticos. No ambiente escolar, especificamente, professores podem, por meio de estratégias educativas específicas, promover nos alunos a aprendizagem de habilidades sociais reduzindo, assim, a frequência de problemas de comportamento, que podem interferir no rendimento escolar. No Brasil, programas de Treinamento em Habilidades Sociais (THS) com delineamento experimental têm sido implementados de forma crescente em diversos contextos e com diferentes amostras, a partir da década de 1990. O repertório de habilidades sociais vem sendo reconhecido como um componente crucial para a qualidade de vida das pessoas, sendo requisito para o desempenho socialmente competente. Nos últimos anos, o conceito de Habilidades Sociais Educativas tem adquirido relevância, em estudos teóricos e empíricos, ao estar focadas na promoção da aprendizagem e desenvolvimento infantil. Torna-se indispensável, portanto, o professor desenvolver tais habilidades para o sucesso da sua tarefa educativa. Diante dessas considerações, o presente estudo objetivou avaliar os impactos de um Programa de Treinamento de Habilidades Sociais Educativas para professores sobre o próprio repertório e sobre o repertório de habilidades sociais, problemas de comportamento e desempenho acadêmico das crianças escolares. Onze docentes da rede municipal de uma cidade localizada no interior de São Paulo, de gênero feminino e de diversas áreas, participaram de 15 sessões de intervenção, com duração de 75 minutos e realizadas semanalmente durante um semestre. Para isso, foram realizadas avaliações antes (pré-intervenção), durante (de processo) e depois (pós-intervenção) do programa, usando diversos instrumentos e protocolos. Enquanto os docentes foram avaliados por meio de filmagens e preenchendo o Inventário de Habilidades Sociais (IHS) e o Inventário de Habilidades Sociais Educativas – versão para professores (IHSE-Professores), o comportamento infantil foi avaliado por meio do Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais (SSRS-BR2) e do Teste de Desempenho Escolar (TDE). Os dados coletados

ainda serão analisados descritiva e inferencialmente por meio de programas estatísticos, adotando o nível de significância de 0,05 ($p < 0,05$).

Apresentação 3 | HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS DE PROFESSORES PARA O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO

Carolina Severino Lopes da Costa (UFSCar)

As habilidades sociais educativas (HSE) de professores têm sido estudadas em diferentes contextos e modalidades da educação básica, como na Educação Infantil, no Ensino Fundamental, dentre outros; em cada uma dessas modalidades as características desenvolvimentais e uma série de outras variáveis dos alunos devem ser consideradas na atuação de seus professores. A Educação Especial enquanto modalidade transversal de educação que perpassa todos os níveis educacionais também apresenta suas especificidades que devem ser consideradas quando pensamos nas características do repertório de habilidades sociais educativas dos professores e na atuação com esse público. No presente trabalho serão discutidas questões com base em pesquisas realizadas acerca: a) das habilidades sociais educativas de professores da classe comum que recebem um ou mais alunos do Público-Alvo da Educação Especial (PAEE); b) das habilidades sociais educativas do professor de Educação Especial para a atuação no atendimento educacional especializado com as diferentes deficiências, altas habilidades ou superdotação e Transtornos do Espectro do Autismo. Alguns estudos sugerem que as diferentes condições do PAEE geram demandas diferentes aos professores em termos de repertório de habilidades sociais educativas, um estudo por exemplo mostrou que determinadas necessidades educacionais especiais são mais fortemente ligadas a déficits em habilidades sociais, como TDAH, problemas de comportamento misto, autismo, dentre outros. Outro estudo demonstrou que os professores de classe comum e os professores especializados sinalizam questões ligadas ao manejo de comportamentos inadequados, isto é, comportamentos pertencentes à classe de habilidades sociais educativas de ‘estabelecer limites e disciplina’ como apresentando maior importância no trabalho com os alunos do PAEE; os professores da educação especial indicam também que seus alunos têm maior necessidade de aprender habilidades sociais de autocontrole em comparação com professores de alunos sem deficiências. Os dados reportam para a importância de que os professores que atuam com alunos do PAEE necessitam desenvolver habilidades sociais educativas relacionadas às classes mais amplas de ‘monitorar positivamente’ e ‘estabelecer limites e disciplina’. Entretanto, vale salientar que dados de pesquisa mostram, ainda, que muitas das demandas de manejo comportamental em crianças em idade escolar podem ocorrer quando os professores não se atentam aos aspectos organizacionais das atividades ministradas em sala de aula, aspectos ligados à classe de ‘estabelecer contextos interativos potencialmente educativos’. Além disso, serão discutidas algumas implicações práticas e indicações de pesquisas considerando a atuação do professor contingente a etapa de desenvolvimento e de escolarização desses alunos,

bem como às características peculiares de cada condição ligada à Educação Especial.

Apresentação 4 | HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS NO ENSINO SUPERIOR: PERSPECTIVA DE PROFESSORES E ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Joene Vieira-Santos (UFSCar), Zilda Aparecida Pereira Del Prette (UFSCar), Almir Del Prette (UFSCar)

A relação professor-aluno é um fator importante para o aprendizado do aluno universitário. Para o bom estabelecimento desta relação, entre outros fatores, é importante que o professor possua um bom repertório de habilidades sociais educativas (HSE). No entanto, estudos têm demonstrado que a percepção que o professor tem sobre seu desempenho é distinta da percepção que seus aprendizes possuem. Instrumentos com evidências de validade que permitam ao docente comparar a percepção que possui de seu repertório HSE com a avaliação que seus alunos fazem de tais habilidades podem contribuir para identificar possíveis discrepâncias e planejar intervenções que permitam corrigir problemas/dificuldades encontradas. Nesta direção, encontram-se em fase de validação dois instrumentos destinados a avaliar o repertório de HSE de professores universitários: o Inventário de Habilidades Sociais Educativas – versão Professor Universitário (IHSE-PU) e o Inventário de Habilidades Sociais Educativas do Professor Universitário – versão aluno (IHSE-PU-Aluno). O IHSE-PU foi desenvolvido para ser respondido pelo professor, caracterizando-se como um instrumento de autorrelato. Sua elaboração surgiu como parte de um processo de assessoria pedagógica a uma determinada universidade, o qual visava especificamente à relação professor-aluno dentro da instituição. Os itens foram elaborados com base nos estudos sobre HSE de professores do Ensino Fundamental e a literatura sobre ensino universitário. A primeira versão do instrumento foi submetida à análise de conteúdo, realizada por especialistas da área de ensino universitário, e a análise semântica e de importância dos itens, feita por um grupo de 80 professores universitários. Estas análises resultaram em um conjunto de 65 itens que encontra-se em fase de validação. Os resultados iniciais apontam para uma estrutura de nove fatores: (1) organizar atividade, (2) sondar, avaliar e promover autoavaliação, (3) estabelecer clima de afetividade, apoio, bom humor, (4) promover/mediar reflexão e interação entre os alunos, (5) promover valores e habilidades de convivência, (6) consequenciar comportamentos desejáveis, (7) Consequenciar comportamentos indesejáveis, (8) expor/explicar conteúdos e (9) autocontrole, assertividade, liderança. O IHSE-PU-Aluno foi desenvolvido para ser respondido pelo aluno e consiste na adaptação dos 65 itens que compõem a versão respondida pelo professor. O processo de adaptação envolveu: (a) elaboração dos itens, (b) análise por juízes com experiência em pesquisas no campo das habilidades sociais e em docência universitária, (c) análise semântica por estudantes universitários e (d) estudo piloto para verificar a adequação

das instruções, o nível de compreensão dos itens em uma amostra maior e dificuldades relacionadas a sua aplicação. A coleta de dados para levantar as primeiras evidências de validade do IHSE-PU-Aluno contará com a participação de aproximadamente 1.000 estudantes universitários de diferentes áreas do conhecimento de estados das regiões sudeste e nordeste do Brasil. Espera-se que a validação destes instrumentos contribua para o avanço de pesquisas sobre o desempenho do professor universitário e de programas de intervenção destinados ao aperfeiçoamento da qualidade do processo de aprendizagem no Ensino Superior.

MR 10- A CONTRIBUIÇÃO DAS HABILIDADES SOCIAIS PARA A ADAPTAÇÃO DE ADULTOS A DEMANDAS SOCIAIS FAMILIARES E PROFISSIONAIS

Coordenador: Fabio Biasotto Feitosa (Universidade Federal de Rondônia - UNIR)

A presente mesa-redonda apresentará três trabalhos explorando as relações entre habilidades sociais e adaptação às demandas interpessoais do contexto familiar e de trabalho. Na primeira apresentação intitulada “Análise da função adaptativa das habilidades sociais pela teoria de estresse e coping de Richard Lazarus”, Fabio Biasotto Feitosa irá discorrer sobre as aplicações da teoria transacional de R. Lazarus para a compreensão dos processos cognitivos subjacentes ao uso de habilidades sociais implicadas na adaptação do indivíduo a diferentes etapas do ciclo vital, sobretudo as habilidades de comunicação, educativas e assertivas. Mostrará por meio da teoria transacional os conceitos de avaliação cognitiva primária e secundária na compreensão dos processos cognitivos necessários para o uso de habilidades sociais em momento críticos. A segunda apresentação, intitulada “Percepções de mães e pais sobre a influência das habilidades sociais na construção da relação coparental”, a palestrante Thaís Ramos de Carvalho fará uma exposição acerca das mudanças nos papéis familiares levando a maior participação dos homens na esfera familiar envolvendo os cuidados com os filhos. Na sequência, irá descrever questões implicadas na percepção de uso de habilidades sociais conforme o gênero, lançando mão dos resultados de um estudo com casais que tinham pelo menos um filho. Será dada ênfase aos aspectos a partir dos quais as habilidades sociais contribuiriam para a efetividade do diálogo construtivo entre pai e mãe na educação de filhos, temática esta conhecida como coparentalidade. A palestrante irá discutir desenhos de novos estudos levando em consideração a necessidade de melhorar a comunicação entre os pais para que casais com dificuldades interpessoais sejam mais competentes na solução de problemas envolvendo seus filhos. Na terceira apresentação, Thaís J. Medeiros irá discorrer sobre o seu trabalho “Habilidades sociais, gênero e jornada de trabalho na conciliação entre o trabalho e a família”, por meio do qual investiga a influências de habilidades sociais na resolução de conflitos familiares gerados pelas demandas do trabalho profissional, na percepção de estresse e de bem-estar. Discutirá os conjuntos de habilidades sociais mais envolvidos nas percepções de

homens e mulheres como facilitadores da conciliação entre tarefas familiares e laborais. A partir das três apresentações, será possível mostrar a aplicação da teoria de Lazarus na análise das demandas de adaptação envolvidas na coparentalidade e na conciliação entre os interesses focados na família e focados no trabalho no avançar dos estudos sobre promoção da saúde no campo das habilidades sociais.

Apresentação 1 | ANÁLISE DA FUNÇÃO ADAPTATIVA DAS HABILIDADES SOCIAIS PELA TEORIA DE ESTRESSE E COPING DE RICHARD LAZARUS

Fabio Biasotto Feitosa (Universidade Federal de Rondônia - UNIR)

Os objetivos da presente exposição, fundamentada na revisão da literatura, é divulgar a teoria de estresse e coping de Richard Lazarus com aplicações diretas ao campo das habilidades sociais, bem como aplicar a referida teoria na análise dos processos cognitivos subjacentes ao uso de habilidades sociais envolvidas na adaptação do indivíduo a demandas do ciclo vital. A teoria de Lazarus apresenta uma perspectiva cognitivista sobre o fenômeno da adaptação do indivíduo ao ambiente de vida. Ênfase é dada aos processos cognitivos chamados de avaliação primária e secundária que operam um tipo de mediação na transação entre indivíduo e ambiente de vida. O estresse não é considerado pela via dessa teoria como unicamente o evento estressor ou a resposta fisiológica do indivíduo ao estímulo estressor, ou nem mesmo a junção entre o estressor e a resposta de estresse. É, sim, o resultado dos processos da avaliação cognitiva, realizada pelo indivíduo, a partir da relação entre o evento interno ou externo potencialmente estressor e a possibilidade deste exceder a sua competência no enfrentamento ou manejo das circunstâncias envolvidas no contexto em que surge a situação ou o evento potencialmente estressor. Assim, a avaliação cognitiva é responsável pela forma como a pessoa percebe e interpreta o evento potencialmente estressor e como responderá ao mesmo. Na avaliação primária, o processo cognitivo implica em o indivíduo confrontar as demandas internas ou externas com os seus valores e crenças e, quando o evento potencialmente estressor é considerado algum tipo de dano ou ameaça para o bem-estar individual, inicia uma inundação de emoções negativas, que formam o estresse psicológico. O indivíduo então avalia o contexto em que surgem as demandas checando os seus recursos pessoais e sociais imediatos para o enfrentamento ou manejo do estresse psicológico. Na avaliação secundária, o processo implica em o indivíduo analisar os seus recursos de enfrentamento na geração de uma resposta que pareça a mais adequada para manejar a situação estressante. A geração de uma resposta engloba uma ampla avaliação que inclui as circunstâncias da situação, o acionamento de valores pessoais, a operação de crenças sobre os resultados possíveis e o senso de controle sobre os próprios recursos de enfrentamento. A resposta de enfrentamento é o coping, definido como um conjunto de esforços cognitivos e comportamentais, constantemente em mudança, empregados com o propósito de manejar as demandas específicas que surgem em situações de estresse psicológico. As habilidades sociais são consideradas uma categoria de coping e, como tal, são comportamentos flexíveis,

adequados à realidade circunscrita, propositais e conscientes, influenciados tanto pelas características pessoais, contextuais e aprendidos. Espera-se que quanto maior a competência de coping, menor seja a intensidade do estresse psicológico, maior a percepção de bem-estar e maior a capacidade de adaptação ao ambiente de vida. A exposição não será exaustiva mas pretende-se destacar caminhos para futuras pesquisas com o foco em processos cognitivos subjacentes ao uso de habilidades de comunicação, educativas e assertivas necessárias à adaptação do indivíduo a demandas do seu ciclo vital, especialmente no contexto familiar e de trabalho.

Apresentação 2 | PERCEPÇÕES DE MÃES E PAIS SOBRE A INFLUÊNCIA DAS HABILIDADES SOCIAIS NA CONSTRUÇÃO DA RELAÇÃO COPARENTAL

Thaís Ramos de Carvalho (UFSCar), Elizabeth J. Barham (UFSCar)

Mudanças nos papéis familiares, nas últimas décadas, contribuíram para um maior incentivo da participação dos homens na esfera familiar, principalmente nas tarefas envolvendo os cuidados com os filhos. No entanto, essas mudanças implicam em uma maior demanda de comunicação entre os pais, para organizar e negociar os cuidados em relação aos filhos, conhecida como coparentalidade. Para isso, além das habilidades parentais em si, é necessário que utilizem habilidades sociais relevantes a esse contexto, visto que estas podem contribuir para o estabelecimento de uma relação coparental positiva. Além disso, considerando a presença de diferenças ligadas ao gênero no contexto da parentalidade, questiona-se se também existem diferenças ligadas ao gênero nas percepções das habilidades sociais envolvidas na coparentalidade. Assim, o objetivo deste estudo foi comparar as percepções de mães e pais sobre a importância das habilidades sociais, o domínio em relação a elas e a frequência com a qual as utilizavam para se comunicar com o(a) companheiro(a), a respeito de seu(s) filho(s). Realizamos entrevistas individuais com cada membro de 23 casais, todos com pelo menos um filho entre 3 e 5 anos. Foram selecionadas e adaptadas 12 habilidades do Inventário de Habilidades Sociais de Del Prette e Del Prette, que poderiam estar relacionadas às interações entre os pais relativas à criação dos filhos (por exemplo, reconhecer a opinião do outro, se expressar com clareza). Os participantes avaliaram cada habilidade social em relação a: (a) importância, (b) domínio e (c) frequência do seu uso na relação coparental. No que diz respeito à importância das habilidades, a nota média dada pelas mulheres foi superior a 8,0 para todas as 12 habilidades e a nota média dada pelos homens atingiu essa nota para 11 das habilidades. Quando avaliaram seu domínio dessas habilidades, a nota média foi alta (superior a 8,0), entre as mulheres, para 5 habilidades, e entre os homens, para 8 habilidades. As mulheres pontuaram a frequência com a qual utilizavam as habilidades como alta para 2 das habilidades, enquanto os homens indicaram frequência alta para 7 habilidades. Esses resultados nos permitem concluir que tanto as mães quanto os pais perceberam as habilidades sociais selecionadas como sendo muito importantes para a relação coparental, apontando a contribuição das habilidades sociais para a adaptação dos adultos a demandas sociais familiares. No

entanto, em relação ao domínio e à frequência com a qual relataram usar essas habilidades, os pais se percebiam como competentes e com desempenho habilidoso para um número maior de habilidades, quando comparados com as mães. As mulheres parecem ser mais críticas em relação às suas próprias habilidades, possivelmente em função do uso de critérios de autoavaliação diferentes, em comparação com os homens. Em estudos futuros, será importante verificar estes resultados com uma amostra maior e mais diversificada de participantes. Se esta diferença for confirmada, será importante investigar seus efeitos sobre a comunicação entre os pais e levá-los em consideração para ajudar casais com dificuldades de comunicação e solução de problemas envolvendo seus filhos.

Apresentação 3 | HABILIDADES SOCIAIS, GÊNERO E JORNADA DE TRABALHO NA CONCILIAÇÃO ENTRE O TRABALHO E A FAMÍLIA

Thaís J. Medeiros (UFSCar), Elizabeth J. Barham (UFSCar)

Com o aumento da dimensão e constância da participação feminina no mercado de trabalho, surgiram preocupações com os conflitos entre demandas no trabalho e na família. Em alguns estudos anteriores, o trabalho em tempo parcial tem sido apontado como um arranjo favorável para a conciliação entre as esferas laboral e familiar durante períodos quando as demandas familiares sejam intensas. O controle do número de horas dedicadas a cada esfera diz respeito à questão da quantidade de envolvimento em cada esfera. Além disso, também é importante investir na qualidade das interações que ocorrem nos ambientes familiar e profissional, o que remete às habilidades sociais que as pessoas usam para negociar suas responsabilidades com outras pessoas, para equilibrar as demandas desses dois contextos. Por existirem poucos estudos sobre a contribuição das habilidades sociais para lidar com esta questão tão relevante na atualidade, objetivou-se avaliar a influência da jornada de trabalho e das habilidades sociais sobre o bem-estar dos participantes, na conciliação entre o trabalho e a família. Foram entrevistados 93 trabalhadores (59 mulheres e 34 homens), todos em união estável, com pelo menos um filho até 6 anos de idade, em regimes de trabalho de tempo parcial (< 36h), integral (40-44h) ou extenso (> 45h). Foram respondidos instrumentos para avaliar suas habilidades sociais, percepções de estresse, percepções de spillover (facilitação e conflitos entre trabalho e família), e sua satisfação e bem-estar nas esferas laboral, conjugal, parental e no cumprimento das atividades domésticas. Enquanto resultados principais, notou-se que a jornada de trabalho não parece ter um efeito direto sobre percepções de estresse, spillover, satisfação ou bem-estar dos participantes. Os escores em habilidades sociais, no entanto, estavam correlacionadas com medidas de estresse, spillover e bem-estar dos participantes, mas não de forma uniforme para homens e mulheres ou em cada jornada de trabalho. Observou-se uma relação positiva entre as habilidades sociais e a frequência da facilitação da vida familiar e profissional, entre os homens, portanto, uma relação negativa entre as mulheres das jornadas integral e parcial. As habilidades de conversação estavam relacionadas com menor número de sintomas de estresse

em cada uma das três fases (alerta, resistência e quase exaustão), tanto para homens quanto para mulheres. No que diz respeito à satisfação com diferentes esferas da vida, para os homens, as habilidades de conversação estavam relacionadas com maior satisfação com o relacionamento com os filhos. Para as mulheres, especialmente aquelas de jornada extensa, as habilidades de expressão de afeto positivo estavam associadas com maior satisfação com o trabalho e com os relacionamentos com os filhos. A força da influência das habilidades sociais e jornada de trabalho, em conjunto, foi mais aparente entre as mulheres de jornada extensa. Em estudos futuros, será importante identificar fatores culturais que contribuem para estas diferenças, como forma de tentar reduzir os problemas que ainda dificultam a conciliação de responsabilidades familiares e profissionais.

MR 11- HABILIDADES SOCIAIS ENQUANTO FERRAMENTAS PARA O MANEJO DE RELACIONAMENTOS DE CUIDADO

Coordenador: Vanessa Santiago Ximenes (UFSCar)

A investigação e comparação de diferentes relacionamentos de cuidado podem ajudar na identificação de fatores contextuais que afetam o uso das habilidades sociais, contribuindo para a evolução dos conceitos teóricos na área de habilidades sociais, os quais fundamentam as práticas de intervenção. Serão apresentados quatro trabalhos que exploram questões sobre o uso de habilidades sociais em contextos de cuidado. No primeiro trabalho, será examinada a situação de cuidadores que assistem parentes idosos, avaliando a relação entre o uso de habilidades sociais específicas a este contexto, que permitem sustentar um apoio adequado para o idoso, e sua contribuição para evitar reações negativas à situação por parte do próprio cuidador, que se manifestam em percepções de estresse e sobrecarga. Na segunda apresentação, considerando que o manejo da sobrecarga pode ser melhor quando o cuidador conta com o envolvimento de outras pessoas que podem lhe ajudar, a relação entre habilidades sociais e percepções de suporte social será examinada. Com base nestes dois trabalhos, é possível notar a relevância das habilidades sociais para a construção de relacionamentos positivos entre o cuidado e as demais pessoas que fazem parte do contexto, contribuindo para o bem-estar psicológico de todos. Em um terceiro estudo, o foco passa para a relação de cuidado entre pais (homens) e seus filhos, uma vez que os pais ainda contam com modelos limitados sobre como organizar e participar das atividades na rotina familiar, de uma maneira geral, e individualmente, com cada filho. Assim, é examinada a contribuição das habilidades sociais enquanto uma ferramenta que poderia influenciar positivamente no envolvimento paterno. Por fim, no quarto trabalho a ser apresentado, será discutida a relação entre o repertório social de crianças em acolhimento institucional e as habilidades sociais educativas dos cuidadores que as acompanham. Tendo em vista que o ambiente institucional apresenta diferenças bem definidas em comparação com contextos familiares, fatores contextuais podem dificultar a capacidade de vinculação com estas crianças, mesmo quando os cuidadores possuem um repertório bem

elaborado de habilidades sociais. Com base nestas apresentações, será possível identificar e discutir condições contextuais que modulam a influência do uso de habilidades sociais em relacionamentos de cuidado, de modo que profissionais possam se atentar para o tema e buscar meios de intervenção pautados nas especificidades de cada ambiente.

Apresentação 1 | A IMPORTÂNCIA DAS HABILIDADES SOCIAIS PARA LIDAR COM PERCEPÇÕES DE SOBRECARGA EM CUIDADORES FAMILIARES DE IDOSOS

Letícia Isaac (UFSCar), Elizabeth J. Barham (UFSCar)

O crescimento gradativo da população idosa associado ao aumento das doenças crônico-degenerativas têm tornado significativo o número de idosos que dependem de cuidados oferecidos por outros, por períodos extensos de tempo. Diante de normas culturais que priorizam o envolvimento de familiares no apoio aos membros idosos fragilizados e a baixa disponibilidade de serviços públicos para atender essa demanda crescente, um número cada vez maior de pessoas assume a responsabilidade de oferecer a assistência necessária ao seu familiar idoso. Essa função é assumida, geralmente, sem preparação prévia e vem competir com outras atividades e funções já existentes na rotina desse familiar, tais como, trabalho remunerado, cuidado com os filhos e tarefas domésticas. Muitas vezes, essa é uma atividade exercida sem ajuda ou reconhecimento de outros membros da família, gerando acúmulo de tarefas, renúncias e elevada percepção de sobrecarga. Diante desse cenário, a tarefa de cuidar de outro dependente pode acarretar impactos importantes na saúde física e mental, vida social e familiar desse cuidador. A falta de apoio social e as dificuldades de relacionamento interpessoal entre cuidador-idoso ou cuidador-familiares, parecem ser fatores relacionados a essa percepção elevada de sobrecarga. Os conflitos, o isolamento social e a dificuldade para angariar apoio podem estar relacionados a um repertório deficitário de habilidades sociais (HS), podendo contribuir para a percepção de sobrecarga, para a diminuição da qualidade de vida desses cuidadores e impedindo que a atividade de cuidado seja realizada de forma saudável e adequada. Diante disso, este trabalho teve como objetivo observar se há correlação significativa entre as variáveis sobrecarga e habilidades sociais, a fim de verificar se cuidadores com menor repertório de habilidades sociais relatam maior sobrecarga. Para tal, foram entrevistados 20 cuidadores familiares de idosos de três cidades do interior de São Paulo, Limeira, Rio Claro e São Carlos. Durante as entrevistas, todos responderam ao Inventário de Habilidades Sociais para Cuidadores de Idosos (IHS-CI) e ao Inventário de Sobrecarga de Zarit. A análise quantitativa dos escores nos dois instrumentos indicou que a correlação de Pearson entre essas variáveis foi moderada e negativa ($r = -0,534$; $p = 0,015$), ou seja, quanto menor foi o repertório de habilidades sociais maior foi a percepção de sobrecarga desses cuidadores. Com base nesse resultado, a hipótese de que as habilidades sociais são importantes para a percepção de sobrecarga, por parte de cuidadores, se sustenta. Dessa forma, confirmamos a

necessidade de intensificar os estudos dessas variáveis nesse contexto, a fim de desenvolver intervenções em habilidades sociais que promovam a melhora dos relacionamentos interpessoais entre as pessoas envolvidas no cuidado, a diminuição dos conflitos, o aumento do apoio social, e, portanto, programas que visem a diminuição da percepção de sobrecarga e melhora da qualidade de vida desses cuidadores e do cuidado oferecido.

Apresentação 2 | A INFLUÊNCIA DAS HABILIDADES SOCIAIS SOBRE A OBTENÇÃO DE SUPORTE SOCIAL E FAMILIAR

Vanessa Santiago Ximenes (UFSCar), Elizabeth J. Barham (UFSCar), Francine Nathalie Ferraresi Rodrigues Queluz (USF-SP)

Um repertório desenvolvido de habilidades sociais (HS), usado com competência social, repercute em benefícios para as interações sociais e contribui para percepções de maior qualidade de vida. Além da capacidade do indivíduo usar suas habilidades sociais, receber o suporte social de outras pessoas também parece proporcionar melhor qualidade de vida, quando este suporte é pautado em relações equilibradas entre os membros da rede de apoio. Pensando na importância de receber suporte social durante períodos da vida que envolvem demandas intensas, parece importante investigar se estes dois construtos estão funcionalmente vinculados. Como primeiro passo para responder esta questão, o objetivo do presente estudo foi analisar os resultados de pesquisas nas quais a relação entre HS e suporte social foi investigada. Para tanto, foram consultadas as bases de dados Scielo, Lilacs, Medline, PsycNET e Web of Science, considerando artigos nacionais e internacionais publicados entre 1997 e 2017. Os seguintes descritores foram utilizados: habilidade(s) social(is), competência social e assertividade, cruzados com suporte social, apoio social, rede de suporte social ou suporte familiar, nos idiomas português, inglês e espanhol. Um total de 20 artigos atenderam aos critérios de inclusão. De maneira geral, os pesquisadores que avaliaram a relação entre essas variáveis encontraram uma correlação positiva entre as HS e o suporte social. O suporte parental foi positivamente correlacionado a um melhor repertório de HS em crianças. Além disso, as HS e o suporte social foram fatores que predisseram o bem-estar e a qualidade de vida de indivíduos de diferentes faixas etárias. A habilidade de expressão de sentimentos assumiu função de destaque para a aquisição e manutenção da rede de apoio, pois ao expressar-se, o indivíduo fornece informações acerca do tipo de suporte que necessita, podendo facilitar a vinculação social com pessoas que podem lhe ajudar. Ademais, a correlação entre as HS e o suporte oferecido por pares parece ser mais forte, em comparação com a relação entre HS e o suporte disponibilizado por familiares. Os pesquisadores que avaliaram os efeitos de programas de treinamento em HS sobre o suporte social apontaram que a aprendizagem de HS contribui para aumentar a percepção de apoio social. Por fim, destaca-se que, quando comparadas aos homens, as mulheres apresentaram maior satisfação com o suporte social recebido, possivelmente por apresentarem um repertório mais desenvolvido de

HS. Este conjunto de resultados apoia a hipótese que existe uma associação entre HS e suporte social, que poderia ser explorada em estudos futuros para avaliar o uso de HS e o suporte social recebido em contextos nos quais a cultura não garante a mobilização de suporte, como no caso de cuidadores familiares de idosos, e, portanto, o repertório de habilidades sociais do cuidador pode ser extremamente importante para obter o apoio que necessita.

Apresentação 3 | A RELAÇÃO ENTRE AS HABILIDADES SOCIAIS DE PAIS (HOMENS) E A QUALIDADE DO ENVOLVIMENTO PATERNO

Ligia de Santis (UFSCar), Elizabeth J. Barham (UFSCar)

O interesse no relacionamento do pai (homem) com o filho tem aumentado, refletindo as transformações pelas quais esta relação vem passando. Os pesquisadores trabalhando no tema encontraram diversos correlatos do envolvimento paterno. Alguns destes estudos indicam que o envolvimento paterno, quando de boa qualidade, pode beneficiar o desenvolvimento e bem-estar de pais, mães e filhos. Outros estudos indicam que características do pai, tais como suas condições de trabalho, seu nível de escolaridade, idade e bem-estar sócio emocional, por exemplo, podem influenciar a forma como esta relação se estabelece, beneficiando ou prejudicando sua qualidade. No geral, os preditores do envolvimento paterno são descritos enquanto características, e não em termos de habilidades. Uma vez que habilidades podem ser treinadas e são mais facilmente modificadas, é importante que sejam identificadas habilidades paternas que contribuem para a qualidade do relacionamento pai-filho. Pesquisadores mostraram que as habilidades sociais são fundamentais para o desenvolvimento e manutenção dos relacionamentos, em geral e, portanto, devem ser importantes para o relacionamento pai-filho. Diante disso, no presente trabalho, o objetivo foi avaliar a relação entre as habilidades sociais do pai e a qualidade do seu envolvimento com seu filho. Participaram do estudo 101 homens com filhos que frequentavam o Ensino Infantil (25,7%) ou o Ensino Fundamental 1 (71,3%). Os filhos estudavam em escolas públicas (74,3%) e privadas (25,7%) de três cidades do interior do estado de São Paulo. A idade dos pais variou entre 25 e 61 anos (M = 38,6; dp = 7,69) e de seus filhos entre 2 e 11 anos (M = 7,2; dp = 2,43). Os pais responderam à versão brasileira do Inventário de Envolvimento Paterno e ao Inventário de Habilidades Sociais. Após verificar a normalidade dos escores nos dois instrumentos, foi encontrada uma correlação entre os escores globais de envolvimento paterno e habilidades sociais dos pais (r = 0,37). Esta relação foi mais forte entre os 26 pais de crianças que frequentavam o Ensino Infantil (r = 0,52) do que entre os 72 pais de crianças no Ensino Fundamental 1 (r = 0,32). Evidências como estas confirmam a importância das habilidades sociais do pai para o relacionamento com seu filho e contribuem para uma base de informações empíricas para a elaboração de programas de intervenção que tenham como objetivo ajudar pais a desenvolverem relacionamentos de boa qualidade com seus filhos, por meio do treinamento das habilidades sociais paternas. Destaca-se, ainda, a importância de

desenvolver intervenções que aconteçam ainda na primeira infância do filho. Este período, além de ser crítico para o desenvolvimento infantil, parece ser o período no qual intervenções desta natureza alcançarão melhores resultados.

Apresentação 4 | HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS DE CUIDADORES E O REPERTÓRIO SOCIAL DE CRIANÇAS SOB ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL: POSSÍVEIS EFEITOS CONTEXTUAIS

Lívia Lira de Lima Guerra (UFSCar), Zilda Aparecida Pereira Del Prette (UFSCar)

Um bom repertório de habilidades sociais tem sido apontado como fator de proteção para problemas de comportamento no curso do desenvolvimento infantil, inclusive para crianças em situação de vulnerabilidade, como é o caso das crianças em situação de acolhimento institucional. Pesquisadores apontam que estas crianças apresentam déficits acentuados no desenvolvimento físico e cognitivo, se comparadas ao desenvolvimento típico. Além disso, é importante saber se o desenvolvimento sócio emocional dessa população também seja comprometido. Considerando que os cuidadores que trabalham nestas instituições são os adultos de referência para essas crianças, também é importante verificar se e o quanto os cuidadores ajudam as crianças a desenvolverem um repertório social adequado. Os objetivos do presente estudo foram: (a) caracterizar o repertório de habilidades sociais e os problemas de comportamento de crianças em situação de acolhimento institucional, (b) caracterizar o repertório de habilidades sociais e habilidades sociais educativas dos cuidadores/responsáveis por estas crianças, (c) investigar possíveis relações entre o repertório dos cuidadores e o das crianças. Os dados foram coletados em quatro instituições localizadas em três cidades de médio porte do interior do Estado de São Paulo/SP. Participaram 36 crianças, de ambos os gêneros, na faixa etária de 6 a 12 anos e 19 cuidadores, de 23 a 62 anos. Os instrumentos utilizados foram: a versão brasileira do Social Skills Rating System (SSRS); o Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette); o Inventário de Habilidades Sociais Educativas (IHSE-Pais, em versão para cuidadores). As análises estatísticas descritivas e inferenciais mostraram que: (a) a amostra de crianças apresentou escores abaixo da norma em habilidades sociais, principalmente na classe de empatia, além de problemas de comportamento externalizantes, segundo os cuidadores; (b) os cuidadores apresentaram, em sua maioria, escores classificados como repertório médio inferior e médio superior em habilidades sociais e médio superior e elaborado em habilidades sociais educativas; (c) as crianças com maior repertório de habilidades sociais apresentaram menos problemas de comportamento e avaliaram mais positivamente o repertório dos cuidadores. Discute-se a coerência dos dados de habilidades sociais e problemas de comportamento das crianças e alguns problemas relacionados à autoavaliação dos cuidadores. Levanta-se a hipótese de que possivelmente os cuidadores invistam mais nas crianças com melhor repertório de habilidades sociais. Os resultados sugerem a importância de intervenções voltadas para a promoção de habilidades sociais das crianças institucionalizadas, como forma

de contribuir para seu desenvolvimento sócio emocional, além de apontar a necessidade de investir na avaliação de instrumentos para a autoavaliação dos cuidadores em habilidades sociais educativas.

MR 12- HABILIDADES SOCIAIS NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO

Coordenador: Roberta Ladislau Leonardo (UDF - Centro Universitário do Distrito Federal)

O processo de transição do ensino médio para o ensino superior requer dos alunos competências sociais para a adequação às novas demandas acadêmicas. Os alunos, nesse momento, precisam construir relacionamentos com seus pares, professores e coordenadores. Além disso, o processo de aprendizagem no ensino superior exige uma postura mais ativa na construção do seu aprendizado. Essa mudança de postura requer um repertório de habilidades sociais como auto responsabilização, empatia, solicitar mudança de conduta, falar em público, lidar com críticas, etc. As instituições do ensino superior privado têm passado, atualmente, por uma modificação do perfil discente, pois agora recebem alunos de clases sociais menos favorecidas e que tiveram um ambiente educacional e social deficitário no seu processo de formação. Diante disso, observa-se um alto compremetimento no desempenho acadêmico e social no contexto universitário. As IES privadas começaram a identificar essas demandas e, a partir disso, devem desenvolver programas e estratégias para promover o desenvolvimento do seu corpo discente. A presente mesa propõe apresentar algumas estratégias desenvolvidas por uma IES privada do Distrito Federal. As demandas foram identificadas por meio de grupos focais realizados com docentes e discentes do curso de graduação em Psicologia. Diante das demandas, foram formuladas quatro estratégias de intervenções, a saber: (1) na recepção dos calouros do curso de Psicologia para promover sua adaptação à graduação; (2) grupo de psicoeducação com os alunos do primeiro ao quinto semestre, objetivando auxiliá-los em métodos de estudos, gestão de tempo, apresentação de programas institucionais de suporte ao aluno, bem como, sensibilizá-los para o desenvolvimento de habilidades sociais; (3) programas de treino de habilidades sociais em grupo com universitários; e (4) utilização de realidade virtual para o tratamento de fobia para falar em público. Os resultados das intervenções se mostraram promissores. Cerca de 60% dos estudantes que passaram pelo grupo de habilidades socias melhoraram seus desempenhos sociais, observando um aumento nos escores no Inventário de Habilidades Sociais. Qualitativamente, notou-se que os alunos estão mais sensibilizados para a temática das habilidades sociais. Essas intervenções são fundamentais para a formação profissional dos futuros psicólogos.

Apresentação 1 | A IMPORTÂNCIA DAS HABILIDADES SOCIAIS NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO

Roberta Ladislau Leonardo (UDF - Centro Universitário do Distrito Federal)

As habilidades sociais dos seres humanos são fundamentais para o estabelecimento de relações assertivas e saudáveis. O universitário tem a necessidade de se adaptar às demandas do ensino superior, de se relacionar com seus pares e professores, além de lidar com a pressão das atividades acadêmicas. Atualmente, as IES têm se preocupado em promover, além do conhecimento técnico, o desenvolvimento socioemocional do aluno. O objetivo dessa apresentação é problematizar o desenvolvimento das habilidades sociais no contexto universitário e relatar estratégias desenvolvidas por uma IES do setor privado para a promoção da adaptação do estudante e para o seu desenvolvimento socioemocional. O estudo foi dividido em duas partes. Na primeira, foi realizado um grupo focal com quinze professores com duração de duas horas e outro com sete alunos representantes de turma do primeiro ao quinto semestre com duração de duas horas, com o intuito de identificar as dificuldades dos alunos na sua adaptação e integração no curso de Psicologia. A partir disso, os dados qualitativos foram analisados à luz de Bardin e identificadas as demandas nas habilidades para trabalhar em grupo, lidar com críticas e pedidos de mudanças de comportamento, autocontrole, manejo da ansiedade em relação as atividades acadêmicas, auto responsabilização e gerenciamento de tempo. Na segunda parte do estudo, foram desenvolvidas atividades de intervenção com os discentes do 1º ao 5º semestre, englobando atividades de (1) integração na recepção dos calouros, com atividade cultural e apresentação de um filme de boas-vindas, expondo as atividades realizadas pelos docentes da Psicologia, (2) uma aula semestral de recepção aos alunos do 1º ao 5º semestre, (3) aula sobre a importância das habilidades sociais no contexto acadêmico para alunos do 1º semestre. Na atividade de integração, foi promovida uma ação cultural, com a participação dos veteranos. Na aula semestral de integração, abordaram-se as principais demandas identificadas no processo de transição dos discentes do ensino médio para o ensino superior, com o intuito de promover a organização do aluno, sua empatia com os colegas e sua auto responsabilização pelo seu processo de aprendizagem, ressaltando os tópicos de habilidades sociais, enfatizando a importância das relações de respeito com os colegas e com os docentes e foram acrescentadas estratégias de gestão de tempo e métodos de estudo. A aula para o primeiro semestre, foi vinculada a disciplina de Psicologia, ciência e profissão, visando sensibilizar os alunos sobre a importância das habilidades sociais no contexto acadêmico, afim de que estes integrem outros projetos ofertados pelo curso de psicologia, como o Treino de Habilidades Sociais e Medo de Falar em público com realidade virtual. Ao final, foi aberto um espaço para avaliação da atividade e os alunos relataram que foi muito significativo para eles. Notou-se um aumento na demanda pela procura do Treino de Habilidades Sociais e uma melhora na relação professor-aluno com mais respostas assertivas por parte dos alunos e entre eles. Contudo, ainda é necessário avaliar os resultados a longo prazo, bem como mais estratégias institucionais devem ser desenvolvidas para aprimorar as habilidades socioemocionais dos discentes durante sua graduação.

Apresentação 2 | PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS NO CENTRO UNIVERSITÁRIO DO DISTRITO FEDERAL

Adriana de Oliveira (UDF - Centro Universitário do Distrito Federal)

As situações que envolvem as Habilidades Sociais estão presentes no nosso dia-a-dia e perpassam diversos âmbitos de nossa vida, como a família, a escola, o lazer, entre outros. Cada um desses contextos requer desempenhos comportamentais específicos, que irão variar de acordo com o repertório de Habilidade Social de cada indivíduo. Dentro dessa perspectiva, o comportamento socialmente habilidoso implicará em diversas habilidades como: iniciação e manutenção de conversações; falar em grupo; expressar amor, afeto e agrado; defender os próprios direitos; solicitar favores; recusar pedidos; fazer e aceitar cumprimentos; expressar as próprias opiniões, mesmo os desacordos; expressar desagradado; saber se desculpar ou admitir falta de conhecimento; pedir mudança de comportamento do outro e saber enfrentar as críticas recebidas. As habilidades sociais são um dos fatores relacionado à aprendizagem acadêmica e à competência social. Inicialmente, os Treino de Habilidades Sociais foram propostos em formato individual, porém os estudos atuais indicam mais vantagens para as intervenções grupais. O objetivo do presente trabalho é apresentar um programa de habilidades sociais, como estratégia de intervenção em universitários, visando o aprimoramento e/ou a aprendizagem de novos repertórios comportamentais. Para tanto, foi desenvolvido um programa de 10 encontros de 1 hora e 30 minutos. Para a formação dos grupos, foi realizada uma divulgação de três semanas, os inscritos foram aleatoriamente alocados em grupos de acordo com sua disponibilidade de horários. O programa atendeu 12 grupos em um período de seis meses. Os grupos variaram de 10 a 15 participantes, totalizando 114 participantes. No primeiro encontro, os participantes responderam ao Inventário de Habilidades Sociais (IHS) e o mesmo foi reaplicado no penúltimo encontro. Os encontros foram vivenciais e foram trabalhados os seguintes temas: (1) autoconhecimento, (2) assertividade, passividade e agressividade; (3) Aprendendo a dizer não; (4) Discordar do grupo; (5) Lidar com críticas e pedir mudanças de conduta; (6) Autocontrole e manejo da ansiedade; (7) Empatia e solidariedade e (8) Resolução de problemas. Ao final do programa, foi feita uma análise comparativa entre os resultados do primeiro e do segundo testes. Os resultados indicaram que os participantes com baixo escore, percentis abaixo de 50 no primeiro inventário, os com um repertório de habilidades sociais bastante deficitário, demonstraram ganhos significativos ao longo do treinamento, com aumento do escore e mudança na classificação no percentil de 50 a 100 na segunda testagem (51,7% dos participantes). Os participantes que apresentaram percentis acima de 75 não demostraram diferença na segunda testagem (31,6%), seguido por participantes que não apresentaram mudança nos testes (8,8%) e por aqueles que apresentaram queda do primeiro para o segundo teste (7,9%). Os resultados do programa indicam que o treino estruturado em grupo é eficaz no desenvolvimento de habilidades sociais em universitários.

Apresentação 3 | REALIDADE VIRTUAL NO TRATAMENTO PSICOLÓGICO DA FOBIA DE FALAR EM PÚBLICO EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Fernando Pereira Miranda (UDF - Centro Universitário do Distrito Federal)

A Realidade Virtual tem sido aplicada no tratamento de pacientes com situações fóbicas, nos transtornos alimentares, e até como auxílio analgésico na dor. Na terapia cognitivo-comportamental, o uso de técnicas de exposição é uma intervenção estabelecida cientificamente. Os estudos têm demonstrado eficácia da exposição em realidade virtual nos transtornos fóbico-ansiosos, como a fobia social, fobias específicas, fobia de vôo, e fobia de altura. Conforme aponta a literatura, as exposições em ambientes virtuais têm se provado eficazes no tratamento com vários tipos de pacientes: tanto os que não utilizam computadores quanto os que têm grande contato com esta tecnologia. O fato de o terapeuta ter acesso direto aos estímulos apresentados aos pacientes tem sido apontado como uma das maiores contribuições dessa tecnologia. Os estudos têm apontado também um bom custo-benefício da tecnologia. No que tange a eficácia do método para tratar a fobia social, estudo realizado com 16 sujeitos que se submeteram à exposição em auditório virtual observou que houve redução significativa dos sintomas de ansiedade, como também maior habilidade social para encarar situações fóbicas no mundo real. Estudo com oito estudantes universitários observou que quatro sessões de exposição em ambientes virtuais levaram à redução da ansiedade em falar em público. A replicação do mesmo estudo com 10 participantes comprovou a eficácia do método. Há inclusive relato de estudo com grupo-controle e grupo experimental com maior número de participantes, que comprova a maior eficácia do método em conjunto com a psicoterapia, com maior tamanho do efeito do que apenas a psicoterapia. Essa apresentação terá como objetivo realizar uma revisão da literatura, apresentar o método e impacto de um tratamento de exposição com realidade virtual para o medo de falar em público, em estudantes universitários. O método será dividido em duas fases: primeiro, os participantes farão anamnese, e responderão testes psicológicos para comprovar o diagnóstico de glossofobia. Serão utilizados o Inventário de Habilidades Sociais (IHS) e a Escala para auto-avaliação ao falar em público (SSPS). Na fase 2, os participantes serão submetidos ao tratamento com o software Virtual Speech, com possibilidade de permanecer em ambientes virtuais diversos. Após a construção de hierarquia de situações temidas, elas serão enfrentadas no ambiente de realidade virtual na companhia do terapeuta, até que possa ocorrer a habituação da ansiedade. O processo continuará até o paciente poder enfrentar sozinho todos os itens da hierarquia com significativa redução da ansiedade. Durante as sessões, a resposta galvânica da pele do paciente será monitorada, a fim de se verificar oscilações, alterações e diminuição. Os testes psicológicos (IHS e SSPS) serão reaplicados após as intervenções, a fim de se verificar se as medidas serão alteradas como resultado do procedimento. Esse método de tratamento pode se revelar uma técnica rápida e eficaz, para ser utilizada por psicólogos, em tratamentos psicológicos do medo de falar em público muito prevalente em estudantes universitários.

MR 13- HABILIDADES SOCIAIS, COMPETÊNCIA SOCIAL E BULLYING

Coordenador: Camila Negreiros Comodo (Instituto de Terapia por Contingências de Reforçamento)

Resumo geral: A violência nas escolas tem preocupado diversas instituições ao redor do mundo, como a UNESCO, a OMS e a ABRAPIA. É de conhecimento dessas agências que a violência escolar se tornou um problema de saúde pública, demandando esforços multiprofissionais e abrangentes no sentido de se conhecer mais sobre o fenômeno, sua prevalência, fatores de risco, consequências e formas de combatê-lo. Dentre os diversos tipos de violência escolar, destaca-se o bullying, um tipo de violência que passou a ser estudado mundialmente na década de 1980. Bullying tem sido definido como uma classe de comportamentos violentos intencionais e recorrentes de um ou mais alunos com maior poder (físico, social e/ou psicológico) em relação a um colega, produzindo consequências negativas para o último. Desde os estudos pioneiros do professor sueco Dan Olweus na década de 1980, muitas pesquisas foram realizadas acerca desse fenômeno em diversas partes do mundo, incluindo trabalhos conceituais e teóricos e também estudos de levantamento de dados e intervenções. Uma vertente dessas pesquisas procura investigar a associação entre o bullying e outras variáveis, e, uma vez que o bullying ocorre em relações interpessoais entre estudantes, uma variável que tem sido relacionada com esse fenômeno é o repertório de habilidades sociais dos alunos envolvidos em episódios de bullying. O presente simpósio foi elaborado visando contribuir com essas pesquisas que relacionam o Campo Teórico e Prático das Habilidades Sociais (THS) e o bullying, principalmente no sentido de ampliar o conhecimento que se tem dessa relação no cenário nacional, no qual as pesquisas sobre o tema ainda são incipientes. A primeira apresentação relaciona as habilidades sociais e os problemas de comportamento em estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental de um município do Estado do Rio de Janeiro. A segunda apresentação investiga a relação entre habilidades sociais e bullying em estudantes do Ensino Fundamental de uma escola particular e uma escola pública de um município do Estado de Santa Catarina. E a terceira apresentação tem como objetivo investigar indicadores de competência social em episódios de bullying de 38 estudantes de um município do Estado de São Paulo, os quais foram classificados como vítimas, autores e testemunhas de bullying. Pretende-se fazer uma análise individual dos resultados de cada pesquisa apresentada, bem como apontar possíveis comparações entre os resultados encontrados, ressaltando os diferentes Estados em que foram realizadas as pesquisas e buscando contribuir para a compreensão do fenômeno do bullying no cenário nacional.

Apresentação 1 | HABILIDADES SOCIAIS E PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO EM ENVOLVIDOS DO BULLYING

Zeimara de Almeida Santos (Universidade Salgado de Oliveira), Adriana Benevides Soares (Universidade Salgado de Oliveira)

Comportamentos agressivos na escola são condutas que comprometem a aprendizagem e influenciam no desempenho escolar, perturbam as relações interpessoais e o desenvolvimento sócio emocional das crianças e jovens reduzindo o clima de segurança e proteção coletivo. A violência escolar está relacionada aos comportamentos agressivos e antissociais, incluindo os conflitos interpessoais, cujos tipos mais comuns de violência realizada pelos jovens são a violência verbal, simbólica e o bullying. O bullying na escola tem sido associado a diversos comprometimentos no desenvolvimento de crianças e jovens, além de problemas psicológicos, pois se caracteriza por ser um comportamento agressivo, cruel, intencional, de ocorre de forma repetitiva e não tem limites. O bullying se torna mais nocivo no contexto escolar, porque é na escola que às crianças estão em desenvolvimento e deveria ser um local de proteção e acolhimento. Quando os vínculos construídos na escola são conflituosos podem trazer prejuízos importantes para a vida adulta. Pode-se dizer que comportamentos socialmente competentes são preventivos de problemas de comportamento, incluindo o bullying. O presente estudo teve como objetivo verificar a associação entre bullying e habilidades sociais em crianças do sexto ano do Ensino Fundamental; identificar as habilidades sociais em estudantes agressores e vítimas de bullying e verificar a associação entre habilidades sociais e problemas de comportamento em agressores e vítimas de bullying. Escolheu-se o sexto ano por ser um período de transição no currículo escolar, um período de mudança fisiológica, emocional e social entre a infância e a adolescência que se exige um ajustamento dos discentes. Participaram do estudo 400 estudantes que frequentam o 6º ano do Ensino Fundamental e 400 pais desses adolescentes, provenientes de escolas da cidade do Estado do Rio de Janeiro. Os dados foram coletados com os estudantes que responderam a escala de Habilidades Sociais/ escala de problemas de comportamento por meio Social Skills Rating System (SSRS) e o questionário de Bullying. Os pais destes alunos avaliaram os problemas de comportamento por meio do Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais. A proposta do projeto foi enviada ao Comitê de Ética da Universidade e aprovada. Foi também solicitado autorização das instituições de Ensino e posteriormente foi realizada abordagem aos pais ou responsáveis que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para que as crianças participassem ativamente, garantindo total anonimato aos participantes da pesquisa. Foram ainda realizadas as análises estatísticas utilizando o teste t-Student para comparação dos grupos e foi feita correlação de r de Pearson para relacionar os fatores dos instrumentos. Os principais resultados mostraram que habilidades sociais se correlacionam negativamente com problemas de comportamento e que não houve diferença quanto as Habilidades Sociais nos atores envolvidos no bullying. Sendo assim, para amostra total, quanto mais problemas de comportamento os indivíduos apresentam menor o repertório de habilidades sociais.

Apresentação 2 | RELAÇÃO ENTRE HABILIDADES SOCIAIS E BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR

Gabriel Fernandes Camargo Rosa (UFSC), Mauro Luís Vieira (UFSC)

A necessidade de vinculações interpessoais é um componente essencial da natureza humana e dificuldades na interação social está comumente atrelado à psicopatologias. Deste modo, identificar uma situação de interação e comportar-se de modo adequado, isto é, possuir habilidades sociais, trata-se de um fator determinante para a qualidade de vida. Entretanto, uma complexa problemática voltada às interações sociais no contexto escolar vem cada vez mais ganhando espaço na mídia: o bullying. Sabe-se atualmente que pessoas envolvidas em situações de bullying apresentam déficits em alguma de suas habilidades sociais, no entanto, quais seriam especificamente as habilidades envolvidas neste processo ainda não são claras. Partindo daí a presente pesquisa teve como principal objetivo investigar as relações entre habilidades sociais e bullying junto a estudantes de dois contextos escolares diferentes. Para tanto, o estudo recorreu à ótica do próprio indivíduo, a partir de instrumentos de autopercepção (IMHSC-Del Prette e SCAN-Bullying 2005), no intento de que os resultados auxiliem na compreensão da relação dos fenômenos de modo tanto coletivo, como individual. Além disso, faz-se válido salientar que o estudo também preocupou-se em identificar se as estratégias comportamentais adotadas pelo indivíduo são semelhantes ou divergentes nos dois contextos pesquisados (uma escola pequena e pouco número de estudantes e uma escola numerosa e com espaços de interação social bastante amplos), haja vista que a literatura especializada no assunto vem identificando relações entre o tamanho da escola e da turma no estabelecimento e manutenção de situações bullying. Entre os principais resultados da pesquisa, é possível identificar que há uma relativa diferença indicando maior envolvimento em situações de bullying por parte das crianças que estudam em turmas maiores. Porém, de modo geral, os resultados foram equivalentes, isto é, estudantes de ambas as escolas demonstraram responder de modo parecido às situações que foram apresentadas. A reação habilidosa que os estudantes de ambas as escolas demonstraram melhor desempenho foi a de “autocontrole”, contudo, as reações de “assertividade de enfrentamento” e de “empatia e civilidade” (sejam elas habilidosas ou não habilidosas) foram as que predominantemente correlacionaram com as variáveis do bullying. Para fins conclusivos, os resultados aqui encontrados endossam a discussão acerca da importância de atentar para o desenvolvimento de habilidades sociais no repertório das crianças visando a prevenção de contingências aversivas, dentre as quais o bullying, promoção de saúde e qualidade de vida. Por fim, um desdobramento prático para os resultados da presente pesquisa reflete na condição de se pensar em programas que envolvam o treinamento de habilidades sociais, focando situações de bullying, visando sua prevenção.

Apresentação 3 | AVALIAÇÃO DE INDICADORES DE COMPETÊNCIA SOCIAL EM SITUAÇÕES DE BULLYING

Camila Negreiros Comodo (UFSCar), Almir Del Prette (UFSCar)

Bullying tem sido definido na literatura como uma classe de comportamentos violentos intencionais e recorrentes de um ou mais estudantes com maior poder (físico, social e/ou psicológico) em relação a outro estudante, produzindo consequências negativas para o último. Considerando a alta prevalência de bullying bem como os prejuízos produzidos advindos desse conjunto de comportamentos, os pesquisadores têm se voltado para possíveis variáveis preditoras do bullying, com o objetivo de aprimorar a compreensão, a prevenção e o combate a esse tipo de violência escolar. Umas das variáveis que tem sido objeto de pesquisa na área são as habilidades sociais de vítimas, autores, vítimas autores e alunos não envolvidos em bullying. As pesquisas nessa temática trazem dados de que há uma relação significativa entre bullying e habilidades sociais. Entretanto não foram encontrados na literatura estudos que investigassem a competência social dos estudantes envolvidos em bullying. A diferenciação entre os conceitos de habilidades sociais e competência social apontada por diversos autores do Campo Teórico e Prático das Habilidades Sociais implica que um aluno envolvido em bullying pode apresentar habilidades sociais em seu repertório, mas não se comportar de forma socialmente competente em situações de bullying. Essa constatação aponta para a importância da pesquisa nessa área ir além de investigar as habilidades sociais dos alunos envolvidos em bullying, mas também avaliar o quanto os desempenhos dos alunos em situações de bullying atingem os critérios de competência social. Esse tipo de investigação poderia trazer dados para a melhor compreensão do bullying e melhor atuação na prevenção e combate a esse tipo de violência. Dessa forma, o objetivo do presente trabalho é avaliar e descrever indicadores de competência social em situações hipotéticas de bullying para adolescentes autores, vítimas, vítimas-autores e testemunhas desse tipo de violência. Para tal, foi realizada uma entrevista elaborada para a presente pesquisa com 10 alunos autores de bullying, oito alunos vítimas, 10 alunos vítimas-autores e 10 alunos testemunhas de bullying. A entrevista elaborada continha três histórias hipotéticas sobre bullying, com base nas quais os adolescentes deveriam responder sobre (a) pensamentos, comportamentos e sentimentos em relação ao bullying e em relação à vítima, aos autores e às testemunhas; (b) discriminação das consequências imediatas do bullying para a vítima e para o agressor; (c) valorização ou reprovação dos comportamentos sociais dos autores, das vítimas e das testemunhas; (d) discriminação de habilidades sociais necessárias para o combate ao bullying. As entrevistas foram transcritas e as respostas categorizadas. Os resultados indicaram que todos os adolescentes envolvidos em bullying, e também os alunos não envolvidos nessa agressão relataram deixar de atingir indicadores importantes da competência social nas situações hipotéticas de bullying.

MR 14- HABILIDADES SOCIAIS, SUPORTE SOCIAL E ESTRATÉGIAS DE RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS NAS AÇÕES EDUCATIVAS PARA A PROMOÇÃO DA SAÚDE

Coordenador: Ivete de Aquino Freire (UNIR-RO)

A presente mesa-redonda apresentará três estudos explorando as relações entre habilidades sociais, suporte social e habilidades de resolução de problemas com aplicações práticas para o contexto da promoção da saúde. Na primeira apresentação intitulada “A Teoria Social Cognitiva como estrutura de intervenção em saúde mental no modelo das habilidades sociais”, Eduardo Sarmento de Rezende irá discorrer sobre as aplicações da teoria social cognitiva de Albert Bandura na compreensão dos processos de saúde e adoecimento. A seguir, mostrará por meio de relato de experiência como organizou um programa de intervenção em habilidades sociais na promoção da saúde em contexto hospitalar. Discutirá as etapas de funcionamento desse programa de saúde. A segunda apresentação, intitulada “O suporte social como recurso de coping para pessoas em tratamento para transtornos por uso de substâncias: estratégias para conceitualização de caso”, Iagê Lage Donato fará uma exposição acerca de um modelo de conceitualização de caso fundamentado na teoria transacional de estresse e coping, com aplicações clínicas para a compreensão da dinâmica da recaída ao uso de substâncias psicoativas. Na sequência, irá descrever dois estudos de casos por meio do modelo de conceitualização proposto, evidenciando a complexa, mas clara relação entre o repertório de habilidades sociais de pacientes de um CAPSad, o estresse interpessoal e a tendência ao abuso de substâncias psicoativas. Por fim, fará uma série de considerações mostrando como detalhar as análises explicativas entre o estresse interpessoal, as avaliações cognitivas, as emoções, o suporte social e o coping. Na terceira apresentação, Fabio Biasotto Feitosa irá discorrer sobre o seu trabalho “O suporte social e a saúde de estudantes universitários na Amazônia”, por meio do qual investiga a função de coping do suporte social em universitários com implicações para a promoção da saúde. Com base na teoria transacional, irá discorrer sobre as relações entre o uso de habilidades sociais na estruturação e acionamento do suporte social e sua efetividade na redução da percepção de neuroticismo. Por fim, mostrará que a efetividade do suporte social é dependente de relações de proximidade, o que pode explicar em parte porque nem sempre é efetivo na redução do estresse. Os três estudos em conjunto servirão de base a uma série de discussões sobre a aplicação da teoria transacional de estresse e coping de Richard Lazarus e da teoria social cognitiva de Albert Bandura para a compreensão do processo interpessoal de saúde e doença para a prática da psicologia da saúde.

Apresentação 1 | A TEORIA SOCIAL COGNITIVA COMO ESTRUTURA DE INTERVENÇÃO EM SAÚDE MENTAL NO MODELO DAS HABILIDADES SOCIAIS

Eduardo Sarmento de Rezende (FIMCA-RO), Fabio Biasotto Feitosa (FIMCA-RO)

De acordo com a Teoria Social Cognitiva de Albert Bandura, o comportamento é adquirido por meio de uma relação triádica entre os fatores pessoais, ambientais e comportamentais. Essa concepção denominada de determinismo recíproco estabelece que cada um desses elementos deve possuir uma relação recíproca entre os outros. Dessa forma, a partir da compreensão de que os três determinantes estão reciprocamente interligados sobre a mesma estrutura de funcionamento, entende-se que, qualquer modificação estabelecida em um dos determinantes provocará algum tipo de reflexo nos outros dois componentes da relação triádica. Em relação à saúde mental, no que se refere a sua conceituação, esta pode ser compreendida como um elemento essencial na vida do ser humano, resultante de um processo integralmente constituído sob uma relação de equilíbrio entre aspectos cognitivo-emocionais, comportamentais e sociais. O campo teórico e prático das habilidades sociais apresenta conceitos úteis à compreensão dos elementos intrínsecos a esse processo, uma vez que, as habilidades, o desempenho e a competência social ganham sentido a partir da relação com os fatores sociocognitivos e socioemocionais. Construtos relacionados à teoria social cognitiva e ao campo das habilidades sociais aplicados à saúde mental formarão a base conceitual deste trabalho. Assim, almeja-se realizar uma integração de ambas as áreas, como forma de aprimoramento aos estudos referentes à saúde mental. Para isso, será apresentada uma proposta piloto de intervenção com base na revisão da literatura, na experiência pessoal do autor e no modelo das habilidades sociais, sob a estrutura da reciprocidade triádica e do determinismo recíproco. A composição da referida intervenção foi pensada a partir do trabalho focado nos aspectos emocionais, comportamentais e sociais que são essenciais ao campo das habilidades sociais e da saúde mental, como elementos alternativos aos fatores pessoais, ambientais e comportamentais, presentes na concepção determinista. O funcionamento triádico pensado sob o modelo de atuação das habilidades sociais busca estabelecer uma relação de equilíbrio constante entre as dimensões mencionadas. Essa estrutura, além de levar ao campo da saúde mental novas possibilidades de intervenção, também permite que o indivíduo tenha o seu desempenho analisado em cada uma dessas dimensões. Dessa forma é possível perceber entre os elementos comportamentais, emocionais e ambientais, qual é o que está influenciando positiva ou negativamente na relação triádica, tornando, assim, mais fácil a visualização do problema e consequentemente a intervenção efetiva com as habilidades sociais. Portanto, além de proporcionar novo olhar aos estudos da saúde mental, a intervenção sob a perspectiva da reciprocidade triádica, pautada no determinismo recíproco da teoria social cognitiva, permitirá analisar o desenvolvimento sociocognitivo, junto aos preceitos teóricos do campo das habilidades sociais. Serão apresentados e discutidos os principais conceitos envolvendo a proposta de intervenção, o planejamento de suas etapas, as formas de avaliação e propriamente de intervenção.

Apresentação 2 | O SUPORTE SOCIAL COMO RECURSO DE COPING PARA PESSOAS EM TRATAMENTO PARA TRANSTORNOS POR USO DE SUBSTÂNCIAS: ESTRATÉGIAS PARA CONCEITUALIZAÇÃO DE CASOS

Iagê Lage Donato (UNIR-RO)

A prática clínica da psicoterapia para transtornos por uso de substâncias (TUS) representa um constante desafio para os profissionais da saúde. A recaída ao uso de drogas no curso do tratamento é uma das maiores dificuldades enfrentadas. Buscando o desenvolvimento do rol de recursos disponíveis, o presente trabalho tem o objetivo de apresentar um modelo de conceitualização de casos baseado na teoria transacional de estresse e coping de Richard Lazarus para terapias cognitivas dos TUS. O modelo transacional de estresse e coping apregoa que a mediação cognitiva, realizada por meio de processos de avaliação cognitiva dos eventos é responsável pela resposta adaptativa aos eventos que são considerados estressantes. A teoria transacional foi utilizada com a proposta de compreender o papel do estresse interpessoal na ocorrência de recaídas e, assim, auxiliar o clínico no delineamento de estratégias de intervenção. Para tal, realizaram-se estudos de caso com indivíduos em tratamento para TUS no Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (CAPSad) da cidade de Porto Velho, capital de Rondônia. Para seleção dos casos, observou-se que todos haviam recaído durante o curso do tratamento e não estavam privados do convívio social. A coleta de dados se deu por meio de uma entrevista semiestruturada elaborada pelo pesquisador para o estudo; a análise dos prontuários formulados pelos profissionais do CAPSad e mantidos na instituição; e a aplicação do Inventário de Estratégias de Coping de Folkman e Lazarus. O tratamento dos dados se deu pela análise de conteúdo, análise documental e obtenção dos escores relativos ao instrumento psicométrico. O estresse interpessoal foi relatado como um agravante do risco de recaídas em todas as situações analisadas, e caracterizou-se na forma de conflitos, pressão social para uso de drogas, preocupação por magoar um ente querido, e pressão sobre o desempenho de atividades socialmente relevantes. Concluiu-se que avaliações de eventos interpessoais como ameaças ao bem-estar foram presentes nos momentos de recaídas, aumentando o risco da sua ocorrência. Por outro lado, avaliações de já ter sofrido grave dano e ver a situação como um desafio foram percebidas durante a interrupção do uso de drogas, e retomada do tratamento. O suporte social teve destacada função de apoio aos participantes na retomada do tratamento. Notou-se, ainda, que as habilidades sociais individuais e dos membros da rede social do indivíduo podem ser facilitadores do processo terapêutico. O autor analisa o potencial da teoria transacional de estresse e coping para a conceitualização de casos clínicos, apresentando um modelo de formulação de caso e planejamento de intervenção.

Apresentação 3 | O SUPORTE SOCIAL E A SAÚDE DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS NA AMAZÔNIA

Fábio Biasotto Feitosa (UNIR-RO), Ivete de Aquino Freire (UNIR-RO)

A teoria transacional de estresse e coping de Richard Lazarus contempla as habilidades sociais (HS) enquanto coping. As HS são recursos pessoais de gerenciamento ou enfrentamento do estresse, concebidas como formas socialmente apropriadas e efetivas de se comunicar e se comportar com os outros. Facilitam a resolução de problemas em conjunto com outras pessoas, aumentam a probabilidade de conquistar cooperação e suporte social, e conferem ao indivíduo considerável controle sobre as interações sociais. As HS são aprendidas e quando empregadas pelo indivíduo formam a sua competência no gerenciamento ou no enfrentamento de situações estressantes. É o caso de, por meio das habilidades sociais, o indivíduo acionar a sua rede de suporte social, aprender com os pares apoiadores formas mais efetivas de resolução de problemas e, assim, reduzir o estresse. Na teoria transacional, o estresse psicológico compreende cognições e afetos negativos surgidos quando o indivíduo avalia que demandas excedem suas estratégias de enfrentamento. O suporte social, enquanto coping, é capaz de reduzir o sofrimento psíquico do indivíduo e consequentemente promover e proteger a saúde, aumentando a sua percepção de satisfação com a vida. Dessa maneira, o suporte social ao operar a função de coping está implicado na saúde das pessoas e uma das formas de testar esse modelo teórico é investigando as correlações entre disponibilidade do suporte social e neuroticismo (N). O sofrimento psicológico, aqui em foco, pode adequadamente ser avaliado pelo conceito de N, uma vez que é um traço da personalidade descrito como uma tendência relativamente estável a responder com emoções negativas ou estresse psicológico às frustrações, perdas ou ameaças. O N pode ser concebido não apenas como um traço específico da personalidade, mas também como parte de um processo adaptativo mais genérico, sendo ativado ou desativado conforme as circunstâncias de vida que representam adversidade ou segurança. O objetivo desta apresentação é expor e discutir resultados de duas pesquisas de levantamento, uma brasileira e outra estrangeira, apontando que ter o suporte social disponível é uma condição frequentemente associada a menor N ou menor sofrimento psíquico. Considerando a teoria transacional e os resultados dessas pesquisas, será defendido que o suporte social é capaz de operar a função de coping, conforme previsto, contudo, será dada ênfase a um detalhe nem sempre registrado nos estudos disponíveis sobre o suporte social: a relevância de relacionamentos íntimos ou de proximidade para a melhor efetividade do suporte social. Será discutido, por meio dessas pesquisas, a relevância dos relacionamentos amorosos estáveis, negativa e significativamente correlacionados com menor N, influenciando a saúde e a percepção de bem-estar de universitários. O referido resultado será discutido a partir dos conceitos do modelo de resolução de problemas, salientando a sua aplicação ao campo das HS no sentido de ampliar a compreensão sobre como estudar a complexa função de coping do suporte social com benefícios para a saúde de diferentes populações.

MR 15- NOVAS EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DE INSTRUMENTOS PARA AVALIAÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS E CONSTRUTOS RELACIONADOS

Coordenador: Catarina Malcher Teixeira (UFMA)

Os estudos brasileiros sobre habilidades sociais, encontram-se em ascensão. No entanto, achados da literatura apontam ainda há uma escassez de recursos para a avaliação desse construto, seja por meio de medidas diretas, seja por meio de medidas indiretas. Até o início deste século, os estudos nacionais se preocuparam mais em caracterizar o repertório de determinadas populações e, em menor escala, em avaliar a efetividade de programas de intervenção e (em número ainda menor) em descrever e testar propriedades psicométricas de instrumentos de avaliação. Assim, essa mesa-redonda tem como objetivo principal apresentar novas evidência de validade de instrumentos para avaliação de habilidades sociais e construtos relacionados. Apresenta três investigações desenvolvidas por pesquisadores nacionais e internacionais. O primeiro estudo, intitulado “Adaptação Transcultural do “Test de Ansiedad Social (Tas-U)” para Universitários brasileiros” apresenta uma adaptação transcultural do Test de Ansiedad Social (TAS-U), instrumento desenvolvido na Argentina, para universitários brasileiros. O segundo, denominado de “Evidências cumulativas de validade do Inventário de Habilidades Sociais, Problemas de Comportamento e Competência Acadêmica para Crianças (SSRS)” apresenta uma revisão de estudos brasileiros que utilizaram o SSRS enquanto instrumento de avaliação de habilidades sociais, problemas de comportamento e/ou competência acadêmica, e que apresentaram, em seus resultados, alguma evidência de validade. O terceiro estudo, com título “Habilidades Sociais Assertivas: um estudo de validação de instrumento para amostra masculina e comparação entre gêneros” apresenta propriedades psicométricas preliminares do Inventário de Habilidades Assertivas (IHA) para a população masculina e realiza uma comparação do repertório assertivo entre gêneros. Destaca-se como principais contribuições dos estudos: (1) suprir a lacuna quanto à escassez de instrumentos adaptados para a cultura brasileira; (2) apresentar escalas para pesquisadores do campo teórico-prático das habilidades sociais conduzirem investigações na área da avaliação psicológica; (3) disponibilizar para psicólogos recursos para avaliação e posterior intervenção efetiva em Treino de Habilidades Sociais; e (4) propor encaminhamento metodológico e empírico para a avaliação das habilidades sociais e construtos relacionados.

Apresentação 1 | ADAPTAÇÃO TRANSCULTURAL DO “TEST DE ANSIEDAD SOCIAL (TAS-U)” PARA UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS

Lucas Guimarães Cardoso de Sá (UFMA), Hamanda Rabelo Bezerra Ferreira (UFMA), Valeria Estefanía Morán (Universidad Nacional de Córdoba/Argentina)

A Ansiedade Social (AS) é uma reação comum a todos as pessoas, e pode ocorrer diante de diversas situações sociais. Ela faz com que haja uma maior preparação, de maneira que o indivíduo possa sentir-se mais seguro ou mais apto a lidar com a ocasião, e, assim, obter um desempenho social satisfatório. Há casos, porém, em que essa ansiedade deixa de ser adaptativa, e o indivíduo tem reações exageradas que podem contribuir para o desenvolvimento de um transtorno conhecido como Fobia Social (FS). O contexto universitário traz diversas demandas sociais, e os estudantes precisam responder e se adaptar a elas, pois representam o público ingressante no mercado de trabalho, que exige cada vez mais habilidades e competências de cunho social. Considerando o fato de que não foram encontradas pesquisas de construção ou validação de instrumentos que avaliem a AS para o público universitário, e tendo em vista as inúmeras consequências negativas que a sua forma exagerada pode ocasionar ao indivíduo, este estudo apresenta uma adaptação transcultural do Test de Ansiedad Social (TAS-U), instrumento desenvolvido na Argentina, para universitários brasileiros. Para isso, foi realizado o processo de tradução reversa, com posterior análise semântica e teórica por juízes especialistas. Em seguida, foram realizadas análises fatoriais confirmatórias e exploratórias e investigação da precisão por consistência interna do instrumento. Participaram do estudo 279 estudantes universitários, média de idade de 22,72 (DP=4,51), a maioria do sexo feminino (66%), predominantemente da área de saúde (32%) e cursando os dois anos iniciais do curso (70%). Inicialmente, foi realizada uma Análise Fatorial Confirmatória (AFC) para testar a adequação da estrutura original argentina para o contexto brasileiro. Foi observado que a estrutura original do TAS-U não era compatível à cultura brasileira (GFI=0,79; CFI=0,83; PNFI=0,69; RMSEA=0,08). Dessa forma, foi realizada uma Análise Fatorial Exploratória (AFE), com extração por Máxima Verossimilhança e rotação Promax, suprimindo cargas fatoriais inferiores a 0,32. Observou-se que 26 dos 27 itens originais do TAS-U-BR formavam três dimensões, apresentando cargas fatoriais acima de 0,37, com variância total de 52,3% e coeficientes alfa de Cronbach entre 0,78 e 0,93. O fator 1 refere-se à ansiedade ante situações sociais com pessoas conhecidas ou desconhecidas, onde são apresentadas situações de interação com amigos, colegas, familiares ou desconhecidos, que podem variar desde ser observado até situações onde o indivíduo interage diretamente com outras pessoas, como iniciar uma conversa, expor suas opiniões e demonstrar afeto. O fator 2, por sua vez, diz respeito à ansiedade ante situações de avaliação de desempenho, e apresenta situações onde o indivíduo se expõe a possíveis avaliações por parte de outras pessoas, que podem ser potencializadas quando essas pessoas possuem algum status, autoridade ou importância, como professores, avaliadores ou mesmo pessoas atraentes. O fator 3 permaneceu inalterado em comparação à versão original e refere-se à ansiedade ante situações de interação com pessoas atraentes afetiva e/ou sexualmente, em que são apresentadas situações de interação com pessoas que geram algum tipo de atração afetiva-sexual. Discute-se que essa nova estrutura parece atender a especificidades da cultura brasileira, que se diferenciam da Argentina.

Apresentação 2 | EVIDÊNCIAS CUMULATIVAS DE VALIDADE DO INVENTÁRIO DE HABILIDADES SOCIAIS, PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO E COMPETÊNCIA ACADÊMICA PARA CRIANÇAS (SSRS)

Lucas Cordeiro Freitas (UFSJ), Zilda A. P. Del Prette (UFSCar)

O Inventário de Habilidades Sociais, Problemas de Comportamento e Competência Acadêmica para Crianças (SSRS) é a versão brasileira do Social Skills Rating System, um instrumento originalmente norte-americano, que já foi submetido a estudos psicométricos em diferentes países. O SSRS é um instrumento abrangente, composto por três escalas padronizadas - para professores, pais e estudantes - que avaliam habilidades sociais, problemas de comportamento e competência acadêmica. Tendo em vista o caráter situacional e multidimensional das habilidades sociais, a avaliação do repertório social de crianças deve ser baseada em vários indicadores dos desempenhos abertos e encobertos que ocorrem nas situações interpessoais. Alguns autores têm destacado, ainda, que os indicadores de habilidades sociais de crianças devem ser obtidos, sempre que possível, por meio da avaliação de diferentes informantes, tais como a própria criança, seus pais, professores e colegas, uma vez que nenhum deles, isoladamente, tem acesso a todos os indicadores do repertório social da criança. Essa diversidade de indicadores e de informantes envolvidos na avaliação das habilidades interpessoais de crianças caracteriza uma abordagem multimodal que integra um maior número de medidas, de modo a garantir uma avaliação mais completa e abrangente. Este trabalho apresenta uma revisão de estudos brasileiros que utilizaram o SSRS enquanto instrumento de avaliação de habilidades sociais, problemas de comportamento e/ou competência acadêmica, e que apresentaram, em seus resultados, alguma evidência de validade. O conjunto de evidências de validade a ser apresentado foi extraído da análise de 27 artigos publicados em revistas científicas, 13 dissertações de mestrado e 10 teses de doutorado, conduzidos a partir do ano de 2003, que utilizaram as escalas SSRS. O conjunto analisado foi constituído por pesquisas psicométricas, correlacionais e/ou de eficácia de intervenções, realizadas com crianças que apresentavam uma grande variedade de características de desenvolvimento: desenvolvimento típico, autismo, problemas de comportamento, deficiência auditiva, deficiência intelectual, deficiência visual, dificuldades de aprendizagem, déficit de atenção e hiperatividade, dentre outras. Os estudos analisados apresentaram evidências de validade das escalas SSRS em termos de: validade de construto (estrutura de componentes principais, análise fatorial exploratória, análise fatorial confirmatória e correlação entre os construtos medidos), validade de critério (comparação com grupo critério), validade concorrente (correlação com outro instrumento), validade preditiva (correlação com avaliação futura), validade experimental (sensibilidade pré e pós-intervenção) e relação com variáveis desenvolvimentais, socioeconômicas e outros construtos psicológicos. Em termos gerais, a versão brasileira do SSRS tem apresentado um conjunto expressivo de evidências de validade com base em diferentes procedimentos de verificação de padrões convergência e divergência e de validade de critério (Urbina, 2007). A disponibilização da versão brasileira das escalas tem

contribuído para a realização de estudos de avaliação multimodal com diferentes grupos de crianças, bem como para a verificação dos efeitos do treinamento de habilidades sociais com a população infantil.

Apresentação 3 | HABILIDADES SOCIAIS ASSERTIVAS: UM ESTUDO DE VALIDAÇÃO DE INSTRUMENTO PARA AMOSTRA MASCULINA E COMPARAÇÃO ENTRE GÊNEROS

Catarina Malcher Teixeira (UFMA), Ana Carolina Andrade Gomes (UFMA), Marcos Silva (UFMA)

O Inventário de Habilidades Assertivas (IHA), é uma escala multimodal de avaliação do constructo da assertividade. A escala produz escores de autorrelato de cinco indicadores: frequência, efetividade (alcance dos objetivos), desconforto, adequação social (aprovação/reprovação pelo ambiente social) adequação pessoal nas próprias respostas assertivas. Foi validada em uma amostra de 190 mulheres maranhenses (São Luís), com idade média de 41,16 anos (DP= 9,4), escolaridade superior, inseridas no mercado de trabalho nos setores da Educação e Saúde. O IHA foi elaborado com a finalidade de suprir uma carência de instrumentos nacionais para avaliação da assertividade. Aliada a essa situação, as investigações sobre a assertividade têm regularmente mostrado um melhor repertório masculino comparado com o feminino e, poucos são os estudos que têm abordado exclusivamente a assertividade e sua relação com variáveis sociodemográficas (idade, tempo de atuação profissional, remuneração, quantidade de filhos, número de graduações de nível superior, quantidade de empregos e tempo de migração do meio rural para o meio urbano) e assertividade e gênero. Neste sentido, esta investigação teve como objetivos (1) validar o instrumento Inventário de Habilidades Assertivas – IHA para a população masculina; e (2) comparar o comportamento assertivo de homens e mulheres inseridos no mercado de trabalho. Para alcance desses objetivos, a escala foi aplicada em 100 homens maranhenses, com nível de escolaridade superior e inseridos no mercado de trabalho, dados preliminares de comparação com a amostra de 100 mulheres extraída do estudo de Teixeira (2015) não apontaram diferenças significativas na comparação do repertório assertivo entre homens e mulheres. A análise fatorial exploratória, conduzida com base no indicador de frequência, produziu um fator único, com boa consistência interna, resultados semelhantes foram encontrados na versão feminina da escala. Sugere-se uma análise comparativa dos escores por item do IHA entre os gêneros, isso porque achados da literatura apontam que diferenças significação não têm sido encontradas em escores gerais, mas sim em escores por itens dos instrumentos. O estudo permite preencher uma lacuna na literatura nacional sobre caracterização da assertividade por gênero e destaca-se como principais contribuições o encaminhamento metodológico e empírico da análise da assertividade em nosso país. Uma vez que a escala apresenta indicadores importantes que devem ser levados em consideração na análise da habilidade social assertiva, permitindo novas investigações a serem realizas pela comunidade

acadêmica, avaliações mais efetivas para atuação profissional do psicólogo em diferentes contextos (saúde, educacional, organizacional e clínico). Além de subsídios para a compreensão por parte de profissionais interessados em estudos sobre questões do universo da assertividade e gênero.

MR 16- O CAMPO DAS HABILIDADES SOCIAIS E ANÁLISE DO COMPORTAMENTO: APROXIMAÇÕES TEÓRICAS, CONCEITUAIS E PRÁTICAS POSSÍVEIS

Coordenador: Talita Pereira Dias (UFSCAR)

O campo teórico-prático das Habilidades Sociais (HS) busca compreensão, definição, avaliação e promoção de habilidades sociais e competência social. Para atender a essa finalidade, tal campo se estrutura a partir de matrizes teóricas, metodológicas e práticas diversas, entre as quais podem ser destacadas a Teoria Cognitiva, a Análise do Comportamento e a Psicologia Social-cognitiva. Sem a pretensão de negar, hierarquizar ou restringir a contribuição dessas diferentes abordagens ao THS, este trabalho busca focalizar e analisar as contribuições e influências da Análise do Comportamento para o campo das Habilidades Sociais. A Análise do Comportamento pauta-se na filosofia do Behaviorismo Radical e nos conhecimentos advindos de pesquisas básicas e aplicadas da Análise Experimental e Aplicada do Comportamento. Seu objeto de estudo é o comportamento, entendido como a interação organismo-ambiente. Assim, todo comportamento, inclusive o social, é explicado com base na relação entre eventos ambientais e classes de respostas do organismo, sejam abertas ou privadas, por um processo de seleção pelas consequências. Fundamentadas nesses aspectos, são propostas três apresentações que se interligam ao buscar diálogos entre a Análise do Comportamento e Habilidades Sociais, desde uma análise mais geral das relações possíveis entre ambas, passando por uma proposta de análise funcional das classes de habilidades sociais na infância até em uma perspectiva mais aplicada no contexto clínico da relação terapêutico. De modo mais específico, a primeira irá abordar as interfaces entre o campo das Habilidades Sociais e a Análise do Comportamento, de modo a fornecer subsídios para compreensão dos construtos fundamentais das HS, a partir da perspectiva do Behaviorismo Radical, a partir de uma revisão de literatura, sendo propostas aproximações tanto teóricas, como práticas. Já a segunda apresentação tem como objetivo realizar análises funcionais das diferentes classes de habilidades sociais de modo a identificar, descrever e analisar os possíveis antecedentes, respostas e consequências prováveis das classes de habilidades sociais infantis. Por fim, a terceira apresentação se insere numa perspectiva mais aplicada e clínica, buscando analisar as características dos terapeutas favoráveis para à formação da aliança terapêutica, em uma perspectiva das habilidades sociais e da descrição tecnológica e conceitual das contingências envolvidas na interação com o cliente, próprias da Análise do Comportamento. A partir das apresentações, espera-se contribuir para que sejam verificadas possíveis proximidades entre os campos de saberes e identificar

contribuições reciprocas entre as áreas que possam favorecer diálogos que contribuam de modo bidirecional tanto para avanços teóricos, como metodológicos e práticos.

Apresentação 1 | HABILIDADES SOCIAIS E ANÁLISE DO COMPORTAMENTO: DIÁLOGOS E CONVERGÊNCIAS TEÓRICAS

Raquel Martins Sartori (Centro Universitário de Votuporanga), Vanessa Santiago Ximenes (Universidade Federal de São Carlos)

O campo de estudos das Habilidades Sociais (HS) apoia-se em diferentes modelos teóricos para sua fundamentação teórica. A Análise do Comportamento (AC) é apontada pela literatura da área como uma, dentre outras possibilidades de explicação teórica para os seus construtos. A AC oferece subsídios filosóficos, conceituais e empíricos compatíveis com a análise dos comportamentos sociais classificados como HS, que permitem explicar a origem e manutenção de tais comportamentos com base na proposta do modelo de seleção pelas consequências do Behaviorismo Radical. Diante disso, o presente trabalho tem por objetivo analisar as interfaces entre as duas áreas e subsidiar a compreensão dos construtos fundamentais das HS a partir da perspectiva do Behaviorismo Radical. Para tanto, foi realizada uma revisão de literatura das duas áreas do conhecimento, com uma busca especialmente dirigida para os artigos que apresentam as afinidades entre ambas. A revisão indicou que, a partir do modelo da AC é possível investigar os processos de instalação dessas classes comportamentais constitutivas das HS, bem como, manejar condições para a ampliação e manutenção dessas classes no repertório do indivíduo. As classes de HS podem ser compreendidas, a partir da AC, como comportamentos sociais, unidades funcionais de análise e produto de três processos de variação e seleção, sendo eles: filogenético, ontogenético e cultural. Dado o caráter situacional das HS, assim como a análise dos seus efeitos sobre as relações interpessoais como critério para análise da competência social, tais habilidades podem ser examinadas a partir da perspectiva funcional e contextualista da AC. Além das possíveis interfaces teóricas entre as duas áreas, é possível também levantar suas compatibilidades no planejamento de intervenções. As pesquisas em HS têm apontado para a efetividade de suas intervenções a partir dos critérios estabelecidos pelas Práticas Baseadas em Evidências. Tal feito solidifica a potência da área de HS como estratégia de intervenção na Psicologia e no desenvolvimento de práticas culturais que produzam consequências com valor de sobrevivência para o indivíduo e o grupo a médio e longo prazo. Desta forma, avançar na aproximação entre os dois campos de estudo é um caminho promissor para ambas as áreas. Almeja-se, como resultado deste tipo de estudo, que ambas as áreas se beneficiem: as HS por fortalecer a sua fundamentação teórica com bases na Análise do Comportamento (campo de estudos com respeitáveis pesquisas experimentais, conceituais e filosóficos) e a Análise do Comportamento, por dar foco a classes comportamentais fundamentais para promover relações interpessoais de maior equilíbrio de reforçadores entre os envolvidos.

Apresentação 2 | ANÁLISE FUNCIONAL DAS CLASSES DE HABILIDADES SOCIAIS NA INFÂNCIA

Camila Negreiros Comodo (ITCR), Talita Pereira Dias (Centro Universitário de Votuporanga; Universidade Federal de São Carlos)

O Campo Teórico e Prático das Habilidades Sociais (THS) surgiu na Inglaterra com os estudos de Argyle sobre ergonomia e sistemas homem-máquina. Desde a sua origem, o THS contou com a contribuição e a influência de diversas teorias psicológicas, como a abordagem Cognitivo-Comportamental, a Análise do Comportamento e a Psicologia Social-Cognitiva de Bandura. Essa diversidade de matrizes teórico-metodológicas resultou em definições não uniformes de conceitos e escolhas de diferentes estratégias de avaliação e intervenção sobre o comportamento social. Tal variabilidade conceitual pode ser visualizada também ao se analisar as definições dos dois termos chave do campo como habilidades sociais e competência social. Alguns pesquisadores do THS, como Del Prette e Del Prette e Bolsoni-Silva, têm buscado analisar esses conceitos chave e outros aspectos desse campo de pesquisa e prática dentro do referencial da Análise do Comportamento. Dentro dessa proposta, as habilidades sociais têm sido consideradas como uma classe de comportamentos sociais que contribuem para a competência social e que aumentam a probabilidade do indivíduo produzir reforçadores para si e para os interlocutores, assim como diminuem a probabilidade do indivíduo produzir estímulos aversivos para si e para os demais membros da comunidade social. A competência social, por sua vez, tem sido considerada como a avaliação do desempenho da pessoa, segundo critérios de funcionalidade (consecução dos objetivos da interação, aprovação social da comunidade verbal, manutenção ou melhora da qualidade da relação, equilíbrio de reforçadores e respeito aos direitos humanos básicos). Como uma forma de contribuir com esses esforços de aproximar o THS e a Análise do Comportamento, o presente trabalho tem como objetivo realizar análises funcionais das diferentes classes de habilidades sociais. A análise funcional consiste na identificação de relações de dependência entre as respostas do organismo, o contexto em que elas ocorrem (condições antecedentes que evocam a resposta) e os eventos subsequentes a elas (consequências), considerando as operações estabelecedoras em vigor. Dessa forma, o presente trabalho identifica, descreve e analisa os possíveis antecedentes, as respostas e as prováveis consequências relacionadas às classes de habilidades sociais infantis propostas por Del Prette e Del Prette (2005), a saber: autocontrole e expressividade emocional, civilidade, empatia, assertividade, solução de problemas interpessoais, fazer amizades e habilidades sociais acadêmicas. As análises realizadas trazem contribuições para a compreensão dos conceitos de habilidades sociais e competência social dentro da perspectiva da Análise do Comportamento, assim como trazem implicações para a pesquisa e a prática do THS a partir desse referencial teórico.

Apresentação 3 | HABILIDADES SOCIAIS NA PRÁTICA CLÍNICA DE TERAPEUTAS COMPORTAMENTAIS

Raquel Martins Sartori (Centro Universitário de Votuporanga), Almir Del Prette (Universidade Federal de São Carlos)

A qualidade da relação terapêutica é considerada um fator preditivo do sucesso do processo psicoterápico. A formação da aliança entre terapeuta e cliente é uma condição fundamental para adesão do cliente às intervenções propostas e seguimento das metas estabelecidas conjuntamente por eles. Dado que o processo terapêutico é objetivamente uma relação interpessoal e é sobre ela que se atua, para além de competência técnica e teórica, a formação e manutenção da aliança terapêutica dependem de um conjunto de características do terapeuta, que podem ser descritas em termos comportamentais e relacionadas às classes de habilidades de sociais. Considerando que uma descrição tecnológica é um dos critérios para que uma intervenção seja considerada comportamental, uma descrição clara e precisa das contingências presentes na relação entre terapeuta e cliente faz-se necessária para sua replicação e maior propagação dos procedimentos considerados efetivos. Além disso, a análise dos procedimentos descritos tecnologicamente dentro de um nível conceitual favorece a sua explicação a partir de princípios básicos da Análise Comportamental. Frente ao exposto, o presente trabalho teve por objetivo analisar as características dos terapeutas favoráveis para a formação da aliança terapêutica a partir da perspectiva das habilidades sociais e da descrição tecnológica e conceitual das contingências envolvidas na interação com o cliente. Para tanto, as características dos terapeutas apontadas pela literatura como favoráveis à formação da aliança terapêutica, geralmente apresentadas como traços de personalidade, foram operacionalmente descritas em termos comportamentais e relacionadas às classes de habilidades sociais. As descrições, então reformuladas, foram examinadas a partir da sua composição na tríplice contingência. Assim, para cada classe de habilidade social relevante para a efetividade do processo terapêutico, foram levantadas possíveis variáveis discriminativas para a emissão dessas classes de respostas, bem como, suas prováveis consequências sobre a relação terapêutica. Os resultados dessa análise permitem compreender as características dos terapeutas favoráveis à formação da aliança como classes de habilidades sociais apresentadas na interação social com o cliente. O exame dessas classes a partir da análise tecnológica e conceitual da tríplice contingência colabora para que o terapeuta responda sob controle das contingências presentes na sessão, sendo sensível às demandas seus clientes, e não responda exclusivamente sob controle de regras sobre como se comportar, o que pode gerar efeitos indesejáveis para a relação. As classes de habilidades sociais que ampliam o acesso a reforçadores para ambos os participantes da interação social e melhoram a qualidade da relação em médio e longo prazo atendem aos critérios de avaliação da competência social, sobrepondo-se, neste caso, à competência profissional.

MR 17- O PSICÓLOGO COMO AGENTE PROMOTOR DE HABILIDADES SOCIAIS E SUA FORMAÇÃO

Coordenador: Marlene de Cássia Trivellato-Ferreira (Centro Universitário Barão de Mauá)

A atuação do psicólogo em qualquer área requer as habilidades advindas dos saberes teóricos, e também aquelas que lhe são próprias para favorecer suas interações sociais. No entanto, No entanto, a literatura aponta que na formação do psicólogo poucas são as preocupações em favorecer o desenvolvimento das habilidades sociais (HS) do próprio psicólogo e das suas competências enquanto agentes promotores dos treinos em habilidades sociais. Desta forma, a mesa redonda "A formação do Psicólogo como agente que promove o desenvolvimento do repertório de Habilidades Sociais" se propõe a discutir a formação do psicólogo durante o período de graduação por meio de diferentes estratégias (pesquisa, estágios supervisionados e atuação profissional). Para tanto, a proposta apresentará uma pesquisa com a temática Treino de Habilidades Sociais em pais em um trabalho de conclusão de curso, uma descrição das atividades dos graduandos na atuação do psicólogo em estágio de Psicologia escolar, e finalmente, um relato de experiência de um psicólogo em uma instituição filantrópica em Ribeirão Preto. A atividade de pesquisa teve como objetivo instrumentalizar os alunos a realizar entrevistas, aplicar inventários e desenvolver a observação direta do comportamento em situação natural, durante a aplicação de um programa de habilidade sociais à pais. O estudo apontou que não só os pais se beneficiaram dos procedimentos, mas também os alunos ampliaram seu repertório de habilidades sociais. A atividade de estágio supervisionado em psicologia escolar teve como objetivo o treino de habilidades sociais em crianças para o desenvolvimento da competência social. Este trabalho favoreceu a promoção das habilidades sociais em contexto escolar das crianças e adolescentes e ainda, aprimorou o repertório de HS dos moderadores dos grupos, no caso, os estagiários. No relato de experiência de atuação profissional do psicólogo, pôde-se identificar como a demanda do serviço de psicologia exige a familiaridade com o treino das habilidades sociais e o investimento no desenvolvimento dessas habilidades próprio repertório do psicólogo. Por fim, a proposta da mesa sugere o investimento das universidades na formação dos futuros psicólogos como agentes promotores de treinamento em habilidades sociais, bem como a disponibilidade de condições para a promoção das competências sociais dos graduandos.

Apresentação 1 | A APRENDIZAGEM DOS UNIVERSITÁRIOS PARA A IMPLEMENTAÇÃO DE PROGRAMAS DE TREINO EM HABILIDADES SOCIAIS ATRAVÉS DA PESQUISA

Nathália Sabaine Cippola Roncato (Centro Universitário Barão de Mauá)

O comportamento entre duas ou mais pessoas é denominado de comportamento social, e este repertório pode ser apreendido na interação entre pais e filhos, relações

conjugais, de amizade, profissionais, professor e aluno, entre outras. Comumente, falhas nestes processos podem ocorrer, e tais déficits podem resultar em desordens emocionais variadas, transtornos psicopatológicos, fracasso escolar ou crises conjugais. Os programas em treino de habilidades sociais (THS) podem atuar como um fator de proteção no ensino destas habilidades entre grupos e contextos distintos, com populações clínicas e não clínicas. Do ponto de vista da técnica, o THS compreende uma fase de avaliação e outra de intervenção e os profissionais que realizam estes procedimentos devem ser o mais capacitado possível, já que os mesmos devem ser capazes de identificar déficits e excessos comportamentais, seus antecedentes e consequentes e respostas emocionais que estejam contribuindo para a emissão de comportamentos não socialmente habilidosos. Dessa forma, a boa formação dos universitários psicólogos deve instrumentalizá-los a realizar entrevistas, aplicar inventários e desenvolver a observação direta do comportamento em situação natural. A formação desses profissionais dentro das universidades pode se dar através das pesquisas de revisão bibliográfica, experimentais e até aplicadas. O presente trabalho teve como objetivo apresentar, através de um exemplo de pesquisa, como ensinar universitários a aplicar um programa em habilidades sociais. O trabalho de conclusão de curso foi realizado por duas alunas que implementaram e avaliaram um programa de treino em habilidades sociais educativas parentais com o ensino de conceitos da Análise do Comportamento. O programa contou com cinco pais presentes em nove sessões, sendo duas pré-avaliativas, seis sessões em grupo para intervenção do treino de habilidades sociais e tarefas de casa com o preenchimento de fichas de avaliação de comportamentos adequados e inadequados e uma sessão de feedback. As alunas se basearam nos fundamentos do treinamento de habilidades sociais e desenvolveram uma metodologia de intervenção com o objetivo de desenvolver o repertório de habilidades sociais dos participantes, com caráter preventivo e/ou remediativo. Como resultados, foi possível observar a redução significativa da frequência dos comportamentos inadequados das crianças e o aumento dos comportamentos adequados. Tais resultados sugerem que os objetivos foram atingidos e a intervenção com pais levou a um aumento do repertório de tais habilidades, bem como auxiliou no ensino e aumento no repertório das alunas que puderam treinar como realizar instruções, ensaios comportamentais, modelação, modelagem, feedback verbal e em vídeo, tarefas de casa, reestruturação cognitiva, solução de problemas, relaxamentos e vivências.

Apresentação 2 | A FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO NA PROMOÇÃO DAS HABILIDADES SOCIAIS EM INSTITUIÇÃO ESCOLAR

Jaqueline Pereira Dias-Corrêa (Faculdade Anhanguera de São José dos Campos)

A formação em Psicologia vem sendo discutida na literatura de modo a buscar a identidade do psicólogo. Sabe-se que a formação em Psicologia deve-se pautar em pressupostos teórico-práticos que considerem as influências sócio-históricas e contextos atuais de desenvolvimento. Assim, toda ação deve se voltar ao

desenvolvimento integral dos indivíduos em perspectiva humana. Nesta perspectiva, independentemente da abordagem teórica, é necessário ao futuro psicólogo conhecer sobre as habilidades sociais por uma única razão, desenvolver em si mesmo suas próprias habilidades sociais, que são de suma importância para a convivência com outro e facilitadora no manejo das demandas de trabalho do psicólogo. Estar em contato com a promoção das habilidades sociais favorece o desenvolvimento do futuro profissional, assim como do público atendido. Para tanto, as atividades de estágio básico ou supervisionados são fundamentais em sua formação. Entende-se como estágio supervisionado um componente curricular obrigatório que visa a implementação do desempenho profissional do graduando e docente, por meio da experiência e vivências das práticas educativas em campo, estabelecendo a relação entre a teoria e prática. O estágio de psicologia escolar é um espaço essencialmente interativo e relevante para se promover as habilidades de observação e intervenção. O presente relato se prontifica a discorrer sobre a atuação dos estagiários como agentes promotores de Habilidades Sociais. No ambiente escolar os alunos possuem a oportunidade de aumentar o repertório das habilidades sociais das crianças e dos adolescentes a fim de que esses se tornem cada vez mais competentes socialmente. Isso é feito por meio de uma observação inicial, seguida de intervenções em grupos e avaliação final do repertório dos sujeitos. A intervenção se propõem promover as habilidades sociais consideradas essenciais ao repertório comportamental infantil que são organizadas em um sistema de sete classes: autocontrole e expressividade emocional, civilidade, empatia, assertividade, fazer amizades, solução de problemas interpessoais e habilidades sociais acadêmicas. A literatura aponta que um repertório elaborado e refinado de habilidades sociais contribui para a competência social, o que favorece um relacionamento satisfatório e produtivo com as demais pessoas. Além disso, as habilidades contribuem para trajetórias satisfatórias de desenvolvimento e inibem possíveis problemas advindos de comportamentos não adaptativos. Dessa forma, promover habilidades sociais é uma experiência importante para todos os envolvidos, principalmente, aos moderadores (estagiários de Psicologia) dos grupos já que estes, para conduzirem as atividades de intervenção necessitam discriminar suas competências, refiná-las e serem modelos para atuarem como agentes promotores do desenvolvimento do repertório de habilidades sociais dos envolvidos no estágio.

Apresentação 3 | RELATO DE EXPERIÊNCIA DA ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA EM SERVIÇO DE CONVIVÊNCIA E FORTALECIMENTO DE VÍNCULOS

Leandro Gabarra (Centro Educacional Marista Ir. Rui)

A partir da Resolução CNAS nº01/2013, que reordenou a Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais (Resolução CNAS nº 109/2009), as unidades sociais que prestam o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) devem manter em seus quadros psicólogos que comporão as equipes multidisciplinares. Assim, o presente trabalho aborda a experiência de um psicólogo que atua em uma

Instituição Social, situada a 15 anos entre os bairros Jardim Progresso e Parque Ribeirão Preto, no município de Ribeirão Preto. Atualmente oferece o SCFV, Educação Básica (na modalidade de ensino médio) e ensino profissionalizante, totalizando 620 atendimentos entre crianças e adolescentes de 06 a 17 anos. A Política Pública da Assistência Social atrela os serviços da instituição aos trabalhos sociais ofertados às famílias, portanto a instituição também oferece atividades articulando e contra referenciando a rede Sócio Assistencial do território, serviços complementares, básicos ou especializados da saúde, álcool e drogas, assistência, promoção de direitos e os de Educação, Esporte e Lazer. A instituição tem compromisso com populações mais vulneráveis, portanto tem-se entre os atendidos ou seus familiares pessoas com deficiências, em situações de trabalho infantil, exploração e abuso sexual, envolvimento com o tráfico de drogas, em medida sócio educativa, negligencia, etc. O psicólogo atua frente a vulnerabilidade social, centrado na acolhida das demandas espontâneas dos atendidos e das demandas vindas das percepções dos educadores sociais, que encaminham os educandos para uma escuta mais aprofundada, que pode ter desdobramentos em orientações com a família e até encaminhamentos externos a Rede. Além do trabalho com os educandos e familiares é realizado o acompanhamento da equipe de educadores sociais. O conteúdo de orientação e acompanhamento estão pautados na necessidade de desenvolvimento de repertório de habilidades sociais para a convivência e o fortalecimento de vínculos. Estão neste escopo de ações, as mediações de conflito e as principais dificuldades expressas nas convivências cotidianas estão no desrespeito às regras de boa relação estabelecidas entre os indivíduos. Neste sentido, a atuação do psicólogo está pautada na promoção do comportamento de escuta, do saber “ouvir o outro”, de compreender e nomear os sentimentos e pensar em outras resoluções frente aos conflitos. O maior desafio profissional do psicólogo nesta atuação é fomentar as práticas que favoreçam aos alunos, familiares e educadores o enfrentamento e a melhor convivência, buscando a minimização de conflitos interpessoais, por meio do desenvolvimento do repertório de habilidades sociais. Para tanto, também é importante a reflexão do profissional de psicologia sobre o seu repertório de Habilidades Sociais.

MR 18- POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO EM HABILIDADES SOCIAIS NOS DIFERENTES NÍVEIS/MODALIDADES DA EDUCAÇÃO

Coordenador: Bárbara Carvalho Ferreira (UFVJM)

A aprendizagem de habilidades sociais e o aperfeiçoamento da competência social ocorrem naturalmente ao longo de toda a vida, por meio das interações sociais com diferentes interlocutores. No entanto, quando as práticas educativas da família e escola, associado com experiências não satisfatórias com os pares, não são favoráveis para a aprendizagem e aprimoramento das habilidades sociais e competência social, podem ocorrer déficits no repertório de habilidades sociais e problemas de competência social, impactando negativamente as relações interpessoais. Para superação desses déficits e problemas podem ser programadas

intervenções, desde a educação infantil até o ensino superior, com alunos sem e com necessidades educacionais especiais. Visando apresentar diferentes possibilidades de intervenção nos diversos níveis/modalidades da educação, esta mesa redonda se propõe: (a) discutir propostas de estratégias de avaliação e de intervenção em habilidades sociais junto a crianças de três a cinco anos frequentadoras da Educação Infantil, buscando evidenciar que essa modalidade constitui um contexto propício para tal fim. Para tanto, serão apresentadas: propostas de estratégias, recursos e atividades do cotidiano escolar que podem ser adotados para promoção de diferentes classes de habilidades sociais infantis. Serão, ainda, descritas experiências de aplicação de tais estratégias, bem como seus resultados junto às crianças e, ainda, a avaliação da viabilidade e aceitação pelos professores das crianças. Por fim, são discutidos os desafios e dificuldades presentes nessa tarefa, buscando gerar uma reflexão; (b) apresentar a proposta da consultoria colaborativa na educação inclusiva, com a interface das habilidades sociais educativas, desenvolvida em uma disciplina nos cursos de Psicologia e Pedagogia; (c) descrever, parcialmente, os resultados da percepção que os estudantes universitários de diferentes cursos têm das habilidades sociais educativas de professores universitários com quem consideram que mais e menos aprendem para ilustrar a necessidade de rever a formação de docentes no ensino superior e nas pós-graduações strictu-sensu; descrever algumas iniciativas de inserção da temática de habilidades sociais em cursos de Ensino Superior na forma de treinamento de habilidades sociais e disciplinas teórico-práticas para estudantes de cursos de Engenharia.

Apresentação 1 | PROMOÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS EM CRIANÇAS: A EDUCAÇÃO INFANTIL COMO CONTEXTO PROPÍCIO

Talita Pereira Dias (Centro Universitário de Votuporanga, UNIFEV), Zilda Del Prette (UFSCAR)

A Educação Infantil constitui a primeira modalidade da Educação Básica e é considerada como uma janela de oportunidades para as etapas seguintes, sendo que um conjunto de políticas educacionais está cada vez mais atento a isso. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil, de 2010, nesse período tem-se como meta principal oportunizar experiências significativas para as crianças em termos de um desenvolvimento integral. Os direitos da criança nessa etapa são: conhecer-se; expressar-se, explorar, participar, brincar e conviver. É possível considerar que a garantia desses direitos é condicional ao desempenho de habilidades sociais educativas por parte dos professores, ao mesmo tempo em que promover habilidades sociais já na Educação Infantil pode favorecer o exercício desses direitos por parte das crianças. A promoção de habilidades sociais nesse nível educacional pode favorecer o desenvolvimento, aprendizagem acadêmica, clima escolar e prevenir indisciplina, conflitos e comportamentos agressivos, elementos que serão fundamentais para uma trajetória desenvolvimental de qualidade com impacto positivo em curto, médio e longo prazo tanto para o individuo e seu funcionamento

psicológico e social, como para os diferentes setores da sociedade. Programas nessa direção já são conduzidos em escolas de muitos países. No Brasil, ainda são necessários investimentos nessa vertente em diferentes sentidos, como é o caso de identificação e/ou elaboração de recursos viáveis a serem adotados nesses programas, tanto em termos de avaliação como estratégias e recursos de intervenção. Adotar recursos que fazem parte do cotidiano da Educação Infantil, como é o caso de livros, desenhos animados, músicas e brincadeiras, podem se tornar mais provável a adesão dos professores na adoção desses recursos, com vistas a promover habilidades sociais infantis. Com base nisso, este estudo tem por objetivo discutir propostas de estratégias de avaliação e de intervenção em habilidades sociais junto a crianças de três a cinco anos frequentadoras da Educação Infantil, buscando evidenciar que essa modalidade constitui um contexto propício para tal fim. Para tanto, serão apresentadas: propostas de estratégias, recursos e atividades do cotidiano escolar que podem ser adotados para promoção de diferentes classes de habilidades sociais infantis. Serão, ainda, descritas experiências de aplicação de tais estratégias, bem como seus resultados junto às crianças e, ainda, a avaliação da viabilidade e aceitação pelos professores das crianças. Por fim, são discutidos os desafios e dificuldades presentes nessa tarefa, buscando gerar uma reflexão. Espera-se, com isso, produzir um conjunto de protocolos de intervenção para uso de recursos pelo professor em formato de flexível às necessidades e condições do professor e das crianças para promoção de desenvolvimento socioemocional infantil.

Apresentação 2 | EDUCAÇÃO ESPECIAL: POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO EM HABILIDADES SOCIAIS

Bárbara Carvalho Ferreira (UFVJM)

Os estudos na área das habilidades sociais no Brasil têm contemplado diferentes contextos, educação, saúde, trabalho, clínica, e participantes com características diversas, como, por exemplo, crianças, adolescentes, idosos, universitários, casais, pessoas com transtornos psiquiátricos, dependentes químicos, alcoolistas, entre outros. Nota-se a importância das habilidades sociais para diversas áreas de conhecimento e atuação tem sido inquestionável, e no âmbito da Educação Especial essa relevância fica evidente ao considerar as contribuições para o desenvolvimento socioemocional, para a aprendizagem e sucesso no contexto escolar ou acadêmico bem como para o aperfeiçoamento das práticas educativas. Estudos evidenciam as mudanças que programas de intervenção de habilidades sociais têm gerado para a vida de indivíduos com diferentes deficiências, como, por exemplo, física, intelectual, visual, auditiva, para indivíduos com dotação e talento, bem como para indivíduos com Transtornos do Espectro Autista. Além de intervenções com os alunos com necessidades educacionais especiais, há propostas de Treinamento de Habilidades Sociais Educativas para professores, o que pode favorecer mudanças no contexto de sala de aula na perspectiva da educação inclusiva, em termos das interações sociais estabelecidas e promoção do processo de aprendizagem de alunos. Dentre as

diferentes possibilidades de intervenção, uma que merece destaque é a consultoria colaborativa com a interface das habilidades sociais educativas. A consultoria colaborativa acontece quando um profissional especializado na área (psicólogo, fonoaudiólogo, fisioterapeuta, entre outros) presta assistência ao professor de educação regular. Esta proposta de trabalho é uma alternativa bastante válida, principalmente quando se considera os problemas ainda enfrentados no processo de inclusão, como, por exemplo, a falta de experiência e ausência de conhecimento de professores acerca de práticas educacionais adequadas para o ensino de alunos com necessidades educacionais especiais. Considerando esses problemas, dentre outros enfrentados na educação inclusiva; o fato das habilidades sociais educativas favorecerem o processo de ensino-aprendizagem; e que um repertório elaborado de habilidades sociais educativas do professor permite que esse utilize estratégias pedagógicas facilitadoras na interação com os alunos, realizando atividades que envolvam, por exemplo, a apresentação de modelos adequados de comportamentos sociais e a valorização de comportamentos mais adaptativos dos alunos como, tomar iniciativa, cooperar com colegas, dar feedback, lutar pelos próprios direitos, expressar sentimentos, negar pedidos, etc, o presente trabalho tem como objetivo apresentar a proposta da consultoria colaborativa na educação inclusiva, com a interface das habilidades sociais educativas, desenvolvida em uma disciplina nos cursos de Psicologia e Pedagogia. As atividades práticas já envolveram aproximadamente 100 alunos com diferentes necessidades educacionais especiais e 350 acadêmicos, que realizaram coleta de dados para identificação de problemas, por meio de entrevistas e observações no contexto escolar, assim como elaboração, recomendação e auxilio na implantação das estratégias de intervenção para os problemas e dificuldades apontadas pelos professores. Os resultados encontrados têm se mostrado positivos não apenas em termos de aprendizagem para os acadêmicos, mas também para a criança/adolescente com necessidade educacional especial, seus professores e demais envolvidos no processo de inclusão escolar.

Apresentação 3 | CONTRIBUIÇÕES DO CAMPO TEÓRICO-PRÁTICO DAS HABILIDADES SOCIAIS NO ENSINO SUPERIOR: POSSIBILIDADES DE FORMAÇÃO INTERPESSOAL PROFISSIONAL

Daniele Carolina Lopes (UNESP- Araraquara)

As habilidades sociais são definidas como conjunto de comportamentos sociais que, diante de uma tarefa de interação social, estão relacionados com maior probabilidade de consequências favoráveis para todos os envolvidos, contribuindo, portanto, para a competência social que, por sua vez, diz respeito à efetividade de um desempenho para aquele que comporta de forma imediata e de longo prazo como para todas as outras pessoas envolvidas. Considerando a formação profissional inicial na universidade, tem-se discutido a importância desta modalidade de ensino assumir de forma mais direta o compromisso de capacitação interpessoal dos alunos. As habilidades sociais e a competência social se configuram como elementos

favorecedores de bom desempenho profissional por auxiliarem a lidar com diversas demandas da situação de trabalho e por facilitar a aplicação de competências técnicas. Nos últimos anos, muito se tem produzido a respeito do impacto das habilidades sociais para a aprendizagem acadêmica e para as relações no contexto acadêmico, principalmente na relação professor-aluno, mas pouco se investiga a respeito da formação interpessoal, no contexto acadêmico do Ensino Superior, seja na graduação e pós-graduação. Portanto, pouco se sabe a respeito do repertório de habilidades sociais ou habilidades sociais educativas dos professores universitários brasileiros e as possíveis influências desse repertório no aproveitamento e aprendizagem dos estudantes. Decorrente, inclusive, do pouco investimento na formação interpessoal em cursos de licenciatura e pós-graduações, há ainda pouco investimento na disponibilidade de iniciativas para o desenvolvimento interpessoal de alunos na Universidade. Há uma preocupação de algumas universidades em garantir formação profissional mais completa de seus cursos por meio de estágios, empresas "juniores" e projetos de extensão, no entanto, a capacitação interpessoal ainda fica com um subproduto dessas atividades. Surge, portanto, a importância de se discutir e planejar novas propostas e iniciativas para atender a necessidade de capacitação interpessoal no Ensino Superior. Sendo assim, os objetivos da presente mesa envolve: (a) descrever, parcialmente, os resultados da percepção que os estudantes universitários de diferentes cursos têm das habilidades sociais educativas de professores universitários com quem consideram que mais e menos aprendem para ilustrar a necessidade de rever a formação de docentes no ensino superior e nas pós-graduações strictu-sensu; (b) descrever algumas iniciativas de inserção da temática de habilidades sociais em cursos de Ensino Superior na forma de treinamento de habilidades sociais e disciplinas teóricopráticas para estudantes de cursos de Engenharia. Em relação ao primeiro objetivo, será descrita uma pesquisa realizada com 119 universitários com resultados preliminares a respeito da percepção desses estudantes sobre as habilidades sociais educativas dos professores que julgam que mais e menos aprenderam. Em relação ao segundo objetivo, serão descritas iniciativas de inserção da temática de habilidades sociais em cursos de graduação em Engenharia na modalidade de Programa de Desenvolvimento Interpessoal Profissional e disciplina teórico-prática. Discutir sobre a importância das habilidades sociais e habilidades sociais educativas no Ensino Superior pode ter desdobramentos que afetam a formação universitária e profissional dos indivíduos e, consequente, a sociedade.

MR 19- HABILIDADES SOCIAIS E SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA E VULNERABILIDADE

Coordenador: Bruno Luiz Avelino Cardoso

A violência tem sido um dos principais problemas de saúde pública devido aos danos que ocasiona na saúde dos envolvidos. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), mais de 1,6 milhões de pessoas morrem, vítimas dos diversos tipos de

violência e por se tratar de um problema amplo, com diversas dimensões, as intervenções carecem de estudos científicos que apontem possibilidades para compreendê-lo e modificá-lo. Além da violência, as situações de vulnerabilidade devido aos fatores de danos ou abandono que as pessoas são expostas, podem indicar um repertório deficitário de habilidades sociais, o que suscita o interesse de pesquisadores para a compreensão desses fenômenos. Isto posto, os estudos descritos nesta mesa têm como proposta abordar a temática da violência e de situações de vulnerabilidade com públicos-alvo distintos, sob a perspectiva do campo teórico-prático das habilidades sociais. O primeiro estudo abordará a relação existente entre habilidades sociais e satisfação conjugal de mulheres em situação de violência por parceiro íntimo e discutirá os resultados de uma pesquisa de caracterização e correlação que indicou o repertório de habilidades presentes e deficitários em mulheres em situação de violência e suas principais contribuições para a intervenção com esse público. Os dados dessa pesquisa possibilitarão a compreensão de alguns dos fatores que podem contribuir para a manutenção da mulher em um relacionamento violento. No segundo estudo, será discutida a relação entre o repertório social de crianças em acolhimento institucional e as habilidades sociais educativas dos cuidadores que as acompanham, tendo em vista a situação de vulnerabilidade devido aos fatores de danos que as crianças foram expostas, bem como as diferenças bem definidas do contexto institucional em comparação com contextos familiares. Fatores contextuais podem dificultar a capacidade de vinculação com estas crianças, mesmo quando os cuidadores possuem um repertório bem elaborado de habilidades sociais. Com base nesta apresentação, será possível identificar e discutir acerca de condições contextuais que modulam a influência do uso de habilidades sociais em relacionamentos de cuidado, de modo que profissionais possam atentar para o tema e buscar meios de intervenção pautados nas especificidades de cada ambiente. Por fim, o terceiro estudo, de revisão de literatura, discutirá pesquisas sobre bullying nas escolas e o que elas indicam sobre a relação desse tipo de violência com as habilidades sociais e competência social. Os resultados deste estudo buscam contribuir para a análise das diversas pesquisas nessa temática, discutindo sobre o fenômeno do bullying e quais estratégias e recursos poderiam ser utilizados, sob enfoque do campo das habilidades sociais. Além disso, discutirá os principais aspectos metodológicos em que essas pesquisas são conduzidas, favorecendo embasamento para futuras pesquisas sob os aspectos teóricos abordados. Desta maneira, os estudos apresentados permitem a discussão das temáticas pesquisadas e facilitam a ampliação da compreensão teórica e prática sobre a violência, vulnerabilidade e habilidades sociais.

Apresentação 1 | HABILIDADES SOCIAIS E SATISFAÇÃO CONJUGAL DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA POR PARCEIRO ÍNTIMO

Bruno Luiz Avelino Cardoso (Universidade Federal do Maranhão, UFMA/ Instituto de Teoria e Pesquisa em Psicoterapia Cognitivo-Comportamental, ITPC), Maria de Nazaré Pereira da Costa (Universidade Federal do Maranhão, UFMA)*

O desenvolvimento de relações interpessoais satisfatórias tem contribuído decisivamente para a qualidade de vida e saúde psicológica das pessoas. Por outro lado, a dificuldade em manter relacionamentos de forma saudável e de utilizar estratégias de resolução de conflitos pode ocasionar prejuízos nas relações afetivas entre familiares, cônjuges, parceiros e/ou namorados. A violência é considerada um problema de saúde pública que resulta em prejuízos nas relações interpessoais e no bem-estar, tanto da mulher em situação de violência que pode ter seus ciclos sociais reduzidos e controlados pelo agressor, quanto em toda a família, que pode ser afetada em sua competência parental, educacional e laboral. Compreende-se que uma relação conjugal satisfatória lida diretamente com a troca de afeto, busca por aproximação, resolução de problemas e uma série de outras habilidades. Esses aspectos evidenciam a relevância de investigações quanto à caracterização de repertório de habilidades sociais, nível de satisfação conjugal de mulheres em situação de violência por parceiro íntimo e a relação entre essas variáveis. Este estudo tem como objetivo analisar a relação entre habilidades sociais e satisfação conjugal de mulheres em situação de violência por parceiro íntimo. Para o alcance desse objetivo, 23 mulheres, de uma instituição especializada no atendimento a mulheres em situação de violência, responderam três instrumentos: Questionário sobre Grau e Forma de Violência contra a mulher praticada por parceiro íntimo, Escala de Satisfação Conjugal, e Inventário de Habilidades Sociais Conjugais. Os resultados mostraram que os níveis mais elevados de situações de violência pelas quais as mulheres indicaram foi de natureza psicológica e o nível de satisfação conjugal é inversamente proporcional às situações de violência por parceiro íntimo. Além disso, as mulheres se autoavaliaram com um repertório total deficitário de habilidades sociais conjugais. A análise por fatores indicou também que elas apresentaram repertório deficitário nas habilidades sociais conjugais de “expressividade/empatia”, “autoafirmação assertiva” e “autocontrole proativo”, evidenciando dificuldades quanto a expressar sentimentos e pensamentos na relação conjugal, a garantir seus direitos à individualidade na relação, demonstrar compreensão empática, reconhecer os sinais de alteração fisiológica em si e no outro. Os dados obtidos por meio de correlação apontaram as habilidades de “expressividade/empatia”, “autoafirmação assertiva” e “autocontrole proativo” como as principais habilidades que estão em déficits nas mulheres em situação de violência. Assim, nota-se a importância do treinamento de habilidades sociais conjugais específicas para essa população. O uso de habilidades sociais se contrapõe a relacionamentos violentos. Nesse sentido, o treino dessas habilidades, não só para a mulher, mas para o casal, pode se constituir como ferramenta essencial para o desenvolvimento de relacionamentos socialmente competentes, pautados no respeito ao outro e ampliação da satisfação conjugal.

Apresentação 2 | HABILIDADES SOCIAIS E PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO DE CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL

Livia Lira Lima Guerra, Zilda Aparecida Pereira Del Prette (Universidade Federal de São Carlos, UFSCar)*

Um bom repertório de habilidades sociais tem sido apontado como fator de proteção a problemas de comportamento e outros no curso do desenvolvimento infantil, inclusive para crianças em situação de vulnerabilidade, como é o caso das crianças em situação de acolhimento institucional. A literatura aponta que estas apresentam déficits acentuados no desenvolvimento físico e cognitivo, se comparadas ao desenvolvimento típico. Pode-se questionar como estaria o desenvolvimento socioemocional dessa população específica em termos de habilidades sociais e problemas de comportamento. Considerando que o cuidador é o adulto de referência para essas crianças, pode-se também questionar se e o quanto ele estaria promovendo esse desenvolvimento. O presente estudo teve o objetivo geral de caracterizar o repertório de habilidades sociais e problemas de comportamento de crianças em situação de acolhimento institucional, com base em dados coletados em quatro instituições localizadas em três cidades de médio porte do interior do Estado de São Paulo/SP. Pretendeu-se também caracterizar o repertório de habilidades sociais e habilidades sociais educativas dos cuidadores/responsáveis por estas crianças, assim como investigar possíveis relações entre o repertório dos cuidadores e o das crianças. Para tanto, foram utilizados: a versão brasileira do Social Skills Rating System (SSRS); o Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette); o Inventário de Habilidades Sociais Educativas (IHSE-Pais em versão para cuidadores). Participaram 36 crianças, de ambos os gêneros, na faixa etária de 6 a 12 anos e 19 cuidadores, de 23 a 62 anos. As análises estatísticas descritivas e inferenciais mostraram que: (1) a amostra de crianças apresentou escores abaixo da norma em habilidades sociais, principalmente na classe de empatia e os problemas de comportamento externalizantes, segundo os cuidadores, foram os mais frequentes; (2) os cuidadores apresentaram, em sua maioria, escores classificados como repertório médio inferior e médio superior em habilidades sociais e médio superior e elaborado em habilidades sociais educativas; (3) as crianças com maior repertório de habilidades sociais apresentaram menos problemas de comportamento e avaliaram mais positivamente o repertório dos cuidadores. Discute-se a coerência dos dados de habilidades sociais e problemas de comportamento das crianças e alguns problemas relacionados à autoavaliação dos cuidadores. Levanta-se a hipótese de que possivelmente os cuidadores invistam mais justamente naquelas crianças com melhor repertório de habilidades sociais. Os resultados sugerem a importância de intervenções voltadas para a promoção de habilidades sociais das crianças institucionalizadas, como forma de contribuir para seu desenvolvimento socioemocional e questões metodológicas na autoavaliação dos cuidadores em habilidades sociais educativas.

Apresentação 3 | BULLYING E HABILIDADES SOCIAIS: O QUE AS PESQUISAS MOSTRAM SOBRE ESSA RELAÇÃO

Camila Negreiros Comodo e Almir Del Prette (Universidade Federal de São Carlos, UFSCar)*

A violência nas escolas tem se configurado uma preocupação da UNESCO. Segundo essa organização, a violência nas escolas inclui todos os comportamentos agressivos que ocorrem no ambiente escolar, e, dentre eles, o bullying tem recebido destaque como um fenômeno presente em praticamente todos os países e que traz sérios prejuízos para todos os envolvidos. Bullying pode ser definido como a apresentação de comportamentos violentos intencionais e recorrentes de um ou mais estudantes com maior poder (físico, social e/ou psicológico) em relação a outro estudante, produzindo consequências negativas para o último. Diversos estudos, principalmente no exterior, têm investigado a questão do bullying e sua relação com constructos como habilidades sociais e competência social. Essa relação merece atenção, uma vez que o bullying ocorre em uma situação interpessoal e nesse contexto, as habilidades sociais podem ser uma variável significativa. Nesse sentido procurou-se fazer uma revisão da literatura sobre bullying, habilidades sociais e competência social, com os objetivos de a) identificar a relação entre habilidades sociais e bullying na literatura; b) identificar a relação entre competência social e bullying na literatura; c) analisar o que as pesquisas teóricas indicam sobre essas relações; d) analisar como as pesquisas empíricas que investigam essas relações têm sido conduzidas em termos de participantes e forma de coleta de dados; e) analisar como as intervenções que têm como base a relação entre habilidades sociais e bullying têm sido realizadas em termos de delineamento e procedimentos utilizados. Para atingir esses objetivos foi realizada uma pesquisa nas bases de dados Scielo, Psycinfo, Web of Science e Corpus-HS, com os descritores “habilidades sociais”, “competência social” e “bullying” abrangendo desde o início das bases de dados até julho de 2014. Ao final de uma seleção dos estudos encontrados, foram incluídos na presente revisão 66 estudos, sendo 58 artigos e nove pesquisas de mestrado ou doutorado. Esses estudos foram analisados em três categorias mais abrangentes: estudos teóricos (sete estudos), estudos de levantamento de dados sobre a relação entre habilidades sociais e bullying (35 estudos) e estudos de intervenção que tiveram algum componente de treinamento de habilidades sociais com o objetivo de prevenir ou combater o bullying (24 estudos). Na categoria de estudos teóricos, foram analisadas as contribuições teóricas sobre a relação entre habilidades sociais e bullying. Para as categorias de levantamento de dados e intervenção foram analisadas as seguintes subcategorias: população estudada, instrumentos utilizados, tipo de delineamento, habilidades sociais estudadas e resultados obtidos.

CURSOS

AUTOMONITORIA E HABILIDADES SOCIAIS: REVISÃO CONCEITUAL, CONSTRUÇÃO DE ESCALAS E CONVERGÊNCIA DE MEDIDAS

Márcia C. Monteiro (Universidade Salgado de Oliveira), Adriana B. Soares (Universidade Salgado de Oliveira)

O termo automonitoria apresenta diferentes definições na Psicologia. Foi definido como a sensibilidade que uma pessoa possui ao gerir sua autoapresentação, regulando o comportamento e acomodando-o às situações sociais; que é o conceito adotado neste curso. Ser sensível às próprias demandas e as dos outros, atento as nuances do contexto, autorregulando o comportamento, muito facilita na construção de novas amizades, na relação com as pessoas nos diferentes contextos nos quais os sujeitos interagem. O termo automonitoria também é empregado como um procedimento em intervenções na prática clínica. No contexto das habilidades sociais a automonitoria é definida como a habilidade presente na base das habilidades sociais e envolve capacidades cognitivas de observar, descrever, interpretar e regular os próprios sentimentos, pensamentos e ações nas situações sociais. O construto tem relevância nas relações interpessoais, considerando que indivíduos com elevados escores em automonitoria são atentos ao próprio comportamento e às consequências sociais deste, regulam a expressão da autoapresentação pelo fato de preocuparem-se com a presença pública, por serem responsivos às pistas do contexto social e interpessoal e por visarem uma adequação situacional. Os indivíduos com baixos escores em automonitoria investem emocionalmente em situações particulares e tendem a expor comportamentos mais relacionados às disposições internas, ou seja, são mais alinhados aos aspectos internos ao se autoapresentarem. Neste sentido, os automonitores elevados procuram utilizar estratégias de gestão de impressão, comunicando e produzindo autorepresentações no outro, a partir de características presentes na interação, como uma forma de adequação àquele contexto. Pessoas com alto escore em automonitoria exibem uma maior capacidade e motivação para apresentarem comportamentos que respondam a pistas sociais. Desta forma, promovem comportamentos ou ações que conduzam a resultados mais adaptados à situação vivenciada, mostrando que pessoas denominadas de automonitores elevados captam mais elementos do contexto no que se refere as relações interpessoais. Por habilidades sociais compreende-se um conjunto de comportamentos que possibilitam um desempenho social adequado. Pessoas que exibam um repertório de habilidades sociais mais elaborado, tendem a apresentar melhores condições de se adequarem à realidade do contexto, a

manifestarem e defenderem posicionamentos, aprimorando suas relações com o outro. Um repertório extenso de habilidades sociais implica numa diversidade de posições interpessoais, promovendo interações socialmente adequadas no cotidiano. A automonitoria pode apresentar relação com as habilidades sociais, o que facilitaria as relações em diferentes contextos, e implicaria, por exemplo, em comportamentos mais amigáveis nas situações sociais. Sendo assim, pretende-se: (a) fazer uma revisão conceitual sobre o que é automonitoria; (b) expor resultados comparativos entre o que diz a literatura científica e o que entendem os estudantes universitários; (c) apresentar a adaptação de uma escala de automonitoria para o português brasileiro; (d) mostrar evidências de validade em uma análise exploratória e confirmatória da escala; (e) apresentar indicadores de validade convergente e discriminante entre as escalas de automonitoria e o inventário de habilidades sociais.

AVALIAÇÃO COGNITIVA E COMPORTAMENTAL DO FALAR EM PÚBLICO

Prof. Dr. Antonio Paulo Angélico (UFSJ/São João del-Rei)

Falar em público sempre foi considerado uma tarefa difícil para a maioria das pessoas. Comumente, apresentar um bom desempenho em situações de falar em público depende de experiências anteriores bem-sucedidas. Mas, é claro que as pessoas, em geral, não têm experiências em todas as situações que se deparam a enfrentar e o fato de desconhecer as consequências de um comportamento produz nelas, frequentemente, estados ansiosos que podem interferir ou prejudicar o seu desempenho. Estudos epidemiológicos evidenciaram que o medo de falar em público é o mais prevalente tanto na população geral quanto entre universitários, e sua prevalência independe de gênero, etnia e idade. O medo acentuado de falar em público pode interferir na rotina de trabalho, na vida social e na vida escolar dos indivíduos, produzindo sofrimento e importantes prejuízos de ordem psicossocial, devendo ser encarado, portanto, como um problema sério de saúde mental. Nesse contexto, torna-se fundamental dispor de instrumentos que avaliem os recursos e os déficits do desempenho do falar em público dos indivíduos, visando o planejamento de programas de intervenção, que atendam de modo mais direto, apropriado e objetivo as suas necessidades pessoais e profissionais. Sendo assim, este curso possibilitará ao participante: (a) reconhecer a relevância da avaliação das habilidades sociais de falar em público dos indivíduos, em diferentes áreas de atuação do psicólogo (clínica, educacional, social e organizacional); (b) conhecer os principais instrumentos de avaliação do falar em público, a saber: Teste de Simulação do Falar em Público (TSFP), Escala para Auto-Avaliação ao Falar em Público (SSPS), e o Protocolo de Registro do Falar em Público (PRFP), que examina os marcadores comportamentais de ansiedade exibidos pelos indivíduos em situações típicas de falar em público; (c) indicar os principais transtornos psicológicos ou condições clínicas que podem estar associadas ao medo intenso de falar em público, tais como transtorno de ansiedade social, timidez, baixa autoestima, entre outras; (d) avaliar as suas

próprias autoavaliações em situações ou tarefas de falar em público, por meio da SSPS; e (e) vivenciar a avaliação comportamental de um discurso proferido por uma pessoa. Por meio da SSPS e PRFP, a situação experimental do TSFP demonstrou que a ansiedade experimentada pelos indivíduos em situações de falar em público é manifestada cognitiva e comportalmente e pode ser confiavelmente avaliada. Além disso, por constituírem procedimentos de avaliação padronizados, tais instrumentos facilitam comparações acerca do desempenho de indivíduos ou grupos definidos. Esse tipo de avaliação fornece ainda informações importantes acerca de pontos fracos específicos dos indivíduos, que podem ser usadas tanto no planejamento de programas de treinamento quanto durante o curso de intervenções voltadas para reduzir déficits e promover desempenhos mais habilidosos.

AVALIAÇÃO E INTERVENÇÃO EM HABILIDADES SOCIAIS E DE ENFRENTAMENTO PARA USUÁRIOS DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS

Lucas Guimarães Cardoso de Sá (UFMA)

A dependência de drogas é considerada uma doença complexa, que envolve diversos fatores interagindo de modo intrínseco entre si e atingindo as pessoas de várias maneiras, por diferentes motivos e em contextos diversos. Tamanha complexidade pode explicar porque, estabelecida a dependência, é tão difícil abandoná-la. O fator psicológico exerce papel fundamental na dependência e abstinência de drogas. Nesta perspectiva, parte do comportamento de abuso ou dependência de álcool ou outra droga pode ser explicado como uma maneira desadaptativa de o indivíduo lidar com situações cotidianas de estresse, sejam em família, no trabalho, com amigos ou mesmo em breves relacionamentos com desconhecidos. O estresse, entendido como um desequilíbrio entre as exigências do ambiente e os recursos do indivíduo, poderia levar aqueles que não têm um nível satisfatório desses recursos a buscar a droga como encorajadora para enfrentar situações difíceis ou como alívio frente ao mal-estar causado por tais situações. Por isso, diversas habilidades sociais e de enfrentamento são requeridas quando uma pessoa toma a decisão e interrompe o consumo de álcool ou outras drogas. Um repertório deficitário delas, nessa etapa, pode levar a um conjunto de situações e sentimentos negativos que diminuirão o interesse pelo enfrentamento de situações de risco, aumentando a probabilidade de uma recaída e dificultando as tentativas de manutenção da abstinência. O objetivo deste curso é apresentar os principais instrumentos utilizados na avaliação do repertório de habilidades sociais e de enfrentamento e, em seguida, um conjunto de sessões de intervenção baseadas no modelo da Prevenção da Recaída, fundamentada em uma abordagem cognitivo-comportamental, centrada no desenvolvimento de estratégias cognitivas e comportamentais visando evitar a

ocorrência de um lapso ou recaída. Exemplos dessas sessões envolvem o ensino e aprendizagem de habilidades de: comunicação não-verbal, assertividade, conversação, fazer e receber elogios, ouvir, fazer e receber críticas gerais e sobre os comportamentos específicos relacionados ao uso de drogas. Tais comportamentos envolvem recusar drogas, a resolução de problemas gerais e de relacionamento, o desenvolvimento de redes de apoio social, o controle de fissuras, o aumento de atividades prazerosas, o controle da raiva, o controle sobre pensamentos negativos, a avaliação de decisões aparentemente irrelevantes e o planejamento para emergências. Após a apresentação da estrutura das sessões, uma delas será escolhida para uma simulação, com detalhamento de suas etapas e de seus procedimentos. Espera-se que ao final do curso os participantes sejam capazes de relacionar diversas habilidades sociais e de enfrentamento ao contexto da dependência química, indicando técnicas para avaliar o repertório e reconhecendo as estratégias que embasam a intervenção nessa abordagem.

CONSTRUÇÃO, ADAPTAÇÃO E VALIDAÇÃO DE INSTRUMENTOS NO CAMPO DAS HABILIDADES SOCIAIS

Joene Vieira-Santos e Diego Costa Lima (UFSCar)

Pesquisadores e/ou profissionais da área das habilidades sociais (HS) trabalham com diversos contextos, tais como familiar, escolar, trabalho, entre outros. Cada um desses contextos exige dos indivíduos competências específicas para lidar com demandas diversas. Diante do caráter situacional das HS, o grupo Relações Interpessoais e Habilidades Sociais (RIHS) tem se preocupado em elaborar ou adaptar ferramentas de avaliação dessas habilidades para diferentes contextos. Existem instrumentos disponíveis, comercialmente ou para pesquisa, para avaliação das HS de pessoas de diferentes faixas etárias (idosos, adultos, adolescentes e crianças) e para contingências mais particulares (dependência química, relacionamento conjugal, problemas de comportamento, prestação de cuidados para idosos, dentre outros). As avaliações das HS em diferentes contextos são importantes por possibilitar uma identificação do repertório de populações distintas, permitir uma caracterização de aspectos necessários no planejamento de programas de Treinamento de Habilidades Sociais (THS), bem como avaliar o impacto das intervenções nos repertórios dos indivíduos. O objetivo do presente curso é apresentar os processos de construção, adaptação e validação de instrumentos no campo das HS. A literatura da área psicométrica indica que tanto para a construção, quanto para a adaptação existem três procedimentos essenciais que devem ser realizados: teóricos, experimentais e analíticos. Em relação aos procedimentos teóricos para a construção de instrumentos serão descritos os passos para análise da dimensionalidade do construto, elaboração das definições constitutivas e operacionais, operacionalização e análise dos itens. Referente ao processo de adaptação, os procedimentos dessa etapa consistem em obter a autorização dos autores do instrumento original, tradução/adaptação da versão original, consolidação

da versão preliminar do instrumento, validação do conteúdo da versão preliminar e estudo piloto. Os demais procedimentos são comuns à construção e adaptação. Na sequência, serão demonstrados os procedimentos experimentais que são destinados ao planejamento e aplicação da coleta de dados. Por fim, serão apresentados os procedimentos analíticos, que são destinados à análise da dimensionalidade a partir da análise fatorial, análise dos itens com a apreciação empírica, a verificação da precisão do instrumento com a averiguação da consistência interna e como são estabelecidas as normas do instrumento construído ou adaptado. Para tornar mais fácil a compreensão destes processos, serão apresentados dois instrumentos que se encontram em processo de validação. O primeiro se refere ao Inventário de Habilidades Sociais para Familiares Cuidadores de Pacientes Psiquiátricos, instrumento que avalia habilidades que se relacionam a prestação de cuidados a um parente com transtorno psiquiátrico e que é atendido em um Centro de Atenção Psicossocial. O segundo é o Inventário de Habilidades Sociais Educativas do Professor Universitário – versão aluno (IHSE-PU-Aluno), instrumento através do qual o aluno avalia as habilidades sociais educativas de seus professores universitários e que consiste na adaptação Inventário de Habilidades Sociais Educativas – versão Professor Universitário (IHSE-PU). No curso também será discutida a necessidade de utilização de instrumentos com qualidades psicométricas favoráveis, visto que isso é um aspecto fundamental para garantia da fidedignidade dos dados coletados nos diferentes contextos de atuação profissional e de pesquisa.

HABILIDADES DE SOLUÇÃO DE PROBLEMAS INTERPESSOAIS NA ESCOLA: POSSIBILIDADES DE TREINAMENTO DE CRIANÇAS E EDUCADORES

Luciana Carla dos Santos Elias (FFCLRP-USP)

O desenvolvimento, segundo a teoria da psicopatologia do desenvolvimento, é o resultado de interações entre fatores genéticos, psicológicos e sociais em um contexto de suporte ambiental. Dentro desse contexto fatores constitucionais ou ambientais podem servir como variáveis de vulnerabilidade ou proteção ao indivíduo, podendo afetar sua trajetória. No decorrer da vida, novas e diferentes tarefas devem ser enfrentadas e cumpridas, promovendo a continuidade do desenvolvimento de maneira saudável. Dentre as tarefas centrais na meninice temos o desempenho acadêmico, os relacionamentos sociais e a capacidade de seguir regras. Sabe-se que o cumprimento dessas tarefas decorre da interação entre o indivíduo e ambiente, entretanto, quando não cumpridas, pode instalar-se uma situação de risco. Contrário a fatores de risco salientes na meninice como problemas no rendimento escolar e de socialização, existem os fatores de proteção que podem pertencer ao próprio indivíduo como ao ambiente com o qual interage. Dentro dos fatores de proteção pertencentes ao ambiente, a família e a escola desempenham papéis importantes; já com relação aos pertencentes à própria criança as habilidades sociais (HS) merecem

destaque e entre essas as habilidades de solução de problemas interpessoais (HSPI), que são a ênfase desse trabalho. A literatura aponta que a aquisição de HS na infância pode se constituir em um fator de proteção, estabelecido à medida, que o comportamento socialmente habilidoso favorece a obtenção de reforçadores sociais importantes. Diferentes estudos têm sinalizado a estreita relação entre as HSPI e problemas de comportamento, além do papel protetor dessas habilidades ao longo do desenvolvimento; pesquisas apontam que crianças com melhor desempenho nas HSPI mostram-se melhor ajustadas às situações de vida, enquanto que as com dificuldades nessas habilidades frequentemente sinalizam problemas no nível de adaptação psicossociais. Trabalhos de intervenção em ambiente clínico e institucional têm sido realizados para o desenvolvimento de HS (específicas) e entre esses temos os direcionados para o desenvolvimento das HSPI. No que tange ao trabalho institucional têm sido realizados programas de formação de professores de escolas públicas e privadas, através de aulas teórico-vivenciais e supervisão de trabalho. Já no contexto clínico o trabalho vem sendo desenvolvido com grupos de crianças e pais, assim como em atendimentos individuais. Resultados significativos nos diferentes contextos têm sido obtido. Diante desse contexto o presente curso tem como objetivo apresentar conteúdo introdutório quanto às HSPI, no que se refere à conceituação teórica assim como atividades que promovam o desenvolvimento das mesmas, através de diferentes recursos lúdicos e/ou programas específicos, em ambiente institucional. Espera-se poder colaborar com a formação de alunos e jovens profissionais, no sentido de pensar em ferramentas para atuação e desenvolvimento das HSPI como fator de proteção ao desenvolvimento.

HABILIDADES SOCIAIS E INDICADORES DE BURNOUT: INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO

Sônia R. Loureiro (FMRP- USP), Ana Maria N. El Achkar (FACNEC - RJ), Vanessa B. R. Leme (UERJ), Karina Pereira-Lima (USP)

A avaliação de indicadores de habilidades sociais e de burnout no contexto do exercício profissional é relevante por permitir combinar indicadores de recursos e de riscos que se associam às condições de saúde mental dos trabalhadores. Dada a convivência com uma diversidade de situações estressantes, os profissionais da área da educação e da saúde estão entre aqueles mais propensos a apresentarem problemas de saúde mental, sendo recomendável a realização de ações de prevenção para essas populações. Nesse sentido, contar com instrumentos aferidos é essencial por permitirem avaliar com precisão os indicadores de problemas e recursos, os quais podem funcionar como medidas de seguimento e de avaliação em programas de intervenção. Objetiva-se apresentar, nesse curso, dados relativos aos instrumentos utilizados para a avaliação de habilidades sociais e de burnout aplicados a professores da educação básica (Estudo I) e a médicos residentes (Estudo II), abordando a aplicação, a codificação e interpretação dos dados. Com relação ao Estudo I, participaram 400 professores (idade entre 18 e 62 anos), de ambos os sexos,

sendo 348 mulheres que lecionavam no 7º, 8º e 9º ano do Ensino Fundamental, provenientes de oito escolas fluminenses, sendo quatro públicas e quatro particulares. Os professores responderam ao Questionário com informações demográficas e nível socioeconômico, à Escala da Relação Professor-Aluno (IHSE-Del-Prette), ao Inventário de Habilidades Sociais Educativas (IHSE-Del-Prette) e ao Inventário de Burnout de Maslach (MBI). Foram encontrados índices satisfatórios de consistência interna para as escalas (Organizar Atividade Integrativa α=0,84; Habilidades de Conduzir Atividade Interativa α=0,87) e para o escore total do IHSE-Del-Prette (α=0,94). O MBI apresentou índices satisfatórios de consistência interna para suas dimensões (exaustão α=0,86; realização profissional α=0,87; despersonalização α=0,68) e total do instrumento (α=0,88). Foram evidenciadas associações positivas entre as HSE dos professores e a qualidade da relação professor-aluno. A síndrome de burnout correlacionou negativamente com as HSE dos professores e com a relação professor-aluno. Em relação ao Estudo II, participaram 305 médicos residentes de um hospital universitário do interior paulista, com idades entre 20 e 35 anos, de ambos os sexos (52,1% feminino), de áreas clínicas (59%) e cirúrgicas (41%), de anos iniciais (51%) e finais (49%) da residência. Aplicou-se o Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette) e o Inventário da Síndrome de Burnout (ISB). A análise fatorial para Parte I do ISB, que avalia condições antecedentes para a síndrome de burnout, apresentou dois fatores responsáveis por 43,83% da variância total, sendo: condições organizacionais positivas (α=0,87) e condições organizacionais negativas (α=0,83). A Parte II, que avalia a síndrome de burnout, apresentou quatro dimensões responsáveis por 68,15% da variância total: exaustão emocional (α=0,87), distanciamento emocional (α=0,87), desumanização (α=0,84) e realização profissional (α=0,87). As dimensões de burnout apresentaram correlações significativas e negativas com os escores de habilidades sociais do IHS, sugerindo uma possível relação de proteção. Conclui-se que intervenções com foco na aprendizagem de habilidades sociais de professores e de residentes médicos podem contribuir para a prevenção de burnout nessas populações, o que pode ter impacto positivo para as áreas de educação e saúde.

HABILIDADES SOCIAIS E OUTROS REQUISITOS PARA A COMPETÊNCIA SOCIAL: ELABORAÇÃO CONCEITUAL E IMPLICAÇÕES PRÁTICAS

Almir Del Prette (UFSCar), Zilda A. P. Del Prette (UFSCar)

Os conceitos de habilidades sociais e competência social são entendidos, ora como sinônimos, ora como diferenciados pelos estudiosos desse campo teórico prático. Adotando-se a segunda posição, será apresentada a lógica dessa diferenciação, que se considera pertinente, mas ainda pouco divulgada e compreendida. Entendendo-se que as habilidades sociais constituem condição necessária porém não suficiente para

a competência social, defende-se que há outros requisitos para a competência social e que, para uma prática consistente, válida e efetiva, os dois termos precisam ser bem definidos e os demais requisitos precisam ser claramente identificados e operacionalizados. Neste curso, inicialmente serão explicitados os dois conceitos e a relação, bem como a diferença entre eles, destacando-se os critérios para a avaliação e atribuição de competência social para o desempenho em tarefas interpessoais. Também será apresentado um esquema conceitual dos requisitos da competência social, que os autores vêm formulando teoricamente e que inclui condições estruturadas para: (a) promoção um repertório de habilidades sociais pautado pela variabilidade comportamental; (b) aperfeiçoamento da automonitoria e da análise de contingências; (c) ampliação do conhecimento e autoconhecimento; (d) promoção de valores de convivência. Com base nesse esquema conceitual, serão discutidas questões ligadas à avaliação e à organização de programas de Treinamento de Habilidades Sociais, tanto em grupo como no atendimento individual. Em relação à avaliação, são discutidas questões sobre indicadores de competência social e de cada um desses requisitos, bem como alguns encaminhamentos que estão sendo feitos na pesquisa sobre isso. Em relação às condições práticas que devem ser contempladas em programas de Treinamento de Habilidades Sociais voltados para a Competência Social, são destacados os cuidados no planejamento dessas condições a partir da definição dos objetivos e da organização das sessões de um programa. Os autores defendem que, com base na avaliação inicial (diagnóstica) e continuada, seja organizado um portfólio de classes e subclasses de habilidades sociais e dos demais requisitos da competência social que devem servir de guia para o terapeuta planejar a intervenção e organizar as sessões, As questões práticas sobre como promover esses requisitos serão ilustradas com a descrição e a simulação dos procedimentos e técnicas que têm sido amplamente explorados pelos proponentes, com destaque para as vivências e o método vivencial, tarefas de casa, feedback positivo, modelagem e modelação, além do uso de recursos variados (livros, filmes e demais materiais multimídia, etc.) que podem ser produtivamente explorados. Serão discutidas algumas implicações de programas orientados para a Competência Social e seus requisitos, destacando-se sua importância na manutenção e generalização das aquisições, bem como para a construção de novas práticas culturais de convivência, na família, no trabalho, nos ambientes educativos e de lazer.

INTERVENÇÕES PREVENTIVAS EM SAÚDE MENTAL: PLANEJAMENTO E AVALIAÇÃO

Edna Maria Marturano (USP)

As crianças em risco para problemas de saúde mental representam uma elevada proporção da população jovem contemporânea. Foi demonstrado que os efeitos cumulativos dos riscos múltiplos têm impacto negativo no desenvolvimento cognitivo e sócio-emocional. Intervenções preventivas podem reduzir o risco associado com o

início de distúrbios mentais, no entanto, para serem efetivas, demandam um laborioso ciclo de construção e avaliação antes de serem disponibilizadas para uso profissional, como práticas baseadas em evidência. Nesse cenário, instrumentar-se para avaliar e conduzir pesquisas de intervenção preventiva constitui uma opção de importância crítica para o pesquisador em formação no campo da saúde mental. Embora o campo da pesquisa preventiva em saúde mental seja relativamente recente, já existe um corpo de conhecimento acumulado, fundamentando o modelo de redução do risco e fortalecimento dos fatores de proteção ao longo do ciclo da vida. O objetivo deste curso é apresentar um instrumento teórico-metodológico para planejamento e avaliação crítica de pesquisas de intervenção preventiva. Seu conteúdo focaliza os seguintes tópicos: (1) Base conceitual: o referencial desenvolvimentista; focos e níveis de implementação; o modelo de redução do risco e fortalecimento dos fatores de proteção. (2) As etapas do ciclo de pesquisa em programas preventivos; delineamentos de pesquisa para intervenção preventiva; (3) Desafios no desenvolvimento do ciclo de pesquisa preventiva; (4) Critérios para avaliação de pesquisas de intervenção preventiva. A base conceitual é a da psicopatologia do desenvolvimento, cuja perspectiva do ciclo de vida reflete o impacto das mudanças biológicas e psicossociais sobre o indivíduo, oferecendo a oportunidade para uma aplicação integrada dos avanços em outras ciências básicas para a prevenção, como a neurociência, a genética e a epidemiologia. No espectro de intervenções em saúde mental, programas de prevenção podem ser oferecidos nos níveis de intervenção universal, seletiva ou indicada. Um ciclo de pesquisa de intervenção preventiva compreende as seguintes etapas: identificação do problema, sua extensão e importância; revisão da informação relevante sobre risco e proteção; realização de ensaios para confirmação e replicação de resultados concernentes à eficácia (efeito positivo em condições controladas) e à efetividade (efeito positivo no ambiente natural); ensaios de campo em larga escala; ações facilitadoras da implementação do programa na comunidade. Um modelo teórico definido deve nortear o programa e a sua disponibilização para uso na comunidade deve estar apoiada em documentação que assegure a fidedignidade de sua implementação. Entre os desafios da pesquisa preventiva destacam-se questões metodológicas, culturais, éticas e econômicas. O caráter cíclico da investigação voltada para a avaliação de práticas preventivas tem efeitos de retroalimentação que contribuem para o aprimoramento e a delimitação do escopo de tais práticas. Para o profissional que busca fundamentar a sua prática em evidências de efetividade, o curso oferece um guia para avaliação da qualidade da pesquisa empírica que sustenta as diversas opções de intervenção preventiva disponibilizadas na literatura. Esse guia foi construído com base nos conceitos e princípios apresentados no curso. Sua aplicação será ilustrada com a análise de pesquisas preventivas focadas no desenvolvimento de habilidades sociais.

INVENTÁRIO DE HABILIDADES SOCIAIS PARA ADOLESCENTES - IHSA-DEL-PRETTE: QUESTÕES PSICOMÉTRICAS E RECOMENDAÇÕES PARA PRÁTICA

Vanessa Barbosa Romera Leme (UERJ)

O Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes, conhecido por meio da sigla IHSA-Del-Prette é um instrumento desenvolvido por Del Prette e Del Prette, em 2009, para avaliar o repertório de habilidades sociais de adolescentes (idade entre 12 e 17 anos). Trata-se de um instrumento de autorrelato que investiga as habilidades sociais dos adolescentes requeridas em situações interpessoais com membros da família, pares, pessoas com autoridade, parceiro (a) afetivo (a). A versão original do instrumento é composta por 38 itens que contemplam as habilidades em seis fatores: empatia, que inclui itens sobre habilidades de identificar sentimentos e problemas do outro, expressar compreensão e apoio, pedir desculpas, preocupar-se com o bem estar do outro, guardar segredos; autocontrole, que reúne habilidades de reagir com calma a situações aversivas em geral, tais como aquelas que produzem frustração, desconforto, raiva e humilhação; civilidade, que inclui as habilidades de traquejo social, despedir-se, agradecer favores ou elogios, cumprimentar, fazer gentilezas; assertividade, que refere-se à capacidade de lidar com situações que demandam defesa dos direitos e autoestima, com risco do interlocutor reagir negativamente; abordagem afetiva, que reúne as habilidades de estabelecer contato e conversação para relações de amizade, intimidade sexual e expressão de carinhos; desenvoltura social, que inclui as habilidades em situação de exposição social e conversação, apresentação de trabalhos em grupo e conversar com pessoas de autoridade e explicar tarefas aos colegas. Estudos nacionais e internacionais adicionais aos referidos no manual foram realizados e comprovaram suas robustas propriedades psicométricas. Dentre essas pesquisas, duas demonstraram validade de construto, invariância e indicadores de precisão com uma ampla amostra de adolescentes no contexto brasileiro (N=2291). Esses resultados evidenciaram que o instrumento é recomendado em futuros estudos tanto de avaliação, intervenção quanto de rastreamento sobre as habilidades sociais dos adolescentes. Na última década, diversos estudos têm sinalizado a importância de se investir na investigação das habilidades sociais dos adolescentes e de seus contextos interpessoais, visando a intervenções preventivas, de promoção de saúde ou tratamento de diversos transtornos psicológicos. Desse modo, este curso tem como objetivo apresentar o IHSA-Del-Prette, abordando questões psicométricas e de aplicação. É composto em quatro partes: (1) Exposição de conceitos do campo das Habilidades Sociais e de variáveis relacionadas ao desenvolvimento interpessoal na adolescência; (2) Apresentação dos estudos psicométricos realizados com o IHSA-Del-Prette, nas versões original e breve; (3) Recomendações para a aplicação e interpretação dos resultados; (4) Implicações da utilização do instrumento como medida de seguimento e avaliação em programas de intervenção com adolescentes.

O MÉTODO VIVENCIAL NOS PROGRAMAS DE PROMOÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS

Profa. Dra. Daniele C. Lopes (Universidade Paulista/Araraquara)

Os programas de promoção de habilidades sociais podem ter diferentes estruturas, sendo uma delas o método vivencial que se caracteriza como um treinamento prático em sessão que envolve vivências, definidas como atividades em grupo, estruturada de modo análogo ou simbólico a situações do cotidiano que criam a oportunidade para o treino de desempenhos específicos, permitindo que o facilitador avalie os comportamentos observados e utilize contingências para fortalecer e/ou ampliar o repertório de habilidades sociais. Programas de promoção de habilidades sociais com a utilização do método vivencial apresentam algumas características como: arranjo de condições de ensino de habilidades sociais e competência social instrumental e ético-moral, considerando situações próximas daquelas do cotidiano dos participantes; tem como foco o acesso direto ao desempenho do indivíduo na sessão por meio das atividades planejadas; tem como objetivo ampliar os comportamentos sociais por meio do ensino de diferentes alternativas de respostas para inúmeras demandas interpessoais; apresenta foco em habilidades sociais de processo como condição para aprendizagem de comportamentos mais complexos e para análise de contingências; prevê treino de análise funcional e automonitoria e, por fim, utiliza tarefas de casa para expor o participante às contingências do ambiente natural. Para a implementação do método vivencial nos treinamentos de habilidades sociais há alguns requisitos técnicos e éticos. Os requisitos técnicos envolvem conhecimento teórico e prático específico do terapeuta na área de habilidades sociais, domínio dos princípios de aprendizagem, especialmente o operante, o respondente e o observacional; habilidades específicas no repertório do psicoterapeuta e conhecimento sobre planejamento de programas e sobre a clientela. A condução de um programa vivencial deve estar pautada na ética, tanto em relação aos objetivos, avaliação e escolha dos procedimentos de intervenção. Sendo assim, o objetivo deste curso é descrever o que caracteriza e como se utiliza o método vivencial em programas de promoção de habilidades sociais tanto para crianças como adultos. Serão apresentadas as discussões recentes sobre as vantagens do método vivencial em relação ao modelo instrucional de intervenção em habilidades sociais; as características básicas e exemplos de programas que tiveram tal embasamento. O método vivencial apresenta inúmeras vantagens e benefícios ao ser utilizado em programas de promoção, principalmente no que diz respeito a manutenção das habilidades sociais aprendidas durante uma intervenção. Disseminar um método com evidência de efetividade é um dos compromissos do campo teórico-prático das Habilidades Sociais, uma vez que pode ser adotado como referencial para o planejamento e condução de programas que utilizam materiais e recursos variados.

PROMOÇÃO DAS HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS EM AGENTES EDUCATIVOS: TEORIA E PRÁTICA

Elaine C. G. Pizato (Faculdades Integradas de Jahu, Jaú-SP), Joene Vieira-Santos (UFSCar)

Agente educativo é o indivíduo que assume a função de promover o desenvolvimento e a aprendizagem do outro. Este papel pode ser socialmente atribuído, como no caso de pais e professores, ou auto-atribuído, como no caso de líderes religiosos e comunitários. No entanto, independente da forma de atribuição, o sucesso na tarefa educativa dependerá, em grande medida, das habilidades sociais educativas (HSE) apresentadas pelo agente. As HSE caracterizam-se como aquelas habilidades empregadas de maneira intencional para promover o desenvolvimento e a aprendizagem do outro, em situação formal (programas de treinamento em habilidades sociais, por exemplo) e informais (por exemplo, relações pais-filhos). Desta forma, o uso das HSE por parte de agentes educativos implica na observação de mudanças no repertório comportamental dos aprendizes e estas mudanças, ao mesmo tempo, funcionam como dicas sobre como os agentes devem atuar neste processo de aprendizagem. Ressalta-se que a qualidade nas interações entre os agentes educativos e seus educandos é capaz de promover interações sociais mais satisfatórias e essas interações dependem de um repertório mais elaborado de HSE por parte do agente. As HSE podem ser agrupadas em quatro grandes classes: (a) estabelecer contextos interativos potencialmente educativos, (b) transmitir ou expor conteúdos sobre habilidades sociais, (c) estabelecer limites e disciplina e (d) monitorar positivamente; sendo que cada uma destas classes é composta por um grupo de subclasses. O desenvolvimento das HSE depende de uma série de fatores, tais como a compreensão do processo de ensino-aprendizagem que o agente possui, os modelos de agentes educativos com os quais o indivíduo teve contato ao longo da vida, a existência de condições propícias para a aquisição destas habilidades, as oportunidades de praticá-las, entre outras. Dado todas estas questões, este curso tem como objetivos: (a) discutir questões relacionadas à promoção das HSE e a importância desta na promoção das habilidades sociais do aprendiz, (b) analisar situações que promovam as HSE em diferentes agentes educativos e (c) propor estratégias de promoção e / ou aperfeiçoamento das HSE. Primeiramente, será apresentado o conceito de HSE, questões relevantes relacionados a este conceito e exemplos que ilustrem as categorias de HSE descritas acima. Em seguida, serão realizadas atividades práticas no intuito apresentar estratégias de promoção e / ou aperfeiçoamento das HSE em agentes educativos de diferentes contextos. Espera-se que se ampliem os conhecimentos sobre como ensinar e estimular as HSE dos agentes educativos e se discuta as possibilidades de intervenção visando melhor qualidade nas relações interpessoais.

PROMOVE-PAIS: PROMOVENDO HABILIDADES SOCIAIS E REDUZINDO PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO

Alessandra Turini Bolsoni-Silva (UNESP/Bauru)

Desenvolver habilidades sociais educativas se reveste de importância por promover o desenvolvimento e a aprendizagem dos pais/cuidadores e das crianças nas situações de interações sociais em diferentes contextos. Quanto mais habilidosos os educadores, menos ocorrem problemas de comportamento e mais frequentes são as habilidades sociais infantis e do adolescente. O Promove-Pais é parte dos programas desenvolvidos no LADS (Laboratório, Desenvolvimento e Saúde, Unesp/Bauru) e tem por objetivo a promoção de habilidades sociais educativas (HSE) nos pais, que foi desenvolvido após várias pesquisas sobre práticas parentais, problemas de comportamento e habilidades sociais. O conceito de HSE refere-se as habilidades sociais aplicáveis à educação dos filhos e que promovem habilidades sociais infantis, reduzindo a probabilidade de ocorrência de problemas de comportamento. Entende-se que o aumento das HSE pode ampliar habilidades sociais infantis e, sobretudo, reduzir problemas de comportamento e práticas negativas uma vez que parecem ser comportamentos funcionalmente relacionados. Nesse ínterim, o Promove-Pais teve a influência de três conjuntos de informações da literatura: a) práticas parentais associadas à ocorrência de problemas de comportamento, sobretudo dos programas Parent-Management Training-Oregon Modele IncredibleYears; b) habilidades sociais; c) Análise do Comportamento. Diversos estudos de caracterização foram conduzidos para mapear quais HSE de pais estavam relacionadas a problemas de comportamento e habilidades sociais infantis, o que, além de identificar comportamentos que prediziam problemas de comportamento e habilidades sociais, culminou na elaboração e validação, na forma de teste psicológico, do Roteiro de Entrevista de Habilidades Sociais Educativas Parentais (RE-HSE-P). Desse modo, este trabalho tem por objetivos: (1) revisar a literatura de práticas educativas e problemas de comportamento quanto a estudos conceituais, de caracterização e de intervenção; (2) apresentar instrumentos de avaliação, incluindo o RE-HSE-P que é utilizado como medida diagnóstica e também como avaliação da eficácia do programa; (3) apresentar o Promove-Pais, quanto a sua estrutura e forma de aplicação; (4) apresentar pesquisas empíricas que atestam a eficácia e eficiência do Promove-Pais com diferentes populações (pré-escolares, escolares, adolescentes) e formatos de aplicação (individual, grupo) na prevenção e no tratamento de problemas de comportamento internalizantes, externalizantes ou ambos. Os estudos de intervenções conduzidos mostraram que foram eficazes e eficientes para reduzir problemas de comportamento e práticas educativas negativas, bem como para a ampliação de repertório de habilidades sociais das crianças/adolescentes e de habilidades sociais educativas dos pais/cuidadores. Discute-se a importância da Psicologia Preventiva e da necessidade de programar e avaliar intervenções que possam ser aplicadas em grande escala via política pública.

RECURSOS E MATERIAIS PARA PROMOÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS EM CRIANÇAS

Talita P. Dias (Universidade Paulista; Centro Universitário de Votuporanga), Daniele C. Lopes (UFSCar)

Os programas de promoção de habilidades sociais voltados para a população infantil apresentam evidências de efeitos positivos tanto pelo aumento do repertório de habilidades sociais e da competência social como pela melhoria na relação com adultos e pares, no rendimento acadêmico, prevenção de violência, diminuição de problemas de comportamento e desajustes socioemocionais. Em programas de promoção de habilidades sociais para crianças, uma preocupação adicional importante do planejamento se refere à escolha de recursos e materiais que possam auxiliar na estruturação de atividades para que essas: tenham similaridade com as situações do cotidiano; considerem o desenvolvimento infantil e, ainda, possam aumentar o engajamento nas sessões. No Brasil, há alguns livros e recursos desenvolvidos para a adoção em intervenções de habilidades sociais com crianças que já foram testados em sua efetividade, mas que ainda não são disseminados em larga escala, tal como ocorre em outros países. O objetivo deste minicurso é apresentar estratégias, recursos, materiais e procedimentos que já foram testados em programas de promoção de habilidades sociais para crianças. Primeiramente, serão descritos os pressupostos gerais para o planejamento e implementação de um programa para crianças. Inicialmente, serão abordados aspectos gerais da avaliação e seu papel fundamental para definição dos objetivos e do planejamento da intervenção, uma vez que programas de promoção de habilidades sociais não são “pacotes prontos” em que se aplicam estratégias e atividades independentemente do repertório do indivíduo. Vale destacar que a identificação de recursos, déficit e necessidades das crianças é pré-requisito para a escolha e tomada de decisão a respeito do planejamento de um programa de intervenção, inclusive, sobre estratégias, materiais e recursos que podem ser adotados. Em seguida, como foco principal do minicurso, serão apresentadas recomendações sobre o planejamento de sessões de programas de intervenções em habilidades sociais. Por fim, serão apresentados os materiais e recursos que já foram utilizados em programas de promoção de habilidades sociais como livros, vídeos que foram desenvolvidos em pesquisas para facilitar o ensino de habilidades específicas. É importante frisar que a efetividade de uma intervenção não está condicionada meramente à aplicação de recursos e procedimentos, mas à forma como é conduzida pelo terapeuta, sendo suas habilidades teóricas, técnicas e práticas fundamentais para isso. Sendo assim, a formação do terapeuta no campo das habilidades sociais, considerando essas dimensões, além de um repertório elaborado de habilidades sociais para condução do grupo são centrais para a que um programa de promoção seja eficaz e efetivo.

PALESTRAS

A PRODUÇÃO BRASILEIRA DE ARTIGOS CIENTÍFICOS SOBRE HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS

Joene Vieira-Santos (PPGPsi/UFSCar), Zilda A. P. Del Prette (UFSCar), Almir Del Prette (UFSCar)

O termo habilidades sociais educativas (HSE) refere-se ao conjunto de habilidades empregadas para promover o desenvolvimento e a aprendizagem do outro. Inicialmente, os estudos sobre as HSE foram impulsionados pela preocupação com as habilidades sociais do professor no processo de ensino, mas, posteriormente, passaram a abranger outros agentes educativos, como pais e cuidadores. No Brasil, desde a década de 1990, vários estudos têm focalizado a avaliação e promoção destas habilidades, principalmente, nos contextos escolar e familiar. O objetivo deste trabalho, portanto, é apresentar uma revisão sistemática da produção brasileira de artigos científicos sobre as HSE. Buscas empregando a expressão HSE foram realizadas em sete bases de dados distintas (Scielo Brasil, Lilacs, Index Psi, Pepsic, Periódicos CAPES, Corpus e Google Acadêmico), resultando na localização de 45 artigos que tinham como foco do estudo as HSE. A análise dos artigos envolveu dois conjuntos de categorias de análise: categorias relacionadas à publicação (ano de publicação, periódico e autoria) e categorias relacionadas à investigação das HSE (definição empregada, tipo de artigo, participantes e forma de avaliar as HSE). Quanto aos dados relativos à publicação, observou-se que: (a) os primeiros artigos foram publicados em 2002, logo após a expressão ser apresentada na classificação de habilidades sociais proposta por Almir Del Prette e Zilda Del Prette em 2001; (b) os periódicos nos quais os artigos foram publicados eram da área da Psicologia ou da Educação; (c) quatro autores se destacam, em termos de quantidade artigos publicados, a saber: Bolsoni-Silva, Z. Del Prette, Cia e A, Del Prette; e (d) as publicações concentram-se em torno de determinados grupos de pesquisa. Em relação à investigação das HSE, foram identificadas quatro situações distintas do uso da definição: (a) estudos que apresentavam uma definição mais ampla, (b) estudos que utilizavam a expressão restringindo-a a função parental, (c) estudos que empregavam a expressão como sinônimo de práticas educativas positivas e (d) estudos que citavam as HSE sem defini-las. Constatou-se também que 88,9% dos estudos eram empíricos e o alvo principal era a relação pais/cuidadores-filhos, existindo poucos estudos com outros agentes educativos. A forma predominante de avaliação das HSE foi através do uso de medidas de relato, sendo que 67,5% dos artigos utilizaram apenas instrumentos de autorrelato. Além disso, entre os diferentes instrumentos identificados, apenas um deles era normatizado. Os resultados desta revisão permitiram identificar algumas lacunas que parecem apontar para a

necessidade de novas investigações sobre as HSE, tais como: (a) possibilidade de ampliar o uso da expressão HSE em outros contextos educativos; (b) pequena quantidade de estudos teóricos, os quais estavam voltados principalmente à área da Educação Especial; (c) existência de um único instrumento normatizado; e (d) predomínio de estudos voltados para relação pais/cuidadores-filhos, e consequentemente, pequeno número de pesquisas sobre HSE junto a outros agentes educativos. Além disso, uma vez que o corpus desta revisão se restringiu aos artigos publicados em periódicos, pesquisas adicionais com outros tipos de publicação podem ampliar a compreensão de como tem se dado o avanço das investigações sobre HSE no Brasil.

ANÁLISE DO CONCEITO DE AUTOMONITORIA NO CAMPO DAS HABILIDADES SOCIAIS: ESPECIFICIDADES E DIFERENCIAÇÕES

Talita Pereira Dias (UNASP), Ivana Gisel Casali (PPGPsi/UFSCar), Almir Del Prette (UFSCar), Zilda A. P. Del Prette (UFSCar)

Automonitoria, numa análise histórica, pode ser compreendida sob três perspectivas: enquanto constructo da Psicologia Cognitiva, inicialmente definido por Mark Snyder, (2) como procedimento clínico na visão da Terapia Comportamental e, ainda (3) como habilidade base para a competência social, que é a visão adotada no campo teórico-prático das Habilidades Sociais (HS). Sob enfoque da concepção de automonitoria no campo das HS, esta apresentação tem como objetivo caracterizar e diferenciar o conceito de automonitoria, comparando as três perspectivas. Na perspectiva de Snyder, automonitoria é compreendida como a capacidade do ser humano de monitorar e ajustar seu comportamento de acordo com o ambiente social a que está exposto, de forma a obter melhor avaliação social. Como procedimento clínico, o termo envolveria o comportamento de observar e registrar sistematicamente a ocorrência de algum comportamento (privado ou público) emitido pela própria pessoa, assim como os eventos ambientais associados contribuindo para análise funcional de comportamentos-alvo. Já no campo das Habilidades Sociais, a automonitoria é considerada um requisito na base da competência social. Ela é definida como uma habilidade que envolve observar, descrever, interpretar e regular seus pensamentos, sentimentos e comportamentos em situações sociais. Essa definição aproxima-se do conceito de Snyder e da concepção de automonitoria como procedimento clínico, em alguns aspectos, mas também delimita diferenças marcantes entre tais concepções. Ao compará-la com a proposta de Snyder, nota-se que em ambas, a automonitoria requer que o indivíduo discrimine estímulos sociais, controle e regule seus comportamentos e sentimentos em função disso, identifique sentimentos e pensamentos e que reconheça ações e emoções dos demais. Porém, elas se diferenciam em aspectos que são críticos para a competência social uma vez que, para Snyder, automonitoria parece estar a serviço da adequação social do indivíduo e de uma deliberada projeção de imagem pública positiva, mesmo quando em

desacordo com seus pensamentos e sentimentos. Isso contraria elementos da competência social como a coerência entre pensamentos, sentimentos e comportamentos e a ênfase na dimensão ética em termos de equilíbrio de reforçadores entre os envolvidos na interação social. Com essas diferenças, o conceito de automonitoria de Snyder não pode ser considerado equivalente ao do campo de HS. Ao comparar a proposta de automonitoria, enquanto procedimento clínico com o conceito no campo das HS, semelhanças podem ser observadas como: o foco nas habilidades de observação e descrição do próprio comportamento e a identificação das variáveis que o controlam. A principal diferença é que, na concepção da automonitoria enquanto procedimento, ela constitui um modo de intervenção visando a diferentes objetivos terapêuticos enquanto que no campo das HS, a automonitoria é um processo psicológico a serviço especificamente da competência social. Nesse sentido, a concepção de automonitoria no campo das HS tem suas especificidades e precisa ser compreendida e adotada a partir disso, tanto em termo teórico como práticos.

CONSUMIR, DEPRIMIR OU GERIR DESAFIOS?

Suely de Melo Santana (UNICAP)

O panorama mundial do consumo de álcool delineado pela Organização Mundial de Saúde difere entre adultos e jovens. Tende a apresentar na população adulta variações entre as regiões, enquanto entre os jovens se expressa mais homogêneo e menos divergente, com tendência a um consumo de destilados, de início precoce e de estilo excessivo, por vezes indo numa direção oposta às tradições nacionais. Essa evidência nos instigou a problematizar a questão de como os fatores emocional, sociocognitivo e sociodemográficos se relacionam com o consumo abusivo de álcool entre os jovens portugueses, tendo a Teoria Social Cognitiva como alicerce para a nossa reflexão. Nesta investigação, fruto do estudo de doutoramento, a autora validou as escalas AUDIT, BDI e IHS em Portugal, propondo uma nova estrutura do IHS a ser testada em estudo posterior. Participaram da investigação 494 estudantes do ensino secundário e superior, de ambos os sexos. A idade média foi de 18,82; DP = 2,91. Foram utilizados de modo coletivo: o Teste de Identificação das Desordens por Uso do Álcool (AUDIT), o Inventário de Depressão de Beck (BDI–IA) e o Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del Prette). Foram bons os índices de consistência interna do AUDIT (α = 0,80), do BDI-IA (α = 0,89) e do IHS (α = 0,83). Análises fatoriais confirmatórias foram realizadas para validar as escalas, verificando-se que tanto o modelo original do AUDIT (Dc2 (3, N = 482) = 83,35, p < 0,001) quanto do BDI (Dc2 (1, N = 476) = 19,09, p<0,001) foram significativamente melhores que os modelos alternativos. O modelo original do IHS não foi confirmado, sendo realizada uma análise fatorial exploratória que permitiu identificar uma nova estrutura que demonstrou ser significativamente melhor (Dc2 (3, N = 484) = 324,95, p<0,001) que o modelo alternativo. O AUDIT revelou que os rapazes, os estudantes de maior idade e

do ensino superior faziam um maior consumo. O BDI evidenciou uma predominância das jovens enquanto que os escores mais elevados no IHS foram dos rapazes. A análise de regressão comprovou que a tendência depressiva, moderada pelas habilidades sociais, prediz o consumo do álcool apenas entre os rapazes (B = 0,33, EP = 0,11, b = 0,19; t = 3,00, p < 0,01). Os resultados corroboram com as evidências da literatura, exceto na relação entre déficit de habilidades e consumo de álcool. Argumenta-se sobre a influência da modelação social e da importância de adotar em intervenções com essa população uma perspectiva agêntica que capacite estes jovens para uma vivência mais proativa, saudável e integrada em seu contexto social. Apesar de ser ambientada no contexto português, essa investigação trouxe reflexões atuais que extrapolam as fronteiras portuguesas, revelando-nos um perfil de jovens consumidores que muito se assemelha as vivências de jovens no contexto brasileiro.

DESENVOLVIMENTO E AVALIANDO JOGOS EDUCATIVOS COM OBJETIVO DE ENSINAR HABILIDADE SOCIAIS

Raissa Roberti Benevides (UFSCar)

Jogos educativos podem ser uma oportunidade promissora para o desenvolvimento de habilidades sociais, uma vez que, além de proporcionar o ensino dessas habilidades por meio da interação dos jogadores entre si e com o jogo, os jogadores o fazem divertindo-se, o que contribui no engajamento da tarefa. Jogos educativos podem ser definidos como jogos que possuem um fim didático e podem ser usados em contextos de ensino formal ou informal para melhorar, apoiar ou promover os processos de aprendizagem. O presente trabalho tem como objetivo discutir o desenvolvimento de jogos educativos na área de habilidades sociais. Há pouca literatura que indica a melhor maneira de desenvolver jogos para o ensino de habilidades sociais. De acordo com a literatura de design de jogos, é importante especificar de forma clara e precisa os comportamentos que pretendemos ensinar. Após definido esse processo é importante que o processo de criação de protótipos e avaliação da mecânica, tecnologia, enredo, estética e cumprimento dos objetivos sejam aperfeiçoados durante a produção do jogo. A construção de jogos com objetivos de ensinar habilidades sociais pode ter algumas peculiaridades. Primeiramente, autores indicam que jogos com esses objetivos devem ser cooperativos, isto é, os jogadores formam uma ou mais equipes e devem solucionar juntos os problemas propostos no jogo. Além disso, o jogo deve ser capaz de criar situações sociais para que comportamentos sociais sejam emitidos e assim modelados, uma vez que a exposição às contingências é decisiva para a aprendizagem e o aperfeiçoamento de habilidades sociais. Outra questão importante é a necessidade de criar condições para a aprendizagem de competência social e variabilidade comportamental e não apenas do repertório de habilidades sociais, uma vez que o contexto tem uma função fundamental para o sucesso ou não da emissão de comportamentos sociais e esse está em constante mudança. Por fim, vale pontuar a necessidade de avaliação dos jogos educativos desenvolvidos, a fim de testar os

seus efeitos sobre os comportamentos sociais dos jogadores e as possibilidades do jogo no desenvolvimento de habilidades sociais. A literatura mundial de jogos educativos na área de habilidades sociais não é extensa e ainda precisa de muitos trabalhos para sua consolidação. Os jogos que têm sido criados com essa finalidade são em sua maioria cooperativos, digitais e multijogador. Contudo, percebe-se que a maioria dos jogos possuem problemas metodológicos em sua avaliação, podendo gerar dúvidas quanto aos seus efeitos no repertório de habilidades sociais dos jogadores.

DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL NA ESCOLA E FORMAÇÃO DO PROFESSOR: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Zilda A. P. Del Prette (UFSCar)

O papel da escola no desenvolvimento socioemocional do aluno tem sido objeto de atenção redobrada nos últimos anos. Esse interesse vem permeado de dificuldades conceituais e desafios para a implementação das propostas. Desenvolvimento socioemocional, regulação emocional, habilidades não cognitivas, habilidades socioemocionais, competências sociais ou socioemocionais: afinal qual a relação entre esses conceitos? Por outro lado, tem-se uma diversidade de propostas que vão da neuropsicologia à pedagogia, passando por diferentes abordagens psicológicas e educacionais. Nesta apresentação, será feita breve exposição dessas dificuldades e o encaminhamento que vem sendo efetuado a partir em um projeto de pesquisa-intervenção que visa à implantação de habilidades sociais na escola mediadas pelo professor. O projeto é orientado por uma matriz lógica que relaciona necessidades, premissas, objetivos, recursos, atividades, indicadores de resultados e meios de avaliação. Alguns pressupostos considerados relevantes incluem: (1) os critérios de competência social na promoção do desenvolvimento socioemocional dos alunos; (2) o papel mediador do professor para isso; (3) a identidade do professor e a promoção do seu repertório de habilidades sociais gerais como pré-requisito para seu envolvimento na promoção de habilidades sociais dos alunos; (4) o papel das habilidades sociais educativas do professor tanto para o desenvolvimento socioemocional dos alunos como para a consecução dos objetivos acadêmicos; (5) as estratégias de articulação entre a promoção de habilidades sociais e competência social na escola e o investimento no desempenho acadêmico dos alunos; (6) a elaboração e avaliação de estratégias para a disseminação do conhecimento sobre habilidades sociais e competência social nas escolas, incluindo as alternativas de ensino híbrido e EaD; (7) a importância da formação de redes internas à escola (“todos são educadores”) articuladas com a família e setores da sociedade; (8) a urgência de formar recursos humanos para a atuação efetiva em programas de desenvolvimento socioemocional na escola. Com base nesses pressupostos, o projeto visa testar dois formatos de curso, um semipresencial e outro EaD, em delineamento experimental, ambos com tarefas que o cursista precisa realizar no ambiente virtual (Moodle), estruturado na SEAD/UFSCar. Estão previstas avaliações realizadas por meio de

instrumentos validados, diários de campo, entrevistas, registros de observação direta e registros de vídeo. Estão sendo construídos e/ou adaptados diferentes materiais didáticos, histórias educativas, folhetos, jogos, música, vinhetas de vídeo, ilustrações, animações, livros e assim por diante. Será descrito o andamento do projeto de pesquisa-intervenção e os desafios e resultados obtidos no estudo piloto já efetuado com a implementação de um módulo semipresencial e EaD. Serão discutidas as perspectivas que estão sendo cogitadas na continuidade da proposta (CNPq).

FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS E INCLUSIVAS

Patricia Lorena Quiterio (UERJ)

O desenvolvimento das Habilidades Sociais Educativas de futuros professores é fator essencial de promoção das Habilidades Sociais (HS) de alunos com ou sem deficiência. Os objetivos desta palestra são: a) abordar a temática das Habilidades Sociais Educativas dos alunos de graduação, atuando como interlocutores competentes socialmente junto a alunos com deficiência; b) descrever o Programa de Promoção das Habilidades Sociais Educativas e Inclusivas (PPHS-EI) para alunos da graduação em Pedagogia e; c) apresentar o manual de aplicação com os procedimentos, as atividades e os recursos utilizados no PPHS-EI. A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética da UERJ (processo nº. 017.3.2008). O PPHS-EI teve a seguinte proposta: a) carga horária: 44h (quarenta e quatro horas), sendo distribuídas em 22 (vinte e dois) encontros de 2h (duas horas) e, b) formato do curso: Teórico – leitura de livros, artigos, dissertações e teses sobre Habilidades Sociais e, mais especificamente de trabalhos relacionados a pessoas com deficiência. Prático – vivências, dinâmicas, atividades e tarefas de casa. Uma breve descrição do programa: 1) apresentação da proposta do curso, assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, aplicação do IHS-Del-Prette e do questionário diagnóstico sobre HS; 2) Conceitos básicos na área, 3) Subclasses de HS, 4) Avaliação em HS, 5) Habilidades Sociais Educativas, 6) Programas de Treinamento em HS, 7) HS e deficiências sensoriais, 8) HS e deficiência intelectual, 9) HS e Transtornos do Espectro do Autismo, 10) HS e Deficiência física, 11) Avaliação multimodal dos alunos sem fala articulada, 12) Elaboração de atividades para o Programa de Promoção das Habilidades Sociais (PPHS) para pessoas com deficiência e, 13) replicação do IHS-Del-Prette e do questionário. Primeiramente, foram analisados os dados do IHS-Del-Prette com retorno individual a cada graduando. Em seguida, desenvolveu-se o PPHS-EI. As aulas tiveram uma metodologia baseada em exposições didáticas, técnicas cognitivas e comportamentais, vivências e elaboração de atividades com recursos da Comunicação Alternativa, enquanto área da Tecnologia Assistiva. Em seguida, os graduandos desenvolveram o Programa de Promoção das Habilidades Sociais para Alunos Sem Fala Articulada (PPHS-ASFA). O desenvolvimento do PPHS-EI originou um guia prático. Na primeira parte do manual é apresentada a fundamentação teórica sobre Habilidades Sociais (HS), Treinamento de Habilidades

Sociais (THS), Comunicação Alternativa (CA) e Formação Inicial de Professores enquanto construtos conceituais e na segunda parte apresenta-se o planejamento de cada aula, a descrição dos objetivos principais, as estratégias vivenciais, os conteúdos teóricos e os recursos materiais utilizados para promover as Habilidades Sociais e as Habilidades Sociais Educativas nos graduandos dentro do contexto da Educação Especial. Neste estudo, o follow up com os graduandos foi conduzido dois anos após a conclusão do PPHS-EI e um ano após o término do PPHS-ASFA. A análise dos escores obtidos no follow up revelou que a melhora nos fatores de habilidades sociais se manteve em médio prazo. Não ocorreram oscilações significativas desses resultados o que indica uma estabilidade e até mesmo uma tendência crescente nos resultados o que revelou que os graduandos desenvolveram de modo adequado suas Habilidades Sociais Educativas.

HABILIDADES PARA VIDA E TERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL: UMA INTERLOCUÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO SAUDÁVEL

Carmem Beatriz Neufeld (LaPICC-USP/ FFCLRP-USP), Isabela M. F. Ferreira (LaPICC-USP/ FFCLRP-USP), Juliana Maltoni (LaPICC-USP/ FFCLRP-USP), Suzana Peron (LaPICC-USP/ FFCLRP-USP)

As Habilidades para a Vida (HV) são consideradas habilidades para comportamentos adaptativos e positivos que irão permitir ao indivíduo lidar de maneira mais eficaz com as demandas e desafios da vida cotidiana. As HV são divididas em 10 classes: autoconhecimento, pensamento crítico, tomada de decisão, resolução de problemas, pensamento criativo, relacionamento interpessoal, empatia, lidar com as emoções, comunicação eficaz e lidar com o estresse. O autoconhecimento possibilita o reconhecimento de nossas emoções, fontes de estresse e auxilia nas escolhas e no respeito a si próprio. O pensamento crítico diz respeito à análise dos acontecimentos de maneira objetiva, e identifica e avalia influências que permeiam nossos comportamentos. Já o pensamento criativo nos permite explorar alternativas disponíveis e as consequências de ações e não-ações. A resolução de problemas nos proporciona lidar de forma construtiva com os problemas do nosso cotidiano, utilizando recursos do meio e capacidades pessoais. Associadamente, a tomada de decisão nos permite avaliar benefícios, riscos e consequências das diferentes situações que estamos expostos. As habilidades de relacionamentos interpessoais dizem respeito à capacidade de interagir com o outro de forma positiva, respeitando às diferenças, e estabelecer e manter boas relações e termina-las quando necessário. A empatia é a habilidade de se colocar no lugar do outro, imaginando seu ponto de vista, compreendendo e sentindo o que ele sente numa situação de demanda afetiva. O manejo de emoções envolve o reconhecimento e a expressividade de nossas emoções e das pessoas a nossa volta, e a compreensão de como o nosso comportamento é influenciado por elas. O manejo de estresse está relacionado com o reconhecimento das fontes que são geradores de estresse para nós, o modo como

somos afetados por elas, e o desenvolvimento de estratégias para enfrenta-las. A comunicação eficaz significa se expressar assertivamente diante do contexto em que se está inserido. Ser assertivo é expressar pensamentos, sentimentos e crenças de maneira direita, honesta e apropriada, superando posições passivas e agressivas. A literatura indica os benefícios do treino de HV como uma estratégia na redução de comportamentos de risco e para o aumento dos cuidados com a saúde mental. Os benefícios estendem-se para diferentes contextos e populações, contribuindo para o desenvolvimento saudável de crianças, adolescentes e adultos. como por exemplo, para o desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes, saúde mental em universitários, autoestima e habilidades de comunicação em pessoas com transtornos de aprendizagem, formação de professores e na satisfação conjugal. A Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) é uma intervenção estruturada, cujos preceitos podem ser utilizados para o desenvolvimento destas habilidades e seus fundamentos teóricos são condizentes com a proposta dos estudos de HV.

HABILIDADES SOCIAIS NA PRÁTICA CLÍNICA: O TERAPEUTA EM ANÁLISE

Raquel Martins Sartori (UFSCar), Almir Del Prette (UFSCar), Zilda A. P. Del Prette (UFSCar)

O vínculo entre terapeuta e cliente para o sucesso do processo psicoterapêutico tem tido reconhecida importância na literatura. Três aspectos fundamentais se destacam para a formação da aliança: a natureza colaborativa da relação, o vínculo afetivo e o acordo entre terapeuta e cliente sobre objetivos e tarefas terapêuticas. Pesquisas têm proporcionado um importante suporte empírico para relação entre aliança e resultados do processo psicoterápico e podem ser úteis para a melhoria da efetividade e eficácia da psicoterapia. Variáveis relacionadas ao terapeuta, como competência técnica, experiência clínica e estilo pessoal são associadas aos resultados da psicoterapia. Considerando que o processo de psicoterapia é uma interação social, a efetividade desse processo requer do profissional um conjunto de habilidades e competências que possibilitem o atendimento às demandas apresentadas pelo cliente. Nesse sentido, identificar essas características de processo constitui uma condição para avaliação, desenvolvimento e monitoria de um elemento central na obtenção de resultados e formação de terapeutas potencialmente mais efetivos. No entanto, as características e habilidades do terapeuta que contribuem para a formação da aliança não têm sido suficientemente esclarecidas. Assim, esta pesquisa visou identificar características do terapeuta consideradas favoráveis à formação da aliança, bem como, analisá-las em termos de descrição comportamental na perspectiva das Habilidades Sociais. Dessa forma, foi realizada uma revisão sistemática de artigos em três bases de dados internacionais, recuperando-se 125 artigos que, sob critérios de inclusão e exclusão, resultaram em 13 textos. Foram excluídos artigos que analisavam grupos específicos, apresentavam objetivo de avaliar programas de

desenvolvimento de repertório de habilidades em psicoterapeutas, referiam-se a outros profissionais que não psicólogos, estabeleciam a relação entre a aliança e os outros descritores, relacionavam-se às HS ou características pessoais dos clientes e não dos terapeutas. Atributos como caloroso, amigável e flexível são exemplos de características favoráveis à formação e à manutenção de aliança apresentadas pelas pesquisas. As características comportamentais do terapeuta são apresentadas pela literatura de modo genérico, por meio do uso de substantivos ou adjetivos qualificadores dos padrões comportamentais do terapeuta, em detrimento de descrições operacionais dos comportamentos e, portanto, pouco precisos em termos dos comportamentos esperados. Assim, após esse levantamento, o presente estudo converteu, em comportamentos e habilidades, as referências a características pessoais e técnicas encontradas. Para tanto, os conjuntos de habilidades sociais foram investigados e estabelecidas relações com os substantivos apresentados. Caloroso, por exemplo, foi operacionalizado como gratificar, elogiar e refletir sentimentos, relacionando-se aos conjuntos de habilidades sociais de comunicação e empáticas, respectivamente. Essa remodelação permitiu a operacionalização das características encontradas em termos comportamentais. A conversão das características pessoais em comportamentos permite analisá-los como passíveis de aprendizagem e mudança, favorecendo o planejamento de condições de seu ensino no processo de formação profissional. Salientar as possíveis relações entre a formação e manutenção da aliança terapêutica e as habilidades sociais do terapeuta permite ampliar o aperfeiçoamento das pesquisas neste campo, assim como, almejar seu ensino como um requisito fundamental para a formação de futuros terapeutas.

HABILIDADES SOCIAIS NO TRABALHO: CAMPO TEÓRICO E APLICAÇÕES PRÁTICAS

Denise Dascanio Natividade (UNIP/Bauru/SP)

As novas configurações do mundo do trabalho exigem profissionais que apresentem capacidades técnicas, administrativas e um conjunto de habilidades sociais, viabilizando o estabelecimento de relações interpessoais eficientes no âmbito profissional. Trata-se de uma área de estudos a ser explorada, considerando que as habilidades sociais profissionais são cada vez mais necessárias e exigidas em diferentes contextos de trabalho e contribuem para elevar a eficácia individual e grupal, otimizando, assim, os resultados organizacionais. O que torna dificil estudar o impacto da habilidades sociais no trabalho é a diversidade teórica e de nomenclatura que permeia este campo de estudo. É comum encontrar na literatura termos como: competência e inteligência emocional como sinônimos de habilidades sociais. Com isto, busca-se discutir nesta palestra, primeiramente o campo téorico das habilidades sociais no trabalho e, conseguinte, suas aplicações práticas. Embora as competências e a inteligência emocional possam influenciar as interações sociais são conceitualmente distintas das habilidades sociais em termos de seu domínio

construtivo e motivação. O conceito de competência envolve o caráter de associar atributos pessoais ao contexto em que são utilizados, portanto, não só como um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes necessários para exercer certa atividade, mas também como o desempenho da pessoa em determinado contexto, em termos de comportamentos adotados no trabalho e realizações decorrentes. Já o termo inteligência emocional é a capacidade de compreender os aspectos internos de uma pessoa, incluindo os próprios sentimentos e emoções. A definição de habilidades sociais incorpora a noção de um comportamento aprendido e ajustável e é usada principalmente para obter objetivos sociais específicos. Dentre os conceitos mais aceitos de habilidades sociais os pesquisadores classificaram o comportamento socialmente habilidoso em categorias, tais quais: (a) habilidades sociais de comunicação, (b) habilidades sociais de civilidade, (c) habilidades sociais assertivas de enfrentamento (d) habilidades sociais empáticas (e) habilidades sociais de trabalho: (f) habilidades sociais de expressão de sentimento positivo. Esta definição, mesmo que de forma resumida, considera o ambiente de trabalho e comportamentos relacionados a ele como importantes para o estabelecimento de interações socialmente habilidosas. Em um segundo momento da palestra será apresentado as aplicações das habilidades sociais no trabalho, uma vez que as habilidades sociais profissionais podem ser aprendidas e, portanto, melhoradas em frequência e proficiência. Uma das formas de aprendizagem constitui-se o Treinamento de Habilidades Sociais (THS), que compreende as etapas de avaliação de repertório e intervenção. Por fim, discute-se ainda que a literatura sobre habilidades sociais nos contextos de trabalho é escassa, limitando-se na descrição de resultados a partir de instrumentos coletados e, menor ainda, a frequência de apresentação de treinamentos oferecidos com a temática habilidades sociais no trabalho, portanto, uma área a ser explorada, uma vez que comportamentos habilidosos podem favorecer relações profissionais mais eficazes, assim como a promoção de saúde e satisfação, qualidade de vida dos trabalhadores e resultados positivos das organizações.

HABILIDADES SOCIAIS, INTELIGÊNCIA E FUNÇÕES EXECUTIVAS

Eliane Gerk (Universidade Católica de Petrópolis - RJ), Prícila M. B. da Silva (Universidade Católica de Petrópolis - RJ)

As pesquisas e teorias sobre as habilidades sociais tiveram início a partir de abordagens comportamentais na Psicologia. Ao partir dos anos 70, com o crescimento do cognitivismo, as teorias foram considerando cada vez mais os aspectos mentais para a deflagração do comportamento social. Elegeu-se neste trabalho dois conceitos fundamentais nas teorias cognitivistas, a inteligência e as funções executivas, a fim de verificar o diálogo entre estes conceitos e o de habilidades sociais com o objetivo de discutir questões teóricas, metodológicas, resultados empíricos e implicações para a avaliação e a intervenção em habilidades sociais. Apresenta-se um estudo comparativo entre estes três conceitos no que se refere a sua definição, seu

desenvolvimento teórico, seus componentes, à metodologia de pesquisa, aos instrumentos de avaliação e à área de aplicação. Através de uma revisão narrativa da literatura buscaram-se pesquisas que inter-relacionassem estes conceitos. Foram pesquisadas as bases de dados BIREME, que abrangem publicações da LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), MEDLINE, Index Psicologia – Periódicos técnico-científicos, IBECS, Index Psicologia – Teses, BDENF – Enfermagem, Coleciona SUS, Sec. Est. Saúde SP, DeCS (Descritores em ciência da saúde), dentre outros. O período selecionado foi de 1996 a 2017. O ano de início do levantamento representa o primeiro trabalho publicado na abordagem das habilidades sociais por integrantes do GT da ANPPEP. Analisando a tendência de interesse por este assunto ao longo do tempo, observa-se que no ano de 1996 foi encontrado um total de quatro trabalhos, havendo um hiato até 2003 e 2004, e crescendo muito este interesse a partir de 2009. Foram encontrados três trabalhos relacionando os três conceitos, dois artigos e uma tese, sendo que nenhum deles procura integrar os três conceitos, mas é possível inferir as relações entre eles. Com base nos descritores habilidades sociais e funções executivas, foram encontrados os mesmos três trabalhos. Nos estudos em que se buscou a relação entre HS e inteligência, num total de 119, foram encontradas referências à inteligência emocional, inteligência social e teoria da mente. Quanto aos estudos integrados entre funções executivas e inteligência, os 22 trabalhos evidenciam que as funções executivas são fundamentais nas abordagens cognitivistas da inteligência, mas as relações entre os conceitos estão determinadas entre as medidas, não se atentando às implicações teóricas. O resultado da investigação sobre os instrumentos de avaliação utilizados nas pesquisas revelou que há instrumentos capazes de avaliar os três conceitos, como o WISC III e IV, por exemplo. Ao estudar as publicações encontradas, a interpretação teórica recai numa habilidade social que é aquela em que mais se observam os aspectos cognitivos envolvidos na ação executada: a resolução de problemas interpessoais. Nesta habilidade específica as funções executivas são responsáveis pelo direcionamento de comportamentos a metas, pela avaliação da eficiência e da adequação desses comportamentos, pelo abandono de estratégias ineficazes em prol de outras mais eficientes para, desse modo, resolver problemas imediatos, de médio e de longo prazo. A inteligência social aí também se manifesta no processamento de informações e na tomada de decisões capazes de resolver os problemas interpessoais.

O ENVOLVIMENTO DE UM ADULTO DA FAMÍLIA COMO PREDITOR DAS HABILIDADES SOCIAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL

Elaine C. G. Pizato (Faculdades Integradas de Jahu, Jaú-SP), Edna M. Marturano (Faculdades Integradas de Jahu, Jaú-SP), Anne Marie Fontaine (Universidade do Porto)

A literatura tem apontado que o envolvimento de um adulto da família nas atividades escolares da criança pode ser um apoio necessário nos desafios enfrentados no cotidiano escolar e na promoção das habilidades sociais na infância. Nesse sentido, salienta-se a importância das Habilidades Sociais Educativas (HSE) como facilitadoras nesse período escolar e o quanto elas podem contribuir para a competência social da criança. Este estudo é um recorte de pesquisa longitudinal que investiga o papel de variáveis da criança, da família e da escola na predição de desfechos adaptativos em crianças no ensino fundamental. Seu objetivo é identificar preditores de habilidades sociais e problemas de comportamento, considerando principalmente a variável de envolvimento de um adulto da família na vida escolar da criança no 3º ano do ensino fundamental. Participaram da pesquisa 294 crianças. Os participantes foram selecionados em um universo de 336 alunos, inicialmente frequentando o 3º ano do ensino fundamental, de quatro escolas públicas de uma cidade do interior do estado de São Paulo com aproximadamente 24.000 habitantes. Os pais e professores participaram como informantes. Os instrumentos utilizados foram: Critério de Classificação Econômica Brasil para avaliar o nível socioeconômico; Social Skills Reating System - SSRS – BR, versão do professor, para avaliar habilidades sociais e comportamentos problemáticos; EEMAF – Escala de Envolvimento de um Adulto da Família e Entrevista Sociometrica. Correlações foram calculadas entre as variáveis familiares - nível socioeconômico, escolaridade parental e envolvimento dos pais - e os indicadores de funcionamento da criança. Essa análise forneceu subsídios para a etapa seguinte, em que, por meio de análises de regressão, foi investigada a importância relativa das variáveis correlacionadas com os indicadores de funcionamento da criança, quando consideradas em conjunto com o tempo de frequência à educação infantil, para explicar as diferenças individuais nos resultados de competência no 3º ano. Empregou-se o coeficiente r de Pearson como medida de correlação. Na interpretação dos resultados significativos, consideram-se baixos os valores abaixo de 0,40, moderados os valores entre 0,40 e 0,60 e altos os valores acima de 0,60. O resultado das correlações foi de acordo com o esperado, ou seja, é positivo para os indicadores de adaptação e negativo para os de desadaptação. O envolvimento parental mostrou correlação moderada com os indicadores de habilidades sociais e problemas de comportamento externalizantes. Nas análises de regressão, o poder de predição dos modelos foi modesto. Para habilidades sociais, o modelo final explicou 20% da variância dos resultados, tendo como melhor preditor o envolvimento familiar, que respondeu isoladamente por 14% dessa variação. Para a variável escolhas, da entrevista sociométrica, o modelo final predisse 9% da variância nos resultados. O nível socioeconômico e o tempo na educação infantil contribuem para esse percentual, porém apenas o envolvimento familiar figura como um preditor significativo no modelo final. Pode-se dizer que o envolvimento de um adulto da família na vida escolar da criança, favorece o desenvolvimento das habilidades sociais e pode reduzir os problemas de comportamento, condições importantes para um melhor ajustamento às demandas acadêmicas e sociais.

TREINAMENTO EM HABILIDADES SOCIAIS NO PROCESSO PSICOTERÁPICO DE ADULTOS

Marcia Fortes Wagner (IMED Passo Fundo, RS), Simone N. P. Dalbosco (IMED Passo Fundo, RS)

Habilidades sociais (HS) podem ser compreendidas como um conjunto de comportamentos de um indivíduo, ou seja, sentimentos, atitudes, desejos, opiniões ou direitos, expressados de forma adequada à situação, com respeito aos demais, que podem resolver problemas imediatos e minimizar futuros problemas. O Transtorno de Ansiedade Social (TAS) / Fobia Social está entre os mais comuns de todos os transtornos psicológicos, se caracterizando pela presença de um medo acentuado e persistente relacionado a situações sociais ou de desempenho, nas quais o indivíduo venha a sentir vergonha, medo de humilhação e evitação. Estudos referem que o Treinamento de Habilidades Sociais (THS) pode ser considerado como uma opção adequada para o tratamento de inúmeros quadros clínicos, entre eles o TAS. Esse estudo tem por objetivo apresentar os resultados de um programa de desenvolvimento de HS, caracterizado como uma intervenção grupal com avaliação pré e pós intervenção, com amostra de 32 acadêmicos com critérios diagnóstico de Fobia Social. Foram utilizados os instrumentos: Ficha de Dados Sociodemográficos e Questionário de Ansiedade Social para Adultos (CASO). O THS foi desenvolvido em 10 sessões. Da amostra, 71,9% (n=23) são do sexo feminino e 28,1% (n=9) masculino, com média de idade 25,75 anos (DP= 8,05). No primeiro encontro, os participantes identificaram o grau de ansiedade nesse momento inicial frente ao grupo na régua de 0 a 100, além da aplicação da ficha sociodemográfica para caracterização da amostra, e do Questionário de Ansiedade Social para Adultos (CASO) para identificar a presença de sintomas do TAS. Segundo encontro: exposição dos conceitos e sintomas de ansiedade. Foram ensinadas técnicas de controle de ansiedade. Terceiro encontro: o enfoque foi na comunicação não-verbal através da vinheta de um filme. Quarto encontro: explicação dos conceitos de agressividade, passividade, assertividade e a realização de um debate acerca desses assuntos com um exercício interativo entre eles. Quinto encontro: temas trabalhados relacionaram-se a como iniciar e manter uma conversação, estar atento aos elementos não verbais, livre informação, autorrevelação, elogiar, pedir e expressar opinião, expressar sentimentos positivos. Sexto encontro: o foco foi Defesa dos Direitos, a partir de debate sobre uma lista dos principais direitos do ser humano. Sétimo encontro: atividades envolvendo a expressão dos sentimentos e as reações frente situações geradoras de estresse, visando o aprendizado de habilidades de conflito. Oitavo encontro: o tema envolveu o estímulo ao pensamento crítico e criativo, a tomada de decisões e a resolução de problemas, buscando estimular as capacidades de questionamento e reflexão, Nono encontro: um trabalho de prevenção de recaída. Décimo encontro: reavaliação, com a reaplicação dos instrumentos da primeira sessão, com o feedback final de cada participante. Os resultados indicam diferenças significativas no Fator 1 (Falar em público), Fator 2 (Interação com o sexo oposto),

Fator 4 (Expressão assertiva de incômodo, desagrado ou tédio) e Fator 5 (Estar em evidência e fazer papel de ridículo). Conclui-se que os participantes tiveram melhora significativa e que o THS demonstrou ser uma intervenção adequada na melhora clínica do tratamento da FS.

COMUNICAÇÃO ORAL

CO-1 A HABILIDADE SOCIAL COMO INSTRUMENTO DE PROMOÇÃO DE SAÚDE MENTAL OCUPACIONAL

Joyce Grazielle Buratti (FOP/UNICAMP), Jaqueline Vilela Bulgareli (FOP/UNICAMP)

Diante do complexo mundo do trabalho, restrito e exigente, obrigando os profissionais acompanharem as constantes transformações e se aperfeiçoarem no âmbito técnico e nas relações interpessoais, para permanecerem no sistema produtivo. A dificuldade de adaptação ao meio de trabalho acarreta quebra da homeostase (equilíbrio) do organismo, gerando assim o estresse. O estresse é um fator recorrente na vida moderna e a patologia se instala frente a dificuldade em reverter o quadro de tensão, justificando a necessidade do profissional de saúde ter bom desempenho das habilidades sociais. Este trabalho objetiva conhecer o nível de habilidades sociais e de burnout dos agentes comunitários de saúde (ACS). Trata-se de um estudo quantitativo transversal analítico, com 251 agentes comunitários de saúde (ACS) cadastradas e atuantes na Unidade de Saúde da Família (USF) localizadas no município de Piracicaba. Os agentes foram abordados na USF, esclarecidos sobre os objetivos do trabalho, bem como os aspectos éticos envolvidos. Responderam ao Inventário de Habilidades Sociais (IHS) e o Questionário de Avaliação para Síndrome de Burnout (CESQT) com o objetivo de verificar o índice de burnout e de habilidade social total, assim como de seus cinco fatores: enfrentamento e autoafirmação com risco, autoafirmação na expressão de sentimentos positivos, conversação e desenvoltura social e autoexposição a desconhecidos e situações novas. Os dados foram analisados e apontam bom desempenho de habilidade social total, comprovados pelos dados a seguir: 62,95% com repertório bastante elaborado de HS, 22,31% com bom repertório de HS (acima da mediana), 3,19% repertório médio de HS, 7,17% bom repertório de HS (abaixo da mediana), 4,38% indicação para treinamento de HS (se acarretar prejuízos). Apesar dos dados apontarem a predominância de alta habilidade social geral, os ACS apresentaram menor desempenho no fator dois (autoafirmação na expressão de sentimentos positivos), conceito compatível ao de assertividade. Conforme o dado a seguir: 28,29% com repertório bastante elaborado de HS, 33,07% com bom repertório de HS (acima da mediana), 6,37%repertório médio de HS, 18,73%bom repertório de HS (abaixo da mediana), 13,55%indicação para treinamento de HS (se acarretar prejuízos). O comportamento assertivo, juntamente com a empatia é de extrema importância no trabalho em saúde, a fim de estabelecer relacionamentos saudáveis e fortalecer o vínculo entre os interlocutores (ACS e usuário do serviço). Existe a possibilidade dos altos valores obtidos em habilidade social serem explicados pelo treinamento diário na própria dinâmica de trabalho do ACS e assim, obterem um nível de adoecimento

por burnout baixo (5,6% ou 14 pessoas). Entretanto o instrumento para mensurar o burnout evidencia apenas os casos mais críticos, sendo necessário a aplicação de outros instrumentos, detectando o início do adoecimento a fim de poder realizar um trabalho preventivo para o burnout. Os benefícios do bom desempenho das habilidades sociais e da saúde mental no trabalho refletem na dinâmica do trabalho, tente a ter mais união e coesão nos atendimentos e discussão de casos, garantindo melhoria no atendimento prestado.

CO-2 A INFLUÊNCIA DA AUTOEFICÁCIA NA MANUTENÇÃO DO ALEITAMENTO MATERNO NO PRIMEIRO MÊS DE VIDA

Joyce Grazielle Buratti (FOP/UNICAMP), Jucilene Casati Lodi (FOP/UNICAMP), Luciane Miranda Guerra (FOP/UNICAMP), Rosana de Fátima Possobon (FOP/UNICAMP)

A manutenção do aleitamento materno está associada a diversas variáveis dentre as quais merece destaque a confiança da mulher em sua própria capacidade de nutrir o filho. A puérpera tem papel fundamental para o desenvolvimento do bebê, através do fornecimento do ambiente psíquico, prática do holding, amamentação e cuidados diários. O neonato precisa ser nutrido de diferentes formas, com os nutrientes proveniente do aleitamento, o olhar e o toque da mãe. Este fator também é facilitado e incentivado durante o aleitamento materno. A falta de autoconfiança no ato de amamentar levaria ao desmame precoce, além de prejudicar o fornecimento do continente psíquico e o holding, sendo essa confiança estudada dentro do constructo de autoeficácia. O objetivo destes estudo foi avaliar o nível de autoeficácia na amamentação, durante o puerpério imediato e verificar a associação com a manutenção do aleitamento exclusivo no primeiro mês de vida do recém-nascido. Metodologia: Estudo quantitativo, de coorte observacional prospectivo, com 210 mulheres, participantes do grupo de pré-natal realizado pelas unidades de saúde da família. As gestantes foram abordadas durante o último trimestre gestacional e responderam ao questionário que continha dados socioeconômicos e demográficos e na primeira semana de vida da criança, quando responderam ao instrumento de Autoeficácia na Amamentação – Short Form (BSES-VB - SF), com o objetivo de analisar a autoeficácia para a manutenção do aleitamento materno no 30º dia de vida do recém-nascido. Foi realizada análise bivariada, no nível de significância de 5%, para testar a associação entre o aleitamento materno exclusivo no 30º dia de vida com as variáveis socioeconômicas, demográficas, obstétricas e a autoeficácia na amamentação. Resultados: 49,5% da amostra foram constituídas por mulheres primíparas, 95.2% das gestantes tinham vontade de amamentar, 52% das crianças nasceram de parto normal, sendo 81,4% de tempo gestacional a termo e 78,6% sem complicações maternas. O uso do instrumento de autoeficácia na amamentação, utilizado durante o puerpério imediato apresentou associação com à manutenção do aleitamento materno exclusivo no 30ª dia de vida da criança. Conclusão: As mães

com níveis de alta e média autoeficácia, detectada no puerpério imediato, auxiliou na manutenção do aleitamento materno exclusivo no final do primeiro mês. A manutenção do aleitamento materno exclusivo durante o primeiro mês de vida da criança esteve associada à primiparidade, à aceitação da criança pelo pai, ao nascimento a termo, à gestação sem complicações maternas, à vontade da mãe de amamentar, ao não uso de chupeta e a autoeficácia durante o puerpério imediato. São necessários outros estudos para constatar se a autoeficácia contribui para a manutenção do aleitamento materno para além do primeiro mês de vida, com a finalidade de obter melhoras para o estado de saúde do bebê e da puérpera.

CO-3 ACOMPANHANTE TERAPÊUTICO E MANEJO DAS CONTINGÊNCIAS MANTENEDORAS DOS DÉFICITS EM REPERTÓRIOS SOCIAIS: UM ESTUDO CLÍNICO À LUZ DA TERAPIA POR CONTINGÊNCIAS DE REFORÇAMENTO (TCR)

Rafael Sarto Muller (Núcleo Terapêutico de Psicologia Comportamental / NTPC), Priscilla de Oliveira Moura de Paiva (Núcleo Terapêutico de Psicologia Comportamental / NTPC)

Hefesto (30) era solteiro, portador de hemiparesia direita, formado em psicologia, servidor público atuante na área administrativa. Depois de permear por vários processos psicoterapêuticos e ter feito uso de medicamentos, sem sucesso, iniciou processo psicoterapêutico em TCR e contou com a atuação do Acompanhante Terapêutico (AT) para modelar novos comportamentos no campo das Habilidades Sociais (HS), necessidade identificada para manejo dos comportamentos-problema identificados. Hefesto queixava-se de sentimentos de baixa autoestima e baixa autoconfiança, alta ansiedade no contato social e “desânimo”. Tais comportamentos, somados ao relato verbal do cliente, evidenciaram que ele estava em contato com Contingências de Reforçamento (CR) prioritariamente aversivas, tais como: críticas do pai por sair de casa apenas para trabalhar, predição excessiva da mãe sobre riscos em sair de casa e abusos morais do chefe no ambiente de trabalho ao acusar a equipe de roubo de materiais de almoxarifado. Em termos de HS, o cliente apresentava um padrão de comportamentos inassertivos nos ambientes familiar (reduzindo possibilidade de diálogos e conflitos) e de trabalho (sendo conhecido como "bom subordinado"). Esses comportamentos classificados como "passivos" tinham como função retirar os estímulos aversivos produzidos pelos interlocutores de Hefesto, os quais emitiam comportamentos classificados como agressivos. Sendo assim, Hefesto cedia ao que os interlocutores demandavam e a interação rapidamente cessava. Em algumas situações, Hefesto apresentava comportamentos com fenótipo agressivo, os quais caracterizavam-se pela elevação excessiva do volume de voz e fixação prolongada do olhar, opostamente ao padrão comportamental de evitação total do contato visual, emitidos quando sob forte ansiedade. Foi aplicado também o Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette) (Del Prette e Del Prette, 2009), cujo resultado

corroborou a identificação dos déficits de HS. Considerando o conjunto de CR aversivas intimamente ligadas aos comportamentos passivos emitidos pelo cliente, objetivou-se com a psicoterapia: ampliar repertório de comportamentos que produzissem reforço positivo em contextos diversos e colocar em extinção comportamentos de fuga-esquiva em situações de enfrentamento assertivo diante dos contextos familiares e laboral. A intervenção com AT constituiu-se em: a) AT sustentar conversação com Hefesto e descrever, posteriormente, as contingências e os comportamentos que favorecem o prolongamento da interação verbal, introduzidos pelo AT no contexto da conversação, reduzindo a aversividade das interações sociais; b) AT questionar o cliente sobre as contingências observadas por ele em seu ambiente social e, conjuntamente, discutirem as contingências identificadas por ambos no próprio ambiente, condição possível apenas com a ação do AT, ampliando a capacidade de observação destas contingências por Hefesto e aumentando, pois, sua sensibilidade a elas; c) treinamento das contingências não-verbais envolvidas nas interações sociais por modelagem e modelação; d) realizar bloqueio de esquiva do cliente perante situações novas. Atualmente Hefesto ainda encontra-se nesse processo e, até o momento, reduziu-se o excesso de comportamentos inassertivos, reduziu-se a intensidade dos comportamentos agressivos e elevou-se a frequência dos comportamentos assertivos.

CO-4 ADAPTAÇÃO ACADÊMICA À UNIVERSIDADE: RELAÇÕES ENTRE MOTIVAÇÃO, EXPECTATIVAS E HABILIDADES SOCIAIS

Márcia Cristina Monteiro (Universidade Salgado de Oliveira), Adriana Benevides Soares (Universidade Salgado de Oliveira, Humberto Claudio Passeri Medeiros (Universidade Salgado de Oliveira), Fátima Almeida Maia (Universidade Salgado de Oliveira) e Roberta de Souza Nogueira Barros (Universidade Salgado de Oliveira)

A literatura tem evidenciado que características psicosociais dos estudantes estão associadas a uma melhor adaptação do alunado à Universidade e a uma consequente diminuição da evasão do público estudantil. A partir desta perspectiva, é importante entender o quanto variáveis tais como expectativas acadêmicas, motivação, habilidades sociais impactam na adaptação acadêmica, que foi o objetivo deste estudo. Contou-se com a participação de 320 estudantes de ambos os sexos, de instituições públicas e privadas e provenientes de diferentes graduações. Utilizou-se a Escala de Motivação Acadêmica (EMA), o Inventário de Habilidades Sociais (IHS), a Escala Expectativas Acadêmicas de Estudantes Ingressantes na Educação Superior (EEA) e o Questionário de Vivências Acadêmicas-reduzido (QVA-r). Houve consentimento prévio das coordenações, convite aos alunos para participação e coleta de dados nas salas de aula. Todos os estudantes foram esclarecidos sobre a participação voluntária na pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Foi realizada Regressão Linear Simples para analisar os dados tendo como variáveis explicativas as expectativas acadêmicas, motivação e habilidades

sociais e como variável critério a adaptação acadêmica. Os resultados evidenciaram uma relação preditiva do conjunto de fatores das variáveis habilidades sociais, expectativas acadêmicas e motivação no escore total da adaptação acadêmica, explicando 27,0%. Entende-se que expectativas atendidas em termos de um ambiente de aprendizagem enriquecedor assim como o desenvolvimento de habilidades sociais promovem a adaptação acadêmica e o crescimento profissional e pessoal. Foi também encontrado impacto significativo entre os escores totais da EEA e da EMA no escore total do QVA-r ($\beta = 0,28$, $p < 0,001$ e $\beta = 0,23$, $p < 0,001$) respectivamente, porém o escore total do IHS não apresentou impacto no escore total do QVA-r. Em relação à EEA, o fator Formação Acadêmica de Qualidade apresentou o impacto negativo no escore total do QVA-r ($\beta = -0,235$, $p < 0,05$) e o fator Desenvolvimento de Competências Transversais impacto positivo ($\beta = 0,230$, $p < 0,05$). Em relação à EMA, apenas o fator Motivação Intrínseca para o Saber apresentou impacto positivo no escore total do QVA-r ($\beta = 0,243$, $p < 0,01$). Em relação ao IHS, o fator Enfrentamento e Autoafirmação com Risco impactou positivamente no escore total do QVA-r ($\beta = 0,152$, $p < 0,001$), enquanto que o fator Conversação e Desenvoltura Social impactou negativamente ($\beta = -0,239$, $p < 0,001$). Assim, os resultados indicaram que quanto mais o estudante espera da instituição em termos de um ambiente de aprendizagem desafiador, uma estrutura física que possibilite a pesquisa e extensão, atividades curriculares e extracurriculares enriquecedoras, mais fácil torna-se a adaptação do estudante à universidade. Além disso, as atividades propostas na universidade devem ter relação estreita com o processo de ensino-aprendizagem. Outrossim, o aluno precisa desenvolver, além dos conteúdos curriculares, habilidades para lidar com os diferentes atores da comunidade universitária, defendendo ideias, sustentando opiniões, recebendo e fazendo críticas em benefício do próprio crescimento profissional e pessoal.

CO-5 ANÁLISE DA PRODUÇÃO SOBRE HABILIDADES SOCIAIS DE FAMILIARES CUIDADORES DE PACIENTES PSIQUIÁTRICOS

Diego Costa Lima (UFSCar/UFSJ), Zilda Aparecida Pereira Del Prette (UFSCar/UFSJ), Marina Bandeira (UFSCar/UFSJ)

Com o processo de desinstitucionalização psiquiátrica, os familiares se tornaram os principais responsáveis por prestar cuidados diários às pessoas com transtornos psiquiátricos. Contudo, estudos têm indicado que as famílias são acometidas por diversas consequências negativas do papel de cuidador, tais como alta prevalência de transtornos mentais comuns, bem como elevados níveis de sobrecarga familiar. No modelo teórico da sobrecarga, a qualidade do relacionamento é considerada como um importante fator moderador, podendo diminuir estes problemas. Dessa forma, para um relacionamento mais adequado, os familiares necessitam de habilidades e competências, como as habilidades sociais (HS), para prestar uma assistência mais efetiva e diminuir níveis de sobrecarga e problemas de saúde mental. Diante disso, o

presente estudo teve como objetivo analisar a produção científica sobre HS de familiares cuidadores de pessoas com transtornos psiquiátricos. Foram realizadas buscas com dois grupos de palavras-chave (a) cuidador ou cuidadores & (b) HS, treinamento de habilidades sociais (THS), competência social, assertividade, empatia, comunicação interpessoal, comunicação verbal, comunicação não verbal, habilidades de comunicação e relacionamento interpessoal) nas bases PHS/RIHS/UFSCAR, Scielo, Biblioteca Virtual de Saúde, Web of Science, PsycINFO e ScienceDirect. Foram incluídos artigos que: (a) tinham como população de estudo os familiares cuidadores de pacientes com transtornos do espectro da esquizofrenia ou transtornos do humor; (b) avaliaram HS ou intervenções baseadas nessas habilidades; e (c) foram publicados em português, inglês ou espanhol. A amostra final ficou composta por nove artigos. Cinco estudos fizeram um levantamento sobre as HS ou relacionaram-nas com outras variáveis e quatro avaliaram intervenções. Nas amostras dos estudos, foi identificado o predomínio de familiares mães ou pais, mulheres, casadas e com baixa escolaridade. Quanto aos pacientes, a maior parte tinha diagnóstico de esquizofrenia. Os instrumentos para avaliar as HS foram diversificados, sendo encontradas cinco diferentes medidas. No levantamento de HS, houve estudos indicando resultados negativos em HS globais, timidez, agressividade e positivos em algumas dimensões (e.g. assertividade e empatia). Nos resultados de correlação entre variáveis, foi observado que os familiares cuidadores com escores melhores em HS, ou em alguma de suas dimensões, apresentavam mais estratégias para lidar com os pacientes, buscavam mais por suporte social, tinham menor sobrecarga e problemas clínicos de ansiedade, depressão e estresse. Por outro lado, os que cuidavam de pacientes com níveis elevados de sintomas psicóticos e/ou desajustamento social tinham menos atitudes empáticas. Nas pesquisas que avaliaram intervenções, um estudo piloto identificou maior efetividade do THS nas atitudes negativas de mães com filhos diagnosticados com esquizofrenia, em comparação com duas modalidades de Psicoeducação. Outras intervenções, com alguns componentes do THS, demonstraram resultados positivos entre pré-teste e pós-teste em problemas de comunicação, comportamento assertivo, empoderamento, autocuidado, depressão e estratégias de enfrentamento. Conclui-se que as HS são importantes para os familiares cuidadores no manejo diário dos pacientes e o THS pode ser uma ferramenta essencial para o desenvolvimento dessas habilidades. Ressalta-se a necessidade de mais estudos visando padronizar as medidas de HS para essa população, bem como pesquisas com delineamentos experimentais para verificar a efetividade das intervenções baseadas em THS.

CO-6 APLICAÇÃO DO TREINO DE HABILIDADES SOCIAIS PROFISSIONAIS NO DESENVOLVIMENTO DE LIDERANÇA EM ALUNOS DE MBA

Claudia Regina Carraro (UNITAU, Taubaté-SP), Marilsa de Sá Rodrigues (UNITAU, Taubaté-SP), Elvira Aparecida Simões de Araújo (UNITAU, Taubaté-SP), Maria Júlia Ferreira Xavier Ribeiro (UNITAU, Taubaté-SP)

A diminuição da oferta de emprego tornou as empresas cada vez mais exigentes nas contratações e na manutenção dos funcionários. Habilidades Interpessoais estão sendo exigidas, principalmente as que se referem à liderança. O presente trabalho descreve a percepção de melhora durante a participação em um treino em habilidades sociais profissionais para o exercício da liderança em um grupo de alunos do MBA. Os participantes eram quatro alunos de MBA (pós-graduação) de uma universidade do interior paulista, três homens e uma mulher, que já exerciam cargos de coordenação em empresas. O treino foi aplicado em seis encontros semanais com três horas de duração cada, nas dependências da universidade. No primeiro encontro foram explicados os objetivos e regras do treino. As habilidades trabalhadas ao longo do treino foram: Identificar e aceitar as diferenças individuais e direitos humanos e automonitoria (primeiro encontro), assertividade (segundo), dar e receber feedback (terceiro), elogiar (quarto), dizer não, analisar problemas e tomar decisão (quinto). As habilidades do segundo ao quinto encontro foram definidas a partir de uma lista que a literatura da área aponta como relevante ao exercício da liderança. Nela os participantes apontaram quais eram mais relevantes ao seu desenvolvimento pessoal no exercício de suas funções. Foram selecionadas como alvos do treino as habilidades apontadas por todos os participantes. A dinâmica dos encontros incluiu vivências, tarefas de casa, relatos de experiência e discussão de valores. Em especial a tarefa de casa, por ser executada de modo individual a partir da proposta geral, oportunizou a apresentação verbal de percepções de performance e de melhora em relação aos objetivos em cada encontro. No último encontro cada participante avaliou a lista de habilidades respondida no início do treino, na perspectiva de mudanças obtidas (ou não) em sua performance. Estas avaliações foram compartilhadas com o grupo, possibilitando autorrelato das percepções de melhoria. As discussões das tarefas de casa em cada sessão fazem notar a individualização das metas a partir das metas gerais. Os autorrelatos de percepção de melhoria ressaltam a emissão de novos comportamentos e de variações bem sucedidas a partir de comportamentos anteriormente presentes no repertório, relativos à habilidade social alvo da tarefa. Também ressaltam a interdependência entre habilidades – dizer não e tomar decisões, assertividade e feedback. A avaliação promovida no sexto encontro mostra que os participantes percebem melhoras de performance nas habilidades treinadas. Manutenção nos mesmos níveis aparece quando a habilidade foi inicialmente bem avaliada. Todos os participantes relatam melhoras em habilidades não treinadas. A percepção de melhoria no desempenho como resultado da participação no treinamento é uma forma de avaliação da qualidade de treinamento de habilidades

sociais profissionais, que atende a aspectos motivacionais tanto quanto ao desenvolvimento de automonitoria. Por isso, é importante que seja considerada, ao lado de outras formas de avaliação, como a observação direta da performance dos participantes.

CO-7 EXISTE CORRELAÇÃO ENTRE AUTOESTIMA E HABILIDADES SOCIAIS DE ADOLESCENTES?

Katiúcia Quênia Quiterio de Deus Marquezin (UNESP, BAURU-SP), Sandro Caramaschi (UNESP, BAURU-SP) e Saul de Moura Lima (UNESP, BAURU-SP)

Em suas interações, o adolescente, expressa seus sentimentos e suas emoções, produzindo como consequência comportamentos adequados ou inadequados socialmente. Em decorrência de sucessos e fracassos nessas interações, temos como hipótese de que a autoestima apresente uma correlação com habilidades sociais, pois a autoestima incide sobre a forma, estável ou não que o sujeito avalia seu próprio valor, valorizando a si e o outro, refletindo positiva ou negativamente em suas relações. Elaborou-se esta pesquisa de caráter exploratório quantitativo, com os objetivos de verificar a interação entre habilidades sociais, autoestima e sexo de estudantes matriculados no ensino médio de uma instituição pública de uma cidade do interior do estado de São Paulo. A amostra de conveniência foi composta por adolescentes com idades de 13 a 17 anos com média de 15,06 e desvio padrão de 0,99 de ambos os sexos, totalizando 42 alunos. Apresentou-se a pesquisa aos responsáveis pela coordenação e diretoria da escola, seguido pelo agendamento prévio da coleta dos dados após os esclarecimentos necessários para a viabilidade da mesma, na garantia de confidencialidade das respostas e dos direitos dos participantes voluntários como respondentes e sobre o sigilo das informações. A coleta de dados, ocorreu de forma coletiva em ambiente de sala de aula, após a autorização e consentimento dos pais e do próprio adolescente, com a entrega dos seguintes documentos assinados: termo de consentimento livre esclarecido (TCLE) e termo de assentimento livre e esclarecido (TALE), seguidos de informações sobre a pesquisa e esclarecimento de dúvidas. Os instrumentos utilizados foram o Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes (IHSA-Del Prette) e a Escala de Autoestima de Rosenberg. Após correção dos instrumentos, os resultados das respostas de todos os participantes foram armazenados em planilhas eletrônicas, utilizando o software Excel 2007. Na realização das análises estatísticas foi utilizado o software BioEstat 5. Efetuou-se análises estatísticas descritivas, por meio do levantamento de médias e desvios-padrão, os resultados encontrados nas variáveis autoestima e habilidades sociais, demonstraram que ambos os sexos apresentam repertório médio inferior, indicativo de treinamento em habilidades sociais. O Teste de Mann-Whitney demonstrou diferença significativa entre os sexos para dificuldades na apresentação de habilidades sociais (U=132,50; p=0,0268), com maior dificuldade entre as participantes femininas (M=65,90) do que nos masculinos (M=53,09); na autoestima

ocorreu uma diferença estatística ao nível de 10% (U=607,00; p=0,0662) com valores menores entre as participantes femininas (M= 26,13) do que entre os masculinos (M=28,06). Nas análises realizadas por meio do Índice de Correlação de Spearmann (rs), encontrou-se uma correlação positiva entre autoestima e frequência de habilidades sociais (rs=0,2606; p=0,0954) e correlação negativa entre autoestima e dificuldade em habilidades sociais (rs=-0,2428; p=0,1212), não significativas ao nível de 95%. Identifica-se que a hipótese inicial foi confirmada pelos resultados encontrados.

CO-8 AVALIAÇÃO DAS HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS DE PROFESSORES DE PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA.

Claudia Moura De Sant´Anna Carvalho De Oliveira (UCP/RJ), Eliane Gerk (UCP/ RJ)

A década de 1990 foi um marco para o contexto educacional brasileiro, sendo o momento em que se intensificou a defesa dos direitos humanos, principalmente o acesso universal à escola, com a inclusão das pessoas com necessidades educativas especiais. Exigiu-se uma (re) significação do modelo democrático de educação, refletindo mudanças das práticas dos sistemas educacionais. Foi necessário um reposicionamento de seus atores, principalmente o professor da Educação Inclusiva na modalidade da Educação Especial que trabalha com o aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Foi deflagrado um processo de reorganização das práticas educativas dos professores de alunos com necessidades educativas especiais, revelando a necessidade de se desenvolverem atividades que atendam ao que postula o movimento da inclusão. Para isso, o professor do AEE necessita um conjunto de habilidades sociais educacionais que contribui para melhorar a interação social no ambiente escolar. Dentre as habilidades necessárias ao professor de pessoas com TEA estão as Habilidades Sociais. Estas têm sido estudadas segundo uma classificação em três eixos: (a) etapas do desenvolvimento; (b) papéis sociais; (c) tarefas específicas. Com o objetivo de esclarecer habilidades referentes ao segundo eixo, ao que pertencem as habilidades sociais educativas (HSE) e sua contribuição para a aquisição de comportamentos que possibilitem aos docentes desenvolver estratégias e promover mudanças no comportamento social, afetivo e cognitivo dos alunos, foi explorado o repertório de habilidades sociais educativas de professores da educação inclusiva necessárias na interação com alunos com Transtorno do Espectro Autista. Foi especialmente construído um instrumento baseado em estudos anteriores. Trata-se do Roteiro de Entrevista de Habilidades Sociais Educativas para professores de crianças com Transtorno do Espectro Autista. O instrumento construído é descrito como um roteiro de entrevista semiestruturada para habilidades sociais de professores de pessoas autistas. Este roteiro foi elaborado a partir do Roteiro de Entrevista de Habilidades Sociais Educativas Parentais (HSE-P), de Bolsoni-Silva, Marturano e Loureiro (2014). Participaram dessa pesquisa 20

professores de alunos diagnosticados com TEA que trabalham nas Associações de Amigos e Pais de Excepcionais (APAE) da Grande Vitória/ES. Os resultados foram analisados qualitativamente, tendo-se elaborado um sistema de categorias de habilidades sociais educativas para estes professores. O relato verbal dos participantes coletado com o roteiro foi analisado individualmente e processado em termos de frequência de ocorrência de cada categoria. Foram descritas seis categorias a saber: a) Habilidades de Comunicação; b) Habilidades de Práticas Positivas e Negativas; c) Habilidades de Dar limites; d) Habilidades de Acolhimento; e) Habilidades de Atenção Compartilhada; f) Habilidades de Responsabilidade Interpessoal. A análise qualitativa proporcionou uma descrição das situações vivenciadas pelas professoras em suas relações interpessoais com seus alunos com TEA. Os resultados sugerem que estes professores apresentam as habilidades sociais educativas importantes para o desenvolvimento das relações interpessoais no contexto escolar, o que contribui para melhoria da qualidade e efetividade da convivência entre professor-aluno. Tais colocações serão úteis para a elaboração de novas propostas de avaliação e de intervenção junto a esses profissionais, promovendo o aperfeiçoamento do repertório dessas habilidades sociais educativas.

CO-9 AVALIAÇÃO DAS HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS NA PERSPECTIVA DE FUTUROS PEDAGOGOS

Elvira Aparecida Simões de Araujo (UNITAU, Taubaté-SP), Rúbya Santos Silva (UNITAU, Taubaté-SP), Elvira Aparecida Simões de Araujo (UNITAU, Taubaté-SP), Maria Júlia Ferreira Xavier Ribeiro (UNITAU, Taubaté-SP), Marilsa de Sá Rodrigues (UNITAU, Taubaté-SP)

As Habilidades Sociais Educativas (HSE) compõem o campo de estudo das Habilidades Sociais (HHSS) e são definidas como aquelas HHSS que possuem a função de promover o desenvolvimento e a aprendizagem, em situação formal ou informal e na qual o repertório comportamental dos professores se relaciona com o dos alunos e à realização acadêmica. Daí a relevância em empreender estudos que permitam descrever, avaliar e intervir sobre as HSE. O objetivo desta pesquisa foi verificar a percepção de graduandos de licenciatura em Pedagogia quanto às HSE e sua contribuição para as tarefas em sala de aula no ensino básico. Participaram desta pesquisa 24 graduandos de licenciatura em pedagogia de uma universidade do interior paulista, respondendo a um questionário de perfil e outro no qual identificavam sua concordância ou discordância acerca de HSE para o desempenho de suas tarefas educativas. Esse questionário nomeava e definia cada uma das 32 Subclasses de HSE, e era solicitado que assinalassem numa escala de um a dez, a importância que atribuíam a cada HSE em sua futura prática profissional. As classes consideradas como mais importantes foram ‘Estabelecer Contextos Interativos Potencialmente Educativos’ e ‘Monitorar Positivamente’. A classe avaliada com importante intermediária foi a ‘Transmitir ou Expor Conteúdos sobre Habilidades Sociais’. Como

menos importante surge a classe ‘Estabelecer Limites e Disciplina’. Ao organizar os respondentes por nível do curso verificou-se que os graduandos de todos os semestres consideram a classe ‘Estabelecer Contextos Interativos Potencialmente Educativos’ como a mais importante. Como menos importante tem-se ‘Estabelecer Limites e Disciplina’ para os graduandos do 2º e 6º semestre e ‘Estabelecer Contextos Interativos Potencialmente Educativos’ para os graduandos do 4º semestre. Ao considerarem as atividades acadêmicas, ou seja, habilidades voltadas para a organização do espaço e do material, mais importantes que as habilidades que envolvem a relação professor-aluno, como, estabelecer regras que exige mais proximidade e maior habilidade interpessoal, pode-se supor que os graduandos recorram mais ao conhecimento técnico pedagógico por inexperiência para lidarem com aspectos relacionais de maneira habilidosa. Por outro lado, o alto grau de importância que atribuíram às HSE, de maneira geral, sugere que estes acadêmicos se mostram sensíveis às contingências educacionais dos futuros alunos e à importância das HSE para seu próprio desempenho profissional em situações do cotidiano escolar. Há que considerar a necessidade de ampliação da amostra, mas os resultados permitem ressaltar a relevância em incluir desde a formação inicial de professores aspectos que os fortaleçam quanto as HSE, inicialmente nos estágios e na futura prática profissional.

CO-10 AVALIAÇÃO DO REPERTÓRIO DE HABILIDADES SOCIAIS EM ESTUDANTES DE ENGENHARIA ELÉTRICA E QUÍMICA INDUSTRIAL PRÉ E PÓS AULAS DE RELAÇÕES INTERPESSOAIS

Bruno Luiz Avelino Cardoso (UFMA/MA, ITPC/MA)

Manter e desenvolver relacionamentos interpessoais saudáveis pode ser considerado um desafio na sociedade atual. Ao tratar sobre o contexto acadêmico e laboral, aponta-se a importância de desenvolver comportamentos que facilitem as relações sociais entre colegas, a fim de ampliar a satisfação com o trabalho/academia e melhorar a qualidade de vida. Estudantes universitários, como futuros profissionais, são exigidos quanto a habilidades sociais (HS) que são imprescindíveis no mundo do trabalho. Nesse sentido, este estudo tem por objetivo: avaliar e comparar o repertório de HS de estudantes de engenharia elétrica e química industrial pré e pós aulas de relações interpessoais. Para isso, dez estudantes regularmente matriculados na Disciplina “Relações Interpessoais” fizeram parte do treinamento. A maioria era do sexo masculino (seis) e tinham idade média de 21 anos (DP=1,88). A disciplina contemplou, durante 15 aulas (com três horas, cada), os conceitos, dimensões e classes de HS, competência social e fatores associados ao trabalho (e.g. manejo do stress, qualidade de vida, liderança). O treino das habilidades aconteceu, após a aplicação do Inventário de Habilidades Sociais (IHS), por meio de Tarefas Interpessoais de Casa (TICs) e apresentação de seminários sobre as classes de HS. Dentre as TICs trabalhadas, destacam-se: “expressar sentimentos positivos para

alguém", "fazer uma pergunta em alguma aula, em outra disciplina", "nivelar o volume da voz", "observar estados emocionais no outro", "treinar técnica DESC". Essas atividades eram registradas em uma tabela contendo "desafio interpessoal", pensamentos e emoções antes e depois da exposição, e reação pessoal e interpessoal após a execução da atividade. Ao final da disciplina, foi replicado o IHS, a fim de comparar os repertórios pré e pós treino e fornecer uma devolutiva para turma. Os dados foram analisados por meio de estatísticas descritivas, no programa SPSS. Como resultado, houve diferença no repertório geral de HS pré e pós treinamento (pré = 49,20 [DP=12,64], repertório abaixo da média; pós = 63,70 [DP=15,07], repertório acima da média). Em relação aos escores fatoriais, também houve aperfeiçoamento do repertório: Conversação e Desenvoltura Social (pré = 19,10 [DP=6,57] e pós = 22,60 [DP=5,58] estiveram acima da média), Expressão de Sentimentos Positivos (pré = 12,40 [DP=2,98], acima da média; pós = 16,40 [DP=1,83], repertório bastante elaborado), Assertividade de Autodefesa (pré = 8,70 [DP=3,23], abaixo da média; pós = 11,70 [DP=4,27], acima da média), Assertividade de Autoexposição Social (pré = 4,50 [DP = 1,71], abaixo da média; pós = 6,40 [DP=2,50], mediano), Assertividade Afetivo Sexual (pré = 4,50 [DP=3,65], deficitário; pós = 6,60 [DP=3,59], abaixo da média). Ao final da disciplina, em resposta a questão aberta sobre a aprendizagem das HS, os alunos mencionaram sobre a importância da disciplina e dos ganhos que obtiveram nas suas interações sociais. Todas as habilidades treinadas, mantiveram-se acima da média após o treinamento, exceto a Assertividade Afetivo Sexual. Isso pode estar relacionado a ausência de treinos específicos sobre essa classe de habilidades durante a disciplina. Contudo, os resultados foram satisfatórios no encerramento da disciplina e destaca-se a relevância do Treinamento de HS para estudantes das áreas de exatas e suas tecnologias.

CO-11 CARACTERIZAÇÃO DAS RELAÇÕES SOCIAIS ENTRE PROFESSOR-ALUNO: UMA ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA DAS HABILIDADES SOCIAIS

Iriene Ferraz de Souza (UFVJM), Bárbara Carvalho Ferreira (UFVJM)

A inclusão dos alunos com Necessidades Educacionais Especiais (NEE) na rede regular de ensino tem sido motivo de ampla discussão nas últimas décadas. Contudo, a efetividade do processo de inclusão depende, dentre outros fatores, da atitude dos professores e de sua capacidade em ampliar as relações sociais em sala de aula, uma vez que o professor é o mediador das relações estabelecidas neste contexto. Diante disso, é imprescindível que ele possua um repertório de Habilidades Sociais Educativas (HSE), pois as práticas educativas positivas favorecem o desenvolvimento infantil e consequentemente a aprendizagem. Considerando a importância das HSE de professores que trabalham na perspectiva inclusiva, o presente estudo tem como objetivo caracterizar o repertório de Habilidades Sociais Educativas de professores da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental que tenham em sua

turma alunos com NEE matriculados. Trata-se de um estudo quantitativo, descritivo e analítico com professores regulares de escolas públicas. Participaram dessa pesquisa 313 professores, sendo 97 da Educação Infantil e 216 dos anos iniciais do Ensino Fundamental de 81 escolas Municipais e Estaduais. Para a coleta de dados utilizou-se o Inventario de Habilidades Sociais Educativas (IHSE-Del-Prette) e o Questionário de Caracterização, contendo 33 perguntas sobre dados sociodemográficos, formação, atividade profissional e práticas educativas dos professores. Considerando que a pesquisa se encontra em andamento, serão apresentados neste estudo dados referentes ao Questionário de Caracterização, uma vez que os dados do IHSE-Del-Prette estão em fase de tabulação e análises. Os resultados indicaram que, 62% dos professores concordam totalmente que a qualidade das relações interpessoais entre professor e aluno afeta a aprendizagem do aluno; 30,7% concordam em parte e 6,1% discordam totalmente. Com relação às práticas educativas desenvolvidas com os alunos com NEE, 82,7% responderam que fazem algumas adaptações considerando o tipo de NEE de seu aluno e 13,7% não fazem adaptações. Quando questionados se os professores escolhem a cada dia um novo colega para auxiliar o aluno com NEE, 59,4% responderam sim e 35, 5% não. Sobre a avaliação do relacionamento interpessoal do professor com o aluno, 56,2% responderam que é ótimo; 42,2% responderam que é bom e 1,3% regular. No que se refere às práticas utilizadas para favorecer a interação dos alunos com NEE com demais colegas dentro e fora de sala de aula, 81,2% responderam que separam os alunos em grupos pequenos e insere neles o aluno com NEE e 16,6% responderam não utilizam essa prática. Esse dado está em consonância com a classe “Estabelecer contextos interativos potencialmente educativos” do IHSE, cujo comportamento do educador consiste dentre outros, em agrupar os alunos em duplas ou trios ao conduzir atividade interativa. Os dados do presente estudo reforçam as evidências da literatura sobre a importância da qualidade das relações interpessoais no processo ensino/aprendizagem, bem como da necessidade de se desenvolver práticas educativas de acordo com o repertório comportamental apresentado pelos alunos com NEE. Pode-se concluir também que os professores do presente estudo utilizam práticas educativas favoráveis a inclusão dos alunos com NEE na escola regular.

CO-12 CARACTERIZAÇÃO DE RELACIONAMENTOS CONJUGAIS QUANTO A PARENTALIDADE E SAÚDE MENTAL MATERNA

Aline de Marco da Silveira (UNESP), Alessandra Turini Bolsoni Silva (UNESP)

A literatura aponta para a existência de relações entre a conjugalidade, a parentalidade e a saúde mental. No entanto ainda são escassos os estudos que considerem simultaneamente tais variáveis, de forma a identificar as influências mútuas. Os objetivos deste trabalho consistiram em comparar a conjugalidade considerando a ocorrência de práticas parentais (positivas e negativas) e depressão materna. Participaram do estudo 130 mães casadas, com idades variando entre 20 e

49 anos, que responderam ao Questionário de Relacionamento Conjugal (QRC) para descrever seu relacionamento com seus parceiros, à Entrevista de Habilidades Sociais Educativas Parentais (RE-HSE-P) que oferece indicadores clínicos e não clínicos quanto ao uso de práticas parentais positivas e negativas e ao Questionário Sobre a Saúde do Paciente-9 (Patient Health Questionnaire PHQ-9) que consiste em um instrumento rastreador para depressão em mulheres. No que diz respeito aos resultados, de modo geral, após conduzidas comparações de grupos para práticas parentais (positivas e negativas) e depressão, obteve-se que os indivíduos com práticas positivas em níveis não clínicos relacionavam-se melhor com seus parceiros tanto em comportamentos que envolviam comunicação, como por exemplo, “expressar carinho conversando”, como comportamentos que envolviam afeto como “dizer que ama/que quer bem”. Entretanto, os indivíduos com déficits em práticas positivas parentais relataram mais problemas com a conjugalidade, como em “conversar para tomar decisões e resolver problemas” e julgar que o cônjuge seja “sincero” e “confiável”. Chega-se a conclusões semelhantes após avaliar as práticas negativas, de forma que aqueles que possuíam excessos de práticas negativas relataram mais problemas no relacionamento conjugal. Já no que concerne à depressão materna, pode-se afirmar que, de maneira geral, os indivíduos sem indicadores para depressão possuíam melhor relacionamento conjugal que os indivíduos com indicadores para depressão, tanto no que diz respeito a comunicação, como “poder falar”, quanto no que diz respeito a afeto, como “dizendo que amam”. Conclui-se que o estudo avança no sentido de estudar as relações entre a qualidade conjugal e a parentalidade, encontrando que a) parece haver uma relação entre boas práticas parentais e a comunicação do casal, bem como dessa com a boa qualidade conjugal; b) mães com práticas positivas parentais se relacionam melhor com seus cônjuges; c) parece haver uma relação entre as práticas positivas parentais e a ausência de características negativas na conjugalidade; d) é possível constatar uma relação entre a comunicação do casal e a saúde mental; e) parece existir uma relação positiva entre afeto no relacionamento conjugal e saúde mental. Agencia financiadora: CAPES.

CO-13 CARACTERIZAÇÃO DO REPERTÓRIO DE HABILIDADES SOCIAIS EM MÉDICOS DA REDE PÚBLICA E PRIVADA

Bruno Luiz Avelino Cardoso (UFMA/MA), Nádia Pinheiro Prazeres Carozzo (UFMA/MA), Catarina Malcher Teixeira (UFMA/MA), Júlia Milhomens de Sousa (UFMA/MA), Ana Beatriz Adler Freitas de Vilhena Frazão (UFMA/MA), Flávia Costa Haidar (UFMA/MA), Rayssa Lima Braga (UFMA/MA)

O modelo biomédico trouxe diversas contribuições para o trabalho na área da saúde. Entre elas, destaca-se a incorporação de uma metodologia científica e, por conseguinte, a extinção de práticas médicas em que não havia comprovações laboratoriais. Contudo, implicou em uma grande ênfase nos fatores biológicos,

atribuindo menor ênfase aos aspectos psicossociais envolvidos no processo saúde-doença. Com a incorporação do modelo biopsicossocial, veio a tentativa de resgatar a dimensão humana no processo de assistência médica, de forma que a relação entre médico e paciente passou a ser um eixo fundamental no atendimento. As habilidades sociais, como comportamentos sociais que favorecem relacionamentos interpessoais satisfatórios, são exigidas na interação com os pacientes para o manejo de demandas sociais durante o atendimento. Dessa forma, utilizar de assertividade, empatia, civilidade, comunicação e de outras classes de comportamentos, é essencial na relação médico-paciente. Este estudo tem por objetivo caracterizar as habilidades sociais dos médicos em sua vida cotidiana. Participaram desta pesquisa 43 médicos da rede de assistência pública e privada, com idade média de 45,43 (DP=12,3) anos, em sua maioria especialistas em ortopedia (14%), gastrologia (11,6%) e pediatria (9,3%), sendo 58,1% do sexo masculino. Os dados foram analisados por meio do programa SPSS (Statistical Package for Social Sciences) 20.0, de acordo com as instruções do manual do Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette). Foram utilizados um questionário sociodemográfico, para caracterizar a amostra; e o Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette), em sua nova versão, disponibilizada pelos autores para esta pesquisa. Os resultados deste estudo indicaram que o repertório total de habilidades sociais dos médicos é considerado bom acima da média (59,5 [DP=11,9]). Em relação aos escores fatoriais, os médicos se autoavaliaram com o repertório abaixo da média para Conversação e Desenvoltura Social (13,1 [DP=9,2]) e Assertividade Afetivo-sexual (7,7 [DP=3,6]), repertório bastante elaborado para Expressão de Sentimentos Positivos (15,6 [DP=4,13]), e bom repertório acima da média para Assertividade de Autodefesa (12,3 [DP=3,9]) e Assertividade de Autoexposição Social (8,5 [DP=1,9]). Esses dados podem corroborar com os achados da literatura, visto que estudos tem apontado dificuldades em determinados aspectos da comunicação entre o médico e seus pacientes. Outro aspecto a ser destacado refere-se a dificuldade em assertividade afetivo-sexual, esse dado pode ser relacionado ao fato de que muitos médicos da amostra investigada eram casados e relataram não conseguir imaginar-se nas situações descritas no instrumento. Contudo, destaca-se a importância de uma relação positiva entre médico e paciente, tendo em vista que favorecem a adesão ao tratamento, melhora a satisfação dos usuários e a qualidade dos serviços.

CO-14 COMPARAÇÃO DO NÍVEL DE HABILIDADES SOCIAIS ENTRE UNIVERSITÁRIOS DE DIFERENTES CURSOS DE GRADUAÇÃO

Silvana Queiroga da Costa Carvalho (UNIPÊ), Aline Nascimento dos Santos Silva (UNIPÊ), Karolayne Santos de Melo (UNIPÊ), Alef Cordeiro da Costa Silva (UNIPÊ), Charlene Nayana Nunes Alves Gouveia (UNIPÊ)

Habilidades Sociais são classes de comportamentos pertencentes ao repertório dos indivíduos e emitidos socialmente para lidar adequadamente com as demandas

trazidas pelas interações interpessoais, que variam conforme os parâmetros impostos culturalmente. Dessa forma, o objetivo desta pesquisa foi comparar o nível de habilidades sociais entre estudantes universitários de três cursos universitários distintos de uma instituição privada de ensino superior de João Pessoa-Paraíba. Realizou-se uma pesquisa de campo, descritiva, correlacional e de natureza quantitativa. Participaram 190 estudantes universitários, distribuídos igualmente entre os cursos de Engenharia Civil, Direito e Enfermagem e selecionados por meio da técnica de amostragem não probabilística por quotas, sendo todos maiores de 18 anos. Foram utilizados dois instrumentos: I) questionário sociodemográfico; e II) Escalas Muldimensionais de Expressão Social Partes Cognitivas (EMES-C) e Motora (EMES-M), cada uma composta por 12 fatores, respondidas em escala likert de 0 a 4, onde maiores pontuações indicam menor nível de habilidades sociais. Os dados foram analisados utilizando-se de estatísticas descritiva e inferencial e processados por meio do pacote estatístico SPSS. O estudo cumpriu com as exigências da resolução 466/12, que envolve pesquisa com seres humanos. Predominaram os participantes do sexo feminino (60,5%), solteiros (91,6%), com renda familiar entre 1 e 6 salários mínimos (62,6%). Pontuaram uma média de 1,59 (DP=0,70) na EMES-C e 1,77 (DP=0,45) para a EMES-M. Comparando os cursos, usando o Teste Kruskal-Wallis, obteve-se uma diferença significativa, no que tange aos fatores das habilidades sociais cognitivas medo da expressão em público e de enfrentar superiores ($p<0,05$), em que os alunos de Engenharia apresentaram maior nível de habilidade (M=1,45, DP=0,79), e medo de fazer e receber elogios ($p<0,01$), em que os alunos de Enfermagem apresentaram maior habilidade (M=1,09, DP=0,65). Considerando os fatores das habilidades sociais motoras, houve diferença significativa em quatro fatores. Os estudantes de Direito apresentaram maior nível habilidade quanto à defesa dos direitos do consumidor (M=1,71, DP=0,93; $p<0,05$), expressão de incômodo desagrado e aborrecimento (M=1,43, DP=0,69; $p<0,01$), e expressão de incômodo e aborrecimento para com familiares (M=1,46, DP=0,79; $p<0,05$). Quanto ao fator tomar a iniciativa nas relações com o sexo oposto ($p<0,05$), os estudantes de Engenharia apresentaram maior nível de habilidade (M=2,00, DP=0,85) do que os demais cursos. Observa-se que o déficit nas habilidades sociais podem afetar a vida acadêmica e pessoal dos estudantes universitários, apresentando menor prejuízo nos estudantes do curso de Direito. Destaca-se a importância desse tipo de estudo, sugerindo-se maior aprofundamento sobre se a área de estudo interfere diretamente no nível de habilidades sociais de quem a escolheu, ou se a escolha é fruto do repertório comportamental do indivíduo.

CO-15 COMPETÊNCIAS SOCIAIS NO MUNDO CORPORATIVO: UM ESTUDO COM VENDEDORAS

Lúcia Regina Borges Sérgio (Faculdade CNEC Ilha do Governador)

No mundo corporativo as relações interpessoais fazem parte de um processo que requer resultados cada vez mais ousados, entretanto, a formação para o trabalho ainda é baseada em aspectos técnicos. Considerando a formação do indivíduo como algo que se constrói formalmente no campo da educação, torna-se razoável que as competências da educação profissional sejam relevantes. Assim, a formação para o trabalho e para a vida seria composta pelas competências de educação profissional, pelas competências técnicas (de vendas) e por meio das competências sociais, como desempenhos em habilidades sociais, do campo da psicologia. Este trabalho é parte de um estudo sobre as habilidades sociais de vendedoras em cinco lojas de uma rede de moda feminina na cidade do Rio de Janeiro, onde objetivou-se estabelecer relação entre as competências de educação profissional, competências técnicas de vendas e competências sociais, como sugestão de um modelo de THS - treinamento em habilidades sociais - que possa contribuir para a formação profissional, especialmente quando desempenho social for baixo. 39 vendedoras foram submetidas ao IHS Del Prette e a entrevistas por meio de um roteiro baseado na revisão de literatura. Observou-se que 10% da amostra ficaram situadas nos escores abaixo da mediana, em contrapartida, 90% ficou acima e os relatos das entrevistas ilustraram os cinco fatores de HS. Em atendimento aos objetivos propostos, foi estabelecida relação entre as competências profissionais (definidas como Interpessoal, Participativa e Técnica), técnicas de vendas (definidas como Habilidade interpessoal, Flexibilidade/adaptabilidade, Saber ouvir e entender o cliente, Inspirar confiança) comparadas com o resultado para cada um dos fatores de avaliação das HS e apoiados pelos relatos das entrevistas. As características das competências da educação profissional (interpessoais e participativas) podem ser facilmente identificadas por meio dos itens do IHS e reforçadas pelos relatos individuais das vendedoras. Com isso, identifica-se que as habilidades sociais trazidas para o contexto do trabalho podem ganhar maior dimensão quanto à sua aplicação. Cabe observar que as características das competências para vendas também estão alinhadas com as características das competências de educação profissional e encontra similaridade nos fatores de HS avaliados e que aqui representam as competências sociais, como aquele fruto do desempenho social, e que podem ser desenvolvidas por meio de programas de THS, especialmente nos fatores com resultados mais baixos. No campo da educação profissional não há estudos sobre desempenhos sociais mais profundos. Juntamente com os estudos no campo das competências técnicas, são abordados os conceitos de relacionamento interpessoal como fruto do encontro de pessoas, desenvolvendo civilidade a algum autocontrole. De forma mais profunda, as habilidades sociais contribuem para a formação que servirá para a vida pela compreensão do interlocutor, tornando a experiência do trabalho mais prazerosa. O estudo mostrou que há relação entre as competências profissionais, técnicas e sociais em atendimento ao objetivo proposto, o que sugere maiores contribuições do campo da psicologia, como dispositivo para formar o trabalhador, em reforço ao RH – Recursos Humanos – no mundo corporativo, que já considera as características subjetivas do trabalhador. Literaturas mais recentes têm mostrado a importância das habilidades sociais nas empresas.

CO-16 COMPREENSÃO DOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL SOBRE AS HABILIDADES SOCIAIS EM CRIANÇAS

Adriana Campos Rodrigues Miron (FACESF), Marcelo Silva de Souza Ribeiro (FACESF)

A Educação Infantil constitui-se como um campo privilegiado de estudos e práticas que envolvem a Teoria das Habilidades Sociais e o professor que atua nessa modalidade tem uma função primordial. Sua prática pedagógica deve contribuir para a promoção do desenvolvimento de habilidades necessárias à constituição do sujeito, na sua globalidade. A pesquisa visou investigar a compreensão dos professores da Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Petrolina sobre a Teoria das Habilidades Sociais em crianças. De natureza exploratória, descritiva, contou com a participação de 12 professoras, com formação em Licenciatura Plena em Pedagogia, que atuam nas instituições de Educação Infantil. Para a coleta dos dados foi realizada a aplicação de um questionário sociodemográfico e do Teste de Associação Livre de Palavras, cujos termos indutores propostos foram: “Habilidades Sociais”, “Autocontrole” “Empatia” e “Assertividade”. Para cada termo indutor proposto, os professores evocaram cinco palavras e, posteriormente, organizaram-nas numericamente por nível de importância, utilizando o número 1 para a palavra que considerasse a mais importante e assim por diante. A análise dos resultados foi realizada por meio do uso do software “Iramutec”, um programa informático, que se ancora no software R e permite diferentes formas de análises estatísticas sobre corpus textuais e sobre tabelas de indivíduos por palavras. Foi utilizada a análise de frequência para acessar a ocorrência das palavras e a frequência dos vocábulos observados, bem como a análise de similitude que oferece condições para a identificação das concorrências entre as palavras, de modo que seu resultado indica conectividade entre elas. As palavras com maior frequência de evocação a partir do termo indutor “Habilidades Sociais”, foram: “segurança”, “confiança”,“respeito”, “vínculo” e “convivência”. Para o termo indutor “autocontrole”, obteve-se as palavras: “Segurança”, “emoção”, “motivação”, “equilíbrio” e “domínio”. Para o termo indutor “empatia”, foram evocadas as palavras: “afetividade”, “sentimento”, “respeito”, “amor” e convivência. Por fim, para o termo indutor “assertividade”, obteve-se: “conhecimento”, “confiança”, “autoconfiança”, motivação e “autoestima”. Os resultados obtidos, tanto da análise de frequência, como de similitude, apontam que, apesar das relações encontradas entre os termos indutores propostos e algumas palavras evocadas, há presença de uma variedade significativa de palavras, merecendo atenção a diversidade da frequência dos demais vocábulos, o que demonstra aleatoriedade de evocação. É possível questionar a possibilidade desses professores se orientarem por ideias e concepções mesmo sem terem consciência delas. O estudo indica uma lacuna em termos de distanciamento entre o que se conhece e o que é posto conceitualmente, confirmando a necessidade de uma formação docente específica, constituída de elementos das diversas áreas que compõem a dimensão humana, na sua globalidade e, ainda, a necessidade de uma

reflexão sobre o conceito de habilidades sociais e como essas podem ser desenvolvidas nas crianças, contribuindo para a formação da sua competência social e, consequentemente, para a construção de uma sociedade melhor. O estudo não contou com financiamento.

CO-17 CONSTRUÇÃO DE INDICADORES CRÍTICOS PARA AVALIAÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS EM SITUAÇÕES INTERPESSOAIS DIFÍCEIS

Pedro Vitor Souza Rodrigues, Adriana Benevides Soares e Luciana Mourão

Durante o processo ensino-aprendizagem, a sala de aula é afetada por desafios e conflitos interpessoais. Isso exige que o professor lide com situações interpessoais difíceis durante grande parte do tempo de aula. Se, ao menos, as situações interpessoais mais críticas de aula estiverem sob uma efetiva gestão do professor, os efeitos colaterais mais negativos associados poderão estar, consequentemente, em níveis mínimos ou até nulos. Nesse sentido, é preciso mapear quais são as situações interpessoais consideradas difíceis, a fim de que se possa desenvolver estratégias para favoreçam a sua administração. O objetivo deste estudo foi construir um inventário de situações interpessoais difíceis no contexto educativo do Ensino Fundamental II. Para a identificação dessas situações foram considerados três componentes: a frequência, o grau de desconforto emocional e a probabilidade de ocorrência de habilidades sociais educativas. Participaram 200 professores do segundo ciclo do Ensino Fundamental de escolas públicas (N = 125) e privadas (N = 75). A idade dos participantes variou entre 24 e 45 anos, sendo 98% mulheres. Todos os participantes assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o estudo foi aprovado no Comitê de Ética da Universidade. A primeira versão do inventário foi composta por 30 itens os quais foram avaliados, por cinco juízes em quatro dimensões: clareza de linguagem; pertinência prática; relevância teórica e dimensão teórica. Foram mantidos os itens que atenderam ao critério de 80% de concordância entre os juízes. A versão final ficou composta por dezenove itens. Os dados foram analisados a partir de estatísticas descritivas a fim de serem construídos indicadores críticos (IC) sobre as situações elencadas no inventário. A fórmula utilizada para chegar aos coeficientes de criticidade pode ser representada por “IC = F x D x P”, onde F = frequência em que a situação ocorre; D = grau de desconforto ocasionado pela situação; e P = probabilidade de a pessoa não conseguir comportar-se do modo habilidoso. Com base nesses parâmetros, conclui-se que o fator é mais crítico quanto: maior for a frequência; maior for o desconforto emocional e menor for a probabilidade de desempenho habilidoso. Os coeficientes foram categorizados em três grupos segundo variação numérica de 1 a 64, conforme os valores da mediana, estabelecendo os seguintes critérios: 1 a 8 – pouco crítico; 8,1 a 17,9 – moderadamente crítico e 18 em diante – muito crítico. A análise permitiu identificar situações consideradas pouco críticas (36,9%); moderadamente (42,1) e muito

críticas (21,05). A pesquisa evidencia prioridades na preparação do professor para o exercício de sua profissão, apontando as situações mais críticas em termos de demanda de Habilidades Sociais Educativas. Do ponto de vista acadêmico, o desenvolvimento desse indicador pode ser útil para outras pesquisas voltadas ao ambiente escolar ou mesmo para investigações de habilidades sociais em outros contextos, caracterizando-se como uma nova possibilidade para os pesquisadores da área. Do ponto de vista da contribuição para os profissionais, a identificação dessas situações e o apontamento de seu grau de criticidade pode ser útil para que haja um reconhecimento dos docentes relativamente a essas situações mais complexas.

CO-18 CORRELAÇÃO ENTRE ESTILOS DE HUMOR E HABILIDADES SOCIAIS DE ADOLESCENTES

Katiúcia Quênia Quiterio de Deus Marquezin (UNESP/BAURU/SP), Sandro Caramaschi (UNESP/BAURU/SP)

Olhando com cuidado nossas relações interpessoais, o humor é um fator de relevância em vários momentos nas interações sociais no dia a dia, estando presente durante nosso ciclo vital. Estudos atuais envolvendo essa temática apontam que o humor é um componente que pode favorecer ou firmar interações pessoais. Pesquisas em habilidades sociais demonstram que humor é um componente do repertório comportamental de indivíduos socialmente competentes. O senso de humor refere-se ao humor como um traço de personalidade estável ou de variável diferença, utilizado para melhorar as relações de uns para com os outros, o uso do humor para melhorar a si mesmo e o uso do humor para melhorar as relações de si mesmos para com os outros. Na existência de quatro dimensões, relativas às suas diferentes utilizações ou funções do humor na vida cotidiana, apresentamos a classificação dos estilos de humor, sendo as formas mais adaptadas socialmente: afiliativo: reconhecido como facilitador de relacionamentos; otimista: envolve uma visão humorística geral relativa à vida, permite evitar emoções negativas, mesmo em situações de estresse ou adversidade; e as formas desadaptativas de humor: autodepreciativo, o ato de se depreciar na tentativa de divertir o grupo e ganhar aprovação; agressivo, tendência ao uso do humor de maneira vexatória com função depreciativa do outro. Esta pesquisa parte da hipótese de que sujeitos que apresentem repertório comportamental mais habilidoso socialmente apresentem os estilos de humor mais adaptativos, afiliativo e otimista. Tendo como objetivos verificar as habilidades sociais (frequências e dificuldades) e os estilos de humor de adolescentes estudantes matriculados no ensino médio de uma instituição pública de uma cidade do interior do estado de São Paulo. A população de referência foi composta por uma amostra de conveniência, totalizando 42 alunos, com idades de 13 a 17 anos com média de 15,06 e desvio padrão de 0,99 de ambos os sexos. A pesquisa foi apresentada aos coordenadores e diretores da escola, os quais agendaram previamente a coleta dos dados, em que foram aplicados os dois instrumentos em sessões coletivas, sala de aula. Formalizou-se com as assinaturas do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido e entrega do Termo de Consentimento Livre Esclarecido, após obterem informações sobre a pesquisa, sigilo e participação, além do esclarecimento de dúvidas. Para a coleta de dados empregou-se o Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes (IHSA-Del Prette) e o Questionário de Estilos de

Humor. A aplicação e correção dos registros dos participantes foram realizadas pela psicóloga pesquisadora, seguidos pela tabulação. O software BioEstat 5.3 foi utilizado para as análises estatísticas. Foram feitas análises por meio do Índice de Correlação de Spearmann (rs), sendo encontradas correlações positivas entre a frequência de habilidades sociais e humor afiliativo (rs=0,3547; p=0,0211) e entre a frequência de habilidades sociais e humor otimista (rs=-0,3388; p=0,0281), significativas ao nível de 95%. Tais resultados indicam o que é previsto na literatura da área, que os repertórios mais elaborados de habilidades sociais tem correlação com os estilos mais adaptativos de humor. Não foram encontradas correlações significativas entre habilidades sociais – dificuldades e estilos de humor menos adaptados: autodepreciativo e o agressivo.

CO-19 CORRELAÇÕES ENTRE HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS, SAÚDE MENTAL MATERNA E REPERTÓRIO COMPORTAMENTAL DE CRIANÇAS DIFERENCIADAS POR SEXO E POR PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO

Rafaela Pires de Assis (UNESP/SP), Alessandra Turini Bolsoni-Silva (UNESP/SP)

O presente estudo teve como objetivo correlacionar repertório comportamental de mães (habilidades sociais educativas, práticas negativas e condições de saúde mental) e de crianças (problemas de comportamento e habilidades sociais infantis), controlando as variáveis sexo (meninos e meninas) e indicadores diagnósticos de problemas de comportamento. Participaram 40 crianças mediante avaliação de mães e professores, sendo 20 com problemas de comportamento (grupo clínico, composto por 10 meninas e por 10 meninos), 20 sem problemas de comportamento (grupo não clínico, composto por 10 meninas e 10 meninos), suas mães e professores. Com os professores foi utilizado o Inventário dos Comportamentos de Crianças e Adolescentes entre 6 e 18 anos. Com as mães foram utilizados o Inventário de Comportamentos da Infância e Adolescência para pré-escolares e escolares de 4 a 18 anos, Roteiro de Habilidades Sociais Educativas Parentais, Questionário de Respostas Socialmente Habilidosas e o Patient Health Questionnaire. Os dados foram categorizados de acordo com instruções dos instrumentos e foram conduzidas análises estatísticas correlacionais (Teste de Correlação de Spearman) entre os grupos. Os resultados indicaram, no grupo clínico, a existência de correlação positiva entre Práticas negativas e Sintomas de ansiedade e depressão materna, enquanto que no grupo não clínico notou-se a ausência de correlações significativas. No grupo de meninas, verificou-se uma série de correlações, em que as Habilidades sociais educativas associaram-se negativamente às Práticas educativas negativas, às Queixas de problemas de comportamento e aos Sintomas de ansiedade e depressão materna, como também as Habilidades sociais da criança associaram-se negativamente às Queixas de problemas de comportamento e aos Sintomas de ansiedade e depressão materna. Ainda no grupo de meninas, as Habilidades Sociais das crianças associaram-se positivamente às Habilidades sociais educativas, como também os Sintomas de ansiedade e depressão materna associaram-se

positivamente às Práticas negativas e às Queixas de problemas de comportamento, e, por fim, as Práticas negativas associaram-se positivamente às Queixas de problemas de comportamento. No grupo de meninos, encontrou-se correlação positiva entre Habilidades sociais da criança e Habilidades sociais educativas parentais. Cabe ressaltar que, dentre as variáveis estudadas no presente estudo, as condições de saúde mental materna (sintomas de ansiedade e depressão) e as práticas negativas destacaram-se na associação aos problemas de comportamento. As práticas também associaram-se com saúde mental materna, uma vez que essa correlação foi encontrada tanto no grupo clínico, entre sintomas de ansiedade e depressão e práticas negativas, como no grupo de meninas, entre sintomas de ansiedade e depressão correlacionando-se positivamente tanto com práticas negativas, quanto negativamente com habilidades sociais educativas das mães, o que atesta a importância da condução de intervenções que visem reduzir as práticas negativas e promover habilidades sociais educativas parentais, bem como a investigação da saúde mental das mães associada aos comportamentos infantis. Considera-se importante que pesquisas futuras controlem as variáveis sexo, escolaridade e presença ou ausência de problemas de comportamento ampliando o número de participantes e avaliando os comportamentos paternos e que utilizem, além da medida de relato, medidas de observação direta do comportamento nas interações estabelecidas entre pais e filhos.

CO-20 DESCRIÇÃO DOS EFEITOS DE UMA INTERVENÇÃO COM DELINEAMENTO EXPERIMENTAL EM HABILIDADES SOCIAIS PARA UNIVERSITÁRIOS

Laísa Aparecida Moretto (Unesp/Bauru), Alessandra Turini Bolsoni Silva (Unesp/Bauru)

Na literatura não há um consenso quanto à definição do termo habilidades sociais, no entanto, este é frequentemente utilizado para indicar um conjunto de comportamentos aprendidos que envolvem interações sociais, são comportamentos operantes, mantidos, portanto, pelos efeitos que causam no ambiente. A sociedade atual cria especial ênfase em torno da temática das habilidades sociais e suas aplicações devido as relações interpessoais embasarem as demais relações, é exigido dos indivíduos desempenhos sociais adequados e funcionais. Nesse contexto, os universitários estão se preparando para entrar no mercado profissional, em muitas áreas de atuação, a interação social embasa a atuação profissional. O próprio ambienta acadêmico, exige do estudante um repertório de habilidades interpessoais e de desempenho de exposição em público pode ser considerado necessário para um melhor desempenho acadêmico (por exemplo, em apresentação de seminários, tirar dúvidas com professor, se relacionar com outros alunos, desenvolver vínculos afetivos, etc.) e social dos indivíduos. Neste contexto, um procedimento de intervenção que vise desenvolver e ampliar o repertório de habilidades sociais de

universitários pode propiciar melhor desempenho acadêmico e social aos indivíduos, além de ter impacto sobre aspectos da saúde mental do mesmo. O presente estudo teve como objetivo avaliar os efeitos de um treinamento de habilidades sociais para universitários, com delineamento experimenta e diversas medidas de avaliação. Participaram catorze universitários, nove em condição experimental e cinco em controle. Foram usados para avaliação os seguintes instrumentos: QHC-Universitários, IHS-Del-Prette, BAI, BDI, AUDIT, DUSI, Mini-SPIN e entrevista semiestruturada. O grupo experimental foi avaliado no pré-teste, passou pela intervenção de três meses, pelo pós-teste e, seis meses depois, pelo seguimento. Enquanto que o grupo controle passou pela avaliação de linha de base 1 e, três meses depois, período que o grupo experimental passava pela intervenção, a linha de base 2. Os dados foram analisados pelos softwares Psicoinfo e SPSS (testes estatísticos não-paramétricos de Mann-Whitney e Wilcoxon). As análises apontaram que os participantes de ambos os grupos tinham indicadores de habilidades sociais e saúde mental estatisticamente semelhantes nas avaliações de pré-teste e linha de base 1.Quanto aos efeitos da intervenção, o tratamento dos dados apontaram mudanças que indicam melhora estatisticamente significativas para o grupo experimental nos instrumentos QHC-Universitário, IHS-Del-Prette, BAI, BDI e Mini-SPIN ao longo das três avaliações. A mesma análise entre as linhas de base 1 e linha de base 2 do grupo controle não indicou nenhuma mudança estatisticamente significativa. A comparação entre as avaliações de pré e pós-teste do grupo experimental, usando o Psicoinfo, também indicou ganhos que podem ser atribuídos à intervenção. De modo geral, os dados sugerem ampliação do repertório HS e diminuição de indicadores de ansiedade e depressão no grupo experimental e ausência.

CO-21 DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS SOCIAIS PROFISSIONAIS EM UM GRUPO DE ENGENHEIROS: CONTRIBUIÇÃO DE FERRAMENTAS DE COACHING COGNITIVO-COMPORTAMENTAL

Claudia Regina Carraro (UNITAU), Marilsa de Sá Rodrigues (UNITAU), Elvira Aparecida Simões de Araujo (UNITAU), Maria Júlia Ferreira Xavier Ribeiro (UNITAU)

Cada vez mais o mercado de trabalho tem exigido de profissionais engenheiros competências sociais importantes no desempenho de suas funções. A ênfase dos cursos de engenharia está no ensino de competências técnicas, cabendo ao engenheiro buscar o aprendizado de competências sociais fora da universidade. Este trabalho descreve um treino de habilidades sociais profissionais com ferramentas de coaching cognitivo-comportamental. Participaram oito engenheiros, cinco mulheres e três homens, com idades entre 24 e 35 anos, alunos de um curso de especialização. O treino foi aplicado em seis encontros semanais com três horas de duração cada, nas dependências da própria universidade. No primeiro encontro foram explicados os objetivos e regras do treino. Uma lista com habilidades sociais profissionais

(elaborada com base na literatura) foi a base de avaliação a partir da qual os participantes selecionaram quais eram mais relevantes ao seu desenvolvimento pessoal no exercício de suas funções. Cada participante fixou também sua meta individual de desenvolvimento. As habilidades apontadas por todos os participantes foram selecionadas como alvos gerais do treino: Identificar e aceitar diferenças, assertividade, dar e receber feedback, fazer e receber elogios, analisar problemas e tomar decisão. Ao final de cada sessão, cada participante preenchia um formulário no qual avaliava o que aprendeu naquela sessão e planejava o que fazer durante a semana para aplicar o aprendido – passos para a ação. A sessão subsequente se iniciava pela discussão das práticas de aprendizado propostas durante a semana, dificuldades e sucessos. Cada uma das habilidades alvo foi abordada por meio de apresentação didática e discussão em grupo. As ferramentas de coaching cognitivo-comportamental usadas foram sistema Dual de conceituação de caso, modelo ABCDEF de reestruturação cognitiva, técnica To-Do de passos para a ação (tarefa de casa), modelo POSTURA de resolução de problemas e questionamento socrático. O autorrelato da percepção de melhoria após o treino indica que houve desenvolvimento referente às metas individuais e também nas demais habilidades alvo do treinamento. As ferramentas empregadas produziram autorrelatos que descreviam comportamentos a serem emitidos, descreviam variações topográficas dessas emissões, descreviam consequências e agentes sociais e condições relevantes para liberação (ou não) dessas consequências e principalmente, descreviam transformações no repertório comportamental relativo às habilidades trabalhadas. Assim, o foco no futuro enfatizado pelo coaching, cujas ferramentas requereram um plano de ação que pudesse ser verificado em grupo e também na comunidade social natural do engenheiro participante, favorece objetivos construcionais ao promover clareza aos participantes das relações entre comportamentos e consequências sociais.

CO-22 EDUCAÇÃO MUSICAL E HABILIDADES SOCIAIS: BUSCANDO UMA RELAÇÃO EMPÁTICA

Ilza Zenker Leme Joly (UFSCAR), Renata Franco Severo Fantini (UFSCAR)

Este estudo tem o objetivo de incentivar o diálogo entre as áreas de educação musical e a área específica, que trata das de habilidades sociais. Busca investigar em que medida aulas de música, na coletividade, podem contribuir para o desenvolvimento musical, social e humano de seus participantes. Ao longo dos anos temos observado que para além do desenvolvimento musical, cultural e estético tal projeto tem possibilitado oportunidades sociais enriquecedoras para crianças e seus familiares a partir das diversas vivências musicais. Estudiosos da área de educação musical defendem o potencial das atividades musicais para amenizar os medos, as ansiedades, além de promover autoconhecimento, atitudes de escuta e de respeito, elementos indispensáveis para a educação de todos. Por outro lado, a literatura tem

evidenciado a importância da música na mediação entre as relações das próprias crianças e entre essas e seus pais ou responsáveis. Este estudo analisou um conjunto de atividades ministradas para crianças e seus familiares em um projeto de extensão desenvolvido no Laboratório de Musicalização denominado “Iniciação Musical ao longo da vida”, que oferece oportunidades de vivências musicais entre crianças pequenas e seus familiares (Música em Família) e também aulas de flauta doce, igualmente oferecidas para crianças e seus pais (Iniciação Musical – flauta doce). Para a coleta de dados foi utilizado o registro em vídeo de todas as aulas, em câmera fixa. Foram realizadas observações e leituras sistemáticas dos vídeos, de forma a identificar as habilidades sociais envolvidas nas interações dos participantes das aulas, tendo como base o livro “Psicologia das habilidades sociais” de Zilda e Almir del Prette. Foram registrados 8 encontros, com duração de 60 minutos, de cada um dos cursos (Música em família e Flauta doce). A análise dos dados foi feita com uma perspectiva qualitativa, trazendo à tona as habilidades observadas, descrevendo e evidenciando os avanços com base nos autores a que nos referimos. Os resultados, de maneira geral, mostraram que as aulas de música podem contribuir para o desenvolvimento de habilidades sociais tais como o auto-controle e expressividade emocional; habilidades empáticas, assertivas, de civilidade; de fazer amizades e de solução de problemas. As observações do curso “Música em família” mostraram o impacto positivo no estabelecimento de amizades; no desenvolvimento das habilidades de auto-conhecimento; no desenvolvimento da sensibilidade e expressividade emocional. As aulas de flauta doce mostraram as interações e a ampliação dos vínculos de amizade e afeto entre as crianças, entre os pais e entre pais e crianças, além do desenvolvimento da auto-estima e reconhecimento de seu papel social. Nesse contexto verificamos o importante papel de mediadores exercido pelos pais como agentes reforçadores de civilidade, assertividade e empatia ao longo das propostas musicais. Conclui-se que um olhar mais atento para o desenvolvimento das habilidades sociais no âmbito do projeto “Iniciação musical ao longo da vida” contribui para criar um ambiente social e cultural seguro para seus participantes e que, o diálogo entre as áreas aqui estudadas muito pode contribuir para a ampliação de propostas de educação musical engajadas no desenvolvimento humano geral.

CO-23 EFEITOS DA INTERVENÇÃO ANALÍTICO COMPORTAMENTAL E TREINO DE HABILIDADES SOCIAIS COM MULHERES COM ANSIEDADE E DEPRESSÃO

Giovanna Eleutério Levatti (UNESP/Bauru), Alessandra Turini Bolsoni-Silva (UNESP/Bauru)

Estudos têm demonstrado alta prevalência dos diagnósticos de ansiedade e depressão, inclusive da comorbidade entre ambos, fator que antecede piores prognósticos. Pode-se afirmar que existe uma lacuna quanto à pesquisa em intervenção psicológica para pessoas com essa comorbidade, na fase adulta, com

uso do Treino de Habilidades Sociais (THS). O presente trabalho teve como objetivo descrever os efeitos de Terapia Analítico–Comportamental com uso de THS no tratamento de três mulheres com ansiedade e depressão, apresentando ambos os diagnósticos. O trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética. Participaram deste estudo três mulheres com ansiedade e depressão, usuárias de uma clínica-escola. As clientes serão denominadas P1, P2 e P3; P1 fazia uso de medicação há 14 anos, P2 há 10 anos e P3 há 3 anos, mantendo o quadro de ansiedade e depressão no início da terapia. As três participantes estavam na faixa etária dos 40 anos, eram mães, casadas e exerciam trabalho remunerado. Ao longo de nove meses foi realizada intervenção analítico - comportamental com THS, por três díades terapeuta – cliente, ou seja, três clientes e três terapeutas. Os resultados foram obtidos através da correção dos instrumentos Inventário de Habilidades Sociais (IHS – Del – Prette), Inventário de Ansiedade de Beck (BAI), Inventário de Depressão de Beck (BDI), Patient Health Questionnaire – 9 (PHQ-9) e Entrevista Semi Estruturada desenvolvida para uso nos casos do estudo; aplicados antes, ao longo, ao término da intervenção, e após dois meses para P1 e P2. Para fins de análise, foram utilizados os escores brutos obtidos por meio da aplicação do IHS – Del – Prettte. A partir da Entrevista Semi Estruturada foi possível descrever as queixas iniciais de cada cliente, as queixas similares, e definir os objetivos comportamentais. Foram identificadas queixas em comum: Déficit em Habilidades Sociais no âmbito profissional, Déficit em Habilidades Sociais Conjugais e Déficit em Habilidades Educativas Parentais, identificados a partir da Entrevista previamente aplicada; os objetivos propostos para as três clientes envolveu comunicação assertiva, nos âmbitos laboral, conjugal e parental. As participantes P1 e P2, que apresentavam escores clínicos para ansiedade e depressão antes da intervenção, atingiram escores não clínicos. P3 apresentou escores mínimos no pré teste em todos os instrumentos, contudo, é importante ressaltar que os escores apresentaram diminuição, por exemplo, no BDI, passou de 09 a zero. P3 finalizou os atendimentos mas não respondeu aos instrumentos no seguimento. Quanto aos resultados obtidos pelo IHS – Del - Prette, para P1 houve melhora nos itens declarar sentimento amoroso e elogiar familiares, já no Fator 3, relacionado à conversação, houve aumento em todas as pontuações, exceto para o item Encerrar conversa ao telefone. Para P2, houve melhora em conversação e desenvoltura social, principalmente nos itens encerrar conversação, manter conversação e encerrar conversa ao telefone. Já P3, apresentou aumento das pontuações dos itens declarar sentimento amoroso e manter conversa com desconhecidos; elogiar familiares e elogiar outrem. Pode-se considerar que a intervenção proposta alcançou seu objetivo de solucionar queixas nos âmbitos conjugal, parental e laboral, possivelmente influenciando para a resolução dos quadros de ansiedade e depressão.

CO-24 ELABORAÇÃO E AVALIAÇÃO DE ITENS DE UM INSTRUMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS PARA FAMILIARES CUIDADORES DE PACIENTES PSIQUIÁTRICOS

Diego C. Lima (UFSCar), Zilda A. P. Del Prette (UFSCar), Marina Bandeira (UFSJ)

O objetivo do presente estudo foi de elaborar e avaliar os itens de um instrumento de habilidades sociais (HS) para familiares cuidadores de pacientes psiquiátricos. A primeira etapa do processo compreendeu a definição constitutiva e operacional do construto. Na segunda etapa, os itens foram elaborados a partir de três fontes de informação: (a) entrevistas com familiares cuidadores (N = 62); (b) entrevistas com profissionais, de diferentes áreas da saúde (N = 9), funcionários de um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS); (c) consulta a instrumentos de HS, de conceitos relacionados e medidas específicas de avaliação de familiares (N = 13). Na terceira etapa, foi realizada a análise da qualidade dos itens por juízes, mestres e doutores, das áreas de saúde mental e HS. Na quarta etapa, foi realizado um estudo piloto com 10 familiares, visando avaliar a compreensão das questões. O construto foi definido como um conjunto de comportamentos que o familiar cuidador deve apresentar para garantir a efetividade e qualidade do relacionamento com seu parente diagnosticado com transtorno psiquiátrico e com outras pessoas relacionadas, como outros familiares, pessoas da região/comunidade em que reside e profissionais do serviço de saúde mental. A definição operacional do construto revelou comportamentos pelos quais as HS se expressam, os quais foram categorizados em oito subclasses: (a) HS de comunicação; (b) HS assertivas de enfrentamento; (c) HS empáticas; (d) HS de expressão de sentimento positivo; e) HS de suporte/apoio social; (f) HS educativas; (g) HS de supervisão/manejo de comportamentos problemáticos; e (h) estratégias e habilidades de processamento. Inicialmente, foram elaborados 368 itens. Após a exclusão de itens repetidos e não pertinentes para o contexto, restaram 223. Na análise da qualidade por juízes da área de saúde mental foram excluídos 46 itens. Uma etapa intermediária de avaliação, realizada pelo pesquisador responsável, excluiu outros 23 itens. Um total de 154 itens foi analisado por peritos da área de HS e foram excluídos 13 itens que não foram considerados como HS e outros 16 que não alcançaram 75% de concordância na classificação das subclasses. Por fim, restaram 125 itens nas oito subescalas. Diante do extenso número de itens, o pesquisador responsável optou por selecionar os que foram considerados como mais relevantes na avaliação dos juízes, de cada uma das subclasses para compor a versão piloto do instrumento, que ficou composta por 75 itens. Esta versão foi testada com 10 familiares cuidadores e cinco foram eliminados devido a problemas de compreensão. A versão do instrumento que será, posteriormente, avaliada em relação à estrutura e consistência interna possui 70 itens divididos em oito subescalas. Considera-se que o instrumento, que está em processo de desenvolvimento, será uma importante ferramenta para os profissionais da área de saúde mental, principalmente de CAPS, na identificação de habilidades necessárias para um efetivo relacionamento entre familiar e paciente. Além disso, pesquisadores poderão elaborar um Treinamento de Habilidades Sociais para a população de familiares e testar a efetividade do mesmo a partir de um instrumento específico, que contempla habilidades e situações contingentes à prestação de cuidados.

CO-25 FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM HABILIDADES SOCIAIS E HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS EM ESCOLA ESTADUAL

Isabella Caroline Sotocorno (USP - Ribeirão Preto - SP), Ana Clara Rodrigues Almeida (USP - Ribeirão Preto - SP), Letícia Melo (USP - Ribeirão Preto - SP), Luciana Carla dos Santos Elias (USP - Ribeirão Preto - SP)

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da educação, é função da escola garantir o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e para o trabalho, a partir dos princípios de liberdade e dos ideais de solidariedade humana. Este trecho de lei remete a uma concepção de educação que não se restringe à aquisição de conteúdos acadêmicos, mas também à promoção do desenvolvimento socioemocional dos alunos. Nesse sentido, o educador pode, intencionalmente, desenvolver estratégias de ensino e aprendizagem que alcance tais objetivos. Para isso, é possível desenvolver com o professor Habilidades Sociais Educativas para que ele, por sua vez, seja capaz de desenvolver Habilidades Sociais com os alunos. A aquisição de Habilidades Sociais está relacionada a um melhor desempenho acadêmico e a diminuição dos problemas de comportamento dos alunos. Sendo assim, este trabalho teve como objetivo realizar uma intervenção estruturada para o desenvolvimento de Habilidades Sociais e Habilidades Sociais Educativas com professores do Ensino Fundamental e Ensino Médio de uma Escola Estadual de Ribeirão Preto. Objetivou, também, instrumentalizar professores na elaboração de estratégias de mediação em sala de aula que facilitem a aprendizagem e reduzam problemas de comportamento; melhorar a qualidade das relações interpessoais entre professores e alunos e aumentar a satisfação de ambos em ambiente escolar. Foram realizados 16 encontros semanais de 50 minutos em horário de ATPC. Participaram da intervenção 12 professores, um vice-diretor e uma coordenadora. Foram utilizados conteúdos expositivos por meio de recursos eletrônicos, discussões, vivências e role-playings. Foram propostas, ainda, tarefas semanais para reflexão e aplicação prática dos conteúdos trabalhados. Os resultados parciais indicaram que os professores souberam discriminar estratégias adequadas anteriormente utilizadas, mantendo-as e reforçando habilidades apresentadas e possibilitando planejamento intencional para atingir os objetivos pretendidos. Possibilitou-se, ainda, que os professores servissem como modelos de comportamento entre si e exercessem habilidades sociais de trabalho. Outro resultado a ser destacado foi a percepção dos professores sobre a importância de relações positivas entre eles e os alunos para a aprendizagem efetiva e a sensibilização sobre a relação entre a autoeficácia do aluno e seu desempenho escolar. Evidenciou-se a necessidade de implementação de espaços de interação entre a equipe escolar, com troca de estratégias e experiências em geral, além de contextos de formação focando o desenvolvimento socioemocional dos alunos e as interações satisfatórias no ambiente escolar. Os resultados vão ao encontro das pesquisas que apontam para a relação entre habilidades sociais de professores e o desempenho social e acadêmico dos alunos. Esta implementação deve contar com o acompanhamento de profissional especializado. Como principais limitações,

destacam-se o pouco tempo semanal para intervenção e as dificuldades apresentadas para a realização das tarefas semanais iniciais.

CO-26 IMPACTO DE UM PROGRAMA DE HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS PARA PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL I

Ivana Gisel Casali (UNASP/EC), Zilda Aparecida Pereira Del Prette (UFSCar)

O repertório de habilidades sociais vem sendo reconhecido como um componente crucial para a qualidade de vida das pessoas, sendo requisito indispensável para o desempenho socialmente competente. No Brasil, a partir da década de 1990, programas de Treinamento em Habilidades Sociais (THS) com delineamento experimental têm sido implementados de forma crescente em diversos contextos e com diferentes amostras. Numerosos programas desse tipo são realizados no ambiente escolar, sendo frequente o trabalho com professores. Enquanto mediador das relações estabelecidas na sala de aula e, assim, do processo ensino-aprendizagem, o professor pode manter, fortalecer ou até enfraquecer comportamentos sociais nos alunos, influenciando tanto o desempenho social quanto o rendimento acadêmico. A literatura aponta que, enquanto o manejo inefetivo dos professores encontra-se associado ao surgimento e/ou manutenção de problemas de comportamento nos alunos, professores socialmente habilidosos possibilitam o arranjo de condições interativas que contribuem para o desempenho acadêmico e o ajustamento psicossocial das crianças. Torna-se indispensável, para o sucesso da tarefa educativa, que os docentes dominem o uso dos processos que acompanham a aprendizagem de comportamentos sociais ou não sociais, sendo eles: observação (aprendizagem vicariante ou por modelação), uso de instruções (estabelecimento de um sistema de regras) e consequenciação (manejo de consequências reforçadoras ou punitivas após a emissão de comportamentos desejados ou indesejados). Justifica-se, dessa forma, o investimento em programas que treinem professores no que respeita a Habilidades Sociais Educativas, definidas como aquelas intencionalmente voltadas para a promoção do desenvolvimento e da aprendizagem do outro, em situação formal ou informal. O repertório dessas habilidades nesses agentes poderiam, além de contribuir para o desenvolvimento infantil saudável, promover relacionamentos mais eficazes e contribuir para a qualidade de vida nesses adultos. Diante disso, o presente estudo teve como objetivo avaliar o impacto de um Programa de Treinamento de Habilidades Sociais Educativas para professores (PHSE-Professores) sobre o próprio repertório de habilidades sociais educativas. Participaram do estudo treze docentes da rede municipal de uma cidade localizada no interior de São Paulo, de gênero feminino e de diversas áreas. Realizaram-se, semanalmente e durante um semestre, 15 sessões de intervenção grupais, com duração aproximada de 75 minutos. Foram feitas avaliações antes (pré-intervenção), durante (de processo) e depois (pós-intervenção) do programa, usando filmagens e

diversos instrumentos e protocolos, como o Inventário de Habilidades Sociais (IHS) e o Inventário de Habilidades Sociais Educativas – versão para professores (IHSE-Professores). Os dados coletados ainda serão analisados descritiva e inferencialmente por meio de programas estatísticos, adotando o nível de significância de 0,05 ($p < 0,05$), e estarão disponíveis para serem apresentados no Seminário.

CO-27 HABILIDADES SOCIAIS DE MENINAS E MENINOS NO ENSINO FUNDAMENTAL I: ASSOCIAÇÃO COM PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO E DESEMPENHO ESCOLAR

Márcia Viana Amaral (FFCLRP-USP), Luciana Carla dos Santos Elias (FFCLRP-USP).

O termo Habilidades Sociais (HS) aplica-se às diferentes classes de comportamentos sociais do repertório de um indivíduo e deve colaborar para a resolução de problemas imediatos e redução da ocorrência de problemas futuros. Crianças com melhor desempenho em HS mostram-se mais ajustadas às situações de vida em relação as que apresentam dificuldades nessas habilidades, constituindo-se, portanto, em um fator de proteção e adaptação psicossocial. O objetivo geral deste estudo foi caracterizar as HS, problemas de comportamento e desempenho escolar de meninas e meninos de escolas públicas municipais no Ensino Fundamental (EF) I e verificar se há associações entre essas variáveis. Participaram 833 crianças, sendo 390 meninas e 443 meninos, com média de idade de 8 anos e 5 meses, alunos do 1º ao 5º ano do ensino fundamental de 17 escolas públicas municipais pertencentes à rede municipal de ensino de duas cidades de pequeno e médio porte do interior paulista. Foram selecionadas randomicamente salas do 1° ao 5° ano de cada município, totalizando 418 participantes do Município A e 415 participantes do Município B, sendo 138 alunos do 1° ano, 179 do 2°, 250 do 3°, 109 do 4° e 157 alunos do 5° ano. Também participaram, como informantes, 46 professoras. As crianças foram avaliadas quanto às HS, problemas de comportamento e competência acadêmica por meio do Social Skills Rating System (SSRS-BR), versão para professores; quanto ao desempenho escolar, utilizou-se o Teste de Desempenho Escolar (TDE), a Provinha Brasil (para o 1°, 2° e 3° ano – com adaptações para 3° ano) e a Prova Brasil (para 4° e 5° ano). Também foram levantados o IDEB e a localização das escolas, os quais foram classificados em categorias. Para a análise de dados, foram utilizadas estatísticas descritivas, comparações e correlações. Os resultados preliminares apontaram que as meninas obtiveram maior escore em HS do que os meninos, bem como apresentaram menos problemas de comportamento, conforme indicado pelo teste t. Não foram verificadas diferenças significativas entre os sexos quanto ao desempenho escolar. Nas comparações intragrupos, as análises do teste Post-hoc sugeriram que houve diferença significativa entre os anos escolares em relação às variáveis asserção positiva, cooperação com pares, comportamentos problemáticos totais, externalizantes e internalizantes. Também foram encontradas diferenças entre os

anos em relação ao desempenho escolar, sugerindo aumento progressivo no decorrer dos anos do EF. A análise da localização das escolas sugeriu desempenho superior das escolas não periféricas em relação às periféricas. Correlações de Pearson apontaram associação moderada entre a maioria das variáveis. Foram identificadas correlações negativas entre HS e problemas de comportamento e entre competência acadêmica e problemas de comportamento, além de correlação positiva entre HS e competência acadêmica. Considera-se que os resultados parciais encontrados podem contribuir para instrumentalizar o planejamento de programas voltados ao desenvolvimento de competências socioemocionais em crianças no processo de escolarização e, sobretudo, favorecer estratégias de intervenção e prevenção das dificuldades de aprendizagem e dos problemas de comportamento, considerando as peculiaridades existentes entre os diferentes sexos e anos escolares.

CO-28 HABILIDADES SOCIAIS E DESEMPENHO ACADÊMICO ANTES E APÓS TREINO DE INTERVENÇÃO EM CRIANÇAS DO PRIMEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL I.

Ana Cláudia Durão (FFCLRP-USP), Luciana Carla dos Santos Elias (FFCLRP-USP)

O ingresso da criança no primeiro ano do Ensino Fundamental I é reconhecido como um período de transição potencialmente estressante, pois os contextos se diferenciam e a vulnerabilidade frente às tarefas de desenvolvimento aumenta, podendo constituir-se em fator de risco para as crianças. Entretanto, esse período, configura-se como fundamental para o desenvolvimento de habilidades essenciais que irão impactar no posterior sucesso acadêmico e social das crianças. Sabe-se que essas habilidades podem ser adquiridas e afinadas no curso do desenvolvimento. Inúmeros estudos de intervenção que visam o desenvolvimento de habilidades que favorecem a convivência e as relações interpessoais vêm sendo desenvolvidos para auxiliar a criança a lidar com os vários desafios da meninice, entre eles, a escola. Nesta perspectiva, o desenvolvimento de Habilidades Sociais, que busca favorecer o ajustamento social e o sucesso no ambiente escolar, pode atuar como fator de proteção ao desenvolvimento e aprendizagem. Essas habilidades podem ser adquiridas por meio de intervenção e afinadas no curso do desenvolvimento; auxiliam no cumprimento de tarefas desenvolvimentais e podem contribuir para uma melhor qualidade da transição escolar. Baseado no enquadre bioecológico do desenvolvimento o presente estudo se reporta à possibilidade de a escola intervir nos esforços adaptativos dos alunos, por meio da capacitação dos mesmos, através de trabalho sistemático do professor, visto que, em nossa cultura, a experiência escolar é importante para as aquisições sociais e educacionais das crianças, bem como esse contexto configura-se em um lugar onde as Habilidades Sociais se desenvolvem. Dessa forma, o presente estudo objetivou caracterizar e verificar se existem diferenças quanto às Habilidades Sociais e desempenho acadêmico de crianças antes e após passarem por treinamento específico para o desenvolvimento de

Habilidades Sociais desenvolvido na escola. Participaram 60 alunos do primeiro ano do ensino fundamental I (30 do Grupo Intervenção – GI e 30 do Grupo Controle – GC) e suas professoras. As crianças foram avaliadas antes e após intervenção quanto ao desempenho acadêmico e Habilidades Sociais, através da Provinha Brasil/ INEP e Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais SSRS-BR (Social Skills Rating System) formulário para professores, respectivamente. As análises apontaram resultados superiores de GI em relação ao GC em diferentes variáveis e corroboram com a literatura indicando que intervenções preventivas atuam como fator de proteção ao desenvolvimento, aumentando e aprimorando o repertório de Habilidades Sociais e produzindo impacto positivo no desempenho escolar. Dessa forma, este estudo corrobora para a importância de elaboração e implantação de ações de caráter universal que visam o desenvolvimento de Habilidades Sociais como possibilidades concretas de trabalho preventivo na área da educação.

CO-29 HABILIDADES SOCIAIS E PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO DE CRIANÇAS COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO: COMPARAÇÃO DE RELATO DE PAIS E PROFESSORES

Ana Paula de Oliveira (Unesp), Vera Lucia Messias Fialho Capellin (Unesp), Olga Maria Piazentin Rolim Rodrigues (Unesp)

Há controvérsias na literatura a respeito do repertório de habilidades sociais de pessoas com Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD). Alguns estudos apontam que elas teriam maior probabilidade para apresentar problemas sociais e emocionais, outros que a probabilidade é a mesma que em outras populações. Este estudo teve por objetivo descrever as habilidades sociais e problemas de comportamento de crianças com AH/SD, considerando o sexo da criança sob o ponto de vista de seus pais/responsáveis e professoras. Participaram 10 pais/responsáveis (sete mães, uma avó e dois pais), com idade entre 30 e 56 (média = 38,50; DP = 9,22) e oito professoras do Ensino Fundamental de uma escola pública, com idade entre 28 a 63 anos (média = 43,25; DP = 11,36). As 10 crianças com AH/SD a que se refere o relato dos participantes eram seis meninos e quatro meninas com idade entre seis e dez anos (média = 8,60; DP = 1,43). Os participantes responderam ao instrumento Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais – SSRS, para identificar os comportamentos habilidosos e problemáticos. Utilizou-se o teste de Wilcoxon para as análises comparativas. Analisando a amostra total, em relação às habilidades sociais (HS), as professoras apontaram que as crianças apresentam significativamente mais responsabilidade (p=0,005) e autocontrole (p=0,025) que os pais/responsáveis. E os pais/responsáveis relataram que elas emitem mais afetividade/cooperação (p=0,008). Em relação aos problemas de comportamento (PC), houve diferença nos externalizantes (p=0,008), segundo o relato dos pais/responsáveis, corroborando os resultados encontrados na literatura. Comparações nos fatores geral de habilidades

sociais e problemas de comportamento, desenvoltura social e internalizantes não apresentaram diferenças significativas. Considerando separadamente meninos e meninas observou-se, em relação ao percentil do SSRS, que o relato das professoras apontou para necessidade de atenção preventiva nos fatores: problemas de comportamento internalizantes e hiperatividade para meninas e meninos; problemas de comportamento geral e externalizantes para os meninos, e necessidade de intervenção em desenvoltura social para as meninas. As professoras apontaram que, tanto as meninas quanto os meninos, apresentaram hiperatividade. Os pais/responsáveis relataram que as meninas possuem bom repertório social sem necessidade de intervenção, entretanto, indicaram a necessidade de intervenção para os meninos em problemas de comportamento geral e externalizante. Pais/responsáveis e professoras relataram mais problemas de comportamento para os meninos, condizente com dados encontrados na literatura da área. Os resultados apontaram que os estudantes apresentavam habilidades sociais, entretanto, com indicativos de necessidade de atenção preventiva e intervenção nos fatores que apresentaram déficits sociais de acordo com o relato dos pais/responsáveis e professoras. Tais dados possibilitam que sejam programadas intervenções preventivas, conforme indicação dos participantes.

CO- 30 HABILIDADES SOCIAIS E PROBLEMAS DE EM COMPORTAMENTO DE CRIANÇAS SITUAÇÃO DE ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL: UMA ANÁLISE DESCRITIVA E COMPARATIVA

Lívia Lira de Lima Guerra (UFSCar), Zilda Aparecida Pereira Del Prette (UFSCar)

Um amplo repertório de habilidades sociais (HS) tem sido apontado como fator de proteção a problemas de comportamento e outros no curso do desenvolvimento infantil, inclusive para crianças em situação de vulnerabilidade, como é o caso das crianças em situação de acolhimento institucional. A literatura aponta que estas apresentam déficits acentuados no desenvolvimento físico e cognitivo, se comparadas ao desenvolvimento típico. Portanto, pode-se questionar como estaria o desenvolvimento socioemocional dessa população específica em termos de habilidades sociais e problemas de comportamento (PC). O presente estudo teve o objetivo de caracterizar o repertório de habilidades sociais e problemas de comportamento de crianças em situação de acolhimento institucional. Pretendeu-se também comparar o repertório de HS e PC da amostra em relação à média normativa, a partir do escore geral de HS, PC e variáveis sociodemográficas. Participaram, de ambos os gêneros, 36 crianças, na faixa etária de 6 a 12 anos e 19 cuidadores de referência, como avaliadores do repertório das crianças. Os dados foram coletados em quatro instituições localizadas em três cidades de médio porte do interior do Estado de São Paulo/SP. Para tanto, foi utilizado o Inventário de Habilidades Sociais, Problemas de Comportamento e Desempenho acadêmico (SSRS), nas versões de HS (autoavaliação pela criança e avaliação pelos pais, modificada para cuidadores) e

problemas de comportamento. As análises estatísticas descritivas e comparativas mostraram que: (1) Mais da metade da amostra de crianças foi classificada como tendo repertório deficitário e médio inferior em habilidades sociais, tanto na autoavaliação quanto na avaliação do cuidador; (2) O maior déficit foi na classe de empatia, já na classe de assertividade foram encontrados os maiores recursos em habilidades sociais; (3) A amostra de crianças apresentou repertório altamente comprometido em problemas de comportamento, sendo os do tipo externalizantes, os mais frequentes; (4) O repertório de habilidades sociais correspondente aquelas agrupadas no fator Autocontrole-Civilidade – deficitárias na amostra – foi o mais associado aos problemas de comportamento, corroborando com outros estudos na área; (5) Sobre a análise comparativa, a amostra de crianças apresentou escores muito abaixo da norma em habilidades sociais; (6) Não foram encontradas diferenças significativas em termos de Habilidades Sociais em relação a gênero e idade – meninas e crianças mais novas relatam repertório maior em HS, o que seria esperado, de acordo com o manual do instrumento; (7) Não foram encontradas diferenças significativas em termos de Problemas de Comportamento em relação a gênero e idade. Os resultados sugerem déficit significativo em desenvolvimento socioemocional na amostra, em termos do mínimo em habilidades sociais e o máximo em problemas de comportamento. Discute-se a importância de intervenções voltadas para a promoção de habilidades sociais das crianças institucionalizadas, como forma de contribuir para seu desenvolvimento.

CO-31 HABILIDADES SOCIAIS E QUALIDADE DE VIDA DE PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL

Marcela Mangili Esteves (UFSCar), Zilda Aparecida Pereira Del Prette (UFSCar)

As condições de trabalho dos professores de Educação Fundamental são reconhecidamente precárias, comprometendo sua saúde física e mental e, consequentemente, sua qualidade de vida. Um dos fatores de qualidade de vida é um bom repertório de habilidades sociais, que contribui para relações interpessoais mais produtivas e satisfatórias, inclusive para a interação professor-aluno e, por essa via, para o processo de ensino-aprendizagem. O presente estudo analisou indicadores de qualidade de vida (QV) e de habilidades sociais (HS) de professores, levando em conta as variáveis sociodemográficas, que poderiam moderar essa relação. Participaram 72 professoras de Educação Básica, do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, de escolas públicas de uma cidade do interior paulista, que completaram o Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette, versão 2016), o Questionário de Qualidade de Vida (WHOQOL-abreviado) e dois questionários sociodemográficos (Critério-Brasil e “Conhecendo um pouco mais sobre você”). Foram efetuadas análises descritivas sobre HS e QV bem como análises inferenciais de correlação entre essas variáveis, considerando-se o grupo total e comparações em

cada um dos subgrupos contrastantes nas variáveis sociodemográficas, adotando-se nível de significância p≤0,05. Os resultados mostraram que: (a) no IHS-Del-Prette os participantes pontuaram escores gerais e fatoriais acima do ponto central da escala, com exceção do F5 que ficou abaixo; (b) no WHOQOL os escores de todos os domínios se localizaram acima do ponto central da escala; (c) foram encontradas correlações positivas entre HS e QV: (c1) Escore Geral de HS e de QV (r = 0,263; p = 0,025) e entre Escore Geral de HS e os domínios QV2-Psicológico (r = 0,354; p = 0,002) e QV3-Relações Sociais (r = 0,368; p = 0,001); (c2) Domínio QV2- Psicológico com HS-Fator 3-Assertividade de Autodefesa (r = 0,328; p = 0,005); (c3) QV3-Relações Sociais e HS-Fator1-Conversação e Desenvoltura Social (r = 0,293; p = 0,013), HS-Fator2–Expressão de Sentimento Positivo (r = 280; p = 0,017) e HS-Fator4-Assertividade e Autoexposição Social (r = 0,334; p = 0,004); (d) foi obtida maior quantidade de correlações (na direção dos resultados gerais na amostra) para as professoras de maior idade (a partir de 42 anos), com maior nível de escolaridade (pós graduação), maior carga de trabalho (mais de uma escola) e com experiência acima de 13 anos. Os resultados permitem concluir que há correlação positiva entre HS e QV, principalmente entre o Escore Geral de HS e os domínios psicológico e de relações sociais de QV. Além disso, verificou-se que idade, formação acadêmica, carga de trabalho e tempo de formação podem constituir variáveis moderadoras dessa relação. São discutidas as implicações práticas decorrentes desses resultados bem como as limitações do estudo e novas questões de investigação.

CO-32 HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS, PRÁTICAS NEGATIVAS, SAÚDE MENTAL MATERNA E REPERTÓRIO COMPORTAMENTAL DE CRIANÇAS DIFERENCIADAS POR SEXO E POR PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO: UM ESTUDO COMPARATIVO

Rafaela Pires de Assis (UNESP), Alessandra Turini Bolsoni-Silva (UNESP)

O presente estudo teve como objetivo comparar repertório comportamental de mães (habilidades sociais educativas, práticas negativas e condições de saúde mental) e de crianças (problemas de comportamento e habilidades sociais infantis), controlando as variáveis sexo (meninos e meninas) e indicadores diagnósticos de problemas de comportamento. A amostra foi composta por 40 crianças, escolares de 1º a 5º ano do Ensino Fundamental, mediante avaliação de mães e professores, sendo 20 crianças com problemas de comportamento (grupo clínico, subdividido de forma a ser composto por 10 meninas e por 10 meninos), 20 crianças sem problemas de comportamento (grupo não clínico, composto por 10 meninas e 10 meninos), suas mães e professores. Com os professores foi utilizado o Inventário dos Comportamentos de Crianças e Adolescentes entre 6 e 18 anos (TRF). Com as mães foram utilizados o Inventário de Comportamentos da Infância e Adolescência para pré-escolares e escolares de 4 a 18 anos (CBCL), Roteiro de Habilidades Sociais

Educativas Parentais (RE-HSE-P), Questionário de Respostas Socialmente Habilidosas (QRSH-Pais) e o Patient Health Questionnaire (PHQ-4). Os dados foram categorizados de acordo com instruções próprias dos instrumentos e foram conduzidas análises estatísticas comparativas entre os grupos (Teste U de Mann-Whitney e Teste Qui-Quadrado). Os resultados indicaram que o grupo de crianças clínicas apresentou maiores taxas em queixas de comportamentos problema e, suas mães, apresentaram mais sintomas de ansiedade/depressão e práticas negativas, enquanto o grupo de crianças não clínicas apresentou mais habilidades sociais e suas mães mais habilidades sociais educativas. As comparações entre os grupos de meninos e meninas, grupos de meninas clínicas e meninos clínicos e grupo de meninas não clínicas e meninos não clínicos revelaram que estes não diferiram significativamente quanto às queixas de problemas de comportamento, como também não diferiram nas práticas educativas parentais e saúde mental materna. Desta maneira, com os achados deste estudo, conclui-se que, quando controlado o mesmo número de participantes com e sem problemas de comportamento, na comparação entre clínicos e não clínicos, o que diferencia as práticas educativas parentais consiste, sobretudo, no fato de a criança apresentar ou não problemas de comportamento e não propriamente na variável sexo. Ou seja, uma possível explicação para tal fato seria que as práticas educativas parentais poderiam ficar mais sob controle dos comportamentos do que sob controle do sexo da criança. Assim, reveste-se de importância o controle de variáveis como sexo e presença ou ausência de problemas de comportamento ao estudar práticas educativas parentais e problemas de comportamento. Acredita-se que uma das principais contribuições deste trabalho consistiu no controle metodológico com relação à constituição da amostra, inserindo-se na lacuna da literatura quanto ao controle de variáveis.

CO-33 HABILIDADES SOCIAIS DE ADOLECENTES COM ALTAS HABILIDADES E SUPERDOTAÇÃO (AH/SD) IDENTIFICADOS EM INSTITUIÇÕES NO CENTRO-OESTE, BRASIL

Maristela Barcelos Costa (UCES - Buenos Aires)

Este estudo tem como objetivo pesquisar as Habilidades Sociais em alunos com Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD), em sua concepção epistemológica, partiu do pressuposto que as altas habilidades cognitivas são interacionistas, ou seja, reúnem aspectos inatos e empíricos. As habilidades sociais são predominantemente empíricas. Para embasar tal postulado, este trabalho contou com os pressupostos teóricos da teoria cognitiva (TC) em que Del Prette vem confirmar não apenas que as habilidades sociais são de base empírica, mas também as interliga com a inteligência. Sob o prisma da Teoria Comportamental, poderia deduzir-se então que quanto mais inteligência cognitiva, maiores as chances de desenvolver boas habilidades sociais. Não obstante, em uma análise menos superficial e que mais se aproxima da prática percebe-se que as pessoas possuem diferentes níveis de habilidades em diferentes

contextos e é preciso treinar para que as habilidades sociais se desenvolvam. Assim sendo, para o Treinamento de Habilidades Sociais (THS) existem diferentes sistemas de classificação, sendo uns mais abrangentes e outros mais detalhados. O sistema proposto por Del Prette inclui sete classes de habilidades, sendo: 1) autocontrole e expressividade emocional, 2) civilidade, 3) empatia, 4) assertividade, 5) fazer amizades, 6) solução de problemas interpessoais e 7) habilidades sociais acadêmicas. Através do caderno de Aplicação do Inventário de habilidades sociais para adolescentes (IHSA-Del-Prette) e um questionário socioeconômico, aplicados em 11 adolescentes diagnosticados com AH/SD, obtivemos o seguinte resultado: verificou-se que 56% são do sexo masculino e 44% do sexo feminino. A média de idade foi de 15,5 anos. No que se refere a classificação socioeconômica 33% das famílias pertencem a classe econômico-social D, 40% a classe C, 20% a classe B e 7% a classe A. Ao analisar as habilidades sociais dos adolescentes com AH/SD observou que a média total somando-se as habilidades de: empatia, autocontrole, civilidade, assertividade, abordagem afetiva e desenvoltura social foi de 57,27. Dentre tais habilidades a que apresentou menor escore foi a abordagem afetiva com 41,73 pontos; seguida da habilidade da civilidade com 47,27 pontos, ambas abaixo da média. Com escores pouco acima na média estão as habilidades do autocontrole com 53,09 pontos e empatia com 55,00 pontos. As habilidades que apresentaram os melhores escores foram: as habilidades da assertividade com 64,55 pontos e em primeiro a habilidade da desenvoltura social com 65,18 pontos. Através dos resultados preliminares encontrados pode-se perceber um baixo nível de desenvolvimento das habilidades sociais nos adolescentes que apresentam altas habilidades e superdotação. Dentre tais habilidades a que apresentou menor escore foi a abordagem afetiva seguida da habilidade da civilidade, ambas abaixo da média. Tal resultado indica a necessidade de intervenções tais quais o treinamento das habilidades sociais.

CO- 34 HABILIDADES SOCIAIS EM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL I: ASSOCIAÇÕES COM PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO E DESEMPENHO ACADÊMICO

Vivian Maria Degobbi Bérgamo (FCLRP-USP), Luciana Carla dos Santos Elias (FCLRP-USP)

Estudos na área das habilidades sociais têm apontado o estabelecimento de relações entre problemas de comportamento e desempenho acadêmico. Diante desse contexto, foi desenvolvido um estudo com recorte transversal e longitudinal que teve-se como objetivo primário verificar o desenvolvimento de Habilidades Sociais em alunos do Ensino Fundamental I durante um semestre. Já como objetivos secundários verificou-se as associações entre Habilidades Sociais, Problemas de Comportamento e Desempenho Acadêmico nos alunos dos diferentes anos do Ensino Fundamental I e; examinou se existe diferença entre sexo, no que tange as relações entre essas

variáveis. Os instrumentos utilizados no presente estudo foram: o Social Skills Rating System (SSRS-BR), versão para professores (que avalia habilidades sociais, problemas de comportamento e competência acadêmica), Prova Brasil- 2007 e Provinha Brasil - 2010 (para aferir desempenho acadêmico). Participaram 11 professores e seus alunos (277) regularmente matriculados na rede municipal de ensino de uma cidade do interior paulista, com idades entre seis e dez anos. Quanto ao procedimento, após aprovação do Comitê de Ética da FFCLRP-USP e concordância de participação de pais e professoras, iniciou-se as avaliações realizadas pelas professoras no início e final do semestre letivo. Quanto a análise, os dados obtidos com os instrumentos de avaliação das crianças de cada grupo foram cotados de acordo com as proposições de cada técnica. Os resultados obtidos foram transpostos para planilhas do programa estatístico Statistical Package for the Social Science – SPSS, versão 22. Inicialmente, foram obtidas as estatísticas descritivas para a amostra total e os diferentes grupos constituídos (etapas e sexo) como média, desvio padrão e mediana. As comparações entre a avaliação e reavaliação das medidas, para todos os instrumentos foi realizada através do teste t de Student para amostras pareadas, com nível de confiança de 95%. Foram avaliados separadamente as diferenças entre a avaliação e reavaliação de meninos e meninas através do teste t de Student. Comparações entre avaliação e reavaliação da amostra como um todo, apontaram diferenças significativas em algumas classes de habilidades sociais, como asserção positiva e autodefesa, onde os alunos apresentaram progressos. Em relação aos problemas de comportamento, observou-se que não houve diferença significativa entre avaliação e reavaliação; observou-se estabilidade de algumas variáveis, apontando que quanto maior o recurso inicial, maior o recurso final. Resultados referentes ao desempenho acadêmico sinalizaram diferenças significativas entre os dois momentos de avaliação, apontando para progressos na reavaliação. Nos resultados de comparações entre sexo, foram observadas diferenças significativas no que diz respeito algumas classes de habilidades sociais, apontando melhor desempenho das meninas no que se refere a subescala de responsabilidade e cooperação e competência acadêmica. Em relação ao comportamento externalizante, os meninos apresentaram maiores problemas. Os resultados corroboram com a literatura, apontando maiores Habilidades Sociais e desempenho acadêmico das meninas, e menores problemas de comportamento das mesmas e; associações diretas entre habilidades sociais, problemas de comportamento e desempenho acadêmico. Os resultados do presente estudo são relevantes para se pensar em programas de treinamento e orientação a educadores, podendo auxiliar no desenvolvimento de habilidades sociais que atuam como recursos no desenvolvimento.

CO-35 HABILIDADES SOCIAIS EM UNIVERSITÁRIOS DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

Tatiane Cristina Rodrigues Lessa (UFSCar), Patrícia Zutião (UFSCar), Carolina Severino Lopes da Costa (UFSCar)

Tendo em vista a importância das habilidades sociais na formação e prática de professores da educação especial, este estudo teve como objetivo comparar as habilidades sociais de alunos da licenciatura em educação especial de uma universidade pública que participaram ou não de estágio curricular obrigatório e Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID. A coleta ocorreu nas dependências da Universidade Federal de São Carlos de maneira individual ou em pequenos grupos. Participaram 75 alunos, das quatro turmas do curso de licenciatura em educação especial (1º, 2º, 3º e 4º anos) com faixa etária entre 18 e 50 anos, sendo 66 mulheres e nove homens. Desses, 33 já realizaram estágio obrigatório e 22 fizeram parte do PIBID. Os instrumentos utilizados foram um questionário inicial e o Inventário de Habilidades Sociais – IHS – Del Prette. A análise dos dados foi feita de forma quantitativa, por meio da análise estatística, utilizando o ANOVA para a comparação das habilidades sociais entre grupos (1- alunos que fizeram estágio e PIBID; 2- alunos que fizeram somente estágio; 3- alunos que fizeram apenas PIBID e; 4- alunos que não tiveram experiência de estágio nem PIBID) e a correlação de Pearson para as variáveis “habilidades sociais”, “ano da graduação” e “idade”. Os resultados demonstram que os alunos se avaliaram com repertório de habilidades sociais acima da mediana em todos os fatores, exceto no de ‘Autoafirmação na expressão de sentimento positivo’. O grupo que participou de estágio apresentou escores mais altos com diferença estatisticamente significativa para o fator ‘Auto exposição a desconhecidos e situações novas’. Já a correlação mostrou-se estatisticamente significativa e positiva entre idade e habilidades sociais para o fator 1 – ‘Enfrentamento e Autoafirmação com risco’. Tais resultados sugerem que as experiências práticas auxiliam os alunos da Educação Especial na aquisição de habilidades sociais, principalmente as relacionadas ao fator 4 – Auto exposição a desconhecidos e situações novas. Destaca-se, também, que os alunos do primeiro ano demonstraram menor média no repertório de habilidades sociais, o que pode estar relacionado ao desafio da adaptação a universidade e a falta de experiência prática. Além disso, encontraram-se maiores índices de habilidades sociais para lidar com situações de enfrentamento e autoafirmação com risco nos participantes com idades próximas aos 30 anos. Assim, sugere-se que as experiências práticas fornecidas pelo curso de graduação em Educação Especial favorecem o aumento do repertório de habilidades sociais dos alunos e, nesse sentido, poderiam contribuir ainda mais para a formação inicial dos licenciando se fossem desenvolvidas ou aprimoradas de modo intencional e estruturado ao longo da graduação em disciplinas específicas.

CO- 36 HABILIDADES SOCIAIS PARA QUALIDADE DE VIDA DE ATENDENTES DE UMA AGÊNCIA BANCÁRIA NO RIO DE JANEIRO

Lúcia Regina Borges Sérgio (Faculdade CNEC)

No limiar do terceiro milênio, as concepções sobre motivação e satisfação ampliaram-se, surgindo o conceito de Qualidade de Vida no Trabalho (QVT), mais amplo do que as teorias tradicionais de motivação e que se baseiam em uma visão integral das pessoas, o chamado enfoque biopsicossocial, originado da medicina psicossomática, que propõe a visão holística, do ser humano. Segundo este enfoque, saúde não é apenas ausência de doença, mas também o completo bem-estar psicológico, biológico e social. Esta definição, adotada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em 1986, abre espaço para a compreensão e administração de fatores psicossociais da vida moderna, especialmente no ambiente de trabalho. A QVT pode ser avaliada por dois ângulos: a satisfação dos funcionários e as práticas da empresa. Quanto mais alta a satisfação dos funcionários, mais alta é a qualidade de vida no trabalho. No que diz respeito às práticas da empresa, aperfeiçoar relações profissionais, familiares e emocionais faz parte do apoio psicológico em forma de programas de treinamento. O conteúdo e a natureza do trabalho são psicologicamente importantes para garantir utilidade e, portanto, guardar sentido, tanto para quem o realiza quanto parta a organização. Com base neste apoio psicológico é que se pode compreender que as relações interpessoais ocorrem em ambientes sócio-culturais influenciando e sendo influenciados e o ambiente do trabalho envolve contextos essencialmente interativos, exigindo habilidades de relacionamento interpessoal que podem contribuir para o desenvolvimento do repertório de HS - Habilidades Sociais. A partir destas considerações, o objetivo deste trabalho foi avaliar as HS como fator psicossocial na busca por qualidade de vida de atendentes de uma agência bancária da cidade do Rio de Janeiro. A partir deste enfoque buscou-se: (a) analisar o perfil de habilidades sociais dos atendentes; (b) comparar os repertórios das habilidades sociais entre gêneros; (c) verificar as habilidades mais e menos desenvolvidas dos atendentes. Foi elaborada uma revisão bibliográfica sobre os temas pertinentes, além da aplicação do IHS – inventário de habilidades sociais com os 16 atendentes da agência investigada. As análises do IHS mostraram que o repertório total de habilidades sociais (média) dos atendentes estabeleceu escores acima da posição mediana (62,87), com ligeira diferença entre os escores fatoriais femininos (62,3) e masculinos (63,83). As habilidades mais desenvolvidas foram o enfrentamento com risco (70,6), feminino, e expressão de afeto positivo (74,0) masculino. A habilidade menos desenvolvida foi a auto-exposição a desconhecidos com 42,0 para ambos. Vale destacar que o autocontrole da agressividade, embora não seja o pior repertório, chama a atenção com escore em torno de 50,0, podendo indicar necessidade de habilidades em lidar com situações que possam trazer impactos negativos para a organização, sugerindo alguma interferência, tais como algum treinamento que possa melhorar desempenhos sociais na empresa, propiciando o bem estar, melhorando a qualidade de vida, além

de contribuir para aumento de produtividade e alcance dos objetivos e metas da organização em apoio à literatura sobre negócios.

CO-37 HABILIDAES SOCIAIS, APOIO SOCIAL E QUALIDADE DE VIDA NA ADULTEZ EMERGENTE

Anderson Siqueira Pereira (UFRGS), Luciana Dutra-Thomé e Silvia Helena Koller (UFRGS)

A adultez emergente é um fenômeno do desenvolvimento humano presente em países industrializados que ocorre em decorrência das diversas mudanças econômicas e culturais que ocorreram no mundo desde a segunda metade do século XX. Ela se caracteriza como uma fase marcada pela postergação da assunção dos papéis da vida adulta. Esta postergação proporciona um maior tempo para a exploração da identidade, mas, ao mesmo tempo, faz com que esta fase seja caracterizada também por ansiedades e incertezas, visto que o jovem é inserido em diversos novos contextos, como o mercado de trabalho e a universidade, nos quais são exigidos novos comportamentos que muitas vezes os jovens não possuem as habilidades necessárias para executá-los, podendo assim ter desempenhos insatisfatórios. Neste contexto, as habilidades sociais podem funcionar como um fator de proteção, auxiliando os jovens a se adaptarem à novas situações sociais. Da mesma forma, elas servem como instrumento para a construção de relacionamentos interpessoais, os quais podem se tornar uma rede de apoio a qual os jovens podem pedir ajuda caso não consigam lidar sozinhos com estas situações. Além disso, tanto a qualidade dos relacionamentos interpessoais quanto o apoio social são fundamentais para a qualidade de vida dos jovens, por proverem interações positivas e auxilio quando necessário. Desta forma, o objetivo desta pesquisa foi avaliar se os níveis de habilidades sociais dos jovens estão relacionados com maiores índices de apoio social, qualidade de vida e transtornos psicológicos. Participaram do estudo 200 adultos emergentes entre 18 e 30 anos (74,5% do sexo feminino) que responderam um questionário online composto pelos instrumentos: Questionário sociodemográfico, EMES-M, DASS-21, Whoqol-Bref e Escala de apoio social. Para a análise de dados foram realizadas ANOVAs onde os jovens foram divididos em três grupos a partir de seus níveis de habilidades sociais na escala EMES-M. Os resultados apontam que o grupo com menores níveis de habilidades sociais apresentam níveis mais altos de depressão e ansiedade na escala DASS-21 quando comparado com os demais grupos. Além disso, o grupo com menores níveis de habilidades sociais também apresentou níveis mais baixos nos fatores Saúde física e saúde psicológica da Whoqol-bref e Apoio Afetivo e Apoio Emocional da Escala de Apoio Social em comparação com o grupo com os escores mais elevados de habilidades sociais. Estes resultados indicam que as habilidades sociais podem atuar como um fator protetivo na adultez emergente, visto que estão relacionadas com níveis mais altos de qualidade de vida, saúde mental e apoio social e que elas são usadas para

estabelecer relacionamentos interpessoais e fazer sua manutenção, formando assim uma rede de apoio efetiva para auxiliar os jovens na transição para a vida adulta. Pesquisa realizada com apoio de bolsa de doutorado do CNPq.

CO-38 HABILIDADES SOCIAIS, COPING, RESILIÊNCIA E RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS EM UNIVERSITÁRIOS DE PSICOLOGIA

Zeimara de Almeida Santos (Universidade Salgado de Oliveira), Adriana Benevides Soares (Universidade Salgado de Oliveira)

A Psicologia é uma profissão que tende a privilegiar as interações sociais, entretanto, o que se tem constatado é que os cursos de graduação enfocam basicamente o conhecimento teórico, negligenciando as habilidades socioemocionais como requisito para o desenvolvimento pleno do estudante. Muito embora haja a expectativa de que o aluno, responda de maneira positiva às demandas interativas próprias de sua atuação, após o período de formação acadêmica, ele se depara muitas vezes com o seu despreparo para interagir de forma adequada. Por conseguinte, os déficits de habilidades interpessoais podem trazer dificuldades para a prática profissional. Neste contexto, pesquisas têm sido realizadas com o intuito de caracterizar aspectos do comportamento social dos universitários dada as demandas requeridas para a profissão. Argumenta-se, então, que habilidades sociais devem ser adquiridas ou aprimoradas, bem como as habilidades de resolução de problemas e estratégias de coping para o enfrentamento de situações interpessoais e de resiliência. Apesar da literatura reconhecer a importância dos construtos "Habilidades Sociais", "Coping", "Resiliência" e "Resolução de Problemas", as investigações não têm realizado a associação destas variáveis em um único estudo. Sendo assim, esse estudo teve como objetivo identificar, relacionar e comparar os referidos construtos em estudantes de Psicologia e outros estudantes de outras áreas afins. Participaram 816 universitários, sendo 409 da graduação de Psicologia e 407 de outros cursos da área de Ciências Humanas, advindos de instituições públicas (9,2%) e privadas (90,8%) do Estado do Rio de Janeiro. Essa amostra foi composta por 556 (68,14%) participantes do sexo feminino e 260 (31,86%) do masculino, com idades variando de 17 a 44 anos. Os instrumentos utilizados foram o Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette), A Escala Modos de Enfrentamento de Problemas (EMEP), Escala de Resiliência para Adultos (RSA) e Escala de Habilidades para a Resolução de Problemas (EHRP). O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade e todos os participantes assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Como principais resultados, constatou-se que em relação ao IHS-Del-Prette, estudantes de Psicologia tiveram escores mais altos nos fatores Autoafirmação na Expressão de Afeto Positivo e mais baixos em Conversação e Desenvoltura Social, Auto Exposição a Desconhecidos e Auto Controle da Agressividade. Quanto à RSA, os estudantes de Psicologia obtiveram escores superiores nos fatores Futuro Planejado, Coesão Familiar e

Recursos Sociais, não havendo diferença para Percepção de si mesmo e Estilo Estruturado. No tocante à EMEP, os estudantes de Psicologia tiveram escores maiores nos fatores Foco no Problema, Pensamento Fantasioso e Suporte Social. Para o fator Foco na Emoção, a amostra de universitários de outros cursos apresentou escores mais altos do que a de alunos de Psicologia. Com relação a EHRP, os escores dos estudantes de Psicologia foram maiores em todos os fatores. Foi encontrado um grande número de associações entre as variáveis sendo todas positivas e fracas. Estes achados, ainda que incipientes, contribuem para o ajustamento da programação de ensino voltada para o desenvolvimento de habilidades de interação social envolvidas na formação do futuro psicólogo.

CO-39 HABILIDADES SOCIAIS, QUALIDADE DE VIDA E SOBRECARGA EM IDOSOS CUIDADORES INFORMAIS

Andrieli Camilo (Faculdades Educatie), Carla Witter (Faculdades Educatie)

Com o aumento da expectativa de vida, as doenças crônicas degenerativas se tornam cada vez mais evidentes na população idosa e alguns idosos desenvolvam limitações de saúde que resultam na necessidade da presença de um cuidador. O cuidador pode ser considerado como formal quando é um profissional que recebe formação específica e remuneração e informal quando não recebe capacitação e preparo para exercer a atividade, geralmente sendo um membro da família. O objetivo desta pesquisa foi de verificar e analisar as habilidades sociais, a qualidade de vida e a sobrecarga de idosos cuidadores informais de pessoas na velhice. O estudo foi do tipo transversal e descritivo, com a participação de 30 idosos cuidadores de ambos os gêneros que foram contatados para responder a quatro instrumentos de avaliação: (a) um instrumento para caracterização da amostra, (b) o Inventário de Habilidades Sociais para Idosos, (c) o Zarit Burden Interview e (d) um instrumento para avaliação de qualidade de vida, o WHOQOL–Old. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa. Os idosos que aceitaram participar da presente pesquisa solicitada a assinatura no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Posteriormente, foram aplicados os quatro instrumentos na sequência apresentada com duração, aproximada, de sessenta minutos. Resultados: A amostra foi composta por 30 idosos cuidadores informais, sendo 93 % do gênero feminino. Foi observada uma correlação entre Qualidade de Vida e Habilidades Sociais quando avaliado a autoafirmação na expressão de sentimentos e o funcionamento dos sentidos, autonomia, atividades passadas, presentes e futuras e participação social, constatando que os idosos pesquisados veem de forma positiva o processo do envelhecimento e participam de atividades sociais. Quando avaliado a relação entre Qualidade de Vida com a Sobrecarga, observou-se que há relação entre Autonomia e o fator Relação Interpessoal, demonstrando que quanto maior a autonomia mais disposto a relacionamentos interpessoais o idoso cuidador se encontra. Por fim, a sobrecarga correlacionou-se negativamente com as Habilidades Sociais, demonstrando que

quanto maior a percepção de dificuldades em relação a sua auto eficácia no desempenho das atividades, menor é o controle da agressividade social, indicando que quando o cuidador não domina as tarefas que envolvem o cuidado, pode se sobrecarregar, ficando vulnerável à perda do controle da agressividade. Assim, foi possível verificar que o grupo de idosos cuidadores de pessoas na velhice, embora enfrentem dificuldades relacionadas às atividades de cuidar, juntamente com funções domésticas, encaram positivamente o processo de envelhecimento e buscam uma melhora em sua qualidade de vida. Quando se sentem mais sobrecarregados e incapazes, isto pode gerar uma vulnerabilidade a interações mais socialmente agressivas. Espera-se com esse trabalho, contribuir para descrever o perfil de idosos que são cuidadores de outras pessoas idosas, possibilitando futuros trabalhos para apoiar cuidadores no seu ambiente familiar, especialmente quando não frequentam atividades grupais devido às demandas da rotina domiciliar, desenvolvendo assim políticas de apoio e assistência a esses idosos.

CO- 40 HISTÓRIAS INFANTIS COMO POSSÍVEL ESTRATÉGIA PARA PROMOÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS EM PRÉ-ESCOLARES

Juliana Pinto dos Santos (UFSCar), Talita Pereira Dias (UNIFEV), Mariélli Mariko Leite (UNIFEV)

As habilidades sociais são importantes para uma trajetória desenvolvimental favorável e para uma sociedade baseada em princípios éticos e nos direitos humanos. Na família, primeiro contexto social da criança, é onde se inicia o desenvolvimento de habilidades sociais. Nos primeiros anos de vida, a criança é inserida em outros meios, como a escola, um dos espaços mais importantes para o desenvolvimento interpessoal. Um personagem fundamental para o desenvolvimento de habilidades sociais na educação infantil é o professor, que pode aderir inúmeras estratégias e recursos para unir a aprendizagem acadêmica com o desenvolvimento de comportamentos competentes socialmente em seus alunos. Para tanto, o professor deve dispor de recursos e estratégias eficazes para promoção de habilidades sociais, mas também viáveis. Uma possibilidade é o uso de recursos que já estejam presentes na sua rotina escolar, como os livros infantis. Outro contexto em que a criança pode ser exposta é a psicoterapia, em que o psicólogo intervém sobre as variáveis que produziram e mantém o comportamento-problema apresentado. O conhecimento científico aplicado pelo psicoterapeuta é produzido por trabalhos de pesquisadores, que buscam ampliar a compreensão sobre o comportamento humano, inclusive na infância, e desenvolver novas técnicas de intervenção. Por meio de pesquisa, foi identificada uma carência de recursos disponíveis para a intervenção com o público infantil, especialmente em idade pré-escolar. Dessa forma, o presente estudo teve por objetivos identificar quais livros de histórias infantis, diferentes agentes promotores de desenvolvimento social utilizam com as crianças e quais habilidades eles acreditam desenvolver e identificar diferenças e semelhanças entre as respostas dos

participantes. Foram elaborados e aplicados questionários com pais, professores, crianças em idade pré-escolar, psicoterapeutas infantis e pesquisadores da área de desenvolvimento infantil e/ou habilidades sociais. Os questionários para pais e professores investigaram quais livros já leram para as crianças, quais elas mais gostam e quais valores e habilidades acreditam que tais livros ajudam a desenvolver. Com os terapeutas infantis, identificou-se se utilizam livros infantis nas sessões com as crianças e quais histórias acreditam contribuir no desenvolvimento social das mesmas. Com os pesquisadores, investigou-se quais livros infantis eles sugerem para serem adotados para promover desenvolvimento social e melhores interações das crianças com outras crianças e adultos. As crianças responderam quais são suas histórias preferidas. Os resultados indicaram que crianças, pais e professores têm preferência e acesso aos títulos clássicos, como “Os três porquinhos” e que pais e professores valorizam nas crianças o desenvolvimento moral e comportamento de obediência. Terapeutas e pesquisadores utilizam livros específicos de habilidades sociais, como “Já pensou se todo mundo torcesse para o mesmo time? ” E destacaram habilidades como empatia e assertividade. Os resultados apontaram que os livros infantis podem ser ferramentas eficazes para desenvolver na criança noções importantes de habilidades para o convívio em sociedade. Histórias infantis poderiam ser adotadas por pais e professores para além de aspectos cognitivos, mas com foco na promoção de habilidades sociais. Ainda, é necessário maior diálogo entre os diferentes agentes promotores de desenvolvimento.

CO-41 INDICADORES CLÍNICOS NEONATAIS, COGNIÇÃO, TEMPERAMENTO, ATENÇÃO E SOCIOECONÔMICOS COMO PREDITORES DO COMPORTAMENTO EM CRIANÇAS NASCIDAS PRÉ-TERMO, EM IDADE ESCOLAR

Fabíola Dantas Andréz Nobre (USP), Maria Beatriz Martins Linhares (USP)

Objetivo: examinar o efeito das variáveis clínicas neonatais, temperamento, cognição, atenção e socioeconômicas na predição do comportamento de crianças nascidas pré-termo na fase escolar. Método: A amostra foi composta por 50 crianças nascidas pré-termo com muito baixo peso ao nascimento, com idade entre seis e sete anos e 11 meses de idade, participantes de um programa de follow-up em um hospital universitário de nível terciário. Foram utilizados os seguintes instrumentos: Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ), a Escala de Inteligência Wechsler para Criança- WISC-III, o Teste de atenção por Cancelamento, Questionário Sobre o Comportamento da Criança - CBQ (3 a 7 anos) na versão brasileira e ficha de caracterização da amostra. Os dados foram analisados por meio de estatística descritiva e análise de predição entre a do indicador de comportamento (variável predita) e variáveis preditoras (temperamento, atenção, cognição, sexo, escolaridade da mãe, nível socioeconômico), analisados por meio da análise de regressão linear múltipla. Os dados foram processados por meio do programa estatístico Statistic

Package for Social Sciences (SPSS). Foi adotado o nível de significância de 5% (p≤ 0,05) para todos os testes do estudo. Resultados: Nota-se na escala de comportamento, de acordo com os cuidadores, que, 56% das crianças apresentaram classificação normal na pontuação total, 32% das crianças apresentaram classificação anormal. Nas subescalas observa-se que, a maior parte das crianças tiveram classificação normal em: Comportamento pró-social (96%) e Problemas de relacionamentos com os colegas (76%). Por outro lado, na subescala Problemas de conduta houve uma distribuição equitativa de 44% nas classificações normal e anormal. Destaca-se que nas subescalas Sintomas emocionais (64%), Problemas de conduta (56%) e Hiperatividade (50%), as crianças encontraram-se na classificação limítrofe ou anormal. Resultados: As crianças apresentaram um QI médio nas três escalas entre 90 e 100. Na avaliação cognitiva, a maior parte das crianças situou-se classificação na média ou acima da média nos QIs Total (70%), Verbal (76%) e de Execução (70%). Nota-se que, as crianças obtiveram classificação limítrofe ou intelectualmente deficiente em 30% na escala total, 24% na escala a verbal e 24% na escala de execução. Considerando a atenção, a maior parte das crianças apresentou resultados na média. Nota-se que no total 74% das crianças obtiveram classificação média, alta ou muito alta e apenas 26% situaram-se abaixo na média. No temperamento, na avaliação dos cuidadores, as crianças apresentaram escores moderadores nas três escalas do CBQ (afeto negativo, extroversão e controle com esforço). Focalizando a análise de predição as crianças com maior escore em fatores extroversão e afeto negativo e menores escores do controle com esforço e atenção foram apresentaram mais problemas de comportamento para o escore total e as crianças que apresentaram mais afeto negativo e menor controle com esforço do temperamento, e menos atenção apresentaram mais indicadores de hiperatividades. Conclusão: Os achados mostram os indicadores de dificuldade nos processos de regulação emocional e comportamental no desenvolvimento de crianças nascidas prematuras como indicadores de hiperatividade e problemas de atenção na fase escolar. Medidas preventivas devem ser tomadas em fases iniciais do desenvolvimento desse grupo de crianças vulneráveis.

CO-42 INTERVENÇÃO EM HABILIDADES EMOCIONAIS E SOCIAIS COM ADOLESCENTE DA REDE PÚBLICA DE ENSINO

Lidiane de Oliveira Passarinho Martinho (PUC), Raissa Ferreira Ávila (PUC), Iorhana Fernandes (PUC), Margareth Gomes Verissimo de Faria (PUC), Daniela Sacramento Zanini (PUC)

Nas últimas décadas estudos relacionados à adolescência tem se apresentado como promissora e fidedigna fonte de informação e conhecimentos sobre essa população. A importância de se dedicar às pesquisas sobre esta temática se justifica pelo fato dessa fase da vida ser permeada por pré conceitos que limitam o conhecimento e desenvolvimento de suas potencialidades, e principalmente, por esses indivíduos

apresentarem o corpo físico amadurecido, mas ausente de maturidade emocional e social, o que muitas vezes favorecem a presença de comportamentos de risco nessa fase. É sabido que o período da adolescência é porta de entrada dos jovens para situações nas quais não precisam, necessariamente, da supervisão dos pais, exposição essa que exige amplo repertório de habilidades emocionais e sociais para obtenção de interações positivas e saudáveis. Sobre isto, a escola se apresenta como um lugar em potencial para a exposição de comportamentos e estabelecimento de relações sociais freqüentes, funcionando como lugar propício para realização de atividades que proporcionem o conhecimento e desenvolvimento de tais habilidades. Dessa forma, a promoção e desenvolvimento de habilidades emocionais nos adolescentes, principalmente no ambiente escolar, favorecem o autoconhecimento e bem estar psicológico nos mesmo, e também age como fator importante para o estabelecimento de comportamentos sociais produtivos e socialmente assertivos. Portanto, o presente estudo elucida uma intervenção realizada com quatorze adolescentes de 13 a 16 anos de idade, de ambos os sexos, estudantes de uma escola pública da rede estadual na cidade de Goiânia. Os encontros foram conduzidos por duas psicólogas e uma estagiária de psicologia, que integram o Grupo de Pesquisa em Avaliação Psicológica e Intervenção em Saúde (GPAIS), da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. As reuniões aconteceram semanalmente entre os meses de maio a junho de 2017, com duração de 01h e 30m, em média, com objetivo de favorecer a identificação, regulação e análise de suas emoções e o desenvolvimento de repertórios sociais mais satisfatórios, para promoção de bem estar psicossocial. Para tal, foi realizada uma atividade denominada "desenvolvendo habilidades com meu colega", momento que os adolescentes puderem demonstrar avaliar seus comportamentos e emoções, e posteriormente houve um momento de discussão e avaliação da dinâmica. Os resultados revelaram a satisfação e comprometimento dos adolescentes em participar de um grupo no qual puderam ter suas condições pessoais e sociais expostas com segurança e, principalmente, por aprender e desenvolver repertórios emocionais e sociais mais positivos, de acordo com suas falas. Os dados sugerem que a escola se apresenta como lugar propício para realização de intervenções, pois se configura como local onde os jovens podem apresentar mais amplo repertório de habilidades, podendo ser avaliados em suas competências comportamentais. Destaca-se que os resultados também demonstraram além da emissão de repertório de comportamentos mais assertivos, um aumento significativo no rendimento acadêmico. Sugere-se mais intervenções com adolescentes, com objetivo de lhes proporcionar escuta atenta e livre de rotulações, bem como para promoção de autoconhecimento e conseqüente emissão de comportamentos mais saudáveis e satisfatórios socialmente.

CO-43 INTERVENÇÃO EM HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS PARENTAIS EM GRUPO MISTO DE FAMÍLIAS MULTIPROBLEMAS E NÃO MULTIPROBLEMAS

Ana Clara Rodrigues Almeida (USP), Isabella Caroline Sotocorno (USP), Josiane Rosa Campos (USP), Andréia Schmidt (USP)

A socialização da criança consiste em um processo de aprendizagem de comportamentos sociais que acontece desde o início de sua história de desenvolvimento, quando é submetida às interações com modelos em seu meio, tendo os pais papel relevante. As práticas parentais positivas podem evitar o surgimento e/ou a manutenção de problemas de comportamento, enquanto as práticas parentais negativas podem aumentar a probabilidade de sua ocorrência. Programas que auxiliam os pais/mães ou cuidadores a promoverem habilidades sociais educativas e reduzir problemas comportamentais de suas crianças têm sido efetivos na população geral. No entanto, ainda não se tem claro se esses benefícios se estendem a famílias que apresentam multiproblemas. Estas se caracterizam por apresentarem poli-sintomatologia e crises decorrentes, com fatores de risco como pobreza, monoparentalidade, consumo abusivo de substâncias psicoativas, violência doméstica, baixa escolaridade, prejuízo em saúde mental. Sendo assim, o objetivo deste trabalho foi avaliar os resultados parciais de um procedimento de intervenção, em andamento, de Habilidades Sociais Educativas Parentais em um grupo misto formado por famílias multiproblemas e sem multiproblemas com crianças com problemas de comportamento. Participaram da intervenção quatro mães de crianças que apresentavam problemas comportamentais, sendo duas mães pertencentes a famílias multiproblemas e duas pertencentes a famílias sem multiproblemas, residentes em um bairro de periferia de Ribeirão Preto. A seleção de tais grupos foi realizada por meio de uma entrevista de avaliação semiestruturada cujo ponto de corte foi a presença de problemas em pelo menos três áreas diferentes. Para avaliar os problemas comportamentais das crianças, via relato das mães, foi utilizado o CBCL (“CHILD BEHAVIOR CHECKLIST (CBCL/6-18). As habilidades sociais educativas das mães foram avaliadas pelo Roteiro de Entrevista de Habilidades Sociais Educativas Parentais (RE-HSE-P). O programa utilizado foi o PROMOVE-PAIS, validado para mães de crianças com problemas comportamentais, com total de 14 sessões com duração de uma hora e meia. Até o momento foram realizadas 9 delas e serão descritos os resultados parciais. O programa objetiva a ampliação dos repertórios de Comunicação, Expressão de sentimentos e enfrentamento e Estabelecimento de limites. Em relação à categoria de “comunicação”, os dois grupos aumentaram o repertório de autocontrole para evitar bater, dizer não com explicação, estabelecer conversação sobre assuntos e situações diversas e -não apenas relacionados a problemas de comportamento- e elogiar. Sobre a categoria “Expressão de

sentimentos e enfrentamento, ambos os grupos aumentaram o repertório de comportamentos como agradar, brincar e fazer carinho. A intervenção encontra-se na categoria “estabelecimento de limites”. Conclui-se que a intervenção tem alcançado, até o momento, os objetivos planejados de desenvolvimento e ampliação de habilidade sociais educativas parentais e possibilitado a redução dos problemas comportamentais das crianças. Ressalta-se, ainda, que o grupo pode auxiliar famílias com multiproblemas no que tange à rede de apoio social e a diminuir vulnerabilidades relacionadas ao cuidado com os filhos.

CO-44 INTERVENÇÃO PREVENTIVA COM FOCO NA REGULAÇÃO EMOCIONAL E SEUS EFEITOS NAS HABILIDADES SOCIAIS E DESEMPENHO ACADÊMICO

Nathália Santos da Costa Vieira (UFMG), Leonor Bezerra Guerra (UFMG)

Este estudo objetivou aplicar no contexto brasileiro a proposta de intervenção preventiva em escolas, tema foco de várias pesquisas internacionais, principalmente após a estimulação pela Organização Mundial de Saúde das instituições educacionais promoverem o desenvolvimento positivo social e emocional e a formação e socialização das crianças. O estudo focou em programa de aprendizagem emocional por considera o papel crítico que as emoções têm na motivação e adaptação do comportamento, de forma que ela exerce grande influência na qualidade das interações sociais. Assim a Regulação Emocional (RE) no ambiente educacional pode se relacionar com a qualidade das interações e com o desempenho escolar. O trabalho avaliou o efeito de intervenção em RE de alunos de 2ª série do ensino fundamental e o impacto sobre habilidades sociais, indicadores comportamentais e desempenho acadêmico. Participaram 56 alunos e respectivas professoras de 1º e 2º ano de duas escolas municipais de Belo Horizonte. Dados socioeconômicos e avaliação de inteligência geral (Raven) demonstraram equivalência entre Grupo Intervenção (GI) e Grupo Controle (GC). Os dois grupos foram submetidos à avaliação pré-intervenção por meio de instrumentos: a) administrados às crianças: Teste de Desempenho Escolar (TDE), Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais (SSRS-BR) e Entrevista e Pranchas para avaliação da Regulação Emocional (EPRE); b) respondido pelos professores: SSRS-BR, Strengths and Difficulties Questionnaire (SDQ) e MTA-SNAP-IV para sintomas de desatenção, hiperatividade/impulsividade. Os alunos GI passaram por 9 encontros semanais de 60min com foco em RE, o material utilizado foi baseado em 16 lições do manual “Eu Posso Resolver Problemas” e em técnicas da Terapia Cognitiva Comportamental que estimulavam a identificação das emoções por meio da fisiologia, expressão, comportamentos e pensamentos associados e estratégias para os seguintes quadros: alegria; tristeza; raiva; medo; orgulho; frustração; alívio; preocupação; impaciência; amor e empatia. Após dois meses os dois grupos foram reavaliados. A análise dos dados foi feita pelo programa estatístico SPSS versão 15.0. Foi feita análise descritiva das variáveis contínuas, na comparação entre os grupos GI e GC utilizou-se o teste Qui-quadrado de Pearson ou

o teste exato de Fisher na comparação de variáveis categóricas e o teste não-paramétrico de Mann-Whitney na análise de variáveis contínuas. Resultados mostraram, na avaliação dos professores: a) melhoria significativa, em relação a todas as subescalas de HS e no comportamento pró-social em GI; b) piora significativa dos comportamentos problemáticos e do autocontrole em GC; c) redução de sintomas de hiperatividade/impulsividade e desatenção em GI. Na avaliação do EPRE observou-se: a) aumento na identificação correta da representação do medo em GI; b) aumento da vivência, percepção e uso de estratégias no caso da alegria em GI. A avaliação dos alunos não identificou diferenças significativas no desempenho escolar e na autoavaliação das HS. Os resultados sugerem efeitos da intervenção focada em RE principalmente na avaliação de HS pelos professores, na sintomatologia de desatenção e hiperatividade, e como fator protetivo no desenvolvimento de problemas comportamentais, sem efeitos sobre o desempenho escolar. Sugerindo que RE influencia positivamente as relações que as crianças constroem com os pares e os professores.

CO-45 O ROLÊ DA EQUIPE AT: O ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO EM INTERVENÇÕES GRUPAIS PARA O DESENVILVIMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS

João Miguel Marques (Mackenzie), Filipe Colombini (PUC-SP)

Na literatura de treinamento de habilidades sociais (THS), o uso das intervenções em grupo é bastante indicado por se aproximar de um ambiente natural pela participação de vários modelos de relações. O treino em habilidades sociais também pode ser realizado em casos de acompanhamento terapêutico (AT) por auxiliar diversas queixas e problemas pela observação e intervenção direta no ambiente natural. Sua indicação beneficia casos que necessitam de modificação do ambiente para produzir um repertório comportamental mais adaptativo. Nesses casos é comum o surgimento de dificuldades de ampliar o repertório aprendido em atendimento pela escassez de estimulação do ambiente natural perante comportamentos de competência e relacionamentos interpessoais. Muitos casos apresentam histórico de desenvolvimento com presença de isolamento social ou comportamentos de lazer e outras atividades restritas. Essas características entram no planejamento do AT em ampliar e aprimorar estes repertórios. Estratégias de atendimento em modelo grupal podem beneficiar os clientes na aprendizagem de comportamentos sociais. Em THS, o formato grupal no AT é uma proposta efetiva para desenvolver variados repertórios sociais diretamente no contexto e ambiente dos clientes, principalmente em momentos de interação em estabelecimentos cotidianos, sejam públicos ou privados. No entanto, a literatura sobre acompanhante terapêutico em modelo grupal é escassa. Este dado sobre a literatura apresenta a necessidade de discutir como o acompanhamento terapêutico em moldes grupais pode trazer vantagens aos procedimentos de variação do repertório social, reforçamento alternativo de

atividades, ampliação de rede social e ao processo de generalização. O objetivo deste estudo é apresentar o trabalho realizado pelo Rolê da Equipe AT. O projeto foi desenvolvido para THS em grupo a partir de manejos clínicos do AT, com a finalidade de melhorar a efetividade interpessoal, a qualidade de vida, a redução da ansiedade e favorecer resolução de problemas sociais. Pretende-se descrever os objetivos do projeto, como aprimorar o THS a partir de vivências grupais; modelagem de respostas alternativas de lazer e contato social; estimulação de respostas de competência social através de contextos favoráveis à socialização e fortalecimento de contatos com os participantes para prevenção de isolamento social. Este estudo propõe descrever os processos de avaliação e procedimentos de estruturação e intervenção do projeto e transmitir relatos de experiência dos atendimentos. O Rolê da Equipe AT constou de avaliação pré-intervenção para definição de viabilidade do cliente como participante, e pós-intervenção para registro dos comportamentos sociais para avaliação do caso e planejamento de futuras intervenções. Houve contato constante com familiares e a rede de profissionais envolvidos no caso para orientação e facilitação de generalização. O projeto abrangeu procedimentos comportamentais, como modelagem, modelação, utilização de reforçadores arbitrários e naturais, em ambientes favoráveis à interação que tivessem atividades de interesse em comum entre os participantes. Os resultados obtidos foram registrados por meio de inventários ideográficos dos repertórios verbais e não-verbais de interações sociais dos participantes, e também a partir do autorrelato, relatos de familiares e profissionais que acompanham os casos.

CO-46 PRÁTICAS EDUCATIVAS MATERNAS E PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO DAS CRIANÇAS: ESTUDO RANDOMIZADO CONTROLADO COM UM PROGRAMA DE PREVENÇÃO UNIVERSAL

Elisa Rachel Pisani Altafim (USP), Maria Beatriz Martins Linhares (USP)

Programas de intervenções parentais podem atuar como mecanismos de proteção ao desenvolvimento das crianças ao modificar os efeitos adversos dos fatores de risco psicossocial. O presente estudo randomizado controlado de lista de espera teve por objetivo principal examinar a eficácia do programa de intervenção ACT - Para Educar Crianças em Ambientes Seguros (Programa ACT), de prevenção universal contra maus-tratos e violência na infância, para melhorar as práticas educativas maternas e reduzir os problemas de comportamento das crianças. Os objetivos secundários foram: verificar a manutenção nas práticas educativas maternas e no comportamento das crianças no grupo de intervenção (GI), no follow-up de três a quatro meses após a finalização da intervenção; analisar as mudanças ocorridas após a participação do grupo controle (GC) de lista de espera no Programa ACT. Participaram do estudo 81 mães de crianças de três a oito anos (GI, n = 40; GC, n = 41) e 67 cuidadores como informantes das avaliações específicas do comportamento da criança. A alocação nos grupos foi randomizada. O estudo foi realizado em um Núcleo de Saúde da Família e

duas escolas, uma pública e outra filantrópica. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do HC FMRP-USP. As mães responderam ao questionário de avaliação sobre práticas educativas ACT (Disciplina Positiva, Regulação Emocional/Comportamental e Comunicação) e as mães e os cuidadores responderam o Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ) para avaliar o comportamento das crianças. O GI participou da intervenção imediatamente e o GC atuou primeiramente como grupo controle e, posteriormente, após a finalização do GI também participou da intervenção. Os resultados da análise de variância modelo misto demonstraram efeito significativo da interação entre momento (pré- e pós-intervenção) e grupo (GI e GC) nas práticas parentais Disciplina Positiva ($F [1, 79] = 4,83$; $p = 0,03$), com efeito médio, e Comunicação ($F [1, 79] = 21,08$; $p < 0,001$) e Regulação Emocional/ Comportamental ($F [1, 79] = 28,80$; $p < 0,001$), com efeitos grandes. Os resultados indicaram um aumento estatisticamente significativo dos escores das práticas parentais, do momento pré- para o pós-intervenção do GI, enquanto que o GC não apresentou mudanças significativas. Nos comportamentos das crianças, de acordo com a percepção materna e do outro cuidador, verificou-se efeito significativo da interação entre momento e grupo no total de dificuldades de problemas de comportamento (mãe, $F [1, 79] = 5,67$; $p = 0,02$; cuidador, $F [1,65] = 4,61$; $p = 0,03$), com efeito médio. Os resultados indicaram que, no GI, houve uma diminuição estatisticamente significativa dos problemas de comportamento entre os momentos pré- e pós-intervenção enquanto que o GC não apresentou mudanças significativas. Na avaliação follow-up do GI, verificou-se manutenção das práticas educativas e do padrão do comportamento da criança. Após a participação do GC também na intervenção, foram observadas melhoras nas práticas educativas maternas e nos comportamentos da criança. Em conclusão, o Programa ACT foi eficaz para aprimoramento de práticas educativas maternas positivas e redução de problemas de comportamento das crianças, em uma amostra do contexto brasileiro.

CO-47 PRÁTICAS PARENTAIS NO DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS INFANTIS: UMA ANÁLISE DO FILME “O FABULOSO DESTINO DE AMÉLIE POULAIN”

Gleyce Kelly Teodoro Ronque (UNIP)

A infância é um período crucial para o desenvolvimento do indivíduo, inclusive para o desenvolvimento de competências interpessoais, como as habilidades sociais. As habilidades sociais quando não desenvolvidas no período da infância e ao longo do ciclo vital podem tornar o convívio em sociedade e as relações interpessoais mais problemáticas. Nossas relações primárias, são parte importante desse desenvolvimento, a forma como os pais educam seus filhos, os estímulos que lhes oferecem e o ambiente no qual as crianças crescem determinam boa parte das habilidades que desenvolverão. Com isto, o objetivo deste estudo foi apresentar uma análise do filme “O fabuloso destino de Amélie Poulain”, buscando apontar as práticas

parentais que impediram que a personagem Amélie desenvolve-se suas habilidades sociais, bem como entender quais habilidades seriam necessárias estimular a fim de garantir uma vida socialmente saudável. O filme retrata as dificuldades enfrentadas por uma jovem que durante a infância foi privada pelos pais do convívio social; não frequentou escolas, não fez amigos e saiu de casa apenas quando atingiu a maior idade. Amélie tem dificuldades em conectar-se às pessoas, apesar de sua inteligência, não consegue estabelecer relacionamentos nem sentir-se empática aos que estão a sua volta, vive em seu próprio mundo. Tal desfecho é abalado por um evento que a fez repensar sua trajetória até ali; ao longo do filme fica claro que a forma como foi educada fez com que suas habilidades fossem pouco desenvolvidas e que os comportamentos de isolar-se em seu mundo foram constantemente reforçados por seus pais que preferiam uma casa silenciosa e uma filha pouco questionadora. Nota-se ainda que a simples passagem do tempo não necessariamente altera elementos da contingência e Amelie percebe que embora tenha saído de casa e acessado outros ambientes mantém o mesmo padrão de comportamento. No decorrer da narração Amelie se relaciona com muitas pessoas, das quais obtém diferentes tipos de reforçadores positivos e modelos habilidosos; mas também aversivos, como confrontações. Essas relações são radicalmente diferentes do padrão do pai, o que promove e seleciona diferentes repertórios e sentimentos em Amélie. Ao final do enredo observa-se que Amelie se entrega ao contato e aos sentimentos e parece que a realidade lhe foi muito mais reforçadora que a fantasia fora capaz de ser. A importância de trabalhos voltados ao desenvolvimento das habilidades sociais em crianças se dá pelo fato de cada dia mais elas são estimuladas a viver em seus mundos, com o mínimo de convívio com o meio externo, salvo a frequência escolar exigida em nosso país, essa pouca convivência tem feito com que as crianças cresçam menos empáticas e sem a capacidade de estabelecer relações com pessoas fora das relações de parentesco, além de crescerem sem saber lidar com as diferenças e resolver problemas de ordem social. O papel dos pais é fundamental para o estabelecimento do repertório de habilidades sociais dos filhos, seja por meio de modelação ou modelagem. Em linhas gerais, discute-se estratégias parentais como insumos para o desenvolvimento de habilidades sociais.

CO-48 PRÁTICAS PARENTAIS SEGUNDO PAIS E FILHOS DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Fátima de Almeida Maia (Universidade Salgado de Oliveira), Adriana Benevides Soares (Universidade Salgado de Oliveira)

A família, como o primeiro agente socializador, constitui a base referencial para que os filhos desenvolvam comportamentos socialmente habilidosos durante a infância e possam viver em sociedade. Com isso, observa-se uma preocupação na investigação de temas relacionados à forma como os pais educam seus filhos e sobre como estimulam e orientam o repertório de habilidades sociais que possam reduzir desempenhos indesejáveis, como comportamentos antissociais, que inibem a

competência social das crianças. O estudo teve por objetivo comparar práticas parentais de pais e mães e comparar a percepção dos filhos sobre estas práticas. Foram pesquisados 147 estudantes do 6º ano, com idades entre 9 a 15 anos, 29 pais e 126 mães. Os pais assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e a pesquisa foi aprovada pelo ao Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade. Foi utilizado o Inventário de Estilos Parentais (IEP) para pais e filhos. As práticas educativas compreendem duas práticas positivas e cinco negativas. As positivas foram: (A) monitoria positiva que consiste na demonstração de afeto dos pais, principalmente nos momentos de maior necessidade da criança; (B) comportamento moral que se refere à prática pela qual os pais transferem valores, como honestidade, senso de justiça aos filhos, ajudando-os a discernir o certo do errado por meio de modelos positivos. As negativas são: (C) punição inconsistente, quando os pais punem os comportamentos de seus filhos de acordo com o seu bom ou mau humor; (D) a negligência, ocorrendo quando os pais não estão vigilantes às necessidades de seus filhos, afastando-se das responsabilidades; (E) a disciplina relaxada, quando os pais não cumprem as regras estabelecidas por eles, omitindo-se; (F) a monitoria negativa que consiste no excesso de fiscalização dos pais sobre a vida dos filhos dando instruções repetitivas, as quais não são seguidas por eles; (G) finalmente o abuso físico que se caracteriza quando os pais ferem ou causam dor e constrangimentos a seus filhos. Os resultados mostraram diferenças nas médias dos estilos de mães, pais e da avaliação dos filhos sobre o estilo parental dos pais e mães. As mães avaliaram seu estilo parental de forma mais positiva. A avaliação dos filhos sobre o estilo parental dos seus pais e mães pode ser classificado como um estilo parental de risco. Por fim, o grupo de pais foi o que avaliou o seu estilo parental de forma mais negativa. O envolvimento dos pais nas práticas educativas, principalmente no período de transição para o 6º ano, pode facilitar a continuidade e o êxito neste ano de escolaridade e para os anos subsequentes. A compreensão desses resultados pode constituir tanto um fator de proteção como de risco para o crescimento saudável dos filhos. As práticas parentais positivas presentes na infância e desenvolvidas em períodos importantes de aprendizagem, podem desenvolver habilidades sociais que valorizem os vínculos estabelecidos entre pais e filhos e estimulem interações sociais futuras mais relevantes.

CO-49 PREVALÊNCIA DA SÍNDROME DE BURNOUT EM AGENTES COMUNITÁRIOS DE SAÚDE

Joyce Grazielle Buratti (UNICAMP), Jucilene Casati Lodi (UNICAMP), Jaqueline Vilela Bulgareli (UNICAMP)

A Síndrome de Burnout (SB) consiste em um estado de estresse crônico proveniente de situações laborais de caráter psicossocial. A doença atinge diretamente os profissionais de saúde, entre eles os Agentes Comunitários de Saúde (ACS), devido ao contato direto e constante com os problemas dos usuários e, o envolvimento

emocional com os mesmos. Outro ponto a ser considerado é o nível de preparo do ACS a lidar com questões de saúde da população, uma vez que é exigido escolaridade de ensino médio. O objetivo deste estudo é verificar a prevalência da Síndrome de Burnout em agentes comunitários de saúde. Realizou-se um estudo quantitativo transversal analítico, com 251 agentes comunitários de saúde (ACS) cadastradas e atuantes na Unidade de Saúde da Família (USF) localizadas no município de Piracicaba. Os agentes foram abordados na USF, esclarecidas sobre os objetivos do trabalho, bem como os aspectos éticos envolvidos. Responderam ao Questionário de Avaliação para Síndrome de Burnout - Cuestionario para la Elalucion del Síndrome de Quermarse por el Trabajo (CESQT), a fim de verificar o nível da doença em seus dois perfis: Perfil 1 caracteriza-se pela junção da baixa ilusão pelo trabalho (representado pela alta expectativa do indivíduo em alcançar as metas do trabalho), desgaste psíquico (definido pela sensação de esgotamento emocional e físico decorrente da atividade laboral) e indolência (caracterizado pela presença de atitudes negativas de indiferença e cinismo frente aos colegas de trabalho e os usuários do serviço). O perfil 2, trata-se de um estágio mais avançado da doença, no qual o trabalhador apresenta todos os critérios descritos acima com acréscimo da culpa (sentimento de culpa constante proveniente de comportamentos e atitudes negativas desenvolvidas no trabalho). Os dados foram analisados e apontam que 15 trabalhadores ou 6% apresentaram Síndrome de Burnout no Perfil 1 e 7 ou 3% da amostra encontraram-se no Perfil 2, estágio mais avançado da doença. O baixo nível de adoecimento encontrado pode ser justificado por diversos fatores da dinâmica de trabalho, dentre elas o modelo de gestão, a união da equipe para enfrentar os problemas organizacionais, habilidades inter-relacionais, autoeficácia, entre outros fatores internos, como a qualidade de vida. Entretanto, vale ressaltar a cronicidade da doença e seu impacto negativo na qualidade do serviço prestado, bem como para a saúde ocupacional do trabalhador. A doença não se restringe em prejuízos ocupacionais, generaliza para o contexto familiar e social. Apesar da baixa prevalência de SB, houve casos indicativos da presença da SB, inclusive com características de Perfil 2, o que torna preocupante o estado de saúde da classe de trabalhadores. Esses achados evidenciam que essa classe de profissionais necessita de atenção e cuidados para prevenção e controle do SB.

CO-50 PREVALÊNCIA E ESTABILIDADE DE INDICADORES DE COMPORTAMENTO EM CRIANÇAS NASCIDAS PRÉ-TERMO, NAS FASES DE 18-36 MESES E 4-5 ANOS DE IDADE

Rafaela Guilherme Monte Cassiano (USP), Claudia Maria Gaspardo (USP), Marília Souza Silva Branco (USP), Maria Beatriz Martins Linhares (USP)

O nascimento prematuro é um fator de risco para problemas de desenvolvimento da criança. Além disso, crianças nascidas pré-termo com muito baixo ao nascimento apresentam maior risco para desenvolver problemas de comportamento, em

comparação às crianças nascidas a termo. No entanto, a estabilidade desses comportamentos ao longo da primeira infância é pouco estudada. Com isso, o objetivo do presente estudo foi identificar a prevalência dos problemas de comportamento, avaliados aos 18-36 meses e 4-5 anos de idade, em crianças nascidas pré-termo com muito baixo peso ao nascimento (< 1.500 gramas) e verificar a estabilidade dos problemas de uma fase para outra. A amostra foi composta por 70 crianças nascidas pré-termo (idade gestacional média = 30 [± 2] semanas) com muito baixo peso ao nascimento (média = 1.136 [± 243] gramas), avaliadas nas fases de 18-36 meses de idade cronológica (média = 26 [± 2] meses), *Avaliação 1*, e 4-5 anos de idade (média = 52 [± 5] meses), *Avaliação 2*. Os problemas de comportamento foram avaliados pelo *Child Behavior Checklist 11/2 - 5* (CBCL) por meio do relato materno. Os dados foram analisados por meio de análises de variância de medidas repetidas (ANOVAs) e pelo teste McNemar para amostras pareadas. O nível de significância adotado foi de 5%. Os resultados mostraram que, em comparação à fase de 18-36 meses de idade, as crianças nascidas pré-termo apresentaram significativamente menores escores de problemas de comportamento totais (*Avaliação 1*, média = 56 [± 11]; *Avaliação 2*, média = 54 [± 10]; p = 0,04) e externalizantes (*Avaliação 1*, média = 57 [± 11]; *Avaliação 2*, média = 54 [± 10]; p = 0,003), assim como de problemas específicos de atenção (*Avaliação 1*, média = 59 [± 9]; *Avaliação 2*, média = 56,5 [± 7]; p = 0,02), agressividade (*Avaliação 1*, média = 59 [± 9]; *Avaliação 2*, média = 56 [± 7]; p = 0,01) e problemas oposicionais desafiantes (*Avaliação 1*, média = 59[± 8]; *Avaliação 2*, média = 56 [± 7]; p = 0,01), na fase de 4-5 anos de idade. Com relação às classificações, em comparação à fase de 18-36 meses de idade, houve uma redução na porcentagem de crianças nascidas pré-termo com problemas clínicos de atenção (*Avaliação 1*, n= 23 [33%]; *Avaliação 2*, n= 12 [17%]; p = 0,03) e agressividade (*Avaliação 1*, n= 17 [24%]; *Avaliação 2*, n= = 9 [13%]; p = 0,05), na fase de 4-5 anos de idade. Os achados mostraram uma evolução positiva de uma fase para outra, com redução dos problemas de comportamento totais, externalizantes e, especificamente, dos problemas de atenção, agressividade e oposicionais desafiantes, na fase de 4-5 anos. A diminuição da porcentagem de crianças com problemas de comportamento em nível clínico pode estar relacionada aos processos de autorregulação no desenvolvimento, que se consolida aproximadamente aos cinco anos de idade, contribuindo para uma melhora de sua socialização. Além disso, o fato de essas crianças estarem em um programa de seguimento longitudinal multidisciplinar para crianças nascidas pré-termo até a fase escolar, pode ter atuado como fator protetor atenuando o impacto negativo do risco da prematuridade no desenvolvimento.

CO-51 PROCESSO DE ADAPTAÇÃO CULTURAL DE UM PROGRAMA DE PROMOÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS NA FAMÍLIA PARA O BRASIL

Jordana Calil Lopes de Menezes (Unb), Sheila Giardini Murta (Unb)

A adaptação cultural de intervenções baseadas em evidências na área da prevenção em saúde mental tem sido uma alternativa para diversos países, que não têm programas com suficientes indícios de efetividade para serem implementados em larga escala. Uma dessas intervenções é o Strengthening Families Program (10-14), um programa familiar baseado em evidências que visa prevenir o uso indevido de álcool e drogas em jovens entre 10 e 14 anos de idade. Isto por meio do desenvolvimento de habilidades de vida, da capacidade de manejo do estresse, de resolução de conflitos e de comunicação nos adolescentes; do aperfeiçoamento das habilidades educativas parentais, promoção de estilo parental autoritativo e comunicação eficaz; e do fortalecimento de vínculos familiares e capacidade de resolução de problemas na família. Esse Programa foi adotado, em 2013, pela Coordenação Geral de Saúde Mental, Álcool e outras Drogas do Ministério da Saúde. Publicações que relatem detalhadamente o processo de adaptação cultural de intervenções são raras. O presente estudo objetiva preencher essa lacuna ao propor a descrição do processo de adaptação cultural do Strengthening Families Program (10-14) em sua versão do Reino Unido para o Brasil, visando compreendê-lo e sistematizá-lo, bem como verificar as mudanças realizadas no Programa nesse ínterim. Esse estudo ocorreu por meio de uma abordagem qualitativa, utilizando de entrevista aberta, com a seguinte questão disparadora: Gostaria que você me contasse a história do Programa desde sua escolha, as mudanças que ocorreram, todo o processo de adaptação. Participaram do estudo três servidoras da Coordenação Geral de Saúde Mental, Álcool e outras Drogas do Ministério da Saúde envolvidas no processo de adaptação cultural do Programa para o país. Dois procedimentos de análise de dados foram adotados neste estudo, conforme os objetivos: análise de entrevistas narrativas e análise de conteúdo. Os resultados indicaram um total de 16 passos percorridos no processo de adaptação cultural desse Programa para o país. A análise dos tipos de mudanças realizadas durante a adaptação revelaram alterações na estrutura superficial do mesmo, realizadas com o intuito de tornar a intervenção mais apropriada, aplicável ou aceitável. Concluiu-se que, os 16 passos cumpriram as etapas sugeridas pelo modelo proposto para adaptação do Programa original, exceto a avaliação de efetividade, que ainda não foi realizada. E que as alterações no programa ocorreram em um nível que não interfere nos princípios e técnicas do Programa. Por fim, sugerem-se estudos para verificar a efetividade da versão adaptada do programa e a continuidade do processo de adaptação cultural em regiões e populações diversas.

CO-52 PROGRAMA DE HABILIDADES SOCIAIS PARA PROFESSORES NA MODALIDADE SEMIPRESENCIAL: AVALIAÇÃO DE UM ESTUDO PILOTO

Amelie Bussolan Cintra (UFSCar), Zilda Aparecida Pereira Del Prette (UFSCar)

É reconhecida a necessidade de preparar os professores para lidarem com demandas interpessoais de sala de aula. O campo das Habilidades Sociais apresenta evidências de eficácia e efetividade nos programas destinados aos professores em modalidade presencial, porém ainda carece de evidências de processo e resultado em outras modalidades. Este trabalho avaliou relações entre as características de professores cursistas (dados sociodemográficos, atuação profissional, domínio da tecnologia, autoavaliação profissional, concepção sobre o desenvolvimento socioemocional e manejo em sala de aula) e indicadores de processo (assiduidade, qualidade do engajamento, avaliação do cursista sobre o curso) e de resultados (repertório de HS e aquisição de conhecimento em HS) que participaram de um módulo teórico-prático de habilidades sociais, com seis unidades, totalizando 40h de atividades presenciais e no ambiente virtual de aprendizagem. Participaram 12 professores do ensino fundamental, da rede pública que responderam o IHS-Del-Prette (versão 2016) e questionários de conhecimento sobre HS bem como de informações pessoais e concepções. O desempenho dos professores ao longo do módulo foi também avaliado pelos tutores. Os dados foram analisados descritiva e inferencialmente (T de Student, Wilcoxon e Correlação de Spearman). Os resultados não evidenciaram mudança nos escores do IHS-Del-Prette, mas sim em conhecimento sobre habilidades sociais, nas questões abertas ($Z=2,9$; $p=0,001$), fechadas ($Z=2,25$; $p=0,023$) e escore geral ($Z=3,1$; $p<0,001$). Foram verificadas correlações significativas e fortes associadas a: (a) Características do professor e variáveis de processo: capacidade relatada de manejar conflitos e realização de tarefas no prazo ($r=-0,75$; $p=0,043$); (b) Características do professor e resultado: tempo de formação com conhecimento sobre HS nas questões abertas ($r=-0,88$; $p<0,001$) e no escore geral ($r=-0,73$; $p=0,007$); capacidade relatada para lidar com sentimentos negativos e habilidades assertivas de autoexposição social (F4 do IHS) ($r=-0,7$; $p=0,011$); capacidade relatada de acalmar-se diante de conflitos e escore total de habilidades sociais (IHS) ($r=+0,7$; $p=0,011$); utilização de estratégias positivas em sala de aula e habilidades do F4 ($r=+0,78$; $p=0,003$), utilização de estratégias negativas em sala de aula e habilidades do F4 ($r=-0,78$; $p=0,003$), viabilidade de incluir o desenvolvimento socioemocional na escola e aquisição de conhecimento em HS ($r=-0,72$; $p=0,008$); (c) Variáveis de processo e de resultado: escore geral de habilidades sociais (IHS) e nota em tarefas acadêmicas ($rs=-0,79$; $p=0,002$) e interpessoais de casa ($r=-0,73$; $p=0,007$). De forma geral, os dados sugerem que a autoavaliação inicial positiva dos cursistas (em habilidades sociais assertivas, autocontrole emocional, manejo de conflitos) foi associada a um menor investimento em tarefas acadêmicas e interpessoais do curso (e vice-versa); que quanto menor o tempo de formação, mais aprenderam sobre habilidades sociais. Por outro lado, foram verificadas associações positivas entre habilidades sociais e relato de autocontrole emocional, bem como de utilização de mais estratégias positivas e menos negativas em sala de aula. Os dados sugerem a relevância de considerar as características iniciais dos professores como forma de planejar aspectos do processo e condições para melhores resultados de programas de formação continuada. São discutidas limitações e implicações dos resultados deste estudo piloto (CAPES).

CO-53 HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS PARENTAIS: EFEITOS DO TREINAMENTO SOBRE O COMPORTAMENTO PARENTAL E DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Ivana Gisel Casali (UNASP), Zilda Aparecida Pereira Del Prette (UFSCar)

A literatura aponta que crianças que desenvolvem um amplo repertório de habilidades sociais têm maior probabilidade de estabelecer relações sociais mais adequadas e duradouras e com menor risco de rejeição por seus pares, que podem prevenir possíveis dificuldades de aprendizagem e problemas de comportamento. Portanto, programas de intervenção que promovam habilidades sociais nessa população tornam-se relevantes e podem ser realizados diretamente, com as crianças, ou indiretamente, treinando agentes educativos, como pais e professores. Intervenções que objetivem desenvolver um repertório mais elaborado de Habilidades Sociais Educativas nesses agentes poderiam, então, contribuir para o desenvolvimento infantil saudável, além de promover relacionamentos mais eficazes e contribuir para a qualidade de vida nesses adultos. Especificamente no contexto familiar, estudos mostram que pais poderiam, por meio de estratégias educativas específicas, promover nos filhos a aprendizagem de habilidades sociais reduzindo, assim, a frequência de problemas de comportamento, que podem interferir no rendimento escolar. Nos últimos anos, o conceito de Habilidades Sociais Educativas tem adquirido relevância, em estudos teóricos e empíricos, ao estar focadas na promoção da aprendizagem e desenvolvimento infantil. Torna-se indispensável, portanto, os pais desenvolverem tais habilidades para o sucesso da sua tarefa educativa. Diante dessas considerações, o presente estudo objetivou avaliar o impacto de um Programa de Treinamento de Habilidades Sociais Educativas para pais (PHSE-Pais) sobre o próprio repertório de habilidades sociais educativas e sobre o repertório de habilidades sociais, o nível de problemas de comportamento e desempenho acadêmico dos filhos, em idade escolar. Participaram do estudo vinte mães de crianças escolares, alocadas em duas condições: de intervenção (GI) e de controle (GC). O GI participou de 15 sessões de intervenção, com duração de 75 minutos e realizadas semanalmente durante um semestre. Foram realizadas, para ambos os grupos (de intervenção e controle), avaliações antes (pré-intervenção), durante (de processo) e depois (pós-intervenção) do programa, usando diversos instrumentos e protocolos. O repertório parental foi avaliado por meio do Inventário de Habilidades Sociais (IHS) e do Inventário de Habilidades Sociais Educativas – versão para pais (IHSE-Pais), sendo ambos instrumentos de auto-relato; e por meio do Protocolo de Avaliação Parental, preenchido pelo filho. O comportamento infantil, por outro lado, foi avaliado usando o Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais (SSRS-BR2), nas três versões (pais, professores e crianças) e do Teste de Desempenho Escolar (TDE), realizado pelas próprias crianças. Os dados coletados ainda serão analisados

descritiva e inferencialmente por meio de programas estatísticos, adotando o nível de significância de 0,05 ($p < 0,05$), e estarão disponíveis para serem apresentados no Seminário.

CO- 54 PROMOVENDO RELAÇÕES INTERPESSOAIS POSITIVAS NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO

Luana de Mendonça Fernandes (UERJ), Carolina Seixas da Rocha (UERJ), Adriana Pinheiro Serqueira das Chagas (UERJ), Vanessa Barbosa Romera Leme (UERJ)

O contexto universitário é atualmente caracterizado por relações interpessoais individualistas e competitivas que podem inviabilizar o surgimento de fatores de proteção do suicídio (tais como busca rede de apoio, habilidades sociais, autoeficácia etc.), o que torna essa população um segmento da sociedade brasileira mais vulnerável a tentativas e atos suicidas. Melhorar a qualidade das relações interpessoais por meio do desenvolvimento e ampliação do repertório de habilidades sociais e de vida tem sido indicado como uma das formas de propiciar condições de promoção da saúde mental dos universitários. Nessa direção, o presente estudo teve como objetivo apresentar a experiência de aplicação de um Programa de Habilidades Sociais para a promoção de relações interpessoais positivas e a prevenção de fatores de risco ligados à maior incidência de suicídio no curso de vida. Participaram oito alunos do curso de pedagogia, duas professoras e dois servidores técnicos-administrativos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. O programa teve cinco encontros semanais, com duração de duas horas, no formato de curso de extensão, conduzido em um auditório de capacitação na universidade. Foram trabalhados nos encontros os seguintes temas: (1) campo teórico-prático das habilidades sociais e habilidades de vida; (2) expressão de emoções e autocontrole; (3) empatia; (4) assertividade; (5) solução de problemas interpessoais; (6) lidar com a pressão do grupo. A metodologia de ensino contou com a realização de exercícios em pequenos grupos para avaliar a compreensão dos conceitos apresentados, vivências, role playing, recursos audiovisuais (vinhetas de filmes e músicas) e tarefas de treino para casa. Os resultados do programa foram avaliados por meio de avaliação de processo e final. A avaliação de processo envolveu o preenchimento de um protocolo pela equipe que coordenou os encontros (uma professora e três alunas de pós-graduação), durante todas as sessões. Essa avaliação analisou o desempenho da facilitadora e os comportamentos dos participantes que indicavam confiança e engajamento nas atividades propostas. A avaliação final foi realizada oralmente e por meio do preenchimento de um questionário sobre os ganhos nas relações interpessoais. Os resultados indicaram uma melhora nas habilidades sociais de expressar emoções e sentimentos de modo assertivo, bem como, o aumento da capacidade de prestar atenção, ouvir e demonstrar interesse pelo outro, reconhecer/inferir sentimento dos interlocutores, compreender a situação (assumir perspectiva), demonstrar respeito às diferenças, expressar compreensão pelos sentimentos ou experiências dos outros,

oferecer e buscar ajuda. Além de terem sido relatados um aumento da capacidade de enfrentar situações estressantes e resolver problemas (autoeficácia) e do fortalecimento da autoestima e motivação para mudança, através da busca por novas formas de enfrentamento que aumentam o bem-estar. Conclui-se que o programa se mostrou adequado para melhorar as relações interpessoais no contexto universitário. Com as informações obtidas será possível realizar outras intervenções com grupos homogêneos da população universitária.

CO-55 PROPOSTA DE FOLHA DE REGISTRO DE DADOS OBSERVADOS NO TREINO DE HABILIDADES SOCIAIS PROFISSIONAIS

Andreza Cristina Both Casagrande Koga (UNITAU), Marilsa de Sá Rodrigues (UNITAU), Maria Julia Ferreira Xavier Ribeiro (UNITAU), Elvira Aparecida Simões de Araújo (UNITAU)

A observação é uma das principais ferramentas utilizadas por pesquisadores interessados no estudo do comportamento humano. A situação de treino de habilidades sociais profissionais envolve a interação entre os participantes e entre estes e o coordenador, e a partir dessa interação é possível perceber e registrar o desenvolvimento das habilidades sociais aprendidas e adquiridas no processo. A riqueza de detalhes dessa interação proporciona dados para análise posterior e diante da necessidade de efetuar os registros de forma estruturada foi desenvolvido um protocolo composto por três etapas, cada qual com um formulário específico, contudo interligados. Aqui, será apresentada a primeira etapa do protocolo, que consiste no registro dos dados observados durante o treino, ou seja, realizado por meio da observação direta, presencial, no momento em que os fatos ocorrem, configurando um registro cursivo dos dados. Para este estudo, foi realizada uma pesquisa de campo, com abordagem qualitativa e com objetivos exploratórios acerca do tema. A amostra em que o treino foi aplicado, foi composta de seis alunos de pós-graduação, sendo uma participante do sexo feminino e cinco do sexo masculino, na faixa etária de 23 a 44 anos (média de 33 anos e desvio padrão de 8,09). A folha de registro desenvolvida para a etapa inicial do protocolo recebeu o nome de Folha de Registro de Observação Direta. Aplicada a todas as sessões do treino, esta folha foi elaborada a partir de modelos já existentes na literatura e adaptada às necessidades e particularidades de uma situação de treino de habilidades sociais. Construída com o objetivo de estruturar a observação e o registro dos dados, trata-se de uma folha de registro onde constam informações a respeito do treino (data, número da sessão, nome do observador, tipo de observação realizada, técnica de registro utilizada, horário de início e término do registro e o tema da sessão), bem como do ambiente (foi reservado um espaço para que o observador faça um diagrama do ambiente, detalhando sua configuração, ou seja, a posição dos observadores, dos participantes,

das câmeras de vídeo e do coordenador do grupo). Oferece ainda espaço para anotações sobre os participantes (identificação por iniciais e a descrição destes), bem como a identificação do local e informações complementares daquela situação de treino. O registro dos dados ocorre na sequência, sendo o observador orientado a registrar os componentes molares do comportamento e os fatos na ordem em que ocorrem, permitindo relatar a estrutura daquele treino. Acredita-se que a Folha de Registro de Observação Direta, bem como o protocolo em si, trazem importantes contribuições ao Treino de Habilidades Sociais Profissionais, pois possibilitam o registro de aquisição de comportamentos durante o desenvolvimento do treino. Além disso, esta folha de registro pode ser adaptada a outras situações, com diferentes populações, e contribuir para o trabalho de pesquisadores e estudantes que necessitem fazer uso da observação em seus estudos.

CO-56 PROTOCOLO DE CLASSIFICAÇÃO DE COMPORTAMENTO ASSERTIVO NO TREINO DE HABILIDADES SOCIAIS PROFISSIONAIS

Andreza Cristina Both Casagrande Koga (UNITAU), Marilsa de Sá Rodrigues (UNITAU), Maria Julia Ferreira Xavier Ribeiro (UNITAU), Elvira Aparecida Simões de Araújo (UNITAU)

A partir da dissertação de mestrado intitulada “Desenvolvimento de um protocolo de observação aplicado ao treino de habilidades sociais profissionais”, que pode ser consultada na íntegra no texto do arquivo publicado em 2017, foi desenvolvido um protocolo que é composto por três etapas, cada qual com um formulário específico, contudo interligados. Este estudo visa apresentar a Folha de Registro de Classificação de Assertividade, parte integrante do protocolo de observação, que consiste na classificação do comportamento como assertivo, não assertivo ou agressivo a partir da observação das filmagens de uma situação de treino de habilidades sociais profissionais. O comportamento assertivo no ambiente de trabalho, traz grandes contribuições ao relacionamento interpessoal e para o trabalho em equipe necessário para que a organização alcance seus objetivos. Essa classe de comportamento pode ser considerada também um indicativo de habilidade social, ou seja, o comportamento assertivo permite que ambos os interlocutores se valorizem, se expressem de forma clara e sintam-se bem consigo mesmos, sem que para isso seus direitos ou do outro sejam feridos, havendo portanto, maior respeito por si mesmo e melhor adaptabilidade ao ambiente social. Para este estudo, foi realizada uma pesquisa de campo, com abordagem qualitativa e com objetivos exploratórios acerca do tema. A população em que a observação foi aplicada, foi composta de seis alunos de pós-graduação, sendo uma participante do sexo feminino e cinco do sexo masculino, na faixa etária 23 a 44 anos. A amostra foi constituída das observações do treino, com base na análise das filmagens das sessões. O protocolo foi desenvolvido e aplicado a um Treino de

Habilidades Sociais Profissionais realizado pelo Grupo de Pesquisa em Planejamento, Gestão e Desenvolvimento de Carreiras em Âmbito Regional, composto por alunos de Pós Graduação de uma universidade do interior do Estado de São Paulo. Trata-se do registro dos comportamentos apresentados pelos participantes em determinadas situações do treino, denominadas “cenas”, com a indicação dos participantes envolvidos naquela cena, registrando-se o tempo de início e término da mesma, o registro da situação apresentada e do comportamento emitido. Em seguida, este comportamento deve ser classificado como assertivo, não assertivo ou agressivo. O protocolo permite a vizualização dos dados registrados em planilhas ou gráficos, facilitando a análise dos mesmos. Este protocolo pode ser aplicado desde a primeira sessão do treino, sendo um indicador do comportamento assertivo dos participantes antes da sessão que trabalha este tema, durante a sessão e pode mostrar também, se houve a aquisição ou evolução deste comportamento a partir daquela sessão específica, levando-se em consideração, que na sessão que trabalha o tema Assertividade, haverá uma tendência a maior número de registros de comportamentos assertivos. Esta folha de registro também pode ser adaptada aos diferentes temas abordados no treino de habilidades sociais profissionais e, ainda, a outras situações de observação. A Folha de Registro de Classificação de Assertividade obteve índice satisfatório de concordância entre os observadores (93%), considerado válido para a confiabilidade do instrumento e, portanto, para a avaliação e classificação do comportamento assertivo dos participantes do Treino de Habilidades Sociais Profissionais.

CO-57 RELAÇÕES ENTRE O REPERTÓRIO SOCIAL DE CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL E HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS DE SEUS CUIDADORES

Lívia L. de L. Guerra (UFSCar), Zilda A. P. Del Prette (UFSCar)

As habilidades sociais (HS) têm sido apontadas como fator de proteção no curso do desenvolvimento infantil, inclusive para crianças em situação de vulnerabilidade, como é o caso daquelas sob acolhimento institucional. Portanto, pode-se questionar como estaria o desenvolvimento socioemocional dessa população em termos de HS e problemas de comportamento (PC). O cuidador profissional é o adulto de referência para essas crianças, pode-se questionar também se e o quanto ele estaria promovendo esse desenvolvimento, por meio do uso das habilidades sociais educativas (HSE). O presente estudo teve o objetivo geral de investigar possíveis relações entre o repertório de HSE (e HS) dos cuidadores e o repertório de HS e PC das crianças. Participaram, 36 crianças na faixa etária de 6 a 12 anos e 19 cuidadores, de 23 a 62 anos, de referência. Os dados foram coletados em quatro instituições de acolhimento localizadas em três cidades de médio porte do interior do Estado de São Paulo/SP. Para tanto, foram utilizados: a versão brasileira do Social Skills Rating

System (SSRS); o Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette) e o Inventário de Habilidades Sociais Educativas (IHSE-Pais em versão para cuidadores). As análises estatísticas descritivas e inferenciais mostraram que: (1) A amostra de crianças apresentou escores abaixo da norma em habilidades sociais, principalmente na classe de empatia e, os problemas de comportamento externalizantes, segundo os cuidadores, foram os mais frequentes; (2) Os cuidadores apresentaram, em sua maioria, escores classificados como repertório médio inferior e médio superior em habilidades sociais e deficitário e médio inferior em habilidades sociais educativas; (3) As crianças com maior repertório de habilidades sociais apresentaram menos problemas de comportamento; (4) As crianças com maior repertório de HS tenderam a avaliar mais positivamente o repertório de Habilidades Sociais Educativas dos cuidadores; (5) Não foi encontrado resultado significativo entre o repertório de Habilidades Sociais Educativas dos cuidadores e de HS das crianças, como é esperado no caso de pais e filhos; (6) No entanto, no caso da amostra de cuidadores do presente estudo, habilidades de demonstração de atenção e afeto/conversar e dialogar foram as mais deficitárias, justamente aquelas positivamente correlacionadas com o repertório de habilidades sociais dos filhos e estarem presentes no repertório de pais cujos filhos apresentam um repertório mais amplo de HS. Levanta-se a hipótese de que possivelmente os cuidadores invistam mais naquelas crianças com melhor repertório de habilidades sociais. Discute-se, portanto, diferenças nos contextos institucionais e familiares e a importância de os cuidadores serem modelos de vínculo seguro e de expressão de afeto para com a criança. Tais achados podem ser considerados também na contratação de cuidadores profissionais bem como no planejamento de intervenções pautadas em HSE. Os dados sugerem, ainda, a relevância de intervenções voltadas para a promoção de HS de crianças institucionalizadas como forma de contribuir para seu desenvolvimento socioemocional.

CO-58 RELAÇÕES INTERPESSOAIS ENTRE EDUCADORES SOCIAIS E EDUCANDOS: UMA DESCRIÇÃO BASEADA NAS HABILIDADES SOCIAIS

Leandro B. R. (Universidad del Salvador - USAL), Daniele C. L. (Universidad del Salvador – USAL)

Apesar de ter alcançado enormes avanços científicos, a sociedade ainda passa por muitas dificuldades e uma delas é a crise das relações interpessoais, fenômeno que pode ocasionar nas pessoas diversos comportamentos antissociais, inclusive nos ambientes educativos. As situações desfavorecidas de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade socioeconômica, relacional e risco de exclusão social agravam os problemas. Estes indivíduos necessitam participar de contextos socioeducativos que lhes ajudem a adquirir competências sociais que fortaleçam sua capacidade de resiliência, superação e desenvolvimento. Estudos demonstram que a boa qualidade das relações interpessoais de educadores com seus educandos é

essencial para que ocorram de maneira satisfatória os processos educativos em ditos contextos. O campo teórico-prático das Habilidades Sociais, tendo como objeto de investigação o desempenho social, visa promover superação das dificuldades interpessoais dos indivíduos por meio do ensino de comportamentos (habilidades sociais) que maximizem os ganhos para o indivíduo e para as pessoas envolvidas na interação. Considerando a importância das relações interpessoais na Educação Social, que é realizada em ambientes fora da escola, este estudo buscou descrever, a partir de relatos de educadores sociais, como estes percebem seu relacionamento interpessoal com seus educandos, a importância do desenvolvimento de habilidades sociais, o impacto de sua forma de pensar e de se comportar no desenvolvimento dos educandos e sobre a ocorrência de conflitos interpessoais durante os encontros nos grupos. O delineamento da investigação foi não experimental, de levantamento e transversal, com a participação de 25 educadores sociais, que responderam ao Questionário de Relações Interpessoais de Educadores Sociais - QRIES, de forma autoaplicável e anônima. Os resultados mostraram que, de maneira geral, os educadores sociais se autoavaliaram com boas relações interpessoais entre eles e seus educandos, com maior frequência de conflitos interpessoais entre os educandos, mais que entre os educandos com seus educadores. No entanto, foi observado que havia alguma interferência negativa nas condutas de alguns educadores, que interferiam no alcance do principal objetivo socioeducativo que é promover a socialização das crianças e adolescentes. Alguns educadores relataram não compreender que tinham qualquer relação no surgimento e/ou manutenção de conflitos com e entre os educandos. Uma parcela dos educadores relatou não compreender que a qualidade de sua interação social com as crianças/adolescentes possui reflexo no processo de aprendizagem dos mesmos, porém outra parcela acreditava que sua dificuldade de relacionamento interpessoal poderia trazer mais problemas de aprendizagem aos educandos. Alguns educadores se descreveram como inseguros em promover intervenções em habilidades sociais e outros manifestaram dificuldades para lidar com educandos agressivos, tímidos, arrogantes e aqueles que apresentavam dificuldades de aprendizagem. Foram destacados vários comportamentos problemáticos entre os educandos, que ocorrem de maneira estável e frequente. Também foi possível verificar quais os educadores que mais estavam envolvidos com situações de conflito direto com os educandos. Com base nos resultados obtidos podem ser discutidas questões relacionadas à necessidade e importância de investimento no treinamento de habilidades sociais para capacitação interpessoal de educadores sociais, bem como para os educandos que participam de contextos socioeducativos.

CO-59 RESPOSTAS AGRESSIVAS, PASSIVAS E ASSERTIVAS EM ADOLESCENTES COM COMPORTAMENTO DELITUOSO PERSISTENTE

Mariana G. de O. Franco (FFCLRP - USP), Lais S. Galinari (FFCLRP - USP), Marina R. Bazon (FFCLRP - USP)

Em meio a adolescentes que apresentam delinquência persistente, é possível identificar diferentes padrões comportamentais: um que se caracteriza por uma escalada de gravidade, integrando delitos violentos, envolvendo diretamente vítimas (persistente maior); outro que se caracteriza pela não apresentação da escalada de gravidade (persistente menor). A delinquência juvenil, enquanto manifestação de comportamentos não adaptativos, pode estar atrelada a características individuais como, por exemplo, ao déficit de habilidades sociais. Portanto, faz-se necessária a investigação dos repertórios de habilidades sociais considerando as diferentes trajetórias delituosas, uma vez que é possível que estas estejam relacionadas a diferentes padrões de comportamento e demandem intervenções específicas. No quadro de uma pesquisa mais ampla, no presente estudo destacam-se os resultados relativos ao objetivo de verificar a existência de diferenças em termos de respostas (passivas, assertivas ou agressivas) a situações sociais, em adolescentes com comportamento delinquente/delituoso persistente distintos (maior e menor) e em adolescentes com comportamento delinquente/delituoso não-significativo. Participaram 40 adolescentes com idades entre 16 e 18 anos. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas de Delinquência Autorrevelada para investigar e classificar os adolescentes segundo o padrão de comportamento delinquente/delituoso, chegando-se ao seguinte delineamento: persistente maior-G1=14, persistente menor-G2=10; sem prática delituosa significativa-G3=16. A todos os adolescentes foram apresentadas 08 vinhetas (pequenas histórias hipotéticas) de interações sociais ambíguas. Mediante a apresentação de cada uma, foi feita a pergunta “O que você faria nesta situação?”, sendo suas respostas, posteriormente, classificadas como “agressivas”, “assertivas” ou “passivas” e respectivamente pontuadas de 0 a 1 de acordo com a presença da resposta, o que resultou em três escores de 0 a 8 para cada tipo de resposta. Tendo por base as respostas dos participantes em todas as vinhetas, comparações foram realizadas por meio da análise de variância Kruskall-Wallis. Para identificação das diferenças entre um grupo e outro, empregou-se o teste Mann-Whitney Rank Sun. Os resultados obtidos indicaram que G1 apresentou maior frequência de respostas agressivas que G2 e G3. G2, por sua vez, apresentou maior frequência de respostas agressivas que G3. Os grupos G1 e G2 não se diferenciaram quanto à emissão de respostas passivas, sendo que ambos as emitiram em maior frequência que G3. O mesmo padrão foi observado em relação às respostas assertivas, ou seja, G1 e G2 não apresentaram diferenças na emissão desse tipo de resposta; no entanto a apresentaram em menor frequência que G3. Os resultados indicam que a emissão de respostas agressivas aumenta em frequência conforme aumenta também o agravamento da conduta delituosa. Ademais, indicam que os adolescentes com padrão de comportamento delinquente/delituoso persistente constroem/elencam menos respostas competentes que jovens de mesma idade, que apresentam comportamento delinquente/delituoso não-significativo, pois apresentaram significativamente mais respostas agressivas e

passivas e menos respostas assertivas. Esses dados sugerem que há diferenças no repertório de habilidades sociais dos adolescentes estudados e que estas se relacionam aos seus padrões de comportamento delinquente/delituoso. Isto fornece pistas para intervenções psicossociais diferenciadas em delinquência juvenil, de acordo com as características/necessidades de cada adolescente.

CO-60 REVISÃO SISTEMÁTICA SOBRE A RELAÇÃO ENTRE ACIDENTE VASCULAR CEREBRAL E HABILIDADES SOCIAIS

Mariana De Almeida Andrade (UFAL), Lucas Cordeiro Freitas (UFAL)

Estudos têm apontado um crescente número de indivíduos acometidos por lesões encefálicas, existindo nesses quadros várias origens, sendo uma delas a interrupção do sistema vascular. Dentre as lesões encefálicas adquiridas o Acidente Vascular Cerebral (AVC) é considerado, junto com suas sequelas, um problema de saúde pública que merece bastante atenção. O número de adultos entre 18 e 45 anos que sobrevivem após AVC cresce a cada ano em todas as classes socioeconômicas, o que acarreta um custo significativo à sociedade e à economia, por se tratar da principal causa de incapacidades neurológicas e de importantes disfunções motoras e cognitivas, assim como também por apresentar como consequência, entre outros fatores, o comprometimento de Habilidades Sociais (HS), que de forma geral aplicam-se à noção de existência de diferentes classes de comportamentos sociais no repertório do indivíduo que contribuem para a competência social. O presente estudo tem como objetivo realizar uma revisão sistemática sobre estudos que abordam a relação entre Acidente Vascular Cerebral e Habilidades Sociais. Foram realizadas buscas nas bases de dados eletrônicas BVS (Biblioteca Virtual em Saúde-Brasil), Eric (Education Resources Information Center), PsycInfo, PubMed, Scielo (Scientific Eletronic Library Online) e Science Direct utilizando-se os descritores: social skills, interpersonal relationships, social competence, interpersonal communications e stroke. Foram recuperados inicialmente 49 artigos. Os critérios de inclusão adotados no presente levantamento foram: 1) manter relação com a temática em questão, contendo pelo menos um dos componentes das habilidades sociais associados a lesões provenientes de AVC; 2) tratarem-se de relatos de pesquisas empíricas e 3) terem sido publicados nos últimos quinze anos. Após a aplicação dos critérios de inclusão foram selecionados 14 artigos que se configuram como relatos de pesquisas empíricas, publicadas nos últimos quinze anos. Os resultados do levantamento apontam que existe pouca literatura que aborda a relação entre lesões cerebrais por AVC e déficits em habilidades sociais, tanto em língua estrangeira como em português brasileiro nenhum estudo foi encontrado. As investigações que associam AVC aos diversos domínios das HS priorizaram populações de crianças e idosos, sendo os estudos com a população adulta pouco representados nesse cenário. Essa carência indica a necessidade de se estudar a relação proposta também na população adulta. Os resultados empíricos dos estudos encontrados sugerem que o desempenho social de indivíduos após o episódio de AVC apresenta alterações de moderadas a graves

em diversos domínios das relações interpessoais. Esses indivíduos também apresentaram resultados mais desfavoráveis em termos de funcionamento social e de problemas comportamentais, tanto nos comportamentos gerais, quanto nos comportamentos adaptativos.

CO-61 STATUS SOCIOMÉTRICO EM ADOLESCENTES NA TRANSIÇÃO PARA O SEGUNDO CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Fátima de A. Maia (Universidade Salgado de Oliveira), Adriana B. Soares (Universidade Salgado de Oliveira)

Muitos desafios estão presentes no processo de socialização dos estudantes. Alcançar competências diante de situações novas e principalmente em interações com o grupo de pares, amplia e aprimora o repertório de comportamentos sociais, fazendo com que o indivíduo entenda de forma gradativa os valores e normas culturais que estão presentes na vida em sociedade. Este estudo teve por objetivo identificar e comparar o status sociométrico de estudantes que passam pela transição do primeiro para o segundo ciclo do Ensino Fundamental. Participaram da pesquisa 229 alunos, sendo 128 do 6º ano com idades entre 10 e 13 anos e um grupo comparativo composto de 101 alunos do 7º ano, com idade entre 13 e 15 anos. Os pais assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e a pesquisa foi aprovada pelo ao Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade. Os dados foram coletados através do Protocolo de Indicação Sociométrica que é uma avaliação utilizada para medir o status social de aceitação/rejeição entre pares, permitindo refletir sobre a inclusão ou exclusão social e a popularidade de alunos por seus colegas de turma. A avaliação sociométrica permite identificar crianças rejeitadas, negligenciadas, populares e controvertidas da sala, destacando características interpessoais 1) populares: são alunos preferidos pelos pares por serem colaboradores e líderes, com maior índice de aceitação e tendência a exibir mais comportamentos positivos; 2) rejeitados: referem-se aos alunos com pouca liderança e com tendência a serem evitados. São mais destrutivos e briguentos, menos colaboradores, com tendência a comportamentos negativos e conduta menos social; 3) controvertidos: esses alunos apresentam uma tendência a sentimentos ambivalentes ora negativos, ora positivos; 4) negligenciados: apresentam timidez, isolamento social sendo ignorados e desconsiderados em sala. Foi solicitado que cada aluno nomeasse três colegas que gostariam de brincar ou estudar e três colegas que não gostariam de brincar ou estudar. Os resultados do status sociométrico permitiram identificar as posições dos estudantes no grupo e as peculiaridades do 6º com mais atribuições de comportamentos de rejeição, de popularidade, comportamentos controversos e negligenciados do que os do 7º ano. Os alunos do 7º ano apresentam um aumento no desenvolvimento afetivo e social, demonstrando maior interação nas relações sociais e aceitação dos indivíduos no grupo. Os meninos, mais do que as meninas, apresentaram escores superiores na variável rejeitados, associando-se a ideia de que os mesmos demonstram maiores

dificuldades e maiores evidências de problemas externalizantes que envolvem comportamentos opositores e agressivos nas relações sociais. Pode-se perceber que os meninos, ao mesmo tempo em que são considerados rejeitados, superam as meninas em relação à popularidade, recebendo dos amigos indicações de cooperação, conduzindo de forma positiva sua relação grupal. Os resultados encontrados no estudo com alunos de 6º e 7º anos permitem perceber que os relacionamentos vão se construindo à medida que os estudantes começam a associar e desenvolver formas adaptativas no relacionamento social. Com isso, as relações que se dão no interior da escola demandam um conjunto de desempenhos complexos que podem facilitar ou dificultar seu desenvolvimento em situações relacionais.

CO-62 TRANSTORNOS ALIMENTARES E HABILIDADES SOCIAIS: ESTUDO DE AVALIAÇÃO DO REPERTÓRIO SOCIAL

Fellipe A. de L. Souza (Faculdade de Medicina - USP), Rosa Guedes (Faculdade de Medicina - USP), Isabelle T. Carneiro (Faculdade de Medicina - USP), Sandra Pesce. Raphael C. Filho (Faculdade de Medicina - USP)

Os protocolos estruturados de terapia cognitiva comportamental em sua última atualização, desenvolveram um modelo transdiagnóstico de tratamento. Nessa versão, eles descrevem que grande parte dos pacientes com transtornos alimentares, apresentam dificuldades nas interações sociais, que são melhoradas conforme o paciente se reabilita da psicopatologia alimentar. Porém, existe um grupo de pacientes que não tem evolução no funcionamento social, mesmo após estarem com remissão total ou parcial dos sintomas da Anorexia, Bulimia e Compulsão Alimentar. O DSM-5, discorre sobre consequências funcionais dos transtornos alimentares, relatando que o estresse interpessoal pode intensificar comportamentos de restrição, purgação e/ou compulsão. Além dos pacientes apresentarem isolamento social, inibição da expressão de sentimentos e dificuldades em manter papeis sociais. Sendo assim, o objetivo desse estudo, é avaliar o repertório das habilidades sociais de pacientes com transtornos alimentares e a necessidade de treino das habilidades sociais. A amostra foi composta por 102 pacientes, ambos os sexos, idade entre 18 até 60 anos, diagnosticados com transtorno alimentar. Os instrumentos de avaliação utilizados foram entrevistas com os pacientes e o inventário de Habilidades Sociais – IHS Del Prette. No escore total do IHS-Del-Prete, 60% dos pacientes apresentaram repertório abaixo da média inferior, 25% tinham um bom repertório social, 9% repertório bastante elaborado e 6% repertório altamente elaborado. As classes de comportamentos com maior comprometimento social (déficit), dessa população, são a autoafirmação na expressão de sentimentos positivos – F2 (receber elogios, elogiar familiares, participar de conversação, defender os outros no grupo e expressar sentimentos positivos); conversação e desenvoltura social – F3 (recusar pedidos abusivos, encerrar conversação, pedir favores, falar em público, participar de uma conversa e abordar autoridades), e autocontrole da agressividade – F5 (lidar com críticas, chacotas,

apelidos e cumprimentar desconhecidos). Grande parte desses comportamentos deficitários estão atrelados a sintomatologia dos transtornos alimentares, pois esses pacientes têm dificuldades para aceitar elogios, participar de uma conversação, falar em público e arrumar alternativas para agressão, decorrente da distorção da imagem corporal que apresentam, causando um isolamento social, por terem receios de serem julgados pelo seu corpo/peso. Como o alimento se tornou um aversivo condicionado, eles acabam evitando ambientes sociais que tenham a presença do alimento, tendo comportamentos clássicos de esquiva social, por terem receios de serem obrigados a comerem, terem uma perda de controle na frente dos amigos e medo de serem julgados pelo que comem. De acordo com os dados obtidos nessa pesquisa, conclui-se a necessidade de treino das habilidades sociais para reabilitação dos comportamentos deficitários (F2, F3 e F5), que contribuirá para o ajustamento social e melhora das relações sociais de pacientes com transtornos alimentares.

CO-63 VALIDAÇÃO SOCIAL DE UMA ATIVIDADE EM HABILIDADES SOCIAIS PARA LICENCIANDOS E PROFESSORES DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Tatiane C. R. Lessa (Universidade Federal de São Carlos), Carolina S. L. da Costa (Universidade Federal de São Carlos)

Na escola é possível vivenciar uma multiplicidade de situações em que as realidades socioculturais dos alunos apresentam influência direta sobre seus processos de aprendizagem. Nesse sentido, a formação inicial e continuada de professores apresenta-se como um desafio tanto para os que fomentam como essas políticas irão se constituir e se solidificar, como para aqueles que pesquisam e a vivenciam em sua prática diária. Essa formação deve considerar questões inerentes a melhoria da atuação do professor que, além de tratar de questões educacionais deve garantir a melhoria de suas práticas de sala de aula, buscando efeitos não apenas imediatos, mas também duradouros. Por isso, acredita-se que o estudo das habilidades sociais no contexto escolar é de grande valia uma vez que a escola é um importante meio social de que o ser humano participa e, ainda, porque o professor terá papel fundamental uma vez que poderá ser um importante modelo ou agente de ensino dessas habilidades. Frente a tal contexto, o presente trabalho teve como objetivo analisar a validação social de uma atividade em habilidades sociais para alunos dos cursos de licenciatura e professores de alunos do Público Alvo da Educação Especial. Trata-se de uma pesquisa descritiva com a participação de 12 professores e 7 alunos de cursos de licenciatura totalizando 19 participantes. A coleta de dados ocorreu após a realização de uma atividade curricular de integração ensino, pesquisa e extensão ao longo de 12 encontros em que eram realizadas vivências em habilidades sociais para os participantes. Os participantes responderam a um questionário com perguntas abertas e fechadas. Os dados compilados pelas questões abertas foram categorizados e das questões fechadas realizou-se as médias da frequência das

respostas. Os resultados das questões fechadas tiveram média entre 9,16 (DP=0,96) e 9,89 (DP=0,32) para os itens de aprendizado pessoal teórico das classes de habilidades sociais e domínio teórico e prático do aplicador das vivências, respectivamente. Já nas questões abertas emergiram as seguintes categorias: 1. Aspectos Positivos: a) Aprendizado na vida pessoal e profissional; b) Aspectos da organização do curso e; c) Aspectos relativos à facilitadora; 2. Aspectos Negativos: a) Aspectos Gerais; b) Necessidade de maior aprofundamento teórico dos temas; c) Preenchimento dos instrumentos; 3. Expectativa dos participantes: a) Superou as expectativas e; b) Atendeu às expectativas; 4. Aspectos de Autoavaliação dos participantes: a) Ótima; b) Boa; c) Regular; 5. Sugestões de aperfeiçoamento do curso: a) Sem sugestões; b) Em branco; c) Aspectos gerais do curso; d) Temática Específica da Educação Especial; e) Aspectos organizacionais; f) Disponibilização do curso em outros contextos. De maneira geral identificou-se a satisfação dos participantes na atividade em habilidades sociais e a sinalização da necessidade de formações desse tipo em outros contextos, como na própria escola por exemplo. Acredita-se que o trabalho foi importante para sugerir futuras pesquisas na área da formação de professores, seja inicial ou continuada, bem como na importância da reflexão de atividades práticas que envolvam esses contextos.

CO-64 VULNERABILIDADE EM SAÚDE DO ADOLESCENTE EM REGIÃO DE FRONTEIRA E PROMOÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS

Rafael Soares Corrêa (UNIOESTE), Ana Maria de Almeida (UNIOESTE)

Este estudo tem como objetivos identificar as condições de vulnerabilidade em adolescentes, identificar e realizar encontros para promoção de habilidades sociais em adolescentes na região de fronteira. As intervenções foram realizadas com alunos do ensino médio da rede pública de ensino do município de Foz do Iguaçu – Paraná - Brasil, sendo em 2 etapas: Etapa de diagnóstico através da aplicação dos instrumentos Questionário de Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar – PENSE/ 2015 e Inventário de Habilidades Sociais em Adolescentes – ISHA. Baseia-se em um estudo de corte transversal desenvolvido na cidade de Foz de Iguaçu com alunos da rede pública de educação do ensino médio e técnico. A amostra foi composta por 722 participantes. O desenho amostral consistiu de uma amostra probabilística de conglomerados e aleatória simples, realizada em 29 colégios e 40 salas de aula. A análise dos dados consistiu em estatística descritiva e associação de fatores como uso de álcool, cigarro, drogas ilícitas, vulnerabilidade sexual, bullying, através de análises binárias usando teste de chi-quadrado e regressão logística múltipla. A prevalência do uso de álcool entre os adolescentes (52,7% e 72,2%), uso de tabaco (10,8% e 5,45), uso de drogas ilícitas (7,8% e 3,9%), episódios de bullying (18,6% e 16,2%), vulnerabilidade sexual (15,3%). A correlação entre bullying e vulnerabilidade sexual com características sócio demográficas, consumo de álcool, tabaco e drogas ilícitas ocorreu com maiores chances para adolescentes que utilizaram álcool antes

dos 14 anos de idade (p 0,016), que usaram maconha no último mês (p 0,006), sexo feminino (p 0,010), uso de cigarro antes dos 14 anos de idade (p 0,019), uso de crack no ultimo mês (p 0,001), e que tinham amigos usuários de drogas (p 0,005). A identificação dos fatores de vulnerabilidade auxilia na posterior promoção de aspectos positivos tanto do adolescente como da rede de atenção a saúde do mesmo, considerando a ampliação dos envolvidos na determinação do processo saúde doença assim como na elaboração de políticas públicas. Tais fatores necessitam de maior atenção para elaboração de intervenções estratégicas e planejadas intersetorialmente envolvendo vários atores da sociedade como pais, professores, empresários, políticos e o próprio adolescente, buscando a criação de estratégias individuais e coletivas para o enfrentamento da problemática apresentada. Esse estudo estabeleceu a base para o desenvolvimento da Etapa de intervenção que consistirá na realização de encontros para potencializar as habilidades sociais em adolescentes que apresentaram pontuação abaixo da média em habilidades sociais e alta vulnerabilidade na etapa de diagnóstico. A intervenção consistirá em 4 encontros grupais em cada escola participante da pesquisa, com 90 minutos de duração e intervalos quinzenais entre os encontros. Os temas abordados serão: 1) feedaback, 2) empatia, 3) leitura do contexto, 4) solução de problemas.

CO-65 VULNERABILIDADE EM SAÚDE DO ADOLESCENTE NA REGIÃO DE FRONTEIRA

Rafael Soares Corrêa (UNIOESTE), Ana Maria de Almeida (UNIOESTE)

Este trabalho compõe um estudo maior sobre Vulnerabilidade em saúde em região de fronteira e promoção de habilidades sociais em adolescentes. Visa primeiramente caracterizar as condições de vulnerabilidade em saúde dos adolescentes de uma região de fronteira. Baseia-se em uma pesquisa de coorte transversal desenvolvido na cidade de Foz de Iguaçu com alunos da rede pública de educação do ensino médio e técnico. A amostra foi composta por 722 participantes. O desenho amostral consistiu de uma amostra probabilística de conglomerados e aleatória simples, realizada em 29 colégios e 40 salas de aula. Utilizou-e como instrumento questionário do aluno da PeNSE – 2015. A análise dos dados consistiu em estatística descritiva e associação de fatores como uso de álcool, cigarro, drogas ilícitas, vulnerabilidade sexual, bullying, através de análises binárias usando teste de chi-quadrado e regressão logística múltipla. Na investigação de prevalência, foram observados os seguintes percentuais para sexo masculino e feminino: uso de álcool, 52,7% e 44,4%; uso de tabaco, 10,8% e 5,45%; uso de drogas ilícitas, 7,8% e 3,9%; episódios de bullying entre adolescentes, 18,6% e 16,2%; vulnerabilidade sexual, mensurada através dos adolescentes que tiveram relação sexual antes dos 14 anos de idade e sem proteção, 15,3% e 9%. A correlação entre bullying e vulnerabilidade sexual com características sócio demográficas, consumo de álcool, tabaco e drogas ilícitas ocorreu com maiores chances para adolescentes que utilizaram álcool antes dos 14 anos de idade (p 0,016), que usaram maconha no último mês (p 0,006), do sexo feminino (p 0,010),

que usaram cigarro antes dos 14 anos de idade (p 0,019), tiveram uso de crack no último mês (p 0,001), e que tinham amigos usuários de drogas (p 0,005). Esses fatores necessitam de maior atenção na saúde do adolescente na região de fronteira envolvendo intervenções estratégicas e planejadas intersetorialmente envolvendo vários atores da sociedade. A identificação dos fatores de vulnerabilidade auxilia na posterior promoção de aspectos positivos tanto do adolescente como da rede de atenção a saúde do mesmo, considerando a ampliação dos envolvidos na determinação do processo saúde doença assim como na elaboração de políticas públicas. A região de fronteira é um espaço que apresenta uma dinâmica diferente das demais regiões do país exigindo esforços ainda maiores para a discussão e implementação de políticas públicas. Sendo assim, tanto o adolescente como o conceito de vulnerabilidade apontam desafios para o enfrentamento de questões relacionadas a atenção a saúde, buscando formas mais dinâmicas e relacionais para a construção de ações, projetos e programas que atendam a necessidade dos adolescentes e a realidade apresentada. Considerar a relação do adolescente com o seu meio ambiente, essa questão expressa novos desafios e estratégias para diminuição das situações de vulnerabilidade em saúde do adolescente sendo um dos caminhos apontados pelos autores a elaboração de propostas de intervenções em promoção de habilidades sociais diante dos problemas apresentados, ampliando assim a capacidade e as potencialidades desses indivíduos no enfrentamento das condições de vulnerabilidade.

PAINÉIS

P01- "VÃO-SE OS ANÉIS, FICAM OS FILHOS": AS HABILIDADES SOCIAIS NA EX-CONJUGALIDADE

Isabela Monise da Fonseca Rosa (Universidade Paulista/ UNIP-GOIÂNIA), Lêda Cristina Pinheiro Milazzo (Universidade Paulista/ UNIP-GOIÂNIA), Ivani de Oliveira Castro, Jéssica Lopes de Lima Mendonça (Universidade Paulista/ UNIP-GOIÂNIA), Monique Dorneles Barros (Universidade Paulista/ UNIP-GOIÂNIA), Claudia de Oliveira Alves (Universidade Paulista/ UNIP-GOIÂNIA)

O presente estudo aborda as Habilidades Sociais frente à ex-conjugalidade e permanência da relação de parentalidade. A Lei 13.058/ 2014 em sua redação determina a Guarda Compartilhada como sendo o convívio equilibrado entre os genitores, ambos exercendo o poder familiar e buscando o melhor interesse dos filhos. Com o advento desta Lei é imposto à psicólogas/os o desafio e a possibilidade de contribuir para sua melhor aplicação, uma vez que os pais devem ter a capacidade de estabelecer entendimentos mútuos a fim de preservar sua função parental. O objetivo deste estudo foi, portanto, compreender como as Habilidades Sociais podem contribuir para um melhor relacionamento entre pais separados a partir da visão de psicólogas que atuam ou atuaram na Oficina de Pais do Tribunal de Justiça do Estado de Goiás. Fizeram parte da pesquisa quatro psicólogas. Para a coleta de dados foram realizadas entrevistas semiestruturadas com roteiro de 15 perguntas elaborado pelas pesquisadoras. Os dados foram analisados qualitativamente por meio de análise temática com base nos objetivos do estudo. Os resultados apontam que algumas Habilidades Sociais são abordadas no contexto das oficinas. Segundo as participantes, as habilidades mais relevantes para que os genitores separados se comuniquem habilmente são de comunicação, civilidade e assertividade. As entrevistadas salientaram que estas habilidades podem minimizar os conflitos e contribuir para a satisfação na nova configuração da relação familiar, o que pode favorecer que os filhos se desenvolvam de maneira saudável. Apesar de as Habilidades Sociais serem abordadas nas palestras do Tribunal de Justiça - GO, não há o treinamento das mesmas, em função do tempo e da abordagem de atuação das psicólogas que ministram as palestras nas Oficinas de Pais do TJ - GO. Acredita-se que as Habilidades Sociais podem contribuir significativamente para a aplicação da Guarda Compartilhada, visto que possibilita um melhor entendimento do casal litigante quanto à forma de comunicação entre eles. Diante dos resultados, e frente à ausência de referências de estudos em Habilidades Sociais a pais separados que focam no relacionamento entre o ex-casal com filhos, sugere-se mais estudos e aprofundamentos quanto às Habilidades Sociais, além de sua aplicação/treinamento neste contexto. Assim, prevenindo os conflitos entre os ex-cônjuges, a fim de tornar satisfatória a boa interação dos mesmos em prol dos filhos. Salienta-se, a

necessidade de um olhar mais atento às políticas públicas, para que estas possam efetivamente contribuir para o bem-estar das famílias e desenvolvimento de seus membros. Famílias que, neste cenário de ex-conjugalidade, não se acaba, apenas modifica sua configuração.

P02- 13 REASONS WHY: ANÁLISE DE RECURSOS PROTETIVOS AO COMPORTAMENTO SUICIDA DE HANNAH BAKER

Gabriela Oliveira Vieira (UniCeuma/MA; UFMA/MA; ITPC/MA), Bruno Luiz Avelino Cardoso (UniCeuma/MA; UFMA/MA; ITPC/MA)

O suicídio tem tomado proporções alarmantes na sociedade contemporânea. Nos últimos anos, a mídia tem indicado de forma massiva a importância de atentar para esse problema que ocasiona sofrimento para familiares e vítimas. Diversos casos têm sido divulgados sobre o autoextermínio, e muitos podem ser os motivos que culminam na opção por tirar a vida. A ausência de empatia e de outras habilidades no contexto social pode cooperar para insatisfação e prejuízos interpessoais, dificultando na qualidade de vida. “13 Reasons Why” (em português “Os treze porquês”) é uma série televisiva americana que aborda a vida de Hannah Baker, uma jovem que vivencia uma sucessão de eventos aversivos e, sem o devido suporte social e psicológico, opta por executar suicídio, elencando 13 motivos. Baseado nos treze episódios dessa série, este estudo tem por objetivo analisar recursos protetivos ao comportamento suicida de Hannah Baker. Para isso, foram analisadas as sete fitas (lados A e B) deixadas pela personagem e apontados alguns recursos e habilidades que poderiam auxiliar no suporte social e profissional à pessoas com ideação suicida. Conforme análise dos episódios da série, destacam-se as seguintes habilidades e recursos que poderiam ser utilizados pelo seu ciclo social: (a) escuta compreensiva, por parte dos amigos e familiares, o que facilitaria a abertura de Hannah para falar das situações que lhe incomodavam; (b) habilidades sociais de assertividade, por parte da protagonista, com a finalidade de falar dos problemas que lhe produziam sofrimento e assegurar seus direitos; (c) resiliência, por parte de Hannah, a fim de manejar situações aversivas e utilizar de flexibilidade cognitiva; (c) habilidades sociais de empatia, por parte dos amigos, o que evitaria a presença de rotulações, não aceitação, invasão de privacidade e desconfiança; (d) suporte familiar, escolar (habilidades sociais educativas), para favorecer ensino e modelos de como lidar com problemas; (e) auxílio terapêutico adequado, por parte do conselheiro, pois Hannah procurou por atendimento especializado, mas não obteve suporte ou intervenção do profissional. Durante o enredo, em nenhum momento, mediante as exposições as quais Hannah era submetida, os seus amigos demonstravam apoio ou reconhecimento das consequências negativas que as suas brincadeiras e ações produziam na vida da protagonista. Agir com competência social facilita o desenvolvimento saudável da sociedade. Assim, lidar com diferenças e demonstrar apoio e suporte à pessoas em estado de desconforto emocional coopera para a qualidade dos relacionamentos interpessoais. Destaca-se a importância do suporte familiar, profissional e social à pessoa com ideação suicida. O uso de habilidades e recursos protetivos, tanto por parte da pessoa quanto da sociedade, favorece a valorização da vida e promove razões pelas quais a pessoa deve optar pela vida.

P03- A ASSOCIAÇÃO DAS HABILIDADES SOCIAIS E DOS PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO COM A PERCEPÇÃO DE ESTRESSORES ESCOLARES DE ALUNOS DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Patricia Oliveira de Lima Bento (UNIFAE/São João da Boa Vista/SP), Marta Regina Gonçalves Correia Zanini (FMRP-USP/Ribeirão Preto/SP); Edna Maria Marturano (FMRP-USP/Ribeirão Preto/SP)

As habilidades sociais podem ser consideradas como um recurso pessoal útil para lidar com as fontes estressoras provenientes da escola, já que uma criança com bom repertório social é capaz de expor seus sentimentos e opiniões de maneira assertiva, sem prejuízos para si e para os outros e resolver os conflitos interpessoais de maneira satisfatória, reduzindo a chance de manifestar sintomas de estresse. Acredita-se que o contexto escolar pode ser útil na constituição do repertório social, porém, também pode ser fonte de estresse para algumas crianças, quando suas demandas exigem mais recursos e habilidades do que a criança possui para resolvê-las. A literatura aponta o 1º ano do Ensino Fundamental como um período de vulnerabilidade ao estresse, pois além de medos e expectativas, a criança passa a ser cobrada pelo desempenho, deve se adaptar as novas regras e fazer novas amizades. Sob esta ótica, o presente trabalho tem como objetivo, verificar a associação das habilidades sociais e dos problemas de comportamento de alunos do 1º ano do Ensino Fundamental com sua percepção sobre os fatores estressores do contexto escolar. Foram participantes 150 crianças, que cursavam o primeiro ano do Ensino Fundamental de escolas públicas municipais de uma cidade do interior do estado de São Paulo, de ambos os sexos, com idade variando entre 5 anos e 8 meses a 7 anos e 8 meses e suas professoras, que participaram como informantes. As crianças responderam ao Inventário de Estressores Escolares - IEE, e foram avaliadas por suas professoras com Social Skills Rating System – versão para professores. A associação entre as medidas foi obtida através do teste de correlação de Pearson. Os resultados indicaram associação de algumas habilidades sociais e do problema de comportamento externalizante com os fatores estressores. O fator 1 do IEE – Tensões relacionadas ao papel de estudante foi associado com autocontrole (r = -0,18), com responsabilidade e cooperação (r = - 0,33), e com externalização (r = 0,28). O fator 2 do IEE – Tensões nas relações interpessoais foi correlacionado com autocontrole (r = - 0,16), autodefesa (r = - 0,21) e problema de comportamento externalizante (r = 0,36). No geral, os dados destacam o autocontrole e a responsabilidade e cooperação como medidas inversas aos estressores, podendo ser consideradas como um fator de proteção ao estresse infantil, enquanto que o problema de comportamento apresenta uma relação direta, ou seja, um potencial fator de risco. A relação positiva do fator 2 do IEE com autodefesa foi contrária às expectativas, porém, pode-se compreender que tal habilidade só foi observada pelas professoras quando ocorreram conflitos interpessoais. De todo modo, ainda que modestos, tendo em vista os valores dos coeficientes de correlação, os resultados sugerem que a promoção de habilidades sociais em crianças é importante para e promoção da saúde mental do escolar, e por consequência, para o desenvolvimento infantil, devendo ser foco para atuação de profissionais psicólogos e outros da área da Educação.

P04- A EFICÁCIA DO TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS EM PAIS CUJOS FILHOS APRESENTAM PROBLEMAS COMPORTAMENTAIS: uma revisão sistemática

Sara Ribeiro Cavalcanti de Morais (Unipê/PB), Vanessa Cristina de Góes e S. F da Costa (Unipê/PB), Rosana Padilha do Nascimento (Unipê/PB), Silvana Queiroga da Costa Carvalho (Unipê/PB), Charlene Nayana Nunes Alves Gouveia (Unipê/PB)

A relação estabelecida entre os pais para com os filhos requer que os mesmos possuam habilidades adequadas para consolidar um relacionamento saudável, afetivo e educativo. Porém, a falta de habilidades parentais, pode gerar efeitos negativos no repertório comportamental dos filhos, acarretando dessa forma, em problemas comportamentais. Pesquisas têm apontado sobre a relação entre déficit de Habilidades Sociais parentais e problemas comportamentais dos filhos. Diante disso, este presente estudo, objetiva revisar sistematicamente a eficácia do Treinamento de Habilidades Sociais em pais, cujos filhos apresentam problemas de comportamento. Para atingir o objetivo proposto, foram utilizadas como bases de dados o PubMed, Medline e Lilacs, com a seguinte estratégia de busca: (Social skills AND Parents AND Parental relationship). Foram incluídos artigos em inglês, português e espanhol, publicados no período de 2007 a 2017, ao passo que artigos que não apresentaram correlações com o objetivo em questão foram excluídos. No total, foram encontradas 338 pesquisas, dentre estas, foram excluídas 05 publicações repetidas, 253 artigos por não possuírem título adequado ao objetivo proposto, e 76 resumos por não estarem de acordo com a finalidade da pesquisa. Ao todo, 04 artigos cumpriram com os critérios de inclusão para análise. Nos estudos examinados, constatou-se que os pais que foram submetidos ao Treinamento de Habilidades Sociais apresentaram como resultado, aquisição e desenvolvimento de diversas Habilidades Sociais, e como consequência, provocou mudanças benéficas aos comportamentos dos filhos. Os resultados indicaram, desenvolvimento de Habilidades Sociais educativas parentais, bem como aprimoramento de estratégias saudáveis de enfrentamento a estressores externos nos participantes. Além disso, foi observado que os pais, os quais participaram do Treinamento de Habilidades Sociais, desenvolveram uma percepção positiva sobre mudanças no próprio comportamento parental, como também, avaliaram positivamente as mudanças no comportamento dos filhos. Os estudos apontaram, que as Habilidades Sociais parentais adquiridas, as quais tornaram-se mais significantes para a mudança comportamental dos filhos, foram: expressar sentimentos, fazer e receber elogios e dizer não. Verificou-se que os pais que participaram do programa de intervenção de Treinamento de Habilidades Sociais apresentaram melhorias significativas em habilidades de comunicação, e dessa forma, tornando-se um contribuinte para o fortalecimento da relação entre pais e filhos. Diante da análise obtida, torna-se possível comprovar a eficácia do Treinamento de Habilidades Sociais parentais, à medida que foi possível analisar a relação entre o aumento na frequência de Habilidade Sociais dos pais, e diminuição de problemas de comportamento nos filhos. Entretanto, vale salientar sobre a necessidade de mais estudos dentro dessa temática, pois, foi possível identificar a carência de pesquisas que se apliquem a área em questão.

P05- A IMPORTÂNCIA DA PROMOÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS PARA MULHERES USUÁRIAS DE DROGAS INSERIDAS EM UMA COMUNIDADE TERAPÊUTICA VOLTADA A REABILITAÇÃO.

Danielle Mecheseregian Albano (Faculdade Anhanguera de Bauru - São Paulo), Porphirio Teixeira Alem (Faculdade Anhanguera de Bauru - São Paulo), Liara Rodrigues De Oliveira (Faculdade Anhanguera de Bauru - São Paulo)

O presente estudo se baseia em um projeto desenvolvido no estágio de Psicologia Social, desenvolvido nas instalações da Comunidade Terapêutica Feminina Bom Pastor de Bauru. Por meio da observação e participação de atividades voltadas ao treino de Habilidades Sociais na reabilitação de mulheres com dependência química, em grande parte álcool e crack. Transtornos relacionados a substâncias geralmente causam prejuízos importantes e complicações graves, resultando em deterioração da saúde geral do indivíduo, além de produzir efeitos negativos no contexto pessoal, social e profissional, por isso o psicólogo da comunidade terapêutica deve focar na reabilitação por meio da promoção de ferramentas para que o usuário consiga evitar comportamentos que levem a recaída. Portanto o treino de habilidades sociais é valioso visto que é trabalhado o conjunto de capacidades comportamentais aprendidas e que fundamentam as interações sociais, esse conhecimento irá oportunizar a automonitoria das usuárias em relação a comportamentos que podem gerar recaída, além de trazer ferramentas para reparar o controle comportamental e consecutivamente controle emocional. Objetivos: Identificar o papel do psicólogo na comunidade terapêutica voltada à recuperação do vício de drogas e proporcionar o treinamento das habilidades sociais nessa comunidade. Método: Em primeiro momento foi realizado um levantamento bibliográfico sobre a importância do psicólogo na comunidade terapêutica e os benefícios do treino de habilidades sociais para esse público, em segundo momento foi observada a atividade relacionada ao treinamento das Habilidades Sociais e por ultimo os estagiários deram continuidade a ela. Os encontros eram realizados em grupo semanalmente e norteados por tópicos que compõe o treino de comportamentos esperados para o bom desempenho de Habilidades Sociais, entre eles, Comunicação Verbal, Sensibilidade Perceptiva, Capacidade Reforçadora, Capacidade Empática, Assertividade, além de técnicas de relaxamento e autocontrole. Nos encontros era feita a leitura explicativa de um desses tópicos relacionando com exemplos apresentados pelas mesmas e ligando a comportamentos que podem levar a recaída, sempre buscando desenvolver de maneira descontraída e abrindo espaço para questionamentos. Por ultimo era proposto uma atividade lúdica com objetivo de expor as usuárias a situações estruturadas e colocando em pratica o que foi aprendido, procurando concretizar o conhecimento. Resultados: Os objetivos propostos foram alcançados com exito, já que foi possivel observar a importância do papel do psicólogo na comunidade terapêutica, na qual foi fundamental para o desenvolvimento das atividades do treino de habilidades sociais e consecutivamente o fortalecimento emocional das usuárias que vão utilizar esses conhecimentos na sua rotina e principalmente na prevenção de momentos de crise que estão ligados a chances de recaída. Discussão: O treino de habilidades sociais é muito utilizado por pessoas que desejam apresentar relações pessoais e profissionais mais produtivas, satisfatórias e duradouras, promovendo bem-estar físico e mental. Dentro da comunidade terapêutica esse treino pode ser desenvolvido pelo psicólogo que almeja promover fatores de proteção na reabilitação de dependêntes químicos que ocorre por meio do desenvolvimento de repertório

social utilizado como ferramenta capaz de trazer benefícios as relações interpessoais das usuárias e prevenção de comportamentos ligados a recaída.

P06- A IMPORTÂNCIA DAS HABILIDADES SOCIAIS PARA A EQUIPE DE ENFERMAGEM NA UTI AO LIDAR COM PACIENTES E FAMILIARES.

Marcia Sumire Kurogi Diniz (FAMA), Angélica Ribeiro Araujo (FAMA), Eliângela Alves da Silva (FAMA)

No ambiente de trabalho em específico na área de saúde, a equipe de enfermagem da UTI requer habilidades sociais que favoreçam seu relacionamento com pacientes e seus familiares já que se encontram numa situação de extrema fragilidade psicológica e física. Portanto, este estudo visou compreender qual a importância das habilidades sociais para os profissionais de enfermagem no contato com os pacientes e familiares da unidade de terapia intensiva. Torna-se importante entender sobre este conteúdo pelo fato de poder proporcionar a todos os envolvidos nesse processo informações sobre a importância das habilidades sociais para equipe de enfermagem. Assim como, despertar reflexões sobre o desenvolvimento das habilidades sociais na interação do enfermeiro com os pacientes e familiares. Este estudo possui como objetivo geral compreender a relevância do desenvolvimento das habilidades sociais por parte dos profissionais da enfermagem alocados na UTI frente às interações sociais. Para atingir este objetivo optou-se por uma revisão bibliográfica através de analises de informações retiradas de artigos científicos e livros a respeito do tema em questão e sobre as atividades do profissional de enfermagem. Pode-se compreender que as Habilidades sociais são consideradas como um conjunto de comportamentos adequados em determinada situação e o quanto é fundamental o desenvolver destas habilidades por parte do profissional da enfermagem já que interage diretamente com o paciente e seus familiares e lida com situações de extrema fragilidade: saúde, doença e emoções. Por existir várias classificações das habilidades sociais, o enfermeiro deve analisar e desenvolver em sua carreira profissional as que mais são importantes no ambiente de trabalho, não se esquecendo que todas elas exercem um papel fundamental nos relacionamentos do dia a dia na sociedade. Dentre as habilidades sociais pode-se destacar as: de comunicação; de civilidade; assertivas; empáticas; sociais de trabalho e sociais de expressão de sentimentos positivos. Sendo assim, verifica-se que a equipe de enfermagem necessita de todas estas habilidades já que precisa comunicar de forma adequada com os pacientes e demais profissionais, envolvendo assim, aspectos de civilidade, assertividade e empatia. Contudo, é necessário treinamento de habilidades sociais no ambiente de trabalho já que estão em plenas atividades laborais na UTI, possibilitando assim a estes profissionais analisar a situação no qual está inserido e utilizar destas habilidades para atingir seus objetivos de forma a proporcionar relacionamentos saudáveis. Portanto, o desenvolvimento das habilidades sociais do enfermeiro no dia a dia da UTI é de fundamental importância por não se tratar apenas de interagir com o outro em local de trabalho, mas sim, vivenciar com o outro (ser humano) de forma humanizada e eficaz, exigindo assim, um olhar diferenciado de si e do outro em diversos ambientes.

P07- A IMPORTÂNCIA DE HABILIDADES SOCIAIS NO MÉTODO ATIVO DE ENSINO

Sabrina Fonseca Brunhoroto (UNIFAE/SP), Maria Carla Borges Sorbello (UNIFAE/SP)

A educação tradicional apoiava-se na transmissão do conhecimento pelo professor que era a figura central do processo de aprendizagem. O estudante dependia de seus docentes na obtenção de novos conhecimentos e mantinha uma postura essencialmente passiva na formação de seus saberes. Contrário a este método existe o método ativo de ensino em que o aluno se torna “professor” de si mesmo, ou seja, todo conhecimento adquirido é obtido de forma independente, o professor é apenas um tutor que através de questões-problemas estimula este processo de aprendizagem individual e grupal. O método ativo de ensino se expressa como desafiador no início e exige o desenvolvimento no estudante de habilidades para dirigir o próprio aprendizado. Por ser um método divergente do tradicional e por mobilizar o indivíduo a expor seu conhecimento ao grupo fazem-se necessárias certas habilidades sociais como falar em público e trabalhar em grupo. Perceber as relações entre habilidades sociais e desempenho escolar têm comprometimentos diretos para o delineamento de programas de intervenção de caráter geral no âmbito escolar que visem o desenvolvimento de habilidades sociais como fator de proteção ao desenvolvimento. A presente pesquisa teve por objetivo explorar as habilidades sociais dos alunos que possuem dificuldade com o método ativo de ensino bem como, constatar as habilidades sociais pouco desenvolvidas e identificar a importância de certas habilidades dentro do método ativo de ensino. Trata- se de uma pesquisa ação na qual a abordagem utilizada foi a qualitativa e quantitativa, é uma pesquisa de caráter exploratório, realizada numa amostra com características específicas, que se limitou a alunos que cursavam o primeiro ano de Medicina de uma faculdade do interior do estado de São Paulo através do método ativo de ensino, que foram indicados por seus professores tutores por apresentarem dificuldades em se adequarem ao método ativo de ensino e procurarem ajuda dos professores queixando-se de seu baixo desempenho. Participaram da pesquisa quatro alunos, sendo três mulheres da faixa etária de 18 a 22 anos e um homem de 23 anos. Os instrumentos utilizados foram o Inventário de Habilidades Sociais (IHS) e uma entrevista inicial. Com o presente estudo foi possível realizar uma caracterização do repertório de habilidades sociais, observando-se déficits nas habilidades de comunicação dos quatro alunos avaliados. Considerando que se trata de um estudo de caráter exploratório, os resultados da pesquisa são relevantes para embasar a proposição de novos estudos que visem investigar as associações entre habilidades sociais de comunicação e desempenho acadêmico de estudantes de cursos com metodologia ativa de ensino.

P08- A INFLUÊNCIA DOS JOGOS ELETRÔNICOS NO REPERTÓRIO DE HABILIDADES SOCIAIS EM CRIANÇAS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Vanessa Cristina de Góes e Silva Faustino da Costa (Centro Universitário de João Pessoa - UNIPÊ), Rosana Padilha do Nascimento (Centro Universitário de João Pessoa - UNIPÊ), Sara Ribeiro Cavalcanti de Morais (Centro Universitário de João Pessoa - UNIPÊ), Silvana Queiroga da Costa Carvalho (Centro Universitário de João Pessoa - UNIPÊ), Charlene Nayana Nunes Alves Gouveia (Centro Universitário de João Pessoa - UNIPÊ)

Tendo em vista o uso da mídia digital nos tempos atuais, tornou-se elevado o número de indivíduos que a utiliza, inclusive crianças. A atração pela tecnologia tem sido despertada precocemente, e a mídia digital a cada dia ganha mais espaço no cotidiano das crianças. O público infantil cada vez mais tem usado jogos eletrônicos, seja através de tablets, computadores, videogames e smartphones. Diante do exposto, faz-se menção sobre o brincar, por meio do qual representa a forma em que a criança descobre o mundo e a si própria. A brincadeira é um recurso que influencia na aprendizagem, no comportamento e na interação da criança consigo mesma e com os demais à sua volta. À vista disso, este estudo objetiva revisar sistematicamente a influência positiva ou negativa do uso de jogos eletrônicos no repertório de Habilidades Sociais de crianças. Para atingir o objetivo proposto, foram utilizadas as bases de dados PubMed, Medline e Cogprints, com a seguinte estratégia de busca: (Games AND Social Skills AND Child). Artigos em inglês, português e espanhol, publicados no período de 2007 a 2017 foram incluídos, ao passo que artigos que não apresentaram correlações com o objetivo em questão foram excluídos. Ao todo, foram encontrados 86 estudos, dentre estes, foram excluídas 16 publicações repetidas, 53 pesquisas por não possuírem título adequado ao objetivo proposto, e 10 resumos por não estarem de acordo com a finalidade da pesquisa. No total, 07 artigos cumpriram com os critérios de inclusão para análise. Nos estudos avaliados, verificou-se que os jogos eletrônicos geram efeitos positivos no que diz respeito ao desenvolvimento do repertório de Habilidades Sociais das crianças que os utilizam. Em tais estudos, constatou-se que o uso de jogos eletrônicos está associado à diminuição de problemas de relacionamentos entre colegas e déficits prossociais, apresentando-se como um instrumento facilitador para o aumento do repertório de Habilidades Sociais das crianças. Dentre os estudos investigados, foi possível verificar a utilização de jogos eletrônicos combinados com exercícios, conhecidos como exergames. Observou-se como resultado dessa combinação, um desenvolvimento significativo do repertório de Habilidades Sociais, em grande parte das crianças que utilizam esse tipo de jogo, tornando-se um contribuinte na redução de risco de isolamento social e solidão. Diante dos resultados discutidos, constatou-se que os jogos eletrônicos podem ser uma ferramenta útil para o desenvolvimento do repertório de Habilidades Sociais do público em questão. Contudo, verifica-se a necessidade de pesquisas que analisem a contribuição dos jogos eletrônicos em intervenções com cunho psicoterapêutico, com objetivo de desenvolver e aprimorar o repertório de Habilidades Sociais dos indivíduos, principalmente do público infantil.

P09- A UTILIZAÇÃO DIDÁTICA DE SEMINÁRIOS E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA HABILIDADE DE FALAR EM PÚBLICO EM DISCENTES DO ENSINO SUPERIOR

Gleison Gomes da Costa, Adriana de Oliveira (Centro Universitário Do Distrito Federal - UDF), Jéssica Gaspar Matos Cruz (Centro Universitário Do Distrito Federal - UDF); Lisllayne Silva Leão (Centro Universitário Do Distrito Federal - UDF); Marcelo Sena Leandro (Centro Universitário Do Distrito Federal - UDF)

O objetivo principal deste estudo foi investigar se a utilização didática de seminários contribui para o desenvolvimento da habilidade de falar em público dos alunos de ensino superior e, ainda, se há diferenciação entre os alunos ingressantes e os que estão próximos de concluir o curso. O falar em público é considerado um importante estressor psicossocial, eliciando ansiedade e muitas vezes, sentimentos negativos, além de respostas neuroendócrinas, metabólicas, cardiovasculares dentre outras. Para alguns autores, o medo acentuado de falar em público deve ser encarado como um problema sério de saúde mental por interferir na rotina de trabalho, na vida social e na vida escolar, produzindo, assim, sofrimento aos indivíduos acometidos por ele. Foram aplicados questionários em 173 estudantes do curso de psicologia, dos turnos matutino e noturno, do Centro Universitário do Distrito Federal – UDF, sendo 84,39% dos participantes do sexo feminino. Os questionários avaliaram a percepção dos participantes sobre suas habilidades sociais, especificamente o falar em público. Além disso, buscou investigar quais eventos do curso de Psicologia que proporcionaram o desenvolvimento dessas competências. Dos 173 participantes da pesquisa, 94,83% consideram que desenvolver a habilidade de falar em público é importante para a sua formação e para a sua vida profissional. Os resultados demonstram que há melhora no desempenho e na diminuição dos níveis de ansiedade com o decorrer da exposição do aluno às apresentações, embora elas não proporcionem o fim do medo de falar em público, acabam a longo prazo dessensibilizando os universitários a falar em público. Os resultados demonstram, ainda, que os alunos consideram o uso de seminário uma boa escolha feita pelo professor e acreditam que ela pode contribuir para o desenvolvimento da habilidade de falar em público, apontando a importância do feedback do docente para o desenvolvimento desta habilidade no aluno, como forma de reforçamento positivo. Embora importante, os resultados demonstram que os docentes não fornecem o feedback necessário aos alunos, o que gera mais insegurança para as próximas exposições. Quanto à análise da diferença entre os alunos ingressante e formandos, os resultados apontam algumas diferenças, destacando-se a diminuição dos níveis de ansiedade, sendo para os alunos ingressantes de 31,43% e para os concluintes de 84,62%. Conclui-se, então, que o uso de seminários, como ferramenta didática, contribui para o desenvolvimento da habilidade social de falar em público, porém não há evidências que esta variável exerce influência direta sobre essa habilidade, e que há diferenças entre os alunos ingressantes e formandos, principalmente na diminuição dos níveis de ansiedade.

P10- ADAPTAÇÃO ACADÊMICA, HABILIDADES SOCIAIS E SUPORTE SOCIAL EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Márcia Cristina Monteiro (Universidade Salgado de Oliveira), Suyanne Cristina de Oliveira Nunes (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), Adriana Benevides

Soares (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), José Augusto Evangelho Hernandez (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

O ingresso na universidade coloca o estudante frente a vários desafios que emergem do novo contexto educativo e que podem ser obstáculos que devem ser transpostos. Novas exigências e demandas podem levar o estudante a se sentir estressado e desamparado. O discente deve ter ferramentas e estar preparado para aprender a lidar com estas dificuldades. Nesta perspectiva, variáveis tais como habilidades sociais e percepção de apoio social podem ser protetivas e contribuir para que o estudante vivencie e se adapte melhor à universidade. O presente trabalho objetivou identificar as relações entre as variáveis adaptação acadêmica, habilidades sociais e percepção de apoio social, além de comparar universitários de instituições públicas e particulares de ensino em relação a estes construtos. Participaram deste estudo 300 estudantes de diferentes cursos e períodos do nível de graduação, sendo 150 de instituições públicas e 150 de particulares. Os instrumentos utilizados foram o Questionário de Vivências Acadêmicas versão reduzida, o Inventário de Habilidades Sociais e a Escala de Satisfação com o Suporte Social. O Coeficiente de Correlação de Pearson revelou relações positivas e significativas entre os construtos adaptação acadêmica, habilidades sociais e percepção de apoio social. O projeto foi aprovado no Comitê de Ética da Universidade e todos os participantes assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O Teste t de Student mostrou que os estudantes das instituições particulares apresentaram melhor adaptação acadêmica e os das públicas, melhor repertório de habilidades sociais. Em relação ao suporte social, não foram encontradas diferenças significativas entre os dois grupos. Esses resultados contribuem para a temática de integração e ajustamento à universidade à medida que indicam que habilidades sociais e percepção de apoio social são dois fatores importantes na adequação do estudante ao Ensino Superior. As habilidades sociais são fundamentais para a competência social do universitário e o apoio social para a percepção de seu bem-estar. Neste sentido, podem ser projetados programas nas instituições de ensino que auxiliem o aluno no processo de integração acadêmica, tais como: ambientação à universidade, a partir do qual o estudante pode conhecer as dependências da instituição e seus processos burocráticos, apresentação às oportunidades de aprendizagem extraclasse e às ementas das disciplinas, conhecer os principais funcionários da instituição e alunos do centro acadêmico, aos quais poderá recorrer para esclarecimento de dúvidas, solicitações, entre outros. Podem ser realizados, também, Treinamentos em Habilidades Sociais e atividades extracurriculares que viabilizem o relacionamento entre pares, além de estimular o gosto por atividades sociais.

P11- ADOLESCENTES DEFICIENTES VISUAIS: CARACTERIZAÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS E DESEMPENHO ACADÊMICO

Ana Luzia Lemes Pinto (Universidade de São Paulo - USP/RP), Luciana Carla dos Santos Elias (Universidade de São Paulo - USP/RP)

A literatura aponta as interações sociais no contexto escolar como fundamentais para a formação dos repertórios individuais dos deficientes visuais (DVs) conferindo melhor qualidade das vivências educacionais e evitando problemas no desenvolvimento psicossocial. Dentro desse contexto inserem-se as habilidades sociais (HS) que são classes de comportamentos presentes no repertório de um indivíduo que favorecem

relacionamentos produtivos e saudáveis. Déficits nas HS parecem associados a problemas no relacionamento interpessoal, dificuldades comportamentais e baixo rendimento escolar. Diante desse contexto o presente estudo teve por objetivo verificar a associação entre as HS e o desempenho acadêmico de alunos DVs, analisando quais classes comportamentais estão presentes e ausentes, ajudando a caracterizar e propor intervenções com essa população. Participaram 13 alunos DVs e 26 professores de uma escola estadual de Ensino Fundamental II e Ensino Médio, da cidade de Ribeirão Preto. Os dados foram coletados pelos instrumentos: Inventário de Habilidades Sociais para adolescentes - IHSA; Sondagem de Habilidades Sociais e problemas de comportamento de adolescentes em contexto escolar; e médias das notas escolares. Os resultados brutos de cada instrumento foram submetidos a análises estatísticas pelo programa SPSS. Quanto às classes do IHSA, 9 adolescentes apresentaram repertório satisfatório de HS gerais (com resultados superiores ao percentil de referência 35), sendo as subescalas de autocontrole (11 DVs) e empatia (9 DVs) as mais presentes entre os estudantes; foram encontrados maiores déficits nas habilidades de assertividade e abordagem afetiva; em ambas subclasses 6 alunos apresentaram repertório abaixo do esperado, apontando um campo para intervenção. O desempenho acadêmico sugere que a maioria (12) dos DVs está acompanhando as atividades escolares dentro do esperado para a respectiva série. A Sondagem, respondida por dois blocos de professores, apontou correlações estatisticamente significativas e negativas entre os Problemas de Comportamentos avaliados pelos docentes e a habilidade de desenvoltura social analisado pelo IHSA (r = - 0,653, p 0,05; para a secção de professor 1) e (r = - 0,681, p 0,05; para a secção de professor 2). A habilidade de assertividade do IHSA também apresentou correlação com as médias escolares gerais dos adolescentes (r = 0,626, p 0,05). O teste de Mann-Whitney não demonstrou diferenças entre gênero nos diferentes instrumentos. Os resultados positivos nas reservas comportamentais e no desempenho acadêmico dos DVs são respaldados pelas práticas realizadas há 17 anos na instituição com essa população-alvo, envolvendo aulas de reforço no contra turno escolar, materiais didáticos adaptados, além de parcerias com instituições suporte, apontado para os benefícios escolares e sociais de uma inclusão focalizada.

P12- ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA SOBRE AS HABILIDADES SOCIAIS COMO FATORES DE RISCO PARA O COMETIMENTO DE ATOS INFRACIONAIS

Sara Ribeiro Cavalcanti de Morais (Unipê/PB), Rosana Padilha do Nascimento (Unipê/PB), Silvana Queiroga da Costa Carvalho (Unipê/PB), Charlene Nayana Nunes Alves Gouveia (Unipê/PB)

O adolescente como protagonista de um ato infracional análogo a crime representa uma preocupação que tem sido incrementada nos últimos anos, tornando-se com frequência foco de debates sobre o tema nos meios de comunicação. A violência praticada por jovens possui fortes vínculos com o ambiente a que são expostos desde o nascimento, assim como com o desenvolvimento de suas habilidades sociais. Nesse contexto, este estudo objetiva revisar sistematicamente se o nível de habilidades sociais de adolescentes em conflito com a lei são fatores de risco para o cometimento de atos infracionais. Foram utilizadas as bases de dados PubMed, Medline e Lilacs e Biomed Central, com a seguinte estratégia de busca: (Social Skills AND Teenager AND Crimes AND Risk Factors). Artigos em inglês e português, publicados no período

de 2007 a 2017 foram incluídos, ao passo que artigos que não apresentaram correlações com o objetivo em questão foram excluídos. Ao todo, foram encontrados 135 artigos, dentre estes, foram excluídas 16 publicações repetidas, 86 artigos por não possuírem título adequado ao objetivo proposto, e 30 resumos por não estarem de acordo com a finalidade da pesquisa. No total, 03 artigos cumpriram com os critérios de inclusão para análise. Nos estudos analisados, foi constatado que o nível de habilidades sociais dos adolescentes mostrou-se como um fator de risco para o cometimento de atos infracionais. Em tais estudos foi possível verificar que os adolescentes em conflito com a lei penal são menos habilidosos socialmente em comparação com adolescentes que nunca cometeram atos infracionais. Os resultados indicam que adolescentes infratores têm mais déficits de habilidades sociais, em especial no que diz respeito à comunicação, assim, correlacionando o nível de habilidades sociais dos adolescentes com o envolvimento com atos infracionais. Os estudos também mostraram que existe maior propensão ao comportamento agressivo, e consequentemente atos violentos, em casos de adolescentes com repertório de habilidades sociais pouco desenvolvido, ao passo que adolescentes que possuem mais habilidades sociais foram consequentemente associados com menor probabilidade de envolvimento com atos infracionais. De tal modo, é possível comprovar a relação entre o nível de habilidades sociais e o cometimento de atos infracionais, sendo admissível considerar os déficits em habilidades sociais como fatores de risco para a conduta infracional. Ainda assim, vale ressaltar a carência de estudos que abordem a temática. Faz-se necessários novos estudos relacionando déficits em habilidades sociais de adolescentes com o cometimento de atos infracionais, evidenciando mais especificamente, a relação das habilidades sociais como fator de risco.

P13- ANÁLISE DA ESTRUTURA DE EDUCAÇÃO MUSICAL UTILIZADA PARA PROMOÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS E ESCOLARES EM CRIANÇAS

Paula Martins Said (USP - Universidade de São Paulo), Dagma Venturini Marques Abramides (USP - Universidade de São Paulo)

A inclusão socioeducativa e cultural de crianças e adolescentes é um tema atual tendo em vista as diretrizes da OMS que preconizam o desenvolvimento das habilidades de vida como fator de proteção nestas etapas do ciclo vital. Neste contexto, a música como arte e ciência tem importante papel nesta prática inclusiva, uma vez que é eficaz para promoção das habilidades sociais e prevenção de problemas de desenvolvimento, incluindo as áreas social, psicomotora, cognitiva, linguagem e aprendizagem, o que pode justificar a sua aplicabilidade nos vários contextos vivenciados pelas crianças. Este estudo teve como objetivo analisar a estrutura da primeira etapa da educação musical utilizada no estudo “Efeito da educação musical na promoção das habilidades sociais e escolares em crianças” para identificar os elementos componentes que fazem com que a educação musical tenha efeito positivo nas HS infantis. No referido estudo foram avaliadas 80 crianças, escolares entre oito a doze anos, ambos os sexos, divididos em dois grupos: 40 alunos com educação musical (experimental) e 40 alunos sem educação musical (controle). Para coleta dos dados foi aplicado o questionário Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais em pais (SSRS-M) e em professores (SSRS-P). Como procedimento de intervenção foi utilizado a educação musical. Nela a criança é introduzida ao universo musical por

meio do lúdico e conceitos musicais, aprofundando o desenvolvimento musical de forma mais prática para que a criança começa a criar sua independência musical. Os resultados foram submetidos à análise estatística (Teste t pareado e teste ANOVA de variância de medidas repetidas), considerando-se nível de significância de 5%. No SSRS-BR foram observados resultados estatisticamente significantes na comparação entre os resultados do 1º e 2º teste do grupo experimental, nos seguintes aspectos: SSRS-M nos fatores, responsabilidade (p=0,047), autocontrole (p=0,015) e afetividade/cooperação (p=0,013); SSRS-P responsabilidade (p=0,000), autocontrole (p=0,000), cooperação/afetividade (p=0,019), hiperatividade (p=0,035), internalizantes (p=0,000) e competência acadêmica (p=0,000). Não foram observados resultados estatisticamente significantes na comparação entre os resultados pré e pós avaliação do grupo controle. No SSRS-BR foram observados resultados estatisticamente significantes na comparação entre grupos nos seguintes aspectos: SSRS-M responsabilidade (p=0,033/0,023), autocontrole (p=0,002), afetividade/cooperação (p=0,038), desenvoltura social (p=0,003), civilidade (p=0,005), internalizantes (p=0,002/0,016); SSRS-P responsabilidade (p=0,000), autocontrole (p=0,00/0,14), cooperação/afetividade (p=0,018), externalizantes (p=0,017), internalizantes (p=0,003) e competência acadêmica (p=0,004). Concluímos que crianças expostas à educação musical apresentaram melhora significativa em seu repertório de habilidades sociais, incluindo a competência acadêmica, quando comparadas a crianças que não foram expostas a educação musical. A estrutura da intervenção para a identificação dos elementos componentes incluindo a organização do ambiente físico e interativo, tipos e qualidade dos estímulos e as contigência estabelecidas (situações ambientais consequentes aos comportamentos) é o fator primordial para que a educação musical tenha um resultado positivo.

P14- ANSIEDADE E AGRESSIVIDADE NA POLÍCIA MILITAR DA RADIOPATRULHA DE JOÃO PESSOA/PB: um estudo correlacional

Aline Nascimento dos Santos Silva (Centro Universitário de João Pessoa - UNIPÊ), Maria da Glória Pimentel Batista (Centro Universitário de João Pessoa - UNIPÊ), Silvana Queiroga da Costa Carvalho (Centro Universitário de João Pessoa - UNIPÊ), Charlene Nayana Nunes Alves Gouveia (Centro Universitário de João Pessoa - UNIPÊ), Cristiane Galvão Ribeiro (Centro Universitário de João Pessoa - UNIPÊ)

Em virtude de sua dinâmica laboral, o policial militar radiopatrulheiro encontra-se vulnerável a riscos, o que pode gerar desgastes e reações psíquicas, repercutindo em seu repertório comportamental e em sua saúde física e mental. Este estudo objetiva correlacionar níveis de ansiedade e de agressividade nos policiais militares da radiopatrulha do município de João Pessoa/PB. Realizou-se uma pesquisa de campo, descritiva, correlacional e de natureza quantitativa, nas quatro unidades da radiopatrulha pessoense: 1º Batalhão da Polícia Militar, 5º Batalhão da Polícia Militar, 6º Companhia da Polícia Militar e Companhia Especializada em Apoio ao Turista. Participaram 140 policiais militares, distribuídos proporcionalmente entre as quatro unidades mencionadas, maiores de 18 anos e de ambos os sexos. Utilizou-se quatro instrumentos: I) questionário sócio demográfico; II) questionário específico; III) Escala de Hamilton para Avaliação de Ansiedade, composta por 2 fatores, respondida em escala likert de 0 a 4, na qual quanto maior a pontuação, maior o nível de ansiedade; e IV) Questionário de Agressividade de Buss e Perry, composto por 4 fatores,

respondida em escala likert de 1 a 5, onde maiores pontuações indicam maiores níveis de agressividade. Os dados coletados foram analisados por meio do pacote estatístico SPSS, versão 22.0, com as estatísticas descritiva e inferencial. Predominaram os participantes do sexo masculino (92,9%), entre 30 e 40 anos (37,1%), casados (54,3%), ensino médio completo (56,4%), ocupando a patente de soldado (42,9%), com tempo de trabalho entre 1 e 10 anos (47,1%), carga horária semanal laboral de 48h (45%), renda familiar entre 3 e 5 salários mínimos (46,4%), que já enfrentaram uma situação de iminente perigo de vida em razão da profissão (79,3%) e que possuem alta disposição para disparar o revólver (46,8%). Encontrou-se, com o teste r de Pearson, uma correlação significativa positiva ($r=0,546$; $p<0,01$) entre a ansiedade e a agressividade no grupo estudado. Não foi encontrada correlação ($p>0,05$) entre o nível de ansiedade e a atitude de disparar o gatilho do revólver. No entanto, as variáveis agressividade (construto geral) e disposição para atirar apresentaram uma correlação positiva significativa ($r=0,215$; $p<0,05$). Dos elementos que compõe a agressividade, a raiva ($r=0,21$; $p<0,05$) e a agressividade física ($r=0,262$; $p<0,05$) também mostraram correlação com a disposição de disparar o revólver. Destaca-se a relevância desse tipo de estudo, tendo em vista que a ansiedade e a agressividade prejudicam, entre outros, o nível de habilidades sociais, influenciando na emissão de comportamentos desadaptativos e auxiliando a degradação da saúde. Considerando que as habilidades sociais são necessárias para uma melhor execução do trabalho policial, tem-se que o treinamento de habilidades sociais contribuiria para o manejo da raiva, expressão de sentimentos e a lidar com situações adversas ou não, evitando a ansiedade que poderia ser evocada. Sugere-se, pois, esse instrumento como meio colaborativo no cuidado da saúde e do bem-estar desses policiais, que ressoa diretamente no tratamento destes para com a sociedade, no exercício da profissão. Importa mais estudos nessa área e a implementação de políticas públicas que viabilizem maiores cuidados com a saúde destes trabalhadores, otimizando o serviço por eles prestado.

P15- ANSIEDADE SOCIAL INFANTIL: RELAÇÕES COM HABILIDADES SOCIAIS E COM A OCORRÊNCIA DE PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO

Lucas Cordeiro Freitas (UFSJ/MG), Camila Do Nascimento Lins Buarque (UFAL/AL), Jonas Caio Costa Porfirio (UFPE/PE)

A literatura internacional aponta que os sintomas de ansiedade social na infância estão associados a déficits de habilidades sociais, prejuízos nas relações entre pares e dificuldades acadêmicas. A ansiedade social caracteriza-se principalmente por um medo acentuado e persistente, excessivo ou irracional, em uma ou mais situações sociais ou de desempenho que envolva a exposição a pessoas estranhas e a um possível julgamento de terceiros. O objetivo geral desta pesquisa foi verificar a correlação entre indicadores de ansiedade social infantil e o repertório de habilidades sociais e problemas de comportamento em uma amostra de crianças da cidade de Maceió, localizada no estado de Alagoas. Participaram do estudo 71 crianças, com idades entre 8 e 12 anos, estudantes do 3º, 4º e 5º anos do ensino fundamental de uma escola pública. Também participaram, enquanto informantes, os pais e professores dos estudantes. As crianças responderam a dois instrumentos: a Escala Multidimensional de Ansiedade para Crianças (MASC) e o Inventário de Habilidades Sociais, Problemas de Comportamento e Competência Acadêmica para Crianças

(SSRS). Os pais e os professores responderam somente às escalas específicas de habilidades sociais, problemas de comportamento e competência acadêmica (SSRS). Os dados coletados foram digitados em um banco de dados no programa SPSS-PC (Statistical Package for Social Sciences), versão 20.0, para a realização de análises estatísticas. As correlações entre ansiedade global, ansiedade social, habilidades sociais e problemas de comportamento foram verificadas por meio dos testes de Correlação de Pearson e de Correlação de Spearman, utilizando-se os escores globais e fatoriais dos dois instrumentos aplicados: MASC e SSRS. Somente nos resultados de autoavaliação das crianças, foi encontrada uma correlação positiva, estatisticamente significativa, entre os escores de ansiedade global e de habilidades sociais, bem como entre os escores específicos de ansiedade social e de habilidades sociais. Não houve correlação significativa entre os escores globais de ansiedade e os escores de problemas de comportamento, avaliados por pais e professores. Além disso, também não foi encontrada correlação significativa entre os escores de problemas de comportamento e os escores da subescala específica de ansiedade social. Os resultados desta pesquisa contrariam, em parte, dados da literatura que apontam relações significativas entre as variáveis estudadas. Essa divergência de resultados pode ser atribuída a vários fatores, tais como especificidades dos procedimentos e instrumentos de avaliação utilizados, vieses de autoavaliação de habilidades sociais por crianças, características específicas da população estudada e questões culturais. Em relação a estudos futuros, sugere-se a utilização de instrumentos que meçam especificamente a ansiedade social e o emprego de formas variadas de avaliação de habilidades sociais, como avaliações comportamentais diretas em situações naturais ou estruturadas.

P16- APRENDENDO SOBRE HABILIDADES SOCIAIS A PARTIR DA AVALIAÇÃO DO REPERTÓRIO DE HABILIDADES SOCIAIS DE UM JOVEM UNIVERSITÁRIO

Ingrid Hionna Neiman Cavalcante (Universidade Cruzeiro do Sul - UNICSUL - SP), Carla Monique Snoldo e Simone Rodrigues (Universidade Cruzeiro do Sul - UNICSUL - SP), Eliana Noureddine (Universidade Cruzeiro do Sul - UNICSUL - SP), Magno Justino (Universidade Cruzeiro do Sul - UNICSUL - SP), Renata Takara (Universidade Cruzeiro do Sul - UNICSUL - SP), Profa Me. Rosa Maria Galvão Furtado (Universidade Cruzeiro do Sul - UNICSUL - SP)

Para que alguém possa relacionar-se com outros de forma eficaz e flexível, é necessária a capacidade de processar informações sociais e emocionais, desenvolvendo um repertório de habilidades eficientes que garantam competência no âmbito social. Este trabalho conta o caso de Lucas, 22 anos, solteiro, que cursa faculdade de Direito. Lucas voluntariou-se para participar de um trabalho acadêmico, desenvolvido por alunos do 5º semestre do curso de Psicologia, que tinha como objetivo conhecer o repertório de habilidades sociais de jovens “colaboradores” e refletir com eles sobre a influência desse repertório na sua qualidade de vida. Lucas relatou viver em ambiente familiar harmônico e ter bom relacionamento social. Informou ter sido educado por um pai rígido e exigente e por uma mãe afetuosa e submissa. Descrevia-se como tímido, sentindo-se em débito com a família pelo que acredita que fizeram por ele, admitindo grande medo de magoar pessoas e tentado

evitar conflitos. Os objetivos da avaliação foram investigar a forma como Lucas vem atuando socialmente, como vem se sentindo em relação a seus relacionamentos interpessoais, oferecendo-lhe uma oportunidade de rever essa forma de atuação. Ao longo de seis sessões realizamos a Entrevista Inicial, colhendo-se dados adicionais através dos seguintes instrumentos: Lista de Adjetivos, Inventário de Estilos Pessoais, Inventário de Assertividade, Questionário Assertivo, Fantasia-Após a Hecatombe e Técnica do Espelho. No decorrer das sessões evidenciaram-se alguns déficits no repertório de Habilidades sociais de Lucas, em especial relacionados à assertividade. Tornou-se clara a grande ansiedade social que experimentava em situações nas quais, sentindo-se inseguro, dispendia grande esforço para agradar outras pessoas, mostrando-se permissivo e submisso, colocando frequentemente suas necessidades como secundárias às necessidades de outros. Entendeu-se que os esforços de Lucas para agradar outros caracterizavam comportamentos de Fuga, uma vez que evitava possíveis punições sociais, obtendo assim reforçamento negativo que garantia a manutenção dos comportamentos desadaptados. Ao final das sessões, Lucas admitiu que o processo havia sido bastante produtivo para ele, pois havia passado a refletir sobre a forma como vem se comportando e as implicações dessa forma de atuação em sua vida, percebendo que precisa esforçar-se para mudar. O grupo também se beneficiou não só no que diz respeito à oportunidade de auxiliar outra pessoa como também no que diz respeito á ampliação da aprendizagem acadêmica e ampliaçao de conhecimentos pessoais que possam melhorar a própria atuação interpessoal dos integrantes do grupo.

P17- APRENDIZADO SOBRE HABILIDADES SOCIAIS NA FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO: UMA DISCIPLINA TEÓRICO-PRÁTICA

Rosa Maria Galvão Furtado (UNICSUL), Camila Campanhã (UNICSUL), Viviane Freire Bueno (UNICSUL)

O ensino sobre as Habilidades Sociais (HS) na formação do psicólogo é de suma importância uma vez que estudos têm apontado para a grande relevância do desenvolvimento destas habilidades desde a infância não somente para o sucesso nas relações interpessoais de um indivíduo, mas também como prevenção de quadros clínicos como a depressão, ansiedade social, prevenção do uso de drogas na adolescência. Nesse sentido, nós professoras do curso de Psicologia da Universidade Cruzeiro do Sul, transformamos uma disciplina teórica em teórico-prática visando uma formação mais aprofundada sobre o tema para o aluno. Atualmente, a disciplina vem passando por transições e, uma vez que se objetiva que o aluno entre em contato com atividades voltadas à Análise Aplicada do Comportamento, passamos a desenvolver atividades que lhes propiciem a oportunidade de conhecer o campo das HS no quinto semestre onde a disciplina é ofertada. Para isso, a disciplina teórica oferece a base conceitual com os principais autores da área, bem como aborda a avaliação e treinamento de HS. Nas aulas práticas os alunos avaliam as HS de jovens estudantes universitários voluntários que são convidados a participar de atividades que lhes permitam refletir sobre a forma como seus relacionamentos interpessoais tem se refletido em suas vidas. Os instrumentos utilizados na Avaliação são: Entrevista Anamnese, Lista de Adjetivos, Inventário de Estilos Pessoais, Inventário de Assertividade, Dinâmica após a Hecatombe e Técnica do Espelho. Todas as atividades são devidamente supervisionadas antes das sessões e os resultados sintetizados e interpretados à luz do campo teórico das HS. No final, os resultados

são apresentados e discutidos com os colaboradores em uma sessão de devolutiva. No caso de constatação de maiores problemas, sugere-se a tais pessoas atendimento psicológico na Clínica da Universidade ou através de outros recursos. Os resultados com os voluntários têm sido surpreendentes apresentando melhoras nos comportamentos deles tanto nas sessões quanto no relacionamento com familiares. Em relação aos objetivos educacionais, os resultados têm sido bastante proveitosos, aumentando o interesse e o envolvimento dos alunos com a disciplina e derrubando estereótipos quanto ao trabalho desenvolvido por profissionais da área de Análise do Comportamento. Os alunos sentem-se instigados e animados com os resultados da atividade prática, além de eles mesmos apresentarem mudanças em suas HS. Acreditamos que talvez precisem ser realizadas modificações no formato como a atividade vem sendo desenvolvida, mas estamos convencidas dos benefícios que tais conhecimentos podem trazer para o estudante do 5º período, pois agregará a seus conhecimentos habilidades pessoais e profissionais que poderão lhe conferir competências para a vida.

P18- AS HABILIDADES SOCIAIS DE MENINOS E MENINAS LEITORAS E NAO LEITORAS NO 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Danilo Ricardo Casali Peulcher (UNIFAE/São João da Boa Vista/SP), Marta Regina Gonçalves Correia Zanini (UNIFAE/São João da Boa Vista/SP e FMRP-USP/Ribeirão Preto/SP), Edna Maria Marturano (FMRP-USP/Ribeirão Preto/SP).

Ao longo do desenvolvimento, as crianças passam por importantes períodos de transição. Dentro do Modelo Bioecológico de Desenvolvimento de Urie Bronfenbrenner, a transição ocorre quando há mudança de papel, ambiente ou ambos e pode ser um momento delicado, por envolver expectativas e medos. O primeiro ano escolar é uma das transições que a criança vivencia, o qual pode ser muito estressante. Já para o segundo ano se espera que as crianças estejam adaptadas ao novo papel, e ao novo ambiente, e por isso pode-se considerar que ele será ano de estabilidade emocional, no que se refere à escola. Na literatura das habilidades sociais há consenso de que crianças que apresentam melhor repertório social nos anos inicias do Ensino Fundamental-EF tendem a apresentar melhor desempenho acadêmico, assim como a indicativos de que as meninas, na mesma época, tendem a apresentar mais habilidades sociais que meninos, porém há poucos estudos na literatura nacional que verificam as diferenças entre meninos e meninas controlando a o nível de leitura da criança. Com isto, o presente trabalho se propõe a verificar diferenças no repertorio social entre meninos e meninas divididos em dois grupos: com algum nível de leitura (GL) e não leitor (GN), avaliados por ocasião do 2º ano do Ensino Fundamental. Foram participantes 150 crianças, que cursavam o 2º ano do Ensino Fundamental de escolas públicas municipais de uma cidade do interior do estado de São Paulo, de ambos os sexos, 6 anos e 8 meses a 8 anos e 8 meses e suas professoras, que participaram como informantes. As crianças responderam Provinha Brasil, que foi aplicada coletivamente em grupo de cinco a vinte crianças, a qual classifica o nível de leitura em cinco níveis, sendo o primeiro nível correspondente a ausência total da capacidade de ler frases ou palavras e o quinto nível, se refere a crianças com capacidade para ler e compreender frases e histórias complexas. As crianças também foram avaliadas por suas professoras em termos de autodefesa, asserção positiva, autocontrole, responsabilidade e cooperação e

cooperação com pares - fatores da Social Skills Rating System – versão para professores. Para o grupo GL composto por 50 meninos e 60 meninas foi realizado do teste t de Student para comparação do repertório social, para o grupo GN meninos (n=29) e meninas (n=11) foram comparadas através do não paramétrico de Man-Whitney. Os resultados indicaram que para GL meninas apresentam melhor Responsabilidade e Cooperação (t= -2,69, p <0,01), enquanto que para GN, foram observadas diferenças em asserção positiva (t = -2,51, p <0,05), responsabilidade e cooperação (t= -2,038, p <0,05), e cooperação com pares (t = - 3,07, p <0,05), também a favor das meninas. Os resultados corroboram a expectativa de o déficit em habilidades sociais está associado ao mau desempenho, e que meninos constituem um grupo de risco, e por isso devem ser foco de atenção de medidas de prevenção e promoção de habilidades sociais elaboradas por profissionais da área da Psicologia e Educação.

P19- AS HABILIDADES SOCIAIS DE MENINOS E MENINAS LEITORAS E NÃO LEITORAS NO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Laiara Cristina Oliveira (UNIFAE/São João da Boa Vista/SP), Marta Regina Gonçalves Correia Zanini (UNIFAE/São João da Boa Vista/SP e FMRP-USP/Ribeirão Preto/SP) e Edna Maria Marturano (FMRP-USP/Ribeirão Preto/SP)

Na literatura há consenso de que crianças com mais habilidades sociais tendem a apresentar melhor desempenho acadêmico e que meninas, principalmente nos anos iniciais, podem ter vantagens em relação aos meninos em ambas as variáveis. Apesar de encontrarmos estudos que verificam e corroboram tais diferenças, poucos são aqueles que o fazem controlando o nível de leitura da criança. Com isto, o presente trabalho se propõe a verificar as habilidades sociais de meninos e meninas divididos em dois grupos: com algum nível de leitura (GL) e não leitor (GN). Foram participantes 150 crianças, que cursavam o primeiro ano do Ensino Fundamental de escolas públicas municipais de uma cidade do interior do estado de São Paulo, de ambos os sexos, com idade variando entre 5 anos e 8 meses a 7 anos e 8 meses e suas professoras, que participaram como informantes. As crianças responderam Provinha Brasil-PB, que foi aplicada coletivamente em grupo de cinco a vinte crianças e, de acordo com esta avaliação, foram classificadas conforme o nível de leitura apresentado. O GL foi constituído por crianças que tinham capacidade de ler desde frases simples, a textos complexos, enquanto que o GN, por alunos com dificuldades em reconhecer letras, palavras ou interpretar frases. As crianças também foram avaliadas por suas professoras em termos de autodefesa, asserção positiva, autocontrole, responsabilidade e cooperação e cooperação com pares - fatores da Social Skills Rating System – versão para professores. Para cada grupo foi realizado separadamente a comparação das habilidades sociais de meninos e meninas. Para GL, composto por 18 meninos e 26 meninas foi realizado do teste não paramétrico de Man-Whitney e para GN, com 61 meninos e 45 meninas, foi aplicado o teste t de Student. Como resultado, temos que não há diferenças significativas nos fatores das habilidades sociais de meninos e meninas do GL. No entanto, as meninas do grupo GN apresentaram maiores médias que os meninos em: asserção positiva (t = -2,78, p <0,01), autodefesa (t= -2,14, p <0,05), responsabilidade e cooperação (t= -3,20, p <0,01), e cooperação com pares (t = - 3,70, p <0,001), e médias semelhantes em autocontrole (t = -1,902, p = 0,60). Os resultados corroboram a expectativa de que as

habilidades são fator de proteção para meninos e meninas e estão associadas ao desempenho acadêmico. Também indicam que o déficit em habilidades sociais pode ser um fator de risco principalmente para meninos no primeiro ano escolar. Vale ressaltar que o início do Ensino Fundamental é um período de transição do desenvolvimento humano e necessita de atenção, pois nele as crianças iniciam laços afetivos em um processo de adaptação que pode ter repercussões imediatas e em longo prazo, as quais podem favorecer o bom aproveitamento escolar, devendo ser foco de atenção dos profissionais da área da Psicologia e Educação.

P20- AS HABILIDADES SOCIAIS E A MOTIVAÇÃO PARA MUDANÇA: INTERVENÇÕES COM UM ADOLESCENTE EM CONFLITO COM A LEI E SUA MÃE

Danna Sousa de França (MPAC/AC), Lucas Henrique Ganum Araújo (UFAC)

Trata-se de um relato de intervenção junto a um adolescente em conflito com a lei e sua mãe, após oitiva informal pela psicóloga e o estagiário da Promotoria de Justiça Especializada de Defesa da Criança e do Adolescente. Partindo do pressuposto de que as habilidades sociais são necessárias para qualquer tipo de interação interpessoal, favorecendo comportamentos pró-sociais, e que o indivíduo que se encontra em um estágio de contemplação motivacional possui maior predisposição à mudança de comportamento, de acordo com o Modelo Transteórico de Mudança, as intervenções apresentadas neste trabalho possuem enfoques voltados para o desejo de cada participante de mudar determinados aspectos de sua vida. No caso do adolescente, a intenção relatada era “parar de usar droga”, e a da mãe era “conseguir dizer não”. Inicialmente, foi identificado que a mãe mantinha um padrão passivo de comportamento em vários contextos sociais, inclusive com os filhos, enquanto isso, o adolescente estava apresentando fatores de risco para a recaída no uso de drogas, tais como: estar fora da escola, manter contato com pares usuários de drogas e não manifestar expectativas em relação ao futuro. Assim, foram realizadas 04 (quatro) visitas domiciliares, utilizando a seguinte metodologia: 1º dia - identificação das necessidades dos participantes e psicoeducação; 2º dia – psicoeducação; 3º dia - aplicação de questionário com a mãe e avaliação dos comportamentos assertivos, com prescrição de tarefa de casa; 4º dia – psicoeducação sobre direitos humanos e treino comportamental. A mãe, no decorrer das entrevistas, apresentou predisposição para a mudança e colocou em prática o conteúdo discutido com a equipe técnica, de forma que, ao final da intervenção, relatou mudanças significativas quanto à passividade passando a apresentar respostas comportamentais mais assertivas concomitantemente a uma autoestima mais elevada, o que pode ser considerado um estágio de ação na mudança do comportamento. O adolescente, por sua vez, manifestou comportamento de esquiva em relação às intervenções da equipe, evitando comparecer nos encontros marcados em sua residência, e, antes do término das visitas, participou de novo ato infracional envolvendo tráfico de drogas. Uma nova visita de follow-up será realizada para avaliação dos resultados a médio prazo. A

relevância deste trabalho se encontra na eficácia da prática de habilidades sociais educativas parentais mais adequadas como um fator protetivo em relação à incidência de comportamentos de risco entre crianças e adolescentes, ou seja, considera-se que ao trabalhar as habilidades parentais com os pais e/ou responsáveis, os adolescentes em conflito com a lei tenham menor predisposição ao envolvimento com novos atos infracionais, promovendo comportamentos mais adaptativos em sociedade.

P21- AS HABILIDADES SOCIAIS E SINTOMAS DE ESTRESSE DURANTE A TRANSIÇÃO ESCOLAR

Cynthia Cassoni (FFCLRP - USP), Edna Maria Marturano (FMRP - USP), Anne Marie Fontaine (FPCE - Universidade do Porto)

No período entre os dez e treze anos aproximadamente, a criança passa por mudanças físicas e cognitivas substanciais. A entrada na puberdade, associada à emergência do pensamento abstrato, frequentemente coincide com mudanças nos relacionamentos interpessoais, envolvendo a família e o grupo de pares. Em vista disso, em diversos países as crianças experimentam uma importante mudança contextual, que no Brasil ocorre entre o 5º e o 6º ano, passagem do Ensino Fundamental I para o Ensino Fundamental II. O tema da transição escolar no Ensino Fundamental interessa a pesquisadores do desenvolvimento, que buscam identificar efeitos dessa experiência no ajustamento escolar, intrapessoal, interpessoal e comportamental do aluno. Resultados conflitantes apontam ora para efeito negativo, ora para ausência de efeito ou efeito positivo. Estudos sugerem que após a transição pode haver elevação nos níveis de estresse relatados pelos alunos, no entanto, pode-se supor que crianças com mais recursos de enfrentamento seriam menos vulneráveis ao estresse da transição. Dado que habilidades sociais têm sido associadas a resultados de desenvolvimento, o objetivo deste trabalho é investigar, em crianças com diferentes níveis de habilidades sociais, os sintomas de estresse antes e depois da transição. Duas hipóteses foram testadas, por meio de um estudo prospectivo de comparação de grupos: (a) sintomas de estresse aumentam após a transição; (b) crianças com mais habilidades sociais apresentam menos sintomas de estresse. A pesquisa ocorreu em uma cidade do interior do estado de São Paulo, Brasil. Dentre as 15 escolas municipais que ofereciam o Ensino Fundamental em 2014, ano da primeira coleta de dados, estavam matriculados no 5º ano 1614 alunos. Foram sorteados 823, dos quais 415 participaram mediante consentimento dos pais e assentimento próprio. No ano seguinte, rastreado o percurso dos participantes na rede de ensino do município, foram localizadas 379 crianças matriculadas em escolas públicas no 6º ano. Essas participaram da segunda coleta de dados, compondo a amostra do presente estudo. Os instrumentos utilizados foram a Escala de Estresse Infantil e o Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais. Ambos foram ajustados à amostra da pesquisa por meio de análise fatorial confirmatória. Com base em escores individuais médios de habilidades sociais (HS) obtidos no 5º ano, foram criados três

grupos: HS1 (0,00 a 1,33; n = 118), HS2 (1,34 a 1,66; n = 162) e HS3 (1,67 a 2,00; n = 99). Para testar as hipóteses do trabalho utilizou-se a ANOVA de medidas repetidas a um fator. Por meio dos escores, observou-se aumento dos sintomas de estresse do 5º para o 6º ano e variações significativas entre os grupos nas reações psicológicas com componente depressivo, em ambos os anos. Quanto maior os escores no inventário de habilidades sociais menores os níveis de sintomas de estresse. Os resultados confirmaram as hipóteses iniciais, ou seja, os sintomas de estresse aumentaram após a transição, mas as crianças com escores mais altos no inventário de habilidades sociais apresentaram menos sintomas de estresse. Entretanto, apesar de crianças com escores mais altos no inventário de habilidades sociais serem menos suscetíveis aos efeitos da transição, elas também tiveram seus níveis de estresse aumentado. Recomenda-se realização de estudos futuros levando-se em conta o contexto familiar e escolar.

P22- ASSERTIVIDADE: UMA DIVERSIDADE ENTRE AS ÁREAS DE CONHECIMENTO

Waleska Karla Ramos de Macêdo (Unipê - Centro Universitário de João Pessoa), Gabriela Cabral Vieira (Unipê - Centro Universitário de João Pessoa), Karla Karolayne Oliveira da Silva (Unipê - Centro Universitário de João Pessoa), Paula Denize Gomes de Lira; Rayanne Galdino Guimarães (Unipê - Centro Universitário de João Pessoa), Silvana Queiroga da Costa Carvalho (Unipê - Centro Universitário de João Pessoa)

A assertividade, uma subclasse das habilidades sociais, constitui-se como um tema importante na atualidade, visto que auxilia na resolução de conflitos emocionais e comportamentais. Um indivíduo assertivo possui em seu repertório comportamental a capacidade de expressar seus sentimentos, pensamentos e opiniões de forma adequada, ouvindo o outro sem impor suas opiniões de modo que, assim, é/seja capaz de desenvolver melhores relações interpessoais. Esta pesquisa teve como objetivo analisar o nível de assertividade de estudantes universitários das áreas de conhecimento humanas, exatas e saúde. Participaram deste estudo 300 estudantes, divididos igualmente entre as áreas de conhecimento (saúde, humanas e exatas), dos cursos de Direito, Administração, Enfermagem, Fonoaudiologia, Engenharia Civil e Ciências da Computação de uma Instituição de Ensino Superior da Paraíba. Foram utilizados dois instrumentos: o questionário sociodemográfico, contendo perguntas objetivas, e a escala de assertividade Rathus, composta por 30 itens e validada para o Brasil por Pasquali e Gouveia. O procedimento de coleta de dados ocorreu nas salas de aula, de forma coletiva, garantindo ao participante o sigilo da sua identidade. Os dados foram analisados por meio do questionário sóciodemográfico e as questões fechadas foram processadas por meio do pacote estatístico SPSS (Statistical Package for Social Sciences) em sua versão 20.0, utilizando a estatística descritiva e inferencial. O estudo foi realizado considerando-se os aspectos éticos pertinentes a pesquisas envolvendo seres humanos, de acordo com a Resolução nº 466/12. Buscando mensurar o nível de assertividade dos estudantes dos cursos

estabelecidos, verificou-se que existe diferença significativa (p<0,05, DP= 0,095) no nível de assertividade entre os estudantes dos cursos de: Administração e Direito; Administração e Enfermagem; Direito e Ciência da Computação; Enfermagem e Ciência da Computação. Os resultados obtidos comprovaram que há uma divergência em relação aos níveis de assertividade entre os discentes das áreas de conhecimento: os da área de Saúde foram os mais assertivos, possuindo média igual a 3,6, enquanto os das áreas de Humanas e Exatas obtiveram médias iguais a 3,5 e 3,3, respectivamente. Constatou-se que o maior nível de assertividade encontrado foram nos acadêmicos da área de Saúde (DP = 0,09) e o menor nível nos da área de Exatas (DP=0,09). Tais resultados corroboram com dados da literatura, no sentido de destacar as habilidades sociais como uma ferramenta que facilita o desempenho técnico e social do aluno, posto que, na área de saúde, há uma maior possibilidade de exposição à contextos que necessitam de interações interpessoais. Assim, a partir do estudo e da análise dos dados apresentados, deseja-se que os devidos resultados outorgados pela pesquisa possam favorecer melhor compreensão quanto à Assertividade na construção do desempenho profissional.

P23- ASSOCIAÇÕES ENTRE HABILIDADES SOCIAIS E O TEMPO E QUANTIDADE DE CONSUMO DE ÁLCOOL EM UMA AMOSTRA CLÍNICA

Mariana Fortunata Donadon (Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo)

Sabe-se que os indivíduos com dependência de álcool apresentam diversos prejuízos ao nível das relações interpessoais, envolvendo o repertório de habilidades sociais. Além disso, muitas crenças positivas associam-se a tal uso, como por exemplo a facilitação nas interações sociais através do uso do álcool, o uso de álcool como ferramenta de desinibição social e/ou estratégia de enfrentamente para situações sociais. Dessa maneira, indivíduos dependentes de álcool, utilizam-se do álcool não só por razões de dependência química, mas também por possuírem déficits comportamentais e que muitas vezes, são pouco trabalhados em tratamentos psicoterápicos. Objetivo: Avaliar se existe correlação entre o repertório de habilidades sociais de sujeitos dependentes de álcool (e em uso ativo de álcool) e a quantidade de ingestão de bebidas, bem como entre o tempo de alcoolismo. Método: Avaliou-se 21 sujeitos adultos do sexo masculino com diagnóstico de dependência atual de álcool segundo o DSM-IV em tratamento ambulatorial em um serviço terciário de saúde, no Hospital das Clínicas da faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - HCMRP - USP. A coleta de dados foi realizada de maneira individual por meio do preenchimento de escalas autoaplicáveis (Questionário Sociodemográfico e Clínico, Inventário de Habilidades Sociais (IHS), Inventário de Habilidades de Enfrentamento Antecipatório de Álcool (IDHEA). Resultados: As análises de correlação evidenciaram que: a-) quanto maior o tempo de consumo de álcool, em anos, menores são as habilidades

de enfrentamento antecipatório para abstinência de álcool (FATOR - F1 - IDHEA) (r= -0,441; p=0,04); b-) quanto maior o tempo de consumo de álcool, em anos, menores os escores do IDHEA Total (r= -0,618; p=0,003); c-) ausência de correlação entre os fatores do inventário de habilidades sociais gerais e o consumo de álcool. Discussão/Conclusões: As correlações apontaram associações inversas entre o tempo e o consumo de álcool e as habilidades especificas de enfrentamento pró-abstinência, apontando possíveis déficits que podem favorecer a manutenção e o uso pesado do álcool. Dessa maneira, Conhecer estes prejuízos são importantes para que terapêuticas possam ser instituídas de forma a ampliar tais habilidades essenciais para o tratamento do alcoolismo bem como fortalecer recursos para enfrentamento em situações diversas da vida. Além disso, reconhcer tais défcits no repertório comportamental de sujeitos em uso ativo de álcool e com diagnóstico de dependência, poderia até mesmo atuar como fator de proteção a recaídas ao álcool, facilitando processos de abstinência, bem como o tratamento da dependência e tal recurso de investigação não é aplicado no tratamento até os dias atuais.

P24- ATIVIDADES VIVENCIAIS PARA O ENSINO DE HABILIDADES DE AUTOCONTROLE E EXPRESSIVIDADE EMOCIONAL NA INFÂNCIA

Ariana Dias Machado Tavares Alves (UNASP - Engenheiro Coelho/SP), Vanessa Pires Rocha Barbosa (UNASP - Engenheiro Coelho/SP), Ivana Gisel Casali (UFSCAR- São Carlos/SP)

Estudos apontam os grandes benefícios das habilidades sociais para o desenvolvimento infantil, de maneira que estas estão diretamente associadas à qualidade de vida, rendimento acadêmico e satisfação pessoal, tornando-as de suma importância na intervenção educativa e/ou terapêutica. Dentre as Habilidades Sociais da infância, aprendidas ao longo da vida, pode ser mencionada a habilidade de autocontrole e expressividade emocional, que envolve a capacidade de reconhecer e nomear as emoções próprias e dos outros, expressar emoções (positivas e negativas), acalmar-se, controlar o próprio humor, lidar com sentimentos negativos (vergonha, raiva, medo) e tolerar frustrações. Tais habilidades podem ser aprendidas em contexto natural ou, então, por meio de estratégias específicas, como as vivências. Atividades vivenciais proporcionam, pela similaridade com situações do cotidiano, momentos de reflexão e avaliação de comportamentos sociais, possibilitando a aprendizagem. Com base nisso, o presente trabalho teve por objetivo elaborar vivências que desenvolvam a habilidade de autocontrole e expressividade emocional em crianças da educação infantil e ensino fundamental I. Para crianças pré-escolares elaborou-se e testou-se uma vivência com o título “Os Sentimentos e Eu!”, que inclui inicialmente uma atividade na qual o mediador apresenta emoções e suas características em EVA, buscando aproximar o abstrato (sentimentos) do concreto, facilitando o entendimento das crianças no processo de percepção de seus

sentimentos e também do sentimento do outro. A vivência inclui, posteriormente, o jogo “Boliche das emoções”, que consiste em derrubar os pinos confeccionados de Pet com expressões faciais coladas, representando cada sentimento. Após jogar a bola, o aluno tem a oportunidade de contar um momento em que vivenciou o sentimento representado em um dos pinos que permaneceram em pé. Para crianças do 4º e 5º ano escolar foi elaborada uma vivência com o título “Eu Tenho Sentimentos!”, na qual inicialmente os alunos assistem um filme (Divertida Mente) onde são retratados os sentimentos de uma garotinha, a partir do qual o professor/mediador faz algumas perguntas que levam os alunos a refletir sobre os sentimentos apresentados na animação, bem como contextualizar tais emoções na realidade de cada um. Os alunos têm a oportunidade de expressar suas respostas de forma oral, reconhecendo que a expressão oral dos sentimentos é um dos aspectos relevantes para o desenvolvimento desta habilidade destacada pela literatura. Os resultados obtidos na aplicação destas vivências mostraram eficácia no desenvolvimento da habilidade citada. Inicialmente, elas demonstraram mais timidez ao falar, ao passo que no fim da vivência, manifestaram estar mais a vontade ao diálogo, sendo possível observar progresso na identificação das emoções e no falar sobre elas. Suas respostas às perguntas reflexivas demonstraram a internalização da importância de desenvolver o autocontrole e racionalidade de suas ações que pôde ser observado por meio das respostas que sugeriam uma mudança de comportamento da personagem. Estas características foram observadas dentro do esperado para cada faixa etária trabalhada, revelando que tais vivências são eficazes para a promoção de autocontrole e expressividade emocional infantil.

P25- AVALIAÇÃO DO PROCESSO TERAPÊUTICO EM UMA TERAPIA ANALÍTICO COMPORTAMENTAL EM GRUPO PARA O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS EM ADOLESCENTES

Maria Luiza Birolli (UFMS), Mariana Garcia dos Santos (UFMS), Vinicius Santos Ferreira (UFMS)

Grupos de desenvolvimentos de habilidades sociais em adolescentes tem se mostrado importantes para o desenvolvimento de habilidades para enfrentar os desafios sociais típicos dessa idade, além de prevenir problemas futuros. A maioria das pesquisas tem olhado apenas para uma avaliação dos resultados desses grupos, poucas pesquisas de processo têm sido conduzidas. O objetivo deste trabalho foi avaliar as habilidades de processo dos participantes e dos facilitadores de uma terapia analítico-comportamental em grupo com finalidade de treinar habilidades sociais em adolescentes em um CRAS do interior do MS. Participaram do estudo seis adolescentes (cinco mulheres). Foi realizado um programa de intervenção de nove encontros com duração de duas horas cada. O programa teve o objetivo de desenvolver habilidades sociais preventivas para adolescentes – habilidades de escuta, empáticas, assertivas e de resolução de problemas. O grupo foi conduzido por duas estagiárias de

psicologia que tiveram a função de facilitadores, para desenvolver esse papel eles tiveram supervisões semanais. O embasamento teórico para as avaliações e intervenções em grupo foi embasado na terapia analítico-comportamental em grupo, e as supervisões clínicas adotaram o modelo da terapia analítico-funcional (FAP). Para as intervenções em grupo adotou-se o método vivencial, que ofereceu o contexto necessário para o desenvolvimento das habilidades alvo, por meio de procedimentos de: ensaio comportamental; manejo de Comportamentos Clinicamente Relevantes (CCRs) por reforçamento diferencial e modelagem; modelação; feedback; e tarefas de casa. Para avaliar o andamento do grupo e os comportamentos emitidos nas sessões por participantes e facilitadores foram aplicados dois checklists, adaptados de Murta (2008), que foram respondidos pelos facilitadores ao final de cada encontro. O Checklist de Metas Intermediárias (CMI) objetivou avaliar CRBs 1, 2 e 3 e o desenvolvimento de habilidades sociais de processo nos participantes. O Checklist de Habilidades do Terapeuta na Condução de Grupo (CHT) avaliou se cada uma das facilitadoras emitiam os comportamentos esperados de terapeutas analíticos-comportamentais de grupo em cada um dos encontros. Também foram avaliadas as faltas e a execução das tarefas de casa por encontro. Foram feitas 58,3% do somatório de todas as tarefas de casa de todos participantes em todos os encontros. Houveram apenas quatro faltas, sendo três delas no primeiro encontro. Os resultados mostram que no CMI as respostas de relatar sentimentos e relatar problemas foram as que mais ocorreram, com um aumento na sua frequência depois dos primeiros encontros. As respostas de relatar progresso, explicar comportamento e fornecer apoio começaram a aparece com maior frequência nos últimos encontros. Também foram observadas o surgimento de CRBs 2 e 3 durante o grupo. No CHT as facilitadoras realizaram em todos os encontros quase todas as habilidades de preparação e condução do grupo e as habilidades de processo contidas no instrumento. O somatório desses resultados sugere um grupo coeso, eficaz e uma generalização das habilidades treinadas. Os resultados (a) ajudam a entender como se distribuem as habilidades de processo de facilitadores e participantes ao longo do grupo (b) e mostram que esse grupo parece ter contribuído para o desenvolvimento de habilidades sociais nos adolescentes.

P26- AVALIAÇÃO DO REPERTORIO DE HABILIDADES SOCIAIS USUÁRIOS DE JOGOS ONLINE

Lucas Gomes Noronha Canuto (UNIP), Denise Natividade Dascanio (UNIP)

Com o avanço da tecnologia as pessoas estão cada vez mais ligadas umas às outras. São inúmeros os benefícios da internet, no entanto seu uso constante pode trazer prejuízos para a vida profissional, social ou familiar daqueles que á utilizam de forma exagerada. A forma de lidar com a internet é algo que muitos pesquisadores abordaram, o contato frequente e demasiado com o meio virtual pode acarretar em dependência e com isto isolamento social do indivíduo, com menos comunicação interpessoal. Observa-se também um crescente número de usuários de jogos online. Existem inúmeros jogos online e de diversas categorias, dentre todos eles o jogo da atualidade mais jogado é o League of legends (LOL), que é um jogo online gratuito, que combina a velocidade em tempo real com elementos de RPG (“jogo de representação”), onde o jogador controla um personagem em uma batalha entre dois times. Considerando que a comunicação virtual colabora para um distanciamento

físico, o uso solitário da internet pode causar isolamento gradualmente e fragilizar os relacionamentos a curta distância. E, ainda, é possível inferir que jovens com relacionamento favorável, teriam mais condições de lidar com adversidades proporcionadas pelo ambiente, seja ele virtual ou real. Isso porque os jovens desenvolveram um “repertorio de comportamentos” que favorecem sua interação no dia-a-dia, este repertorio é estudado sob a denominação de “habilidades sociais”. Com isto, esta pesquisa tem por objetivo apresentar o Projeto de Pesquisa de Iniciação Cientifica que está em andamento, intitulado: “Avaliação do repertório de Habilidades Sociais em jogadores de jogos online”. Tendo como objetivos: avaliar e verificar o repertorio de habilidades sociais de usuários dos jogos online League Of Legends e Counter Strike, descrevendo e comparando o repertorio de habilidades sociais e suas subclasses. Para isto participarão deste estudo 30 usuários dos jogos online de ambos os sexos, residentes em cidades do interior de São Paulo. Os instrumentos a serem utilizados serão: Inventário de Habilidades Sociais – IHS-Del Prette (2001), para avaliar as habilidades sociais dos participantes e um questionário de caraterização geral da amostra, englobando questões referente a motivação para jogar, bem como a quantidade de horas gastas com jogos online. Este estudo ainda está em fase inicial de coleta de dados, no entanto, espera-se que os resultados possam contribuir para identificar o repertorio de habilidades sociais dos usuários de jogos online e conceituar as relações interpessoais virtuais de forma a estabelecer um paralelo entre o repertório de habilidades sociais e jogos online, se estes contribuem ou prejudicam o repertório de interação social. Nesse âmbito, destaca-se a necessidade de investigação e estudo sobre as relações interpessoais e sócio afetivas de usuários de jogos online, com o escopo de levantar dados sobre as habilidades sociais dentro do campo virtual.

P27- AVALIAÇÃO DOS EFEITOS DE UMA TERAPIA ANALÍTICO COMPORTAMENTAL COM ADOLESCENTES PARA O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS

Maria Luiza Birolli (UFMS), Vinicius Santos Ferreira (UFMS), Mariana Garcia dos Santos (UFMS)

A adolescência é compreendida como sendo o período dos 10 aos 19 anos da vida de um indivíduo e é considerada uma etapa de transição entre a infância e a vida adulta, em que mudanças corporais, sociais, cognitivas e de perspectivas sobre a vida acontecem. Estudos apontam a importância de se desenvolver programas que trabalhem aspectos comportamentais desta população, buscando torná-los mais resistentes frente à diversos tipos de risco e, desta forma, propiciar um desenvolvimento mais saudável. O objetivo deste trabalho foi avaliar o efeito de uma Terapia Analítico-Comportamental em Grupo com finalidade de treinar habilidades sociais em adolescentes frequentadores de um CRAS, de uma cidade pequena, no interior do estado de Mato Grosso do Sul. O programa de intervenção foi realizado

em nove encontros semanais, com duração de duas horas cada e com seis participantes. O protocolo aplicado foi baseado no método vivencial, que ofereceu oportunidades para o programa de intervenção, por meio de procedimentos como: ensaio comportamental, modelagem, modelação, feedback; e tarefas de casa. Durante os encontros foram trabalhadas habilidades como: empatia, assertividade, técnica de resolução de problemas, habilidades de ouvir e admitir falhas, entre outras. O Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes (IHSA) e Inventário de Empatia (IE) foram utilizados para avaliar os participantes, antes e após a intervenção. A análise dos dados do IE, que avaliam a habilidade de empatia, evidenciou uma pequena melhora na média do escore bruto total. No IE, este resultado varia entre 40 e 200, portanto, é possível dizer que, os participantes apresentaram, a princípio, um escore percentil na média, com o valor de 118 no pré-teste, e aumentaram este valor, após a intervenção para 128,9. O IHSA avalia itens como dificuldade e frequência, os dados obtidos indicam que para o primeiro item, a média do escore percentil total diminuiu de 52,16 no pré-teste para 45,83 no pós-teste, enquanto para o segundo, os resultados indicaram um aumento na média do escore total de 18,5 para 27,5. Desta forma, conclui-se que os resultados permitiram supor que a intervenção foi eficaz na melhoria do repertório de habilidades sociais dos participantes. Conclui-se que a criação de programas, cujo objetivo é ensinar ou ampliar habilidades interpessoais a esta população, a partir de Treinamentos de Habilidades Sociais, é necessária, e pode ser benéfica aos mesmos, pois podem funcionar para promoção e prevenção da saúde desta população, uma vez que, podem evitar ou reduzir perdas e custos decorrentes da etapa de desenvolvimento em que se encontram e prepará-los também situações futuras.

P28- AVALIAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL I EM DOIS DIFERENTES MOMENTOS DO ANO ESCOLAR

Letícia Altheman Loureiro (FFCLRP/USP), Luciana Carla dos Santos Elias (FFCLRP/USP)

As Habilidades Sociais podem ser definidas como competências que facilitam e mantêm relacionamentos sociais positivos, auxiliam na aceitação por pares e auxiliam no ajustamento escolar. São aprendidas inicialmente na família e posteriormente em ambientes como a escola. Entre as Habilidades Sociais, as Habilidades de Solução de Problemas Interpessoais são de grande importância uma vez que contribuem para a redução de problemas de comportamento em sala de aula. O presente estudo objetiva avaliar e caracterizar as Habilidades Sociais, com foco em Habilidades de Solução de Problemas Interpessoais, de alunos do Ensino Fundamental I, comparando-as entre os sexos e entre dois momentos do ano letivo e relacionando-as com problemas de comportamento, competência acadêmica e prática educativa dos professores. Está inserido dentro de um projeto maior intitulado “Novos subsídios

para a prevenção de dificuldades adaptativas na escola". Contou com a participação de 150 crianças do Ensino Fundamental I, de ambos os sexos, e suas professoras. A coleta de dados ocorreu em duas escolas municipais da cidade de Sertãozinho no interior do estado de São Paulo. Foram utilizados os instrumentos: "Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais – SSRS (versão para professores) ", "Sondagem de Solução de Problemas Interpessoais em Crianças (CHIPS) " e "Diários de Sala do professor". Os resultados parciais foram cotados segundo as proposições de cada instrumento e transpostos para planilhas onde foram feitas as primeiras análises estatísticas por meio do programa IBM – SPSS – versão 22. Esses resultados indicam que, da avaliação para a reavaliação, os alunos aprimoraram o seu repertório de HS, no entanto, a ocorrência de comportamentos problemáticos se manteve, assim como a competência acadêmica que não foi aprimorada. Além disso, o repertório de Habilidades de Solução de Problemas Interpessoais apresentou diminuição significativa. Também observou-se que as meninas apresentam mais Habilidades Sociais do que os meninos e que estes apresentam mais comportamentos problemáticos do que as meninas, bem como mais comportamentos externalizantes. Diante do contexto exposto, conclui-se que a população estudada não apresentou progressos em suas HSPI, melhora nos problemas de comportamento e aprimoramento na competência acadêmica durante o período de avaliações, apontando para a necessidade de trabalhos de extensão à essa população como treinamentos em Habilidades Sociais e em Habilidades de Solução de Problemas Interpessoais, além de formação continuada para os professores. Fica clara a necessidade de implantação de programas de intervenção para os alunos do ensino fundamental que ofereçam treinamento em Habilidades Sociais e Habilidades de Solução de Problemas Interpessoais, além do aprendizado obtido por meio da família e da escola, uma vez que o aprimoramento e aquisição dessas habilidades contribuem não só para ganhos sociais, como também para ganhos acadêmicos e redução dos problemas de comportamento.

P29- AVALIAÇÃO E PROMOÇÃO DE REFLEXÃO SOBRE OS DÉFICITS DE HABILIDADES SOCIAIS DE UMA UNIVERSITÁRIA

Daniela de Fátima Rossetto Gonçalves (UNUCSUL/SP), Ana Maria Pierri Barbosa (UNICSUL/SP), Daniela de Fátima Rossetto Gonçalves (UNICSUL/SP), Gabriele Ferreira da Costa (UNICSUL/SP), Gabriele Garcia da Silva (UNICSUL/SP), Jéssica Jujeque de Souza (UNICSUL/SP), Camila Campanhã (UNICSUL/SP)

O ser humano, por viver constantemente em interações sociais, necessita ter um bom repertório de Habilidades Sociais (HS), para ser bem sucedido em diferentes tipos de relações interpessoais. Muitas vezes, interpretação cognitiva incorreta de uma dada situação, pode levar a comportamentos inadequados socialmente, levando a dificuldades de relacionamentos interpessoais. Além do repertório comportamental social empobrecido, crenças disfuncionais desenvolvidas ao longo da vida, podem

levar também a prejuízos nas interações sociais. Por isso, refletir sobre a interpretação dada ao comportamento do outro e o próprio comportamento, pode ajudar a entender e modificar o baixo desempenho social, de acordo com a teoria triádica de Bandura. Assim, o presente trabalho tem como objetivo apresentar a avaliação e promoção de reflexão das HS de uma universitária, bem como a melhora nos relacionamentos interpessoais que ocorreram durante a avaliação. A avaliação e promoção das reflexões sobre as HS foram realizadas em 7 sessões com duração de 50 minutos cada, na clínica escola da universidade, com uma voluntária universitária de 22 anos do curso de Serviço Social. A avaliação e promoção de reflexões sobre as HS da voluntária foram realizadas por um grupo de alunos do 5º semestre do curso de Psicologia na Universidade Cruzeiro do Sul, após a assinatura do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido). As sessões foram organizadas em: Entrevista Anamnese, aplicação da Lista de Adjetivos, Inventário de Assertividade, Inventário de Estilos Pessoais, dinâmica Após a Hecatombe, dinâmica Colagem Dicotômica e devolutiva. A voluntária R. foi colaborativa e mostrou ansiedade nas primeiras sessões. Apresentou comportamentos não assertivos, do tipo agressivo, na forma de falar com as pessoas, inclusive ao tentar expressar suas angustias. Apresentou ansiedade em situações sociais, muitas vezes preferindo o isolamento e considerando-se tímida. Ao longo das sessões R. foi ficando mais tranquila, menos ansiosa, mais a vontade com as terapeutas. Na devolutiva R. concordou com os déficits relatados pelo grupo e concordou em fazer terapia devido a percepção das melhoras obtidas durante as sessões. Tanto familiares quanto amigos, perceberam melhora significativa no seu comportamento. R. deixou de ofender as pessoas e, por isso, seu lar ficou mais harmonioso. Relatou sentir menos ansiedade nas provas e apresentações de trabalhos. Tais mudanças foram observadas por sua mãe e colegas da faculdade. Em suma, apesar das poucas sessões de promoção de reflexão sobre as dificuldades nas interações sociais e das HS da voluntária, foi possível observar uma melhora significativa nas relações interpessoais familiares e acadêmicas, ao longo da realização das atividades. Atividades como a dinâmica Após a Hecatombe promovem reflexão e evidenciam as dificuldades de HS. Casos como estes apontam para a relevância de atividades práticas como esta na Universidade, tanto para a formação dos alunos do curso de Psicologia, quanto para os voluntários participantes que encontram um espaço para reflexão e autoconhecimento acerca de suas dificuldades e HS. Além disso, pode ser uma porta de entrada para a busca de ajuda clínica, quando necessário, quebrando preconceitos sobre a atuação do psicólogo.

P30- BRINCADEIRAS PRÉ-ESCOLARES E PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO: UM DIÁLOGO POSSÍVEL A FAVOR DE RECURSOS PARA PROMOÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS

Renan Bandeira Dias (UNIFEV), Alencar Venâncio Silva Tognon (UNIFEV), Talita Pereira Dias (UNIFEV)

A brincadeira é uma forma de expressão espontânea e natural da infância e uma importante ferramenta para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional. As escolhas de brincadeiras sofrem alterações de acordo com cada idade do desenvolvimento humano da criança. O brincar pode também ser adotado em intervenções para promoção de habilidades sociais na infância o que constitui um fator de proteção para o desenvolvimento humano. Identificar brincadeiras mais frequentes de cada idade do ciclo vital pode favorecer o planejamento de programa de promoção de habilidades sociais nessa fase, pois se utilizariam recursos atrativos e próximos da realidade do público-alvo, contribuindo para maior adesão e maior efetividade dos programas. Este estudo teve como objetivo identificar a variabilidade de brincadeiras e as mais exercidas por crianças em período pré-escolar, e propor um diálogo conclusivo em que se discute como as teorias psicológicas do desenvolvimento humano de Piaget, Erik Erikson e Vygotsky, podem colaborar na compreensão das escolhas de brincadeiras ocorridas nesse período da infância. Para isso, foi aplicado um questionário sobre as brincadeiras preferidas pelas crianças em diferentes municípios do Noroeste Paulista, com 224 participantes, sendo 87 crianças entre três e seis anos, 97 pais dessas crianças e 40 professores de Educação Infantil. A partir disso, foram identificadas as seis brincadeiras mais frequentes em cada idade específica. Os resultados indicaram que: (1) crianças de três anos preferem brincadeiras mais individualizadas, como carrinho, brinquedos e boneca; (2) aquelas com quatro anos mantêm o comportamento da anterior, incluindo super-heróis e bola; (3) já as de cinco, além de manter atividades anteriores, desenvolvem brincadeiras que envolvam corrida e relacionamento interpessoal, tal como pega-pega, esconde-esconde e mamãe-filhinha; (4) crianças de seis anos mantêm o mesmo padrão, porém exercem brincadeiras lúdicas e motoras como o “faz de conta” e pular corda. Pôde-se verificar que as brincadeiras compostas nessa fase da infância se adequam a transição das fases pré-operatória e operatória-concreta proposta por Piaget, bem como a fase do dilema Iniciativa X Culpa de Erik Erikson, em que se apresentam comportamentos em que a criança, ou se retrai no individualismo, ou toma iniciativa de exploração de seu meio, item esse que é nitidamente explícito pelas variações de preferências das crianças. Vygotsky colabora com a necessidade da interação social nas novas aprendizagens da criança, teoria essa que reforça a necessidade da promoção de habilidades sociais para esse público. As clássicas teorias do desenvolvimento humano constatam certa fidedignidade teórica e prática da psicologia do desenvolvimento humano com a atualidade correspondente ao comportamento de brincar de crianças pré-escolares. Conclui-se que as brincadeiras identificadas podem servir como um importante recurso potencial para se promover programas de habilidades sociais com alta efetividade para crianças de idade pré-escolar.

P31- BURNOUT E ESTRESSE PERCEBIDO EM ESTUDANTES DE PSICOLOGIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS DIFICULDADES DE INTERAÇÃO SOCIAL

Jéssica Fernanda Fuliotto Messias (Centro Universitário Barão de Mauá), Celso Waldemar Steimbach Batista (Centro Universitário Barão de Mauá), Alessandra Ackel Rodrigues (Centro Universitário Barão de Mauá), Ivan Luis Tonani (Centro Universitário Barão de Mauá), Andressa Parra de Sousa (Centro Universitário Barão de Mauá), Marlene de Cássia Trivellato-Ferreira (Centro Universitário Barão de Mauá) e Joana Filipa Afonso Monteiro (Centro Universitário Barão de Mauá)

O estresse é uma condição resultante de uma percepção de dissonância, que pode ser real ou não, entre as exigências de uma determinada situação e a capacidade que o indivíduo acredita ter para resolvê-la. A cronicidade do estresse circunscrito ao ambiente ocupacional leva ao desenvolvimento da Síndrome de *Burnout*, uma condição crônica de saúde que se expressa em três dimensões: exaustão emocional, despersonalização e eficácia. Sobre essa condição, interferem tanto habilidades sociais e de enfrentamento prévias do indivíduo, como diversas condições relacionadas ao ambiente ocupacional, tais como jornada de trabalho, nível de exigência, reconhecimento profissional e relacionamentos interpessoais estabelecidos neste contexto. A literatura aponta as relações interpessoais como fontes de estresse em todos os níveis de escolarização. Este estudo teve por objetivo comparar os níveis de estresse percebido e *burnout* encontrados em função dos relacionamentos interpessoais estabelecidos no contexto universitário. Participaram deste estudo 184 graduandos de psicologia de um curso noturno de um Centro Universitário do interior do Estado de São Paulo. Eles responderam um Roteiro com Informações Sociodemográficas e Acadêmicas (RISA), a Escala de Estresse Percebido (EPP) e a Maslach Burnout Inventory – Student Survey (MBI-SS). Os dados foram analisados por estatística não paramétrica no programa IBM-SPSS versão 22. A maioria dos participantes eram mulheres (81,6%), tinham entre 18 e 24 anos (69,7%), eram solteiros (85,4%) e cursavam entre 5 e 7 disciplinas (73%). O valor médio encontrado para EEP foi 30,7(±8,02) e no MBI-SS, 18,8(±7,12) para exaustão, 6,18 (±5,58) para despersonalização e 27,8(±5,05) para eficácia. Os relacionamentos interpessoais no contexto do ensino superior foram investigados através dos relatos dos graduandos ao RISA sobre a existência ou não de dificuldades no relacionamento com colegas e professores. Tais dados foram comparados, através do teste de Mann-Whitney em função dos escores da EPP e MBI-SS. Do total de estudantes pesquisados, 11,4% apontou dificuldade no relacionamento com colegas e 2,7% com professores. Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre percepção de estresse e *burnout* no relacionamento com colegas. Em relação à dificuldade de relacionamento com professores, os índices de estresse percebido, exaustão e despersonalização não se mostraram estatisticamente diferentes, porém encontrou-se uma diferença significativa para eficácia (M=27,98, p=0,03), indicando que seus níveis são menores nos estudantes que apresentam dificuldade de

relacionamento com professores. Os resultados apontam para a importância de se considerar as dimensões interpessoais do relacionamento professor-aluno e seu impacto no bem-estar psicossocial dos estudantes de psicologia. O estudo sugere que as questões afetivas do processo ensino-aprendizagem no ensino superior devem ser melhor investigadas e refletidas na prática docente.

P32- CAIU NA REDE: FORTALECIMENTO DE INTERVENÇÕES INTERSETORIAIS NA ATENÇÃO A SAÚDE DO ADOLESCENTE EM REGIÃO DE FRONTEIRA

Rafael Soares Corrêa (PTI/ Itaipu)

Este estudo tem como objetivos fortalecer intervenções intersetoriais na atenção a saúde do adolescente em região de fronteira. As ações foram planejadas no GT Saúde Itaipu, espaço que proporcionou a articulação de atores envolvidos com a atenção a saúde do adolescente nos países da tríplice fronteira: Brasil, Paraguay e Argentina. Estudo multicêntrico desenvolvido a partir da amostra por conveniência e aleatória simples de 750 pessoas. Os instrumentos utilizados para coleta de dados serão aplicados em profissionais e adolescentes nas áreas de qualidade de vida do trabalhador, habilidades de vida/sociais de adolescentes e vulnerabilidade em saúde do adolescente. As ações serão desenvolvidas com equipes constituídas por adolescentes, pais e profissionais das instituições de saúde, educação, esportes, assistência social e segurança pública dos países envolvidos. As atividades estão estruturadas a partir das seguintes etapas: a) sensibilização dos gestores; b) capacitação dos atores envolvidos; c) dispersão para coleta de dados; d) análise dos resultados e propostas de ação. Como ferramenta para facilitar a discussão será implementada uma plataforma eletrônica para análise e georreferenciamento dos dados de indicadores de saúde, instituições, programas e projetos existentes bem como as propostas de cada instituição e intersetorial. Tal ferramenta buscará facilitar o diagnóstico rápido em saúde e a elaboração de propostas baseadas em evidência, envolvendo os atores sociais no embasamento de ações, programas e políticas públicas para atenção a saúde do adolescente e a pactuação de uma agenda compartilhada por meio do planejamento estratégico para a região da tríplice fronteira. Mediante a exigência dos conceitos abordados, esses exigem do campo da saúde pública a abertura de espaços onde o adolescente receba um acolhimento de suas demandas, com o desenvolvimento de práticas construtivas, através do diálogo e da promoção da autonomia e independência no seu próprio cuidado em saúde, exercendo um maior controle sobre a mesma tornando-se sujeito da construção do processo de saúde. Abordagens que incorporam o enfrentamento de questões de vulnerabilidade assumem a concepção da transdisciplinaridade, considerando as necessidades da população e do contexto específico, não se restringindo a ações de caráter emergencial em saúde, mas a execução de estratégicas programadas e participativas na busca da resolução de questões relacionadas a vulnerabilidade em

saúde. O desenvolvimento de habilidade de vida/ sociais em adolescentes diante de codnições de vulnerabilidade em saúde representam um avanço nas práticas de promoção de saúde, estimulando o desenvolvimento de programas de intervenção para treinamento em grupos e contextos diferentes. Essa atuação potencializa os fatores de proteção para enfrentamento das condições de vulnerabilidade, mesmo para problemas já instalados na população específica, sendo essa passível de acompanhamento e adequação de comportamentos.

P33- COMPORTAMENTO PRÓ-SOCIAL EM CRIANÇAS COM TRANSTORNOS MENTAIS

Eduarda Souza Dilleggi (USP/RP), Ana Paula Rosa (USP/RP) e Patricia Leila dos Santos (USP/RP)

Diversos estudos apontam que as crianças com transtornos mentais apresentam dificuldades em diferentes áreas do desenvolvimento: nas interações com seus pares, na aprendizagem, na linguagem, além de comprometimento quanto a comportamentos e expressão de afetos, o que muitas vezes têm um grande impacto no seu cotidiano. Entretanto, pouco tem sido investigado sobre as potencialidades destas crianças. As intervenções têm frequentemente sido focalizadas sobre as dificuldades e limitações, enquanto as habilidades para ajudar, compartilhar e cooperar, promotoras de relações sociais saudáveis e do desenvolvimento, têm sido negligenciadas. Neste contexto, o objetivo deste trabalho foi investigar o comportamento pró-social de crianças com diagnóstico de transtornos mentais. Foi realizado um estudo transversal, com 33 responsáveis de crianças de 6 a 12 anos que eram atendidas em diferentes ambulatórios do Serviço de Psiquiatria de um Hospital no interior de São Paulo (Brasil). Utilizaram- se dois instrumentos: o Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ), que contém 25 itens, distribuídos em cinco subescalas: sintomas emocionais, problemas de conduta, hiperatividade, problemas de relacionamento com os colegas e comportamento pró-social, também foram coletadas informações sociodemográficas e sobre o diagnóstico das crianças nesses mesmos ambulatórios. A idade média das crianças foi de 8,3 anos (±1,86), 69% eram do sexo masculino, 78% frequentavam escola e 60,6% fazia até dois tipos de tratamento. A maioria (72,7%) tinha apenas um diagnóstico, sendo mais frequente o transtorno do espectro autista (TEA) e transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH). Na escala pró-social 75,7% das crianças foram classificadas como normais, 3,0% como limítrofes e 21,2% como anormais, segundo a classificação do SDQ. A média de pontuação nesta subescala foi de 6,9 (±3,2). Embora os resultados sejam inferiores aos obtidos com amostras não clínicas, tanto o percentual de crianças com bom nível de comportamento pró-social quanto a pontuação média indicaram boas habilidades para interação positiva. Estudos com populações clínicas não têm considerado a subescala pró-social do instrumento, focalizando apenas nas dificuldades e limitações das crianças. Há que se considerar que foi utilizado um

instrumento de rastreamento, aplicado a uma pequena amostra, entretanto, os resultados apontam a presença de comportamento pró-social, que merece atenção tanto pelas famílias e instituições escolares quanto pelos profissionais de saúde, nas diferentes modalidades de tratamento, uma vez que se fortalecidos podem ampliar as possibilidades de socialização destas crianças. Conclui-se que as crianças com transtornos mentais, para a amostra do presente estudo, apresentaram um repertório de comportamentos importantes no contexto de habilidades sociais positivas e sugere-se que os mesmos devem ser considerados e potencializados no contexto familiar e de intervenção.

P34- CONSEQUÊNCIAS DO ABUSO SEXUAL INFANTIL NO REPERTÓRIO DAS HABILIDADES SOCIAIS DAS VÍTIMAS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Rosana Padilha do Nascimento (UNIPE/PB), Sara Ribeiro Cavalcanti de Morais (UNIPE/PB), Vanessa Cristina de Góes (UNIPE/PB), Silva Faustino da Costa (UNIPE/PB), Silvana Queiroga da Costa Carvalho (UNIPE/PB), Charlene Nayana Nunes Alves Gouveia

O abuso sexual infantil é um dos tipos de violência mais frequentes nos dias atuais e tem tomando proporções alarmantes. Considerado como um problema de saúde pública, suas consequências são julgadas severas no que concerne ao desenvolvimento, afeto, cognição e comportamento da vítima. Vivenciar situações de violência de qualquer ordem associa-se com a apresentação de inúmeras sequelas, que podem prolongar-se por toda a vida. Diversos estudos apontam, que as consequências do abuso sexual na infância estão presentes em todos os aspectos da condição humana, deixando marcas físicas, psíquicas, sexuais, comportamentais, como também prejuízos no desenvolvimento das habilidades sociais, que podem comprometer seriamente a vida da vítima. Nesse sentido, este estudo tem por objetivo realizar uma revisão sistemática sobre as consequências decorrentes do abuso sexual infantil no desenvolvimento das habilidades sociais da vítima. As bases de dados analisadas referem-se ao PubMed, Medline e Lilacs, com a seguinte estratégia de busca: (Child AND Abuse Sexual AND Social Skills). Artigos em idiomas inglês, português e espanhol, publicados no período de 2007 a 2017 foram incluídos, à medida em que artigos que não apresentaram correlações com o objetivo em questão foram excluídos. Ao todo, foram encontrados 236 estudos, dentre estes, foram excluídos 38 artigos repetidos, 139 que não possuíam títulos adequados à busca, e 50 resumos cujo conteúdo não estava relacionado à proposta desta pesquisa. Ao todo, 09 artigos responderam ao objetivo do estudo. Nos artigos analisados, foi constatado que as vítimas de abuso sexual infantil são menos habilidosas socialmente quando comparados com indivíduos que não foram abusados sexualmente na infância. Verificou-se, que indivíduos que foram abusados sexualmente na infância, apresentam maiores dificuldades de relacionamento na fase adulta, mostrando-se

mais agressivos, como também, envolvendo-se com maior frequência em conflitos familiares. Os estudos indicam que crianças abusadas sexualmente apresentam mais dificuldades em adaptação escolar, como também maiores déficits de habilidades sociais, quando comparadas a crianças da mesma faixa etária. Ainda de acordo com tais estudos, as vítimas de violência sexual na infância, possuem maior probabilidade de desenvolver traços neuróticos na personalidade, assim como mães que foram abusadas na infância estão mais suscetíveis a submeterem seus filhos a situações de maltrato infantil. O abuso sexual infantil foi significativamente relacionado aos déficits em habilidades sociais das vítimas, como também, a maior propensão de ambiente disfuncional familiar. Diante do exposto, é possível aferir que, o abuso sexual infantil, deixa sequelas nas vítimas, dentre essas, foi constatado o comprometimento nas habilidades sociais do sujeito em questão. Conclui-se, portanto, evidenciando sobre a necessidade de intervenções psicoterapêuticas, que utilizem do treinamento de habilidades sociais para as vítimas de violência sexual infantil.

P35- CONTRIBUIÇÕES DA ATIVIDADE LÚDICA PARA O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS

Ana Lúcia dos Santos Cabral (PUC-GO), Raissa Ferreira Ávila (PUC-GO), Luciana Novais de Oliveira Brito (PUC-GO), Juliana Santos de Souza Hannum (PUC-GO)

Para convivermos em sociedade é importante que todos os indivíduos desenvolvam habilidades sociais (HS), são elas que auxiliam na emissão de comportamentos assertivos, facilitando o convívio interpessoal, social e grupal. Atualmente tem-se dedicado atenção especial a pessoas com deficiência e sua inserção social, sendo o desenvolvimento de HS fundamental nesse sentido, assim, com esse objetivo de desenvolver HS em pessoas com Síndrome de Down, um projeto de extensão, inserido no Programa de Referência em Inclusão Social da PUC-GO, trabalha com educandos com SD de todas as idades (crianças, jovens, adultos), auxiliando-os no desenvolvimento da empatia, da comunicação, como se colocar diante de autoridades, dar e receber feedbacks, ter afetividade e respeito com todos, possibilitando um convívio harmônico, tranquilo e respeitoso. Utilizando-se de uma atividade realizada pelo projeto em questão, esse trabalho tem como objetivo descrever essa atividade, a qual possibilitou o exercício de habilidades sociais, motoras e cognitivas nos educandos. Para elaborar a atividade, o grupo se reuniu e discutiu a necessidade de desenvolver uma proposta interessante aos educandos, uma atividade que eles se dediquem e tenham uma participação efetiva, optando, assim, trabalhar essas habilidades utilizando-se de atividade lúdica, assim, foi criado o chamado “Boliche Criativo”: um jogo de boliche, utilizando garrafas pets como os pinos e bolas feitas de papéis que seriam descartados. A atividade foi realizada no primeiro semestre de 2017, contou com a participação dos educandos com SD, e dos voluntários do projeto e teve como objetivo o desenvolvimento de habilidades sociais, motoras e cognitivas. A atividade consistia em formar duplas para lançarem a bola

derrubar os pinos (garrafas). Ao formar as duplas os participantes de posicionavam de forma que um elaborava a estratégia para derrubar o maior numero de pinos e o outro relatava ao colega a posição de lançar a bola, a força e o como deveria fazer. Quando o participante se posicionava e lançava a bola estava trabalhando, também, seu desenvolvimento motor e, após lançar a dupla ia até os pinos, contava quantos pinos haviam derrubado e a cor deles, assim, a atividade também trabalhou o desenvolvimento cognitivo dos participantes. Ao final da atividade e análise por parte dos voluntários foi possível perceber que o empenho dos educandos durante sua realização possibilitou que fossem trabalhadas HS de forma natural, no diálogo, no auxílio ao colega, na estratégia para derrubar os pinos, nas comemorações onde expressavam a alegria, nas frustrações ao não derrubarem nenhum pino, além de promover a integração e interação de todo o grupo, pois educandos e voluntários realizaram a atividade conjuntamente, possibilitando assim a ampliação de uma educação que de fato inclua e auxilie o público da educação especial se inserirem em diversos espaços sociais de maneira mais assertiva e saudável. Afirmou-se, com essa experiência, a importância da atividade lúdica como facilitadora no processo de desenvolvimento de Habilidades Sociais e como ela proporciona o desenvolvimento dessas habilidades simultaneamente a outras, como motoras e cognitivas, se tornando uma excelente ferramenta para promoção do desenvolvimento humano individual e social.

P36- HABILIDADES INTERPESSOAIS PARA CONVIVÊNCIA NA MORADIA ESTUDANTIL

Mariana Silva Terra (FOB - USP), Mayara Santos Diniz Gomes (FOB - USP), Dagma Venturini Marques Abramides (FOB - USP)

A busca por um ensino de qualidade fez com que muitos jovens optassem por cursar o ensino superior em outra cidade, longe dos familiares e amigos. A universidade é um ambiente diferente ao que os estudantes estavam acostumados, pois as exigências tanto curriculares quanto extracurriculares são maiores. Dentre os inúmeros dilemas proporcionados pela vida universitária está a de encontrar uma moradia e uma das opções para jovens de classe socioeconômica baixa é a moradia estudantil. A literatura descreve possíveis benefícios proporcionados pela vivência em moradias estudantis como, por exemplo: independência, empatia e tolerância. Há também aspectos indesejáveis, que são menos citados, porém de grande importância como: barulho, a falta de privacidade e a quantidade de pessoas morando em um mesmo ambiente. Estudos apontam a influencia que o meio causa no bem-estar do individuo, entretanto na literatura nacional esta temática é pouco abordada, sendo necessária maior atenção para o perfil dos jovens residentes nestas moradias e quais os impactos que a moradia estudantil pode acarretar na vida pessoal e acadêmica do individuo. Objetivo: Caracterizar o perfil dos estudantes que residem na moradia estudantil de uma Instituição de Ensino Superior e identificar habilidades interpessoais

que facilitam e dificultam a convivência na moradia. Metodologia: A amostra foi composta por 56 estudantes que dividiam a residência com, ao menos, mais duas pessoas. Destes, 82% são do sexo feminino e 17% do sexo masculino, submetidos a um regime de organização institucionalmente criado e monitorado pela universidade. Os universitários receberam, via e-mail, uma carta convite explicando o projeto e aqueles que concordaram em participar leram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aprovado pelo Comitê de Ética. A coleta foi realizada nas próprias residências estudantis por meio da aplicação do questionário autoaplicável elaborado pela pesquisadora. Resultados: Os dados obtidos apontam que os fatores facilitadores relevantes para a convivência na moradia estudantil foram não pagar aluguel (23,9%), fazer novas amizades (20,7%) e poder pedir ajuda, seja de aspectos acadêmicos ou pessoais (20,2%). E os fatores dificultadores relevantes para a convivência na moradia estudantil foram falta de privacidade (36%), distância da família (23,2%) e ambiente ruidoso (16,8%). Com relação aos aspectos que colaboram para a boa convivência tiveram maior consenso entre os morados saber lidar com criticas (12,20%), Habilidade de Civilidade (cumprimentar pessoas; despedir-se; usar locações como: por favor, obrigado, desculpe, com licença, aguardar a vez para falar, chamar o outro pelo nome) (12,01%) e respeito as diferenças (12,01%). Conclusão: Desta forma, observa-se a influência das habilidades interpessoais e das habilidades sociais para convivência na moradia estudantil. Sugere-se que sejam realizadas reuniões para discutir formas de minimizar os fatores dificultadores na moradia, uma vez que o aperfeiçoamento destas resultará em uma organização mais eficiente desse ambiente, o que pode possibilitar uma redução na frequência e na intensidade de conflitos.

P37- DESCRIÇÃO DO REPERTÓRIO INICIAL DE HABILIDADES SOCIAIS DE ESTUDANTES DE ENGENHARIA INTERESSADOS EM UMA DISCIPLINA INTERPESSOAL

Camila Cristina Sanchez Dotta (UNICEP), Daniele C. Lopes (UNIP)

Há diversos indicadores que mostram a importância das habilidades sociais para a vida pessoal, acadêmica, afetiva e profissional do indivíduo. Considerando a importância da aprendizagem de habilidades sociais, o contexto educacional emerge como uma possibilidade para a inserção desse conteúdo de forma sistemática. A universidade assume papel essencial, uma vez que é a responsável pela capacitação inicial de profissionais. Entretanto, ainda é possível verificar a universidade prioriza o ensino de competências técnicas e analíticas, deixando a interpessoal como subproduto das primeiras ou como tendo natureza incidental. A lacuna em competência interpessoal de universitários parece ser mais frequente, principalmente, em cursos de Ciências Exatas onde, em geral, há pouca oferta de possibilidades de disciplinas e práticas que discutam tal temática. Recentemente, foi testada a inserção de um a disciplina teórico-prática denominada "Habilidades sociais e Liderança"

voltada para estudantes de engenharia de uma universidade pública. Sendo assim, o presente painel teve por objetivo identificar qual é o perfil do repertório de habilidades sociais de estudantes iniciantes (primeiro e segundo anos de graduação) de cursos de engenharia que tiveram interesse e se matricularam em uma disciplina de habilidades sociais oferecida como optativa. Foram avaliados 69 alunos, sendo 53 do primeiro ano e 16 do segundo ano de diferentes cursos de Engenharia: 22 alunos de Engenharia de Produção, 13 alunos da Elétrica, 23 alunos da Mecânica e 11 de Mecatrônica) de uma universidade pública. Desses participantes, 56 eram do sexo masculino e 17 do feminino e a média de idade foi de 20 anos. Todos os estudantes responderam ao Inventário de Habilidades Sociais (IHS) que é um instrumento de autorrelato que avalia a frequência de habilidades sociais em uma escala do Tipo Likert. A aplicação do IHS ocorreu no primeiro dia de aula da disciplina optativa. A análise dos escores do IHS indicou que, considerando os alunos de todos os cursos de engenharia, a média no Escore Total (ET) foi de 90,45 (DP = 17,26), ou seja, um bom repertório (abaixo da mediana). A maioria dos fatores de habilidades sociais também ficou abaixo da média, exceto em F4 e F5, cujos escores indicaram bom (acima mediana) repertório de habilidades sociais. Na comparação do repertório de habilidades sociais de universitários de diferentes cursos, os de Engenharia de Produção foram os que apresentaram escores mais altos, ficando o ET e os escores dos fatores acima da mediana. Já os alunos de Engenharia Elétrica e Mecatrônica apresentaram repertório abaixo da média inferior de habilidades sociais, indicando necessidade de treinamento, principalmente em fatores e itens mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional. Os alunos de Engenharia Mecânica também apresentaram um bom repertório (abaixo da mediana). Esses dados sugerem que alguns universitários podem ter buscado a disciplina por já identificarem dificuldades nas interações e relações sociais. Os alunos de Engenharia de Produção, curso com maior aproximação com ciências humanas, foram os que apresentaram melhor repertório de habilidades sociais. Discute-se a importância de iniciativas de capacitação interpessoal que possam ser disseminadas na Universidade.

P38- DESEMPENHO ACADÊMICO, PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO E HABILIDADES SOCIAIS NO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Laura Mendes Charão (FFCLRP-USP/RP), Luciana Carla dos Santos Elias (FFCLRP-USP/RP)

Um dos grandes desafios da educação brasileira é a aprendizagem escolar, que nos faz olhar para o baixo desempenho escolar. A literatura tem apontado que o ingresso da criança no primeiro ano do Ensino Fundamental I é um período de transição potencialmente estressante para a mesma, devido à mudança da atenção e das exigências encontradas na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. Junto a isso é mostrado que há relação entre o desempenho acadêmico, os problemas de

comportamento internalizante e externalizante e as habilidades sociais. Frente a essa perspectiva o presente estudo teve como objetivo primário caracterizar e verificar possíveis associações entre o desempenho acadêmico, problemas de comportamentos e habilidades social apresentados por alunos no primeiro ano do Ensino Fundamental I. Já como objetivos específicos pretendeu-se verificar se existem diferenças entre sexo em relação às variáveis do estudo; e as diferenças entre os problemas de comportamento externalizante e internalizante entre os sexos e na amostra total. Para tanto os instrumentos utilizados foram: Provinha Brasil e o Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais – SSRS. Participaram do estudo 104 alunos, regularmente matriculados no primeiro ano do Ensino Fundamental, da rede municipal de ensino de uma cidade do interior paulista suas professoras. No que tange aos procedimentos, cumprindo os aspectos éticos, as professoras responderam aos SSRS de cada aluno e as mesmas aplicaram coletivamente as Provinhas Brasil em sala de aula. Os dados foram cotados segundo as preposições de cada instrumento e realizadas análises estatísticas pertinentes. Os resultados parciais apontaram: correlação negativa entre Competência Acadêmica e Problemas de Comportamento; correlação negativa entre Competência Acadêmica e Problemas de Comportamento Externalizante; correlação negativa entre Competência Acadêmica e Problemas de Comportamento Internalizante; correlação negativa entre a Provinha Brasil e Problemas de Comportamento Externalizante; correlação negativa entre a Provinha Brasil e Problemas de Comportamento Internalizante; correlação positiva entre Provinha Brasil e Competência Acadêmica; correlação positiva entre Provinha Brasil e Habilidades Sociais e; correlação positiva entre Competência Acadêmica e Habilidades Sociais. Em relação à comparação entre sexo, não foram observadas diferenças significativas em nenhuma das variáveis investigadas. Os resultados encontrados até o momento, confirmam a literatura no que tange a correlação entre algumas variáveis investigadas, como Problemas de Comportamento, Habilidades Sociais e Desempenho Acadêmico e corrobora para as diferenças entre sexo. Esses dados nos fazem pensar que já no primeiro ano do Ensino Fundamental deva ter uma atenção especial de forma preventiva no trabalho dessas variáveis.

P39- DESENHOS ANIMADOS E ANSIEDADE SOCIAL: USOS TERAPÊUTICOS NA PERSPECTIVA DO TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS

Valesca Gaio (UCS), Cristina Lhullier (UCS)

A ansiedade social faz parte do cotidiano das pessoas; no entanto, pode gerar repercussões negativas quando torna-se patológica. O elemento central desse tipo de ansiedade é o medo da avaliação negativa por parte dos outros sociais. Indivíduos com diagnóstico de ansiedade social sentem-se tensos, nervosos ou apavorados em situações nas quais envolvem-se com outras pessoas. A terapia cognitivo-comportamental propõe que esse diagnóstico esteja relacionado a crenças

disfuncionais associadas às relações sociais, bem como a deficit em habilidades sociais. Estas são um conjunto de comportamentos que o indivíduo emite em uma determinada interação social. Em crianças com o diagnóstico de ansiedade social, os desenhos animados podem ser adotados como mediadores no processo de tratamento. O objetivo geral do trabalho é descrever os possíveis usos dos desenhos animados no tratamento das pessoas com diagnóstico de ansiedade social na perspectiva do treinamento das habilidades sociais. A revisão da literatura contempla a conceituação da ansiedade e da ansiedade social na perspectiva da terapia cognitivo-comportamental, bem como a apresentação do conceito de habilidades sociais e das técnicas utilizadas no treinamento destas habilidades. Utilizou-se o delineamento qualitativo de caráter exploratório. Foram selecionados três episódios dos desenhos animados Doutora Brinquedos, Princesinha Sofia e Xerife Callie do Oeste. Nestes, personagens são expostos a uma situação de desempenho e apresentam sinais de ansiedade social e deficit em habilidades sociais. O conteúdo dos artefatos foi descrito na íntegra e organizado nos itens: contexto; sintomas de ansiedade social apresentados; habilidades sociais esperadas; técnicas visualizadas no artefato; e possibilidades de intervenção na perspectiva do treinamento de habilidades sociais (técnicas). O referencial de análise respalda-se na análise de conteúdo de Laville e Dionne. A ansiedade social manifesta-se nos personagens a partir de diferentes sintomas, sejam eles físicos, cognitivos, comportamentais e emocionais. Estes evidenciaram-se por meio de tensão muscular, rigidez, tremores, ombros para dentro, cabeça baixa, desequilíbrio, evitação, fuga, paralisia, imobilidade, andar de um lado para outro, gagueira, medo e medo da avaliação negativa. Os principais deficit em habilidades apresentados foram habilidades de comunicação, de trabalho, assertivas e de expressão de sentimentos positivos, autocontrole e expressividade emocional, assertividade e resolução de problemas interpessoais. Como principais técnicas do treinamento de habilidades sociais, elucidam-se técnicas de relaxamento, dessensibilização sistemática, reestruturação cognitiva, role-play, psicoeducação e ensaio comportamental. Os episódios analisados permitem concluir que os desenhos animados são uma possibilidade de intervenção na perspectiva do treinamento de habilidades sociais em crianças com diagnóstico de ansiedade social, pois permitem que estas se identifiquem com a sintomatologia que os personagens apresentam, propiciando, a partir daí sua utilização no ambiente clínico. Com o auxílio do terapeuta, o paciente pode identificar o contexto no qual sente-se ansioso, bem como definir o elemento gerador da ansiedade, no caso de um grupo ou uma pessoa específica.

P40- DESENHOS E FILMES INFANTIS: POSSÍVEIS RECURSOS PARA PROMOÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS EM PRÉ-ESCOLARES

Anna Laura Queiroz de Lima Fernandes (UNIFEV), Talita Pereira Dias (UNIFEV), Juliana Pintos Santos (UNIFEV)

A aprendizagem por observação é muito importante, principalmente na infância, pois permite que as crianças não só aprendam novos comportamentos, regras, papéis e valores. Entre os modelos que as crianças são expostas destacam-se desenhos e filmes que poderiam ser mais explorados pelos pais e educadores para o desenvolvimento de habilidades sociais das crianças. As habilidades sociais são fundamentais no desenvolvimento socioemocional infantil, além de ser um fator de proteção para qualidade de vida, desenvolvimento acadêmico dos sujeitos, promoção de relações interpessoais mais satisfatórias e harmoniosas e também por ajudar a prevenir comportamentos problemas. O presente estudo teve como objetivo investigar quais são os desenhos e filmes preferidos pelas crianças em idade pré-escolar, na perspectiva das crianças, pais e professores. Para a coleta de dados foram elaborados e aplicados questionários sobre a preferência das crianças sobre filmes e desenhos animados com 98 pais, 41 professores e 88 crianças que frequentavam escolas de educação infantil de diferentes cidades dos estados de São Paulo e Minas Gerais. Foi analisada a frequência das escolhas e foram selecionados os cinco filmes e desenhos mais citados pelos informantes. Os resultados indicaram que as crianças têm preferências pelos filmes: Frozen, O Bom Dinossauro, Branca de Neve, Homem-Aranha, Carros. Já os pais citaram os filmes: Frozen, Kung Fu Panda, Madagascar, A Era do Gelo, O Bom Dinossauro. Os professores indicaram os filmes: O Bom Dinossauro, Rei Leão, O Grilo Feliz, Frozen, Peter Pan. Nota-se que todos os participantes citaram os filmes Frozen e O Bom Dinossauro, enquanto os outros itens citados divergiram entre os participantes, mostrando uma grande variedade de filmes que as crianças preferem. Quanto aos desenhos, a preferência das crianças foi: Mickey, Peppa Pig, Dora Aventureira, Patrulha Canina, Pica-pau. Os pais mencionaram os desenhos: Peppa Pig, Dora Aventureira, Show da Luna, Mickey, Patrulha Canina. Já os professores destacaram os desenhos: Dora Aventureira, Peppa Pig, Mickey, Cocoricó, Galinha Pintadinha. Em relação aos desenhos, é possível identificar uma semelhança enorme entre as respostas dos participantes. Portanto, por meio desse estudo, foi possível identificar uma variedade de opções de desenhos e filmes infantis Porém, faz-se necessário analisar a qualidade educativa que os mesmos possuem, como também consonância com o desenvolvimento de habilidades sociais, para que posteriormente esses recursos possam ser utilizados de forma apropriada pelos pais e educadores para a promoção dessas habilidades em crianças pré-escolares, por meio por exemplo de fichas de intervenções destinadas a diferentes agentes educativos, como pais, educadores, entre outros profissionais.

P41- DESENVOLVENDO HABILIDADES SOCIAIS EM PESSOAS COM SÍNDROME DE DOWN

Ana Lúcia dos Santos Cabral (PUC/GO), Raissa Ferreira Ávila (PUC/GO), Luciana Novais de Oliveira Brito (PUC/GO), Juliana Santos de Souza Hannum (PUC/GO)

O desenvolvimento de habilidades sociais é essencial para o bom convívio em sociedade, são elas que possibilitam a emissão de comportamentos adequados diante de diversas situações. Preocupados com a inclusão social de pessoas com Síndrome de Down e o conhecimento da importância de desenvolver habilidades sociais que possibilitem essa inclusão, um projeto de extensão, inserido no Programa de Referência em Inclusão Social da PUC-GO, dedica um tempo especial e exclusivo em suas atividades para trabalhar o desenvolvimento de habilidades sociais em educandos com Síndrome de Down. O projeto foi desenvolvido com o intuito de auxiliar pessoas com Síndrome de Down no desenvolvimento e aprendizagem, buscando facilitar a inclusão social. Com estudos, pesquisas, observações durante as atividades, conversas com os pais e o conhecimento teórico obtido com os estudos das Habilidades Sociais percebeu-se a grande importância e necessidade dos educandos possuírem habilidades sociais bem desenvolvidas para a inclusão social. Assim, visando estimular e ampliar o desenvolvimento dessas habilidades nos educandos foi criado um grupo, formado por graduandos voluntários da universidade, o qual estuda e trabalha exclusivamente com o desenvolvimento de habilidades sociais nos educandos. O grupo “Desenvolvendo Habilidades Sociais” desenvolve e promove, semanalmente, atividades lúdicas aos educandos participantes do projeto buscando o desenvolvimento das habilidades sociais, como, por exemplo, a atividade “Eu sou capaz”, desenvolvida no primeiro semestre de 2017. Nessa atividade foram fixados balões coloridos na parede, cada balão possuía uma habilidade como, por exemplo, cantar, desfilar, dizer bom dia, cumprimentar o colega, apresentar-se, entre outras. A atividade buscava incentivar o educando e auxiliá-lo na execução da habilidade descrita no balão, mostrar suas capacidades e desenvolver outras habilidades. Ao inicio da atividade são dadas as instruções sobre respeitar a vez do colega e auxiliar quando necessário, já trabalhando as habilidades de civilidade e empatia. Durante a execução cada educando, acompanhado de um voluntário, escolhia um balão e ambos, voluntário e educando realizavam a atividade fixada, buscando a interação e inserção social de todos na atividade e visando auxiliar e facilitar a inclusão social fora do projeto. Quando o educando não conseguia realizar a tarefa, os voluntários incentivavam e pediam para que todo o grupo realizasse a tarefa juntos, ensinando e auxiliando o colega, desenvolvendo, assim, habilidades de civilidade, empatia e afetividade. Ao final da atividade foi realizada uma reunião com o grupo de voluntários, sempre analisando os resultados, como foi desenvolvida a atividade, a participação dos educandos e como se deu o desenvolvimento das habilidades previamente planejadas para a atividade. Os voluntários afirmaram que atividade obteve ótimos resultados, muito empenho de todos os participantes,

diversão, aprendizado, conhecimento da importância do apoio do grupo, da amizade, afeto e respeito. A atividade trabalhou o desenvolvimento de várias habilidades, como: comunicação, civilidade, empáticas e de expressão de sentimentos positivos, de forma lúdica, possibilitando o desenvolvimento de várias habilidades simultaneamente e de forma natural, interessante e divertida.

P42- DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS SOCIAIS PROFISSIONAIS NA LIDERANÇA: O USO DO COACHING COGNITIVO- COMPORTAMENTAL NA EMPRESA

Claudia Regina Carraro (UNITAU), Marilsa de Sá Rodrigues (UNITAU)

Este trabalho teve como objetivo a aplicação do treino de habilidades sociais profissionais com a introdução de ferramentas de coaching cognitivo-comportamental em uma equipe de líderes de uma empresa localizada no vale do Paraíba paulista. Participaram do treinamento quatro supervisores, com idade entre 29 e 42 anos. Foram realizados em seis encontros semanais de duas horas nas dependências da empresa. Os temas do treinamento foram: assertividade e dar e receber feedback estabelecidos pelos participantes e pela empresa. Para alcançar os objetivos levantados o aporte teórico foi cognitivo-comportamental que é uma das bases da Psicologia do coaching. Como procedimentos foram utilizadas o estabelecimento de metas individuais e da equipe, o modelo ABCDEF de reestruturação cognitiva e debate socrático, o modelo POSTURA de solução de problemas e estabelecimento dos passos para ação (Técnica TO-DO). As habilidades de assertividade e dar e receber feedback foram abordadas por meio de exposição oral e discussão em grupo. No primeiro encontro foi realizada a educação sobre o treino e o coaching, levantamento das necessidades, expectativas e estabelecimento de metas individuais e da equipe. No segundo foi efetivado o treino sobre comportamento assertivo. Já no terceiro, introduziu-se a definição de erros cognitivos e o treino sobre feedback e em seguida, no quarto encontro foi ensinado aos participantes a desafiarem seus erros cognitivos por meio do debate socrático. O quinto encontro, foi trabalhado a solução de problemas e por fim, no sexto dia foi realizada a avaliação do processo por meio do resgate da meta, autoavaliação da percepção de melhoria e avaliação do processo. Em todos os encontros eram levantadas a aprendizagem da sessão e o estabelecimento das tarefas relacionadas à meta que os supervisores realizavam durante a semana no próprio ambiente de trabalho. Os resultados foram avaliados por meio do autorrelato feito por cada participante. O P1 relatou que após o treino melhorou a capacidade assertividade, aprendendo a falar não e que conseguiu fazer as coisas certas sem ter passividade demais e que isso tem trazido bons resultados. O P2 disse que tinha dificuldade de dar feedback, e que depois do treino conseguiu fazê-lo. Já o P3 relatou que a capacidade de dar e receber feedback melhorou e o que mais impactou com o trabalho foi a capacidade de ser assertivo. Por fim, o P4 relatou que melhorou a capacidade de dar e receber feedback pelo fato de ter

trabalhado a assertividade. Foi relatado também pelos participantes que aprender sobre erros cognitivos e como desafiá-los ajudou na melhoria das relações tanto na vida profissional quanto no pessoal sendo que foi observado pelos funcionários e pela família melhoras em relação às habilidades trabalhadas. Conclui-se, portanto que o desenvolvimento de competências sociais profissionais dentro de empresas pode ser realizado por meio de treino de habilidades sociais e que as ferramentas de coaching pode ser usadas como complemento para a realização do estabelecimento de metas, reestruturação cognitiva e estabelecimento dos passos para a ação.

P43- DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES DE COMUNICAÇÃO EM ALUNOS DO INTERNATO DE UM CURSO DE MEDICINA.

Rosana Trindade Santos Rodrigues (Universidade Anhembi Morumbi), Ana Cristina Kuhn Pletsch Roncati (Universidade Anhembi Morumbi), Ana Paula Quilici (Universidade Anhembi Morumbi), Thiago Nunes (Universidade Anhembi Morumbi)

A comunicação assertiva é o principal elemento para o estabelecimento de uma boa relação entre médicos e pacientes. Estudos apontam que esta boa relação terá influência significativa no tratamento do paciente. Estes estudos também mostram que ela tem uma participação na minimização do estresse profissional. Mesmo sabendo de sua importância, não se encontra nas Escolas de formação médica o desenvolvimento criterioso destas habilidades. Decidimos então, criar um Projeto de Intervenção com os estudantes de medicina durante o estágio denominado Internato, quando os alunos estão diariamente em contato com os pacientes. O Projeto está sendo realizado há um ano na Unidade Curricular Internato de Clínica Médica. O Objetivo é desenvolver as habilidades comunicacionais em situações de difícil manejo, como por exemplo, a comunicação de um diagnóstico de doença grave, de um óbito, mediação de conflitos institucionais, entre outros. A metodologia utilizada é a Simulação Realística, que tem sua eficácia comprovada em estudos, no treinamento de habilidades técnicas e comportamentais. Utilizamos também o Protocolo Spikes, que apresenta uma sequência de passos a serem seguidos para a realização de uma comunicação a um paciente ou familiar. A equipe de trabalho consta de 2 psicólogas, 1 médico e 1 enfermeira. O estágio ocorre em 8 semanas com as seguintes etapas: 1ª. semana eles participam de uma aula expositiva sobre comunicação e estudam o protocolo Spikes. Nas próximas 4 eles participam da prática de desenvolvimento de habilidades de comunicação por meio da Simulação Realística. Os cenários previamente construídos pela equipe de trabalho, são realizados, um a cada semana. Participam 1 ou 2 atores, dependendo do contexto, e um aluno, que é o médico que tem a missão de realizar a comunicação com base no que aprendeu e discutiu na aula expositiva. O restante do grupo, em média 15 alunos assistem ao cenário atrás do espelho. Ao final, é realizado o debriefing, momento em que a equipe de trabalho, tem o papel de estimular a expressão de dificuldades, a discussão e reflexão para o desenvolvimento de maior assertividade na comunicação. A última etapa ocorre na

6a. semana com a avaliação, realizada por meio da Simulação Realística. Como primeiras evidências de êxito deste trabalho, destacamos o relato dos alunos sobre a influência positiva nos atendimentos que realizam aos pacientes e, dos professores que constatam a melhora na performance dos alunos na comunicação com os pacientes e familiares. Houve também a solicitação por parte dos alunos e professores para a expansão do Projeto para os outros estágios, na Cirurgia, Pediatria e Ginecologia e Obstetricia. Concluímos que este trabalho tem favorecido uma formação mais completa para os alunos de medicina e contribui para a melhora do atendimento médico à população.

P44- DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS EM UM GRUPO DE APOIO PSICOLÓGICO AO TABAGISTA

Thayla Marques da Silva (HCFMRP/SP), Hellen Damas Martins (HCFMRP/SP), Cassiana Morais de Oliveira (HCFMRP/USP), Elaine Cristina Minto (HCFMRP/USP), Ricardo Gorayeb (HCFMRP/USP)

O tabagismo é a maior causa de morte evitável no mundo. A Organização Mundial de Saúde aponta a importância de se oferecer diferentes tratamentos ao tabagista, como o uso de medicamento e/ou apoio psicológico a fim de ajudar a cessação do tabaco. No apoio psicológico, percebe-se como relevante o desenvolvimento de Habilidades Sociais para lidar com situações de risco e com os estressores do cotidiano. Estas habilidades associadas ao enfrentamento do tabagismo levam ao aprimoramento da competência social e de relacionamentos interpessoais saudáveis, sendo assim uma ação de promoção de saúde. O objetivo desse trabalho é descrever o uso de Habilidades Sociais em um grupo de apoio psicológico ao tabagista no hospital geral. A intervenção consistiu em 6 encontros, com frequência semanal e duração de uma hora e meia cada um. Os participantes eram pacientes e funcionários do hospital, encaminhados por outros profissionais ou que procuraram o serviço após a divulgação do grupo nas dependências do hospital, todos foram previamente triados em uma entrevista semiestruturada individual. Até o momento, foram realizados três grupos, sendo um por semestre, totalizando 14 participantes. O grupo foi coordenado por duas psicólogas aprimorandas do Programa de Aprimoramento Profissional em Promoção de Saúde do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, sob supervisão. Os encontros eram planejados a partir da análise de bibliografia referente ao tema e aprimorados após cada experiência finalizada. Para discussão e reflexão foram utilizados materiais psicoeducativos, recursos audiovisuais e dinâmicas de grupo. Foram abordados os seguintes temas gerais: mitos e verdades sobre o parar de fumar; conhecendo o cigarro; lidando com a abstinência; formas de parada e desenvolvendo habilidades. As principais habilidades trabalhadas foram: assertividade, manejo de estresse, autoconhecimento e resolução de problemas. Estas habilidades foram relacionadas à cessação do tabagismo, da seguinte forma: reconhecer atividades prazerosas para distrair-se e

lidar com a fissura, praticar exercícios de relaxamento e respiração para lidar com a ansiedade; enfrentar assertivamente a pressão de familiares a fim de evitar conflitos; fortalecer motivação da parada para lidar com a falta de empatia no ambiente de trabalho e com o preconceito de forma geral. Observou-se que a inclusão e discussão das Habilidades Sociais foram importantes no contexto de apoio ao tabagista e para mudança de comportamento, como ter ideias criativas para ocupar melhor o tempo livre, buscar ajuda para resolver os problemas, ser mais assertivo com os familiares e assim cessar o tabagismo. Alguns indivíduos utilizam o tabaco como forma de alívio e fuga de estressores e problemas, então torna-se necessário aumentar a competência pessoal e aprimorar as estratégias de enfrentamento visando a diminuição de estresse e resolução de problemas. A inclusão do tema das habilidades pode ter contribuído para aprimorar as maneiras de enfrentamento, como autoconhecimento para fortalecer motivação, combater o estresse ao adotar dicas para lidar com a abstinência, melhorar o manejo dos sentimentos negativos em conversas assertivas, favorecendo assim a cessação, promovendo saúde, qualidade de vida e competência social.

P45- DESENVOLVIMENTO DE UM GRUPO DE ORIENTAÇÃO FAMILIAR NO SERVIÇO DE PSICOLOGIA APLICADA

Patricia Lorena Quiterio (UERJ), Bruna de Lima Camelo (UERJ), Jennifer Pires da Silva (UERJ), Talita Borges Queiroga dos Reis (UERJ)

O desenvolvimento das Habilidades Sociais ocorre ao longo do ciclo vital, a partir de contextos interacionais, tanto com responsáveis, como por meio das trocas sociais com os pares. Visto isso, o desenvolvimento satisfatório de Habilidades Sociais HS resulta em uma adequada competência social, assim como o baixo desempenho neste âmbito interfere negativamente nas trocas relacionais. Deste modo, os programas de Treinamento em Habilidades Sociais objetivam a melhora do desenvolvimento social dos indivíduos. Para isso, o Grupo de Orientação Familiar (GOF) surge a partir das crescentes dificuldades de pais e responsáveis em manter uma interação saudável no processo de educação das crianças. Nesse sentido, o grupo se torna algo extremamente necessário e, tem como objetivo a promoção de habilidades sociais e educativas parentais de responsáveis por crianças, de cinco a onze anos de idade. A proposta do GOF é voltada para a educação positiva, sendo pautada em um convívio com limite e afeto e, focada entre outros aspectos, no autoconhecimento e na operacionalização do amor, a fim de desenvolver uma visão mais ampla e acolhedora das necessidades individuais de cada criança. O projeto segue as orientações da Terapia Cognitivo Comportamental, com uma visão mais integrativa do indivíduo, visto que pesquisas e práticas clínicas evidenciam resultados e discussões sobre como ocorre o processo de aprendizagem nas crianças, assim como, destacam a importância das HS para o desenvolvimento infantil e das interações sociais. Em relação à metodologia, o Programa foi idealizado a partir de

uma revisão de onze artigos e dos livros Programa de Qualidade na Interação Familiar (manual para aplicadores) e Eduque com Carinho (para pais e filhos). O GOF foi divulgado por meio de cartazes, visitas às escolas e a inscrição foi feita presencialmente ou por sistema on-line, obtendo quatorze inscritos. O grupo terá inicio em agosto de 2017. Inicialmente, enquanto pré-teste, os familiares respondem a Escala de Qualidade na Interação Familiar (EQIF). Os encontros giram em torno dos temas: processos e princípios de aprendizagem; relacionamento afetivo e envolvimento; regras e limites; consequências para comportamentos adequados e inadequados; autoconhecimento e modelo. A estrutura dos encontros foi elaborada de modo colaborativo durante a supervisão entre professora e o grupo de estagiários. Envolve três tipos de estratégias: 1) instrução (exposição didática, vídeos, reflexões); 2) ensaio comportamental – modelagem, modelação, vivências, reforço e, 3) tarefas de casa para verificar a funcionalidade do programa. Ao final do GOF, os familiares respondem novamente a EQIF (pós-teste). Com a aplicação do programa, espera-se obter resultado positivo na evolução das Habilidades Sociais de pais e responsáveis, o que pode contribuir para a melhora do relacionamento familiar e competência social dos envolvidos.

P46- EFEITOS DO TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS EM INDIVÍDUOS COM ESQUIZOFRENIA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Karolayne Santos de Melo (UNIPÊ), Isadora de Souza Amorim (UNIPÊ), Rosana Padilha do Nascimento (UNIPÊ), Charlene Nayana Nunes Alves Gouveia (UNIPÊ), Silvana Queiroga da Costa Carvalho

Um repertório de habilidades sociais adequadamente desenvolvido permite que o indivíduo conviva de forma satisfatória em sociedade, propiciando bem-estar psicossocial. Alguns indivíduos possuem déficits em tais habilidades, no entanto, quando se trata de pessoas diagnosticadas com algum distúrbio psicopatológico, isto se torna ainda mais difícil e complexo. Estudos indicam que indivíduos diagnosticados com esquizofrenia possuem déficits de habilidades sociais decorrente do transtorno. Tais déficits podem acarretar em inúmeros prejuízos para o indivíduo, diminuindo a qualidade de vida, e consequentemente, agravando os sintomas clínicos da esquizofrenia. Os sintomas mais visíveis desse distúrbio incluem dificuldades para diferenciar alucinações de percepções reais, raciocínio confuso e comportamento que destoa do senso comum de normalidade. Geralmente, a pessoa afetada por este transtorno tem dificuldade em interagir em sociedade e pensar logicamente, o que pode contribuir para os déficits em habilidades sociais. À vista disso, o presente estudo tem como objetivo apresentar uma revisão sistemática sobre os efeitos do treinamento de habilidades sociais em intervenções de indivíduos com esquizofrenia. Para atingir o objetivo proposto, foram utilizadas as bases de dados PubMed, Medline e Lilacs, com a seguinte estratégia de busca: (Social Skills AND Training AND Schizophrenia). Artigos em inglês, português e espanhol, publicados no período de

2013 a 2017 foram incluídos, ao passo que artigos que não apresentaram correlações com o objetivo em questão foram excluídos. Ao todo, foram encontrados 211 estudos, dentre estes, foram excluídas 67 publicações repetidas, 128 pesquisas por não possuírem título adequado ao objetivo proposto, 10 resumos por não estarem de acordo com a finalidade da pesquisa. No total, 06 artigos cumpriram com os critérios de inclusão para análise. Nos estudos avaliados, verificou-se que o uso do treinamento de habilidades sociais em intervenções de indivíduos com esquizofrenia proporcionou melhorias significativas no desempenho social, aumentando assim, a qualidade de vida dos indivíduos com esquizofrenia. Em tais estudos, constatou-se que o treinamento de habilidades sociais mostrou-se eficaz na diminuição dos sintomas negativos advindos da esquizofrenia, como também, recrudesceu a competência social destes indivíduos. Dentre as habilidades sociais que foram mais favorecidas, destacam-se a assertividade, as habilidades de comunicação e o controle dos impulsos agressivos. Nos estudos investigados, foi possível analisar a utilização do treinamento de habilidades sociais combinado com exercícios, conhecido como Tai Chi, onde foi possível verificar uma melhora dos sintomas clínicos, assim como, maior aderência à medicação. Verificou-se a eficácia do treinamento de habilidades sociais em intervenções de indivíduos com esquizofrenia, independente de gênero ou classificação do transtorno. Destarte, os resultados sugerem que o treinamento de habilidades sociais introduzido em intervenções voltadas para indivíduos com esquizofrenia, revelou-se como uma importante ferramenta no tratamento desses indivíduos. Portanto, afere-se a necessidade de introduzi-lo em intervenções, com o intuito de beneficiar o funcionamento social e proporcionar maior qualidade de vida para este grupo.

P47- EFEITOS DO TREINAMENTO DE PAIS DE CRIANÇAS COM TRANSTORNOS DE APRENDIZAGEM E DE COMPORTAMENTO: SOBRE OS ESTILOS PARENTAIS

Caroline Assunção (UFMG), Myrian Silveira (UFMG), Kamilla Lopes (UFMG), Giulia Moreira (UFMG), Maria Isabel Pinheiro (UFMG), Vitor Haase (UFMG)

Os programas de Treinamento de Pais (TP) são propostas de intervenção que têm como objetivo oferecer estratégias aos pais para o manejo de comportamentos, potencializando o vínculo afetivo entre pais e filhos. O alicerce do programa configura-se nas Habilidades Sociais Educativas e nas Práticas Parentais, sendo as classes mais trabalhadas a “Monitoria Positiva” e o “Estabelecimento de Limites à Disciplina”. Este estudo analisou os resultados do Treinamento de Pais nos Estilos Parentais, tomando como base o Inventário de Estilos Parentais (IEP) e análises qualitativas em dois casos atendidos em um programa de TP. O programa foi realizado com mães de pacientes em atendimento no Ambulatório Número (LND-UFMG), sendo elas: mãe JC, 40 anos, cuja filha (MR de 12 anos) fora diagnosticada com Transtorno Específico de Aprendizagem da Matemática e Ansiedade de Desempenho; e mãe SX, 39 anos,

cujo filho (JV de 11 anos) fora diagnosticado com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e Transtorno de Oposição Desafiante (TOD). As duas mães participantes apresentavam sintomas depressivos e ansiosos. Foram realizadas sessões de pré e pós-teste e 8 sessões de intervenção que abordaram os seguintes temas: ABC do Comportamento, Recreio Especial, Habilidades Sociais Educativas, Monitoria Positiva, Estilos Parentais, Estabelecimento de Rotina e Psicoeducação sobre as demandas de aprendizagem. As mães foram reavaliadas em sessão follow-up um mês após a finalização do Programa. Os escores totais (Índice de Estilo Parental) obtidos pelas mães no IEP em pré e pós-teste foram comparados qualitativamente. Além disso, os relatos das mães, acerca das mudanças tomadas durante o programa e posteriormente em follow-up, foram considerados. Os resultados obtidos no IEP em avaliação pré e pós-teste demonstraram diferenças, sendo que ambas as mães apresentaram seu Índice de Estilo Parental diminuído em 1 item. A mãe JC, segundo dados normativos das práticas educativas maternas, obteve percentil 10 em avaliação pré e pós, referindo a um estilo parental de risco. A mãe SX apresentou percentil 45 em pré-teste e 40 em pós-teste, referindo a um estilo parental bom, porém abaixo da média. As mães passaram a perceber os efeitos de suas práticas parentais, havendo grande adesão destas ao conteúdo trabalhado no Programa. No entanto, apesar das mudanças positivamente evidenciadas por meio de seus relatos, percebe-se uma aparente estabilidade nos Estilos Parentais, de forma que a classificação destes permaneceram as mesmas no IEP. Tal resultado pode ser devido às práticas trabalhadas no Programa em questão não estarem dentre àquelas abordadas no IEP, à influência dos sintomas depressivos e ansiosos das mães em suas autoavaliações ou ainda a um efeito de uma observação mais criteriosa pelas mães acerca de suas práticas. Os responsáveis educativos demonstram ampliar seus repertórios, alterando as estratégias e as práticas parentais utilizadas, mas aparentam sustentar ainda determinado Estilo Parental. A partir disso, tem-se que são importantes novos estudos sobre o tema com maior número de participantes e que sejam discutidas as dificuldades envolvidas na mudança efetiva dos estilos parentais, bem como as estratégias de mensuração dos ganhos trazidos pelas intervenções com pais.

P48- ESTRESSE PERCEBIDO E BURNOUT EM DOCENTES DE PSICOLOGIA: UMA ANÁLISE EM FUNÇÃO DE VARIÁVEIS SOCIODEMOGRÁFICAS, ACADÊMICAS E PSICOSSOCIAIS

Ivan Luis Tonani (Centro Universitário Barão de Mauá), Ivan Luis Tonani (Centro Universitário Barão de Mauá), Andressa Parra de Sousa (Centro Universitário Barão de Mauá), Marlene de Cássia Trivellato-Ferreira (Centro Universitário Barão de Mauá), Celso Waldemar Steimbach Batista (Centro Universitário Barão de Mauá), Jéssica Fernanda Fuliotto Messias (Centro Universitário Barão de Mauá), Alessandra Ackel Rodrigues (Centro Universitário Barão de Mauá), Joana Filipa Afonso Monteiro

(Centro Universitário Barão de Mauá)

Ao longo do desenvolvimento humano, as habilidades sociais (HS) relacionam-se a relações interpessoais satisfatórias, melhor qualidade de vida, realização pessoal e profissional e seu déficit ao estresse. A atividade do magistério é considerada de alto risco para o desenvolvimento de burnout, devido ao elevado nível de interação social inerente a ela. Variáveis sociodemográficas, profissionais e psicossociais influenciam maior risco ou proteção para o docente. Este estudo teve como objetivo traçar o perfil sociodemográfico, profissional e psicossocial de professores de psicologia de um Centro Universitário do interior de São Paulo e comparar tal perfil em função dos níveis de estresse percebido e das dimensões exaustão, despersonalização e eficácia do burnout. Dos 28 professores de psicologia convidados, 21 (75%) participaram respondendo um Roteiro com Informações Sociodemográficas, Profissionais e Psicossociais (RISPP), a Escala de Estresse Percebido (EPP) e a Maslach Burnout Inventory (MBI). O programa IBM-SPSS versão 22 foi utilizado para análise não-paramétrica dos dados. A amostra é composta em sua maioria por mulheres (76,2%), com idade média 43,19 anos (± 8,67), casadas (71,4%), atuavam apenas como docentes (23,8%), lecionavam somente no curso psicologia (47,6%), ministravam mais de 5 disciplinas (38,1%), trabalhavam entre 31 e 40 horas semanais (38,1%) e não pensavam em abandonar o trabalho (66,7%). Todas referiram ter atividade de lazer, 42,9% tinham a saúde comprometida pelo trabalho, 66,7% estavam satisfeitas com a qualidade de vida e sentiam-se sobrecarregadas com as demandas do trabalho docente. O valor médio encontrado para EEP foi 22,24 (±6,66) e no MBI, 22 (±5,71) para exaustão, 8,43 (±2,59) para despersonalização e 32,24 (±4,98) para eficácia. As comparações entre as variáveis foram realizadas com os testes de Mann-Whitney e Kruskal-Wallis. Do ponto de vista sociodemográfico, a idade do professor associou-se a maior dificuldade com alunos (M=57; p=0,047) e os solteiros apresentaram maior eficácia (M=36,33; p=0,045). Em relação às variáveis psicossociais, a insatisfação com a qualidade de vida relacionou-se à maior exaustão (M=27; p=0,004) e despersonalização (M=10,29; p=0,027) e os comprometimentos de saúde à elevada exaustão (M=25,89; p=0,030). Para as variáveis profissionais, menor despersonalização (M=6; p=0,041) foi observada em professores que ministravam entre três e quatro disciplinas e aqueles que pensaram em abandonar a profissão tiveram maior estresse percebido (M=28,86; p=0,001), exaustão (M=28,14; p=0,001) e despersonalização (M=10; p=0,024). Além disso, com o aumento do tempo de docência na instituição observou-se uma diminuição da eficácia, sendo o período de 6 a 10 anos de atuação o que apresentou menores níveis de exaustão (M=16,50, p=0,037) e despersonalização (M=6,25; p=0,043) e maiores de eficácia (M=37; p=0,035). Os valores médios encontrados neste estudo para estresse percebido e as dimensões do burnout em docentes corroboram a literatura. As variáveis profissionais influenciaram no burnout, conforme apontam estudos sobre fatores preditivos em professores. Além disso, evidenciou-se que os aspectos psicossociais devem ser considerados e necessitam de melhor investigação. O desenvolvimento de HS constitui uma importante estratégia de enfrentamento ao estresse e, nesse sentido,

os resultados sugerem a necessidade de melhor investigar as HS em docentes, bem como o desenvolvimento de programas de intervenção nesta área.

P49- ESTUDANTES COM TDAH: HABILIDADES SOCIAIS, PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO E DESEMPENHO ACADÊMICO

Anaísa Leal Barbosa Abrahão (FFCLRP/USP), Luciana Carla dos Santos Elias (FFCLRP/USP)

O Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH) é definido como um transtorno neurocomportamental, multicausal, caracterizado por padrões persistentes de desatenção, impulsividade e hiperatividade, apresentando como problema central a inibição do comportamento, iniciando na infância e com permanência na vida adulta. A literatura tem considerado o TDAH como fator preditivo de prejuízos na saúde mental infantil, no desenvolvimento social e acadêmico. Crianças com TDAH são frequentemente estigmatizadas no contexto familiar e escolar em razão dos problemas de comportamento e desempenho acadêmico. A literatura tem apontado as habilidades sociais como comportamentos concorrentes a problemas de comportamento, podendo essas habilidades atuarem como fatores de proteção ao desenvolvimento. Diante deste contexto, o presente estudo tem como objetivo verificar as habilidades sociais, problemas de comportamento e desempenho acadêmico em estudantes de 6 a 12 anos, que apresentam diagnóstico de TDAH. Trata-se de um estudo de campo, prospectivo com recorte transversal, de abordagem quantitativa e correlacional. O estudo encontra-se em fase de coleta de dados nas escolas referidas e será constituído de uma amostra de conveniência, serão convidados a participar todos os estudantes do Ensino Fundamental I, público, de uma cidade do interior paulista, regularmente inscritos junto a Secretaria Municipal de Educação. Para coleta de dados serão aplicados diferentes instrumentos que visam avaliar as habilidades sociais, problemas de comportamento e desempenho acadêmico desses alunos, através de diferentes avaliadores (professores, responsáveis legais e o próprio aluno). Os instrumentos utilizados serão: SSRS, a Escala de Conners (CPTRS – versão reduzida para pais) e o Inventário de Recursos do Ambiente Familiar (RAF); SSRS, a Escala de Conners – (CPTRS – versão reduzida para professores) e Entrevista semiestruturada - que buscará verificar com os professores as principais dificuldades encontradas e como lidam com a inclusão escolar dos mesmos; com as crianças, será aplicado o SSRS. As avaliações serão realizadas dentro da escola em que a criança frequenta. Seguir-se-á todos os procedimentos éticos quanto ao fornecimento de informações aos participantes, apresentação dos termos de consentimento e assentimento, assim como encaminhamentos a equipamentos de saúde/educação da rede pública caso necessário. Após a coleta de dados, os resultados serão cotados segundo as proposições de cada instrumento e realizadas as análises estatísticas pertinentes. Os resultados obtidos serão transpostos para planilhas do programa estatístico Statistical

Package for the Social Science – SPSS, versão 19. Espera-se que os achados possam contribuir para um melhor entendimento das relações entre as variáveis, assim como, a caracterização de comportamentos desses alunos, de forma a poder contribuir no futuro com programas de intervenção seletiva de Treinamento de Habilidades Sociais para alunos com TDAH, bem como para pais e professores, de forma a auxiliar na inclusão escolar de alunos com essas características.

P50- ESTUDO EXPLORATÓRIO DE HABILIDADES SOCIAIS E PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO EM CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Marina Piran (FFCLRP/USP), Luciana Carla dos Santos Elias (FFCLRP/USP)

A Educação Infantil (EI) tem como objetivo desenvolver integralmente as crianças, podendo ajudá-las a ampliar suas habilidades sociais (HS). HS são conjuntos de comportamentos que contribuem para competência social e favorecem bom relacionamento com outras pessoas. Um bom repertório de HS na infância atua como fator de proteção ao desenvolvimento e de prevenção contra problemas de comportamento (PC) e acadêmicos. Ao contrário, crianças com défictis no repertório de HS tendem a apresentar mais problemas acadêmicos e de comportamento. PC são conjuntos de comportamentos que impedem as crianças de conseguir reforços, gerando consequências desfavoráveis ao seu desenvolvimento. O objetivo geral deste trabalho é o de caracterizar as HS e os PC apresentados por crianças da EI. Como objetivos específicos pretende-se verificar: os PC apresentados por pré-escolares de diferentes idades, se existem diferenças entre sexo no que tange as HS e os PC e associações entre HS e PC. Este trabalho está sendo desenvolvido junto à rede Municipal de Educação de Sertãozinho/SP e tem como participantes os pais/responsáveis e professoras de crianças de três a cinco anos e onze meses pertencentes a Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEI). O número aproximado dos participantes é de 15 professoras (cada qual referente a uma EMEI distinta) e 150 pais/responsáveis, dada a estimativa de 10 alunos por sala de aula. Este trabalho trata-se de um estudo prospectivo, transversal, no qual as crianças são avaliadas quanto as suas HS e PC por diferentes fontes. Os instrumentos utilizados são a Escala de Comportamento Social para Pré-Escolares (PKBS-BR), respondido tanto por pais/responsáveis quanto por professoras, e o Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ-Por), respondido apenas pelos pais/responsáveis das crianças. Este estudo já foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa e encontra-se na fase de coleta de dados. Desta forma, ainda não estão disponíveis os resultados e suas respectivas análises. Porém, finda esta etapa, os dados obtidos serão cotados de acordo com as proposições de cada instrumento e serão realizadas análises estatísticas por meio do programa Statistical Package for Social Science (SPSS). Espera-se que os resultados deste estudo possam colaborar com o planejamento de programas de prevenção de caráter universal em HS destinados a formação de

professores e pais/responsáveis, de forma a orientar estes em relação ao auxílio no desenvolvimento das HS junto as crianças.

P51- EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DO TIPO CONVERGENTE PARA O INVENTÁRIO DE HABILIDADES SOCIAIS PARA CUIDADORES DE IDOSOS (IHS-CI)

Francine Náthalie Ferraresi Rodrigues Queluz (UFSCAR), Elizabeth Joan Barham (UFSCAR), Zilda Aparecida Pereira Del Prette (UFSCAR), Acácia Aparecida Angeli dos Santos (USF)

Exercer a tarefa de cuidar de um idoso dependente pode gerar estresse e sobrecarga. Estudos indicam que pessoas com habilidades sociais (HS) mais desenvolvidas têm maior qualidade de vida geral. Nesse sentido, torna-se relevante estudar as habilidades sociais de cuidadores de idosos. No entanto, os estudos que envolvem a avaliação de habilidades sociais em cuidadores idosos são incipientes, sendo necessário desenvolver e avaliar as propriedades psicométricas de instrumentos específicos que avaliem as habilidades sociais nessa população. O objetivo do presente estudo foi avaliar se o Inventário de Habilidades Sociais para Cuidadores de Idosos (IHS-CI) apresentava evidências de validade externa do tipo convergente. Participaram do estudo 205 cuidadores de idosos, com idade média de 51 (DP=14) anos com diferentes níveis socioeconômicos, sendo principalmente filhos (n = 138), netos (n = 2) e cônjuges (n = 19). Dentre os participantes, 59 eram solteiros, 105 casados ou em união estável, 27 separados e 14 viúvos, com diferentes escolaridades: Analfabeto (19), Ensino Fundamental incompleto (36), Ensino Fundamental (21), Ensino Médio (53) ou Ensino Superior (76). Os Cuidadores apresentaram diferentes classes sociais: A (16), B (67), C (98) e D (24). Todos os participantes responderam ao Inventário de Habilidades Sociais para Cuidadores de Idosos, ao Inventário de depressão de Beck, a Escala de Relacionamento da Díade (dividido em duas subescalas, uma de conflitos e outra de qualidade da relação) e a Escala de Qualidade de Vida de Novelli. Os escores totais no IHS-CI se correlacionaram positivamente com escores na subescala de “interação positiva” e na escala de qualidade de vida e se correlacionaram negativamente com escores de sobrecarga geral, impacto da prestação de cuidados, impacto na relação, expectativas com o cuidar, conflitos na relação cuidador-idoso e depressão. No que diz respeito aos fatores, todos os fatores do IHS-CI se correlacionaram positivamente com a subescala de “interação positiva” e com qualidade de vida e negativamente com sobrecarga geral, impacto da prestação de cuidados, impacto na relação, expectativas com o cuidar, conflitos na relação cuidador-idoso e depressão. Dentre as medidas avaliadas, o fator “Percepção de Auto eficácia” do Inventário de Sobrecarga foi o único que não apresentou correlação estatisticamente significativa com os escores total e para cada fator do IHS-CI. Concluiu-se que o IHS-CI apresentou evidências de validade externa do tipo convergente ao se relacionar com

outros construtos já conhecidos na literatura. No entanto, ainda são necessários novos estudos em busca de novas evidências de validade, assim como a confirmação da estrutura do IHS-CI encontrada e sua normatização. Por fim, este trabalho teve como limitação o fato dos participantes serem somente do estado de São Paulo. Seria importante verificar se os resultados se mantêm em populações de outros estados e regiões do país. Além disso, seria importante realizar uma análise fatorial confirmatória do IHS-CI, já que em estudos anteriores somente a análise fatorial exploratória foi realizada e quais variáveis sociodemográficas estão associadas às habilidades sociais, assim como verificar sua influência em estudos que avaliassem a sua validade baseada no processo de resposta.

P52- EXPERIÊNCIA DE TREINAMENTO EM HABILIDADES SOCIAIS PARA SERVIDORES DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA

Joyce Silva dos Santos (UnB), Cristineide Leandro-França (UnB), Lorena Moreira Fernandes de Moraes (UnB), Gabriela Cristine Rosa Andrade (UnB), José Marcelo Luz (UnB)

No ambiente organizacional, cujos membros possuem bom repertório de habilidades sociais, percebe-se melhoria do clima organizacional, da qualidade das relações e da qualidade de vida no trabalho e, consequentemente, um aumento da produtividade e do sucesso organizacional. Logo, os programas de habilidades sociais nas organizações apresentam-se como ferramentas úteis na prevenção de assédio moral, conflitos nas relações e sofrimento psíquico, promovendo a saúde mental dos trabalhadores. Este trabalho tem por objetivo descrever o processo de implantação e avaliação de satisfação de um programa piloto de treinamento em Habilidades Sociais-HS para servidores de uma universidade pública. O programa de treinamento em HS está em funcionamento há quatro anos durante os quais capacitou 101 servidores da instituição e de órgãos públicos conveniados. As etapas de implantação incluíram: a) capacitação da equipe, b) avaliação de necessidades, c) desenvolvimento do programa, d) criação de um guia para participantes, e) sensibilização, divulgação e seleção, e f) formação das oficinas. Para capacitação da equipe executora, realizou-se um estudo da literatura sobre treinamento em HS. Na avaliação de necessidades, foram realizadas entrevistas individuais com docentes e técnicos, atendidos na Coordenadoria de Atenção à Saúde e Qualidade de Vida da UnB, que apresentavam queixas relacionadas ao trabalho e um grupo focal. A partir dessa demanda, foram selecionados os seguintes conteúdos para composição das oficinas: direitos humanos relacionados às HS; Assertividade, inassertividade e agressividade; HS de Comunicação, de direito e cidadania, empáticas e de Trabalho. Para compor o material das oficinas, elaborou-se um guia de participantes contendo informações sobre esse conteúdo, tarefas escritas, leituras e filmes. A sensibilização e a divulgação do programa ocorreram por convite via e-mail e site institucional. Após essa fase, iniciou-se a etapa de seleção dos participantes por meio de entrevistas

individuais. O programa estruturou-se em cinco encontros, informativos e vivenciais, com duração de três horas e frequência semanal. A intervenção piloto incluiu a participação de 15 servidores, mulheres, com idade média de 28 anos e graduadas. O instrumento usado para avaliação de satisfação foi um questionário semiestruturado. Para análise dos dados, utilizou-se a análise de conteúdo. Os resultados revelaram que os servidores se sentiram capazes de propor mudanças no setor de trabalho a partir do conteúdo aprendido, além de melhora nas relações interpessoais tanto no ambiente de trabalho quanto nas relações mais íntimas. Os trabalhadores relataram ainda aumento da autoestima, satisfação com as interações sociais e mais satisfação no trabalho. Ademais, a avaliação de satisfação do programa mostrou a necessidade de aumentar a quantidade de atividades vivenciais, abordar os temas com maior profundidade e reduzir o intervalo entre os encontros. Esses resultados forneceram subsídios importantes para aprimoramento do Programa na sua versão atual.

P53- EXPRESSÕES EMPÁTICAS E DE SENTIMENTO POSITIVO EM UM GRUPO DE ADOLESCENTES

Lidiane de Oliveira Passarinho Martinho (PUC/GO), Raissa Ferreira Ávila (PUC/GO), Iorhana Fernandes (PUC/GO), Margareth Regina Gomes Verissimo de Faria (PUC/GO), Daniela Sacramento Zanini (PUC/GO)

Desde os primórdios da humanidade, os humanos apresentam características internas predispostas ao desenvolvimento de ações empáticas e positivas consigo e com outras pessoas em que se convive. Porém, essas características para serem praticadas e serem parte do repertório comportamental de uma pessoa, necessariamente precisam ser desenvolvidas no ambiente social em que se está inserido cotidianamente, seja ele a família, a escola, os grupos sociais entre outros. Destaca-se que, se desenvolvida a empatia e as expressões de sentimentos positivos desde a infância, a probabilidade de bem estar social e pessoal ser positiva tende a aumentar e a favorecer em todas as áreas de sua vida, visto que essas habilidades, bem como sua expressão, fortalece os vínculos sociais. Sendo assim, o presente estudo elucida uma atividade proposta numa intervenção com 12 adolescentes entre 13 e 16 anos, de ambos os sexos, estudantes de uma escola pública de Goiânia. O encontro foi conduzido por duas psicólogas pesquisadoras e uma estagiária de psicologia, que fazem parte do Grupo de Pesquisa em Avaliação Psicológica e Intervenção em Saúde (GPAIS), da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. A atividade proposta foi realizada em junho de 2017, com duração de 01h e 30 minutos, cujo objetivo foi promover uma reflexão acerca dos comportamentos empáticos e de sentimento positivo, bem como os ganhos que poderiam ter se os praticassem diariamente com os colegas do grupo, da escola, na família e no ambiente social extra educacional que estavam inseridos. Para isso, foi realizada uma dinâmica intitulada “apoio social na adolescência” e em seguida foi aberta a discussão sobre as situações

hipotéticas em que os personagens recebiam ou não apoio social, para que os adolescentes refletissem e elaborassem soluções assertivas que iriam contribuir para a solução do problema apresentado. Os resultados demostram seu alcance em três eixos: A) a maioria dos adolescentes foram empáticos e expressaram sentimentos positivos entre si e no grupo, B) os adolescentes demonstraram reconhecimento da importância do recebimento e fortalecimento da rede de apoio social, C). a maior parte dos participantes demonstraram discernir sobre as soluções eficazes de alguns problemas, porém, reconheceram que na prática diária, a emissão desses comportamentos é considerada "difícil" de ser praticada, principalmente, por conta do "impulso". Conclui-se que os adolescentes demonstraram capacidade e expressão de empatia, porém são guiados momentaneamente por suas características de impulsividade. Destaca-se a necessidade de promoção de intervenções com a temática, de forma a contribuir para a formação humana e social de adolescentes. Sugere-se mais pesquisas de intervenção em escolas municipais e privadas da cidade de Goiânia, com vistas de disseminar a conscientização dessas habilidades, bem como os ganhos que se pode obter com tal repertório comportamental.

P54- FATORES INTERVENIENTES NO USO DAS HABILIDADES SOCIAIS POR ENFERMEIROS GERENCIADORES DE CUIDADOS EM UM HOSPITAL

Juliana Helena Montezeli (UEL), Maria do Carmo Fernandez Lourenço Haddad (UEL) e Débora Luiza Montezeli (UEL)

Objetivo: conhecer os fatores que interferem positivamente e negativamente no uso das habilidades sociais por parte de enfermeiros que gerenciam cuidados hospitalares. Método: trata-se de um estudo de cunho qualitativo feito em um hospital-escola da região Norte do Paraná, autorizado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição. Participaram 15 enfermeiros dos setores Unidade Masculina, Unidade Feminina, Unidade de Moléstias Infecciosas, Unidade de Terapia Intensiva I, Unidade de Terapia Intensiva II, Unidade de Terapia Intensiva Pediátrica, Unidade de Terapia Intensiva Neonatal, Pediatria, Maternidade, Centro de Tratamento de Queimados, Pronto Socorro, Centro Cirúrgico, Hemodinâmica, Hemocentro e Hemodiálise. Os enfermeiros foram escolhidos intencionalmente e os critérios de inclusão foram: ser estatutário, atuar há pelo menos um ano no setor e ser do período diurno (manhã ou tarde). A coleta de dados deu-se de janeiro de 2016 a abril de 2017, pela técnica de entrevista semiestruturada única, audiogravada e guiada por duas questões norteadoras abertas. As falas foram transcritas de forma literal e submetidas à análise de conteúdo, compreendendo as etapas de pré-análise, exploração do material e o tratamento dos resultados com as inferências e as interpretações. Resultados: os resultados empíricos demonstraram como intervenientes positivos ao uso das habilidades sociais, na perspectiva dos enfermeiros, a flexibilidade, por considerarem que as relações sociais são situacionais e os comportamentos devem variar de acordo

com as demandas de cada situação; a personalização, em que os enfermeiros afirmaram que é preciso considerar a individualidade do(s) interlocutor(es) para fazer uso adequado das habilidades sociais; a experiência profissional, relatando que quanto maior a experiência, maiores as chances de habilidades sociais profícuas; a educação permanente, por considerarem que as habilidades sociais devem ser constantemente aperfeiçoadas para alavancar um repertório comportamental cada vez mais desenvolvido. Os intervenientes negativos ao uso das habilidades sociais relatados pelos enfermeiros foram a origem cultural do enfermeiro, sobretudo no tocante à origem nipônica, pois mencionaram que tal fato causa introspecção e dificuldades sociais; a burocracia institucional, visto que, na ótica dos enfermeiros, o excesso de exigências burocráticas se sobrepõe às práticas que envolvem interações sociais, dificultando o uso das habilidades sociais no contexto gerencial. Conclusão: identificar os fatores que interferem positivamente no uso das habilidades sociais do enfermeiro possibilita desenvolvê-los como reforçadores para a melhora do seu desempenho social. Já o conhecimento sobre o que interfere negativamente fornece subsídios para treinamentos de habilidades sociais e para que a instituição possa lapidar sua cultura organizacional a fim de favorecer uma gerência do cuidado que vislumbre o cuidado de enfermagem alicerçado em interações interpessoais mais saudáveis.

P55- A PERCEPÇÃO DE PAIS DO GRUPO DE HABILIDADES SOCIAIS NUM PROJETO DE EXTENSÃO

Raissa Ferreira Ávila (PUC/GO), Cristiane de Paula (PUC/GO), Juliana Santos de Souza Hannum (PUC/GO), Luciana Novais de Oliveira Brito (PUC/GO)

Atualmente, a orientação de pais tem se constituído em uma estratégia muito utilizada com famílias para discutir princípios, questões de relacionamento, de apoio e troca de experiências entre seus membros, visto que é essa ferramenta propõe a construção, o fortalecimento, a manutenção das relações sociais (família, escola, filhos e projeto) e o desenvolvimento global dos pais para um melhor desempenho no que se refere à orientação e educação dos filhos. Assim, o grupo DSH atua na perspectiva do desenvolvimento humano com a promoção de comportamentos assertivos, tendo como referência sete categorias de habilidades sociais: comunicação, civilidade, educativas, organizacional e trabalho, enfrentamento e defesa de direitos, empatia e expressão de sentimento positivo e automonitoria. Essas habilidades auxiliam na construção e manutenção de relacionamentos saudáveis e duradouros por meio de atividades coletivas semanais. Diante disso, o presente estudo elucida a percepção dos pais sobre a implantação do grupo de desenvolvimento de habilidades sociais (DHS), cujas as ações são voltadas para crianças, adolescentes, jovens e adultos com SD, onde as nuances metodológicas abarcam suas necessidades e especificidades de cada sujeito. Nesse sentido, pensando em ações integradoras entre família-projeto-educandos, desenvolveram-se durantes as reuniões do grupo

psicoeducativo de pais, reflexões dos temas abordados no grupo de Desenvolvimento de Habilidades Sociais (DHS), inserido no projeto de extensão do Programa de Referência em Inclusão Social da PUC Goiás, na cidade de Goiânia. Participaram do estudo 16 pais e mães que participam do grupo psicoeducativo de pais. Assim, para avaliar os resultados obtidos após a implantação do DHS, aplicou-se um inquérito, cuja questão de pesquisa foi de caráter aberto e descritivo, afim de ampliar a compreensão subjetiva da problemática apresentada. Para a analise das respostas foi utilizada a analise de conteudo produzindo categorias das respostas emitidas pelos pais e mães dos educandos do projeto de extensão. Os resultados demonstram que as respostas analisadas e categorizadas foram: a troca de experiência e o valor emocional. Portanto, o DHS contribui, em dois eixos: a) para a promoção de um ambiente acolhedor e seguro, onde os pais podem expor as demandas que possuem em relação ao desenvolvimento dos filhos e b) para à socialização e a estimulação do comportamento autônomo nos educandos. Sugere-se mais estudos acerca das questões subjetivas que envolvem o grupo de desenvolvimento de habilidades sociais sob a ótica da gestão, dos voluntários e dos próprios educandos que participam do grupo, no sentido de ampliar, elaborar e promover a qualificação do trabalho desenvolvido no projeto de extensão.

P56- HABILIDADES SOCIAIS ASSERTIVAS NO TRABALHO COM PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Renata Ré (UNITAU), Marilsa De Sá Rodrigues (UNITAU)

Esse trabalho objetiva identificar o nível de assertividade e percepção sobre a inclusão de pessoas com deficiência (PcD) no ambiente de trabalho com profissionais que atuam em empresas que possuem PcD em seus quadros funcionais. A metodologia utilizada foi a aplicação do inventário de assertividade e entrevista semiestruturada. A amostra foi constituída por 37 profissionais alunos de um programa de Pós-graduação de uma universidade do interior do estado de São Paulo. A pesquisa classifica-se como um estudo exploratório descritivo de natureza qualitativa e os dados foram tratados de forma quantitativa (inventário) e qualitativa (entrevistas). Esse estudo justifica-se uma vez que a lei de cotas para inclusão de PcD modificou não só as estratégias de gestão de pessoas como interferiu nas relações dos grupos de trabalho a partir de 1999 quando se tornou obrigatória. As empresas tiveram que adaptar suas instalações para adequá-las as especificidades de cada tipo de deficiência, preparar as pessoas para conviverem, ajustar postos de trabalho que poderiam ser executados por PcD e procuraram ajustar-se, da melhor maneira, em um processo de aceitação natural minimizando preconceitos e estereótipos sobre PcD e competência para o trabalho. As pessoas com repertório assertivo satisfatório tendem a manter relações mais adequadas nos grupos com os quais convivem. Tendem a expressar-se de forma respeitosa garantindo a dignidade e limites indispensáveis para as relações interpessoais saudáveis. Os principais resultados foram: o nível de assertividade dos

participantes foi considerado alto, não sendo identificado nenhum participante com comportamento predominante Não Assertivo. As categorias geradas por análise de conteúdo foram: Tipo de deficiência mais encontrado – destacaram que são as deficiências físicas e que ocupam cargos administrativos pela qualificação e facilidade de comunicação. O menor índice das demais deficiências podem caracterizar a falta de acessibilidade. Facilidades e dificuldades de se trabalhar com PcD – a maioria disse não ter problemas de relacionamento, são prestativas e conseguem executar bons trabalhos, o aspecto negativo é a falta de estrutura para garantir as condições adequadas para o trabalho. Quanto a percepção ao trabalhar com PcD as palavras mais citadas, todas de caráter positivo, foram respeito e acolhimento. Não foi observado depoimentos estereotipados como excesso de atenção, sentimentos de 'pena', a percepção geral é de respeito e igualdade no tratamento. Esses resultados podem ser atribuídos ao alto nível de comportamento assertivo do grupo pesquisado ou ao trabalho da área de gestão de pessoas na preparação dos seus funcionários para a aceitação de PcD no ambiente de trabalho. Verifica-se também, a necessidade de mais adequações das práticas da gestão de pessoas nas organizações, a necessidades das organizações em adaptações físicas, de processos e de cultura, para o cumprimento da lei de cotas e seu objetivo de inclusão social de PcD pelo trabalho. Sugere-se novos estudos que comparem pessoas com alto repertório assertivo com pessoas agressivas ou não assertivas para maiores comprovações ampliando o campo de estudos.

P57- HABILIDADES SOCIAIS DOCENTES: FOMENTANDO A RESILIÊNCIA EM CONTEXTO EDUCATIVO

Adriana Pinheiro Serqueira das Chagas (Faculdade Cenecista de Itaboraí - FACNEC), Ana Maria Nunes El Achkar (Faculdade Cenecista de Itaboraí - FACNEC)

Entende-se por habilidades sociais reações comportamentais diante de estímulos ou diante de situações que necessitam dessas habilidades para que os indivíduos possam interagir de forma saudável nos diversos contextos do dia-a-dia. Já o conceito da resiliência faz referência a processos dinâmicos e influenciados por competências do indivíduo em interação com seus ambientes socioculturais, bem como suas formas peculiares de se auto-organizar em contexto mediante a riscos e/ou vulnerabilidades. O presente estudo teve por objetivos investigar o reconhecimento do uso de Habilidades Sociais por professores do 9º ano do Ensino Fundamental e analisar de que maneira estas habilidades favoreceram a aprendizagem de seus alunos, elevando o desempenho acadêmico dos mesmos, ao passo que fomentavam processos de resiliência no ambiente escolar. A amostra foi composta por 12 professores com idades entre 29 a 42 anos e que, durante o primeiro semestre de 2016, lecionaram em uma escola pública do Município de São Gonçalo/RJ. Trata-se de um estudo com recorte transversal e de metodologia qualitativa, no qual fora utilizado como instrumento um questionário autoaplicado contendo 18 questões

abertas que permitiram uma análise do conteúdo dos dados recolhidos, específico para os professores e elaborado pelas pesquisadoras. Justifica-se a escolha acima citada para buscar respostas contextuais à compreensão de questões relativas à importância de comportamentos socialmente habilidosos exercidos pelo professor, reconhecendo-os enquanto características individuais, que funcionam como fatores de proteção e que favorecem o surgimento de processos de resiliência no contexto educativo. O questionário visou avaliar o reconhecimento do uso ou do não uso de habilidades sociais em sua prática docente, entendendo que quanto mais comportamentos habilidosos ele exerce enquanto professor menos riscos se interpõem entre o processo de ensino-aprendizagem, mais processos de resiliência ele provoca no ambiente escolar e, consequentemente, o aumento do desempenho acadêmico dos alunos. A princípio, os participantes relataram só ter se apropriado do conceito de Habilidades Sociais a partir do contato com a pesquisa. Contudo, mesmo os professores não reconhecendo fazer uso de habilidades sociais na prática da docência, os resultados evidenciaram as seguintes categorias: a) oratória e expressividade; b) empatia; c) assertividade; d) expressão de sentimentos positivos; e) autocontrole; f) saber ouvir críticas e sugestões. Estas categorias foram interpretadas com base na literatura que traz informações e resultados a respeito do Sistema de Habilidades Sociais Educativas (SHSE), que avaliam comportamentos encontrados nas relações próprias da tarefa de quem educa. A categoria que recebeu maior destaque neste estudo foi a expressão de sentimentos positivos, mencionada pela totalidade da amostra de professores e compreendida pelos mesmos enquanto ação necessária para que a aprendizagem dos alunos aconteça de forma satisfatória por motivá-los durante a aula.

P58- HABILIDADES SOCIAIS E AUTOESTIMA: INTERVENÇÃO COM ADOLESCENTES

Raissa Ferreira Ávila (PUC/GO), Lidiane Passarinho (PUC/GO), Margareth Verissimo (PUC/GO), Daniela Sacramento Zanini (PUC/GO)

A literatura científica entende que a adolescência é uma fase de transição e mudanças físicas, pessoais, psicológicas, familiares e sociais. A saída do período de infância para adolescência gera emoções, sentimentos e pensamentos de dúvida, descontentamento, insegurança, raivas, entre tantas outras questões que perpassam e influenciam a saúde mental e emocional dos jovens. Nesse momento, uma das principais dificuldades, são a expressão de seus sentimentos e inabilidade para lidar com as pessoas que estão em sua volta, por se considerarem a margem do que a sociedade, família e amigos esperam deles enquanto pessoas inseridas numa sociedade com seus valores, cultura e história. Diante disso, a temática das habilidades sociais e autoestima auxilia de forma significativa nessa fase do desenvolvimento humano, pois, considera-se que as habilidades pessoais e sociais são comportamentos que precisam ser desenvolvidos desde cedo, pois a forma de

agir e reagir diante das situações cotidianas pode influenciar de forma positiva ou negativa o desenvolvimento dos adolescentes. Entende-se como comportamentos habilidosos um conjunto de comportamentos emitidos por um indivíduo em que ele compreende seus sentimentos, atitudes, desejos, opiniões e direitos e consegue expressá-los de maneira adequada à situação. Nesse sentido, a autoestima e as habilidades sociais estão diretamente ligadas aos seus comportamentos no ambiente social. Diante disso, a presente intervenção teve por objetivo promover saúde e auxiliar os adolescentes a lidar de maneira prática com sua autoestima, desmistificando conceitos e preconceitos existentes na história de vida de cada adolescente e assim fornecer recursos eficientes que o auxiliem a manejar de forma assertiva esses comportamentos. Para isso, participaram desta intervenção 10 adolescentes, uma psicologa e uma estagiária em psicologia. Assim, a intervenção obteve duração de 01hs:30 min e utilizou como recurso metodológico uma atividade orientada sobre autoestima e habilidades sociais, onde os adolescentes discorriam quais HS utilizavam nas relações sociais que afetavam sua autoestima de maneira positiva ou negativa. Assim, as perguntas da atividade orientada eram selecionadas aleatoriamente pelos participantes e em seguida era dialogado no grupo possíveis soluções para as problemáticas apresentas nas questões. Ofinal da atividade orientada foi realizada uma pesquisa de satisfação, onde tinham que classificar a atividade em: Muito bom; Bom; Nem bom nem ruim; Ruim e Muito Ruim. Os resultados demostram que promover um espaço que ofereça segurança, liberdade e confiança auxilia o desenvolvimento pessoal, grupal e social de adolescentes, visto que a temática abordada elucida questões subjetivas de cada participante, pois, todos relataram à medida que as perguntas eram realizadas, situações cotidianas que abordavam sua autoestima e suas habilidades sociais de maneira negativa, elucidando que esse tipo de intervenção realizada na adolescência se faz necessária e efetiva para o desenvolvimento pessoal e social desse adolescente. Diante disso, a presente intervenção elenca seu alcance em cinco eixos: a) a reflexão acerca de um problema apresentado, por meio de perguntas diretas, B) a escuta no grupo, C)a interação para resolução do problema, D) a quebra de crenças rígidas e E) o Bem estar subjetivo de cada adolescente, por meio de relatos do corpo escolar e dos adolescentes.

P59- HABILIDADES SOCIAIS E AUTOESTIMA: UM ESTUDO CORRELACIONAL

Aline Nascimento S. Silva (Centro Universitário de João Pessoa - UNIPÊ), Isadora de Souza Amorim (Centro Universitário de João Pessoa - UNIPÊ), Mirelle A. L. e Silva (Centro Universitário de João Pessoa - UNIPÊ), Silvana Q. C. Carvalho (Centro Universitário de João Pessoa - UNIPÊ), Charlene N. N. A. Gouveia (Centro Universitário de João Pessoa - UNIPÊ)

As Habilidades Sociais referem-se a um conjunto de comportamentos necessários a uma relação interpessoal bem sucedida, conforme os parâmetros do contexto e da cultura. A autoestima constantemente tem sido correlacionada com o desempenho social, tendo em vista que pode influenciar a expectativa das pessoas sobre o resultado de sua própria performance. Dessa forma, este estudo foi proposto com o objetivo de correlacionar níveis de autoestima e habilidades sociais de estudantes de uma instituição privada de ensino superior na cidade de João Pessoa/Paraíba. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de campo, descritiva, correlacional e de natureza quantitativa. Utilizando-se a técnica de amostragem não probabilística por quotas, foram selecionados 190 estudantes universitários, distribuídos igualmente entre os cursos de Engenharia Civil, Direito e Enfermagem, sendo todos maiores de 18 anos, de ambos os sexos. Foram utilizados três instrumentos: I) questionário sociodemográfico; II) Escalas Muldimensionais de Expressão Social Partes Cognitivas (EMES-C) e Motora (EMES-M), cada uma composta por 12 fatores, respondidas em escala likert de 0 a 4, na quais maiores pontuações indicam menor nível de habilidades sociais; e III) Escala de Autoestima de Rosemberg (EAR), unifatorial, respondida em escala likert de 1 a 4, na qual maiores pontuações correspondem a maiores níveis de autoestima. Os dados coletados foram analisados utilizando-se estatísticas descritiva e inferencial, processadas por meio do pacote estatístico SPSS, versão 22.0. Encontrou-se predominância do sexo feminino (60,5%), solteiros (91,6%), com renda familiar entre 1 e 6 salários mínimos (62,6%) e que nunca fizeram terapia (80,5%). Pontuaram uma média de 3,07 (DP=0,496) na EAR; média de 1,59 (DP=0,702) na EMES-C e média de 1,77 (DP=0,446) para a EMES-M. Realizou-se uma análise correlacional entre às variáveis autoestima e habilidades sociais, por meio do Teste ρ de Spearman. Considerando a autoestima frente às habilidades sociais a nível cognitivo, verificou-se uma correlação negativa significativa (ρ=-0,368; $p<0,01$), e frente às habilidades sociais a nível comportamental, verificou-se uma correlação negativa significativa (ρ=-0,329; $p<0,01$). Assim, considerando que quanto maior a pontuação nas escalas de habilidades sociais, menor o nível de habilidades dos participantes, tem-se que quanto maior o nível de autoestima, maior serão as habilidades sociais dos estudantes universitários examinados. A autoestima obteve correlação negativa com todos os fatores das habilidades sociais cognitivas, exceto o medo da defesa de direitos. Considerando os fatores das habilidades sociais motoras, a autoestima correlacionou-se com vários, exceto a defesa dos direitos do consumidor, expressão de incômodo, desagrado e aborrecimento, expressão de incômodo e aborrecimento para com familiares, tomar a iniciativa com o sexo oposto, fazer elogios e preocupação com os sentimentos dos demais. Destaca-se a relevância desse tipo de estudo em razão dos construtos influenciarem diretamente na qualidade da vida social dos indivíduos, repercutindo em sua saúde mental. Evidente a importância de mais estudos nessa área, visando também maior efetividade na psicoeducação desses institutos.

P60- HABILIDADES SOCIAIS E DEPENDÊNCIA A INTERNET

Aline N. S. Silva (Centro Universitário de João Pessoa - UNIPÊ), Isadora de Souza Amorim (Centro Universitário de João Pessoa - UNIPÊ), Mirelle A. L. e Silva (Centro Universitário de João Pessoa - UNIPÊ), Silvana Q. C. Carvalho; Charlene N. N. A. Gouveia (Centro Universitário de João Pessoa - UNIPÊ)

Hodiernamente a internet é necessária, porém o uso abusivo pode se configurar como disfunção, e este pode ser precedido por um baixo repertório de habilidades sociais, ou pode ser uma das causas desse déficit. As habilidades sociais são um conjunto de comportamentos adaptativos executados com a finalidade de obter relações interpessoais exitosas. Assim, o objetivo desta pesquisa foi averiguar a correlação entre habilidades sociais e dependência a internet em estudantes universitários de uma instituição privada de ensino superior de João Pessoa-Paraíba. Realizou-se uma pesquisa de campo, descritiva, correlacional e de natureza quantitativa. Foram selecionados, por meio da técnica de amostragem não probabilística por quotas, participaram 190 estudantes universitários, distribuídos igualmente entre os cursos de Engenharia Civil, Direito e Enfermagem, sendo todos maiores de 18 anos, de ambos os sexos. Foram utilizados três instrumentos: I) questionário sociodemográfico; II) Escalas Muldimensionais de Expressão Social Partes Cognitivas (EMES-C) e Motora (EMES-M), cada uma composta por 12 fatores, respondidas em escala likert de 0 a 4, onde maiores pontuações indicam menor nível de habilidades sociais; e III) Internet Addiction Test (IAT), composta por 6 fatores, respondida em escala likert de 1 a 5, na qual quanto maior a pontuação, maior o nível de dependência. Os dados coletados foram analisados utilizando-se de estatísticas descritiva e inferencial e processados por meio do pacote estatístico SPSS, versão 22.0. Predominaram os participantes do sexo feminino (60,5%), solteiros (91,6%), com renda familiar entre 1 e 6 salários mínimos (62,6%) e que nunca fizeram terapia (80,5%). Pontuaram uma média de 1,69 (DP=0,704) no IAT; média de 1,59 (DP=0,702) na EMES-C e média de 1,77 (DP=0,446) para a EMES-M. Realizou-se uma análise correlacional entre os escores das variáveis habilidades sociais e dependência a internet, por meio do Teste ρ de Spearman. Avaliando a dependência a internet frente às habilidades sociais a nível cognitivo, verificou-se uma correlação positiva significativa ($\rho=0,317$; $p<0,01$), e frente às habilidades sociais a nível comportamental obteve-se uma correlação positiva significativa ($\rho=0,220$; $p<0,01$). Assim, considerando que quanto maior a pontuação nas escalas de habilidades sociais, menor o nível de habilidades dos participantes, tem-se que quanto menor o nível de habilidades sociais dos estudantes universitários examinados, maior será sua dependência a internet. A dependência a internet obteve correlação com todos os fatores das habilidades sociais cognitivas, exceto o medo da defesa de direitos. Considerando os fatores das habilidades sociais motoras, a dependência a internet correlacionou-se com vários, exceto a defesa dos direitos do consumidor, expressão de incômodo, desagrado e aborrecimento, expressão de incômodo e aborrecimento para com familiares, tomar a iniciativa com o sexo oposto e fazer elogios. Conclui-se, então que um baixo repertório de habilidades sociais

proporciona maiores chances de uma dependência a internet, relacionando o uso excessivo da internet a classe não desenvolvidas de habilidades sociais. Aponta-se a necessidade de maiores pesquisas nessa área e destaca-se a importância desse tipo de estudo, de forma a evidenciar que a interação on-line não substitui e, por vezes, não facilita as interações presenciais.

P61- HABILIDADES SOCIAIS E DESEMPENHO ESCOLAR NOS DIFERENTES ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL I

Larissa Lorenzini da Costa (FFCLRP - USP), Luciana Carla dos Santos Elias (FFCLRP - USP)

O conceito de habilidades sociais (HS) aplica-se à noção de existência do repertório de comportamentos sociais do indivíduo para lidar com as demandas das situações interpessoais, ou seja, HS abrangem os comportamentos aprendidos e socialmente aceitos que permitem aos sujeitos interagir de forma adequada ao contexto. Uma vez que as HS afetam todas as relações interpessoais, e sendo a escola o primeiro ambiente de socialização das crianças depois da família, deve-se considerar que HS apresentadas ou desenvolvidas nesse contexto podem estar relacionadas ao desempenho acadêmico obtido. Diante disso, o presente estudo objetivou verificar as HS e desempenho acadêmico nos diferentes anos do Ensino Fundamental I. Como objetivos específicos buscou-se verificar se existe diferença entre os anos escolares quanto às HS; se existe diferença no desempenho acadêmico nos anos escolares; quais são as HS apresentadas com maior e menor frequência em cada ano escolar e por fim, se existe diferença entre gênero no que tange à associação entre HS e desempenho acadêmico. Participaram do estudo 150 alunos (meninos e meninas), entre seis e dez anos de idade, estudantes do Ensino Fundamental I, regularmente matriculadas junto à rede municipal de educação do interior paulista. O presente estudo está vinculado a um projeto maior que já foi submetido ao Comitê de Ética e aprovado. Os instrumentos utilizados para as avaliações foram: Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais (Social Skills Rating System) - formulário para professores-SRSS-BR, Provinha Brasil e Prova Brasil. Após contatos iniciais e preenchimento dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (para pais e professores), as crianças foram avaliadas através das Provinha Brasil ou Prova Brasil em sala pelas professoras e com supervisão de pesquisadoras; posteriormente foi solicitado às professoras que respondessem ao SSRS fora da sala de aula. A presente amostra foi constituída, através de um sorteio randômico, de 30 alunos de cada ano que foram avaliados para compor o projeto maior ao qual esse está ligado. Os dados obtidos no processo de avaliação das crianças foram cotados de acordo com as proposições de cada técnica. Os resultados quantitativos foram transpostos para planilhas do programa estatístico SPSS e realizadas análises estatísticas parciais. Inicialmente foi feita uma análise exploratória da distribuição dos resultados em cada variável. Para as variáveis com distribuição não normal, foram aplicadas provas não paramétricas. Realizou-se

análises de correlações e de comparação entre grupos (diferentes anos escolares e de sexo). As análises estatísticas indicaram correlações entre desempenho acadêmico e as HS avaliadas; quanto às diferenças de desempenho acadêmico entre os anos escolares, o 2º e 3º anos foram os anos com desempenho acadêmico mais altos, seguido pelo 5º, 1º e 4º anos respectivamente, havendo diferença significativa entre os mesmos; quanto à diferença de gênero na correlação de HS e desempenho acadêmico foram encontradas correlações pouco mais fortes quanto aos meninos do que quanto às meninas. Espera-se com os resultados reafirmar a importância de programas de intervenção em anos específicos para o desenvolvimento de HS como um dos fatores considerados de proteção no desenvolvimento.

P62- HABILIDADES SOCIAIS E O STRESS EM ADOLESCENTES

Erik Yuske Kobayashi (FAAT/SP), Valquiria Ap. C. Tricoli (FAAT/SP), Juliano Rodrigues Afonso (FAAT/SP)

A adolescência tem sido considerada uma etapa própria do desenvolvimento, sendo esse período marcado por muitos desafios e turbulências. Além das transformações fisiológicas, psicológicas, emocionais e sociais, tornar-se adolescente demanda a aquisição de uma postura frente às expectativas da sociedade, determinadas principalmente pelos fatores socioeconômicos e culturais relacionadas ao meio no qual o jovem está inserido. O adolescente precisa se sentir aceito e inserido em um grupo, podendo ser esta uma fonte geradora de stress. Considerando-se a necessidade de sentir-se aceito por seus pares, as demandas decorrentes das relações interpessoais podem se tornar uma fonte adicional de stress, bem como dificultar o desempenho as respostas adaptativas aos diferentes tipos de situações do dia a dia do adolescente, tornando-se assim, mais um estressor. Devido a uma ação perfeitamente integrada de todo o organismo em suas funções físicas e psicológicas, o stress pode baixar a resistência do organismo e assim, a pessoa começará a desenvolver problemas físicos e/ou psicológicos, de acordo com sua predisposição e/ou estilo de vida. O objetivo geral dessa pesquisa foi verificar: as habilidades sociais, o nível, as fontes, a sintomatologia e a fase de stress em que se encontravam adolescentes de ambos os gêneros na faixa etária entre 14 a 17 anos. Participaram cinquenta e quatro adolescentes (n=54) com idade entre 14 a 17 anos de uma escola pública de um município do estado de São Paulo. Os participantes realizaram as avaliações nas dependências da escola. Os materiais utilizados foram: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes (IHSA) e a Escala de Stress para Adolescentes (ESA). Os resultados demonstraram que 50% dos adolescentes avaliados apresentaram baixo nível de habilidades sociais e 59,26% apresentaram alto custo de resposta no escore total, ou seja, dificuldade na aplicação das habilidades sociais em seu dia a dia. Ainda 62,96% (n=34) mostraram resultados abaixo da média para abordagem afetiva, 55,56% (n=30) em empatia, 44,44% (n=24) no autocontrole, 40,74% (n=22) em civilidade,

37,04% (n=20) em assertividade e 27,78% (n=15) em desenvoltura social. Os resultados mostraram também que 72,22% (n=37) dos adolescentes apresentaram nível significativo para o diagnóstico de stress. Desse total 7,69% (n=03) estão em fase de alerta, 7,69% (n=03) em resistência, 25,64% (n=10) em quase exaustão e 53,85% (n=21) em exaustão. Quanto à sintomatologia, a ESA apontou que 7,69% (n=03) desses adolescentes se encontravam com sintomas psicológico, 5,13% (n=02) fisiológico, 5,13% (n=02) com sintomas de stress interpessoal e 69,23% (n=27) com sintomas mistos (dois ou mais sintomas de stress). A conclusão dessa pesquisa foi que os participantes apresentaram baixo nível de habilidades sociais com alto custo de resposta e nível de stress significativo. As habilidades mais comprometidas foram: a abordagem afetiva, a empatia, o autocontrole, a civilidade e a assertividade. Diante disso, necessita-se criar mais programas com foco no treinamento de habilidades sociais e controle de stress, além de continuar com as pesquisas nessa área.

P63- HABILIDADES SOCIAIS E SINTOMAS DE TRANSTORNOS ALIMENTARES EM ADOLESCENTES INSERIDOS NO ENSINO MÉDIO REGULAR

Luísa Coscia Gasparoti (FFCLRP-USP/SP), Luciana Carla dos Santos Elias (FFCLRP-USP/SP), Manoel Antônio dos Santos (FFCLRP-USP/SP)

A adolescência é uma fase de transição entre a puberdade e a fase adulta do desenvolvimento que corresponde à faixa etária entre os 12 e 18 anos. Nessa fase, a escola é um dos ambientes mais frequentados pelos adolescentes e se torna um local propício para as interações sociais e, consequentemente, para a construção de laços afetivos e a preparação para a inserção do indivíduo na sociedade, especialmente no ambiente de trabalho. Entre as habilidades que devem ser desenvolvidas na escola estão as Habilidades Sociais (HS), que correspondem a classes de comportamentos presentes no repertório do indivíduo e são requeridas para obter uma relação interpessoal bem-sucedida. Sabe-se que quanto maior a presença de habilidades sociais, maior a capacidade do indivíduo de lidar com situações adversas e estressantes, permitindo um melhor ajuste nessas situações, além disso, a presença de um repertório comportamental habilidoso também favorece o sucesso acadêmico. Em contrapartida, problemas interpessoais relacionados com déficits no repertório de habilidades sociais têm sido associados a problemas de saúde mental, estando entre estes os Transtornos Alimentares (TAs). Tem-se que os transtornos alimentares são determinados por fatores genéticos, psicológicos e socioculturais sendo, portanto, considerados transtornos biopsicossociais. Eles afetam principalmente mulheres jovens com idade entre 12 e 18 anos, com uma predominância média na relação homem-mulher de 1:10 na adolescência, causando danos físicos, psicológicos e sociais ao indivíduo. Nesse sentido, o objetivo geral desse estudo é caracterizar as habilidades sociais e a presença de sintomas de transtornos alimentares em uma amostra de jovens inseridos no Ensino Médio Regular. Os objetivos específicos são

(1) verificar as classes de habilidades sociais presentes e deficitárias; (2) identificar a presença de sintomas de transtornos alimentares; (3) investigar possíveis associações entre habilidades sociais e sintomas de transtornos alimentares; e (4) averiguar se há diferença entre sexo nas diferentes variáveis investigadas. Participaram 50 estudantes do Ensino Médio Regular de uma escola pública do interior paulista, sendo 34 do sexo feminino e 16 do sexo masculino, com idade entre 14 e 17 anos. Os instrumentos utilizados foram o Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes (IHSA) e o Teste de Atitudes Alimentares (EAT-26,). Os dados obtidos foram transpostos para planilhas do programa Statistical Package for the Social Science (SPSS), a fim de obter as possíveis correlações e análises. Os resultados parciais indicam que não houve diferenças significativas entre sexos no que tange as habilidades sociais e aos sintomas de transtornos alimentares nos dados do estudo, assim como não houve correlações estatisticamente significativas entre habilidades sociais e a presença de sintomas de transtornos alimentares, divergindo dos resultados apontados pela literatura da área nesses aspectos.

P64- HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS DE MÃES: RELAÇÕES ENTRE GÊNEROS E TIPOS DE INSTITUIÇÕES

Fátima de Almeida Maia (Universidade Salgado de Oliveira), Adriana Benevides Soares (Universidade Salgado de Oliveira)

Educar é uma tarefa bem complexa e muitos pais e mães podem apresentar dificuldades e dúvidas na formação de seus filhos. Nas relações familiares, considera-se importante ampliar a discussão sobre o comportamento de mães no uso de um repertório de habilidades sociais educativas, principalmente as que estão voltadas à interação com os filhos percebendo como atuam e interagem no comportamento das crianças. Este estudo teve como objetivos identificar as habilidades sociais parentais das mães, verificar em que medida estão envolvidas as habilidades sociais nas práticas parentais com seus filhos e comparar as condutas parentais de mães de meninos e meninas e de escolas públicas e particulares. Participaram 3 mães em que os filhos estavam em escola pública, sendo 2 mães de meninas e uma mãe de menino e 3 mães em que os filhos estavam em escola particular, sendo 2 mães de menino e uma mãe de menina, do 6º ano, com idades entre 11 e 12 anos. Foi assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e a pesquisa foi aprovada pelo ao Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade. Foi utilizada entrevista semiestruturada com base no Roteiro de Entrevista de Habilidades Sociais Educativas Parentais (RE-HSE-P) que busca descrever, a partir de relatos espontâneos, respostas, antecedentes e consequentes das interações estabelecidas entre pais e filhos a partir de 13 perguntas gerais, incluindo perguntas adicionais, que são organizadas em três categorias: Comunicação; Expressão de Sentimentos, Enfrentamento e Estabelecimento de Limites. Em cada uma dessas três categorias incluem-se comportamentos das mães, das crianças e variáveis de contexto. Na comparação com as mães de meninos e

meninas pode-se perceber que as mães apresentam escore não clínico de HSE-P, mas as práticas negativas de educação se apresentam como deficitárias (clínico). As mães, de uma maneira geral, atingem um escore não clínico em relação às variáveis contextuais, sendo que as mães de meninas apresentam um escore clínico, no que diz respeito aos aspectos de relacionamento. Nota-se que todas as meninas apresentam um repertório não clínico de habilidades sociais, embora revelem problemas de comportamento internalizantes. Os meninos, nesse caso, apresentam escores de habilidades sociais não clínicos, sendo que dois meninos apresentam escores clínicos para problemas de comportamento internalizantes. Os dados apresentados indicam que, tanto às mães em que seus filhos estão na escola particular, como as mães que tem seus filhos na de escola pública, apresentaram um bom repertório de HSE-P (não clínico), mas as práticas negativas de educação apresentam escores clínicos. A compreensão desses resultados pode ampliar a discussão sobre os comportamentos maternos na socialização de meninos e meninas, de escolas públicas e particulares, independente do nível socioeconômico, percebendo que no uso de um bom repertório de habilidades sociais educativas de interação, as mães podem beneficiar o desenvolvimento de crianças saudáveis, com comportamentos pró-sociais, fundamentais à vida futura.

P65- HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS DO PROFESSOR: RELAÇÕES COM A APRENDIZAGEM ACADÊMICA DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Beatriz Jabor Botura (UFSCar/ SP), Rafael H. H. Mazzoca (UFSCar/ SP), Maria B. R. Dionísio (UFSCar/ SP), Daniela L. F. Ellio (UFSCar/ SP), Letícia Y. A. Furukawa (UFSCar/ SP), Thayse L. M. Albano (UFSCar/ SP), Daniele Carolina Lopes (UFSCar/ SP), Joene Vieira dos Santos (UFSCar/ SP)

Quando o estudo das interações humanas é realizado dentro da Psicologia, o campo teórico-prático das Habilidades Sociais (HS) é um dos que se interessa pelo tema e o investiga sob uma perspectiva funcional das interações, analisando a qualidade e a efetividade das mesmas. Uma área ainda pouco explorada no contexto universitário é a do estudo de Habilidades Sociais Educativas (HSE). Tais habilidades são aquelas que podem estar presentes no professor e gerar mudanças no repertório comportamental do educando, podendo influenciar a aprendizagem e a satisfação acadêmica do aluno, variável esta que tem a possibilidade de interferir na sua permanência ou não na universidade. O presente estudo objetivou verificar a percepção do estudante universitário, das três grandes áreas do conhecimento (Biológicas, Exatas e Humanas) acerca das habilidades sociais educativas de seus professores, considerando as disciplinas em que julga que mais e menos aprendeu. Adicionalmente, o estudo teve como objetivos secundários a comparação do repertório de HSE desses dois tipos de professores (aquele com quem mais se aprendeu e menos se aprendeu) e a comparação entre professores universitários de

diferentes áreas do conhecimento. A pesquisa foi realizada com 129 estudantes de duas universidades públicas de uma cidade de médio porte do interior do estado de São Paulo, os quais responderam, de forma presencial, ao Inventário de Habilidades Sociais Educativas para Professor Universitário – Versão Aluno (IHSE-PU-Aluno) que é um instrumento de autorrelato em processo de validação e já passou por análise teórica, semântica e de conteúdo. O instrumento é composto por 65 itens que descrevem comportamentos do professor e que devem ser avaliados em uma escala de frequência do Tipo Likert pelo aluno. Além disto, há sete itens sobre a relação da díade professor-aluno e alguns itens para levantamento de dados pessoais e sociodemográficos. Os estudantes foram recrutados na própria universidade e cada respondente recebeu, aleatoriamente, a instrução se deveria responder sobre o professor com quem mais aprende ou menos aprende As análises descritivas e inferenciais demonstram que, na visão dos universitários, a categoria de professores com quem tiveram um melhor aproveitamento e com quem mais aprenderam apresentaram um repertório de habilidades sociais educativas estatisticamente maior em comparação aos professores com quem tiveram um menor aproveitamento e aprenderam menos, dado que confirma uma das hipóteses formuladas no estudo. Na comparação entre as três grandes áreas do conhecimento, não houve diferença estatisticamente significativa quanto ao repertório de HSE dos professores, o que demonstra que tal repertório independe da área de formação do docente. Por fim, o estudo colaborou com dados que preenchem lacunas existentes na literatura, ao possibilitar novas perguntas de pesquisa, contribuições metodológicas e a oportunidade de elaborar intervenções com professores universitários para proporcionar um aumento na satisfação acadêmica do aluno e consequentemente sua permanência na universidade.

P66- HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS E O PAPEL DO PROFESSOR COMO DIFERENCIAL NO DESENVOLVIMENTO E NA FORMAÇÃO DO ALUNO ESTIGMATIZADO

Camilla dos Santos Cordeiro da Silva (Faculdade Cenecista de Itaboraí - FACNEC), Ana Maria Nunes El Achkar (Faculdade Cenecista de Itaboraí - FACNEC)

No contexto escolar, observa-se a existência de professores com preparos mínimos para promover a aprendizagem dos alunos, restringindo assim o êxito da função social da escola em seu compromisso com o desenvolvimento de seus educandos. O objetivo geral deste estudo investigou se os professores da amostra tinham conhecimento do que vem a ser Habilidades Sociais Educativas (HSE) e o que se entende por aluno estigmatizado. Como objetivos específicos, buscou-se: a. definir o que são habilidades sociais educativas; b. destacar as características de um professor habilidoso; c. identificar o que vem a ser aluno estigmatizado; d. apresentar possibilidades de uma relação direta entre as habilidades sociais educativas e o desenvolvimento do aluno ao evitar estigmatizá-lo como aluno problema. Alicerçado

sobre a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano - TBDH, a pesquisa procurou evidenciar uma compreensão das HSE no contexto do tempo e da evolução do ser humano no ambiente onde está inserido, pois por não ter conhecimento que as dificuldades de aprendizado de seus alunos podem ser problemas orgânicos, sociais, psicológicos e outros muitos professores acabam estigmatizando esses alunos como alunos problema. Como metodologia, fez-se uso de uma pesquisa qualitativa, com recorte transversal, dispondo como amostra 5 professores de turmas do 1º, 2º, 3º ano do Ensino Fundamental I de uma escola privada do município de Itaboraí, no Estado do Rio de Janeiro e em exercício de função o ano de 2017. Como instrumento foi utilizado um questionário autoaplicável contendo 6 questões abertas que permitiram identificar a presença ou a ausência de HSE na amostra pesquisada e qual a relação entre essas habilidades e o desempenho acadêmico de alunos estigmatizados. A exemplo dessas questões temos: a. Qual o seu conhecimento sobre o tema Habilidades Sociais Educativas? b. Quais estratégias procura utilizar para interagir com os alunos durante as suas aulas? c. Que comportamento (s) o aluno manifesta que você considera como prejudicial para seu desempenho escolar? d. O que você entende por aluno estigmatizado? Os resultados evidenciaram que uma grande parte dos docentes não tem conhecimento sobre o que são HSE e nem do que vem a ser um aluno estigmatizado. Contudo, os resultados apontam que, pelos professores não se comportarem de forma habilidosa na maior parte do tempo, atitudes dos alunos, a exemplo de desmotivação, desinteresse e agressividade, podem fazer com que estes mesmos professores os perceba de forma negativa e os estigmatize como alunos problema. O estudo conclui que a ausência do uso de comportamentos habilidosos por parte dos professores tem uma relação direta com o desempenho escolar de alunos que são estigmatizados. A pesquisa colaborou com a identificação da presença ou ausência de HSE em um grupo de professores, apresentando de que forma a presença destas habilidades favorecem o desempenho acadêmico de alunos, ao mesmo tempo em que podem vir a resguardá-los de serem estigmatizados. Este estudo trouxe importantes apontamentos e colaborações ao campo de pesquisa em HSE, inclusive que uso das mesmas é tão importante que já está incluso na Base Nacional Comum Curricular.

P67- HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS PARA PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL: LEVANTAMENTO DE CARACTERÍSTICAS RELEVANTES PARA FORMAÇÃO CONTINUADA

Ana Paula Bissi Godoy (UNIFEV), Prof. Dra. Talita Pereira Dias (UNIFEV)

O professor tem fundamental importância no desenvolvimento socioemocional dos alunos e desenvolver habilidades sociais educativas pode favorecer que o professor desempenhe esse papel. No entanto, na maioria das vezes, tal profissional não é capacitado para isso em sua formação inicial. Nesse sentido, há a necessidade da

realização de investimento na formação continuada dos professores para o aprimoramento de suas habilidades interpessoais que poderão auxiliar em melhores interações promovendo o desenvolvimento e aprendizagem dos alunos. A necessidade de uma formação continuada para o professor é reconhecida como de grande importância e para o seu planejamento, deve-se levar em conta a demanda dos professores, as necessidades de ensino e os objetivos com o intuito de aprimorar seu desenvolvimento profissional. Esta pesquisa teve como objetivo levantar aspectos relevantes, na perspectiva do professor, que seriam a base para o planejamento de uma capacitação potencialmente atrativa, viável e efetiva. Participaram do estudo 41 professores de crianças em idade pré-escolar de escolas públicas de Educação Infantil. Os participantes responderam ao questionário com nove questões, sobre o nível de participação dos professores em capacitações, seus temas de interesse, grau de importância a que atribuem a estas, e características importantes que acreditam serem necessárias para uma boa capacitação assim como aspectos que podem prejudicar o interesse na realização destas. Os resultados indicaram que as características positivas de uma capacitação citadas pelos professores foram: tema estar de acordo com a realidade escolar (16), serem práticas e dinâmicas (16), e ter conteúdos atualizados e profissionais capacitados (9). Já as características negativas mencionadas foram: assuntos já tratados em capacitações anteriores (8), pouco dinâmica e interativa (8) e o tema não condizer com o cotidiano escolar (7). Quanto aos temas de maior interesse pelos professores, foram mencionados: a ludicidade no âmbito escolar (20), estratégias para a educação inclusiva (13) e indisciplina (12). Sobre as principais dificuldades no cotidiano escolar, foram citadas: indisciplina e agressividade das crianças (21), falta de interesse e atenção dos alunos (11) e falta de compromisso da família na escola (11). Com relação às expectativas dos profissionais, foram elencados: auxílio no estabelecimento de melhores relacionamentos (13), melhora no desempenho profissional (6) e troca de experiência entre os profissionais (4). Esses achados trazem subsídios para o planejamento de capacitação em habilidades sociais com maior potencial de atratividade, engajamento e efetividade para os professores. Esses professores, ao desenvolverem habilidades educativas, estarão mais aptos a criarem situações interativas e educativas para o desenvolvimento de habilidades sociais em seus alunos, ainda em idade pré-escolar. Isso é de extrema importância, pois a promoção de habilidades sociais nos primeiros anos na escola podem contribuir para interações sociais saudáveis que podem contribuir para uma trajetória desenvolvimental positiva, em curto, médio e longo prazo.

P68- HABILIDADES SOCIAIS NA TRANSIÇÃO ENTRE O PRIMEIRO E O SEGUNDO CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Cynthia Cassoni (FFCLRP - USP), Edna Maria Marturano (FMRP - USP) e Anne Marie Fontaine (FPCE - Universidade do Porto)

No sistema educacional brasileiro, os alunos fazem uma transição de ciclo, entre o Ensino Fundamental I e o Ensino Fundamental II, quando passam do 5º para o 6º ano. A estrutura de sala de aula com um único professor é então substituída por um sistema com diferentes professores para diferentes disciplinas. Além disso, a transição pode implicar em mudança de escola, afetando a configuração do grupo de pares. Pesquisas sugerem que algumas crianças podem encontrar dificuldade nos novos relacionamentos com professores e colegas, realçando a relevância das habilidades sociais (HS) nesse cenário. Este estudo prospectivo com duas coletas de dados, no 5º e no 6º ano, foi realizado com o objetivo de comparar as HS auto avaliadas pelos alunos antes e depois da transição. Devido à natureza do desafio, esperava-se encontrar diminuição nas HS após a transição. Esperava-se também uma redução menos pronunciada nas meninas, apontadas na literatura como socialmente mais habilidosas, dado que um repertório mais desenvolvido de HS poderia ser um facilitador no manejo das demandas interpessoais. A amostra foi formada por sorteio de turmas nas 15 escolas municipais de ensino fundamental de uma cidade do estado de São Paulo. Participaram 379 crianças (212 meninas) com média de idade inicial de 10,6 anos (DP = 0,91). Na segunda coleta de dados 304 tinham mudado para outra escola. Foi utilizado o Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais – SSSRS versão para auto avaliação do aluno. A estrutura fatorial do SSRS foi ajustada à amostra da pesquisa por meio de análise fatorial confirmatória, que indicou os fatores Responsabilidade e Empatia com índices satisfatórios de consistência interna. Os dados foram submetidos à ANOVA de medidas repetidas, tendo o sexo como fator covariado. Observou-se decréscimo nos escores de responsabilidade, empatia e total de habilidades sociais do 5º para o 6º ano, com tamanho de efeito médio. Constataram-se também diferenças significativas entre os sexos: as meninas apresentaram maior média que os meninos em todas as comparações, tanto no 5º como no 6º ano. Não houve efeito de interação entre tempo e sexo. Tais resultados sugerem efeitos adversos da transição, percebidos com o decréscimo das habilidades sociais auto avaliadas. Quanto às diferenças entre meninos e meninas, os resultados confirmam tendência encontrada em estudos que usaram o SSRS nas versões para pais e professores, dando vantagem às meninas. No entanto, contrariando a expectativa inicial, eles sugerem que meninos e meninas teriam sido afetados de forma semelhante neste contexto de transição escolar. As crianças se percebem com menos HS após a transição, independentemente de se avaliarem com um repertório mais ou menos desenvolvido antes desta. Uma possível limitação do estudo é o fato de haver apenas uma coleta de dados após a transição escolar, o que nos impede de observar no decorrer do tempo o efeito da transição sobre as habilidades sociais. Para maior compreensão sugere-se a inclusão de dados do contexto e escolar, particularmente a comparação entre resultados de crianças que permaneceram na mesma escola e crianças que na transição foram transferidas para outra escola.

P69- HABILIDADES SOCIAIS PROFISSIONAIS E BEM-ESTAR PESSOAL NAS ORGANIZAÇÕES: UM ESTUDO DE CORRELAÇÃO

Beatriz Zanatel (UFSCar), Elizabeth Barham (UFSCar)

A melhoria das condições de trabalho e do bem-estar dos trabalhadores está ligada à maximização de fatores que podem contribuir para um senso de significado e integração social e à minimização de impactos deletérios que o ambiente de trabalho pode causar nos membros da organização. Possivelmente, um fator que contribui para o bem-estar pessoal nas organizações envolve o uso de habilidades sociais neste contexto. Uma vez que não foram encontrados estudos com evidências empíricas sobre a contribuição das habilidades sociais para o bem-estar de trabalhadores, o objetivo desta pesquisa consistiu em examinar a relação entre habilidades sociais e bem-estar pessoal nas organizações. Os 51 participantes (36 mulheres e 15 homens) trabalhavam em uma organização do interior de São Paulo, possuíam entre 20 e 65 anos, e a maioria havia completado o ensino superior. Foram aplicados: (a) o Inventário de Habilidades Sociais – Del Prette, (b) o instrumento Bem-Estar Pessoal nas Organizações e (c) um questionário para obter dados sociodemográficos. Os dados descritivos para estas medidas foram examinados e a normalidade da distribuição dos escores em cada instrumento foi confirmada. Inicialmente, foram correlacionados os escores nos cinco fatores de Habilidades Sociais e nos dez fatores de Bem-Estar Pessoal nas Organizações. Foram encontradas apenas três correlações estatisticamente significativas, dentre 50 possíveis, revelando evidências fracas ao que concerne à hipótese de que existiria uma relação positiva entre habilidades sociais profissionais e bem-estar pessoal nas organizações. Tendo em vista que o instrumento de Habilidades Sociais não mensura especificamente habilidades sociais profissionais, foi feita uma segunda análise, correlacionando escores em itens selecionados deste instrumento que envolviam o ambiente de trabalho, com escores nos fatores de Bem-Estar Pessoal nas Organizações. Foram encontradas seis correlações estatisticamente significativas, dentre 90 que eram possíveis. Por fim, além dos itens previamente selecionados do instrumento de Habilidades Sociais, foram selecionados itens do questionário de Bem-Estar Pessoal nas Organizações que abordavam o contexto de relações interpessoais. Foram observadas 18 correlações estatisticamente significativas dentre as 99 correlações que eram possíveis. Além disso, várias das correlações significativas eram negativas (maior uso de determinadas habilidades sociais estava associada com alguns indicadores de menor bem-estar). Os resultados obtidos não corroboram com a hipótese, uma vez que não era previsto ausência de relação entre os construtos de habilidades sociais profissionais e bem-estar pessoal nas organizações, nem a possibilidade de relações negativas. Pode-se afirmar, no entanto, que existem particularidades do contexto de trabalho que devem ser examinadas, tais como: o predomínio de relações formais, hierárquicas e competitivas. Além disso, a amostra apresenta pouca variação em termos de categoria profissional e escolaridade, o que pode ter influenciado nos resultados. Verifica-se uma possível necessidade de elaboração de um instrumento específico para mensurar habilidades sociais profissionais, levando-se em conta as normas que guiam interações neste contexto e que afetam a percepção de competência social. Estes cuidados serão importantes em estudos futuros acerca da temática, dado que os resultados do presente estudo não confirmaram a hipótese inicialmente apresentada.

P70- HORTAS COMUNITÁRIAS URBANAS EM BOTUCATU: O DESPERTAR DE HABILIDADES SOCIAIS E SUSTENTABILIDADE

Nathália Ramos Zanin (Faculdades Integradas de Botucatu), Priscila Sales Picoli (Faculdades Integradas de Botucatu), Nilza Pinheiro dos Santos (Faculdades Integradas de Botucatu)

O estudo tem por objetivo apresentar as capacidades de melhora nos aspectos econômico, social e sustentável das hortas comunitárias de manejo sustentável local e revelar o potencial motivador para desenvolvimento de habilidades sociais e despertar da educação ambiental com vistas na valorização da sustentabilidade e responsabilidade social. Metodologia para desenvolvimento deste trabalho valemo-nos da abordagem bibliográfica, documental e relato de uma experiência vivenciada no município de Botucatu, foram identificados os significados atribuídos pelos autores em relação à promoção dos valores embutidos nos objetivos da pesquisa. Em 12 de Julho de 2016 foi sancionada a Lei nº 5849 que cria o Programa “Horta Comunitária” no município. Botucatu possui 14 hortas comunitárias em bairros distintos, e estão distribuídas em locais em que convivem famílias em situação de vulnerabilidade e risco social, baixa renda e terrenos públicos em desuso. Foi realizado mapeamento das regiões das hortas comunitárias e levantamento de indicadores demonstrativos que proporcionaram as transformações econômicas, sociais e ambientais ocorridas após a instalação da horta comunitária, além de analisar o potencial de habilidades sociais que podem ser desenvolvidas durante o programa. Resultados O programa “Horta Comunitária”, se caracteriza como um programa de sustentabilidade e despertar de habilidades sociais por se tratar de uma ação de melhoria das condições de vida dos sujeitos envolvidos, uma vez que atende 23 famílias diretamente e proporciona a geração de renda de aproximadamente R$37,50 a R$ 750,00 por semana. As hortas atingem o número de 1548 consumidores por mês, e através do caráter social das hortas comunitárias, muitos benefícios têm sido alcançados pelas comunidades que apoiam essa iniciativa, tais como, habilidades sociais foram atribuídas como benefício, o desenvolvimento de técnicas de cultivo agroecológico, permacultura e conhecimento de novas espécies de alimentos e plantas. Além disso, os processos de cotidianos fortalecem as relações sociais na comunidade, e o aporte econômico como geração de renda e o baixo custo de compra. Considerações Finais A potencialidade do Programa “Horta Comunitária” de manejo sustentável no município de Botucatu em promover as prerrogativas essenciais das habilidades sociais e sustentabilidade foi nítida e tem cumprido o objetivo de atender as demandas sociais dos beneficiários além de possibilitar a promoção do desenvolvimento social e sustentável, porém entende-se que há necessidade de ampliar o investimento em melhorias para aumentar a abrangência do programa afim beneficiar mais pessoas. Atualmente o município conta com a Secretaria Municipal de Agricultura como gestor direto do programa, o Conselho Municipal de Segurança Alimentar e Secretaria Municipal de Assistência Social como parceiros no desenvolvimento do programa.

P71- IDENTIFICAÇÃO DO REPERTÓRIO DEFICITÁRIO DE HABILIDADES SOCIAIS EM UMA AMOSTRA DE ESTUDANTES DE ENSINO SUPERIOR

Mariana Debortoli Scheffer (IMED), Daniela Via (IMED), Jackeline de Souza Toledo (IMED), Júlia Gonçalves Pereira (IMED), Vitória Pan (IMED), Marcia Fortes Wagner (IMED)

Habilidades Sociais podem ser consideradas como uma classe de respostas aprendidas e que compõem o repertório comportamental do indivíduo, que possibilita agir e lidar de modo adequado nas mais diversas situações. Possuir um bom repertório de Habilidades Sociais pode ser o diferencial para o desenvolvimento de uma carreira profissional. No campo pessoal, as habilidades sociais estão relacionadas aos comportamentos dos indivíduos, tais como iniciar, manter e encerrar conversas, além de portar-se adequadamente nas diferentes situações sociais, propiciando relações interpessoais mais saudáveis. No contexto universitário, a capacidade em exercer as habilidades interpessoais e o falar em público é imprescindível para um melhor desempenho acadêmico e social. A literatura refere que a necessidade de o indivíduo apresentar suas habilidades sociais no campo acadêmico vão além do foco profissional e ajustamento acadêmico. O presente trabalho tem como intuito avaliar o repertório de habilidades sociais em estudantes universitários. É um estudo quantitativo, observacional. A amostra foi constituída por 62 estudantes de uma instituição de ensino superior do Rio Grande do Sul. O estudo foi avaliado e autorizado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da IMED e a aplicação dos instrumentos ocorreu de forma individual e coletiva. Os instrumentos utilizados foram: Ficha de dados sociodemográficos e Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del Prette), instrumento com 38 itens de autorelato para aferir o repertório de habilidades sociais usualmente requerido em uma amostra de situações cotidianas. Apresenta cinco fatores: Fator 1- enfrentamento e autoafirmação com risco; Fator 2- autoafirmação na expressão de sentimento positivo; Fator 3- conversação e desenvoltura social; Fator 4- auto exposição a desconhecidos e situações novas; e Fator 5- autocontrole da agressividade, possuindo consistência interna satisfatória (α=0,75). Do total da amostra, 74,2% (n=46) eram mulheres, enquanto 25,8% (n=16) homens, com média de idade de 28,08 anos (DP=10,27). Quanto ao estado civil, 75,8% (n=47) eram solteiros; 14,5% (n=9) casados; 4,8% (n=3) divorciados; e 4,8% (n=3) com união estável. Nos resultados do IHS-Del Prette, 54,8% (n= 34) sujeitos apresentaram indicação para treinamento de habilidades sociais no escore total. Em relação aos escores fatoriais, a Autoafirmação na expressão de afeto positivo (F2) evidenciou maior índice de repertório deficitário de habilidades sociais com 66,1% (n=41) dos sujeitos, seguido da Conversação e desenvoltura social (F3) com 48,4% (n=30). Enfrentamento e autoafirmação com risco (F1), apresentou 32,3% (n=20) sujeitos com repertório deficitário, enquanto Autocontrole da agressividade em situações aversivas (F5) obteve 30,6% (n=19). Autoexposição a desconhecidos ou a situações novas e aversivas (F4) foi o fator que se apresentou mais preservado, com

um menor índice de déficits nesta amostra, com 11,3% (n=7). Os resultados identificaram a presença de um repertório deficitário nas habilidades sociais na amostra de acadêmicos investigada, demonstrando indicação para treinamento de habilidades sociais. Conclui-se que os achados do presente trabalho apresentam relevante contribuição para a área, em especial no campo das habilidades sociais em estudantes universitários, destacando o papel das instituições de ensino superior para além da formação técnica, no intuito de estimular o bem-estar físico e psicológico dos indivíduos, bem como desenvolver um processo de socialização saudável, sendo fator de proteção para possíveis prejuízos no desempenho acadêmico.

P72- INTERAÇÕES SOCIAIS ONLINE: UMA ANÁLISE DOS COMPORTAMENTOS DE USUÁRIOS E FATORES DE PERSONALIDADE

Amanda Spanghero de Oliveira (Centro Universitário Barão de Mauá), Laryssa Guerreiro Avelino (Centro Universitário Barão de Mauá), Alessandra Ackel Rodrigues (Centro Universitário Barão de Mauá)

A habilidade de socializar-se de forma positiva é de extrema importância no cotidiano, pois este é repleto de situações em que o relacionamento interpessoal é necessário. Habilidades sociais se caracterizam por um agrupamento de capacidades comportamentais que abrangem interações com o outro, sendo necessárias em qualquer contexto ou ambiente no qual o indivíduo interaja. Apresentar comportamentos hábeis e assertivos permitem que o indivíduo relacione-se de maneira saudável, evitando problemas futuros, com menor ansiedade, boa resolutividade de adversidades e capacidade favorável de negociação. Este estudo objetivou descrever comportamentos sociais de usuários de *internet* e analisá-los em função de características de personalidade, mais especificamente o fator socialização. A coleta de dados foi realizada na plataforma virtual "*TypeForm*", na qual os 336 participantes acessaram o TCLE e preencheram um questionário e o inventário dos cinco fatores de personalidade (IGFP-5), dos quais foram extraídas informações sociodemográficas, de comportamento *online*, socialização e perfis de personalidade. Os dados foram analisados no IBM-SPSS versão 22 por meio do teste não-paramétrico de Mann-Whitney, comparando-se os escores do IGFP-5 para diferentes perguntas sobre comportamento *online* e socialização. A amostra da pesquisa foi composta por pessoas maiores de 18 anos, sendo 68,2% mulheres, 63,7% estavam em relacionamentos amorosos, todas possuíam pelo menos uma rede social, sendo que a via de acesso principal à *internet* foi o celular (86,6%), 40,2% julgavam ter mais amigos no meio virtual do que fora dele, 33,6% consideravam que não tinham facilidade de conversar com desconhecidos, 31,3% apontaram não ter facilidade de iniciar amizades e, devido a ciúmes, os participantes afirmaram que já tiveram dificuldades com relacionamentos de amizade (53,6%) e amorosos (65,8%). Os fatores de personalidade foram avaliados com base na teoria dos cinco grandes

fatores (Big Five) e o fator socialização mostrou-se significativamente menor entre os participantes que se sentiram ameaçados (M=33,32; p=0,007) e ameaçaram pessoas *online* (M=31,88; p=0,001), criaram perfis falsos em redes sociais (M=33,23; p=0,009), foram hostilizados *online* (M=32,73; p=0,000), discutiram por divergências de crenças ou opiniões (M=33,24 p=0,000), sentiram-se ofendidos ou magoados *online* (M=33,63 p=0,049) e ofenderam ou magoaram pessoas (M=32,82 p=0,000), publicaram conteúdos sem autorização (M=33,10; p=0,047). Tais dados sugerem que comportamentos prejudiciais ao outro são emitidos no meio virtual, o que pode levar a complicações emocionais e legais para os envolvidos. A internet é atualmente um meio importante de interação social, que pode em algumas circunstâncias suprimir o repertório de interação do indivíduo em outros espaços. Estudos sobre o comportamento *online* apontam que há um efeito desinibitivo neste ambiente, por meio do qual as pessoas tenderiam a se expressar no meio virtual de forma distinta do ambiente físico, emitindo, por exemplo, comportamentos prejudiciais ao outro em maior frequência devido a fatores como anonimato, ausência de consequências físicas para a ação e diluição de hierarquias sociais, levando a ideia de que as normas sociais não se aplicam neste contexto. Neste sentido, os dados deste estudo sugerem que é necessário melhor investigar este novo e importante campo de interação social proporcionado pelas redes sociais, bem como desenvolver programas de habilidades sociais para os usuários.

P73- INTERVENÇÃO GRUPAL PARA O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS NO AMBIENTE DE TRABALHO

Hellen Damas Martins (HCRP/USP), Elaine Cristina Minto (HCRP/USP, Maria Aparecida Prioli Bugliani (HCRP/USP), Ricardo Gorayeb (HCRP/USP)

O relacionamento interpessoal é uma das competências relevantes para o bom funcionamento das equipes de trabalho. O desenvolvimento de Habilidades Sociais neste contexto possibilita melhoria no clima organizacional e no bem-estar individual. Além disso, a competência interpessoal produz efeitos benéficos na motivação para o trabalho, no aumento da produtividade e diminui problemas de relacionamento entre os membros da equipe. O funcionário socialmente habilidoso, principalmente no contexto da saúde, também oferece uma assistência ao paciente com mais qualidade e melhor capacidade de manejar situações de conflito. Neste sentido, o desenvolvimento de intervenções em contexto grupal junto às equipes de trabalho é favorável, pois apresenta-se como estratégia para facilitar o desenvolvimento de habilidades, visto que estas podem ser adquiridas e aprimoradas ao longo da vida através de treinamento. Este resumo visa descrever uma intervenção em Habilidades Sociais para o trabalho em equipe oferecida para os funcionários de um hospital geral. A intervenção foi realizada por duas psicólogas contratadas e uma aprimoranda do Programa de Aprimoramento Profissional de Promoção de Saúde na Comunidade do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade

de São Paulo. A demanda para a realização desta surgiu a partir da solicitação dos gestores das equipes, devido às dificuldades de relacionamento entre os funcionários, principalmente. Foram desenvolvidos cinco encontros, com frequência quinzenal e duas horas de duração cada um. O grupo era fechado e a metodologia participativa. Foram utilizados recursos audiovisuais, dinâmicas de grupo e tarefas de casa. Os temas propostos para discussão e reflexão foram: autoconhecimento, comunicação eficaz (assertividade), relacionamento interpessoal, empatia e trabalho em equipe. Os temas foram elencados enquanto estratégia para motivar os funcionários a aplicarem no contexto do trabalho as habilidades, estabelecendo relações mais produtivas e assertivas tanto intra-equipes, quanto no atendimento aos pacientes do hospital. Além disso, a intervenção proporcionou o aprendizado de novas habilidades e o aprimoramento das existentes, possibilitando o desenvolvimento de empatia e ampliando o repertório de comportamento dos participantes na utilização de novas estratégias para resolução de conflitos. Ao final da intervenção ocorreu uma avaliação individual, escrita e anônima, para que os participantes pudessem se expressar quanto ao alcance dos objetivos, principais efeitos da intervenção tanto para a vida pessoal quanto a profissional, sugestões e críticas. Pôde-se observar que intervenções psicológicas em Habilidades Sociais podem representar para as equipes no contexto hospitalar um espaço de trocas de experiências, de aproximação e estreitamento de vínculo entre os colaboradores, de oportunidade para refletirem sobre as limitações e as qualidades individuais e em equipe, portanto a possibilidade de melhoria no funcionamento das equipes de trabalho.

P74- INTERVENÇÃO PARA A PROMOÇÃO DE RELAÇÕES SAUDÁVEIS ENTRE PAIS E FILHOS

Ana Carolina Gravena Vanalli (Universidade Federal do Triângulo Mineiro), Adriana Antunes Moreno (Universidade Federal do Triângulo Mineiro), Débora Francine Pelissari (Universidade Federal do Triângulo Mineiro), Elisandra Cristina de Oliveira (Universidade Federal do Triângulo Mineiro)

Introdução: A literatura tem apontado a importância do adequado relacionamento entre pais e filhos para a competência social de crianças. Neste sentido, os principais problemas apresentados pelas crianças são desencadeados pelo padrão de interação familiar que não favorece o desenvolvimento de sua competência social, sendo marcado por interações pessoais pobres em afetividade e comunicação. Desta forma, as competências infantis, tais como assertividade e expressão emocional, estariam correlacionadas às respostas do adulto para com elas, sendo importantes preditores de problemas de ajustamento na idade adulta. O ambiente familiar é o fator principal no desenvolvimento da criança, favorecendo a aquisição de comportamentos adequados, pois os pais são os principais mediadores entre a criança e o mundo, são eles que ensinam as crianças a serem seguras, a terem boa autoestima, a resolverem seus problemas. Objetivo: Tendo em vista a importância do relacionamento adequado

entre pais e filhos, realizou-se um grupo de intervenção com pais que se queixavam de comportamento inadequado de seus filhos, a fim de promover mudanças positivas no relacionamento familiar. Metodologia: Participaram desse estudo oito pais e mães de crianças de cinco a dez anos, frequentadores de uma Unidade Básica de Saúde de um município de pequeno porte do interior do Estado de São Paulo. Foram realizadas entrevistas de triagens junto aos pais, a fim de levantar as principais queixas em relação aos filhos e, a partir destas, planejar um grupo de intervenção que possibilitasse melhorias no relacionamento familiar. Além disso, foram coletados dados sobre as mudanças de comportamento dos pais e filhos, por meio dos relatos dos pais durante e após o término do processo de intervenção em grupo. Antes e após a intervenção em grupo também foram aplicados os seguintes instrumentos de coleta de dados: Inventário de Estilos Parentais (Gomide, 2003), Escala de Autoestima (Rosenberg, 1965), Escala de Estresse (Cohen & Williamson, 1998) e Escala de Custos pessoais (CARNET, 1993).A intervenção com os pais foi realizada em oito sessões nas quais foram abordados os seguintes temas: desenvolvimento infantil, regras e limites, comunicação, afetividade, autoestima, entre outros. Resultados: Os dados provenientes das escalas foram analisados de forma quantitativa e os relatos dos pais de forma qualitativa. Obtiveram-se como resultado mudanças positivas no comportamento tanto dos pais quanto dos filhos, identificadas por uma interação familiar permeada por maiores níveis de afetividade e comunicação, bem como melhor adesão dos filhos às regras e limites. Verificou-se que a ocorrência das mudanças positivas está intimamente relacionada à auto-percepção dos pais quanto aos seus próprios comportamentos, ao passo que foram capazes de ter uma reflexão mais acurada sobre a qualidade da interação no papel de educador. A partir disso, houve uma repercussão direta na interação e no comportamento de seus filhos, promovendo melhora no desempenho acadêmico, autoestima, como também no sentimento de segurança.

P75- INVESTIGAÇÃO DA ASSERTIVIDADE EM RELAÇÃO AO GÊNERO: EXISTE DIFERENÇA?

Karla Karolayne Oliveira da Silva (Centro Universitário de João Pessoa), Silvana Q. C. Carvalho (Centro Universitário de João Pessoa), Charlene N. N. A. Gouveia (Centro Universitário de João Pessoa), Karla K. O. Silva (Centro Universitário de João Pessoa), Waleska K. R. Macêdo (Centro Universitário de João Pessoa), Gabriela Cabral Vieira (Centro Universitário de João Pessoa), Paula D. G. de Lira (Centro Universitário de João Pessoa), Rayanne Galdino Guimarães (Centro Universitário de João Pessoa)

Em todas as áreas da vida do indivíduo se faz necessário um bom desempenho social, no sentido de que possa haver o desenvolvimento e a manutenção de relações satisfatórias, duradouras e gratificantes. As Habilidades Sociais (HS) são um conjunto de comportamentos que garantem ao indivíduo um desempenho social satisfatório,

bem como sucesso em uma tarefa social. A assertividade surge como um equilíbrio entre o comportamento passivo e agressivo, sendo, assim, a capacidade de expressar os sentimentos de maneira adequada, respeitando o próprio interesse e, também, o direito do outro, obtendo como consequência relações interpessoais favoráveis. Nesse sentido, o presente estudo teve como objetivo verificar se existe diferença entre a assertividade de homens e mulheres. Participaram do estudo 300 estudantes universitários de uma Instituição de Ensino Superior da Paraíba, sendo 52,7% do sexo feminino e 47,3 % do masculino, com idade entre 18 e 47 anos (M = 21,73; DP = 4,85). Em relação ao estado civil houve uma prevalência dos solteiros (82%), seguido dos casados (15%). Foram utilizados dois instrumentos: (1) o questionário sociodemográfico, contendo perguntas objetivas; e (2) a Escala de Assertividade Rathus, composta por 30 itens e validada para o Brasil por Pasquali e Gouveia. Quanto ao procedimento de coleta de dados, este foi realizado nas salas de aula, de forma coletiva, mas garantindo ao participante o sigilo da sua identidade. O estudo foi realizado considerando-se os aspectos éticos pertinentes a pesquisas envolvendo seres humanos, de acordo com a Resolução nº 466/12. Os dados foram analisados por meio da estatística descritiva e inferencial, sendo processados pelo pacote estatístico SPSS (Statistical Package for Social Sciences) em sua versão 20.0. No mais, foi utilizado o teste não paramétrico Mann-Whitney para verificar se existia diferença entre os homens e mulheres no que tange a assertividade. Os resultados encontrados apontam que não existe diferença significativa em relação ao gênero (Z= -1,72; p> 0,05). Tais resultados corroboram que a ideia que as habilidades sociais, especificamente a subclasse de assertividade, não está associada diretamente a questões biológicas e sim comportamentais. Dessa forma, pode-se corroborar com os autores que definem a assertividade como comportamentos que são aprendidos e, dessa forma, não estão ligados a natureza fisiológica do indivíduo. Os dados da presente pesquisa podem indicar mudanças de práticas culturais, nos quais cada vez mais mulheres são incentivadas a se imporem e a lutarem por seus direitos, não existindo diferença entre os gêneros. Portanto, sugere-se que novos estudos sejam realizados com outras ferramentas de investigação da assertividade como uma forma de entender mais esse construto.

P76- MEDO DE FALAR EM PÚBLICO: SINTOMAS DO TRANSTORNO DE ANSIEDADE SOCIAL NO CONTEXTO ACADÊMICO

Mariana Debortoli Scheffer (IMED), Elsa Zanette Tallamini (IMED), Marjana Gasparin (IMED), Ricardo Muza de Almeida (IMED), Roberta Bilibio Westphalen (IMED), Marcia Fortes Wagner (IMED)

O Transtorno de Ansiedade Social (TAS) se caracteriza por medo acentuado e persistente, em situações de interação social, nas quais o indivíduo apresenta hipersensibilidade à crítica ou à avaliação negativa dos demais, gerando resposta de fuga e esquiva de situações ansiogênicas. É um quadro clínico que traz inúmeros

prejuízos e interfere nos relacionamentos interpessoais. O objetivo do presente trabalho foi avaliar a presença de sintomas do TAS e o consequente repertório deficitário de habilidades sociais em alunos do ensino superior. A amostra foi constituída por 134 universitários de uma instituição privada de ensino superior do Rio Grande do Sul, sendo 73,1% do gênero feminino (n = 98) e 26,9% do gênero masculino (n = 36), com idade entre 18 a 50 anos (M = 26,83 anos; DP = 9,32). Após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, os alunos foram convidados a participar do estudo, sendo informados da garantia de anonimato quanto às informações coletadas. Após o aceite para participar, eles assinavam um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A aplicação dos instrumentos foi individual e coletiva, na instituição, de acordo com a disponibilidade dos sujeitos, e as informações foram organizadas em um Banco de Dados do Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), versão 22.0. Os instrumentos utilizados foram: Ficha de dados sociodemográficos e Questionário de Ansiedade Social para Adultos (CASO), instrumento de 30 itens que avalia o grau de mal-estar, tensão ou nervosismo que o indivíduo apresenta em diferentes situações sociais. Apresenta consistência interna altamente satisfatória (α = 0,93) e uma estrutura de cinco fatores, a saber: Fator 1 - Falar em público e interação com pessoas em posição de autoridade, Fator 2 - Interação com o sexo oposto, Fator 3- Estar em evidência e fazer papel de ridículo, Fator 4- Interação com pessoas desconhecidas e Fator 5 - Expressão assertiva de incômodo, desagrado ou tédio. Da amostra total, 41,8% (n=56) apresentaram sintomas do TAS, de acordo com o CASO. O Fator 1 obteve a média mais elevada (M = 19,51; DP = 4,08), seguido do Fator 5 (M = 19,19; DP = 6,21). Então, seguiram o Fator 4 (M = 18,99; DP = 4,29) e o Fator 2 (M = 18,19; DP = 5,66), enquanto o Fator 3 apresentou a menor média (M= 14,51; DP= 5,20). De acordo com a literatura, entre os sintomas mais comuns do TAS, encontra-se o medo de falar em público e, no contexto do ensino superior, pode ter implicações significativas e trazer prejuízos ao desempenho acadêmico, pela fuga e esquiva das situações interpessoais ansiogênicas. Os escores mais elevados no CASO, indicando níveis elevados de ansiedade social e presença do TAS, sugerem que os indivíduos da presente amostra apresentam um repertório empobrecido de habilidades sociais, o que pode afetar negativamente o seu desempenho social, suas habilidades de comunicação, percepções interpessoais e competência social. As limitações referem-se às características regionais dos sujeitos, sendo que amostras maiores e de outras regiões podem contribuir para o estudo do tema. Novos estudos que correlacionem os resultados do TAS com o desempenho acadêmico podem vir a agregar no mapeamento de necessidades de intervenção.

P77- MINDFULNESS E HABILIDADES SOCIAIS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Maria Paula de Aguiar Fracasso (Centro Universitário de João Pessoa), Charlene N. N. A. Gouveia (Centro Universitário de João Pessoa), Luiz C. S. Lopez (Centro

Universitário de João Pessoa), Silvana Q. C. Carvalho (Centro Universitário de João Pessoa), Aline P. N. de Oliveira (Centro Universitário de João Pessoa), Carolina da Costa Santos (Centro Universitário de João Pessoa)

Mindfulness é um traço de personalidade associado à consciência, momento a momento, de processos internos e externos, sejam eles derivados de experiências físicas, mentais ou emocionais. O conceito de mindfulness também pode ser aplicado às intervenções terapêuticas que objetivam a ampliação deste traço, e que fazem parte da terceira onda de terapias cognitivo-comportamentais. Por estar relacionado à diminuição da ansiedade e ao aumento do bem-estar subjetivo e da regulação emocional, espera-se que o treinamento em mindfulness interfira positivamente nas habilidades sociais. Essa pesquisa tem por objetivo identificar as relações existentes entre mindfulness e habilidades sociais presentes na literatura atual. A metodologia utilizada trata-se de uma revisão sistemática realizada nas bases de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e US National Library of Medicine (PubMed). Os descritores gerados para a busca empregaram os termos: mindfulness AND social skills; mindfulness AND habilidades sociais; e atenção plena AND habilidades sociais. Foram localizados 281 artigos, os quais tiveram os resumos analisados de acordo com critérios de inclusão e exclusão pré-estabelecidos. Artigos em português, inglês ou espanhol, publicados entre 2007 e 2017, com texto completo disponível, e que tratassem da temática abordada foram incluídos (7), enquanto produções em outras línguas, textos indisponíveis na íntegra, publicados há mais de 10 anos e estudos não pertinentes à temática foram excluídos (190), assim como produções repetidas (84). Também foram incluídas pesquisas relevantes citadas nas referências dos artigos selecionados (2), totalizando assim um banco de dados final contando com nove artigos. No que se refere a metodologia utilizada nos artigos pesquisados, o de maior prevalência foi o de intervenção (44%), seguido do tipo experimental (22%), revisão bibliográfica (22%) e revisão sistemática (11%). A amostragem variou entre amostras clínicas e não clínicas de diferentes idades (crianças, adolescentes, estudantes universitários, pais), sendo que a principal intervenção utilizada foi o treinamento em mindfulness. A maioria dos artigos analisados (56%) examinou mindfulness e as habilidades sociais de forma independente, sem investigar uma potencial correlação entre elas. No entanto, quatro artigos verificaram uma melhora significativa nas habilidades sociais após treinamento em mindfulness, sendo essa melhora verificada por meio de instrumentos aplicados antes e após a intervenção, como por exemplo Escala de Habilidades Sociales (EHS) e Social Skills Rating System (SSRS). Nossos resultados mostram que embora existam alguns artigos que apontem que o treinamento em mindfulness pode favorecer o desenvolvimento das habilidades sociais, esse é um campo ainda pouco explorado e que pode ser melhor investigado por futuras pesquisas correlacionais e principalmente experimentais.

P78- MONITORIA NO TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS EM ESTUDANTES DE PSICOLOGIA DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR PRIVADA DA PARAÍBA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Rosana Padilha do Nascimento (UNIPE/PB), Mirelle A. L. Silva (UNIPE/PB), Vanessa C. G. S. F. da Costa (UNIPE/PB), Charlene N. G. Nunes (UNIPE/PB), Silvana Q. C. Carvalho (UNIPE/PB)

O Treinamento de Habilidades Sociais (THS) é uma ferramenta importante no processo de desenvolvimento e/ou aprimoramento das Habilidades Sociais. Em grupo, torna-se possível aproximar indivíduos com déficits similares, permitindo desta forma que estes experienciem situações que contribuem de forma significativa na mudança de comportamento. Nesse contexto, a atuação do monitor torna-se relevante devido a necessidade de analisar os comportamentos dos participantes e de auxiliar nas intervenções necessárias que são decorrentes do grupo. O presente trabalho consiste em um relato da experiência vivenciada durante a monitoria do Projeto de Extensão “Treinamento de Habilidades Sociais” voltado para estudantes de Psicologia de uma instituição de ensino superior privada, na cidade de João Pessoa /PB, com carga horária de 60h (sessenta horas), correspondente ao semestre 2017.1, ministrado por duas professoras: uma facilitadora e outra co-facilitadora. Os monitores requisitados fazem parte do Projeto de Pesquisa em Habilidades Sociais, e estes por sua vez já participaram do THS em grupos anteriores. A experiência relatada corresponde ao THS realizado com um grupo de 14 estudantes e vivenciado em 10 encontros semanais com duração de 1 hora cada encontro. Estes foram sucedidos no contexto de sala de aula, estruturado com oficinas psicoeducativas e atividades práticas, tais como: role-playing e exercícios práticos. Dentre as Habilidades Sociais (HS) que se buscou desenvolver e aprimorar, estão: Direitos Humanos básicos, estabelecimento de relações sociais, assertividade, fazer e recusar pedidos, bem como fazer e receber elogios. Para tal, ao longo dos encontros reservava-se um momento inicial destinado a introduzir a HS que seria trabalhada, e ouvir os relatos dos participantes quanto as dificuldades ou facilidades que demandava a HS proposta. Em seguida, aplicava-se uma atividade prática com o objetivo de treinar àquela determinada HS. Por fim, procurava-se realizar um momento de avaliação do encontro, bem como propor uma tarefa semanal, que consistia em trabalhar as HS sugeridas. Durante as sessões, a função do monitor baseava-se no registro do nível de HS de cada participante, intervir pontualmente em determinadas situações, observar e anotar queixas apresentadas e relatos expressados pelos participantes, como também realizar o apontamento do progresso ou dificuldade apresentada em cada encontro, tornando-se, dessa forma, um facilitador no THS. Diante do que foi exposto, constata-se que a monitoria no THS, favorece a sensibilização do monitor para a importância das HS no estabelecimento das relações sociais diárias, bem como no desenvolvimento de um repertório socialmente mais habilidoso, e da eficácia do THS no que concerne ao bem-estar subjetivo do participante do treinamento. Destarte, da experiência enquanto monitor

de THS é possível indicar, que a atividade permite uma aproximação mais ampla com as HS e com sua aplicabilidade, contribuindo na formação e no aprendizado nesta área. Assim, conclui-se que a monitoria se faz importante na aprendizagem, repercutindo de maneira satisfatória, uma vez que proporciona o conhecimento e a reflexão dos comportamentos habilidosos.

P79- NÍVEL DE HABILIDADES SOCIAIS E ESTRESSE EM PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE JOÃO PESSOA

Karolayne Santos de Melo (UNIPE/PB), Alef C. C. Silva (UNIPE/PB), Rafaella K. O. Lima (UNIPE/PB), Charlene N. G. Nunes (UNIPE/PB), Silvana Q. C. Carvalho (UNIPE/PB)

Os indivíduos necessitam estar envolvidos em meios sociais, para garantir e promover seu desenvolvimento psicossocial. Desta forma, carece apresentar níveis de habilidades sociais para interagir e assegurar trocas entre si e o ambiente no qual está inserido. No entanto, expressar-se socialmente mediante as situações cotidianas torna-se um empecilho para algumas pessoas, que possuem dificuldade na manutenção de relacionamentos interpessoais. No campo organizacional essa habilidade é essencial, tendo em vista a necessidade de manter relações para realizar tarefas do ofício, mas algumas pessoas não detêm desta habilidade. Mediante possíveis problemas que possam comprometer no processo de estabelecimento de interação do sujeito com o seu âmbito, analisaremos o quanto o fator estresse se apresenta nas habilidades sociais em professores. Este estudo tem como objetivo principal verificar a correlação entre o nível de Habilidades Sociais e os índices de estresse em professores universitários. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de campo, de natureza quantitativa. Participaram 26 professores universitários de uma instituição privada de ensino superior de João Pessoa-PB, selecionados por meio de técnica de amostragem não-probabilística por conveniência. Os instrumentos utilizados foram um questionário sociodemográfico; as escalas Multidimensionais de Expressão Social (EMES-C, EMES-M), cada uma composta por 12 fatores, respondidas em escala likert de 0 a 4, onde maiores pontuações indicam menor nível de habilidades sociais; e a Escala de Estresse no trabalho (versão reduzida de LIPP), composta por 13 itens, respondidos em escala de 1 a 5. A coleta de dados ocorreu de forma individual, seguindo todos os procedimentos éticos referentes a pesquisas com seres humanos, conforme a Resolução 466/12. Os resultados foram analisados utilizando estatísticas descritiva e inferencial e processados por meio do pacote estatístico SPSS em sua versão 20.0. Para analisar os dados, foi utilizado o teste Rô de Spearman, onde se verificou a existência de correlação moderada entre o estresse e as habilidades sociais, no que contempla o campo cognitivo ($\rho=0,466$; $p<0,01$). Avaliando os fatores que compõem esse indicador verificou-se a relação do estresse com o medo de fazer e receber pedidos ($\rho=0,589$; $p<0,01$), com o medo da avaliação negativa ($\rho=0,403$; $p<0,05$) e medo de se expressar frente seus superiores ($\rho=0,461$;

p<0,01). Com relação ao domínio motor, não houve correlação significativa do índice total com o estresse (p>0,05). Entretanto, analisando os fatores, verificou-se correlação significativa apenas com o fator expressão de incômodo com os familiares (ρ=0,407; p<0,05). A partir dos achados da pesquisa, foi constato a correlação do estresse com as habilidades sociais, ou seja, quanto maior o estresse, menores habilidades sociais, interferindo assim em suas capacidades sociais. Estudos sobre Habilidades Sociais estão se ampliando, com intuito de identificar e promover melhores mecanismos que possam beneficiar o indivíduo no âmbito social, profissional e emocional, garantindo melhor qualidade de vida e bem-estar psicossocial.

P80- O OLHAR DE ENFERMEIROS PARA AS HABILIDADES SOCIAIS ENVOLVIDAS NA GERÊNCIA DO CUIDADO HOSPITALAR

Juliana Helena Montezeli (Universidade Estadual de Londrina), Maria do Carmo F. L. Haddad (Universidade Estadual de Londrina), Débora Luiza Montezeli (Universidade Estadual de Londrina)

O objetivo foi analisar a percepção de enfermeiros acerca da importância das habilidades sociais na prática da gerência do cuidado em um hospital. Método: o estudo se caracteriza como uma pesquisa qualitativa que foi realizada de janeiro de 2016 a abril de 2017, em um hospital-escola público do Norte do Paraná, com 15 enfermeiros (dois homens e 13 mulheres) de 25 a 48 anos, estatutários, escolhidos intencionalmente e que trabalhavam há pelo menos um ano durante o período diurno (manhã ou tarde) em diferentes setores (Unidade Masculina, Unidade Feminina, Unidade de Moléstias Infecciosas, Unidade de Terapia Intensiva I, Unidade de Terapia Intensiva II, Unidade de Terapia Intensiva Pediátrica, Unidade de Terapia Intensiva Neonatal, Pediatria, Maternidade, Centro de Tratamento de Queimados, Pronto Socorro, Centro Cirúrgico, Hemodinâmica, Hemocentro e Hemodiálise). Após aprovação do estudo pelo Comitê de Ética em Pesquisa, cada enfermeiro foi submetido a uma única entrevista semiestruturada audiogravada, norteada por três questões abertas, cujos depoimentos foram transcritos na íntegra e os dados foram tratados pela análise de conteúdo, compreendendo as etapas: pré-análise (organização do corpus textual, leitura flutuante e escolha dos recortes dos depoimentos a serem utilizados de acordo com o objetivo do estudo), exploração do material e tratamento dos resultados com as inferências e as interpretações. Os resultados foram obtidos mediante a análise de conteúdo que possibilitou a obtenção de três categorias empíricas: (1) Habilidades sociais essenciais, em que os participantes elencaram comunicação, tomada de decisão, solidariedade, feedback, assertividade, automonitoria, civilidade, expressão de sentimento positivo e empatia como eixos sustentadores das relações interpessoais requeridas à pratica gerencial; (2) Complementariedade entre as habilidades sociais, na qual os enfermeiros enfatizaram que, mesmo que tenham mencionado as habilidades sociais essenciais

em separado, elas se complementam nas relações cotidianas de sua prática gerencial; (3) Benefícios do uso profícuo das habilidades sociais na gerência do cuidado de enfermagem, destacando que o comportamento socialmente habilidoso melhora a fluidez do processo de trabalho hospitalar, proporciona a criação de vínculos entre os membros da equipe de enfermagem e multiprofissional, bem como favorece a gestão participativa pelo enfermeiro. Concluiu-se que os resultados reforçam que a gerência do cuidado de enfermagem é uma prática relacional, não linear e que requer do enfermeiro um repertório de habilidades sociais bem desenvolvido. Ainda, reafirmam que a atividade gerencial e a de cuidar propriamente dita não podem ser praticadas separadamente no processo de trabalho do enfermeiro. Embora os achados obtidos com este estudo possam fornecer subsídios para programas de treinamento de habilidades sociais, recomenda-se o aprofundamento desta investigação em outras realidades e por meio da aplicação de instrumentos psicológicos validados e específicos para a avaliação do repertório dos participantes, fornecendo, assim, indicadores mais objetivos, complementares e apropriados para futuras intervenções.

P81- O REPERTÓRIO SOCIAL E COMPORTAMENTAL DE ALUNOS DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL COM E SEM SINTOMAS GRAVES DE ESTRESSE

Daiane Nicola (Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino), Marta Regina Gonçalves Correia Zanini (UNIFAE e FMRP-USP), Miriam Batista dos Santos (UNIFAE) e Edna Maria Marturano (FMRP-USP)

O estresse infantil é uma reação do organismo frente às situações adversas ou até mesmo de felicidade intensa, com as quais a criança não tem condições de lidar. O estresse embora não seja um transtorno em si, pode comprometer a saúde física e mental das crianças, comprometendo o desenvolvimento. As habilidades sociais podem ser consideradas como um recurso pessoal útil para lidar com as fontes estressoras, pois instrumentaliza as crianças a lidar com os conflitos interpessoais de maneira satisfatória, de modo a diminuir ou eliminar a fonte estressora. Com isto, o presente trabalho tem como objetivo, descrever as habilidades sociais e problemas de comportamento de crianças que não apresentam sintomas de estresse e daquelas que apresentam sintomas graves de estresse. Foram participantes da pesquisa 130 crianças, que cursavam o primeiro ano do Ensino Fundamental de escolas públicas municipais de uma cidade do interior do estado de São Paulo, sendo 66 meninos e 64 meninas, com idade variando entre 5 anos e 8 meses a 7 anos e 8 meses e suas professoras, que participaram como informantes. As crianças responderam à Escala de Stress Infantil, e com base nos resultados do conjunto de sintomas apresentados, foram selecionadas aquelas com manifestações classificadas em sem estresse (n=62) e estresse em fase de quase exaustão (n=68). Ambos os grupos foram comparados em termos de autodefesa, asserção positiva, autocontrole,

responsabilidade e cooperação e cooperação com pares, problemas de comportamento externalizantes e internalizantes, fatores da escola Habilidades Sociais do Social Skills Rating System – versão para professores. O teste utilizado foi o t de Student, com 95% de nível confianças. Os resultados indicaram que as crianças sem estresse apresentaram maior repertório que o grupo com estresse em fase de quase exaustão em Autocontrole (t=3,256, p=0,001), Autodefesa (t=2,002, p<0,05) e Responsabilidade e cooperação (t=3,614, <0,001) e menos problemas de comportamento (t=-3,693, p<0,001). Não foram observadas diferenças em asserção positiva, cooperação com pares e problemas de comportamento internalizantes. Tais resultados corroboram com a expectativa de que crianças com melhor repertório social, no geral tendem a apresentar menos sintomas de estresse. As habilidades que diferiram entre os grupos sugerem maior facilidade das crianças sem estresse para lidar com os problemas de relacionamento interpessoal, o que é também comprovado pela diferença em problemas de comportamento externalizantes. Os resultados sugerem que a promoção de habilidades sociais de crianças que iniciam o Ensino Fundamental pode ser útil para a promoção de saúde e do desenvolvimento infaltil, com impacto imediato e a longo prazo.

P82- O TREINO ASSERTIVO E TREINO DE RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS COMO FACILITADORES PARA O MANEJO DA ANSIEDADE EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Camila Cristina Sanchez Dotta (Centro Universitário Central Paulista), Vanessa Nunes de Souza (Centro Universitário Central Paulista)

A ansiedade é um estado subjetivo de apreensão ou tensão relacionado à sensação de que algo está para acontecer, e também apresenta alterações fisiológicas e comportamentais, que podem ser benéficas em algumas situações, mas que podem comprometer a qualidade de vida quando é intensa. A ansiedade acaba por acarretar um sentimento que vem acompanhado de alterações fisiológicas e alterações comportamentais que podem ser benéficas para o indivíduo em algumas situações, mas que podem comprometer a qualidade de vida quando se tornam extremamente intensas. O treinamento assertivo e o treinamento de solução de problemas são componentes do treinamento em Habilidades Sociais. Estas estão associadas a condutas consideradas socialmente eficazes e podem ser entendidas como específicas à pessoa e à situação. O presente estudo teve como objetivo investigar a incidência de quadros de Ansiedade e o repertório de Habilidades Sociais, bem como a eficácia do treino assertivo e treino de resolução de problemas no manejo da ansiedade em alunos que frequentaram os períodos iniciais de um curso de Psicologia. Para isso, seis estudantes de um curso de Psicologia de uma universidade particular, com idade média de 22 (DP=2,4) anos, responderam ao Inventário de Ansiedade de Beck (BAI) e ao Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del Prette & Del Prette) em três momentos: antes da intervenção, após a intervenção e depois de 01

mês de uma intervenção em grupo, cujo foco foi o treinamento assertivo e de resolução de problemas. De acordo com os resultados obtidos no estudo, o treino assertivo e de resolução de problemas propiciaram ganhos com relação às habilidades sociais gerais dos graduandos em psicologia. Com relação ao fator de enfrentamento, os participantes do estudo obtiveram tendência a aumento das habilidades sociais. Com relação aos fatores autoafirmação e expressão de sentimentos positivos; conversação e desenvoltura social; auto exposição a desconhecidos os participantes obtiveram ganhos estatisticamente significativos após a intervenção. Em autocontrole da agressividade não houve ganhos estatisticamente significativos. A intervenção não foi capaz de alterar os níveis de ansiedade no grupo, o que provavelmente se justifica por conta de a ansiedade ser uma condição complexa e de difícil manejo, que se manifesta em vários níveis, tais como cognitivo, comportamental e afetivo. Acredita-se que a amostra obteve ganhos importantes com o treinamento assertivo e o treino de resolução de problemas, o que fez com que os participantes pudessem aprimorar e desenvolver o repertório de habilidades interpessoais sociais e assim, otimizar sua relação com o meio.

P83- O USO DA FERRAMENTA EDUCACIONAL MY WORLD PARA O TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS COM MÃES DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA

Mariani da Costa Ribas do Prado (Faculdade de Odontologia de Bauru- USP), Dagma Venturini Marques Abramides (Faculdade de Odontologia de Bauru- USP)

A deficiência auditiva (DA) é definida como a perda total ou parcial da audição. Pesquisas têm apontado que a presença de DA nos filhos constitui-se em uma importante variável que pode alterar as habilidades sociais educativas parentais (HSE-P). Neste sentido, o repertório de HSE-P tem sido alvo de programas de intervenção com o objetivo de desenvolver e/ou aprimorar as práticas consideradas positivas, visto que se constituem como fatores de proteção para o desenvolvimento de problemas de comportamento nos filhos. Dentre estes programas, o Treinamento de Habilidades Sociais (THS) tem sido bastante utilizado por ser considerado uma prática psicológica baseada em evidências. Este tipo de intervenção tem como ponto de partida a avaliação funcional dos comportamentos, buscando identificar as contingências que os determinam. Para isso, algumas técnicas possuem papel primordial, como a instrução, o ensaio comportamental e a tarefa de casa. Estudos vêm apontando a necessidade de ferramentas e técnicas que aproximem o THS do cotidiano dos participantes, favorecendo, assim, o engajamento dos pais e a generalização dos conteúdos desenvolvidos. No contexto da intervenção com famílias de crianças com DA, uma rede de profissionais denominada *IDA Institute* tem preconizado o uso de ferramentas durante o processo de reabilitação auditiva. Dentre estas, o *My World* vem se destacando por contemplar a utilização dos cenários de atividade diária. Diante disso, o presente estudo teve como objetivos propor a

utilização dos cenários da ferramenta *My World* para o treinamento de HSE-P com mães de crianças com DA e ampliar as ferramentas de apoio ao THS que incluam cenários de atividades diárias. Trata-se de um estudo descritivo a partir da análise dos relatos dos participantes, sendo realizado em duas etapas. Na etapa 1 os cenários e personagens da ferramenta foram avaliados quanto à possibilidade de seu uso com mães de crianças com DA. Na etapa 2 tal ferramenta foi utilizada durante o desenvolvimento de um programa de treinamento de HSE-P com mãe de crianças com DA. Participaram da etapa 1 três mães de crianças com DA com idade de 10 a 11 anos. Foi utilizado, para avaliação da ferramenta, um questionário. Propôs-se, a partir dos ambientes contidos na ferramenta, os seguintes cenários: casa, escola, shopping e uma área externa. Os personagens e objetos foram confeccionados de forma semelhante aos já existentes. Participaram da etapa 2 duas mães de crianças com DA com idade de 11 a 12 anos. Os cenários, personagens e objetos confeccionados na etapa 1 foram utilizados durante quatro encontros no decorrer do desenvolvimento de um Programa de Treinamento de HSE-P em diferentes momentos (apoio para apresentação das tarefas de casa, para a realização de ensaio comportamental e para identificação de repertórios de comportamentos). Observou-se, por meio dos relatos das mães, que os elementos da ferramenta *My World* parecem ter contribuído para que as mães identificassem mais concretamente dificuldades e facilidades na interação com seu filho, principalmente em relação ao ambiente doméstico, que foi o mais utilizado pelas participantes para demonstração das situações vivenciadas em seu cotidiano.

P84- O USO E O EFEITO DO TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS EM INTERVENÇÕES DE INDIVÍDUOS COM DEPRESSÃO

Vanessa Cristina de Góes e Silva Faustino da Costa (Centro Universitário de João Pessoa), Charlene N. N. A. Gouveia (Centro Universitário de João Pessoa), Rosana P. Nascimento (Centro Universitário de João Pessoa), Sara R. C. Morais (Centro Universitário de João Pessoa), Silvana Q. C. Carvalho (Centro Universitário de João Pessoa)

Aproximadamente 322 milhões de pessoas são acometidas por depressão no mundo, dentre essas encontram-se crianças, adolescentes, adultos e idosos. A depressão é um transtorno mental que afeta o físico, cognitivo e comportamento do indivíduo. Aspectos genéticos, ambientais, culturais e psicológicos estão envolvidos na etiologia desse transtorno. Indivíduos com depressão têm seu repertório de Habilidades Sociais prejudicado, e estas por sua vez, são consideradas como contribuintes para o início ou permanência do transtorno depressivo. Dessa forma, este estudo objetiva realizar uma revisão de literatura sobre o uso e o efeito do Treinamento de Habilidades Sociais em intervenções de pessoas com depressão. Na metodologia, foram utilizadas as bases de dados do PubMed, Medline e Lilacs, com a seguinte estratégia de busca: (Depression AND Intervention AND Social Skills). Foram incluídas

pesquisas em idiomas inglês, português e espanhol, publicadas no período de 2007 a 2017, realizadas com crianças, adolescentes, adultos e idosos, com metodologia de estudo experimental e que apresentam texto completo. No entanto, pesquisas que não estavam de acordo com o objetivo do estudo foram excluídas. Ao todo, foram encontrados 106 estudos, no qual foram excluídos 42 artigos repetidos, 42 publicações que não possuíam títulos adequados ao objetivo proposto, e 16 resumos cujo conteúdo não estava relacionado com a finalidade da pesquisa. No total, 06 artigos atenderam aos critérios de inclusão para análise. Os resultados dos estudos encontrados fornecem evidências positivas no que concerne ao uso e efeito do Treinamento de Habilidades Sociais em indivíduos acometidos por depressão. Nos resultados encontrados, foi constatado que pessoas com sintomas depressivos que haviam sido submetidas ao Treinamento de Habilidades Sociais, mostraram melhorias significativas no estilo de vida, e consequentemente, diminuição quanto aos sintomas do transtorno depressivo. Os resultados mostraram-se positivos em todas as populações estudadas, independente de idade ou gênero dos indivíduos. Os estudos mostraram que as intervenções comportamentais nos quais os indivíduos desenvolvem e aprimoram as Habilidades Sociais, são benéficas para a redução de sintomas depressivos. Dentre as pesquisas investigadas, observou-se uma nova modalidade de intervenção, no qual, o Treinamento de Habilidades Sociais é aplicado de forma online, apresentando como resposta, um resultado satisfatório na redução dos sintomas depressivos, proporcionando maior desempenho no funcionamento social do indivíduo, e dessa maneira, mostrando-se tão eficaz quanto o tratamento medicamentoso. À vista disso, torna-se plausível considerar a eficácia do Treinamento de Habilidades Sociais em intervenções de indivíduos com depressão. No entanto, a temática ainda é pouco debatida na literatura e poucos são os estudos clínicos controlados.

P85- OFICINAS EM GRUPO PARA O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS EM UNIVERSITÁRIOS: RELATO DE INTERVENÇÃO

Amanda Gonçalves (UFES), Fabiana Pinheiro Ramos (UFES), Ana Carla Pantoja Gomes (UFES), Juliana Nascimento Lucas (UFES)

Vencida a etapa de acesso a uma instituição de ensino superior, o estudante se vê diante de uma nova realidade na qual se fazem presentes inúmeros desafios, e a dificuldade de se ajustar às novas demandas pode causar muito sofrimento. É exigido do graduando um amplo conjunto de habilidades para lidar com as exigências que lhe são apresentadas. Nesse sentido, é importante realizar intervenções com essa população que contribuam para seu sucesso acadêmico. Descreve-se a proposta de Oficina de Habilidades Sociais desenvolvida no âmbito de um Projeto de Extensão (Serviço de Atendimento Psicológico ao Graduando) voltado ao atendimento das necessidades psicológicas da população universitária de uma instituição pública de

ensino superior. A divulgação das atividades é feita por meio do mailing da Pró-reitoria de Assistência Estudantil e de Cidadania da universidade, e os estudantes se inscrevem para participação de acordo com o interesse. As Oficinas são compostas de 8 encontros de 1 hora e meia de duração cada, sendo conduzidas por estudantes de graduação em Psicologia, supervisionados por professor, dentro da abordagem da clínica analítico-comportamental. O objetivo da oficina é ensinar estratégias interpessoais aos universitários, com o objetivo de melhorar a competência deles nas situações sociais, por meio da aquisição de novos comportamentos. No primeiro dia da oficina os estudantes marcam, em uma lista composta por 13 dimensões das habilidades sociais, aquelas que consideram que têm dificuldade (iniciar e manter conversações; falar em público; enfrentar críticas; dentre outras). Nos encontros em grupo são abordados, por meio de dinâmicas e vivências, os seguintes temas: definição e importância das habilidades sociais; dimensões das habilidades sociais; diferença entre comportamentos passivos, agressivos e assertivos; papel das crenças nas habilidades sociais; direitos humanos e habilidades sociais. Além disso, em diversas sessões é realizado o ensaio comportamental das principais dificuldades dos participantes, avaliadas no primeiro dia da oficina, que envolvem, sobretudo, o falar em público, devido à natureza das exigências acadêmicas de apresentação de trabalhos e seminários na graduação. Nos anos de 2015 e 2016 foram realizadas 5 Oficinas de Habilidades Sociais, com a participação de 28 estudantes, no total. Ao final das oficinas os participantes preenchiam um instrumento de avaliação da proposta da oficina, com questões em escala Likert de 1 a 5. Em relação à aprendizagem que tiveram sobre as habilidades sociais os estudantes avaliaram, na média, como 4,5; em relação ao aproveitamento que tiveram na oficina pontuaram com 4,1 de média; em relação à confiança em si mesmos no que se refere às habilidades sociais, avaliaram como 4, na média; e em relação a gostar de participar das oficinas os estudantes avaliaram como 4,8. Assim, a proposta implementada colaborou no desenvolvimento das habilidades sociais dos participantes, contribuindo, para melhor adaptação às exigências da vida acadêmica.

P86- PARA ALÉM DO DIAGNÓSTICO: USO DE HABILIDADES SOCIAIS EM UM GRUPO DE AUTOCUIDADO PARA PACIENTES COM HANSENÍASE

Thayla Marques da Silva (HCFMRP), Hellen Damas Martins (HCFMRP), Maria Aparecida Prioli Bugliani (HCFMRP), Ricardo Gorayeb (HCFMRP)

A hanseníase é uma doença infecto-contagiosa, considerada um grave problema de saúde pública no Brasil, e que carrega um estigma histórico que favorece o preconceito e discriminação das pessoas acometidas por ela. Esses fatores causam impactos psíquicos e sociais desde o diagnóstico, os quais precisam ser considerados no cuidado do paciente. Uma estratégia de ampliar o olhar sobre saúde pública e promover saúde são os grupos de autocuidados, estes favoreçam a troca de experiências e a autonomia das pessoas com hanseníase. Na visão do paciente de

forma integral, a psicologia pode oferecer espaço para o desenvolvimento de habilidades sociais, percebendo que estas são de extrema relevância para competência social e relacionamentos interpessoais saudáveis, auxiliando assim o combate ao preconceito. No Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (HCFMRP), acontece um exemplo de grupo de autocuidados, especificamente no ambulatório de dermatologia. O objetivo desse trabalho é descrever as intervenções da equipe de psicologia relacionadas às habilidades sociais em um grupo de autocuidados. O grupo é aberto para pacientes de hanseníase e acontece nos trinta minutos anteriores a consulta médica. É coordenado por uma equipe multiprofissional em que cada área de saber planeja e conduz o grupo durante um mês para os participantes, sendo estes pacientes e familiares que aguardam para consulta. As intervenções da psicologia são organizadas e dirigidas por duas psicólogas aprimorandas do Programa de Aprimoramento Profissional em Promoção de Saúde e uma psicóloga supervisora, contratada do hospital. Estas utilizam-se de materiais psicoeducativos, recursos audiovisuais e dinâmicas de grupo. As ações são planejadas de maneira a favorecer um espaço de troca de conhecimentos e fortalecimento de habilidades sociais. As principais habilidades sociais incluídas no tema são: comunicação assertiva, resolução de problema, competência social, autoconhecimento; estas são apresentadas junto a relação de cada uma com o impacto do diagnóstico de hanseníase, para assim oportunizar novos conhecimentos dos sujeitos e combater ao preconceito vivido de forma pessoal pelos participantes. Apesar da característica pontual e tempo curto do encontro, os participantes tendem a se mostrarem envolvidos com as temáticas propostas, participam ativamente e iniciam o processo de como aplicar tais habilidades para enfrentamento do preconceito. Conclui-se que a associação direta dos temas de habilidades em um espaço de conhecimento e escuta empática permite o enfrentamento de preconceito e discriminação vividos pelas pessoas acometidas pela hanseníase, podendo ser assim uma ação de promoção de saúde que favorece a autonomia e integralidade dos sujeitos.

P87- PEDAGOGO SOCIAL: UM AGENTE DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

Ana Claudia Rosa da Silva (FACNEC), Ana Maria Nunes El Achkar (FACNEC)

Entende-se que o campo da Pedagogia vem se transformando ao longo do tempo. Neste contexto de mudança, também se transforma o senso comum que considera os Pedagogos somente professores especialistas em lecionar para a educação infantil e os anos iniciais do Ensino Fundamental. Contudo, na verdade, o campo de atuação do Pedagogo tem adquirido vasta amplitude, a partir do fazer educativo em diferentes espaços de educação, sejam eles formais ou não formais. Este estudo apresentou algumas formas de atuação profissional do Pedagogo, tendo como ideia principal as funções que o Pedagogo Social realiza, mostrando a importância das habilidades sociais no processo de desenvolvimento psicossocial dos seres humanos. Além disso, procurou demonstrar como a participação do Pedagogo Social, em ambientes onde

existam indivíduos em situação de risco social, pode contribuir para a transformação e apreensão de saberes. O objetivo deste estudo foi o de apresentar o papel do Pedagogo Social no processo de desenvolvimento humano, seu campo de atuação, os métodos utilizados em seu trabalho e como é necessária a inserção desse profissional no meio social. Como metodologia de pesquisa, utilizou-se o estudo bibliográfico e uma pesquisa de campo, com entrevista e a observação de um espaço de atuação de uma Pedagoga Social, em um município da região metropolitana do Rio de Janeiro. A análise das informações obtidas na observação da realidade foi realizada com base na Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH). Os resultados apontaram para a compreensão de que o trabalho do Pedagogo Social visa à inserção do sujeito na sociedade, buscando sempre fazer uma intervenção pautada no contexto em que o individuo está inserido; é necessário que o Pedagogo Social faça uso de comportamentos habilidosos para construir pontes de relacionamentos e colaborar para que o sujeito em situação de vulnerabilidade se torne responsável por suas atitudes e obtenha resultados positivos diante da sociedade; para um Pedagogo Social desenvolver o seu papel, é necessário que tenha conhecimento dos contextos em que os indivíduos por ele orientados estão inseridos e o uso das as Habilidades Sociais aparecem como fatores de proteção colaborando positivamente em todo o processo. Com este estudo, conclui-se que o Pedagogo Social é, então, o profissional que procura unir as teorias e práticas educativas à necessidade social do indivíduo em situação de risco social, em um espaço de educação não-formal, como as ONGs, os presídios, os orfanatos, os locais com crianças em situação de rua, dentre outros. Esses espaços priorizam a questão social e afetiva do indivíduo assistido e os métodos de trabalho são voltados para a realidade da criança, do adolescente ou do adulto que recebe atenção. O Pedagogo Social tem por finalidade, a valorização do que o indivíduo trás em sua bagagem histórica, mostrando que existem maneiras de se viver em sociedade, de forma justa e igualitária, elevando a autoestima do socialmente fragilizado, reconhecendo seus limites e reconstruindo uma identidade social, intelectual e emocional. ao mesmo tempo em que repreende todo e qualquer tipo de sentimento violento ou intolerante para si.

P88- PROMOVENDO HABILIDADES SOCIAIS EM CRIANÇAS SUPERDOTADAS

Raíssa Ferreira Ávila (PUC/GO), Juliana Santos de Souza Hannum (PUC/GO)

Nos últimos anos a pesquisa qualitativa tem se tornado referência ao se trabalhar temáticas que elucidam o desenvolvimento humano, visto que essa metodologia de pesquisa busca elucidar e compreender os aspectos subjetivos do indivíduo que a compõe. Paralelo a isso as habilidades sociais tem se constituído uma ferramenta importante para desempenho social de crianças não só com o desenvolvimento típico, mas também com o desenvolvimento atípico, pois as dificuldades de relacionamentos sociais se desenvolvidas na infância, auxiliam esse sujeito enquanto adolescente e posteriormente como adulto social. Nesse sentido, o grupo de habilidades sociais

utilizou a metodologia de pesquisa-ação para fundamentar e elaborar suas atividades, visto que a pesquisa ação é um processo cíclico que inicia no planejamento, passa para a ação, em seguida se descreve ação executada com seus resultados e ao final avalia-se a ação desenvolvida sucessivas vezes durante todo o processo de pesquisa. Diante disso, vale ressaltar que esse tipo de pesquisa permite ao pesquisador constante avaliação do método adotado exigindo deste total envolvimento e comprometimento com a pesquisa. Portanto, o desenvolvimento de habilidades sociais no grupo, ocorreu de forma que cada voluntaria expunha sua percepção acerca da atividade realizada e quais necessidades surgiram no decorrer da atividade associado à teoria que fundamenta as habilidades sociais, afim de qualificar o trabalho desenvolvido no grupo em questão. Esse grupo tem por objetivo auxiliar crianças na aquisição de comportamentos assertivos, tais como: cooperação, empatia, civilidade, entre outros, no sentido de favorecer a construção e a manutenção de relacionamentos saudáveis e duradouros nos diversos espaços sociais que essa criança está inserida. Embora o estudo das habilidades sociais em pessoas com altas habilidades/superdotação seja carente de pesquisas, verifica-se a importância da comunidade científica e sociedade em geral se atentar para as necessidades desse público. Assim, o presente estudo elucida o desenvolvimento de habilidades sociais para um grupo de crianças entre 07 e 09 anos (sob a perpectiva do desenvolvimento humano, utilizando a metodologia de pesquisa ação), com indicativos de Altas Habilidades/Superdotação, inseridas no Programa de Referencia em Inclusão Social da Pontificia Universidade Catolica de Goias. Os resultados demostram que a pesquisa-ação possui contribuições e desafios para o desenvolvimento de habilidades sociais em crianças com indicativos de altas habilidades/superdotação em quatro eixos: a) Exige conhecimento teórico do pesquisador, b) Exige desenvolvimento teórico-prático no decorrer da pesquisa, c) Auxilia na solução de problemas e conflitos e d) na percepção de resultados assertivos e não assertivos. Portanto, necessita-se de mais estudos qualitativos que ampliem e fundamentem a prática subjetiva e coletiva no campo das Habilidades Sociais sob a perspectiva do desenvolvimento humano, familiar e social.

P89- POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO EM PSICOLOGIA EDUCACIONAL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Gabriella Barbosa Alves da Silva (UNIFEV), Talita Pereira Dias (UNIFEV)

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) constitui uma modalidade de escolarização com diferentes demandas para atuação de diferentes profissionais, entre eles o psicólogo educacional. A atuação desse profissional pode ser dirigida a promoção de condições que maximizem situações favoráveis de ensino e empoderamento dos estudantes por meio da promoção das habilidades sociais, buscando garantir o exercício da cidadania e ampliação de redes de relacionamento. O objetivo deste estudo foi descrever a experiência de um estágio em Psicologia Educacional realizada na sala de EJA com fins de minimizar a exclusão social, efetivar a cidadania, e a

conscientização quanto aos direitos sociais garantidos e hábitos de vida mais saudáveis, a partir da promoção de habilidades sociais e projetos interdisciplinares complementares. Foram realizados cinquenta e cinco encontros com duração média de três horas, com frequência semanal média de duas vezes na semana, com média de trinta e oito alunos matriculados, com idade entre 26 e 76 anos, de ambos os sexos. A partir do levantamento de demandas, por meio de observação e relatos de alunos e da professora, foram planejadas diferentes frentes de atuação, entre elas: (1) promoção de habilidades sociais por meio de vivências que focalizam: civilidade, expressão de sentimentos positivos, empatia, fazer amizades, habilidades de comunicação e assertividade (pedir e dar feedback nas relações sociais, manifestar opinião, fazer, aceitar e recusar pedidos, interagir com autoridades, falar em público), resolução de problemas, trabalho em grupo; (2) projeto “Viver bem e com dignidade” voltado para promoção de saúde, bem-estar, alimentação saudável, atividades físicas e cuidados com a higiene, por meio de um projeto interdisciplinar; (3) incentivo à cidadania e à inserção social e cultural, quanto ao reconhecimento dos direitos e deveres tanto os garantidos em lei, quanto os direitos interpessoais, humanos e o acesso á cultura e espaços públicos; (4) assessoria à professora, com o objetivo de desenvolver habilidades de planejamento de condições de ensino e manejo em sala de aula, por meio de feedbacks e acompanhamento nos horários de trabalho e planejamento curricular. Os resultados mostraram-se viáveis e eficazes na promoção de habilidades sociais (expressar sentimentos positivos, expor sua opinião, fazer e responder perguntas, defender direitos, entre outros); no exercício da cidadania, por meio do reconhecimento dos seus direitos e maior inserção em espaços públicos; formação de pensamento crítico e, estímulo a hábitos de vida mais saudáveis. Ressalta-se a importância da busca por práticas criativas, atrativas, viáveis e possivelmente eficazes que venham a acolher a heterogeneidade dos estudantes, compreendendo as histórias de vida, nível de aprendizagem e idade, condições essas que influenciam no desenvolvimento e aproveitamento dos conteúdos em sala de aula.

P90- PROFESSORES HABILIDOSOS QUE ATUAM COM METODOLOGIA DE PROJETOS: CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Élida Amaral Ribeiro (FACNEC), Ana Maria Nunes El Achkar (FACNEC)

O termo educação infantil se refere a uma etapa da educação básica destinada ao processo inicial de socialização das crianças e tem grande importância em relação às primeiras etapas do desenvolvimento humano. No contexto escolar, tem-se como propósito buscar a cada dia a melhoria na construção do conhecimento, promovendo assim maior absorção no processo de ensino e aprendizagem. O objetivo geral deste estudo foi o de apresentar de que forma os projetos da Educação Infantil podem auxiliar na estruturação do saber, como ele ocorre e até que ponto contribui para o

desenvolvimento da autonomia de cada aluno. Teve como objetivos específicos: 1. demonstrar que existe uma relação direta entre projetos e a construção de conhecimento; 2. definir o que são projetos na Educação Infantil; 3. destacar se existem dificuldades nos dias atuais para se atuar na Educação Infantil; 4. demonstrar que existe uma relação direta entre projetos e as informações adquiridas pelo estudo (educação formal) ou pela experiência vivida (educação informal); 5. qual repertório de comportamentos habilidosos um professor precisa ter ou adquirir para atuar de forma significativa com metodologia de projetos na Educação Infantil. A partir de um diálogo entre a Teoria de Projetos, Teoria Social Cognitiva e a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, buscou-se mostrar que existe uma relação direta entre o processo que constitui a metodologia de projetos e a construção de conhecimento, pois o desenvolvimento do indivíduo não pode ser estudado fora de seus contextos ou em um único contexto, já que o aluno é o centro do processo, todos os seus ambientes, sejam próximos os distais, devem ser valorizados. Para consolidar este estudo, foi utilizada como metodologia uma pesquisa qualitativa, com recorte transversal, tendo inicialmente como amostra 10 professores de Educação Infantil de escolas públicas municipais, localizadas nos Municípios de Rio Bonito, São Gonçalo e Tanguá, situados no Estado do Rio de Janeiro e em exercício de função no ano de 2017. Os resultados deixam claro que, a princípio, os professores que compuseram a amostra relataram só ter se apropriado do conceito de Habilidades Sociais a partir do contato com a pesquisa. Contudo, mesmo os professores não reconhecendo fazer uso de habilidades sociais em sua prática educativa, os resultados evidenciaram que professores que trabalham com aprendizagem por projetos em sua prática contribuem com o desempenho acadêmico dos seus alunos, pois estabelecem contextos interativos potencialmente educativos, arrumam o ambiente físico de forma com que os alunos possam melhor se relacionar, fazem uso de recursos como músicas, textos, jogos, entre outros para melhor interação dos discentes, alteraram distância e proximidades entre os alunos e/ou professor e aluno e mediam interações entre os educandos. Concluiu-se que toda a vivência do processo, não apenas a culminância é tão importante como as experiências que os alunos vão adquirindo. Afinal de contas, eles aprendem fazendo. Ou seja, fazem valer o “learn by doing”.

P91- PROMOÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS JUNTO A ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Ana Carolina Gravena Vanalli (UFTM), Danilo Forlini Basile (UFTM)

Habilidade Social (HS) é a denominação dada às diferentes classes de comportamentos sociais que contribuem para a qualidade e a efetividade das interações que um indivíduo estabelece com as pessoas a sua volta. As pessoas socialmente competentes tendem a apresentar relações pessoais e profissionais mais produtivas, satisfatórias e duradouras, além de melhor bem-estar físico e mental e bom funcionamento psicológico. Objetivo: Considerando-se a importância do desempenho social habilidoso nos diversos contextos nos quais o indivíduo se insere

e tendo ciência da possibilidade deste desempenho ser promovido ou aprimorado por meio do Treinamento de Habilidades Sociais (THS), surgiu a ideia de desenvolver e aplicar um programa de intervenção em Habilidades Sociais para estudantes universitários. Metodologia: a partir da demanda exposta pelos professores a respeito dos déficits em habilidades sociais apresentados pelos alunos de graduação dos cursos em que lecionavam, planejou-se e, mais tarde, realizou-se um programa de intervenção junto aos discentes dos cursos de graduação de uma instituição de ensino superior do interior do Estado de São Paulo, com o objetivo de promover reflexões a respeito da importância das habilidades de trabalho em grupo e comunicação interpessoal no percurso acadêmico, pessoal e profissional destes estudantes e levá-los a exercitar ou aprimorar estas habilidades. Para tal, foram realizados dois encontros de duas horas, com cada uma das turmas dos três cursos de graduação ofertados pela instituição (11 turmas com média de 12 a 15 alunos). O primeiro encontro teve como tema principal a comunicação básica e o relacionamento interpessoal em situações de interação acadêmica, profissional e familiar. O segundo encontro teve como tema principal o trabalho em grupo, sendo, neste encontro, desenvolvidas atividades que visavam à aquisição de habilidades sociais relativas ao adequado trabalho em equipe, resolução de problemas em grupo, mediação de conflitos e tomada de decisões. Para avaliar os resultados deste plano de intervenção foram utilizadas duas medidas: um questionário desenvolvido pelos autores do estudo, aplicado ao fim de cada um dos encontros, questionando os participantes sobre as habilidades exercitadas e as reflexões realizadas durante as atividades desenvolvidas e, como segundo meio de mensuração dos resultados da intervenção, buscou-se o relato verbal dos alunos ao fim de cada uma das atividades propostas. Resultados: Obteve-se que a grande maioria dos alunos considerou que o programa de intervenção foi capaz de levá-los a exercitar as habilidades sociais propostas nas sessões de intervenção e a refletir sobre a importância destas habilidades em sua vida pessoal e profissional. Considerações finais: grande parte dos alunos participantes sinalizou a motivação para aprofundar-se neste tema e a maioria relatou que gostaria de participar de encontros futuros para exercitar novas habilidades.

P92- PROMOÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS JUNTO A PRESTADORES DE PENAS ALTERNATIVAS

Ana Carolina Gravena Vanalli (UFTM), Janaina Frajacomo Silva (UFTM), Natalia Bimestre dos Reis (UFTM)

Em meio a esta complexa discussão sobre os rumos do sistema judiciário e prisional brasileiro surge uma alternativa para o cumprimento de pena para aqueles que se envolvem com atos criminosos. Estas são designadas como penas restritivas de direito, conhecidas como penas e medidas alternativas sendo destinadas a infratores considerados como de baixo potencial ofensivo. O objetivo principal das penas restritivas de direito é substituir ou restringir a aplicação de penas que privem a liberdade do indivíduo retirando desta a possibilidade de convivência comunitária e

familiar, sem que deixe de haver por parte do criminoso e da sociedade o reconhecimento do pagamento pelo crime cometido. Assim, a possibilidade de aplicação de penas e medidas alternativas se torna uma medida de grande importância, uma vez que, o encarceramento de indivíduos que cometeram delitos de menor potencial ofensivo não tem se mostrado eficiente para sua recuperação, dificultando a reinserção deste na sociedade posteriormente ao período de reclusão. A literatura vem apontando que déficits em habilidades sociais geram dificuldades e conflitos interpessoais, pior qualidade de vida e diversos problemas psicológicos. Desta forma, o Treinamento em Habilidades Sociais para prestadores de penas alternativas pode auxiliá-los a melhorar suas habilidades sociais e, desta forma, ampliar seu bom desempenho nas interações pessoais e profissionais Objetivo: Realizou-se uma intervenção em grupo com prestadores de serviço à comunidade em cumprimento de penas alternativas, com objetivo de avaliar a eficácia desta na aquisição de habilidades sociais. A pesquisa foi realizada por meio de uma parceria com a Central de Penas e Medidas Alternativas de um município de médio porte do interior do Estado de São Paulo. Metodologia: Foram entrevistados quinze prestadores, do sexo masculino de idades variadas, que haviam praticado diferentes delitos, a fim de identificar as problemáticas comuns por eles vivenciadas. Posteriormente, foram realizadas doze sessões de intervenção em grupo com duração de duas horas cada, a fim de promover o treinamento das habilidades sociais deficitárias. As sessões foram analisadas de forma a verificar as modificações nos pensamentos, sentimentos e comportamentos dos participantes durante a intervenção. No decorrer das sessões houve o compartilhamento das vivências, possibilitando a percepção dos comportamentos inadequados e a expansão das condutas assertivas. Resultados: Mediante os relatos dos participantes foi possível constatar mudanças positivas em relação às dificuldades de comunicação, as habilidades de traçar perspectivas futuras, controle da agressividade, manejo de situações adversas e em identificar alternativas mais assertivas para as problemáticas diárias. Considerações: Desta forma, constatou-se que uma intervenção terapêutica em grupo com indivíduos que cumprem penas alternativas pode possibilitar a promoção de habilidades sociais mais adequadas.

P93- PROMOÇÃO DE SAÚDE E DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS EM PACIENTES TABAGISTAS INTERNADOS EM UM HOSPITAL GERAL

Cassiana Moraes de Oliveira (HCRP/USP), Hellen Damas Martins (HCRP/USP), Thayla Marques da Silva (HCRP/USP), Elaine Cristina Minto (HCRP/USP), Ricardo Gorayeb (HCRP/USP)

As doenças tabaco-relacionadas são algumas das grandes causas das internações em hospitais. Neste sentido, intervenções relacionadas ao tratamento do tabagismo são oportunas para o cuidado integral do paciente. No entanto, observam-se

dificuldades na cessação do hábito de fumar, uma vez que esse está atrelado a diversas áreas da vida do indivíduo, podendo ser identificados déficits de Habilidades Sociais relacionados. Assim, intervenções de promoção de saúde para com esses pacientes em enfermaria são relevantes para proporcionar o desenvolvimento da competência social, para além de como lidar com os sintomas de abstinência durante a internação. A partir disso, este trabalho tem como objetivo apresentar uma intervenção que está sendo implantada com pacientes tabagistas internados em um hospital geral, que visa o desenvolvimento de Habilidades Sociais para lidar com os sintomas de abstinência durante o período de internação. Os atendimentos foram realizados por psicólogas aprimorandas do Programa de Aprimoramento Profissional em Promoção de Saúde, do Serviço de Psicologia do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. As intervenções são iniciadas após a emissão de pedidos de interconsulta por outros profissionais de saúde, atuantes nas enfermarias do hospital, para esses profissionais psicólogos. Em média, são realizados dois atendimentos, com duração em torno de 30 a 45 minutos cada. O número dos atendimentos pode variar de acordo com o tempo de internação. É previsto para o primeiro atendimento, de acordo com as condições clínicas do paciente, uma avaliação do histórico de vida com relação ao tabagismo, tentativas de cessação, intervenção breve psicoeducativa, de acordo com o estágio de prontidão para a mudança que ele se encontra e identificação de possíveis sintomas de abstinência durante a internação. O planejamento das próximas intervenções foi desenvolvido sob o enfoque no desenvolvimento de habilidades para manejo dos sintomas de abstinência e motivação para parar de fumar. Alguns destes sintomas, tais como irritabilidade e ansiedade, foram comumente apontados pelos pacientes como problema e fator causador de estresse. A partir disto, foram discutidas estratégias com o paciente para lidar com estes, visando à resolução de problemas, a fim de possibilitar a ampliação do repertório comportamental dos pacientes. Esta intervenção também favoreceu o desenvolvimento do autoconhecimento, ao disponibilizar um espaço para promoção de reflexões sobre o cigarro na história de vida do paciente e sobre o tipo de relação de dependência estabelecida, auxiliando na identificação dos fatores de risco individuais para o processo de cessação. Contudo, ao considerar que habilidades e comportamentos podem ser aprendidos, aprimorados e modificados, estas intervenções proporcionam aos pacientes uma possibilidade de aprender o autocontrole e de quebrar os comportamentos condicionados com o cigarro. O estresse, momentos de tédio, dificuldades de comunicação, entre outros, devem ser enfrentados de forma saudável, visto que o momento da internação apresenta-se estratégico para melhorar a qualidade de vida e reduzir agravos à saúde, além de motivar para a cessação ao tabaco definitiva.

P94- PROPOSTA VIVENCIAL PARA O ENSINO DA HABILIDADE SOCIAL DE FAZER AMIZADES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Valéria de Oliveira Duarte e Hellen Karolinni Rocha Souza (UNASP-EC), Ivana Gisel Casali (UNASP-EC)

As amizades, principalmente na infância, tem grande importância para o desenvolvimento social e emocional sendo indispensáveis para a aprendizagem de comportamentos sociais e expressividade emocional. A relação com os amigos cria um contexto de cooperação, constitui recursos emocionais para resolução de problemas e fornece modelo de padrões comportamentais. Fazer e manter amizades constitui uma das habilidades sociais relevates durante a infância, e depende de habilidades mais específicas, como fazer e responder perguntas, sugerir atividades, cumprimentar e apresentar-se, elogiar e aceitar elogios, oferecer ajuda e cooperar, iniciar e manter conversação. A dificuldade em fazer amizades, em contrapartida, pode ser ocasionada por déficits em algumas dessas habilidades. É preciso, portanto, que a criança tenha oportunidades para se relacionar, além de condições facilitadoras que favoreçam a aprendizagem da habilidade de fazer amizades. O uso da metodologia vivencial, dentre outras técnicas, facilita a aquisição de habilidades sociais. Com base nisso, o presente trabalho teve como objetivo elaborar uma vivência para o ensino da habilidade social de fazer amizades na educação Infantil com 10 crianças de ambos os sexos com idades entre 3 e 4 anos. A atividade, com o nome " Quer ser meu amigo?", visa mostrar às crianças que todas as pessoas são diferentes e compreender que pode haver amizade entre essas pessoas. A vivência se constituiu em uma roda onde todas as crianças estariam sentadas em um tapete com almofadas de frente para a TV e foi apresentado o video "A história de uma amizade", durante o vídeo as imagens dos personagens foram constantemente mostradas às crianças para que fizessem relação entre a história e a imagem dos personagens. Após o vídeo foram realizadas perguntas de reflexão sobre o comportamento dos personagens e a adequação social desses comportamentos. Posteriormente o professor mostrou novamente a imagem dos personagens para que as crianças descrevessem a personalidade de cada um, a diferença entre eles e que mesmo havendo diferenças é possivel qua haja amizade. Como sugestão de atividade as crianças iriam, em dupla, descrever o amiguinho e apresentá-lo a sala, podendo haver troca de parceiros. Os resultados obtidos após aplicar a vivência apontaram eficácia da atividade para o treinamento da habilidade de fazer amizades entre as crianças, que mostraram compreender a importância de ter amigos ainda que sejam diferentes deles. Percebeu-se como a habilidade de fazer amizade é importante na Educação Infantil, pois muitas crianças estão tendo contato com outras pessoas fora do núcleo familiar, por um tempo prolongado, pela primeira vez e muitas delas, por seus próprios instintos ou por serem muito tímidas, não sabem iniciar uma conversa.

P95- PSICOTERAPIA BREVE BASEADA NA ABORDAGEM RESILIENTE

Rosana Trindade Santos Rodrigues (UAM, SOBRARE), Andréia Aparecida Pires de Oliveira (UAM, SOBRARE), Patrícia Narcisia Rodrigues Pinheiro (UAM, SOBRARE), George Barbosa (UAM, SOBRARE)

Na abordagem teórica, que se embasa na TCC, organizada por Barbosa em 2009, e conhecida como Abordagem Resiliente (ARslnt), a resiliência é definida como a capacidade de balancear os domínios de crenças na presença de perigos e riscos psicossociais (somáticos e simbólicos), visando potencializar a identificação e interpretação dos processos intrínsecos nos eventos internos e externos que sucedem ao indivíduo em situação de estresse visando sua gestão e superação. A ARslnt expressa que a resiliência se constitui em oito Modelos de Crenças Determinantes (MCD) do comportamento resiliente: Autocontrole (AC), Análise de Contexto (ACxt), Autoconfiança (ACnf), Conquistar e Manter Pessoas (CMP), Empatia (EPT), Leitura Corporal (LC), Otimismo para com a Vida (OV) e Sentido de Vida (SV). Em 2014 Barbosa estruturou um conjunto de Estratégias em Cognição para Desenvolver Mudanças (ECDM) comportamentais em resiliência que embasaram a "Psicoterapia na Abordagem Resiliente" (PAR). Uma das propostas desta psicoterapia é desenvolver habilidades sociais, como a estratégica gestão e superação de adversidades psicossociais relacionadas com o elevado estresse. Objetivou-se nesta pesquisa verificar a aplicabilidade da metodologia PAR na clínica psicológica. Método: Pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso. 10 sessões de psicoterapia breve. Um participante. Local - CIS (Centro Integrado de Saúde) da UAM. Instrumentos: Entrevistas psicológicas para levantamento da demanda de atendimento; Escala QUEST_Resiliência para mapeamento e mensuração das crenças relativas à resiliência; Formulário para observação dos MCDs e análise das Mudanças em Curso nas Crenças (MCC), Questão Guia e Análise de Discurso Transcrito. Resultados: Emitido Palavra-Chave sobre a área de CMP nas sessões 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8 e 9. Condição da resiliência na Escala QUEST_Resiliência: Fraca face ao estresse. Padrão Comportamental diante do estresse: acatar as fontes e impactos do estresse. Emitido Palavra-Chave sobre MCD AC nas sessões 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 10. Condição de resiliência no QUEST_Resiliência: Fraca. Padrão Comportamental diante do estresse: atacar as fontes e seus impactos. Emitido Palavra-Chave sobre MCD ACxt nas sessões 2, 4, 5, 6, 7, 8 e 9. Condição no QUEST_Resiliência: Moderada face à adversidade. Padrão Comportamental diante do estresse: atacar as fontes. Emitido Palavra-Chave sobre MCD ACnf nas sessões 2, 5, 6, 8, 9 e 10. Condição de resiliência no QUEST_Resiliência: Boa face ao estresse. Padrão Comportamental: acatar. Emitido Palavra-Chave sobrea área OV nas sessões 5, 6, 8 e 9. QUEST_Resiliência: excelente. Padrão Comportamental: equilíbrio diante do estresse. Emitido Palavra-Chave sobre o MCD SV nas sessões 1 e 8. Condição de resiliência no QUEST_Resiliência: Boa perante ao estresse. Padrão Comportamental: acatar as fontes do estresse. Conclusões: As percepções do participante foram consideradas

significativas, pois demonstrou avançar quanto estar mais flexível para mudanças. Este processo de mudança de crenças, favoreceu mudanças comportamentais, como agir e se arriscar mais e interagir com outras pessoas visando estabelecer vínculos. Foi possível também concluir resultados denotando que, embora evidenciado poucas mudanças de crenças, tais foram significativas no que se refere a critérios defendidos nas habilidades sociais.

P96- RELAÇÃO ENTRE AS HABILIDADES SOCIAIS E A SATISFAÇÃO CONJUGAL: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Rosana Padilha do Nascimento (UNIPE), Mirelle Araújo Lira e Silva (UNIPE), Charlene Nayana Nunes Alves Gouveia (UNIPE), Silvana Queiroga da Costa Carvalho (UNIPE)

Nos últimos tempos, o aumento alarmante do número de divórcios vem ocorrendo não apenas no Brasil, como também nos demais países que têm o casamento como instituição familiar. Um determinante significativo para esse aumento no número de separações é a insatisfação conjugal, sendo essa, influenciada por fatores como: número de filhos, características de personalidade, sexo, grau de escolaridade e repertório de habilidades sociais dos cônjuges. Destaca-se a influência destas habilidades na interação conjugal, já que a experiência marital é primordial para o bem-estar do indivíduo e da família. Em contrapartida, uma relação matrimonial conflituosa influi na dinâmica familiar e no próprio comportamento dos cônjuges, contribuindo para o aumento da insatisfação no casamento, e consequentemente, para o aumento de divórcios. Dentre as habilidades sociais mais importantes para um relacionamento, seja ele de qualquer tipo, estão as habilidades sociais de comunicação, empáticas e de expressão de sentimentos. Dentro desse contexto, o presente estudo tem por objetivo analisar a relação apresentada na literatura especializa na área, entre as Habilidades Sociais e a satisfação conjugal. Para isso foi realizada uma revisão sistemática utilizando-se das bases de dados PubMed, Scielo, Lilacs e Medline, com a seguinte estratégia de busca: (Marital satisfaction AND Marriage AND Social skills). Os artigos em inglês, espanhol e português, publicados entre o período de 2007 a 2017 foram incluídos, enquanto que os artigos que não apresentaram relações com o objetivo em discussão foram excluídos. No total, foram encontrados 81 artigos, dentre eles, foram excluídos 4 publicações repetidas e 72 resumos por não estarem de acordo com a finalidade da pesquisa. No total, 5 artigos cumpriram com os critérios de inclusão para análise. Por meio da análise dos resultados foi possível verificar uma relação entre a satisfação conjugal e as habilidades sociais dos casais. Constatou-se que quanto maior o nível de habilidades sociais, maior a satisfação com o relacionamento conjugal do sujeito, sendo a expressividade de sentimentos e a empatia características marcantes para uma relação que proporcione bem estar matrimonial. Evidenciam-se diferenças de gênero quanto à importância das habilidades sociais para a percepção da satisfação no casamento. As habilidades de autocontrole da agressividade e expressividade de

sentimentos dos maridos foram correlacionadas de forma mais marcante, a com a satisfação conjugal das esposas. Assim como, as habilidades de assertividade e empatia das esposas foram mais associadas à satisfação conjugal dos maridos. Portanto, os resultados encontrados mostram uma estreita relação entre a satisfação conjugal e o próprio repertório de habilidades sociais, bem como entre sua satisfação conjugal e o repertório social de seus cônjuges. É importante destacar também que há muito a se investigar sobre o papel das habilidades sociais no contexto conjugal. Diante disto, salienta-se a necessidade de estudos que investiguem a contribuição do Treinamento de Habilidades Sociais em intervenções com caráter psicoterapêutico, com objetivo de desenvolver e aprimorar o repertório de Habilidades Sociais de casais, visando o aumento da satisfação conjugal, e, por conseguinte, a diminuição de divórcios.

P97- RELAÇÃO ENTRE HABILIDADES SOCIAIS E CARGOS DE GESTÃO

Rafaela Aparecida da Silva (UNIP), Denise Dascanio Natividade (UNIP)

Resumo: Com o advento da modernização e o crescimento organizacional as visões e as estratégicas de mercado precisaram ser ampliadas, as empresas necessitaram se adequar ao rápido crescimento industrial, aliado as demandas relacionadas as pessoas, consideradas como parte fundamental para obtenção de um bom resultado organizacional. Esse processo está diretamente relacionado a capacidade gestora e, dentre as competências para esse cargo estão a capacidade de coordenar e liderar pessoas, ter um bom manejo do estresse e conflitos, resolver problemas, tomar decisões, bem como trabalhar em equipe, predizendo certas competências em alguns requisitos como observar, ouvir, dar feedback, pedir mudança de comportamento, responder e fazer perguntas, dentre outras. Nesse cenário, destaca-se que somente a competência técnica e o esforço não são suficientes para lidar com essas demandas, dando destaque a novas competências, principalmente, as interpessoais e sociais. Assim, além de habilidades técnicas, tornaram-se mais valorizadas as competências para trabalhar em equipe, falar em público, resolver problemas, tomar decisões, comunicar-se de forma empática e assertiva, entre outras. Com isto, esta investigação tem por objetivo apresentar o Projeto de Pesquisa de Iniciação Cientifica, que está em andamento, intitulado: “Relação entre Habilidades Sociais e cargos de gestão”. Os objetivos do projeto são: descrever o repertório de habilidades sociais e suas subclasses em gestores industriais e comparar esse repertório com as habilidades de liderança. Para isto, participarão 8 gestores de uma indústria do interior do estado de São Paulo. Os instrumentos a serem utilizados são: Inventário de Habilidades Sociais – IHS-Del Prette (2001), para avaliar as habilidades sociais dos participantes e um Questionário de diagnóstico de competências de gestão, trata-se de um questionário com 69 perguntas envolvendo assuntos acerca das habilidades de liderança. Este estudo ainda está em fase de coleta de dados, no entanto, espera-

se que os resultados possam contribuir para identificar quais habilidades sociais são mais utilizadas por gestores e ainda identificar quais habilidades sociais são necessárias para uma atuação profissional mais competente. Além disse, estudos de avaliação de habilidades sociais no trabalho são escassos no Brasil, mais ainda quando se considera os cargos de gestão, com isto este estudo pretende suprir uma lacuna na literatura cientifica, bem como contribuir para que programas de intervenção, voltados para o trabalho sejam mais frequentes. Em linhas gerais, discute-se a diversidade teórica e metodológica em relação ao campo das habilidades sociais e trabalho, destacando a necessidade de mais estudos e a uniformidade dos conceitos na área.

P98- RELAÇÕES ENTRE GÊNERO E BRINCADEIRAS EM CRIANÇAS PRÉ-ESCOLARES: SUBSÍDIOS PARA PROGRAMAS DE HABILIDADES SOCIAIS INFANTIS

Renan Bandeira Dias (UNIFEV), Alencar Venâncio Silva Tognon (UNIFEV), Juliana Pinto dos Santos (UNIFEV), Talita Pereira Dias (UNIFEV)

O brincar é um dos comportamentos mais espontâneos na vida da criança e contribui, de maneira estruturada ou livre, para um desenvolvimento saudável, e através do brincar a criança compreende e interage com o mundo a sua volta e aprende a conviver em sociedade. A brincadeira pode ser uma atividade importante em situações que busquem a promoção de habilidades sociais na infância. Brinquedos e brincadeiras também desempenham uma função importante na construção de gênero, na formação de valores, desempenho de papéis e interações entre crianças de diferentes gêneros. Vale ressaltar que, existem poucos recursos específicos para essa população com objetivo de desenvolver habilidades sociais e desde muito cedo as crianças já sofrem influência cultural dos adultos com que convivem, que separam as brincadeiras cotidianas segundo o seu gênero. Um programa de habilidades sociais pode ser bem planejado considerando esses diversos aspectos e particularidades do brincar e assim planejar atividades lúdicas, de modo que nessas intervenções sejam eliminados preconceitos e estereótipos associados a cada gênero. Com base nisso, a presente pesquisa teve por objetivo identificar as brincadeiras mais frequentes em idade pré-escolar e analisar possíveis relações de gênero socialmente impostas, a fim de favorecer planejamento de programas de habilidades sociais com essa população. Foram elaborados questionários sobre as brincadeiras preferidas pelas crianças. Os instrumentos foram aplicados com 87 crianças de três a seis anos e seus respectivos pais, onde foram perguntadas para as crianças quais brincadeiras gostavam, e para os pais, quais brincadeiras seus filhos mais gostavam de brincar. Para análise, foram selecionadas as seis brincadeiras mais mencionadas pelos participantes. As respostas dos pais foram semelhantes às das crianças para ambos os sexos. As brincadeiras mais apontadas por crianças do sexo masculino foram: carrinho, super-heróis, bola, parque, pega-pega e esconde-

esconde. Já as meninas indicaram: bonecas, mamãe e filhinha/casinha, parque, bola, pega-pega, esconde-esconde. Os resultados mostraram que existe uma variação de escolhas a depender do gênero e apontaram que, em sua maioria, a preferência é por atividades socialmente nomeadas como “masculinas” e “femininas”. Isso reforça a ideia da “pressão cultural” por parte dos adultos a fim de diferenciar claramente os gêneros e separá-los durante as atividades, desde a primeira infância. Nesse sentido, atenta-se para a necessidade de planejar intervenções baseadas no favorecimento da maior integração entre os gêneros durante atividades lúdicas. Programas de habilidades sociais na infância poderiam combater os estereótipos atribuídos às brincadeiras infantis, de modo a oportunizar brincadeiras menos estereotipadas e com menor segregação, fortalecendo equidade entre os gêneros, em contextos lúdicos e livres de pressões culturais.

P99- RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UM PROGRAMA DE PROMOÇÃO DE HABILIDADE DE VIDA EM CRIANÇAS

Bruna Filliettaz Rios (USP), Isabela Pizzarro Rebessi (USP), Isabela Ferreira (USP), Juliana Maltoni (USP), Carmem Beatriz Neufeld (USP)

A Organização Mundial da Saúde (OMS), visando desenvolver em crianças e adolescentes comportamentos adaptativos e socialmente adequados, apresenta programas de ensino de Habilidades para a Vida. Essas habilidades podem ser agrupadas em três categorias que se complementam: habilidades sociais e interpessoais, habilidades cognitivas e habilidades de manejo de emoções. O desenvolvimento dessas habilidades visa promover nos indivíduos a capacidade de manejar com as demandas do cotidiano, apresentando comportamentos que beneficiam sua saúde. A utilização de interação grupal, dramatizações, dinâmicas de grupo, jogos, discussões e atividades em pequenos grupos, são ótimas estratégias para o ensino de habilidades para a vida. Esses programas possuem um importante papel preventivo, reduzindo comportamentos de risco à saúde. Levando em conta todos os aspectos dos programas de promoção em habilidades para a vida, o Laboratório de Pesquisa a Intervenção Cognitivo-comportamental da Universidade de São Paulo (LaPICC-USP) desenvolveu o Programa de Promoção de Habilidades para a Vida (PRHAVIDA), que tem sua base na Terapia Cognitivo-Comportamental, destinado a crianças de 8 a 10 anos e adolescentes de 12 a 14 anos. Este trabalho tem por objetivo relatar a experiência sobre os papéis de terapeuta e co-terapeuta no programa PRHAVIDA. Método: Esse é um relato de experiência referente a um ano atuando no PRHAVIDA e participando de dois grupos, um semestre como terapeuta e outro como co-terapeuta. Baseado nos relatos das sessões de cada grupo nesse período foi possível relatar as experiências e diferenças de cada um desses papéis. Resultado: Durante o período atuando primeiramente como terapeuta e posteriormente como co-terapeuta, foi possível perceber que ambos são papéis distintos e essenciais para o bom funcionamento do grupo. O terapeuta tem o papel

de comandar a sessão, trazer os tópicos a serem trabalhados e ditar o ritmo das atividades. O co-terapeuta é um auxiliar extremamente necessário, pois consegue manejar o grupo, prestar mais atenção nas demandas que surgem e complementar as ações do terapeuta. Mesmo que os papéis, teoricamente, só se diferenciam na hora de gerenciar a sessão, percebe-se que na prática, o terapeuta acaba por receber maiores responsabilidades e age como coordenador do grupo mesmo na hora dos planejamentos das sessões. Através das vivências com os grupos foi possível perceber que ter terapeuta e co-terapeuta alinhados é essencial para o funcionamento adequado do grupo, e que, portanto, estes devem planejar todas as sessões de forma conjunta. Conclusões: Não é possível fazer um grupo sem ambos os papéis: terapeuta e co-terapeuta, os quais devem atuar juntos e alinhados desde o planejamento das sessões até a execução das mesmas. Além disso, fica clara a importância que as ações dos terapeutas possuem para um bom desenvolvimento do programa. Além disso, o programa possibilita a atuação nos diferentes papeis, promovendo uma formação de terapeutas e co-terapeutas completa e de qualidade, uma vez que se aprende importantes ferramentas de manejo e desenvolve-se habilidades necessárias para uma boa coordenação de grupo.

P100- RELATOS MATERNOS SOBRE PRÁTICAS EDUCATIVAS E COMPORTAMENTOS DESAFIADORES DAS CRIANÇAS EM CONTEXTO DE UM PROGRAMA DE PREVENÇÃO UNIVERSAL

Elisa Rachel Pisani Altafim (USP), Jéssica da Costa Valdrighi (USP), Maria Beatriz Martins Linhares (USP)

As principais estratégias para prevenir maus-tratos infantis envolvem programas parentais que promovem melhoras nas práticas parentais nos cuidados e estabilidade entre pais e crianças. O presente estudo teve por objetivo examinar os conteúdos de relatos maternos, em contexto de um programa de prevenção universal em práticas educativas parentais, a fim de identificar: a) quais são os comportamentos desafiadores das crianças; b) como as mães se comportam diante desses comportamentos; c) quais estratégias elas relatavam que poderiam ser utilizadas; d) quais fatores de risco estavam presentes no cotidiano das crianças. Participaram 135 mães de crianças de três a oito anos, de ambos os sexos, residentes em Ribeirão Preto. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do HC FMRP-USP. Na intervenção foi utilizado o Programa ACT - Para Educar Crianças em Ambientes Seguros (Silva, 2009), que visa fortalecer práticas educativas positivas e prevenir violência e maus-tratos contra as crianças. O programa é composto por oito sessões em grupo semanais altamente interativas e após cada sessão as mães recebem uma tarefa de casa. Para a análise dos conteúdos de relatos foram utilizadas as respostas das mães às tarefas de casa referente às duas sessões (Compreenda os comportamentos de seus filhos; A violência na vida das crianças). As respostas foram transcritas na íntegra e foi realizada a análise do conteúdo temático por meio de um

sistema quanti-qualitativo (Biasoli-Alves, 1998). Os resultados demonstraram que os comportamentos desafiadores das crianças mais relatados pelas mães foram: fazer birra (19%), desobedecer a uma regra/instrução (16%), confronto entre pares (10%), comportamento de risco (10%), fazer bagunça ou arte (10%), e confronto entre pais/cuidadores (10%). Diante desses comportamentos as reações que as mães mais relataram foram: desregulação emocional/comportamental (41%), abuso físico (34%) e abuso psicológico (32%). Na próxima vez em que enfrentarem os mesmos comportamentos as mães identificaram que poderiam agir de forma diferente, prevalecendo respostas do tipo: necessidade de se acalmar (45%), aplicação de uma estratégia de disciplina positiva (38%) e conversa explicativa (37%). Os fatores de risco que as mães identificaram que as crianças vivenciaram na última semana foram os seguintes: ser exposta a gritos (75%), ver violência na TV (54%), apanhar/levar palmadas (38%), ser empurrado (22%), ver outras pessoas brigando (20%), ser xingado/ameaçado (16%) e ser ridicularizado (4%). Verifica-se que os comportamentos desafiadores mais relatados pelas mães foram fazer birra e desobedecer a uma regra/instrução e as mães relataram a utilização de práticas parentais negativas, principalmente de desregulação emocional/comportamental e abuso físico. As mães também reconheceram a necessidade de mudança de seus comportamentos, principalmente de se acalmarem e utilizarem estratégias de disciplina positiva. Além disso, verifica-se que a maioria das crianças estão expostas à gritos e violência na TV, que são fatores de risco para o desenvolvimento das crianças. Os achados confirmam a relevância do programa de intervenção preventiva universal em práticas educativas parentais e prevenção de violência contra crianças.

P101- REVISÃO SISTEMÁTICA DA BIBLIOGRAFIA SOBRE HABILIDADES SOCIAIS EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Adriana Benevides Soares, Ana Porto, Zeimara de Almeida Santos, Reivani C. Z. Buscacio e Clystine Abram O. Gomes

Estudos indicam que o construto das habilidades sociais tem sido associado a adaptação acadêmica e ao desempenho do aluno, tanto na entrada quanto na conclusão do estudante no curso de Ensino Superior e, posteriormente, na transição para o mercado de trabalho. Dada a importância das habilidades sociais na administração das dificuldades e exigências das atividades estudantis, interpessoais e sociais na vida acadêmica do estudante universitário, torna-se relevante analisar as produções científicas na área, a fim de quantificar e detalhar os estudos quanto aos métodos de pesquisa, participantes, instrumentos, tipos de análises e resultados dos estudos encontrados no Brasil. Nesse sentido, o objetivo do presente estudo foi realizar uma revisão bibliométrica de artigos que contemplassem as habilidades sociais em estudantes universitários brasileiros em periódicos nacionais entre os anos de 1991 a junho de 2013 nas principais bases de dados, LILACS, SciELO, Google Acadêmico, Pepsic e INDeX–Psi. Dos 932 artigos encontrados no período, este

estudo analisou 32. Foram excluídos artigos com populações de estudantes de outros níveis escolares ou que não tratassem do tema das HS e aqueles encontrados em mais de uma base, sendo analisados na íntegra. As palavras-chave utilizadas foram Habilidades Sociais, Competência social, Assertividade, Empatia, Relações Interpessoais associadas às palavras Ensino Superior, Graduandos, Estudantes Universitários. Entre os principais resultados pode-se destacar que o período entre 2001 e 2010 foi o que apresentou maior número de ocorrências de artigos publicados (N=18). No mesmo período, os destaques são para estudos com método empírico de caracterização N=10 (31,25%) e de intervenção N=6 (18,75%), delineamento correlacional N=9 (31,03%) e (N=16) estudos que utilizaram o Inventário de Habilidades Sociais (IHS) exclusivamente e/ou associado a algum outro instrumento. Em relação ao tipo e tamanho da amostra, a maioria não apresenta indicação de tipo de amostra (N=13) tendendo para estudos com estudantes universitários que estão no meio do curso (N=5), estudos que abordam todos os períodos do curso e iniciantes (N=4) cada um. De modo geral, os pesquisadores costumam utilizar amostras entre 40 e 200 sujeitos em seus estudos. Em relação ao tipo de habilidade social estudada, pode-se dizer que há uma prevalência forte por uma ou outra característica, sobressaindo-se estudos que consideram as habilidades sociais gerais contidas no IHS. De acordo com os resultados dos estudos, foram encontrados 26 artigos de caracterização e seis artigos de intervenção. Pôde-se concluir que há um crescente interesse pelo estudo do repertório de habilidades sociais em estudantes universitários, uma vez que este construto é importante para a adaptação acadêmica, vivências na universidade e podem ser protetivas das dificuldades encontradas consequentemente diminuindo a evasão universitária. Uma limitação do estudo foi a análise somente de artigos publicados. Faz-se necessário, portanto, mapear as habilidades sociais de estudantes universitários brasileiros em livros, capítulos de livros, teses e dissertações para um mapeamento mais amplo das pesquisas nacionais sobre o tema.

P102- REVISÃO SISTEMÁTICA SOBRE A APLICAÇÃO DE TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS EM ADOLESCENTES

Maria Luiza Birolli (UFMS), Vinicius Santos Ferreira (UFMS)

A adolescência tem sido um período alvo de diferentes estudos e pesquisadores, uma vez que, é considerada como um período de transição para a vida adulta, em que diferentes transformações ocorrem e situações são vivenciadas. Sendo assim, grupos de desenvolvimento de habilidades sociais em adolescentes têm se mostrado importantes para o ensino de habilidades para enfrentar os desafios típicos dessa idade. O presente trabalho buscou caracterizar estudos brasileiros que realizaram este tipo de intervenção, com populações e temas que não fossem específicos, mas sim gerais. Para isto foi feita uma busca nas seguintes bases de dados: Scielo, PePSIC, BVS Psicologia Brasil e Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da

Universidade de São Paulo (USP), utilizando as seguintes combinações de palavras-chaves: habilidades sociais/adolescência; habilidades sociais/adolescentes; habilidades de vida/adolescência; e habilidades de vida/adolescentes. É válido dizer que a busca foi feita a partir dos resumos e títulos. Após a seleção inicial dos resumos foram definidos dois critérios de seleção. O primeiro foi de que eles deveriam ter realizado um treinamento de habilidades sociais, excluindo então, os que não tinham intervenções, o que totalizou dezoito trabalhos, sendo estes artigos publicados, capítulos de livros e teses de doutorado. Posteriormente, utilizou-se como critério de exclusão os trabalhos que haviam realizado treinamentos com populações específicas como, por exemplo, adolescentes obesos, em situação de rua, vinculados a instituições profissionalizantes ou em vulnerabilidade social. Ainda, também foram excluídos os que continham intervenções focadas, por exemplo, para prevenção de violência ao namoro; programas de habilidades interpessoais e direitos sexuais e para inserção ocupacional. Assim, a revisão sistemática teve como resultado final seis trabalhos, sendo cinco artigos publicados e um capítulo de livro. Destas, três pesquisas localizadas foram realizadas no contexto escolar, uma em um espaço cedido por uma Universidade, outra em um Centro de Atenção Psicosocial Infanto Juvenil (CAPS) e a última em um Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI). A idade dos participantes, nos estudos, variava de onze a quinze anos e em um deles houve também a participação dos pais. Nas intervenções foram trabalhadas habilidades comuns como: modos de comunicação, empatia e expressão de sentimentos. Ainda é válido dizer que um dos estudos trabalhou ainda conhecimentos sobre sexualidade, pois considerava como algo ideal para a idade dos participantes. Todos os estudos tinham como objetivo avaliar o efeito destas intervenções e para isso utilizaram diferentes formas de avaliação como: inventários e escalas, diários de campo, folhas de registros, entrevistas, transcrições e Checklist. Como resultado, a maioria dos estudos relatou, pelo menos, indicativos de melhora em algumas habilidades e de alguns comportamentos, entretanto, um dos estudos obteve como resultado que apenas o conhecimento sobre sexualidade, ensinada durante a intervenção, apresentou melhora. Desta forma, conclui-se que o treinamento de habilidades sociais pode ser um instrumento efetivo no desenvolvimento de habilidades sociais em adolescentes. Essas habilidades são importantes para o enfrentamento dos desafios da adolescência e, posteriormente, da vida adulta.

P103- SEPARAÇÃO PARENTAL E O SEU IMPACTO NO REPERTÓRIO DE HABILIDADES SOCIAIS DOS FILHOS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Vanessa Cristina de Góes e Silva Faustino da Costa (UNIPÊ), Rafaella Kristinne Oliveira Lima (UNIPÊ), Silvana Queiroga da Costa Carvalho (UNIPÊ), Charlene Nayana Nunes Alves Gouveia (UNIPÊ)

O divórcio dos pais é um fenômeno que pode influenciar nos aspectos cognitivos e comportamentais dos filhos, em especial das crianças. A maneira pela qual os pais irão reagir, ante a separação, poderá ser um fator desencadeante para problemas comportamentais e sociais dos filhos. Diante disso, o presente estudo tem como objetivo, realizar uma revisão sistemática sobre o impacto da separação dos pais no repertório de Habilidades Sociais dos filhos. Para tanto, foram utilizadas as seguintes bases de dados: PubMed, Medline e Portal Periódico Capes. A estratégia empregada à busca refere-se a: (Social Skills AND Son or Children AND Divorce). Artigos cujo a pesquisa foi publicada no período de 2007 a 2017, e com idiomas português, inglês e espanhol, foram incluídos, à medida em que artigos que não apresentaram resultados com o objetivo em questão foram excluídos. No total, foram alcançados 293 artigos, dos quais foram eliminados 287, dentre estes, 01 publicação repetida, 225 produções em que os títulos não estavam adequados à pesquisa, e 61 resumos cujo conteúdo não correspondia com o objetivo proposto. Ao todo, 06 estudos atenderam aos critérios de inclusão para análise. Diante das pesquisas investigadas, pôde-se constatar o efeito do divórcio no que concerne às Habilidades Sociais dos filhos. Nos resultados apurados, foi comprovado o impacto negativo gerado pela separação parental, no qual os filhos apresentaram um baixo nível de Habilidades Sociais, em especial a relacionamentos interpessoais, autocontrole e expressão de sentimentos. Também foram encontrados problemas internalizantes e externalizantes nas crianças e adolescentes, em que o pai não mantinha um relacionamento de suporte, tais como: isolamento e retraimento social, como também comportamentos agressivos em contextos sociais, raiva e fúria. Em estudos realizados com adultos, foi observado que o impacto gerado pela separação parental na infância, repercutiu em sua vida adulta, onde estes demonstraram dificuldades em estabelecer relações interpessoais, e principalmente presença de deficiência no relacionamento entre pai e filho. Um outro fator relacional apresentado nos resultados analisados, refere-se ao uso de substâncias químicas entre os filhos de pais separados. Tais estudos apontam sobre o prejuízo da separação parental causada no comportamento social dos filhos, e especialmente se nesta estiver presente conflitos. Dessa maneira, deve-se considerar a necessidade de pesquisas que objetivem analisar a importância do divórcio pacífico entre os pais, e a devida atenção para com as necessidades dos filhos. Para que assim, possa prevenir futuros danos em seu repertório comportamental, bem como oferecer-lhes um ambiente em que favoreça o desenvolvimento e aprimoramento de suas Habilidades Sociais.

P104- SÍNDROME DE DOWN: O PAPEL DA AFETIVIDADE NO ESTABELECIMENTO DE VÍNCULO

Raissa Ferreira Ávila (PUC/GO), Cristiane de Paula (PUC/GO), Juliana Santos de Sousa Hannum (PUC/GO)

O processo de afetividade entre alunos e educadores (ensino-aprendizagem) sempre foi objeto de estudo das grandes teorias psicológicas. No entanto, podemos reafirmar que nas últimas duas décadas, o tema da afetividade passou a ter uma presença significativa na agenda de pesquisa de vários estudiosos da área educacional, e autores vinculados à Psicologia. Muitos deles trazem a definição de afetividade como um processo mais amplo, que se consolida ao longo do desenvolvimento humano, envolvendo vivências e formas de expressões mais complexas como as emoções, os sentimentos, as paixões e etc. Essas desenvolvem com a apropriação, pelo indivíduo, dos processos simbólicos da cultura, que vão possibilitar sua representação nos diversos espaços sociais em que o sujeito se insere. Sendo assim, as emoções estão presentes na subjetividade de cada voluntário e educando que participa do projeto. Nesse sentido, a afetividade é um elemento imprescindível nas relações interpessoais de qualquer pessoa, sobretudo para os SD, visto que em sua constituição genética, orgânica e cultural apresentam dificuldades na comunicação, por não conseguirem exteriorizar e compreender o outro de forma global, limitando suas relações sociais que poderiam ser construídas ao longo da vida. Sendo assim, é de suma relevância que o educador (voluntários), compreenda que ele representa um papel muito importante para o aluno, devendo respeitar as limitações e alcances no processo de aprendizagem cognitiva e emocional, além de todos os aspectos de personalidade. Assim, a pesquisa qualitativa na contemporaneidade tem se consolidado como uma metodologia teórico-prática eficaz para a análise da subjetividade e das percepções do sujeito e de grupos sociais, e se mostrou efetiva no projeto de extensão PUC Goiás, que auxilia crianças, adolescentes, jovens e adultos com síndrome de down na alfabetização e letramento, por meio de recursos computacionais. Diante disso, o presente estudo elucida a percepção dos voluntários, quanto à manifestação da afetividade nas expressões do comportamento durante as atividades do laboratório de informática. Para isso, o instrumento utilizado foi um questionário semiestruturado aplicado nos voluntários do projeto. Os dados dos questionários foram analisados qualitativamente por meio das percepções subjetivas de cada participante. Os resultados demonstram que a maioria dos voluntários compreendem a importância da afetividade no processo de aprendizagem e reconhecem a necessidade das pessoas com SD serem estimuladas através da afetividade, utilizando de atividades que os auxiliem na compreensão e na prática de comportamentos sociais assertivos de forma saudável, divertida, afetiva e que permita a generalização destes para outros contextos que o educando se inserir futuramente.

P105- TRABALHO DOCENTE NO ENSINO SUPERIOR: DIMENSÕES SOCIODEMOGRÁFICAS, PROFISSIONAIS E PSICOSSOCIAIS ANALISADAS EM FUNÇÃO DO ESTRESSE PERCEBIDO E BURNOUT

Andressa Parra de Sousa (Centro Universitário Barão de Mauá), Marlene de Cássia Trivellato Ferreira (Centro Universitário Barão de Mauá)

Na atualidade, a docência no ensino superior vem sendo foco de debates e pesquisas. Neste contexto, as relações interpessoais, as condições de trabalho e a sobrecarga de atividades influenciam o bem estar, saúde mental e qualidade de vida do docente. O presente estudo se propôs a caracterizar os professores do ensino superior de um Centro Universitário do interior de São Paulo, descrevendo seu perfil sociodemográfico, profissional e psicossocial, comparando-o em função dos níveis de estresse percebido e das dimensões exaustão, despersonalização e eficácia do burnout. Participaram 33 professores dos cursos da área da saúde e licenciatura do ensino noturno, que responderam um Roteiro com Informações Sociodemográficas, Profissionais e Psicossociais (RISPP), a Escala de Estresse Percebido (EPP) e a Maslach Burnout Inventory (MBI). Os dados foram analisados por estatística não-paramétrica no programa IBM-SPSS versão 22. A média de idade foi de 45,54 anos (± 9,72), a maioria dos participantes eram mulheres (60,6%), casadas (72,7%), tinham atividade de lazer (97%), relataram algum comprometimento de saúde (48,5%), estavam satisfeitas com a qualidade de vida (60,6%), dormiam de seis a oito horas diárias (51,5%), apresentaram doenças crônicas (21,2%), sentiam-se sobrecarregados com as demandas do trabalho docente (66,6%), lecionavam em mais de um curso (54,%), tinham de 11 a 20 anos de docência (45,5%), estavam satisfeitos com o trabalho e sentiam-se reconhecidos (97%). No entanto, 33,3% pensaram em abandonar o trabalho, 15,2% relataram dificuldades no relacionamento com colegas e 9,1% dificuldade no relacionamento com alunos. O valor médio encontrado para EEP foi 22,39 (±7,48) e no MBI, 22,48 (±5,84) para exaustão, 7,7 (±2,56) para despersonalização e 32,3 (±4,9) para eficácia. As comparações entre as variáveis realizadas com os testes de Mann-Whitney e Kruskal-Wallis não mostraram diferenças significativas entre os professores da área da saúde e da licenciatura. No geral, os níveis de estresse percebido e exaustão, respectivamente, foram maiores entre os professores que pensaram em abandonar o trabalho (M=28,81; p=0,001 e M=28,72; p=0,000), tinham comprometimento de saúde (M=26,5; p=0,004 e M=26,37; p=0,000) e se sentiam sobrecarregados com as demandas da vida acadêmica (M=25,09; p=0,011 e (M=24,81; p=0,005). Maior exaustão também foi encontrada entre professores insatisfeitos com a qualidade de vida (M=26,61; p=0,003). Os níveis de despersonalização foram menores para quem se dedicava exclusivamente a dar aulas (M=6,58; p=0,045) e maiores para quem já pensou em abandonar o trabalho (M=8,9; p=0,0054), sentia-se insatisfeito com a qualidade de vida (M=9; p=0,0031) e entre professores que ministravam 1 a 2 disciplinas (M=9,33; p=0,043). Por fim, o fator eficácia apresentou-se diminuído para aqueles docentes que tinham dificuldades de

relacionamento com alunos (M=25,33; p=0,029). Os resultados sugerem que a percepção de estresse, exaustão e despersonalização relacionaram-se às variáveis de saúde e demandas do trabalho docente, enquanto os níveis de eficácia apresentaram-se associados às dimensões dos relacionamentos interpessoais professor-aluno. A amostra do estudo corresponde a aproximadamente 10% dos docentes da instituição e, portanto, novos estudos são necessários. Sugere-se a implementação de intervenção para melhoria das condições de trabalho e de relacionamento, promovendo a qualidade de vida e saúde mental do docente.

P106- TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS COM UNIVERSITÁRIOS DE PSICOLOGIA

Marisangela Siqueira de Souza (UERJ), Ellen de Oliveira Moraes Senra (UERJ), Suyanne Cristina de Oliveira Nunes (Universidade Salgado de Oliveira), Adriana Benevides Soares (Universidade Salgado de Oliveira)

Estudos destacam o Treinamento de Habilidades Sociais (THS) como importante ferramenta para aprimorar o repertório de competências e Habilidades Sociais dos indivíduos. O presente estudo teve por objetivo avaliar a efetividade de um programa de Treinamento em HAbilidades Sociais para universitários em situações do contexto acadêmico. Participaram do Treinamento 12 universitários do curso de graduação em Psicologia de uma universidade pública no município do Rio de Janeiro. O Treinamento em Habilidades Sociais realizado foi de cunho psicoeducativo, pretendendo que seus participantes adquirissem e aprimorassem as Habilidades Sociais. O treinamento foi realizado em 10 sessões, cada uma com uma parte teórica e uma parte prática seguindo o padrão de instrumentação teórica, vivências e tarefas de casa, com exceção da primeira sessão, onde foi explicitado o objetivo do treinamento, assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e realizada a apresentação dos participantes e a última sessão onde foi realizada a avaliação do treinamento e a despedida dos participantes. As oito sessões intermediárias foram destinadas ao treinamento propriamente dito, sendo uma sessão para cada habilidade com os seguintes temas: falar em público, expor opiniões, fazer e recusar pedidos, solicitar mudança de comportamento, resolução de problemas, abordar colegas, expressar sentimentos e lidar com críticas. As sessões ocorreram uma vez por semana com duração de duas horas cada sendo conduzida por quatro facilitadoras em sala cedida pela Universidade. Todas as sessões foram gravadas e transcritas posteriormente ao Treinamento. Para o tratamento de dados foi utilizada a Análise de Conteúdo, além da observação e relatórios escritos a cada sessão. Foi realizado o exame de conteúdo das falas e sua categorização foi feita de acordo com as habilidades sociais correspondentes. Com o conjunto das falas buscou-se avaliar as percepções dos participantes antes, durante e depois de da sessão relacionada à habilidade mencionada. Observou-se que, em consonância com a literatura sobre o tema, o THS contribuiu de forma positiva para a promoção e desenvolvimento de

Habilidades Sociais de forma geral para o grupo de participantes, notando-se, entretanto, que alguns participantes apresentaram relatos de melhorias mais perceptíveis que outros e esta diferença pode ser atribuída ao maior engajamento destes indivíduos no processo de treinamento. Constatou-se ainda que algumas Habilidades Sociais foram melhor percebidas pelos participantes como ganhos como a habilidade de Expor Opinião e Falar em Público. Os relatos feitos pelos participantes evidenciaram também melhores vivências das situações acadêmicas e sociais e por consequência um melhor ajustamento do estudante à Universidade.

P107- TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS PARA PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL II

Pedro Vítor Souza Rodrigues (Universidade Salgado de Oliveira), Adriana Benevides Soares (Universidade Salgado de Oliveira)

O presente estudo teve o objetivo realizar e avaliar um Treinamento de Habilidades Sociais Educativas para Professores, tendo em vista as quatro situações interpessoais de aula consideradas críticas: recusa do aluno em participar da aula, desobediência da regra combinada, distração da atividade proposta em aula e ansiedade em apresentação pública para professores do Ensino. Participaram desta pesquisa 12 professores do Ensino Fundamental II com idades entre 25 a 35 anos (M = 29,5; DP = 3,0), sendo todos do sexo feminino que lecionavam em instituições de ensino privada. O objetivo foi comparar indicadores pré e pós-teste nos critérios “desconforto emocional” e “probabilidade” para se comportar de modo habilidoso em relação a cada situação treinada. Também foi aplicado o Inventário de Habilidades Sociais Educativas para Professores (IHSE-Prof) para avaliar a efetividade do treinamento quanto ao desenvolvimento de habilidades sociais educativas. O estudo foi aprovado no Comitê de Ética da Universidade e todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Foram aplicados os questionários na primeira e na última sessão do treinamento para coleta dos dados no pré e pós-treinamento. O treinamento consistiu em 10 encontros com duração de até uma hora e meia. Os resultados aferidos por meio do Método JT indicaram que todos os participantes apresentaram uma melhora clínica positiva na dimensão probabilidade, enquanto que na dimensão desconforto, todos os participantes sinalizaram uma melhora clínica positiva, exceto um. Além disto, a análise dos dados oriundos do IHSE-Prof. também demonstrou que o Treimamento apresentou impacto na promoção de habilidades sociais. Em geral, o item (o aluno ficar ansioso ao falar publicamente) foi o que apresentou a maior redução dos índices da dimensão desconforto e o maior aumento dos índices da dimensão probabilidade. Por outro lado, a menor redução dos níveis de desconforto ocorreram para o item (o aluno recusar-se participar da tarefa). Os resultados positivos encontrados reforçam a necessidade de programar treinamentos para desenvolvimento da competência socioemocional docente. Um programa de treinamento de HSE para professores para

situações interpessoais críticas de aula podem incluir sistematicamente o diagnóstico das situações difíceis vivenciadas e dos deficits de manejo docente. Dessa forma, uma escola que capacite seus professores com um repertório mais elaborado pode ter ganhos de rendimento e desempenho do aluno e produtividade nas atividades pedagógicas. Melhorar as relações interpessoais entre professor e aluno e, consequentemente, promover a saúde psicológica de todos que convivem no ambiente escolar é uma contribuição significativa para os profissionais que atuam na área.

P108- TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS PARA DISCENTES DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR

Denise Chaves de Melo Pereira (UDF/DF), Adriana de Oliveira (UDF/DF)

O Treinamento de Habilidades Sociais (THS) pode prevenir e melhorar a integração nas relações interpessoais no contexto acadêmico. Esse tipo de treino possibilita aperfeiçoar as habilidades já aprendidas, mas ainda deficitárias. O THS visa, também, o aumento do repertório comportamental dos participantes, a fim de que possam ampliar suas relações sociais, bem como diminuir os sintomas de ansiedade social, extinguindo comportamentos que acarretam prejuízo às relações sociais. Promove, ainda, a melhora da autoestima e pode tornar o indivíduo mais seguro de suas decisões, possibilitando o seu desenvolvimento pessoal e acadêmico. Esse treino fornece ferramentas necessárias para que o participante permaneça em contínuo desenvolvimento. O presente trabalho teve por objetivo o desenvolvimento de habilidades e de competências sociais para um grupo de 20 universitários do Centro Unificado do Distrito Federal – UDF, matriculados no segundo semestre de 2016. O treino aconteceu no decorrer de 12 semanas e com duração de 1 hora e 30 minutos cada encontro. Foram treinadas habilidades como comunicação verbal e não verbal, empatia, assertividade e autocontrole, resolução de problemas e conflitos interpessoais, etc. No primeiro encontro foi aplicado o Inventário de Habilidades Sociais (IHS). Ouviu-se as expectativas dos participantes referente ao treinamento e apresentou o programa de treinamento completo. No último encontro, foi reaplicado o Inventário de Habilidades Sociais para que pudesse ser realizada uma análise comparativa dos resultados do THS. Além disso, foi realizada uma avaliação qualitativa com os participantes, que responderam um questionário semiestruturado a respeito da percepção sobre seu autodesenvolvimento ao longo das 12 semanas. Cabe relatar que dezessete, dos vinte participantes, obtiveram um escore maior no segundo teste do que no primeiro. A análise dos dados qualitativos mostrou mudanças significativas nos relacionamentos interpessoais, bem como desenvolvimento das habilidades, como conversação e desenvoltura social, auto exposição a desconhecidos e situações novas, além de autocontrole da agressividade e apresentação de comportamentos assertivos. Na avaliação qualitativa, os participantes registraram que utilizariam seu treinamento, de uma forma geral, no

contexto profissional, acadêmico, familiar e social. Os participantes avaliaram que podem aplicar de várias maneiras o seu treino no contexto acadêmico, como em situações conflitantes, em trabalhos em grupos, nas relações com os colegas e professores, para novas amizades, ouvindo e se posicionando de forma assertiva, expressando sentimentos e pensamentos. Diante dos resultados obtidos foi sugerida a manutenção de programas e projetos que visem ampliar e melhorar as habilidades e competências sociais, pensando na formação e qualificação do acadêmico junto a instituição de ensino superior. A promoção do bem-estar e da interação dos indivíduos de um grupo é fundamental para a manutenção e um bom desenvolvimento acadêmico.

P109- TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS PARA USUÁRIAS DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS NUMA COMUNIDADE TERAPÊUTICA DE RIO BRANCO - ACRE

Thales Vasconcelos e Silva (FAAO/AC), Normélia Maria Pinho de Oliveira (FAAO/AC), Taiane Santos de Araújo (FAAO/AC), Danna Sousa de França (FAAO/AC), Jesciana da Silva Costa (FAAO/AC), Pâmela Silva Ferreira (FAAO/AC), Ranna Maria Macedo Maia (FAAO/AC), Raquel Marinho de Oliveira (FAAO/AC), Samara dos Santos Cunha (FAAO/AC), Suianny Brandão de Melo Rebouças (FAAO/AC), Valéria Gonçalves Marques (FAAO/AC)

Pode-se conceituar habilidades sociais como um conjunto de comportamentos que os sujeitos apresentam em situações que requeiram relações interpessoais e que possibilitam que sejam aumentados os ganhos e reduzidas as perdas decorrentes de tais interações. Mesmo sendo considerado que Habilidades Sociais pode ser definida de forma ampla e geral, reconhece-se que diferentes e específicas populações apresentam necessidades próprias no que diz respeito às habilidades e às relações interpessoais. A literatura aponta para a existência de estreita relação entre déficit de habilidades sociais e uso de drogas. O presente trabalho é um relato de intervenção realizada pelos acadêmicos do 4º ano do curso de Psicologia da FAAO quando da realização do Estágio Supervisionado I. O objetivo é oferecer treinamento em habilidades sociais para usuárias de álcool e outras drogas do sexo feminino durante o período em que se encontram em tratamento em uma Comunidade Terapêutica em Rio Branco – Acre, utilizando como abordagem de intervenção a Terapia Cognitivo Comportamental com suas técnicas e protocolos disponíveis na literatura. Estudos apontam para a eficácia do treinamento em Habilidades Sociais, tanto no processo de automonitoramento quanto no de prevenção a recaídas de usuários de álcool e outras drogas, sendo que, durante o treinamento e após a sua realização a probabilidade de resolutividade positiva do tratamento é significativa. A metodologia utilizada baseia-se em um protocolo específico estruturado em 4 (quatro) etapas, a saber: 1) desenvolvimento de um sistema de crenças que mantenham respeito pelos direitos pessoais e pelos direitos dos demais, através da psicoeducação, reforço positivo,

modelação e modelagem; 2) distinção entre comportamentos assertivos, não assertivos e agressivos, abordando também o feminismo e as questões de gênero, envolvendo a psicoeducação, técnicas de ensaio comportamental, resolução de problemas, relaxamento, reestruturação cognitiva, exposição imaginada, treino de comunicação e resolução de problemas; 3) reestruturação cognitiva da forma de pensar em situações concretas, acrescentando às técnicas anteriores o Registro de Pensamentos Disfuncionais, o treino da comunicação e de autocontrole; 4) ensaio comportamental de respostas assertivas em determinadas situações (etapa em andamento na data de submissão do trabalho, com término previsto para setembro de 2017). Para cada encontro, com duração de 90 (noventa) minutos, utilizou-se a estrutura da sessão da abordagem Cognitivo Comportamental. Até o presente momento foram realizadas 10 (dez) das 16 (dezesseis) sessões previstas e uma avaliação parcial na comunidade, na qual foi verificado o aumento da interação social, a diminuição de ações punitivas por parte dos monitores e de conflitos entre os pacientes, sendo que, quando ocorrem tem um maior índice de resolução através do comportamento assertivo. As pacientes, por sua vez, relataram maior regulação emocional e autocontrole no decorrer das sessões.

P110- TREINAMENTO DE PAIS E REDUÇÃO DE PROBLEMAS DE COMPORTAMENTOS EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO DESENVOLVIMENTO

Myrian Silveira (UFMG), Giulia Moreira Paiva (UFMG), Caroline Assunção (UFMG), Kamilla Lopes (UFMG), Maria Isabel Pinheiro (UFMG), Vitor Geraldi Haase (UFMG)

O Treinamento de pais (TP) é uma modalidade terapêutica na qual os pais atuam como co-terapeutas e aprendem a utilizar estratégias de manejo comportamental visando reduzir comportamentos disruptivos, desenvolver novos repertórios comportamentais nos filhos. Estudos demonstraram a eficácia do TP para redução de comportamentos disruptivos externalizantes porém, poucos se dedicaram a investigar os efeitos dessa modalidade nos comportamentos internalizantes. Dessa forma, este estudo investigou os efeitos de uma intervenção de TP na redução de comportamentos internalizantes e externalizantes em duas crianças com transtorno de desenvolvimento. O programa foi realizado com duas mães de pacientes em atendimento no Ambulatório Número (LND-UFMG) com idade de 39 e 40 anos. As crianças eram do sexo feminino (MR:12 anos) e masculino (JH:11 anos). MR recebeu o diagnóstico de Discalculia e Ansiedade de Desempenho e JH foi diagnosticado com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e Transtorno de Oposição Desafiante (TOD). Realizaram-se 10 sessões, sendo duas dedicadas para pré e pós teste. Os principais temas trabalhados foram: ABC do comportamento, Reforço Diferencial, Habilidades Sociais Educativas e Estilos Parentais. Aplicou-se o Children Behavior Checklist (CBCL) e o SNAP-IV. Foram analisadas diferenças nos escores dos instrumentos entre pré e pós-teste. Os escores do CBCL foram comparados

subtraindo-se o escore-t dos dois momentos. MR não apresentou escore clínico no SNAP-IV antes e depois da intervenção (Desatenção-pré/pós=1,33/0,56; Hiperativ./Impuls=0,56/0,11;Combinado=0,94/0,11; TOD=0,63/0,38). A diferença entre escore-t pré e pós teste de MR em Problemas externalizantes (escore-t.pós=60/escore-t.pré=44) foi de 16 e em Problemas Internalizantes (escore-t.pós=63/escore-t.pré=74) foi de -11. JH apresentou escore clínico para 3 dos quatro índices do SNAP-IV no pré-teste, porém no pós intervenção, não apresentou escore-clínico para nenhum dos índices (Desatenção: pré/pós=1,00/1,11; Hiperativ. /Impuls=2,67/1,56;Combinado=1,83/1,33;TOD=3,00/1,63). As diferenças entre escores-t pré e pós-intervenção para JH na subescala Problemas externalizantes (escore-t.pós=58/ escore-t.pré=71) foi de -13 e em Problemas Internalizantes (escoret.pós=64/escore-t.pré=68) de -4. Os resultados do pré-teste de MR mostraram problemas de comportamentos internalizantes mais frequentes, o relato da mãe antes da intervenção também sugere o achado: “MR é uma menina quieta e reservada, não gosta de conversar sobre seus problemas e sentimentos”. Após a intervenção com a mãe de MR, observou-se uma redução dos comportamentos internalizantes e um aumento dos problemas externalizantes. Esse resultado não significa que os problemas comportamentais continuaram os mesmos e só mudaram a tipologia, eles podem ser interpretados também pelo fato de MR, após a intervenção, apresentar-se mais falante, conseguindo compartilhar melhor seus sentimentos e modos de pensar, estando muito mais aberta ao diálogo com a mãe que antes do TP. Já no pré-teste de JH, os resultados apresentaram-se contrários às características comportamentais de MR. Antes da intervenção, os comportamentos externalizantes de JH eram mais frequentes. De acordo com o relato da mãe: "JH é um menino muito agitado e pergunta sobre tudo". Após o programa, JH apresentou redução tanto de comportamentos externalizantes quanto dos internalizantes, sendo a diferença mais acentuada nos comportamentos externalizantes. Dessa forma, a intervenção se mostrou capaz de atingir problemas comportamentais externalizantes e internalizantes em crianças com transtorno do desenvolvimento.

P111- TREINO DE HABILIDADES DE VIDA COMO PREVENÇÃO AO ABUSO DE SUBSTÂNCIAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA COM ADOLESCENTES

Laureane Marília de Lima Costa (IGAC/UniRV), Andréia Kroger Costa (IGAC/UniRV), Simone Fraga Mota (IGAC/UniRV)

As Habilidades de Vida constituem fatores de proteção à saúde física e mental, incluindo proteção ao consumo abusivo de substâncias psicoativas. A literatura afirma que as Habilidades de Vida são desenvolvidas ao longo da história de vida dos indivíduos. Tal afirmação indica que as Habilidades de Vida podem ser intencionalmente treinadas. Dessa maneira, esta intervenção objetivou o treinamento de Habilidades de Vida em adolescentes como estratégia de potencialização dos

fatores de proteção (prevenção) ao uso abusivo de substâncias. Participaram dessa pesquisa 13 adolescentes (de 12 a 16 anos, dos gêneros feminino e masculino), estudantes de escola pública e integrantes de um projeto social do interior de Goiás. O critério de seleção incluiu adolescentes que relataram iniciação do uso de álcool. A intervenção ocorreu durante sete encontros semanais com duração de duas horas, em média. Para cada encontro foi planejado o treinamento de uma a três Habilidades de Vida, agrupando-as conforme sua complementaridade. A metodologia foi composta por técnicas vivenciais, ensaio comportamental, debates e discussões em pequenos grupos, feedback e reforço social. Os materiais utilizados foram materiais de papelaria, o filme “Bicho de sete cabeças”, pequenos textos, corda, computador e celular com acesso à internet. Antes e durante o período de intervenção as Habilidades de Vida apresentadas pelos participantes foram sistematicamente registradas. Durante o período interventivo, observou-se a Habilidade de Vida pensamento crítico durante debate e correlação de vivências com as informações presentes em jornais, filmes, desenhos, músicas, família, escola e amigos, além da diferenciação de experimentação de substâncias, uso recreativo, uso abusivo e dependência química. As Habilidades de Vida resolução de problemas e tomada de decisão foram observadas por meio de atividade de solução de problemas hipotéticos, diante dos quais os participantes apontavam estratégias de enfrentamento que resultavam em menor dano para os envolvidos, preservando a saúde física e mental. A partir de atividades relacionadas ao filme “Bicho de sete cabeças”, os comportamentos dos participantes indicaram o desenvolvimento de Habilidades de Vida tais como: lidar com emoções, comunicação eficaz e relacionamento interpessoal. De modo geral, os efeitos da intervenção demonstram que os adolescentes foram capazes de apontar as consequências de diferentes comportamentos a curto e a longo prazo, os participantes demonstraram conhecimento sobre a influência que recebem de diferentes grupos sociais, apontando quais recursos podem buscar nos grupos que oferecem proteção e como podem lidar com os grupos que oferecem risco. Considera-se relevante realizar follow-up para verificar manutenção dos resultados alcançados até o momento.

P112- TREINO DE HABILIDADES SOCIAIS COMO INTERVENÇÃO PARA COMPORTAMENTO AUTOLESIVO: CASO CLÍNICO

Laureane Marília de Lima Costa (IGAC/UniRV) Andréia Kroger Costa (IGAC/UniRV)

Comportamentos autolesivos podem ser mantidos por reforçamento positivo (e.g., atenção), reforçamento negativo (e.g., fuga/esquiva de demanda), ou estimulação interna. É possível selecionar estratégias de intervenção para redução do comportamento autolesivo quando se identifica as relações entre a resposta de autolesão e eventos ambientais antecedentes e consequentes, considerando também os estados de privação e saciação (i. e. avaliação funcional). A participante desta intervenção foi uma adolescente de 12 anos, cuja queixa era comportamento

autolesivo. Antes do início da terapia a cliente havia se cortado entre cinco e 10 vezes no período de aproximadamente 10 meses. No início da terapia a cliente apresentava marcas de cortes no antebraço esquerdo, o que confirma seus relatos de comportamentos autolesivos. Inicialmente, foi realizada uma análise funcional que buscou identificar os estímulos antecedentes e consequentes que instalaram e mantinham tais respostas. Como medida protetiva, foi instruído à mãe e cuidadores da cliente que objetos cortantes fossem retirados do alcance da mesma para evitar repetições da resposta. Por meio da análise funcional, identificou-se uma relação entre a queixa da cliente e consequências reforçadoras como diálogo com os pais e permissão para sair com os amigos (Sr+) e diminuição da tristeza decorrente de conflitos interpessoais com os amigos, o namorado e os pais (Sr-). Mediante a hipótese de haver uma relação do comportamento alvo com inabilidade social, utilizou-se o baralho das habilidades sociais para avaliar o repertório interpessoal da cliente, além do questionário construcional de Goldiamond para compreender as expectativas da cliente sobre os resultados da psicoterapia, os sofrimentos produzidos pela queixa e investigar a rede de apoio da cliente e sua relação com o comportamento autolesivo. Após cinco sessões, a hipótese inicial foi confirmada, mais especificamente no que diz respeito às habilidades de lidar com ausência de atenção e negociar regras com os pais. Enquanto apresentava como reservas comportamentais a facilidade para fazer amigos e pedir ajuda a eles quando se sentia triste, além de bom desempenho na escola. A cada sessão monitorou-se o comportamento autolesivo por observação direta dos braços e antebraços da cliente para além de relatos acerca do ato ou pensamentos envolvendo-o. Ao longo do processo terapêutico o comportamento autolesivo não foi emitido, a cliente relatou sentir vontade de se cortar nas semanas que antecederam a quarta e a nona sessões, comportamento privado evocado pelo término do namoro e por conflito com o pai, respectivamente. O comportamento alternativo à autolesão foi conversar com dois amigos, os fatores que favoreceram a emissão do comportamento alternativo foram não ter encontrado lâmina na gaveta e ter o celular disponível para conversar. As estratégias terapêuticas adotadas foram: lista de benefícios e malefícios da autolesão e comportamentos alternativos; análise de contingências da relação cliente-pais; feedback; treino de conversação com o pai; elaboração de plano de férias; transferência gradual do controle da sessão para a cliente. A aplicação do baralho das habilidades sociais ao final do processo terapêutico indicou repertório mais assertivo com os pais que no início da terapia, o que foi corroborado pela mãe na sessão de encerramento.

P113- TREINO DE HABILIDADES SOCIAIS EM CRIANÇAS DE UMA INSTITUIÇÃO FILANTRÓPICA DO MUNICÍPIO DE RIBEIRÃO PRETO.

Carla Gonçalves da Silva de Oliveira (Centro Universitário Barão de Mauá), Thaís Rafaele C. da Cruz (Centro Universitário Barão de Mauá), Marlene de Cássia Trivellato Ferreira (Centro Universitário Barão de Mauá)

O presente estudo apresenta o relato de experiência de estágio supervisionado em psicologia escolar, em uma instituição filantrópica, que atende crianças e adolescentes em vulnerabilidade social, no município de Ribeirão Preto. O estágio teve como objetivo desenvolver uma intervenção para a melhoria da convivência entre as crianças e os adolescentes, para a minimização dos conflitos interdisciplinares, por meio da promoção do desenvolvimento das habilidades sociais. A intervenção teve como temática a promoção da comunicação, empatia, identificação e expressão da emoção, cooperação e solução de problemas interpessoais, aconteceu em nove encontros de 1 hora e 30 minutos semanalmente no período de setembro a novembro de 2016, com quatro meninas, de nove a onze anos de idade, com queixa de problemas de comportamento, encaminhadas pelo psicólogo responsável da instituição e em acordo com a demanda observada pelas estagiárias. Os encontros foram conduzidos por duas estagiarias, que no primeiro momento realizavam atividade de relaxamento, seguido de dinâmicas para favorecer o desenvolvimento de habilidades de solução de problemas interpessoais e por último contavam histórias infantis promovendo a discussão dos valores humanos, nesta última parte, também foram realizadas atividades lúdicas como: pinturas e jogos. No início pode-se notar certa resistência dos participantes em falar sobre seus sentimentos, dificuldades em identificá-los e ainda, de encontrar outras possibilidades de resolução de conflitos, que não fosse as já utilizadas por estes, baseadas em agressão. Ao final da intervenção, as meninas discutiam no grupo suas dúvidas e expunham seus pontos de vistas diante dos problemas apresentados, relatando suas emoções, apresentavam suas reflexões sobre os dilemas mencionados pelas histórias, se colocando no lugar do outro e iniciaram o processo de identificar que os problemas podem ser resolvidos de diferentes formas. As mudanças de comportamento apresentadas pelas crianças durante os encontros parecem ter sido percebidas pelo psicólogo e pelas educadoras da instituição. O psicólogo relata mudanças sutis, com diminuição de envolvimento em conflitos interpessoais das crianças na instituição. As estagiárias e o psicólogo da instituição, baseado nos relatos das educadoras, puderam notar que durante as atividades da instituição as crianças apresentaram uma maior familiaridade com as temáticas propostas pela intervenção, como identificação de sentimentos e em momento de conflito interpessoal estas faziam referência as discussões dos encontros se propondo a resolvê-los não somente na agressão. A proposta do estágio em promover o desenvolvimento das habilidades sociais nas crianças parece ter atingido seu objetivo e além disso, promoveu a formação do futuro psicólogo, como agente promotor de habilidade social em contextos escolares. Sabe-se que a contribuição dos estagiários poderia apresentar um melhor desempenho se fosse incluído intervenção junto aos pais e educadores, que tivessem como objetivo a promoção do desenvolvimento de um repertório de habilidades sociais.

P114- TREINO DE HABILIDADES SOCIAIS EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL

Patrícia A. B. Cordeiro (Centro Universitário Barão de Mauá), Monique U. Azzola (Centro Universitário Barão de Mauá), Marlene de C. T. Ferreira (Centro Universitário Barão de Mauá)

O presente estudo apresenta o relato de experiência de estágio supervisionado em Psicologia Escolar, realizado em Escola Municipal de Ensino Fundamental do interior de São Paulo, em 2016. Atendendo a demanda de queixa de conflitos interpessoais nas salas de aula, duas estagiárias do quinto ano se propuseram a realizar uma intervenção com o objetivo de promover o desenvolvimento do repertório das habilidades sociais dos alunos. A intervenção foi realizada por quatro meses, semanalmente, durante cinquenta minutos, subdividida em três partes: 1ª, os encontros eram iniciados com relaxamento, para promover o autocontrole das crianças; 2ª, realizadas dinâmicas para favorecer o desenvolvimento de habilidades de solução de problemas interpessoais; 3ª, por meio de histórias infantis foi discutido os valores humanos. As atividades contemplavam as temáticas comunicação, empatia, identificação e expressão da emoção, cooperação e solução de problemas interpessoais. A intervenção aconteceu em grupos de alunos de segundo a quarto ano e com uma sala de alunos de primeiro ano. Dois grupos de 12 alunos, com idade média de oito anos foram compostos frente as queixas e os encaminhamentos das professoras e da diretora, grupo 1, com nove meninos e três meninas; grupo 2, com 12 meninos. A escola ofereceu uma sala para a intervenção em grupo. Aleatoriamente uma sala de primeiro ano foi escolhida e com o aceite da professora a intervenção foi realizada com os alunos na presença da professora, na própria sala de aula, a fim que esta utilizasse as atividades realizadas pelas estagiárias, em suas aulas. A análise dos resultados da experiência foi qualitativa, baseada nos relatos das professoras e diretora e nas observações das estagiárias. As estagiárias referem que inicialmente, as crianças apresentaram dificuldade em identificar e lidar com sentimentos e emoções. Baseado em observação e relatos das professoras e diretora, pode-se dizer que a intervenção teve um impacto positivo nos grupos, 10 alunos, uma menina e três meninos do grupo 1 e seis meninos do grupo 2, que apresentavam maiores queixas foram os mais beneficiados, diminuindo expressivamente o seu envolvimento em conflitos interpessoais. Segundo as estagiárias e a diretora, as crianças do primeiro ano diminuíram o envolvimento em conflitos interpessoais na sala e no horário do lanche. No entanto, apesar da adesão da professora à intervenção, este dado não é relatado por ela como expressivo ou relacionado à intervenção e durante a intervenção a professora não reaplicou as atividades em suas aulas. Apesar de tratar-se de um relato de experiência, os resultados do estudo são compatíveis com a literatura, em que as crianças com maiores dificuldades de relacionamento interpessoal são as mais beneficiadas. Desta forma, a experiência de estágio supervisionado em Psicologia Escolar sugere que frente a demanda de conflitos interpessoais no contexto escolar o Psicólogo Escolar pode intervir para a promoção do desenvolvimento de repertório das habilidades sociais em crianças para a melhoria da convivência escolar, mas a sua ação não exclui a necessidade do apoio e disponibilidade do professor e da direção escolar.

P115- TREINO DE HABILIDADES SOCIAIS PROFISSIONAIS PARA CONTROLE DA AGRESSIVIDADE EM UM ENGENHEIRO: CONTRIBUIÇÕES DO COACHING COGNITIVO- COMPORTAMENTAL

Claudia Regina Carraro (UNTAU), Marilsa de Sá Rodrigues (UNTAU)

O coaching cognitivo-comportamental é uma abordagem de coaching que integra estratégias e técnicas cognitivas, comportamentais e de resolução de problemas, sendo usado para auxiliar o cliente no alcance de suas metas. A capacidade de controlar a agressividade é uma competência primordial nos relacionamentos interpessoais profissionais e consequentemente um fator importante para a manutenção do emprego. O treino de habilidades sociais é um processo importante para a aprendizagem de como lidar com a agressividade. A abordagem do coaching cognitivo-comportamental pode ser usada como complemento do treino. O presente estudo foi realizado com um engenheiro elétrico, 36 anos, aluno da pós-graduação que procurou o trabalho de desenvolvimento de carreiras realizado pelo Grupo de Pesquisa Planejamento, Gestão e Desenvolvimento de Carreiras em Âmbito Regional da universidade, para melhorar o autocontrole da agressividade. O treino foi realizado individualmente, em cinco encontros semanais de uma hora. No primeiro encontro foi feito o levantamento das necessidades do treino, a definição de metas e aplicação do inventário de habilidades sociais (IHS). No segundo, realizou-se a conceituação do caso apresentado o que são erros cognitivos. No terceiro foi ensinado sobre comportamento assertivo, agressivo e não assertivo. No quarto encontro introduziu-se a ferramenta de reestruturação cognitiva ABCDEF e o debate socrático. No quinto e último encontro foi realizada a avaliação do processo por meio do autorrelato da percepção de melhoria. Em relação ao resultado apresentado no IHS, o escore fatorial geral indicou que as habilidades sociais se apresentam abaixo da média. Os resultados que ficaram abaixo da média foram o enfrentamento com risco, indicando dificuldades na capacidade de relacionar-se interpessoalmente principalmente em situações que exijam controle da ansiedade e assertividade, autoafirmação na expressão de afeto positivo conversação e desenvoltura social, podendo apontar para dificuldade em demonstrar afeto e traquejo social principalmente com conhecidos. O Engenheiro apresentou resultado acima da média superior nos fatores relativos à auto exposição a desconhecidos e situações novas e autocontrole da agressividade em situações aversivas. As ferramentas de coaching cognitivo-comportamental introduzidas neste treino foram: estabelecimento de metas, modelo DUAL de conceituação de caso, modelo ABCDEF de reestruturação cognitiva, debate socrático e plano de ação semanal e avaliação da aprendizagem. A meta geral do processo proposta pelo engenheiro foi melhorar o autocontrole do mau humor e da raiva quando as pessoas não conseguem compreendê-lo em algo que julga ser fácil. Os resultados do treino foram medidos por meio da avaliação da aprendizagem que o participante fazia durante o treino. A principal aprendizagem relatada pelo aluno foi : "não havia percebido que o fato de não ser entendido poderia estar na maneira em como eu me

expresso e que tem momentos que é melhor recuar e controlar o orgulho". Também, no autorrelato sobre a percepção de melhoria, o engenheiro relatou que a mudança comportamental foi notada pelos familiares, principalmente pelo filho mais velho, que havia se afastado devido a sua agressividade. Pode-se concluir com este trabalho que as ferramentas de coaching cognitivo- comportamental agregam e contribuem no treino de habilidades sociais para o controle da agressividade sendo usadas na reestruturação cognitiva.

P116- UM ESTUDO DE REVISÃO DE LITERATURA SOBRE HABILIDADES SOCIAIS E TRABALHO

Rafaela Aparecida da Silva (Universidade Paulista), Denise Dascanio Natividade (Universidade Paulista)

Considerando o atual cenário econômico e social das organizações de trabalho tem-se que somente a competência técnica e o esforço não são suficientes para lidar com as novas demandas das empresas, dando destaque as competências, principalmente, as interpessoais e sociais. Assim, além de habilidades técnicas, tornaram-se mais valorizadas as competências para trabalhar em equipe, falar em público, resolver problemas, tomar decisões, comunicar-se de forma empática e assertiva, entre outras. Com isto, esta investigação tem por projeto apresentar uma revisão de literatura, focando os constructos habilidades sociais e trabalho. A metodologia utilizada foi a pesquisa em base de dados nacionais. Realizou-se uma revisão sistemática da literatura brasileira envolvendo as palavras-chave: habilidades sociais e trabalho nas bases de dados Scielo, Lilacs e Indexpsi, incluiu-se os estudos que relacionavam habilidades sociais ao trabalho, mercado de trabalho e/ou relações com o trabalho. Com base nas informações supracitadas permaneceram para a análise sete estudos, sendo três de avaliação, dois de intervenção, um estudo misto (descritivo e aplicado) e outro de revisão de literatura. Quanto aos resultados percebeu-se que dois estudos foram com universitários que estavam na travessia para o mercado de trabalho, um estudo tratava-se da maturidade em adolescentes que trabalhavam diante da escolha profissional, dois estudos envolviam trabalhadores com e sem deficiência física e outro estudo tratou-se do desenvolvimento de uma escala e um último estudo revisou as competências no trabalho na literatura brasileira. Verificou-se em um primeiro estudo bom domínio de habilidades sociais nos universitários, o que poderá contribuir para lidar com dificuldades posteriores no meio organizacional; outro estudo tratava da maturidade na escolha profissional de adolescentes e entre os achados constatou-se que o fator trabalho (adolescentes que trabalhavam) não alterou a maturidade profissional e as habilidades sociais dos estudantes; em outra pesquisa com trabalhadores que portavam e não portavam alguma deficiência notou-se que existia mais semelhanças do que diferenças em relação as habilidades sociais nos dois grupos estudados, a ligeira diferença desfavorável apresentou-se no grupo com deficiência; em um outro estudo que focava

o treinamento de habilidades sociais para pessoas com deficiência física e desempregadas, observou-se que o desenvolvimento de competências sociais profissionais contribuiu para a formação profissional, em que os resultados afirmaram a efetividade do treinamento, com o aprimoramento e aperfeiçoamento de habilidades do processo, bem como as habilidades de dar e receber feedback, ainda expressar-se de forma assertiva e empática e saber lidar com críticas. Em outra pesquisa encontrou-se efetividade no treinamento de habilidade sociais em universitários. Outro estudo desenvolveu uma escala para medir componentes atitudinais e afetivos de competências e entre os resultados, encontraram semelhança entre a habilidade social e competência social. Em outro estudo foi abordada a relação entre os constructos competência profissional e habilidade social, discutindo-se suas particularidades. Em linhas gerais, discute-se a diversidade teórica e metodológica em relação ao campo das habilidades sociais e trabalho, destacando a necessidade de mais estudos e a uniformidade dos conceitos.

P117- UMA EXPERIÊNCIA EM GRUPO DE PROMOÇÃO DE HABILIDADES DE VIDA COM ADOLESCENTES

Suzana Peron (FFCLRP – USP), Luíza Almeida Amoroso (FFCLRP – USP), Juliana Maltoni (FFCLRP – USP), Isabela Maria Freitas Ferreira (FFCLRP – USP), Carmem Beatriz Neufeld (FFCLRP – USP)

A adolescência, transição entre a infância e a vida adulta, é um período marcado por transformações físicas, cognitivas e psicossociais, caracterizado como um momento de vulnerabilidade, dificuldade de adaptação e por conflitos ou pressões vivenciadas nas relações com familiares, professores, autoridades e pares. Neste sentido, a Organização Mundial da Saúde propõe programas para ensino de Habilidades de Vida como forma de promoção de saúde, uma vez que permitem que adolescentes aprendam habilidades adequadas para enfrentar as situações de risco à sua saúde, sendo elas: tomada de decisões, resolução de problemas, desenvolver pensamento criativo e crítico, comunicação eficaz, autoconhecimento, empatia, capacidade de lidar com emoções e stress e ter relacionamentos interpessoais. O objetivo deste trabalho é apresentar um relato de experiência no Programa de Promoção de Habilidades de Vida – PHRAVIDA. O programa baseia-se na abordagem cognitivo-comportamental, composto por 11 sessões de frequência semanal, de 50 minutos, com objetivo de promoção de saúde de adolescentes em contexto escolar. Participaram do grupo 12 estudantes do 7º ano de uma escola estadual em Ribeirão Preto/SP, com idades entre 11 e 14 anos, de ambos os sexos. A aplicação do programa envolve trabalho conjunto de terapeuta, co-terapeuta e uma observadora, responsáveis pelo planejamento e condução das atividades, sendo fundamental manter as intervenções dinâmicas, interessantes e adaptadas para o perfil do grupo de modo a manter a atenção dos participantes para o melhor aproveitamento e entendimento destes. Ressalta-se o grande entusiasmo e a dedicação apresentados

neste grupo, no qual todos pareciam ansiosos e dispostos a apreender os conceitos e mostrar como aplicavam cada um deles em suas vivências. Foi possível perceber significativa mudança clínica no comportamento dos adolescentes ao longo do tempo; no início, se mostravam mais agitados e frequentes episódios de desrespeito e brincadeiras ofensivas eram evidenciados, contudo, após o estabelecimento de regras para o bom funcionamento do grupo, juntamente com os participantes, como “respeitar os outros” e “não falar todo mundo junto”, percebeu-se que os comportamentos inadequados passaram a ser monitorados pelos próprios adolescentes, que diziam “lembra das regras”, “você gostaria que ele falasse isso para você?”. Quanto à empatia, notou-se que os próprios participantes passaram a perceber quando alguém não estava bem e tomavam a iniciativa de perguntar o que estava acontecendo, se havia alguma coisa que eles podiam fazer para ajudar, o que não ocorria no início. O ensino e o treino da assertividade destacaram-se também; durante as sessões eles aplicavam muito bem este conceito e entendiam sua importância, mas relataram ter problemas em praticá-la no dia a dia, ressaltando a presença de constante agressividade no ambiente familiar. Além disso, a raiva mostrou-se muito frequente e intensa nos relacionamentos interpessoais e nas sessões, de modo que técnicas de manejo de raiva foram ensinadas para que os adolescentes pudessem lidar melhor com esta. Por fim, destaca-se a importância da coesão e da universalidade para o bom funcionamento grupal, assim como o bom vínculo formado entre a equipe e os adolescentes, que foi fundamental para os bons resultados obtidos.

P118- UMA REVISÃO DA PRODUÇÃO ACADÊMICA SOBRE HABILIDADES SOCIAIS E ESTRESSE

Natale Ribeiro Meireles (UFMA – MA), Bruno Luiz Avelino Cardoso (ITPC – MA)

Viver em sociedade exige das pessoas o domínio de habilidades específicas para um bom relacionamento interpessoal. Esses comportamentos, que favorecem o desenvolvimento das interações sociais, são denominados habilidades sociais e auxiliam os indivíduos a lidarem de forma adequada com as demandas no seu cotidiano. A ausência desses recursos pode produzir sofrimento e um nível elevado de estresse. Frente a uma sociedade que preza por indivíduos socialmente competentes, o fator estresse pode gerar um adoecimento somático e/ou psicológico que pode, por vezes, incapacitar o indivíduo nas suas atividades diárias, tornando-as frequentemente aversivas. Com objetivo de uma revisão da produção acadêmica sobre a relação entre habilidades sociais e estresse, foi realizado um levantamento bibliográfico nas bases de dados SciELO, LILACS, IndexPsi, IBECS e MEDLINE, entre os anos de 1997 e 2016, em português, inglês e/ou espanhol. Como requisito mínimo para inclusão nesta pesquisa, delimitou-se a presença dos descritores “habilidades sociais e estresse”, no título da pesquisa, no resumo e/ou nas palavras-chave. Como resultado, 130 artigos (15 - SciELO, 30 - Lilacs, 19 - IndexPsi, 62 -

MEDLINE, 4 - IBECS) e 05 teses de doutorado (03 - IndexPsi, 02 - LILACS) compuseram uma base documental. Dezenove artigos e 04 teses foram selecionados para este estudo; e 112 artigos foram excluídos, por se repetirem durante a pesquisa, apresentarem datas de publicações anteriores a 1997, ou não apresentar os descritores que foram critérios para inclusão nesta pesquisa. As publicações selecionadas foram classificadas como: teóricas (05); aplicação de testes psicológicos para avaliar o nível de estresse e o repertório de habilidades sociais em um determinado grupo de indivíduos (13); correlação entre habilidades sociais e estresse associada a outras variáveis como depressão e sobrecarga (02); e estudo comparativo entre dois grupos para avaliar a influência de determinadas variáveis externas sobre a relação entre os níveis de estresse e habilidades sociais (03). As principais áreas/temáticas dos estudos sobre habilidades sociais e estresse foram: cuidadores de idosos e crianças com deficiência intelectual (03); transição escolar na primeira infância e os impactos que a entrada no ensino fundamental pode gerar na criança em relação aos indicadores de desempenho acadêmico, inteligência, habilidades sociais, ajuste comportamental e estresse (04); manejo de enfrentamento de estresse e treino de habilidades sociais no contexto laboral (08); estratégias de enfrentamento do estresse e repertório de habilidades sociais em acadêmicos de Medicina (03); déficit no repertório de habilidades sociais e sintomas de estresse em indivíduos depressivos (01); e correlação entre habilidades sociais, estresse e estratégias de enfrentamento (04). Diante dos resultados, pode-se afirmar que as habilidades sociais e sua relação com o estresse se evidenciam nas mais diversas áreas e, que em todas elas, existe um impacto significativo sobre a saúde do indivíduo. O treinamento de habilidades sociais também é apontado nas pesquisas como uma possibilidade de intervenção para o manejo do estresse. Com relação ao tempo estipulado de publicação, colocado como critério para a pesquisa, nota-se que os estudos referentes ao tema abordado ainda são escassos. Por ser um tema de relevância social e acadêmica, pode-se concluir que a ampliação dos estudos sobre a relação entre habilidades sociais e estresse podem viabilizar novas possibilidades para promoção de saúde e qualidade de vida do indivíduo.

P119- UMA VISÃO NEUROPSICOLÓGICA ACERCA DO COMPORTAMENTO ASSERTIVO

Roberta Ladislau Leonardo (UDF), Kátia E. R. da Silva (IPAF)

Os problemas de relacionamento são, atualmente, demanda muito importante na sociedade. As pessoas têm dificuldade de expressar sentimentos, pensamentos e de controlar comportamentos, acarretando problemas de relacionamento e prejuízos para si. O objetivo deste trabalho é descrever os aspectos neuropsicológicos do comportamento assertivo à luz da teoria sócio histórica e da abordagem sistêmica da dinâmica cerebral. Luria (1981) explicou que a neuropsicologia é uma ciência que busca discriminar, de forma sistêmica, quais zonas cerebrais são responsáveis pelas atividades mentais mais complexas e como esse processo ocorre ao longo do

desenvolvimento humano. Para explicar como ocorre esse funcionamento dinâmico, Luria (1981) propôs um sistema com três unidades (ou blocos) funcionais. Cada unidade tem estrutura hierarquizada e todas as estruturas têm organização vertical. Assim, estruturas superiores dependem do bom funcionamento de estruturas inferiores. Para Damásio (2004), a emoção comporta uma resposta bioquímica importante dada pelo organismo quando este detecta um estímulo emocional competente, que pode ser real ou lembrado. A emoção tem papel regulador e usa informações ontogenéticas e filogenéticas armazenadas no cérebro como repertório de ação especializada, procurando levar o organismo à sobrevivência e ao bem-estar. A avaliação dos conteúdos emocionais de um estímulo pode seguir três caminhos, conforme a intensidade e a complexidade do estímulo. O primeiro seria uma trajetória não cognitiva, designada conforme o mecanismo neuromodulatório do sistema mesencefálico, que analisaria estímulos intensos. A segunda possibilidade seria pela amígdala e pelo hipocampo, que considerariam a experiência prévia do indivíduo e decodificariam estímulos de níveis intermediários de complexidade. Por fim, o córtex pré-frontal seria utilizado quando a informação demandar um processamento de alta complexidade, visto que, das três opções, essa é a que abarca os maiores recursos cognitivos. Assim, a terceira unidade também influenciará no julgamento. Ao se considerar que essa unidade funcional representa as funções cognitivas referentes ao sequenciamento das informações e ao planejamento das ações, fundamentais para a execução de um julgamento, ela finalizará esse processo de tomada de decisão. Controlar as emoções significa executar um processo cognitivo complexo relacionado à regulação do comportamento. Manter-se sereno e apto a escutar o outro envolve grande trabalho com o tono cortical e com o lobo frontal, isto é, exige o trabalho intenso da primeira e da terceira unidades funcionais. Com isso, é possível entender que, no momento da inibição das emoções, o terceiro bloco funcional envia informações para controlar o primeiro. Foi proposto, portanto, que o comportamento assertivo ocorreria em decorrência do funcionamento harmônico e integrado das unidades funcionais e que os comportamentos agressivos e não assertivos ocorreriam pelo déficit no funcionamento da terceira unidade funcional, com prejuízo na capacidade de autorregulação, e do fortalecimento das vias da primeira unidade funcional, com padrões de respostas mais emocionais e instintivas.

P120- USO DE TÉCNICAS DE HABILIDADES SOCIAIS EM UM TRATAMENTO MOTIVACIONAL PARA USUÁRIOS DE DROGAS ILÍCITAS

Karen P. D. R. Szupszynski (UFGD - MS), Margareth da Silva Oliveira (PUCRS - RS)

O Modelo Transteórico de Mudança de Comportamento desenvolvido por Prochaska e DiClemente tem estudado a motivação e a prontidão para mudança de comportamento. Este modelo propõe que a mudança comportamental acontece ao longo de um processo, no qual as pessoas passam por diferentes níveis de motivação para mudança. O Modelo Transteórico enfatiza a mudança intencional de comportamento. Outros construtos associam-se ao Modelo Transteórico para auxiliar no processo de mudança, como por exemplo o conceito de autoeficácia e o de assertividade/habilidades sociais. Estudos apontam que o uso de substâncias psicoativas pode estar relacionado a um déficit nas habilidades sociais do usuário. Existem ainda os fatores de risco e fatores de proteção para o consumo de drogas que podem incluir fatores psicológicos e influências do grupo de pares. Diante disso, o método utilizado neste estudo foi de um Ensaio clínico randomizado que contou com 38 usuários de Crack que realizavam tratamento para dependência química, na cidade de Porto Alegre/RS. A amostra foi composta de homens e mulheres, com idade entre 18 e 59 anos e foi dividida entre Grupo Experimental (N=23) e Grupo Controle (N=15). Os resultados mostraram que os maiores percentuais de dependência estavam relacionados ao tabaco, cocaína e Crack. O tratamento foi baseado em uma adaptação do programa proposto pelo manual americano “Group Treatment for Substance Abuse: A Stages-of-Change Therapy Manual” desenvolvido por Velasquez, Maurer, Crouch e DiClemente. A adaptação brasileira do programa contou com 8 sessões nas quais eram trabalhadas diferentes questões relacionadas à motivação. Na quinta sessão eram trabalhados os seguintes “processos de mudança”: Contracondicionamento, Gerenciamento de Reforço e Controle de Estímulos. Nessa sessão era realizado um role play com os participantes, chamado de “Praticando recusas”. Era explicado sobre comunicação assertiva e realizado um treinamento com os pacientes sobre diferentes formas de recusar o uso de drogas. Os pacientes aderiram de forma positiva a todas as sessões propostas no tratamento. Na sessão relacionada às habilidades sociais havia muita participação dos usuários, demonstrando envolvimento com a técnica e relatos bastante positivos em relação ao uso fora dos locais de tratamento. Os pacientes dramatizavam situações do cotidiano e ampliavam suas estratégias de enfrentamento, modificando consequentemente a motivação. Após a conclusão do tratamento pode-se constatar que os participantes do Grupo experimental modificaram seu estágio motivacional, demonstrando mais comportamentos relacionados a manutenção da abstinência. O treino de habilidades sociais mostrou-se fundamental para o tipo de problema estudado, visto que os participantes apresentaram mais processos comportamentais (ações) ao final do estudo. De acordo com os resultados, foi possível perceber que a Intervenção proposta no Grupo Experimental demonstrou bons resultados frente ao problema do uso de Crack e um interessante potencial de efetividade.

P121- UTILIZAÇÃO DE MINDFULNESS EM TERAPIA DE CASAIS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Charlene N. N. A. Gouveia (UNIPÊ), Luiz C. S. Lopez (UFPB), Silvana Q. da C. Carvalho (UNIPÊ), Aline P. N. de Oliveira (UNIPÊ), Carolina da Costa Santos (UNIPÊ), Maria P. de A. Fracasso (UNIPÊ)

Mindfulness é uma técnica de origem budista que tem por objetivo aumentar o estar consciente e atento as experiências vividas, o aqui e agora. Este propósito é reconhecer e aceitar a realidade como ela for, sem a avaliação emocional, distorções mentais ou reagindo de maneira automática, proporcionando uma ferramenta valiosa para ficar física e mentalmente saudável. No quesito de problemas de ordem conjugal, intervenções referentes aos processos cognitivos, fatores emocionais e comportamentais passaram a ser objeto de investigação e tratamento na Terapia Cognitiva, podendo-se utilizar como ferramenta a Terapia Comportamental Baseada em Mindfulness (TCBM). Portanto o propósito desta pesquisa é revisar sistematicamente a eficácia da Mindfulness na intervenção terapêutica de casais. Foram utilizadas as bases de dados PubMed e BVS com a seguinte estratégia de busca: (couples therapy OR couple therapy OR terapia de casais OR marital AND mindfulness OR atenção plena). Artigos em inglês e português, publicados no período de 2007 a 2017 foram incluídos, enquanto que artigos que não apresentaram correlações com o objetivo em questão foram excluídos. Em seguimento, foram encontradas 56 publicações, dentre estas, foram excluídas 34 por serem estudos que não corroboravam com a temática deste trabalho, não apresentar associação entre terapia de casais e mindfulness, não ser artigo científic, não ter acesso ao texto completo. A partir dos critérios de inclusão e exclusão o número de artigos analisados foi 22 dos quais haviam quatro artigos duplicado e 1 cujo a temática divergia do foco desta pesquisa, resultando em 17 artigos para leitura integral. Destes, apenas 5 se enquadravam aos critérios e objetivo desta pesquisa, os quais foram avaliados sua contribuição para construção deste estudo. A partir das análises, observou-se maior número de publicações no ano de 2015 (n=2), além de uma prevalência de artigos da área da psicologia (n=3) ou estudos interdisciplinares (n=2), sendo todas as publicações em inglês (N=5). As pesquisas foram revisões de literatura (n=2), pesquisa experimental (n=2) e quase-experimental (n=1). Os estudos envolveram temáticas referentes à enfermidade (n=2), e resolução de conflitos (n=3). Pode-se perceber que os estudos estão voltados para a relação de casais em processo de alguma enfermidade ou de conflitos no relacionamento e a utilização da TCBM como intervenção. Este tipo de intervenção proporciona considerações positivas para a relação afetiva, mostrando sua eficácia na resolução dos casos quanto à ansiedade, raiva ou desgaste relacional mediante o cotidiano através da regulação emocional. A partir de tais dados, percebe-se a necessidade de estudos que contemplem o conhecimento da Mindfulness na Terapia de casal em outras populações clínicas. Também é importante salientar a carência de estudos que visem avaliar a Mindfulness

com intervenção terapêutica. Desta forma, sugere-se que novas pesquisas sejam realizadas sobre esta temática.

COMUNICAÇÃO COORDENADA

CC 1 - RECURSOS DE SOCIALIZAÇÃO DE ESCOLARES: COMPORTAMENTO PRÓ-SOCIAL E INDICADORES DOS CONTEXTOS DE DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Coordenador (a): Fernanda Aguiar Pizeta (USP - RP)

Participantes: Ana Karina B. Martineli (FFCLRP-USP - Mestre em Ciências), Aline S. P. Sebastião (FFCLRP-USP - Mestre em Ciências), Marina Delduca Cilino (FFCLRP-USP - Mestranda), Ana Paula C. S. Rodrigues (FMRP-USP - Doutoranda)

Os recursos de socialização, avaliados por indicadores do comportamento pró-social, configuram-se em importante variável para compreensão do processo adaptativo de escolares. Nesse processo de desenvolvimento de potenciais habilidades sociais, os contextos escolar e familiar encontram-se entre os principais ambientes que favorecem as competências das crianças ou fatores de risco. Assim, os pesquisadores da presente sessão coordenada objetivam apresentar e discutir resultados de pesquisas com crianças, mães e professores, colocando em foco os possíveis avanços e novas contribuições relativas aos recursos de socialização de escolares. Os estudos pautaram-se em fontes de dados diversas, verificando associações entre o comportamento pró-social e condições clínicas crônicas diversas, bem como entre informantes diferentes, permitindo a identificação de variáveis relevantes para o desenvolvimento de habilidades sociais de escolares, incluindo aspectos das mães e do exercício da parentalidade, da organização familiar e das crianças (condições médicas, problemas de comportamento, desempenho cognitivo e desempenho acadêmico avaliado pelas professoras). A análise integrada entre os estudos evidencia que crianças expostas a condições clínicas e ambientais diferentes apresentam, de maneira geral, recursos pró-sociais adequados ao esperado para a idade, não havendo diferenças entre a avaliação de mães e professores quanto a tal recurso. Ao comparar indicadores do contexto familiar e escolar das crianças, identificou-se relações significativas entre comportamento pró-social e variáveis do ambiente familiar (na avaliação de mães) e ambiente escolar (na avaliação de professores), sugerindo a relevância de múltiplos informantes enquanto possibilidade de ampliação da compreensão do comportamento pró-social de escolares e do contexto desenvolvimental de crianças que convivem com a depressão. Destaca-se, ainda, que algumas condições das próprias crianças (mais problemas de comportamento e pior desempenho acadêmico) e de seus ambientes, como a depressão materna recorrente e de maior gravidade, podem favorecer menos recursos de socialização. No ambiente familiar, estilos parentais prioritariamente positivos, recursos desse ambiente e flexibilidade/reorganização das rotinas se

associaram a mais indicadores de comportamento pró-social, sendo fator de proteção e preditor de mais recursos de socialização. Associações entre menos indicadores de comportamento pró-social e mais eventos adversos e estressores cumulativos também foram observados, evidenciando sua influência negativa. Sugere-se a relevância de adequada e precoce identificação de condições clínicas da criança, da mãe e dos contextos escolar e familiar, de forma a promover ações de intervenção que possam ocorrer especialmente com as famílias que vivenciam adversidades concorrentes, contemplando múltiplos indicadores de competência social e favorecendo o processo desenvolvimental adaptativo quanto aos comportamentos pró-sociais das crianças.

Apresentação 1 | COMPORTAMENTO PRÓ-SOCIAL DE ESCOLARES QUE CONVIVEM COM VARIADAS CONDIÇÕES CRÔNICAS DE RISCO

Fernanda Aguiar Pizeta (USP - RP), Sonia Regina Loureiro (USP - RP), Sonia Regina Pasian (USP - RP)

O processo adaptativo de crianças em idade escolar pode sofrer a influência de diversas variáveis ambientais e biológicas, as quais podem favorecer o desenvolvimento infantil saudável ou se configurar como risco para desfechos desadaptativos. Neste contexto, este trabalho objetivou comparar indicadores de comportamento pró-social de crianças que convivem com diferentes condições clínicas, a saber obesidade, câncer e depressão materna recorrente moderada ou grave em relação a grupo não clínico, bem como identificar possíveis preditores de seu desenvolvimento, vinculados a variáveis sociodemográficas, problemas de comportamento e desempenho cognitivo. Trata-se de estudo com delineamento transversal, quantitativo, correlacional preditivo. Foram incluídos nesse estudo escolares, entre sete e 12 anos, de ambos os sexos, com as seguintes características: G1 - 30 crianças com obesidade (diagnóstico realizado por equipe médica, conforme critérios da Organização Mundial de Saúde); G2 – 30 crianças com câncer (sob cuidados médicos, em centro de referência na área há pelo menos um mês); G3 – 30 crianças que conviviam com a depressão materna recorrente (avaliada por instrumento diagnóstico); e G4 – 30 crianças não clínicas, sem problemas relativos às condições clínicas referidas. As mães responderam a um questionário sociodemográfico e ao Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ), a fim de avaliar indicadores relativos ao comportamento pró-social e a dificuldades comportamentais dos filhos. As crianças responderam ao Teste das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven. Todos os instrumentos foram aplicados, codificados e interpretados de acordo com suas recomendações técnicas. Procedeu-se às análises estatísticas de comparação entre os grupos (ANOVA e Qui-quadrado de Kruskal-Wallis) quanto a dados sócio demográficos, indicadores comportamentais e desempenho cognitivo das crianças, além da análise de predição para o total da amostra, adotando-se significância de 5%. Nas comparações entre os grupos, identificou-se que as crianças com câncer apresentaram mais idade e percentis menores no Raven em relação aos demais grupos, bem como maiores escores de comportamento pró-social, em comparação àquelas que conviviam com a depressão

materna. Não foram identificadas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos quanto ao escore global de problemas de comportamento. No total da amostra, identificou-se que maiores escores de problemas de comportamento foram preditores de menores escores de comportamento pró-social. Evidenciou-se, pois, que os escolares avaliados apresentaram recursos pró-sociais compatíveis com os esperados, sem distinção entre crianças dos grupos clínicos e grupo não clínico. Entre os grupos clínicos, as crianças em cuidados médicos para tratamento de câncer, apesar de menos recursos cognitivos, sinalizaram mais recursos referentes aos comportamentos pró-sociais em comparação ao grupo que convivia com a depressão materna recorrente, o que pode ser sugestivo do impacto da depressão para o desenvolvimento infantil. Pondera-se sobre o impacto de risco de problemas de comportamento para os recursos de comportamento pró-social, sugerindo a necessidade de sua adequada e precoce identificação, sobretudo em situações de condições clínicas, de modo a permitir intervenção profissional adequada às necessidades e que favoreçam o processo de adaptação de escolares que convivem com condições crônicas que se configuram como de risco cumulativo ao desenvolvimento.

Apresentação 2 | RECURSOS DE SOCIALIZAÇÃO DE ESCOLARES: AVALIAÇÕES DE MÃES E PROFESSORAS E CORRELAÇÕES COM VARIÁVEIS DO CONTEXTO DE DESENVOLVIMENTO

Ana Karina B. Martineli (USP - RP), Fernanda A. Pizeta (USP - RP), Sonia Regina Loureiro (USP - RP)

Os recursos de socialização dos escolares vêm sendo identificados como aspecto relevante para o processo de adaptação, enquanto potencial de habilidades sociais. Frente ao convívio com indicadores atuais de depressão materna, faz-se relevante identificar como diferentes informantes, mães e professoras avaliam os recursos de socialização das crianças em idade escolar. Objetivou-se comparar as avaliações de mães e professoras quanto ao comportamento pró-social de escolares, enquanto recursos de socialização, e identificar as possíveis correlações de tais indicadores com variáveis pessoais das crianças quanto a problemas de comportamento, além de variáveis do ambiente escolar e familiar das crianças que convivem coma depressão materna. Participaram desse estudo 85 mães com filhos em idade entre sete e 10 anos, distribuídas em dois grupos: G1 - 26 mães com indicadores atuais de depressão e G2 - 59 mães sem tais indicadores, bem como 16 professoras. As mães e professoras responderam ao Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ), as mães responderam ainda a um questionário sociodemográfico, à Escala de Eventos Adversos e à Escala de Adversidades Crônicas e as professoras realizaram uma avaliação geral sobre o desempenho escolar dos alunos, nas disciplinas português e matemática. Procedeu-se às análises estatísticas de comparação (teste de Kruskal Wallis) e correlação de Spearman ($p \leq 0,05$). Os dados evidenciaram não haver diferenças significativas quanto aos indicadores da escala pró-social do SDQ respondido por mães em comparação às professoras, para os grupos de mães com

e sem indicadores de depressão. Identificou-se correlações significativas entre maiores escores na escala pró-social do SDQ respondido pelas mães e ausência de recebimento de auxílio financeiro governamental (G1: rho = 0,436; G2: rho = 0,370) e relações com maiores escores de adversidades (G1: rho= 0,418; G2: rho = 0,321), sendo que para G1 escores maiores se relacionaram à ocupação materna remunerada (rho = 0.398) e, para G2, ao estado civil monoparental (rho = 0,274). Quanto às avaliações das professoras, identificou-se correlações e para os grupos com menos problemas de comportamento no SDQ (G1: rho = 0,729; G2: rho = 0,530), com melhor rendimento nas disciplinas de português (G1: rho = 0,480; G2: rho = 0,346) e de matemática (G1: rho = 0,553; G2: rho = 0,367), sendo que para G2 identificou-se ainda correlação com menores escores de adversidades crônicas (rho = 0,292). Destaca-se, assim, que apesar de não haver diferenças significativas entre avaliações de mães e professoras, os escores de comportamento pró-social se relacionaram a variáveis diversas do contexto sociodemogáfico. Dada a relevância para o desenvolvimento infantil dos contextos familiar e escolar, destaca-se a que a avaliação de múltiplos informantes pode ampliar a compreensão sobre os indicadores de comportamentos pró-sociais de escolares e suas associações com variáveis específicas como a ocupação materna para crianças que convivem com mães com indicadores atuais de depressão e da monoparentalidade, enquanto menor influência da ausência paterna no cotidiano da criança que não convivem com a mães com indicadores de depressão. Considera-se que reconhecer tais associações pode favorecer o planejamento de programas de treinamento de habilidades sociais.

Apresentação 3 | O IMPACTO DAS PRÁTICAS PARENTAIS PARA O COMPORTAMENTO PRÓ-SOCIAL DE ESCOLARES NA CONVIVÊNCIA COM A DEPRESSÃO MATERNA

Aline S. P. Sebastião (USP - RP), Thaysa B. F. Silva (USP - RP), Sonia Regina Loureiro (USP - RP), Fernanda Aguiar Pizeta (USP - RP)

Os estilos parentais, enquanto o conjunto de práticas parentais utilizadas pelos pais na interação com os filhos buscando a socialização e o controle de seu comportamento, configuram-se em variável relevante para os desfechos desenvolvimentais infantis. No cenário de convivência com a depressão materna, as práticas parentais ganham em importância, considerando o reconhecimento do impacto negativo do transtorno para o comportamento dos filhos em idade escolar, expresso pela presença de mais problemas e de menos recursos de socialização. Objetivou-se verificar o impacto das práticas parentais para o comportamento pró-social de escolares que convivem com a depressão materna. Adotou-se um delineamento transversal, correlacional preditivo. Participaram do estudo 124 mães e seus filhos biológicos, de ambos os sexos, com idade de 8 a 11 anos. As mães responderam a um questionário sociodemográfico, ao questionário PHQ-9 para avaliação dos indicadores de depressão, à Entrevista Clínica Estruturada para o DSM-

IV para confirmação de diagnóstica, ao Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ) sobre o comportamento das crianças e ao Inventário de Estilos Parentais (IEP) sobre as práticas parentais. As crianças responderam ao Teste das Matrizes Progressivas Coloridas de RAVEN – Escala Especial, de modo a excluir crianças com deficiência intelectual. Procedeu-se às análises estatísticas de correlação de Spearman e de predição pela análise de regressão linear, adotando-se o nível de significância de 5%. As variáveis utilizadas para as análises referem-se a dados sociodemográficos, à escala de comportamento pró-social do SDQ e Índice de Estilos Parentais (iep), caracterizado pela diferença entre os escores totais de estilos parentais positivos e negativos. Os dados evidenciaram correlação positiva e moderada (rho = 0,302, $p < 0,001$) entre escores de comportamento pró-social e escores positivos de estilos parentais, a qual também se relacionou de maneira fraca com a depressão materna (rho = 0,191, p = 0,033). Na análise de predição, observou-se que, independente da depressão materna, o Índice de Estilos Parentais foi preditor de escores maiores de comportamento pró-social, característico de recursos de socialização dos escolares. Tais dados sugerem que para a predição de comportamentos pró-sociais de escolares a depressão materna deixa de ter importância, sendo fator de proteção a presença de mais práticas positivas, em comparação às negativas. Dada a relevância da socialização para as crianças em idade escolar, destaca-se a importância de programas que visem o desenvolvimento de suas competências sociais, de modo a favorecer ações que potencializem as práticas parentais positivas e/ou minimizem práticas negativas, especialmente, no contexto de convivência com a depressão materna, de forma a promover o processo de socialização das crianças.

Apresentação 4 | PADRÕES ORGANIZACIONAIS FAMILIARES E O COMPORTAMENTO PRÓ-SOCIAL DE CRIANÇAS QUE CONVIVEM COM A DEPRESSÃO MATERNA

Marina Delduca Cilino (USP - RP), Sonia Regina Loureiro (USP - RP)

A depressão materna afeta a organização familiar, enquanto normas internas e externas, que regulam o comportamento dos membros da família, sendo também reconhecida como uma condição de adversidade ao desenvolvimento infantil, com impacto para as habilidades sociais. Objetivou-se: a) comparar os indicadores de recursos pró-sociais apresentados por crianças, em idade escolar, que convivem com a depressão materna, em comparação com os de crianças que convivem com mães sem história psiquiátrica; e b) verificar as possíveis associações entre os indicadores de comportamento pró-social das crianças, a depressão materna, e os padrões de organização familiar. Adotou-se um delineamento transversal, correlacional, de comparação de grupos. A amostra incluiu 100 díades mães-crianças, distribuídas em dois grupos, a saber: G1 - 50 díades mães-crianças, cujas mulheres/mães apresentam história de depressão recorrente; e G2 - 50 díades mães-crianças, cujas

mulheres/mães não apresentam história de depressão ou de qualquer transtorno psiquiátrico. Foram incluídas mulheres na faixa etária entre 25 e 45 anos, e seus filhos biológicos, de ambos os sexos, com idade escolar (7 a 12 anos), com nível intelectual maior ou igual ao nível médio inferior. Procedeu-se à coleta de dados com mães e crianças, em sessões individuais, com a aplicação dos seguintes instrumentos: (a) Entrevista Clínica Estruturada para o DSM-IV; (b) PHQ-9; (c) teste das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven (d) Questionário Geral; (e) Questionário de Capacidades e Dificuldades; (f) Entrevista com Roteiro Semi-Estruturado para avaliação dos padrões organizacionais familiares. Os instrumentos foram codificados conforme as normas técnicas e as entrevistas foram transcritas e codificadas, de acordo com categorias pré-definidas. Foram realizadas comparações entre os grupos por meio de testes estatísticos e adotou-se o nível de significância de $p \leq 0,05$. Verificou-se que G1, em comparação ao G2, apresentou menos recursos pró-sociais (G1: =8,50; d.p.=1,61 e G2: =9,10; d.p.=4,97, p=0,053), com tendência a uma diferença significativa, e significativamente menos padrões de organização familiar positivos (G1: =17,98; d.p.=4,58 e G2: =24,60; d.p.=4,97 p=0,000). O comportamento pró-social apresentou correlações significativas, fraca e negativa com a depressão materna ($\rho = -0,203$), fraca e positiva com o Total de Padrões de Organização Familiar positivos ($\rho = 0,257$) e moderada e positiva com o padrão de Flexibilidade e Reorganização ($\rho = 0,280$). Constatou-se que as mães com depressão apresentaram mais indicadores de dificuldades quanto a se reorganizarem frente aos desafios, estabelecerem e manterem rotinas diárias, assim como de reagirem de forma flexível às demandas de organização familiar, o que se mostrou correlacionado a menos recursos pró-sociais das crianças. Tais dados podem nortear ações que visem à orientação familiar e a socialização das crianças, de modo a instrumentá-las com habilidades sociais favoráveis a adaptação social.

Apresentação 5 | COMPORTAMENTO PRÓ-SOCIAL E DEPRESSÃO MATERNA: CORRELAÇÕES COM CONDIÇÕES DE RISCO E DE PROTEÇÃO DO AMBIENTE FAMILIAR

Ana Paula Casagrande Silva Rodrigues (USP - RP), Sonia Regina Loureiro (USP – RP)

A exposição a risco cumulativo, geralmente presente nos contextos de convivência com a depressão materna, pode aumentar a chance de resultados negativos para as crianças, incluindo os déficits de comportamentos pró-sociais, característicos das habilidades sociais, sendo relevante à identificação de condições de proteção às crianças que se desenvolvem nesse contexto. Objetivou-se verificar as possíveis correlações entre o comportamento pró-social de escolares e as condições de risco – gravidade da depressão materna, eventos adversos, adversidades crônicas e estressores cumulativos, e com as possíveis condições de proteção, a saber: recursos

do ambiente familiar e parentalidade positiva. Avaliou-se 100 díades mães-crianças, sendo 50 díades, cujas mães apresentaram história de depressão recorrente; e 50 díades cujas mães não apresentaram história de depressão ou qualquer transtorno psiquiátrico. A identificação das mães participantes foi feita junto a serviços de saúde de Ribeirão Preto – SP, e as crianças, de ambos os sexos, com idade entre sete e 12 anos, foram identificadas por meio de suas mães. Procedeu-se à coleta de dados em situação individual face a face. As mães responderam aos seguintes instrumentos: (a) Entrevista Clínica Estruturada para o DSM-IV – sistematização diagnóstica; (b) Questionário Geral – aspectos sociodemográficos; (c) Questionário de Capacidades e Dificuldades – comportamento pró-social das crianças; (d) Escala e Eventos Adversos, (e) Escala de Adversidade Crônicas, (f) Inventário de Recursos do Ambiente Familiar; e (g) Entrevista com Roteiro Semiestruturado – avaliação dos estressores cumulativos e da parentalidade positiva. As crianças responderam ao teste das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven – critério de inclusão (nível intelectual maior ou igual ao médio inferior). Os dados foram tratados por procedimentos estatísticos, e adotou-se o nível de significância de $p \leq 0,05$. O comportamento pró-social apresentou correlações significativas e negativas com os eventos adversos ($r = 0,206$; $p \leq 0,05$) e os estressores cumulativos ($r = 0,213$; $p \leq 0,05$); e positiva com os recursos do ambiente familiar ($r = 0,340$; $p \leq 0,01$) e a parentalidade positiva ($r = 0,284$; $p \leq 0,01$). Não se observou correlação significativa entre comportamento pró-social e a gravidade da depressão das mães. A gravidade da depressão materna demonstrou correlação significativa e positiva com todas as condições de risco (eventos adversos – $r = 0,589$; $p \leq 0,01$, adversidades crônicas – $r = 0,396$; $p \leq 0,01$ e estressores cumulativos – $r = 0,601$; $p \leq 0,01$); e negativa, com as condições de proteção (recursos do ambiente familiar – $r = 0,230$; $p \leq 0,05$ e parentalidade positiva– $r = 0,566$; $p \leq 0,01$). Tais dados evidenciam que o comportamento pró-social dos escolares, enquanto recurso de habilidades sociais favoráveis ao desenvolvimento infantil, foi influenciado, negativamente, pelas adversidades, e positivamente, pelas condições de proteção do ambiente familiar, dentre essas a parentalidade positiva. Destaca-se a relevância de programas de intervenção voltados para as famílias, especialmente, para aquelas que convivem com adversidades reconhecidas, como a depressão.

SESSÃO DE VÍDEO

ANÁLISE DO FILME ZOOTOPIA – ESSA CIDADE É O BICHO: DA UTOPIA À COMPETÊNCIA SOCIAL NA INFÂNCIA

Talita Pereira Dias (Centro Universitário de Votuporanga, UNIFEV e PPGPsi/UFSCar)

A competência social é um conceito-chave no campo das Habilidades Sociais e constitui um constructo avaliativo de desempenho social, que é condicional ao atendimento de critérios instrumental e ético-moral. Enquanto a dimensão instrumental envolve o alcance de objetivos e a aprovação social, a dimensão ético-moral abrange a manutenção ou melhora da qualidade da relação, a reciprocidade positiva e equilíbrio de reforçadores, além do respeito e ampliação dos direitos humano. Nesse sentido, um programa de intervenção em habilidades sociais, não só busca promover habilidades sociais, mas a competência social desse sujeito buscando promover contingências de reforçamento em um nível filogenético e ontogenético, mas também em nível cultural. O conceito de competência social e seus efeitos sobre as relações interpessoais dos indivíduos e, de forma agregada, sobre o funcionamento da sociedade pode ser muito bem exemplificado ao se analisar o filme Zootopia – essa cidade é o bicho. No filme, a coelha Judy, personagem principal, decide sair da casa dos pais no interior para realizar o sonho de ser policial na grande metrópole. Nessa cidade, todas as espécies de animais, tanto predadores como presas, podem conviver de forma relativamente harmônica, de modo que o lema é cada um ser aquilo que quiser ser. Ao tentar realizar esse sonho Judy terá que lidar com uma série de demandas sociais que vão exigir o desempenho de um conjunto amplo de habilidades sociais, mas principalmente, aprimorar sua competência social. Embora as relações sociais dessa sociedade pareçam estar alicerçadas nos critérios de competência social, aos poucos vão sendo desvelados alguns acontecimentos que vão exigir uma análise mais aprofundada dos desempenhos das personagens, mostrando que o desempenho de habilidades sociais não garante um desempenho competente socialmente. A competência social vai além do que é aparentemente desejável numa sociedade, mas sim o que é culturalmente importante para a sobrevivência da cultura e bem estar de seus membros. Além da discussão e diferenciação dos conceitos de competência social e habilidades sociais, o filme apresente demandas sociais que vão requer a emissão de habilidades sociais de classes variadas tais como: empatia, assertividade, resolução de problemas; fazer amizade, entre outros. Nesse sentido, além de poder ser utilizado em função didática para tratar de conceitos do campo, a análise da história do filme pode ser adotada em sua função de intervenção, já que apresenta uma série de demandas sociais podem ser abordadas em programas de habilidades sociais com crianças. Espera-se assim, a partir da análise do filme Zootopia contribuir para uma discussão teórica e

conceitual, como também como um recurso para intervenções no campo das habilidades sociais.

WORKSHOP

W1 - COMUNICAÇÃO DE MÁS NOTÍCIAS: INTEGRANDO AS HABILIDADES SOCIAIS

Dagma V. M. Abramides (USP - Bauru), Mariani da C. R. do Prado (USP - Bauru)

As habilidades sociais constituem-se em classes de comportamentos que contribuem para a competência social, a qual está relacionada à preservação de um objetivo pessoal considerando a relação com o próximo. Desta forma, as habilidades sociais auxiliam na manutenção ou melhora da qualidade das relações interpessoais, no maior equilíbrio de ganhos e perdas entre os participantes da interação e no respeito e ampliação de direitos humanos básicos. Comportamentos habilidosos são classificados em diferentes categorias, tais como habilidades de relacionamento entre pares, habilidades de autocontrole e autorregulação, habilidades acadêmicas, habilidades assertivas, empatia, solução de problemas e expressão de sentimentos e enfrentamento. Especificamente, no contexto clínico, as evidencias mostram que a atitude e a capacidade de comunicação do profissional desempenham um papel fundamental e decisivo no modo como o cliente enfrentará seu problema. Entretanto, muitas vezes, esta relação limita-se à realização de procedimentos técnicos, podendo ocasionar um distanciamento da pessoa cuidada. Somado a isto, a comunicação de más notícias, prática muitas vezes inerente ao processo de cuidar, tem sido considerada pela literatura como umas das habilidades mais desafiadoras, sendo que a comunicação inadequada está associada a pior adesão ao tratamento por parte dos pacientes e a altos índices de burnout entre os profissionais que transmitem a má notícia. Pesquisas têm apontado que pacientes e familiares vem demonstrando insatisfação frente ao distanciamento dos profissionais ao fornecerem informações negativas. Neste sentido, as habilidades sociais buscam contribuir para que o profissional desenvolva, juntamente ao processo de cuidar, a capacidade de se relacionar empaticamente com o paciente. Além disso, o desenvolvimento de habilidades sociais, tais como a empatia e a comunicação assertiva, vem sendo colocado como um fator de proteção tanto para o cliente como para o profissional."O objetivo deste workshop é utilizar cenários clínicos para praticar a integração das habilidades sociais no contexto de trabalho de profissionais que trabalham no contexto clínico, especificamente no que se refere à comunicação de más notícias. A dinâmica do workshop engloba: (i) a exposição das etapas de um protocolo de comunicação de más notícias e sua relação com o repertório de habilidades sociais e a competência social do profissional; (ii) a discussão sobre os desafios de cada etapa tendo como base a vivência e experiência dos participantes e (iii) a elaboração de uma síntese do grupo, de forma sistemática e estruturada, sobre a gama de habilidades envolvidas no estabelecimento de uma relação satisfatória com o cliente. É esperado que ao final

da atividade, os participantes sejam capazes de implementar as recomendações para um protocolo que integre suas habilidades sociais no contexto clínico.

W2 - PROGRAMA DE PROMOÇÃO DAS HABILIDADES SOCIAIS JUNTO AOS ALUNOS SEM FALA ARTICULADA

Patricia Lorena Quiterio (UERJ)

A compreensão dos processos sociais e comunicativos dos alunos com deficiência, em especial daqueles sem fala articulada é fator essencial para sua inclusão escolar. Os objetivos deste workshop são: a) descrever o Programa de Promoção das Habilidades Sociais para Alunos Sem Fala Articulada (PPHS-ASFA) e; b) apresentar o manual de aplicação com os procedimentos, as atividades e os recursos de comunicação alternativa utilizados neste programa. O PPHS-ASFA tem a seguinte proposta: a) carga horária: 33h (trinta e três horas), sendo distribuídas em 22 (vinte e dois) encontros de 1h 30min (uma hora e trinta minutos) e, b) formato do curso: Teórico – exposição didática sobre cada subclasse de Habilidades Sociais. Prático – vivências, dinâmicas, atividades e tarefas de casa. O PPHS-ASFA foi baseado em técnicas cognitivas, comportamentais e vivências. As atividades foram planejadas, confeccionadas e desenvolvidas com recursos da Comunicação Alternativa. Estes recursos, sejam eles de alta ou baixa tecnologia, estão destinados a promover a chamada acessibilidade comunicativa. Primeiramente, foram analisados os dados da avaliação multimodal (entrevista com a professora, questionário com os responsáveis e Inventário de Habilidades Sociais para Pessoas Não Oralizadas – IHSPNO). Em seguida, elaborou-se o PPHS-ASFA em parceria com as graduandas de Pedagogia, por meio da metodologia colaborativa. Segue breve descrição dos temas dos encontros: 1º - Apresentação do Programa; 2º - Habilidades Básicas de Comunicação; 3º, 4º e 5º - HS: Autocontrole e Expressividade Emocional; 6º e 7º - HS: Civilidade; 8º e 9º - HS: Empatia; 10º - Encontro com os responsáveis; 11º, 12º e 13º - HS: Assertividade; 14º e 15º - HS: Fazer amizades; 16º, 17º e 18º - HS: Solução de Problemas Interpessoais; 19º - Encontro com os responsáveis; 20º - HS: Habilidades Sociais Acadêmicas; 21º - HS: Confraternização e, 22º - Avaliação Multimodal. Ao final de cada encontro, os dinamizadores orientam os familiares sobre a tarefa de casa: i) definição da subclasse de HS tema daquele encontro com exemplos referentes às habilidades envolvidas e, ii) registro de monitoramento diário do uso das Habilidades desenvolvidas naquele encontro. O desenvolvimento do PPHS-ASFA originou um manual de aplicação. Na primeira parte do manual é apresentada a fundamentação teórica sobre Habilidades Sociais (HS), Treinamento de Habilidades Sociais (THS), Habilidades Sociais e Educação Especial (EE), interação social de pessoas sem fala articulada e Comunicação Alternativa (CA) enquanto construtos conceituais e na segunda parte apresenta-se o planejamento de cada encontro, com a descrição dos objetivos principais, das estratégias vivenciais e dos recursos materiais utilizados para promover as Habilidades Sociais dos alunos com deficiência

sem fala articulada. Durante todo o programa, atenta-se para que seus efeitos sejam generalizados para interações com outros parceiros de comunicação e contextos. Pode-se afirmar que, mediante os resultados dos instrumentos de avaliação multimodal das HS, dos relatos dos familiares e das mudanças comportamentais dos alunos, houve ampliação na emissão de reações habilidosas, bem como das possibilidades de comunicação em diferentes espaços, como lanchonetes, condomínios, terapias... por meio do uso intencional dos recursos de Comunicação Alternativa possibilitando a interação humana.

W3 - PROMOVENDO HABILIDADES SOCIAIS DE COMUNICAÇÃO E ASSERTIVAS EM GESTORES

Denise Dascanio Natividae (UNIP - Bauru)

Com a mudança na economia e na estrutura organizacional a qualidade das relações interpessoais no trabalho tem ganhado destaque, imprimindo novas demandas referentes às formas de relacionamento interpessoal, especificamente no tocante as lideranças. As habilidades sociais de comunicação e assertivas são essenciais para a promoção de relações mais saudáveis, satisfatórias e produtivas no trabalho. Considerando a relevância de se investigar recursos do Treinamento em Habilidades Sociais (THS) que possam ser explorados abrangendo o contexto do trabalho, o objetivo para este workshop é ensinar aos participantes o conceito de habilidades sociais de comunicação e assertivas, bem como sua aplicação nas relações no trabalho de forma a maximizar ganhos na relação, contribuindo para que a empresa alcance seus objetivos estratégicos. Para isto, serão utilizados recursos como vídeos com situações descritivas, referente aos principais componentes que envolvem as habilidades de comunicação: iniciar, manter e encerrar comunicações; fazer e responder perguntas, gratificar, elogiar, e principalmente será focalizado o dar e pedir feedback; bem como as habilidades sociais assertivas. Propor-se-á, também, um role play com ensaio de uma situação estruturada na qual o participante treinará a habilidade ensinada. Quanto a habilidade de dar e pedir feedback será detalhado sobre suas principais características, quais sejam: descritivo ao invés de avaliativo; especifico e não geral; compatível com as necessidades do receptor e dirigido para comportamentos que o indivíduo possa modificar, oportuno, ou seja o mais próximo possível do comportamento observado e por último esclarecido, para assegurar uma comunicação precisa. A habilidade em prover feedback supõe ainda componentes funcionais e formais que caracterizam a competência nesta habilidade, tais como, ao fornecer o feedback deve-se falar diretamente à pessoa à qual se dá o feedback, chamando-a pelo nome, mantendo contato visual e usando tom de voz calmo, porém audível. Pretende-se, desta forma, abordar as principais características de uma comunicação eficaz para um gestor. Embora, as habilidades sociais de comunicação e assertivas sejam compreendidas e aceitas intelectualmente, os insucessos frequentes nas relações interpessoais têm indicado dificuldades em segui-las, sejam

no tocante a frequência ou a proficiência, principalmente devido à incapacidade de compreender as necessidades do outro, a falha em observar e descrever o comportamento. Uma das formas possíveis em superar as dificuldades nessas habilidades é o THS, em que classes de habilidades sociais são desenvolvidas e treinadas considerando o seu grau de complexidade, ou seja, parte das habilidades de processo, dentre elas, aquelas relacionadas à auto monitoria, por exemplo, para habilidades mais complexas, como a assertividade. Por fim, será aberto o debate final ampliando o foco das análises no sentido de identificar e sistematizar tendências e possíveis lacunas de pesquisa e prática que possibilitem a expansão do THS como referencial teórico e prático a ser aplicado no campo do trabalho. Dessa forma, promover o desenvolvimento de habilidades sociais de comunicação e assertivas relaciona-se a promoção de habilidades sociais básicas necessárias para as demandas inerentes a uma atuação profissional competente.

W4 - RESPONSIVIDADE ENTRE PARCEIROS ÍNTIMOS E HABILIDADES SOCIAIS PARA PROMOÇÃO DA QUALIDADE DAS RELAÇÕES DE NAMORO NA PERSPECTIVA DA TEORIA DO APEGO

Sheila Giardini Murta (UnB)

Estudos sobre a qualidade das relações de namoro fundamentados na teoria do apego, de Bowlby, podem contribuir para a compreensão do que protege as relações íntimas de se tornarem violentas. Há evidências de que o amor romântico na vida adulta pode ser compreendido como um processo de apego, que guarda relação com as primeiras experiências de apego na infância. Crianças cujos pais ofereceram cuidados responsivos às suas necessidades desenvolvem ao longo da vida modelos internos de trabalho que preveem uma visão positiva de si e de seus parceiros, facilitam a construção de relacionamentos de intimidade na vida adulta e aumentam a probabilidade de que estas sejam mais longevas, saudáveis e seguras. No sentido inverso, crianças cujos pais usaram práticas parentais rejeitadoras, inconsistentes, intrusivas ou abusivas desenvolvem modelos internos de trabalho caracterizados por desconfiança e insegurança no estabelecimento de vínculos amorosos e uma visão negativa de si mesmos como merecedores de amor. Esforços para prevenção da violência pelo parceiro íntimo e promoção da qualidade das relações de namoro, embasados na teoria do apego, visam ao fortalecimento da responsividade entre os parceiros, com o aumento das competências para perceber sinais de necessidade no outro e prover ajuda ao parceiro, bem como comunicação das próprias necessidade e busca de ajuda do parceiro. Isto supõe o desenvolvimento de um amplo repertório de habilidades sociais, tais como empatia, regulação de sentimentos negativos, expressão de sentimentos positivos e negativos, fazer e responder a perguntas, oferecer e receber ajuda, lidar com críticas, dar feedback, manifestar apreço e expressar gratidão. O reconhecimento e a prática destas habilidades podem aumentar a sensação de segurança na relação e reduzir a probabilidade de conflitos e

distanciamento emocional entre os parceiros. Este workshop almejará oferecer um espaço vivencial para localizar influências dos modelos parentais sobre o estilo pessoal de apego e as habilidades sociais em contextos relacionais de namoro manifestas no cotidiano e na resolução de conflitos. Exercícios de autoconhecimento e ensaio comportamental serão utilizados como disparadores das trocas entre os participantes. Para este último, serão selecionados episódios que evoquem a percepção de necessidades do outro e a oferta de ajuda, bem como episódios que evoquem a expressão das próprias necessidades e busca de ajuda. Tarefas de casa serão discutidas, conforme as necessidades dos participantes. Ao fim, serão discutidas possibilidades de transferência dos procedimentos usados para serviços profissionais com fins preventivos e psicoterapêuticos em saúde mental e cuidados técnicos e éticos envolvidos.